

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Antonio Augusto Braighi Andrade

**ANÁLISE DO DISCURSO MEDIATIVISTA:
uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**

Belo Horizonte

2016

Antonio Augusto Braighi Andrade

**ANÁLISE DO DISCURSO MEDIATIVISTA:
uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2016

B814a Braighi, Antonio Augusto.
Análise do discurso midiativista [manuscrito] : uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja / Antonio Augusto Braighi. – 2016.
655 f., enc. : il., fots., gráfs., color.

Orientador: Wander Emediato de Souza.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 639-654.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Linguística – Teses. 3. Discurso midiático – Teses. 4. Mídia digital – Teses. I. Emediato, Wander, 1964- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



FOLHA DE APROVAÇÃO

ANÁLISE DO DISCURSO MEDIATIVISTA: UMA ABORDAGEM ÀS TRANSMISSÕES SIMULTÂNEAS DO MÍDIA NINJA

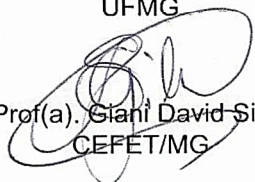
ANTÔNIO AUGUSTO BRAIGHI ANDRADE


Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.


Aprovada em 13 de setembro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

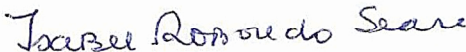

Prof(a). Wander Emediato de Souza - Orientador
UFMG


Prof(a). Gláucia Muniz Proença Lara
UFMG


Prof(a). Gláucia Muniz Proença Lara
UFMG


Prof(a). Gláucia Muniz Proença Lara
UFMG


Prof(a). Elton Antunes
UFMG


Prof(a). Isabel Roboredo Seara
UAB-PT

Belo Horizonte, 13 de setembro de 2016.

Inspirado e dedicado
Aos que sonham com a informação em acesso irrestrito, hoje
Aos que desejam que o conhecimento vingue, sempre
Aos que utopizam a imparcialidade, um dia
Aos que querem ver e ser vistos, agora
Aos que lutam, obrigado
Aos meus, é seu

AGRADECIMENTOS

Quem foi que disse? Alertaram-me, abriram-me os olhos, mostraram-me o caminho. Estiveram comigo, deram-me abrigo, em seus livros, em suas palavras. Abraços amigos que transformaram sonho em realidade e me fizeram chegar até aqui. Não sou, somos, graças ao sonho que vivemos juntos. Um dia eu disse que queria o que tenho agora, e eles/elas disseram: sim! Diversas pessoas e instituições foram importantes para que eu conseguisse não apenas concluir com êxito, mas atravessar com bonança essa importante etapa acadêmica e pessoal. Nesse sentido, registro aqui a minha eterna gratidão ao aporte que me deram:

- a) Regina Martins Ribeiro, minha esposa e companheira, eterna parceira, que soube compreender as ausências, que foi forte nas partidas e sempre trouxe um sorriso nas chegadas. Tudo é pouco para o que ela faz jus. Aos alentos, ao conforto, aos olhares e às mãos dadas, meu amor e reconhecimento.
- b) Minha família, formidável suporte, que entendeu as faltas e supriu as carências. Que sempre esteve atenta. Que não me deixou esmorecer. Que apoiou no que fora necessário. As palavras de estímulo, de uma claqué animada principalmente pela minha querida mãe, Deiana, minha tia Daisy e diversos outros tios e primos, além da minha segunda raiz, com Dona Graça, Sr. Joaquim, Rejane, Emerson, Cândido e demais Oliveiras, foi fundamental.
- c) As famílias acadêmicas:
 - Da Universidade Federal de Minas Gerais, mais especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, o meu muito obrigado pelo suporte e pela oferta de um espaço e condições únicas para o desenvolvimento desta pesquisa. Local em que encontrei no professor Wander Emediato mais do que um orientador, um grande mentor. Instituição na qual fiz amizades, inclusive com os docentes com quem estudei. Fica o registro do meu carinho e admiração pelas professoras Ida Lúcia Machado e Emília Mendes, pela instigação teórica e pelas conversas animadas.
 - Do UniBH, escola que me fez professor e me impulsionou a continuar na trilha da pesquisa; meu agradecimento a todo o corpo docente e administrativo do Centro Universitário, em especial às professoras Karla Delfim, Wilma Vilaça, Leila Said, Viviane Borges, Virgínia Palmerston, Ana Rosa Vidigal, a todo o time do

Educomuni – Grupo de Pesquisa em Educomunicação e do LEC – Laboratório de Eventos, especialmente aos amigos Thaís, Bruno e Poliana.

- Do CEFET-MG, instituição que me fez pesquisador, local em que realizei mestrado e para onde retornei para me tornar parte da equipe docente do Deltec. Agradeço especialmente à professora Giani David-Silva pelas orientações, pelo carinho e pelo estímulo acadêmico. Estendo esses cumprimentos às amigas Lílian Arão, Patrícia Tanuri, Alcione Gonçalves e Pollyanna Mattos Vecchio; sem essas pessoas não conseguiria realizar o projeto (e o sonho) do estágio sanduíche no exterior. Devo a elas não apenas isso. Registro ainda o meu apreço aos companheiros do Grupo de Estudos em Semiodiscursividades (Visée) e ao colega Cláudio Lessa pela atenção a esta pesquisa, e aos meus alunos pela compreensão e apoio (especialmente a Ana L. Albuquerque pela divulgação da defesa).
 - Da Universidade Aberta de Lisboa, Portugal, local em que desenvolvi muito do que é apresentado nas próximas páginas. Por lá, tive o acolhimento, a orientação e o carinho da minha supervisora de estágio, professora Isabel Roboredo Seara, a quem agradeço por tudo, esperando retribuir toda essa atenção quando das viagens dela ao Brasil. É verdadeiramente uma pessoa sensacional. A colega de orientação, Janayna Casotti, da UFES, foi uma grata e positiva surpresa em terras lusitanas. Agradeço a elas as conversas e o alento. Amizades que ficam!
 - Da EPAMIG, local em que conheci o amigo Mairon Mesquita, sem o qual eu efetivamente não conseguiria realizar sequer o mestrado, tampouco o doutorado. O impulso deste, que foi meu coordenador na referida empresa, somou-se ao apoio de valorosos estagiários entre 2012 e 2014, que também se tornaram grandes parceiros da vida: Daniela Medes, Amanda Oliveira, Laura Tupynambá, Jefferson Pimenta, Jennifer Zinatelli, Bárbara Mazzala, entre outros antes de tal período.
- d) O Mídia Ninja, que não apenas permitiu, mas incentivou a produção desta pesquisa. Agradeço especialmente aos midiativistas Gian Martins, Dênis Nacif, Fred Porto, Karinny Magalhães, Raíssa Galvão, Rafael Vilela, Clayton Nobre, Christian Braga, Pablo Capilé e ao colaborador Vidigal toda atenção, respeito, consideração e apoio.
- e) Os profissionais que compuseram a banca avaliadora deste estudo; certamente, com suas rigorosas e importantes observações, agregaram muito valor à pesquisa. Meu agradecimento aos professores Elton Antunes, Gláucia Muniz Proença – esses dois a quem intensifico minha saudação por terem participado da minha qualificação (etapa

fundamental para o desenvolvimento desta tese com mais direcionamento e segurança), Isabel Roboredo Seara e Giani David-Silva.

- f) O amigo André Luiz Silva, mestre em Estudos de Linguagens, catedrático em salvaguardar os colegas; preciso e minucioso revisor desta tese, empreendendo esforço em tempo recorde, sugerindo ainda importantes contribuições de conteúdo ao trabalho.
- g) A parceira de CAPTE, Letícia Santana, profissional das tecnologias da edição, o belo projeto da capa da tese e todo o dedicado apoio com a impressão, encadernação e outras demandas. Os colegas Rafael Angrisano e Patrícia Resende, mestres em Estudos de Linguagens, companheiros de discussões teóricas desde que o “devir fora transformado em destino” (2009), meu agradecimento pela revisão de conteúdo, dicas e sugestões a este estudo.
- h) A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que proporcionou recursos e condições que permitiram a realização do meu doutorado sanduíche em Portugal, prestando atendimento e esclarecimentos com agilidade e segurança.

Por fim e não menos importante, agradeço a Deus. Foi Ele quem colocou todas essas pessoas maravilhosas no meu caminho e é Quem vem articulando todo um enredo fantástico em minha vida. Até quando as situações pareciam mais adversas e sem solução, Ele me fez seguir com tranquilidade, firmeza e sabedoria. Graças a Ele! Certamente, Deus pôs outras tantas pessoas e histórias na minha trilha. Mesmo àqueles aqui não nominados, meu carinho e reconhecimento; meu eterno obrigado.

*Um dia me disseram
Que as nuvens não eram de algodão
Um dia me disseram
Que os ventos às vezes erram a direção
E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração*

*A vida imita o vídeo
Garotos inventam um novo inglês
Vivendo num país sedento
Um momento de embriaguez, nós*

*Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter*

(Humberto Gessinger)

RESUMO

Em 2011, surgia no Brasil uma das primeiras iniciativas cidadãs de registro *on-line* e em tempo real de protestos. Estava ali o embrião do que se tornaria uma das mais discutidas articulações midiativistas do país. Isso só aconteceria, efetivamente, dois anos depois, quando a nação teria de lidar com diversas manifestações, levando milhares de pessoas às ruas de cidades brasileiras, no que ficou conhecido como Jornadas de Junho de 2013. Os atos foram marcados pelo grito da crise de representatividade, política e midiática; assim, bandeiras parlamentares e logos de mídias corporativas eram pouco aceitos nas marchas. É nesse contexto que ganha representatividade o Mídia Ninja, coletivo de comunicação independente que registrava os protestos de perto, ao vivo, pela *Internet*, pautando, inclusive, os tradicionais veículos de comunicação. Em 2014, durante a Copa do Mundo de Futebol, mais uma vez os Ninjas estavam nas ruas – período que representa o recorte de exame desta pesquisa. Frente à emergência de tal fenômeno, o objetivo deste trabalho foi o de descrever e analisar as condições de produção do discurso do Mídia Ninja, buscando compreender o lugar que o coletivo ocupa no regime discursivo midiático que se tem na contemporaneidade. Importante registrar que se fala neste trabalho exclusivamente das transmissões simultâneas do Mídia Ninja, e não da série de outras investidas que ele gera. Para tanto, empreendeu-se, como intentos específicos, a circunscrição dos aspectos estruturais que compõem o dispositivo técnico de produção do veículo; a descrição e análise do dispositivo comunicacional e enunciativo regular do coletivo; e, por fim, o exame da dinâmica interacional do grupo midiativista com seus receptores/interlocutores na plataforma *Twitcasting*. Como mecanismo de apreciação crítica, procedeu-se à Análise do Discurso, mais especificamente ao campo da semiolinguística, buscando aportes que auxiliassem na constituição metodológica. O ferramental, que compreende uma estrutura triparte, avalia as dimensões técnicas, interacionais, contextuais, verbais-enuncivas-enunciativas, visuais, sonoras, da relação imagem-texto e dos efeitos. No entanto, assentou-se aqui também em uma fundamentação teórica que ajuda a refletir histórica e conceitualmente acerca das ocupações pela sociedade das redes e das ruas, bem como de que maneira a mídia e os mecanismos de mediação exercem papel fundamental nessa conjuntura. Após análises, tem-se como resultado uma decomposição detalhada do coletivo, que expõe as principais propriedades dele, e ajuda numa tomada de caracterização diferente daquela que é propagada no senso comum, a apresentar inclusive um conceito acerca do midiativismo de forma mais precisa. Acredita-se que as

considerações aqui alocadas não fecham o fenômeno que está se vivenciando, em curso pleno, sofrendo e imputando mutações nos campos midiático, da *web*, político, dos movimentos sociais, entre outras frentes. Todavia, deixam-se assertivas que de certo modo ajudam a compreender um pouco (ou uma parte) de nossa sociedade, seus interesses, seus medos, suas necessidades e desejos. Por fim, acredita-se que esta tese traz ainda uma contribuição para se pensar nos estudos linguísticos (e na Análise do Discurso) à luz de novas frentes midiáticas e de intervenção social, dado que sua aplicação ao cenário de exame aqui cultivado pareceu muito positivo.

Palavras-Chave: Mídia Ninja. Midiativismo. Análise do Discurso. Transmissão em tempo real.

ABSTRACT

In Brazil 2011, one of the first citizenship initiatives of online and real time protests registration appeared. This was the embryo which would become one of the most discussed media activism articulations in the country. This would effectively only happen two years later, when the nation had to deal with many manifestations, leading thousands of people to Brazilian cities streets, in a movement known as 2013 June Journeys. These acts were characterized by a crisis scream for representativeness, political and media; therefore, parliamentary flags and corporative media logos were not well accepted in the demonstrations. It is in this context that Media Ninja gets representativeness, an independent communication collective that closely registered the protests, live, via Internet, marking, inclusively, the traditional communication vehicles. In 2014, during the Soccer World Cup, once again the Ninjas were in the streets- period that represents the examined scenario of this research. Facing the emergence of such phenomena, the aim of this paper was to describe and analyze Media Ninja production conditions, trying to understand the place which the collective occupies in the media discursive regime that we have in the contemporaneity. It is important to register that this paper talks, exclusively, about the simultaneous transmissions of Media Ninja and not the series of other sallies that it generates. Therefore, as specific intents, we undertook the circumscription of structural aspects that constitute the technical device of the vehicle production; the description and analyses of the regular communicational and enunciative collective device; and at last, the examination of the interaction dynamic of the media activist group with their receptors/interlocutors on the Twitcasting platform. As a critical appreciation mechanism, we initiated the Discourse Analysis, more specifically towards the semiolinguistic field looking for contributions that helped in the methodological constitution. The tooling which consists of a three part structure, evaluates the technical, interactional, contextual, verbal-enuncive-enunciative, audiovisual, image-text, and effect dimensions. However, we also settled here in a theoretical ground that helps to reflect historically and conceptually about the occupation of networks and streets by the society, as well as how the media and the mediation mechanisms exert a fundamental role in this scenario. After analyses, the result is a detailed breakdown of the collective, which exposes its main properties and helps in a characterization taken different from that which is propaganda in the common sense, in also presenting a concept about the media activism in a more accurate way. It is believed that the considerations here set do not close the phenomena that is being lived, in full ongoing, suffering and attributing mutations in the web, political, social

movements of the media field, among other fronts. However, we leave some assertive that in a way, help to understand a little (or in part) about our society, its interests, its fears, its needs and desires. Finally, it is believed that this thesis also brings a contribution for one to think about in linguistic studies (and Discourse Analysis) in light of the new media and social intervention fronts, since their application to the examined scenario here cultivated seemed very positive.

Keywords: Media Ninja, Media activism, Discourse Analysis. Real time transmission.

RÉSUMÉ

En 2011, on voyait surgir au Brésil une des premières initiatives citoyennes d'enregistrement de protestations en ligne et en temps réel. Voilà l'embryon de ce qui deviendrait une des articulations médiactivistes les plus discutées dans le pays. Cela n'aurait lieu, effectivement, que deux ans après, quand la nation devrait faire face à diverses manifestations, en poussant des milliers de gens à descendre dans la rue dans quelques villes brésiliennes, ce qui a été connu comme les *Journées de Juin 2013*. Les actes ont été marqués par le cri de la crise de représentativité, politique et médiatique ; ainsi, les drapeaux parlementaires et les logos de médias corporatifs n'étaient pas bien reçus lors des marches. C'est dans ce contexte que gagne sa représentativité le *Mídia Ninja*, le collectif de communication indépendant qui enregistre les protestations de près, sur le vif, par Internet, en guidant aussi les traditionnels véhicules de communication. En 2014, durant la Coupe du Monde de Football, les *Ninjas* étaient, encore une fois, dans les rues – période que représente l'extrait analysé dans cette recherche. Vu l'urgence de tel phénomène, l'objectif de ce travail a été de décrire et d'analyser les conditions de production du discours du *Mídia Ninja*, en cherchant à comprendre la place qu'occupe le collectif dans le régime discursif médiatique présent dans la contemporanéité. Il est important d'enregistrer qu'on parle dans ce travail exclusivement des transmissions simultanées du *Mídia Ninja*, et non de la série d'autres actions qu'il engendre. Pour cela, on a entrepris, comme objectifs spécifiques, la circonscription des aspects structuraux qui composent le dispositif technique de production du véhicule ; la description et l'analyse du dispositif communicationnel et énonciatif régulier du collectif ; e, finalement, l'examen de la dynamique interactionnelle du groupe médiactiviste avec ses récepteurs/interlocuteurs sur la plate-forme *Twitcasting*. Comme mécanisme d'appréciation critique, on a procédé à l'Analyse du Discours, plus spécifiquement au domaine de la sémiolinguistique, en cherchant des apports qui contribuent à la constitution méthodologique. L'outillage, qui comprend une structure tripartie, évalue les dimensions techniques, interactionnelles, contextuelles, verbales-énoncives-énonciatives, visuelles, sonores, de la relation image-texte et des effets. Or, nous nous sommes basés aussi sur une fondation théorique qui aide à réfléchir de manière conceptuelle, et selon l'histoire, sur les occupations des réseaux et des rues par la société, ainsi que, de quelle façon les médias et les mécanismes de médiation exercent un rôle fondamental dans cette conjoncture. Après les analyses, on a comme résultat une décomposition détaillée du collectif, qui expose ses principales propriétés, et qui aide dans une prise de caractérisation différente de celle qui est propagée dans le sens commun, à

présenter aussi un concept au sujet du médiactivisme d'une façon plus précise. On croit que les considérations qu'on a citées ne ferment pas le phénomène qu'on est en train de vivre, en plein cours, en souffrant et en imputant des mutations dans les champs médiatique, du web, politique, des mouvements sociaux, parmi d'autres fronts. Toutefois, on laisse des assertives qui aident, d'une certaine manière, à comprendre un peu (ou une partie) de notre société, ses intérêts, ses craintes, ses besoins et ses désirs. Finalement, on croit que cette thèse apporte encore une contribution à la réflexion sur les études linguistiques (et sur l'Analyse du Discours) à la lumière de nouveaux fronts médiatiques et d'intervention sociale, vu que son application au scénario analysé s'est montrée très positive.

Mots-clés: *Mídia Ninja*. Médiactivisme. Analyse du Discours. Transmission en temps réel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carrinho equipado utilizado em intervenções do Mídia Ninja	117
Figura 2 – Os três lugares da máquina midiática	140
Figura 3 – Da Situação Potencialmente Comunicativa ao Contrato de Comunicação.....	144
Figura 4 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas.....	148
Figura 5 – Principais macrodispositivos aos quais o Mídia Ninja está vinculado	182
Figura 6 – Esquema comunicacional simples do Mídia Ninja em coberturas em tempo real.....	183
Figura 7 – Esquema de análise do Dispositivo Comunicacional e Enunciativo do Mídia Ninja.....	189
Figura 8 – Relação entre personagens no dispositivo comunicacional do Mídia Ninja.....	190
Figura 9 – Esquema inter-relacional de visadas comunicativas.....	192
Figura 10 – Esquema de análise da dimensão verbal-enunciativa-enunciativa	198
Figura 11 – Modo narrativo de organização do discurso	201
Figura 12 – Princípio de intencionalidade.....	202
Figura 13 – Dispositivo da encenação narrativa	203
Figura 14 – Esquema de análise da argumentação Ninja.....	206
Figura 15 – Esquema de angulação vertical de câmera.....	208
Figura 16 – Esquema de angulação horizontal de câmera	208
Figura 17 – Funções da imagem no midiativismo	210
Figura 18 – Esquema Imagem-Texto.....	213
Figura 19 – Karinny Magalhães, em primeiro plano.....	235
Figura 20 – Filipe Peçanha em transmissão pelo Mídia Ninja.....	235
Figura 21 – Celular sendo utilizado em cobertura Ninja (utilização do <i>Twitcasting</i>).....	236
Figura 22 – Galaxy Trend Lite® em um teste de transmissão	237
Figura 23 – <i>Print</i> de tela da transmissão em Belo Horizonte, no dia 12 de junho de 2014	253
Figura 24 – <i>Print</i> de tela da transmissão do Plantão 190 em Curitiba, no dia 30 de abril de 2015.....	253
Figura 25 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas.....	284
Figura 26 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas com o G7	307
Figura 27 – Representação do movimento das finalidades nas transmissões	343
Figura 28 – Representação gráfica do dispositivo contextual em Belo Horizonte, em 12 de junho ...	351
Figura 29 – Contratos encadeados	393
Figura 30 – Representação gráfica resumitiva da narrativa de F. Peçanha em 13 de julho de 2014...	437
Figura 31 – Esquema dos processos na narrativa de Filipe Peçanha	444
Figura 32 – Sequência narrativa da transmissão de 13 de Julho	451
Figura 33 – Representação gráfica resumitiva dos papéis actanciais da transmissão de F. Peçanha..	452
Figura 34 – Esquema narrativo da prisão dos ativistas em 12 de Julho	454
Figura 35 – Representação gráfica resumitiva dos papéis actanciais da transmissão de F. Peçanha..	459

Figura 36 – Esquema argumentativo de Filipe Peçanha em 13 de Julho	484
Figura 37 – Quadro composto	486
Figura 38 – Quadro composto	488
Figura 39 – Enquadramento	488
Figura 40 – Enquadramento	489
Figura 41 – Enquadramento	489
Figura 42 – Quadro composto – Enquadramentos	490
Figura 43 – Enquadramento	490
Figura 44 – Quadro composto – Enquadramentos	491
Figura 45 – Quadro Composto – Enquadramentos	491
Figura 46 – Quadro Composto – Enquadramentos	491
Figura 47 – Quadro composto – Enquadramentos	492
Figura 48 – Quadro composto – Enquadramentos	492
Figura 49 – Enquadramento	493
Figura 50 – Quadro composto – Enquadramentos	493
Figura 51 – Enquadramento	494
Figura 52 – Quadro composto – Enquadramentos	494
Figura 53 – Enquadramento	495
Figura 54 – Enquadramento	495
Figura 55 – Enquadramento	496
Figura 56 – Enquadramento	497
Figura 57 – Quadro composto – Entrevistas	497
Figura 58 – Quadro composto – Enquadramentos	498
Figura 59 – Quadro composto – Enquadramentos	498
Figura 60 – Enquadramento	499
Figura 61 – Plano de conjunto.....	499
Figura 62 – Quadro composto – plano geral	500
Figura 63 – Quadro composto – plano geral	500
Figura 64 – Dificuldade dos midiativistas em subir em patamar para fazer plano geral	501
Figura 65 – Vidigal mostra o <i>skate</i> em movimento	503
Figura 66 – Quadro composto – Sequência de imagens em panorâmica	504
Figura 67 – Quadro composto – <i>Tilt</i>	504
Figura 68 – Plano oblíquo	505
Figura 69 – Marcha dos movimentos pela reforma agrária e pela agricultura familiar em São Paulo	507
Figura 70 – Policial 1 iniciando revista.....	509
Figura 71 – Os dois policiais na abordagem a Filipe Peçanha	509
Figura 72 – Policial 2 em abordagem a Filipe Peçanha	510

Figura 73 – Policial 3 e midiativistas acompanham a abordagem	510
Figura 74 – Carregador de celular que estava na mochila de Filipe Peçanha	510
Figura 75 – Filipe Peçanha, sendo revistado pela primeira vez, observado pelo Policial 1	511
Figura 76 – Carioca sendo revistado	511
Figura 77 – Quadro composto – Reunião de policiais	512
Figura 78 – Filipe Peçanha evidencia rostos de policiais que supostamente estariam rindo	513
Figura 79 – Quadro composto – Revista de manifestante seguida de discussão com policial.....	513
Figura 80 – Policiais, com ironia, fazem sinal de positivo para Filipe Peçanha	513
Figura 81 – Major sendo questionado por Filipe Peçanha	514
Figura 82 – Manifestantes chegam à Praça da Liberdade	515
Figura 83 – Manifestantes correm após as primeiras bombas estourarem.....	516
Figura 84 – Ninja, tentando também se proteger, mostra a atuação de um manifestante	517
Figura 85 – Ninja conversa com transeunte, em movimento	518
Figura 86 – Enquadramento Ninja ao andar mais depressa	518
Figura 87 – Transeunte também é revistado em ação da PM.....	519
Figura 88 – Policial Militar que fez a primeira abordagem a Karinny.....	519
Figura 89 – Proximidade do policial militar que agrediu Karinny, mostrando arma em punho	520
Figura 90 – Quadro composto – Imagem de policial que ofendeu Karinny se afastando dela e militar feminina ao lado direito de Karinny, com cassetete em mãos	520
Figura 91 – Único <i>take</i> registrando a presença da Polícia Militar	521
Figura 92 – Segundo Karinny, um batalhão caminhava na rua em destaque na direção dela.....	522
Figura 93 – Segundo Karinny, um batalhão caminhava na rua em destaque na direção do grupo	522
Figura 94 – Diante de bombas de gás, manifestantes viram lixeiras e tentam montar barreiras.....	523
Figura 95 – Bandeirão sendo aberto na manifestação	524
Figura 96 – Pirulito da Praça Sete sendo ocupado por manifestantes.....	524
Figura 97 – Presença de entidades com bandeiras na manifestação	524
Figura 98 – Futebol na Praça Sete.....	524
Figura 99 – Participação popular na manifestação.....	525
Figura 100 – Cartazes na manifestação.....	525
Figura 101 – Cláudia Schulz.....	528
Figura 102 – Filipe Peçanha e professora dentro da viatura	528
Figura 103 – Alex Demian.....	529
Figura 104 – Quadro composto – Autorreferência de Vidigal.....	529
Figura 105 – Quadro composto – Espelhamento de transmissões	530
Figura 106 – Quadro Composto – Modo de entrevista de Filipe Peçanha em movimento	531
Figura 107 – Modo de entrevista de Filipe Peçanha parado	531
Figura 108 – Quadro composto – Enquadramentos	532

Figura 109 – Quadro composto – Policiais protegem restaurante McDonald’s e loja da Oi	532
Figura 110 – Briga na Câmara de Vereadores de São Paulo.....	533
Figura 111 – Integrantes de movimentos sociais de costas na Câmara dos Vereadores.....	534
Figura 112 – Exemplo de enquadramento tradicional no Mídia Ninja, com imagem “estourada”.....	535
Figura 113 – Adolescente é entrevistado, deitado, na ocupação do MTST	535
Figura 114 – Senhor começa a montar uma barraca com estrutura de bambu.....	535
Figura 115 – Plenário Ulysses Guimarães – Câmara dos Deputados – Congresso Nacional	536
Figura 116 – Quadro Composto – Deputados no Plenário Ulysses Guimarães	536
Figura 117 – Sinalizadores de fumaça colorida são lançados em direção aos manifestantes	537
Figura 118 – Mais uma bomba de gás é lançada para dispersar os manifestantes.....	537
Figura 119 – Quadro composto – Nova arma de dispersão utilizada pela polícia do Rio de Janeiro .	537
Figura 120 – Policial com arma letal no ato.....	538
Figura 121 – Jason O’Hara ferido sendo atendido.....	538
Figura 122 – Quadro composto – Filipe Peçanha discute com policiais e um deles tira uma algema	538
Figura 123 – Manifestantes em oração em frente à prefeitura de Belo Horizonte.....	539
Figura 124 – Manifestante grita palavras de ordem contra a Brigada Militar, acompanhado por cinco profissionais de mídia.	540
Figura 125 – Rapaz faz uma <i>selfie</i> em frente à marcha.....	540
Figura 126 – Pichação durante a manifestação	541
Figura 127 – Fogo nas catracas de papelão.....	541
Figura 128 – Terceiro manifestante sendo preso no dia 20/06/2014.....	542
Figura 129 – Suposta reunião entre polícias e advogados de Fábio Hideki, pouco antes de ser preso	542
Figura 130 – Quadro composto – Enquadramentos	561
Figura 131 – Quadro composto – Enquadramentos	561
Figura 132 – Problema de enquadramento nos discursos	562
Figura 133 – Quadro composto – Cartazes	564
Figura 134 – Ninja evidencia rosto de manifestante com ferimento.....	565
Figura 135 – Nuvem de palavras do fórum analisado.....	600
Figura 136 – Fragmento 1 de postagem do Mídia Ninja no <i>chat</i>	615
Figura 137 – Fragmento 2 de postagem do Mídia Ninja no <i>chat</i>	616
Figura 138 – Fragmento 3 de postagem do Mídia Ninja no <i>chat</i>	617
Figura 139 – Fragmento 4 de postagem do Mídia Ninja no <i>chat</i>	618
Figura 140 – Fragmento 5 de postagem do Mídia Ninja no <i>chat</i>	619

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comparativo de transmissões e vídeos por canal durante a Copa do Mundo	221
Gráfico 2 – Comparativo de extensão de transmissões por canal durante a Copa do Mundo	222
Gráfico 3 – Comparativo de transmissões e vídeos por cidade durante a Copa do Mundo	223
Gráfico 4 – Comparativo de extensão de transmissões por cidade durante a Copa do Mundo	223
Gráfico 5 – Variação de audiência do Mídia Ninja em 12 de junho	309
Gráfico 6 – Variação de audiência do Mídia Ninja em 13 de julho	310
Gráfico 7 – Variação de audiência por macrotemática	312
Gráfico 8 – Principais motes das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo	388
Gráfico 9 – Principais categorias das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo ..	389
Gráfico 10 – Mensagens de cada momento da transmissão do dia 12 de Junho	581
Gráfico 11 – Variação de internautas participantes e número de mensagens enviadas.	586
Gráfico 12 – Iniciativas x Reativas	587
Gráfico 13 – Informação x Solicitação.....	588
Gráfico 14 – Solicitação x Reativas	588

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo pelo <i>Twitcasting</i> ..	221
Tabela 2 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo por cidade	222
Tabela 3 – <i>Ranking</i> das transmissões em número de visualizações totais/audiência.....	224
Tabela 4 – <i>Ranking</i> das transmissões por duração.....	226
Tabela 5 – <i>Lives</i> realizadas no dia 12 de junho em Belo Horizonte.....	251
Tabela 6 – <i>Ranking</i> de transmissões pelas visualizações totais – Top 4.....	308
Tabela 7 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal RS	381
Tabela 8 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal RJ	382
Tabela 9 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal geral	383
Tabela 10 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal MG.....	386
Tabela 11 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal SP.....	386
Tabela 12 – Principais motes das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo	387
Tabela 13 – Principais categorias das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo .	388
Tabela 14 – Tempo de cada momento da transmissão do dia 12 de junho	581
Tabela 15 – Mensagens de cada momento da transmissão do dia 12 de Junho	581
Tabela 16 – Núcleo principal de participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho.....	582
Tabela 17 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 11° ao 25°	583
Tabela 18 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 26° ao 50°	583
Tabela 19 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 51° ao 104°	584
Tabela 20 – Número de internautas que enviaram até 6 mensagens.....	586
Tabela 21 – Iniciativas x Reativas.....	587
Tabela 22 – Informação x Solicitação.....	588
Tabela 23 – Solicitação x Reativas	588
Tabela 24 – Visadas dos <i>webespectadores</i>	590
Tabela 25 – Alvos de ofensa no fórum do Mídia Ninja	593
Tabela 26 – Direcionamentos de mensagens na dinâmica interacional	596
Tabela 27 – Visadas no direcionamento ao tu-participante na dinâmica interacional	597
Tabela 28 – Temas da dinâmica interacional	598
Tabela 29 – Iniciativas direcionadas aos Ninjas na dinâmica interacional	606
Tabela 30 – Mensagens frente às duas partes da transmissão de 13 de julho	613

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de descrição de aparelhos utilizados pelo Mídia Ninja nas coberturas.....	185
Quadro 2 – Modelo de descrição de frequências e planos utilizados pelos Ninjas.....	185
Quadro 3 – Lista de motes e assuntos correlacionados.....	194
Quadro 4 – Condições para emergência dos efeitos a serem analisadas.....	214
Quadro 5 – Interações possíveis durante as coberturas do Mídia Ninja.....	216
Quadro 6 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para as transmissões durante a Copa do Mundo .	230
Quadro 7 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para as transmissões durante a Copa do Mundo .	231
Quadro 8 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para as transmissões durante a Copa do Mundo .	232
Quadro 9 – Descrição dos emissores do Mídia Ninja.....	257
Quadro 10 – Entrevistados por Fred Porto no dia 12/06/2014.....	303
Quadro 11 – (Sub)Recorte de transmissões para análise de finalidades.....	317
Quadro 12 – (sub)Recorte de transmissões para análise dos Atos Locutivos.....	396

SUMÁRIO

1 ONDE TUDO COMEÇOU E.....	25
2 SOCIEDADE, REDES, RUAS E MÍDIAS	33
2.1. A sociedade em rede.....	34
2.2 A sociedade das redes às ruas.....	44
2.2.1. Ações no estrangeiro	45
2.2.2. O cenário brasileiro.....	60
2.2.2.1 As Jornadas de Junho de 2013.....	65
2.3 Nas ruas e nas redes ou, à rua na rede	72
2.3.1 Dos veículos alternativos e outras terminologias	79
2.3.1.1 Do conceito de midiativismo	97
2.3.2 O Mídia Ninja.....	111
3 TEXTO E DISCURSO MEDIATIVISTA.....	135
3.1 Do contrato comunicativo.....	137
3.1.1 Parênteses à maquinaria.....	139
3.1.2 Chegando a um acordo	143
3.1.3 Olhar para fora.....	147
3.1.3.1 Identidades	147
3.1.3.2 Finalidade	154
3.1.3.3 Dispositivo.....	155
3.1.3.4 Propósito	156
3.1.4 Olhar para dentro	157
3.1.4.1 Locução	158
3.1.4.2 Relação.....	160
3.1.4.3 Tematização	161
3.2. A informação como discurso e o desafio do midiativismo	163
4 METODOLOGIA DE ANÁLISE	178
4.1 Dispositivo técnico.....	182
4.2 Dispositivo comunicacional e enunciativo.....	186
4.2.1 Dimensão contextual.....	189
4.2.2 Dimensão verbal-enunciva-enunciativa	197
4.2.3 Dimensão visual	207
4.2.4 Dimensão sonora.....	211

4.2.5 <i>Dimensão imagem-texto</i>	212
4.2.6 <i>Dimensão dos efeitos</i>	213
4.3 Dinâmica interacional	215
4.4 <i>Leitura flâneur</i>	219
5 ANÁLISE DESCRITIVA	220
5.1. Transmissões simultâneas durante a Copa do Mundo	220
5.2 Dispositivo técnico	229
5.2.1 <i>Aparelhos</i>	229
5.2.2 <i>Twitcasting</i>	243
5.3 Dispositivo comunicacional e enunciativo	256
5.3.1 <i>Dimensão contextual</i>	256
5.3.1.1 <i>Identidades</i>	256
5.3.1.1.1 Como se apresentou o Mídia Ninja durante a Copa do Mundo?.....	281
5.3.1.1.2 Quem são os interlocutores nas cenas?.....	283
5.3.1.1.3 Exemplo de funcionamento da veiculação das identidades.....	301
5.3.1.1.4 Quem é o público do Mídia Ninja?.....	306
5.3.1.2 <i>Finalidades</i>	316
5.3.1.3 <i>Contexto – dispositivo</i>	344
5.3.1.4 <i>Propósito</i>	380
5.3.1.4.1 <i>Temas</i>	381
5.3.1.4.2 Como o contrato vai se conformando então?.....	391
5.3.2 <i>Dimensão verbal-enunciativa-enunciativa</i>	395
5.3.2.1 <i>Atos locutivos</i>	395
5.3.2.2 <i>Modos de Organização do Discurso (MODs)</i>	419
5.3.2.2.1 <i>Modo descritivo</i>	419
5.3.2.2.2 <i>Modo narrativo</i>	435
5.3.2.2.3 <i>Modo argumentativo</i>	463
5.3.3 <i>Dimensão visual</i>	485
5.3.3.1 <i>Um olhar mais focado em 12 de junho, com Fred e Karinny</i>	514
5.3.3.2 <i>Outras particularidades da lógica visual Ninja</i>	527
5.3.3.3 <i>Algumas considerações finais</i>	543
5.3.4 <i>Dimensão sonora</i>	544
5.3.5 <i>Dimensão imagem-texto</i>	555
5.3.6 <i>Dimensão dos efeitos</i>	566
5.4 Dinâmica interacional	579
5.4.1 <i>As trocas entre os internautas</i>	582

5.4.2	<i>As trocas entre o Ninja e os internautas (multimodalidade)</i>	605
5.4.2.1	<i>Avanço na multimodalidade e recortes de outras transmissões</i>	610
5.4.3	<i>Algumas considerações finais</i>	620
6	...E COMO NÃO VAI TERMINAR	626
	REFERÊNCIAS	639

1 ONDE TUDO COMEÇOU E...

*A Mídia Ninja foi impedida de filmar
de fazer foto
de transmitir ao vivo.
Esse é um exemplo claro
de ditadura velada no Brasil (aplausos)
Aqui dentro tem mais dez pessoas, entre elas Ninjas também
e eu acho que a gente só tem que sair daqui
quando todas elas saírem também.
(Filipe Peçanha).*

O (coletivo) Mídia Ninja (acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) não iniciou atividades em 2013, tampouco em 22 de julho daquele ano – dia em que o fragmento em epígrafe foi entoado por um de seus mais representativos integrantes. Aliás, contextualiza-se: tais palavras foram proferidas por Filipe Peçanha, o Carioca, sob os ombros de um ativista, utilizando-se de um megafone, trecho a trecho (como recortado, pelas linhas, na diagramação) repetido em jogral. Palavras de ordem amalgamadas em um discurso emocionado, de quem acabara de ser solto pela polícia – dado que havia sido preso, pouco antes, por “incitar a violência”. Liberdade demandada, do lado de fora da delegacia, por dezenas de manifestantes que, entre outras expressões, bradavam: “Libera Ninja! Libera Ninja!”.

Depois de uma verdadeira comoção na porta do 9º DP, ele sai, finalmente. O grito reverte-se em coro animado: “Olê, olê, olê: Ninja, Ninja!”. Olimpiano, sob espáduas ordinárias, celebridade instantânea e contemporânea – dada a quantidade de câmeras que o focalizavam, *flashes* e luzes, inicia sua homília. Não era ali um repórter. Era um Ninja; condição talvez, naquela situação especialmente, menos substantiva e intensamente adjetiva. Mas que qualificação era essa? Era menos um representante de mídia e muito mais um emissário do corpo manifestante, ativista, midiativista. O brado então seria por mais um dos que estavam em protesto, presos arbitrariamente e, ao mesmo tempo, por um sujeito que, por meio do exercício voluntário de um ofício, era eleito como bastião – no registro e na defesa e, talvez por essas duas frentes, o primeiro a ser atacado.

Os *media*, assim como eu, também tentavam entender de onde vinha tamanho arrebatamento, envolvimento, adesão – talvez menos ao coletivo e mais ao sujeito antes encarcerado (será?). A prisão ocorrera no curso de uma manifestação que se realizava próxima ao Palácio da Guanabara, na região de Laranjeiras, sede do governo do Rio de

Janeiro. Uma repórter, de veículo de comunicação de massa não identificado, ouve dos manifestantes¹ talvez o que poderia ser um forte indicador para as respostas que se buscavam:

- A questão é a seguinte: você vem com a câmera mostrando tudo muito bonitinho. Não! Mostra o lado feio da coisa. Esse é o lado feio da coisa (apontando para a polícia). Edição a gente está cansado! A Ninja foi presa, meu irmão. E a gente não tem nada mais...
- Se está mentindo não pode não. A gente está cansado de mentira! (*sic.*)²
- Mostra a realidade! Mostra o Choque tacando bomba na gente! Mostra a covardia do Choque! Mostra o Choque prendendo a Mídia Ninja! Mostra? O cara com o fuzil atirou na perna do moleque! Moleque tá no hospital agora. Isso é o que vocês não mostram! Vai tomar no cu, irmão!

Dias depois, os meios de comunicação de massa (especificamente o principal telejornal do país) dariam (direta ou indiretamente) ao Mídia Ninja ainda mais credibilidade (em verdade, um crédito que deveria ser compartilhado com um conjunto de midiativistas) quando vídeos relacionados à atuação de um jovem, Bruno Teles, na manifestação na noite de 22 de julho demonstravam não apenas a inocência dele, mas o envolvimento de policiais infiltrados no corpo manifestante – a, atarantem, lançar bombas contra a própria corporação. Evidenciava-se uma estratégia de criminalização dos movimentos sociais e apresentavam-se as táticas para cerceamento da informação.

Nascia nesse entre-dois, nos desdobramentos dos eventos daquela noite de segunda-feira, a certeza de que o coletivo seria um excelente objeto de estudo, posto, principalmente, que havia ausência de informações sobre aquele modelo de comunicação e de ação que emergia no domínio midiático brasileiro. Articular uma tese sobre o molde Ninja; intenção que vinha sendo gestada durante um mês.

Um passo atrás, então: era o vigésimo dia do mês de junho de 2013. Um *show* da seleção espanhola de futebol contra o time do Taiti era assistido por 71.806 pessoas no Maracanã – e por milhões de outras pela televisão. Literal e metaforicamente, os europeus deram de 10 a 0. Do lado de fora do estádio, um incontável número de manifestantes; fala-se em mais de um milhão de pessoas que tomavam as ruas não só do Rio de Janeiro, mas de boa parte do Brasil – acompanhadas por milhares de outras que assistiam aos protestos, em tempo real, pela *Internet*. Foram registradas 388 cidades com protestos, incluindo 22 capitais brasileiras naquele dia.

¹ Vídeo disponível em: <<http://goo.gl/dib8ak>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

² Evitaremos ao longo deste trabalho a utilização do advérbio latino *sic*. Registra-se ao leitor, então, que todos os fragmentos de fala que lançamos na tese serão *ipsis litteris*, buscando fidedignidade com as marcações verbais dos locutores.

Não era o começo, tampouco terminaria ali, o chamado “outono brasileiro” – que muitos comparavam (à possibilidade de se tornar) à Primavera Árabe. As Jornadas de Junho se estenderiam pelo mês de julho, incomodariam a visita do Papa, chegariam ao menos até setembro, num Dia da Independência diferente no país. Alcançar o significado dessas nomenclaturas era parte das atividades que incluíam ainda compreender o que eram PEC (e os respectivos números 33, 34, 37 até, um pouco depois, a 51), Cura Gay, MPL, Black Bloc, Ato Médico, *Occupy* e que diferença fazia, afinal, 20 centavos. Não esquecendo, é claro, o que significava e representava o tal Mídia Ninja e a Pós-TV.

Vá lá; ao menos pra mim e para um grupo de pessoas que se colocavam à margem das discussões políticas – não é vergonha nenhuma reconhecer isso. Lembro as palavras do sociólogo Louis Quéré (1995; 2005), muito caras para nós: é o advento evenemencial que faz os campos problemáticos virem à tona, que retira a poeira do que é encoberto pela ignorância, que gera interesse a partir da afetação. E o que foram os protestos de 2013 no Brasil? Acontecimento histórico e seiva imprevisita; ainda que posto à esteira de um conjunto de fissuras que vinham sendo implementadas mundo afora há muito tempo.

Voltando ao Mídia Ninja, sem saber muito sobre o coletivo que, pela alcunha, já demonstrava seu ativismo, me dividi naquela tarde de 20 de junho entre observar o toque de bola do time rubro pela TV Globo e as imagens dos protestos país-além pela *web*. Foi o meu primeiro contato, espontâneo, com a transmissão de um grupo que já era representativo para várias pessoas, ao menos desde 2011.

A partir do início daquele mês, porém, o coletivo passou a ganhar um sem-número de seguidores que, paulatinamente, acompanhava as transmissões pelas redes sociais *on-line*. De ativistas a internautas curiosos, cidadãos, enfim. De várias idades, sobretudo jovens. Pessoas que se demonstraram afeitas à mediação empreendida pelos Ninjas, em detrimento do trabalho da velha mídia – nas palavras de Venício Lima (2013).

Mas, por quê? De onde vinha e o que representava o apelo do Mídia Ninja? Quem consentiu ao grupo estabelecer tal vínculo? Como um veículo jovem, com uma nova proposta – diferente do jornalismo padrão (transmissão em tempo real, plano contínuo – sem cortes, com narração coloquial), e qualidade técnica muito inferior – poderia legitimar-se frente à tradição dos veículos de comunicação já estabelecidos?

Começava a se arranjar o nosso problema de pesquisa. Questões diversas que conformam uma ausência de informações sobre o que é o Mídia Ninja e como o modo de produção discursiva dele era capaz de edificar sentidos tão particulares e com tanto vigor de afetação junto ao público. É importante dizer, de saída, que sempre nos interessou mais a

produção audiovisual em tempo real. Isso porque o coletivo contempla uma série de iniciativas na *web*, entre elas uma *fanpage* no *Facebook*³, um perfil no *Twitter*, um *site*, além da presença em outras redes sociais *on-line* e a produção de documentários.

Todavia, percebe-se a utilização dessas ferramentas da grande rede pelo coletivo numa dinâmica muito parecida com o que já se tem visto por parte de grupos e pessoas distintas – além do fato de que analistas da comunicação e da linguística já estarem empreendendo exames dessas plataformas com propriedade há algum tempo. No entanto, ainda havia um vácuo acerca das transmissões simultâneas.

Compreender o tipo de efeitos que elas agenciam, como se estabelece a relação entre locutor e os seus interlocutores (e não falamos apenas da audiência mediada), as facilidades oportunizadas pelas novas tecnologias para *feedback* em tempo real, a função da imagem, o *real time*, entre muitos outros aspectos fomentam pesquisas que são tão novas no Brasil quanto o fenômeno que surge (e inéditas, dado que as características Ninjas, ainda que influenciadas por estratégias de outros países, são únicas).

Ainda assim, mesmo de onde falamos hoje, percebe-se uma ausência de trabalhos que tratem com profundidade sobre as transmissões simultâneas do Mídia Ninja. Numa rápida pesquisa⁴, tomando como referência a ferramenta Google Acadêmico, são encontrados 469 trabalhos que têm o termo Mídia Ninja em seu escopo, de diversas maneiras. Todavia, poucos deles⁵ se dedicam a uma leitura pormenorizada da produção em *real time* do coletivo e um número ínfimo é de pesquisadores da área dos Estudos Linguísticos⁶.

Assim, o presente estudo tem relevância para o desenvolvimento e reconhecimento de determinados aspectos das ciências da linguagem, assim como para aplicações práticas acerca de problemas da realidade social, cultural e política brasileira. De antemão, ratifica-se que este pretende ser um valioso registro a fim de representar uma análise significativa de um momento social e cultural importante do país.

³ Disponível em: <<http://www.facebook.com/midiaNINJA>>.

⁴ Pesquisa realizada em 05 de junho de 2016. Contribuímos com ao menos um trabalho neste rol; ver: Braighi (2015a).

⁵ Como exemplo, filtrados os retornos relevantes, os não repetidos, e os que têm o coletivo como objeto de análise ou o consideram como elemento complementar de exame, percebe-se que grande parte dos estudos tem se concentrado em discussões acerca do processo de convergência (RENÓ; DANCOSKY, 2013), da emergência e pujança das mídias digitais (MORALES et. al. 2013; BRASIL, 2013), das investidas midialivristas, dos novos desafios para o jornalismo contemporâneo – e os choques com a velha mídia (PAIVA, 2013; MUSSE et. al. 2013; ELMOR; ABDALLA, 2013; ROSAS, 2013), assim como para a compreensão do que foi e representou o acontecimento manifestações de junho de 2013 (BRITO; MACEDO, 2013).

⁶ O projeto é original e poderá representar uma contribuição importante na ampliação do horizonte de aplicação da área a partir do desenvolvimento das divisas do campo, e de um processo interdisciplinar com vertentes da comunicação (estudos midiáticos em geral) e sociologia.

Entender o fenômeno Mídia Ninja, sobretudo em sua frente de transmissão simultânea, é compreender não só um tanto do que representaram as Jornadas de Junho⁷, mas principalmente a extensão disso até à Copa do Mundo do ano seguinte. O “Não vai ter Copa”, que ecoava em alaridos nas ruas em 2013, prenunciava um posicionamento ativista no ano seguinte. A realização do torneio esportivo no Brasil era, para um amplo corpo manifestante, a representação do sucesso de um empreendimento comercial à custa da atenção governamental e em detrimento de importantes investimentos que o país demanda em áreas prioritárias, como saúde e educação. Todavia, o evento ocorreu e os problemas permanecem.

Nas ruas, em 2014, a resiliência de protesto, ainda que enfraquecida pela egressão de diversos manifestantes de outrora, ganhava repercussão no Mídia Ninja. O coletivo, pautando a “copa das ruas” – lembrando outras palavras de Filipe Peçanha –, continuava firme no desígnio de dar visibilidade às causas e voz a atores sociais afastados dos meios hegemônicos (das estruturas de poder, quaisquer que sejam), participando e fortalecendo, simultaneamente, ações diretas das mais distintas.

Nosso intento aqui, então, é observar a dinâmica Ninja ao longo da Copa do Mundo de 2014, ponderando criticamente sobre o *modus operandi* das coberturas em tempo real do coletivo. Para tanto, constituímos o objetivo geral deste trabalho em descrever e analisar as condições de produção do discurso do Mídia Ninja, buscando compreender o lugar que o coletivo ocupa no regime discursivo midiático que se tem na contemporaneidade. Como passos para alcançar tal perspectiva, tivemos três frentes específicas. A primeira foi a de descrever os aspectos estruturais que compõem o dispositivo técnico de produção do Mídia Ninja. Em outras palavras, decompomos todas as particularidades ligadas ao modo fabril e de emissão (e, de certo modo, até de recepção) do coletivo, no que se refere especificamente à análise do conjunto de aprestos, equipamentos e plataformas, envolvidos na confecção das coberturas simultâneas. Coube, então, avaliar quais são e como são utilizados pelos Ninjas: os *smartphones*, o sinal de transmissão, o *Twitcasting*, entre outros recursos. O segundo objetivo específico foi o de descrever e sopesar o dispositivo comunicacional e enunciativo regular do Mídia Ninja. Por último, buscamos, enfim, analisar a dinâmica interacional do coletivo com

⁷ Além do que foi ou será evidenciado a seguir, vale justificar um pouco mais de por que não analisar a cobertura do Mídia Ninja em 2013. Em primeiro lugar, observamos dezenas de trabalhos que se debruçaram sobre o que representaram as manifestações daquele ano e muitas abordagens ao coletivo também se valeram do midiativismo nas Jornadas de Junho – gostaríamos de trazer dados novos, a fim, inclusive, de contrastar com a realidade do ano anterior. Além disso, pouco das transmissões do primeiro período indicado estão disponíveis *on-line*. Ao contrário, no *Twitcasting*, muitas das *lives* de 2014 estão acessíveis, posto que as gravações são facilitadas por essa plataforma.

os receptores/interlocutores na plataforma *Twitcasting*, por meio do exame das trocas realizadas a partir dos *chats*.

Diante aos intentos, demandávamos uma articulação metodológica que permitisse alcançar tais fins. Tomando como base o arcabouço da semiolinguística e calcando-nos ainda em reflexões da comunicação e da sociologia, este estudo se preparou ao longo do primeiro semestre de 2014, arranjando o modelo metodológico de modo a guiar as vistas de forma crítica para o material que se constituiria no período da Copa do Mundo (que, como já anunciado, se constituiu como *corpus*).

Ao longo desse período, de uma forma quase automática, fomos levados a reflexões das mais distintas. A primeira delas fora a respeito do surgimento desse fenômeno. Aos poucos, percebemos que a temática ligada ao tipo de veículo que visávamos observar era mais antiga e, diante de um contexto (senso comum e até junto a acadêmicos) de indefinições sobre os fundamentos, entendemos que era necessário fazer um levantamento histórico e conceitual.

Carecia definição apropriada em razão de uma possível confusão entre termos aparentemente análogos, entre os quais estariam mídia alternativa, livre, ativista, radical, de guerrilha, entre outros. Esses conceitos deveriam ser averiguados a fundo num processo inicial da pesquisa, de modo a calçar o trabalho e compreender o real significado dessas novas mídias que reivindicam o qualificativo – bastante controverso – de “independentes”. Entretanto, como escolha problematizadora, optou-se desde o início por tratar aqui, de maneira crítica, o Mídia Ninja no interior do campo compreendido como Midiativista, entendendo que ele é, inclusive, de certo modo propulsionado pelas variantes listadas.

Tal perspectiva amparou a construção do capítulo 2 desta tese; nosso verdadeiro ponto de partida. Mas, afinal, de onde era importante começar? Como o leitor poderá perceber, optamos por sinalizar uma tessitura sob a qual o midiativismo Ninja surge. Inegavelmente a *Internet* conforma terreno particular na contemporaneidade, contribuindo efetivamente para as mobilizações sociais. Nesse sentido, articulamos uma seção que, como o nome anuncia, trata de sociedade, redes, ruas e mídias.

Nossa intenção foi a de discutir esses conceitos e demonstrar como eles se inter-relacionam, situando nossas abordagens, sobretudo, em autores como Castells (2006, 2012, 2013). Empreendemos uma marcha histórica, largando do advento da *Internet* e perpassando a sua importância em relação aos novos movimentos sociais ao menos desde 1994⁸ até chegar

⁸ Com a utilização da *web* pelo Exército de Libertação Nacional Mexicano.

em 2013, ano das Jornadas de Junho no Brasil. Em seguida, colocamos em xeque vários conceitos, conforme indicamos em parágrafo anterior.

Encerramos o capítulo traçando um histórico sobre o Mídia Ninja, dedicando pouco mais de 20 páginas para tanto. Valemo-nos de um levantamento bibliográfico (em que Lorenzotti (2014) foi fundamental), de pesquisas em *sites* e em produções midiativistas (e até nos *media*), além da realização de entrevistas e a visita em duas casas coletivas onde residem integrantes do coletivo (em Belo Horizonte e São Paulo).

No Capítulo 3, por sua vez, tivemos como intento procurar traduzir as perspectivas apresentadas na seção anterior com o campo da linguística, mais especificamente aquela que trata do texto e do discurso. Um autor nesse contexto nos é particularmente caro e aponta para o caminho teórico que seguiremos: Patrick Charaudeau. Nessa abordagem em especial, que guarda por vezes um tom ensaístico, dedicaremos especial atenção à noção de contrato de comunicação, entendendo que ele é fundamental como essência para a consecução do objetivo geral desta tese.

Sugerimos que o leitor veja essa parte da tese como uma passagem coesa (e quase serenada) para o capítulo 4, formando um só composto que arranja as perspectivas midiativistas com o campo da linguística. A metodologia, que vem a seguir, seria, enfim, o deságue da inter-relação que alvitramos fazer na discussão sobre o texto e o discurso de coletivos do porte do Mídia Ninja.

Para ficar mais claro, localizamo-nos metodologicamente numa discussão que, conforme se anunciou nos objetivos específicos, se divide⁹ em análise do dispositivo técnico; exame do dispositivo comunicacional e enunciativo; e apreciação da dinâmica interacional do Mídia Ninja. A segunda perna, a mais filiada às discussões da linguística, é decomposta ainda por uma articulação que engloba a dimensão contextual (dados externos do contrato comunicativo: identidades dos parceiros da troca comunicativa, além da finalidade, propósito e cenas enunciativas), a dimensão sonora, a dimensão visual, a dimensão verbal-enunciativa-enunciativa (com os atos locutivos e os modos de organização do discurso), dimensão imagem-texto e a dimensão dos efeitos. Nesse composto, a nossa principal referência são as obras de Patrick Charaudeau.

O capítulo 5, enfim, apresenta nossa análise. Procuramos, nessa seção, ser o mais minuciosos possível. Não sem motivos a seção, a maior deste trabalho, arranja pouco mais de

⁹ Colocamos como sugestão o empreendimento inicial de uma análise *flâneur*: um sobrevoou panorâmico pelas transmissões do Mídia Ninja de modo a construir um cabedal de informações crítica preliminares que auxiliem nas demais apreciações e interpretações metodológicas.

400 páginas. É fruto, bem verdade, de nossa escolha metodológica e, acima de tudo, da riqueza de nosso objeto de pesquisa e do *corpus*. Esperamos contar com a compreensão do leitor, e que a quantidade de laudas converta-se em qualidade de conteúdo.

O capítulo 6 encerra nossa discussão (ou não?). A tentativa de conclusão é composta, em verdade, de considerações sobre a nossa pesquisa que, apesar de assertivas, não fecham o fenômeno que estamos vivenciando, que está em curso, sofrendo e imputando mutações nos campos midiático, da *web*, político, dos novos movimentos sociais, entre outras frentes. Nesse sentido, falamos nessa seção derradeira não apenas do Mídia Ninja, mas nele como alegoria de algo maior; estendemos a discussão para as frentes midiativistas, para a função da *Internet* como ferramenta de mobilização e trabalho crítico, do posicionamento dos sujeitos, do regime midiático contemporâneo, e de como a sociedade em rede e nas ruas se ressignifica com fenômenos como o aqui analisado.

2 SOCIEDADE, REDES, RUAS E MÍDIAS

*Ponto de partida, da partida ao ponto
Aponto a saída, mas saio a que ponto?
Que a saída seja sempre uma chegada
E, ao chegar, que a partida seja
sempre lembrada.
(autor desconhecido).*

Definir um ponto de partida para uma discussão como a que aqui se pretende fazer é sempre matéria intrincada. A demarcação da situação de arrancada é abstrusa, dado que o que está em jogo não é propriamente o primeiro passo, mas a direção dele. Assim, a inferência que se faz nesse trabalho é a de que o coletivo que se apresenta como objeto/*corpus* deste estudo tenha emergido a partir de dois movimentos particulares e que serão, não só por isso, trabalhados de modo mais detalhado nas próximas páginas: o da sociedade em rede e o da sociedade nas ruas. Como pano de fundo e fator motivador de ofício está também a tomada de voz (ou oportunização de espaços para propagação dos brados) por atores sem tanto espaço nas esferas públicas.

O que por fim (ou tangencialmente) se coloca como mote é a nova conformação do regime midiático, sobretudo no Brasil, que se vê provocado por investidas que, inclusive, se pautam por discursos que questionam os contornos cristalizados da mediação, sobretudo daquela proporcionada por veículos corporativos. Não entraremos, contudo, na complexa seara da discussão sobre o que é (ou não) jornalismo. Contudo, é inevitável não abordar o modo de produção e emissão do Mídia Ninja, posto que a informação é capital primário neste.

Evitaremos alguns embarques históricos delongados, mas não perderemos de vista que muito do que é colocado como grande novidade em verdade é apenas uma nova roupagem. Procurar-se-á reconhecer o papel das novas tecnologias, mas haverá o cuidado para não cairmos nas disfunções do olhar dos totalmente integrados – para nos lembrar dos alertas de Umberto Eco.

Nesse sentido, procuraremos localizar-nos, sobretudo ao falar da sociedade nas ruas, dos levantes populares mais contemporâneos, sobretudo dos que marcaram efetivamente a tessitura social no Oriente Médio (com a chamada Primavera Árabe), as investidas ibéricas, norte-americanas e, evidentemente, brasileiras (a saber, as denominadas Jornadas de Junho de 2013). Serão evidentemente apontadas, então, as particularidades das novas tecnologias da informação e comunicação nesses contextos, entre outras nuances.

A proposta é a de uma inter-relação que permita enxergar as minudências nacionais e avaliá-las com mais atenção. A imersão teórica, afinal, pretende investigar os contornos sociais e da informação midiática que se dão por influência do (e a influenciar ciclicamente o) midiativismo, tomando o Mídia Ninja como símbolo, representante proeminente desse movimento, posto o seu inegável reconhecimento público.

2.1. A sociedade em rede

*Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut*

*De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão*

*Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze
Tem um videopôquer para se jogar.
(Gilberto Gil).*

Era final de 1996 quando Gilberto Gil, um dos mais proeminentes nomes da música (da cultura, em verdade, inclusive politicamente¹⁰) nacional, lançava a canção “Pela Internet”, nada contraditoriamente, utilizando-se desse mesmo meio. A *web* dava os seus primeiros passos firmes e se abria em acesso ao mundo. Começava a chegar aos brasileiros que queriam, tanto quanto Gil, entrar na rede. Observe-se que aí havia ainda a concepção do circuito, que não se perdeu, mas apontava tão-somente uma instância, um sistema.

Queria-se entrar “na” rede, mas se esquecia de que já se estava “em” rede. Rede, do latim *rete (retis)*, que significa o entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. As linhas somos nós e a textura é social, no entrelaçamento que forma a trama do dia a dia. Estamos, desde sempre, em relações.

Nesse sentido, parece errado dizer que passamos a ter acesso “à” rede a partir do advento das novas tecnologias, na medida em que esta é apenas “uma”, em fato reprodutora de trocas *off-line*. É bem verdade, porém, que a rede de computadores permitiu acessibilidade, diminuiu distâncias, estabeleceu novos cruzamentos dos fios, trazendo uma série de outras facilidades e um renque de complexidades simbólicas para a vida hodierna.

¹⁰ Dado o seu mandato como ministro de tal pasta, entre 2003 e 2008.

Do lugar em que falamos hoje, 2016, não é difícil ouvir na esquina que se acessa a rede social por um ou outro motivo. Mas é necessário acessar algo no qual já se está? Fala-se daquela *on-line*, atualmente conformada por uma série de instâncias aglutinadoras, que formam (não nos esqueçamos), cada uma a seu modo, formas de relacionamento, a citar, por exemplo, o *Facebook*, o *Qzone*, o *Whatsapp*, o *(Sina) Weibo*, o *Twitter* e até o *Orkut*. Espere; essa última já morreu! Então faleceu a rede social? Feneceram as relações? Expirou, em verdade, um tipo específico de teia que imputa(va) determinadas formas de troca.

Em todo caso, não se pode ser ingênuo a ponto de acreditar que as métricas midiáticas contemporâneas da *web* não influenciam no mundo *off-line*. Tampouco, a buscar o caminho do meio, nem tanto ao mar de integrados, nem tanto à terra firme dos apocalípticos (ou ao céu de regenerados), pode-se esquecer que, ainda hoje, a *Internet* e os dispositivos digitais sejam unanimidade e totalmente inclusivos. Dados diretos: 4,2 bilhões de pessoas no mundo, 60% de nossa população global, ainda não têm acesso à *Internet*. No Brasil, esse número é de 98 milhões. Que (ou qual) sociedade é esta que está em rede? (BANCO MUNDIAL, 2016).

Parte dela está *on-line*, mas, é bom que se frise, as abordagens que fazemos em diante não desprezam essa exclusão digital que marca de forma acentuada não só o Brasil, para o qual lançaremos um olhar mais atento, mas principalmente a orbe, a saber, os países da América Latina, Ásia e África. Para além disso, não nos esqueçamos da liberdade condicionada da *web*, dado que os sistemas de informação são complexamente controlados e que há uma perspectiva comercial envolvida em toda a dinâmica *on-line*.

Dito isso, é inegável a linha tênue que tem marcado o processo de afetação mútua dos dois espaços, conformando uma “virtualização” da vida social como a conhecíamos. “Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse”, já impetrava Pierre Lévy (2003, p. 23), entre tantos outros postulados dos quais nos fazemos valer nas observações que fazemos a seguir¹¹.

Nossas ações e comportamentos veem-se cada vez mais influenciados por planos de expectativas em relação às demandas de cada uma das canchas de representação de si e de reconstrução social do mundo. O mundo *on-line* parece, aliás, afetar até quem não está inserido nele, posto, entre outras perspectivas, que há um conjunto de decisões e movimentos que se dá no mundo digital e que afeta a vida na virtualidade real.

Afinal, estamos, todos nós, na tessitura, em contextura, enredados. Voltemos, então, à perspectiva das redes. É ela que nos interessa de forma mais direta. Aliás, mais

¹¹ Ainda que não recapitulando todas as particularidades presentes em sua extensa abordagem, compreendendo que muito de suas contribuições já são de amplo reconhecimento acadêmico.

especificamente, a de sociedade em rede. Parece, dentro das noções com as quais trabalhamos até agora, redundante, pleonástica, tal construção. Não sem motivos, para Elliot e Turner (2012), a concepção conceitual de sociedade tem se feito problemática, para diversos pesquisadores (e até mesmo no senso comum), na busca por uma clara definição, que preencha novas e complexas organizações contemporâneas.

O conceito de sociedade complexifica-se, entretanto, em função dos diversos pontos de vista sob os quais é cunhado, imputando inevitáveis choques balizados por escolas e ideologias distintas. Tomando, então, como referência uma abordagem antropológica, em sentido geral¹², poderíamos compreender a sociedade como uma condição universal da vida humana. Tal perspectiva, defendida com reservas por Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 182),

[...] admite uma interpretação biológica ou instintual, e outra simbólico-moral, ou institucional. Assim, a sociedade pode ser vista como um atributo básico, mas não exclusivo, da natureza humana: somos geneticamente predispostos à vida social; a ontogênese somática e comportamental dos humanos depende da interação com seus conspecíficos; a filogênese de nossa espécie é paralela ao desenvolvimento da linguagem e do trabalho (da técnica), capacidades sociais indispensáveis à satisfação das necessidades do organismo. Mas a sociedade também pode ser vista como dimensão constitutiva e exclusiva da natureza humana, definindo-se por seu caráter normativo.

Nesse contexto, estar em rede parece ser condição fundamental e natural para a sociedade. Da mesma forma, talvez seja interessante nos localizar de forma precisa acerca da tomada de conceito que temos, afinal, sobre a ideia desse entrelaçar de fios. Entre tantos caminhos possíveis, escolhemos aquele que, particularmente com poder de síntese e amplitude, se conserva em Martinho (2001):

Redes são estruturas plásticas, dinâmicas e indeterminadas, no sentido de que sua configuração é flexível e regida por mecanismos de auto-regulação, à maneira dos sistemas adaptativos. Redes não têm centro, isto é, qualquer ponto da rede é um centro em potencial. Redes são entidades fluidas, indefinidas (num sentido deleuziano do termo), isto é, não-delimitadas, não-circunscritas e não-descritas conforme as taxinomias existentes (nisso as redes são coetâneas da realidade virtual, da androginia, das chamadas culturas híbridas e de outros fenômenos sociais pós-modernos). Aqui, desponta uma espécie de paradoxo das redes: muitas vezes, mesmo não existindo, as redes existem apenas ao fazer-se a afirmação de sua existência. (p. 2).

¹² Não esquecendo que há também um sentido mais restritivo, particular, que, para as perspectivas da comunicação, não é tão direto (mas talvez até consequente), em que “[...] (uma) sociedade é uma designação aplicável a um grupo ou coletivo humano dotado de uma combinação mais ou menos densa de algumas das seguintes propriedades: territorialidade; recrutamento principalmente por reprodução sexual de seus membros; organização institucional relativamente auto-suficiente e capaz de persistir para além do período de vida de um indivíduo; distintividade cultural.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 183).

E o que se pode chamar, então, de sociedade em rede? Estamos abordando um conceito desfraldado pelo sociólogo espanhol Manuel Castells (2006). De forma direta e didática, o autor incita que o termo se refere a uma intrincada

[...] estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (p. 20).

Diante do exposto, “[...] as redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede.” (CASTELLS, 2006, p. 18). Em resumo, somos seres inclinados às relações, dado que precisamos da interação para o nosso próprio desenvolvimento. Colocamo-nos em linhas com iguais, estabelecendo laços a partir de uma série de intenções. Aos poucos, formamos um enredamento, e cada um de nós, ao fazê-lo, estrutura um tecido implexo; raiz que cresce horizontalmente, sem direções definidas, rizomática, atravessada. Utilizamo-nos de (e (re)articulamos processualmente as) estruturas de linguagem adequadas em cada estágio de transformação social, para fazer com que passe energia nesses fios; eles têm que funcionar, e não apenas existir. Comunicamo-nos. Formamos uma teia. Aos poucos ficamos limitados, fechados em nossas possibilidades de constituição de canais. Mas conseguimos chegar ao lugar em que, a partir de um suporte tecnológico, alcançamos formas de potencializar não apenas a capacidade de alargamento e multiplicação dos fios, mas a de estímulos a atravessar. Obtemos o fazer com que a rede ficasse ainda mais dúctil, com que os dutos se tornassem mais porosos, com que as entradas (e saídas) estivessem mais azeitadas. Esta é, contudo, uma base sobre a qual estamos a construir o porvir.

De acordo com Castells (2006), o fenômeno da sociedade em rede se esqueleta com um processo multidimensional de transformação estrutural, que vem desde a década de 1980, associado ao apogeu de um novo paradigma tecnológico que tem algumas características: a informação é matéria-prima, sobre a qual age a tecnologia; toda a dinâmica da vida (individual e coletiva) é diretamente conformada pelas nuances tecno-web-digitais – numa remissão¹³ à lógica da mediatização (BRAGA, 2006; FAUSTO NETO, 2008); a presença constante da lógica de redes; a flexibilidade dos procedimentos, que compreende a evolução não em uma linha reta ascendente, mas em complexos processos reversíveis e reconfiguráveis; e, a perspectiva integracionista, numa emergência convergencial constante.

¹³ Nossa interpretação.

Com isso, na *web* tem se conformado uma rede social que, para muitos apocalípticos, tende a destruir aquela estruturada fora do espaço *on-line*. A acusação é de um personalismo cada vez maior – dado o caráter solitário e individualista da produção (e não da emissão) –, de um egocentrismo balizado pelos mecanismos performáticos que a mídia de representação parece impor, entre outras denúncias, colocadas muitas vezes em tom de revelação por aqueles que parecem supor o fim dos tempos nas relações sociais.

Todavia, baseado nos estudos do sociólogo Barry Wellman¹⁴, Castells (2012) afirma que em verdade a dinâmica social já vem passando por um processo de enfraquecimento, senão quebra, dos laços entre os sujeitos. As relações se veem cada vez mais achatadas em função de uma série de fatores de organização das logísticas de vida. Nesse contexto, assevera que “[...] a internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica.” (p. 445).

Em trabalho seminal, na década de 1970, o sociológico americano Mark Granovetter (1973) já falava dos laços que unem os indivíduos. Há os fracos, estabelecidos entre desconhecidos, e os fortes, com graduações que vão em crescente, dos amigos aos familiares, por exemplo. Numa concepção de sociedade de integrantes individualistas, inseguros¹⁵ (e esse ponto é marcante, dado o estado de atenção e desconfiança com o qual andamos em geral nas grandes cidades), em disputas (pelos capitais), a *web* parece apresentar-se como solução para (re)conexões. Isto é, “[...] a internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido.” (CASTELLS, 2012, p. 445).

É claro que os aspectos de suspeitas e dúvidas (compostos pela falta de segurança), por exemplo, se estendem ao *on-line*. Mas tem-se a conformação de um espaço em que a mediação atua semelhante a um protetor, quer seja físico, quer seja da face (GOFFMAN, 1967; 1974). Tomando, então, certos cuidados, percebe-se o instalar dos sujeitos na grande rede, aleatoriamente, com pouco ou suficiente letramento, permitindo manobras, a partir da constituição de perfis, que falam pelo indivíduo, que os manipulam nas teias da *web*. Isto é, são (podem ser) vários perfis, faces, em cada um dos espaços aglutinadores das redes sociais *on-line*. É o João fotógrafo de *Instagram*, cientista político no *Facebook*, motivador nos

¹⁴ O professor Barry Wellman escreveu diversos livros e artigos sobre a lógica de redes. Infelizmente, muito pouco de sua produção foi traduzida ainda para o português. Destacam-se, entre outras, as obras *Networks in the global village* (1999), *Social structures: a network approach* (1988) e *Computer networks as social networks* (1996).

¹⁵ “[...] a confiança é o que aglutina a sociedade [...] sem confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência.” (CASTELLS, 2013, p. 7).

grupos do *Whatsapp*, tiete no *Twitter*, educador no *Youtube*. Usos (in)distintos que parecem centralizar-se na figura do eu, mas que não desprezam uma recepção que é, outrora, também (re)produtora, autora, numa coletividade de vozes que fala para esse conjunto, simultaneamente, nesses grupos de canais apresentados (entre outros); afinal, “[...] a sociedade em rede é uma sociedade de indivíduos em rede.” (CASTELLS, 2006, p. 23).

As perspectivas do mundo digital, na concepção de Castells (2012), passam a interferir fortemente nas relações que os indivíduos estabelecem entre si, dentro e fora da *Internet*, pois causam rearranjos culturais. “Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (p. 414).

O que a *web* parece imputar são as trocas. Não é apenas um estar junto, mas o se reconhecer a partir da expressão. Expressividade que se dá a partir de um conjunto enorme de possibilidades do audiovisual (ou de uma multimídia), da manipulação das mídias para manifestação de si, de vontades e desejos do indivíduo, da opinião dele, ancorados no seu intento de afetação ao outro – na medida em que, ainda que a mensagem na *Internet* possa ser lançada a arremesso, ela visa atingir. Para Castells (2012, p. 414), “[...] a integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação”.

Projétil informativo perdido que pode acertar e gerar reação imediata. *Feedback* que pode vir de um “muitos-um”, frente a um aparente inocente “um-todos” primeiro, lançado anteriormente. Espectador que tem ficado mais ativo. Não que antes não houvesse atenção, mas o hermetismo midiático não permitia retorno. A intenção era um controle de audiência, que hoje se vê tomado por uma dinâmica muito particular da *web*. “A capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea, não-organizada e diversificada em finalidade e adesão” (CASTELLS, 2012, p. 439).

Esse é um caráter da veia contracultural, marca da origem da rede mundial de computadores, que, mesmo com a adesão em massa, se mantém. A sua característica é autorreguladora, articulada numa dinâmica colaborativa e cooperativa, que se amalgama a partir de determinadas estruturas de suporte. Todavia, mesmo com essa possibilidade de transição, de estabelecimento de novas conexões alheias a justificativas e permissões, advêm, com a *Internet*, comunidades virtuais – que, “[...] segundo a argumentação de Rheingold, é

uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta.” (CASTELLS, 2012, p. 443).

Evidentemente, esses interesses podem ser os mais pueris, articulados em torno da manutenção de perspectivas da sociedade de consumo – o que, aliás, não é raro. Entretanto, a *Internet* acaba por oportunizar espaço e condições para o debate social, sem controles, sem afastamentos, sem verticalizações, que colocam sujeitos ordinários na condição de conferencistas, a emitir opiniões e críticas sobre a organização do sistema de relações nos quais estão inseridos.

Nesse contexto, é válido trazer à discussão nova inferência de Castells (2012, p. 445), para quem a comunicação mediada por computador tem condições de “[...] oferecer uma oportunidade de reversão dos jogos de poder tradicionais no processo de comunicação”, implantando novas balizas, nas quais a sociedade, organizada em torno da potência discursiva da *web*, se faria valer de uma capacidade de articulação para a produção de efetivas mudanças sociais.

Para Castells (2012), é por residir justamente nas principais características, “[...] sua diversificação, multimodalidade e versatilidade, que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais.” (p. 461).

O campo político (pensando de forma ampla, e não na redução partidário-administrativo-parlamentar) vê-se, então, na medida em que está inserido na concepção de cultura – como apresentada acima –, também em xeque, afetado, a ser reconstruído. A sociedade em rede passa a dar voz aos que antes eram reprimidos, a observar de forma mais atenta o que era escondido, a questionar o que antes foi silenciado. Mas, “[...] a questão-chave é como proceder para maximizar as hipóteses de cumprir os projectos individuais e colectivos expressos pelas necessidades sociais e pelos valores, em novas condições estruturais.” (CASTELLS, 2006, p. 26).

Na citação, Castells (2006) fala mais diretamente sobre a inclusão da sociedade na rede. Todavia, aponta uma demanda que é a dos usos, da articulação, das formas de mobilização em rede. É interessante observar nesse sentido que a mudança que se espera na rede (com a *Internet*, destinando a ela a condução de baluarte da transformação) só acontecerá, efetivamente, num investimento prévio de diversas forças que condicionem tal capacidade. Assim, ainda que haja um projeto global de integração, as perspectivas sociais

localizadas não devem ser desprezadas quando de uma análise segmentada de promoção de cada país nessa esfera digital.

Cardoso (2006), após análise em que destaca a dinâmica da sociedade informacional portuguesa, ajuda a asseverar o que se apresenta acima, ao concluir que

[...] cada realidade social é única e só uma análise mais aprofundada de cada nação nos pode dar a conhecer os sinais de evolução futura em cada uma das nossas sociedades: é esse o desafio para compreender as transições, em curso nas nossas sociedades, para a sociedade em rede (p. 59).

Entretanto, não se pode desprezar o capital de rearticulação social, a partir da Internet, por meio da organização da sociedade civil em torno de determinados projetos (que, outrora, deveriam ser capitaneados pelo governo e pelas instituições). Essa propulsão advém de um caráter de cultura participativa (JENKINS, 2009), que já existia no *off-line*, mas que encontra campo fértil na *web* para se fazer valer mediante intervenção nos meios (como produtor de conteúdo).

Sintomaticamente, as possibilidades de uso social (por assim dizer, para o bem comum, cidadão) já apareciam em 1984. Em um rápido movimento histórico,

antes dos grupos de discussão da Usenet e das recentes Bulletin Board System (BBSs), a Internet era um espaço de *scholars* e de nós pequenos sem nenhum atrativo. Era um lugar para transferir grandes quantias monetárias e dados, mas não havia nada para se fazer de muito interessante. Com a emergência do ciberespaço (ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões), a comunicação distribuída suporta uma série de ativismos que vai da distribuição de *hacks* à articulação de ações coletivas contra sistemas totalitários; de campanhas de adesão para determinadas causas sociais ao trabalho de debate intelectual através de um fluxo constante de *replies* ligados a uma discussão teórica. 1984 é o ano em que surge o ciberativismo como sinônimo de ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 19-20).

De lá pra cá, muita coisa mudou. O espraiamento da Internet parece submergir iniciativas cidadãs para a solidificação de um plano de manutenção das perspectivas individuais, ou aquelas balizadas pela sociedade de consumo. Parecem; contudo, há resistência. Acontecimentos de várias ordens têm feito das redes sociais *on-line* espaços de profícua discussão e mobilização política em torno de causas das mais diversas. É possível juntar o “grupo de tientes Connecticut”, tanto quanto foi condicionável alinhar uma série de sujeitos em torno dos protestos no Brasil em 2013. Isso porque, provavelmente, “[...] a internet de hoje se transmutou, sem dúvida. A atuação social, a mobilização e o engajamento

viraram um valor da rede, contrapondo aquele pensamento de felicidade eterna da *web* comercial, que contaminava a economia e a política.” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 152).

Para Maia (2008a), a *Internet* acende condições múltiplas de participação, dos mais distintos sujeitos (da sociedade em geral), em domínios variados, oportunizando voz, acesso, interação e provocação aos poderes, respondendo a ideia de que “[...] uma democracia robusta requer uma pluralidade de formas de participação política por parte dos cidadãos, de associações com diversos nichos de especialização e de formas distintas de articulação com os agentes do Estado.” (p. 126).

Sujeitos politizados, inseridos na *web* e manipulando suas interfaces, têm conseguido tanto colocar argumentos de modo pontual, quanto investir em uma verdadeira *netwar*, uma guerra memética, em que disputam com os meios massivos o poder sobre as narrativas. Comunidades virtuais têm sido criadas em torno de temáticas políticas. “Atores coletivos críticos da sociedade civil têm utilizado os recursos da rede para gerar conhecimento técnico-competente, memória ativa, recursos comunicativos, exigência de prestação de contas e solidariedade à distância.” (MAIA, 2008a, p. 126-127).

Movimentos sociais têm conseguido angariar adeptos às causas que defendem por meio do manejo estratégico das ferramentas digitais (NORRIS, 2002; CHADWICK, 2006). Ações isoladas, tais como campanhas encabeçadas por iniciativas cidadãs, crescem exponencialmente. São criados fóruns, *sites*, *blogs*, canais, grupos, instâncias em que demandas sociais comuns são discutidas. Investidas ciberativistas de toda ordem aparecem com criatividade, inventividade e inovação.

Talvez o grande peso (negativo) que o ciberativismo carregue no senso comum seja o da carga simbólica do nome de ditos inimigos de Estado, tal como Snowden e Assange (numa construção simbólica capitaneada pelos *media*), ou mesmo das ações de *hackers* na *Internet*. Entretanto, para Vegh (2003), existem três categorias de ciberativismo: grosso modo, o da utilização da *Internet* como meio de ação efetiva (casos como os citados), a utilização da *web* como plataforma de divulgação de ações *off-line* e o uso da rede para a propagação de informações, discursos, vozes e rostos que não seriam vistos com facilidade em veículos de comunicação de massa, sobretudo na TV.

Van Aelst e Walgrave (2002) afirmam que a seiva da dinâmica da *Internet*, com a composição das comunidades virtuais, está em propensão de influenciar mais e melhor os sujeitos (cidadãos) do que as instituições representacionais clássicas, como os sindicatos, partidos políticos, associações, grêmios, entre outras. Em certa medida, o fenômeno é

explicado pela quebra de hierarquia, com a possibilidade de diálogo horizontal com os sujeitos – ainda que estes tenham funções de representação nas supracitadas organizações.

Nesse contexto, para Pereira (2011, p. 16):

[...] a Internet é uma arma fundamental para atingir indivíduos que, a princípio sem vinculações políticas às instituições clássicas de organização da sociedade civil, estejam dispostos, desde que sejam “devidamente” convencidos, a participar de ações específicas de protesto, cibernéticas ou não, que tenham alguma identidade com seus interesses e percepções de mundo. Este engajamento possui uma característica fundamental que é a liberdade do militante “não formal” de se envolver quando quiser e onde quiser, sem os altos custos da participação “formal”.

A discussão até então não se conforma em relação aos usos *out-web*. O que queremos destacar são as possibilidades de adesão de cidadãos, quaisquer que sejam, a causas sociais às quais não estavam envolvidos, por vezes sequer conheciam a fundo, mas que se unem, endossam e auxiliam no engrossar representacional graças às possibilidades do mundo *on-line*. Todavia, essa relação pode sim se transformar em conversão física, na atuação *off-line*.

Para Sakamoto (2013), que empreendeu ensaio sobre a saída da sociedade em rede (social *on-line*, do *Facebook* e do *Twitter*) para as ruas de São Paulo em 2013,

[...] essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social. (SAKAMOTO, 2013, p. 95).

Participação que, de acordo com Ricci (2014), inflamou os avassaladores movimentos urbanos de 2013 no Brasil; profundamente marcados pela potência da *Internet*. De acordo com o autor, “[...] as redes não estiveram apenas no processo de convocação, mas no próprio conceito de organização e mobilização. Forjaram uma comunidade e, como toda comunidade, entrelaçada pela identidade e afeto.” (p. 21). Mas, afinal, como a sociedade saiu das redes (se saiu) e foi às ruas?

2.2 A sociedade das redes às ruas

[...] *a injustiça dói*
[mas] *nós somos madeira de lei*
que cupim não rói.
(Capiba).

O trabalho *on-line*, que influenciou fortemente as mobilizações no Brasil em 2013, formou uma influente “[...] cadeia de inter-relações múltiplas, difusas, horizontais, sem lideranças.” (RICCI, 2014, p. 22). Essa parece ser, aliás, uma das principais características manifestantes contemporâneas que, entretanto, só semelha repercutir a perspectiva de redes, conforme vimos na abordagem de Martinho (2001).

Para Castells (2013, p. 158), balizado por estudos de Neumann e outros (2007) acerca da teoria da inteligência afetiva em comunicação política,

[...] indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimulados por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação. A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado.

Observou-se uma espontaneidade na conformação dos movimentos no Brasil, que em verdade era outrora motivada por uma centelha de indignação que se fazia presente. A fagulha nacional adveio com os protestos em torno do preço das passagens de transportes públicos, mas se configurou com um amplo movimento heterogêneo, marcado por pautas diversas, que apresentava a insatisfação geral dos cidadãos (CASTELLS, 2013).

A redes *on-line* apresentaram-se, então, como importante mecanismo para aglutinação da indignação e, num passo seguinte, para a implementação de ações autônomas nas ruas. Originaram-se em brados solitários, mas viram o potencial de constituição efetivo na medida das crescentes investidas que se davam nas ruas. Articulavam-se grupos imediatos de métodos insurrectos, a emergir e, processualmente, a tomar corpo físico no espaço urbano (CASTELLS, 2013).

Essa fina relação não se dá sem motivos. De acordo com pesquisas do sociólogo francês Fabien Granjon (2001), há uma relação equilibrada entre a atuação política nas redes *on-line* e a ação nas ruas, presencial, militante, de modo mais ativo. É o que se têm visto nos últimos anos em ações diretas em várias partes do mundo. “Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a

partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais” (CASTELLS, 2013, p.7-8).

As pessoas foram (ou voltaram) para as ruas, mas não saíram das redes (incluindo a que fazemos referência – *on-line*). O que se viu em 2013, no Brasil e em outras partes do mundo, alinhou perspectivas *off-line* com e por aquelas do ciberespaço. Houve um contágio, por meio do ânimo *web*, que se alargou exponencialmente e de forma vigorosa, à medida que houve adesão contínua a ideias compartilhadas na grande rede (que se ancoravam nos acontecimentos que paulatinamente se davam fora dela).

As redes sociais *on-line* serviram para fomentar as ações diretas, para registrá-las, potencializá-las; num movimento cíclico, com o decorrer de atos e afetos, resultados foram sendo alcançados. A *Internet* não é antídoto, perimetra, mas enverniza a causa e estimula o combate à praga, a causa da dor. No ensejo, lembra-se que o que estava por trás dos movimentos no Brasil e em outras partes do mundo foi essencialmente, de acordo com Castells (2013, p. 8), “[...] a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor.”

Nesse contexto, Castells (2013, p. 161) lembra que “[...] os movimentos são simultaneamente locais e globais [...] pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências a se envolver em sua própria mobilização”. Nesse contexto, é interessante apresentar um panorama de ações diretas implementadas em outras partes do globo que, não sem motivos, pelas características de redes que nos cercam, afetaram também o cenário brasileiro.

2.2.1. Ações no estrangeiro

*Sinais de vida no país vizinho.
Eu já não ando mais sozinho.
Toca o telefone,
Chega um telegrama enfim.
Ouvimos qualquer coisa de Brasília.
Rumores falam em guerrilha.
Foto no jornal,
Cadeia nacional.
(Luiz Schiavon; Paulo Ricardo).*

Se a década de 1980 teria sido marcada por revoluções por minuto, o que se pode dizer dos anos 2000? Na virada do século, alvorada voraz; 1999 e a cidade de Seattle (Estados Unidos) formam o nosso marco espacial e temporal de largada. Teria lugar naquele município

da Costa Oeste estadunidense mais uma reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC). O que não se esperava era, contudo, milhares de pessoas nas ruas a protestar contra o referido encontro. As motivações pareciam ser distintas, mas tinham um ponto aglutinador, dada a articulação da Ação Global dos Povos (AGP): a crítica ao livre-comércio.

Segundo a ideia desse movimento, o livre-comércio traz mais prejuízos aos países menos desenvolvidos do que benefícios – aditamos que, se outrora houvesse, em verdade seriam acumulados por nações mais ricas. A postura, então, é de crítica ao paradigma capitalista e de fomento a iniciativas criativas e inovadoras para os povos, de modo a fortalecer as economias locais. Porém, posto que os impactos são, na concepção da AGP, de ordem não apenas econômica, mas, por conseguinte, sociais e ambientais, grupos de toda a ordem aderem ao brado, numa ação compartilhada contra a OMC e instituições financeiras.

Os (intensos) protestos em Seattle, em 1999, marcam, então, o início de um entusiasmo antiglobalização, que se constitui como

[...] um movimento social global que aglutina redes e movimentos sociais diversos (ambientalistas, feministas, sindicais, de defesa dos direitos humanos, entre outros) para além de suas diferenças, com uma perspectiva que une o local e o global, construindo identidades coletivas multirreferenciais que superam o Estado-nação e uma luta comum contra a globalização neoliberal, a quem responsabilizam as múltiplas problemáticas contra as que se mobilizam. (BRINGEL; MUÑOZ, 2010, p. 29).

As ações antiglobalização tiveram a AGP como carro-chefe das articulações elementares. Todavia, não se tratava de uma instituição ou organização, mas uma espécie de coletivo ativista, aliás, uma rede, que se balizava pelas práticas de comunicação que, de modo coordenado, investia em lutas ao redor do mundo, tendo, como já posto, o princípio de crítica ao capitalismo como norte. Já aí a AGP se utilizava da *Internet*. Começa-se, então, a observar o potencial da *web* para as cruzetas políticas.

A Ação Global dos Povos teve início efetivo um ano antes das atividades em Seattle, com a sua primeira reunião acontecendo paralela à Conferência Ministerial da OMC de Genebra, Suíça, em maio de 1998¹⁶. De lá em diante, várias intervenções, denominadas “Dias

¹⁶ Entretanto, teria sido motivada (inspirada e influenciada) dois anos antes pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Trata-se de uma frente de guerrilha armada que propõe um modelo socialista frente à estrutura capitalista. Com exceção do primeiro ponto, na medida em que defende ações diretas não violentas, a AGP se assemelha muito às propostas da EZLN. O uso da *Internet* como ferramenta de mobilização por parte dos mexicanos, por exemplo, chamou a atenção de diversos movimentos, que passaram a utilizar estratégias análogas na Ação Global dos Povos. Um primeiro encontro do EZLN, em 1996, teria lançado, segundo Löwy (2008), as bases do que seria o movimento antiglobalização/altermundialista, na “[...] busca de convergências na luta comum contra um adversário comum, o neoliberalismo, e o debate sobre as alternativas possíveis para a humanidade.” (p. 32).

de Ação Global”, ocorreram em todo o mundo. As mobilizações nos Estados Unidos tiveram preparação, antes então, no mesmo ano de 1999, na Alemanha, no ensejo do encontro do G7 na Alemanha, crescendo exponencialmente em protestos contra o FMI e o Banco Mundial, um ano depois, no que talvez tenha sido o maior dos investimentos manifestantes por parte da AGP, com ações simultâneas em mais de uma centena de cidades ao redor do mundo (CORREA, 2011).

De acordo com Correa (2011), a AGP realizou diversos encontros que visavam fomentar a troca de experiências e promover formas de comunicação entre grupos de todo o mundo. Nesse contexto, foi uma importante impulsionadora de outras lutas e ações ao redor do mundo. Todavia, aos poucos, o modelo começava a se enfraquecer. De acordo com Ortellado (2013)¹⁷, o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 é um marco na história de declínio da Ação Global.

Os Estados Unidos e outros países passaram a endurecer o tom contra as manifestações, como extensão de uma postura conservadora e defensiva. Ao mesmo passo, os americanos propunham o chamado combate ao terror e, de forma contrária, muitos movimentos que compunham a AGP começaram a expor as contradições dessa postura bélica, assumindo o comportamento antiguerra, em crítica constante. A Ação Global não se encerrara ali, mas começava a perder forças.

Mas outra particularidade marca 2001 como um ano importante no processo de fragmentação da AGP. Gênova, na Itália, assinalou talvez o mais triste episódio da história da Ação Global dos Povos. O grupo dos oito países mais ricos do mundo se reuniria na cidade. Movimentos antiglobalização, então, articularam ações de protesto alusivas ao encontro. Um jovem de 23 anos, ativista, foi assassinado pelos carabinieri italianos e outros tantos foram agredidos e presos em uma ação arbitrária e desproporcional da polícia. Agentes da esquadra invadiram um complexo escolar que servia de dormitório para os manifestantes.

Os acontecimentos de Gênova marcam um ponto importante na cartografia do movimento de movimentos, momento de cisão entre os adeptos das ações diretas violentas e não-violentas, chegando a um ponto irreconciliável, e, nesse momento, a diversidade de táticas, estratégias e posições políticas, reconhecidas como um de seus pontos fortes e inovadores, que marca sua diferenças dos demais movimentos políticos até então, sofre uma quebra. (ANDREOTTI, 2009, p. 10).

Em todo caso, a AGP deixou muitas experiências bem-sucedidas, entre as quais o modo *on-line* de se fazer mobilização. Para Pablo Ortellado (2013, n. p.), a articulação “[...]”

¹⁷ Em entrevista ao *site* do DAR. Disponível em: <<http://goo.gl/KXjsjx>>. Acesso em: 09 maio 2016.

era totalmente cultura de internet. Uma das coisas totalmente distintivas do movimento antiglobalização em relação a movimentos anteriores dos quais ele é filiado é que ele era totalmente organizado globalmente”.

Mas, para além das perspectivas comunicacionais, os movimentos (de frentes diversas) passavam a estar em rede e manipulavam as potencialidades da *web* de acordo com as demandas deles. Ortellado (2013) conjectura, assim, dado um movimento experimental da *Internet* que acontecia àquela época, que foram as ruas que conseguiram estruturar mecanismos de horizontalidade, democracia e participação linear nas redes – e não o contrário –, numa possível conformação dos movimentos a partir de uma lógica que supostamente já estava dada.

Na nossa concepção, um pouco mais relativizante, houve uma interferência mútua e cíclica, na medida em que os processos sociais se desenrolavam, sem nos esquecer do DNA contracultural que influenciou os processos de concepção da cibercultura. Todavia, Ortellado lembra que a *web* se abriu em razão da perspectiva comercial, pautada por grandes portais, como a AOL (American Online), repetindo a métrica dos *media* que já se consolidavam em outros suportes, como o rádio e a TV, e esse parecia ser o destino dela.

No entanto, da mesma forma que existiam investidas alternativas nesses espaços, passou também a se exercer na grande rede. O Independent Media Center (IMC)¹⁸, que ganhou notoriedade na cobertura dos acontecimentos alusivos à convenção da OMC, em 1999, foi a principal frente nesse sentido, implementando um modelo completamente novo ao que se conhecia à época (ANTOUN, 2001).

Segundo Ortellado (2013), o CMI, por apresentar um conceito de publicação aberta, lançaria as bases para a concepção dos *blogs*, influenciaria os criadores¹⁹ de redes sociais *on-line*, como o *Twitter* e o *Youtube*, e até entusiasmaria a inauguração de uma cultura de liberalidade dos direitos autorais; não sem motivos, apontávamos a relação cíclica entre os movimentos (numa dinâmica de passagem do social para o mercado muito comum nos Estados Unidos, segundo assevera o próprio Pablo Ortellado).

É nesse sentido que o autor indica que a *Internet* como a qualificamos hoje, participativa acima de tudo, se apropriou das investidas de protesto, entendendo, acima de tudo, que o modelo *Indymedia* nasce numa relação de simbiose com as ações do AGP em Seattle, em 1999. Não sem motivos, qualquer interessado podia publicar matérias e pontos de vista no site da iniciativa – principalmente ativistas. Tinha-se, assim, o advento da audiência

¹⁸ Na tradução literal: CMI – Centro de Mídia Independente, também conhecido mundialmente como *Indymedia*.

¹⁹ Alguns deles que inclusive chegaram a fazer parte do CMI.

como produtora de conteúdo, subvertendo a lógica de monopólio informativo e a ditadura sobre quem tinha o direito de informar.

Juntos, AGP e CMI completavam-se e autoconformavam-se. E, ainda que o primeiro tenha desaparecido e o segundo perdido um tanto da força dele, deixaram uma espécie de reminiscência. Correa (2011) fala, aliás, em uma “cultura da AGP”, balizada por doze pontos fundamentais. O autor lembra que as perspectivas da Ação Global dos Povos foi responsável pela emergência de novos arranjos autônomos à esquerda, a influenciar uma série de movimentos que ocorreram de forma subsequente. Incluía-se:

[...] valorização da cultura e da identidade coletiva; a ênfase na construção de novas relações e vínculos pessoais, a participação da juventude, a crítica ao autoritarismo da velha e clássica esquerda, a necessidade de novas formas de mobilização, a prática de luta concreta, a necessidade de democracia ampla nos processos de decisão, o abandono de posturas dogmáticas e sectárias, a integração e a internacionalização das lutas e a promoção de novas tecnologias e ferramentas de comunicação. (CORREA, 2011, n. p.).

Os movimentos que comungavam dos intentos dos Dias de Ação Global teriam influenciado o desenvolvimento do Fórum Social Mundial (FSM), que começara as suas atividades exatamente em 2001 (em Porto Alegre), ano que marca a derrocada da AGP. De acordo com a carta de princípios da iniciativa,

[...] o Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra. (FSM, 2001).

A investida, que é considerada ainda hoje como o lume do movimento de movimentos (ANDREOTTI, 2009; CEFAÏ, 2005; MASSIAH, 2011) – em substituição da aglutinação que a AGP implementava –, visa encontrar soluções para que as nações se pautem cada vez mais pelo senso de justiça e igualdade, com respeito aos direitos humanos, com oportunidade de acesso aos bens patrimoniais e culturais, com a defesa do meio ambiente, na busca de uma globalização solidária sob o lema “Um outro mundo é possível”. (FSM, 2001).

O FSM está a influenciar diretamente, desde o seu nascimento, numa relação cíclica e autoalimentativa, todo o movimento antiglobalização, que se perpetua em detrimento dessas instâncias de discussão e coesão. Aliás, a postura, comportamento ou atitude, também

começou a ficar conhecida como altermundialista, em detrimento de antiglobalização, ganhando projeção exatamente nas edições do Fórum.

O movimento altermundialista é o responsável por, de forma ampla, conglutinar os movimentos contemporâneos de várias ordens, mas principalmente os de luta social, defesa da soberania nacional e representação de minorias, ainda que muito heterogêneos, em torno de objetivos comuns. Assim, para Cefaï (2005, p. 132), diferente das perspectivas da AGP, “[...] a sua finalidade é talvez menos criar entraves ao bom funcionamento do capitalismo mundial”, o que não deixa de ser uma forte perspectiva,

[...] do que forjar, de acordo com as suas próprias palavras, ferramentas críticas da “hegemonia cultural” do “neoliberalismo”. Contra o “monopólio do pensamento único”, pretende reactivar um sentido dos possíveis, quebrar o consenso que os media impõem aos cidadãos e fazer ouvir vozes alternativas. (CEFAÏ, 2005, p. 132).

Cefaï (2005), ancorado em Wiewiorka (2003) e em Agrikoliansky, Fillieule e Mayer (2005), parece indicar, assim, que o movimento também conhecido como antimundialista iria mesmo sedimentar as bases para novas investidas em comunicação independente, livre e ativistas em um modelo contemporâneo, em que a *Internet* viria a ser utilizada como o principal meio de informação e gestão das atividades de questionamento político e social.

Mas as investidas em comunicação são apenas uma plataforma de extensão e difusão de intentos que são muito amplos, estruturados no bojo do que representa ser altermundialista. O sociólogo brasileiro, radicado na França, Michael Löwy, de forma sucinta, mas muito rica, resume o movimento dos movimentos em três frentes distintas e autoinfluentes. Para ele, a dinâmica é dividida em uma negatividade da resistência, na ausência de proposições concretas e uma utopia em um novo mundo possível (que marca, inclusive, o *slogan* do Fórum Social Mundial) (LÖWY, 2008).

A negatividade da resistência (ou negação frente a uma dada situação) se dá com a rejeição, o protesto, a resiliência ativista contra todos os desmandos e as consequências (sociais, culturais e econômicas) da globalização capitalista. É o comportamento indignado frente ao contexto em que se vive e onde iguais tentam sobreviver. É o sentimento radical de recusa que se põe frente não apenas às oligarquias financeiras mundiais, mas às implicações do controle do capital sobre os homens, acima das coisas que nos cercam, frente à natureza, ante ao mundo. (LÖWY, 2008).

As propostas alternativas, contudo, não são obrigação. A questão é o questionamento. E, mais do que isso, pretendem-se revoluções sem tomada de poder (HOLLOWAY, 2003).

Não está em jogo a resposta, mas sim a reivindicação que a precede. O que se pretende é expor o quadro problemático e, claro, resolvê-lo. Todavia, na ausência de respostas factíveis (e uníssonas), não se calar e aceitar, mas manter o brado até que a resolutiva apareça, mesmo porque é com a negatividade de resistência que parece se manter a busca pela solução. Nesse contexto, a procura é constante e cada vitória significa apenas uma etapa cumprida, em um projeto muito mais amplo e global em que todas as minorias se vejam equalizadas em um quadro de justiça social (LÖWY, 2008).

Aliás, essa parece já ser parte da utopia altermundialista. Quer-se uma nova civilização em que o liberalismo, a equidade e a fraternidade sejam comungados por todos. Para tanto, existem outros valores comuns que devem ser compartilhados: o ser humano (em sua inteireza de relações) em primeiro lugar, em detrimento das relações de capital (no sujeito e o mundo transformados em mercadoria); a democracia participativa; e a diversidade. “Esses valores não definem um paradigma de sociedade para o futuro. Eles fornecem as pistas, aberturas, janelas que se abrem para o possível. O caminho da utopia não está todo traçado; são os próprios caminhantes que o traçarão.” (LÖWY, 2008, p. 37).

As marcas do altermundialismo parecem assinalar uma espécie de *zeitgeist*. O espírito do tempo contemporâneo, que começou a se consolidar na década de 1990, a partir das bases lançadas pelos zapatistas, desenrola-se em um comportamento de negação, questionamento e de vislumbre com um porvir mais deleitoso do que a situação atual. Todavia, todos esses ventos direcionados podem ser considerados nada mais que heranças, transformadas e adaptadas, de lutas não muito distantes. O ideário socialista e uma longa tradição utópica parecem permanecer vivos. Todavia, a principal marca contemporânea parece ser a lógica das redes – e elas são determinantes para o tipo de movimento que se começa a ter no início dos anos 2000.

Tem-se, aos poucos, a ideia da (con)formação de uma solidariedade, segundo Michael Löwy (2008), não “por (ao)” algum povo/grupo, mas “entre” os movimentos, de modo que se fortaleçam mutuamente, a partir do estabelecimento de laços e de um atravessamento de pautas que estão ancoradas num desejo final comum.

Albor glutão do novo século, que se vê potencializado pelas redes sociais *on-line*, pelo advento de tecnologias que aos poucos se popularizaram, mas, acima de tudo, pela já mencionada lógica das redes. A revolta (indignação) encontra saída na medida em que as pessoas se veem como iguais em pleito quimérico comum, fortalecem-se, acalantam os seus medos na resistência. Assim, diversos reclames transformam-se em ações diretas, que aos poucos foram ocupando a agenda das cidades, marcando significativamente os anos 2000.

As investidas crescem paulatinamente e é no início dos idos de 2010 que movimentos de impacto chamam acintosamente a atenção da opinião pública em todo o mundo. Afinal, algumas perspectivas de contexto também são importantes. A crítica ao capital se intensifica nessa época, dada, exatamente, à crise do capital; problemas econômicos afetaram economias em todas as partes do globo (sobretudo em países ocidentais) em 2008, causando impactos efetivos nos anos seguintes. Paralelo a isso, no Oriente (Médio) – sobretudo no norte da África, o colapso era de ordem política (não que não fosse em outros lugares do mundo), mas gerou convulsões sociais ainda maiores, configurando-se, inclusive, na tomada/mudança de poder local.

Todavia, parecia haver (e ainda há em 2016, ainda que pouco ruidosa) indignação mútua com outros problemas sociais em todo o mundo. As revoltas, que se converteram em conflagrações, que começaram no mundo árabe (e lá uma das marcas foi exatamente a conexão em rede de aliados contra os regimes totalitários), davam-se com ações diretas (menos violentas e afora revolucionárias tal qual no Oriente) na Europa e nos Estados Unidos, a questionar governos e suas métricas econômicas.

O ano de 2011 talvez tenha sido o marco dessa comoção, que se transforma em convulsão mundial balizada por uma energia comum e um aporte altermundialista. Juntos, ainda que distantes, os manifestantes se sentiam empoderados. (CASTELLS, 2013).

Na primeira manifestação de massa realizada na praça Tahrir, no Cairo, em 25 de janeiro de 2011, milhares gritavam “A Tunísia é a solução!”, modificando o propósito do lema “O islã é a solução!” [...] Quando os indignados da Espanha começaram a acampar nas principais praças das cidades de todo o país, em maio de 2011, proclamaram que “A Islândia é a solução!”. E quando os nova-iorquinos ocuparam espaços públicos em torno de Wall Street, em 17 de setembro de 2011, chamaram seu primeiro acampamento de praça Tahrir, da mesma forma que os ocupantes da praça da Catalunya, em Barcelona. (CASTELLS, 2013, p. 23).

Aos poucos, ditaduras foram ruindo no topo da África: na Tunísia, talvez a iniciativa elementar, que fomentara tantos outros movimentos naquele continente; no Egito, com a Revolução de Lótus, que derrubou o presidente Hosni Mubarak, há 30 anos no poder; na Líbia, com protestos que se transformaram em uma guerra civil, levando à morte de Kadhafi, chefe de estado que comandava o país desde 1969²⁰; no Iêmen, com a derrubada do presidente Ali Abdullah Saleh, que comandava o país desde 1990²¹. Diversos outros países entraram em caos, dadas manifestações de toda ordem. Destacam-se ações maiores em nações como

²⁰ O líder árabe que mais tempo ficou no poder.

²¹ Mas comandou o Iêmen do Norte, antes da unificação, entre 1978 e 1990. Nesse sentido, ficou mais de 30 anos no poder na região.

Argélia, Jordânia, Omã, Israel e Sudão. Todo esse movimento ficou conhecido como Primavera Árabe.

No Ocidente, manifestações, ocupações públicas, greves e outras ações diretas se deram na Europa, principalmente na Espanha, Grécia, Portugal, Itália e Inglaterra, e chegaram às Américas, com eclosões latinas no Chile (tendo os estudantes à frente), e finalmente o *occupy* de *Wall Street* nos Estados Unidos – que conseguiu manter a perspectiva cíclica do movimento, de modo que centenas de cidades em todo o mundo levantaram a bandeira da mudança global baseada na justiça social e na democracia real (CARNEIRO, 2012; CASTELLS, 2013).

“Houve uma sincronia cosmopolita febril e viral de uma sequência de rebeliões quase espontâneas surgidas na margem sul do mediterrâneo e que logo se manifestaram” em todo o mundo (CARNEIRO, 2012, p. 8). É fruto de um esgotamento psicológico generalizado, de uma indignação que entorpece e inebria. Que leva um vendedor de frutas tunisiano, ao ser impedido de realizar o seu trabalho – o que gerava o sustento da família dele –, a colocar fogo no próprio corpo. Autoimolação que semelha o desespero, mas é protesto em certas culturas e, na de Mohamed Bouazizi, chegou ao ser vista como martírio, inspiração para as ações diretas.

Não sem motivos, Castells (2013) destaca os protestos na Tunísia como aqueles que talvez tenham sido os mais importantes, a gota d’água inspiradora. Entretanto, o autor soma os da Islândia a esse complexo fundante. Na República Tunisina, a Revolução do Jasmim não se contentou apenas com o desligamento de Ben Ali do poder (depois de 23 anos). Segundo Castells (2013), em verdade a fuga do presidente representou apenas uma motivação a mais para que o *degage*²² fosse de todos aqueles ligados ao partido que comandava a nação. Aliás, outros poderes constituídos, como a “polícia política” local, também foram destituídos por meio da força das ruas.

O suicídio (tentativa²³) de Mohamed Bouazizi na Tunísia, que inflamou as revoltas populares no país, fora divulgado por meio da *Internet*. Um vídeo mostrava a cena. Em pouco tempo, outros tantos começaram também a circular. A afetação parecia inevitável. Aos poucos, novas imagens mostravam outras formas de ação direta, com protestos no país. A veiculação na grande rede era acompanhada de convocações para adesão nas ruas. As alamedas das cidades do interior começaram a ser ocupadas e, não muito depois, as vias de Túnis, a capital, também o era. A simbiose entre redes e ruas era constante e se autoinfluenciavam em crescente (CASTELLS, 2013).

²² Palavra de ordem (que significa “Fora!”) gritada a plenos pulmões pelos manifestantes da Tunísia.

²³ Ele veio a morrer, em verdade, dias depois em um hospital.

A conexão entre comunicação livre pelo Facebook, YouTube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade que se tornou uma das principais características da rebelião tunisiana, prenunciando os movimentos que surgiriam em outros países. (CASTELLS, 2013, p. 25).

Na rede social de vídeos, o *Youtube*, foram veiculadas imagens dos protestos, destacando a violência da polícia, entre outros filmes de registro das manifestações, num tom quase motivacional, a evidenciar as vitórias e o estímulo no perseverar da luta. As produções serviram ainda para pautar a mídia internacional e simpatizantes da causa revolucionária de outros países. Os protestos se estenderam ao *Facebook*, em que comunidades virtuais, com integrantes de várias partes do globo – que alargavam a representatividade – articulavam detalhes acerca das ações diretas que seriam realizadas. O *Twitter*, por sua vez, dada a praticidade, serviu como ferramenta de promoção de informações em tempo real, no narrar dos fatos, com os poucos caracteres que lhes serviam (CASTELLS, 2013; BABO, 2013; VEIGA; GALLEGO, 2013).

Esse uso deu-se de forma espontânea e individual; isto é, cada sujeito envolvido no projeto revolucionário, dado o envolvimento desses em redes sociais *on-line* e o porte de determinados dispositivos técnicos, poderia contribuir para esse processo de registro midiático e promoção dos intentos de mudança social a partir de um fortalecimento proporcionado pela grande rede.

A pesquisadora portuguesa Isabel Babo (2013) registra que com as revoluções na Tunísia (e em seguida no Egito, que também foi marcada pelo uso das redes sociais *on-line*) surgira o termo “Revolução Facebook”. A expressão faz lembrar, no entanto, o uso de análoga fórmula, Revolução Tuitada (ou *Twitter Revolution*), cunhada frente aos protestos de 2009 na Moldávia e no Irã, quando a ferramenta foi utilizada para o registro das manifestações *pari passu* à realização delas, bem como teve forte valor integrador e motivacional para os jovens desses países e informacional para todo o mundo – ainda que críticas sejam feitas às estratégias de manipulação articuladas por alguns grupos nas redes sociais. (GLADWELL, 2010).

Tem-se o ratificar do valor das redes sociais *on-line*. Todavia, pesquisadores da área em geral são unânimes ao afirmar que o valor está nos usos e não nos dispositivos e ferramentas. Mais do que isso, alguns destacam o evidente e necessário engajamento com propósito, que faz com os recursos sejam tão-somente potencializadores de uma demanda e um ideário já existentes. Não se pode questionar que os usos do *Twitter*, do *Facebook*, do

Youtube e de tantos outros canais também não estejam a (não tenham potencial para) influenciar um processo de letramento ideológico, capacitação política, trabalho crítico e, inclusive, engajamento social, a partir dos vínculos que cria, das informações que acessa e do conhecimento que gera mediante a dinâmica complexa de uso e relações que estabelece na grande rede.

Redes sociais *on-line* (dispositivos técnicos) não fazem revolução, pessoas, em rede (em conexão, em parceria, em engajamento mútuo), sim. Redes de pessoas são facilitadas por redes sociais *on-line*. A revolução na Tunísia não foi do *Twitter*, ou de qualquer outra ferramenta, foi produzida por cidadãos, “[...] pela liberdade e pela dignidade.” (CASTELLS, 2013, p. 27).

O uso do *Twitter*, por exemplo, foi ferramenta auxiliar e fundamental na organização de protestos, para o estabelecimento de discussões diversas, para a promoção de informação local e global, para motivação e envolvimento, em diversos momentos da conspiração do espírito do tempo dos anos 2000; antes da Tunísia, ele teria tido lugar importante nos países e em protestos estudantis na Áustria (MAIREDER; SCHWARZENEGGER, 2012), nas batalhas da Faixa de Gaza (KWON et. al., 2012; ZEITZOFF, 2011), no encontro canadense do G20 (POELL, 2014) – tudo isso em 2009 –, em mobilizações digitais na Venezuela (MORALES et. al., 2012) e em manifestações ambientais em Stuttgart (JUNGHERR; JRGENS, 2013) em 2010 (BUETTNER; BUETTNER, 2016).

Mas a revolução que se fez na Tunísia, segundo Castells (2013), emergiu, entre outros motivos, em razão de um processo que já vinha (indiretamente) gestado uma década antes, com participação efetiva em discussões *web* sobre o regime de (in)gerência do país. Processo um tanto diferente ocorreu na Islândia. O pequeno e insular país europeu passou por diversas manifestações em 2009, fruto de uma situação econômica degradante naquela nação. O marco evenemencial não fora a autoimolação, mas uma intervenção artística de um cantor-ativista da terra do gelo defronte ao parlamento islandês. A semelhança: um vídeo da ação fora gravado e circulou na *Internet*, ganhando rápida e grande adesão popular. Seguiram-se chamadas nas redes sociais *on-line* para diversos protestos.

A velocidade e efetividade na grande rede talvez tenha se dado pela inclusão digital na Islândia; à época, 93% da população tinha acesso à *Internet*, fazendo do país o de maior percentual²⁴ de usuários por nação no mundo. Destes, 66% teriam contas no *Facebook*, espaço privilegiado para discussões e convocações para manifestações. (CASTELLS, 2013).

²⁴ O que não quer dizer, obviamente, o de maior número de usuários; ratifica-se, o maior percentual da população nacional *on-line* se comparado a outros países. No *ranking* dos cinco primeiros, apareciam (em 2009)

A força das ruas foi tamanha que conseguiu derrubar o governo. Fez-se a Revolução das Panelas, posto que muitos militantes foram às ruas com frigideiras, a serem utilizadas como sino, num estridente som que potencializava os brados. Mas não era só isso que se almejava, mas uma nova constituição, dado que, para os manifestantes, a corrupção já tinha tomado o sistema e exigia mudanças estruturais. Interessante observar que a consolidada democracia islandesa conseguiu implementar novo documento organizador político-social a partir dessa vontade que vinha do povo (CASTELLS, 2013).

Mas ainda mais significativa foi notar a participação popular na confecção da constituição. Um conselho, formado por cidadãos, procurou ouvir intensamente a população e se fez valer da *Internet* nesse processo.

O Facebook foi a plataforma básica do debate. O Twitter foi o canal utilizado para relatar o progresso do trabalho e dirimir dúvidas dos cidadãos. YouTube e Flickr foram usados para estabelecer uma comunicação direta entre cidadãos e membros do conselho, assim como para propiciar a participação nos debates que ocorriam por toda a Islândia. O CAC recebeu 167 mil sugestões on-line e off-line, assim como comentários debatidos nas redes sociais. Escreveu quinze diferente versões do texto para levar em conta os resultados dessa ampla deliberação. Assim, a lei constitucional enfim elaborada foi literalmente produzida por *crowdsourcing*. Alguns observadores rotularam-na de wikiconstituição. (CASTELLS, 2013, p. 39-40).

Para Castells (2013), ainda que em outros momentos pontuais dos anos 2000 a *Internet* tenha mostrado sua seiva, é na Islândia e na Tunísia que as potencialidades variadas da *web* se veem expressas para a sociedade – a demarcar, aliás, um intenso campo de possíveis de intervenção política e social, acessível e prático. A perspectiva de intensificação das redes já formadas, ou de articulação dos laços fracos, em torno de determinados objetivos, já era conhecida. Mas se avigora com a multiplicidade de canais e, acima de tudo, de atores envolvidos no processo de produção de conteúdo.

Em diante, a interseção entre redes e ruas manteve-se com afinco, na constituição de “espaços público híbridos” – como disse Castells (2013) – que geraram mobilizações, forneceram (contra)informação, ofertaram debates e potencializaram lutas em todo o mundo, de forma cíclica e inspiradora.

No Egito, a revolução que “destronou o último faraó” (CASTELLS, 2013, p. 46) começou com a circulação de vídeos que apresentavam autoimolações, análogas à que ocorrera como estopim na Tunísia, de egípcios em desconforto em relação aos rumos da

atrás da Islândia: Noruega (92,1% da população), Suécia (91%), Holanda (89,6%) e Luxemburgo (87,3%). Disponível no site do Banco Mundial: <<http://goo.gl/Gnr1Pm>>. Acesso em: 12 maio 2016.

nação. Seguiu com a articulação cooperativa de diversos grupos no *Facebook* que eram contra a violência policial no país. Saiu das redes e foi para as ruas, mantendo estreita relação entre os campos. Teve marco em 25 de janeiro de 2011 e durou mais de um ano. Nesse entre-dois, aparece um modelo de protesto: a ocupação da Praça Tahrir.

A dinâmica de resistência auto-organizada, numa solidariedade horizontal e altruísta, na permanência em local público (a sinalizar a vivacidade de um protesto), iria influenciar em outras manifestações ao redor do mundo, poucos meses depois das ações do Cairo, conformando o movimento *Occupy* (CASTELLS, 2013). As ações de ocupação começaram em Nova Iorque, na instalação de movimentos sociais, geridos de forma autônoma, no coração financeiro dos Estados Unidos.

Conhecida como *Occupy Wall Street* (OWS), a primeira e talvez mais reconhecida ação teve início em 17 de setembro de 2011. Poucas semanas depois, os protestos já eram realizados em centenas de cidades em todo o mundo e em boa parte dos Estados Unidos. De acordo com Peschanski (2012, p. 27, grifo no original), “[...] o movimento global dos ‘ocupas’ – acampamentos de estudantes e trabalhadores em áreas públicas de centenas de cidades em todo o mundo –, iniciado no segundo semestre de 2011, tem entre suas principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica”.

Mais uma vez as mídias digitais tiveram lugar importante na organização logística dos protestos e na manutenção efetiva das ações. “O *Occupy Wall Street* nasceu digital. O grito de indignação e apelo à ocupação vieram de vários blogs [...] e foram postados no *Facebook* e difundidos pelo *Twitter*.” (CASTELLS, 2013, p. 130-131). Aliás, diversas ferramentas foram utilizadas, incluindo aí instrumentos de transmissão simultânea (audiovisual) das ações. Talvez pela primeira vez com destaque o *live stream* tenha sido articulado para a cobertura de manifestações. O ativista norte-americano Tim Pool, então com 25 anos, foi o principal²⁵ articulador desse trabalho, que chegou a incluir até *drones* para os registros.

A dinâmica desse trabalho apresentou, de um lado, uma nova forma de cobertura dos protestos não apenas pelo tempo real da transmissão, mas se incluía a interatividade como fórmula de participação ainda mais efetiva do público. Do outro lado, mediado, havia um público que agora além de ouvir e ver, também tinha voz – podia de alguma forma participar da gestão dos acontecimentos em curso. Pool manteve durante a OWS uma fina relação com a audiência, a responder perguntas, a guiar a transmissão de acordo com demandas *web*, a realizar ações em função de demandas dos internautas.

²⁵ Lembrando que outros ativistas também puderam fazer o mesmo, implementando transmissões em tempo real, ininterruptas e com longo tempo de duração.

Com isso, as *occupys* trouxeram um diferencial importante para o registro e manutenção de protestos. Aliás, mais do que isso, reforçaram a condição do espaço público híbrido que Castells (2013) já assinalara. De modo geral, as ocupações foram um fenômeno composto, que combinou uma forte veia altermundialista, inspirou-se pelo entusiasmo da Primavera Árabe e acendeu na admiração ao movimento dos indignados da Espanha.

Havia uma crise avassaladora na Europa, gerando altas taxas de desemprego principalmente no reino hispânico. Na *Internet*, um grupo mobilizado de cidadãos discutia formas para a solução da recessão do país e para o enfrentamento em relação às instituições financeiras e contra os desmandos dos articuladores da Zona do Euro (sobretudo a Alemanha). Aos poucos foi formada uma frente aglutinadora de movimentos na *web* que se utilizava das plataformas para intensificar debates e denúncias: o *Democracia Real Ya* (DRY) (CASTELLS, 2013).

O movimento se inspirou na Primavera Árabe e convocou participação popular, via *Internet*, para protestos nas ruas que aconteceriam estrategicamente uma semana antes das eleições municipais. Dia 15 de maio marcou o início de um envolvimento de cidadãos com um projeto de questionamento sociopolítico que durou alguns meses (de diversas formas). Inspirados pelo livro do filósofo francês Hessel (2011), os integrantes daquelas manifestações foram chamados (pela mídia) de indignados; alcunha que marcou (CASTELLS, 2013).

Centenas de cidades do país aderiram aos protestos e apresentaram ações vinculadas. Segundo Castells (2013), a perspectiva de ocupação também se fez presente na Espanha com as “acampadas”. A estratégia, assim como no Egito, era a de chamar a atenção da população e mostrar que o movimento estava vivo e em resistência. Milhares de pessoas participaram dos protestos vinculados à abordagem da DRY. Diferente de outros países, no entanto, na Espanha os resultados das campanhas nas ruas pareciam irrisórios.

Todavia, o que se pode conjecturar é que os poderes espanhóis constituídos passaram a saber da existência da força da sociedade em rede. Ainda que hoje esta pareça assentada, as conexões foram estabelecidas e elas permanecem vivas, num processo de trocas e reflexões constantes que, ao passo que não se pareça, estão em gestação de um porvir baseado num processo de formação dos indivíduos que comporão, senão a mudança, o estímulo para que ela aconteça.

Nessa longa jornada, os ritmos se alternam, às vezes aceleram, às vezes se acalmam. Mas o processo nunca para, mesmo que permaneça invisível por algum tempo. Há raízes da nova vida se espalhando por toda parte, sem um plano central, mas se movendo e estabelecendo redes, mantendo o fluxo de energia, esperando a primavera. Porque esses núcleos estão sempre conectados. Há núcleos de redes da

internet, em âmbito local e global, e há redes pessoais, vibrando ao ritmo de um novo tipo de revolução cujo ato mais revolucionário é sua própria invenção. (CASTELLS, 2013, p. 116).

Destaca-se também a capacidade de comunicação articulada pelo movimento que também ficou conhecido como 15M (em alusão à data da primeira manifestação). Segundo Castells (2013), os *media* não apenas ficaram desatentos à articulação dos protestos (mesmo tendo sido informados previamente), como não cobriram com atenção e de forma aproximada a realização deles. Todavia, segundo Javier Toret (2013), um dos envolvidos na elaboração da DRY, esse não era um problema, na medida em que os integrantes das ações tampouco queriam a mediação dos *media*, pois articulavam meios próprios de divulgação dos fatos relacionados às atividades ativistas.

Os indignados mostravam ao mundo que era plausível, sim, estabelecer uma guerra simbólica com os *media* e, mais do que isso, que era admissível alcançar pequenas vitórias. O que a *Internet* colocava como possibilidade era a adesão de um público que estava à deriva e se colocava como leitor em busca de informações precisas, sob demanda, na tradução próxima dos fatos. Se o encontrava nos veículos de massa, tinha como possibilidade colocar a verdade à prova e compreender que estava diante de versões, de constructos, balizados por pontos de vistas diferenciados, quando não de intenções deliberadas calçadas em interesses muito particulares que, nomeadamente, quase sempre são o lucro x ideologia²⁶ (TORET, 2013).

Toret indica que se via com os indignados um fenômeno contemporâneo de valor para iniciativas análogas: o advento da pós-mídia (CASTELLS, 2013).

Há uma reapropriação tecnopolítica de ferramentas, tecnologias e veículos de participação hoje existentes. É onde as pessoas estão. Há um monte de pessoas nesses veículos. É uma campanha on-line viral suficientemente aberta para que qualquer um se envolva e participe [...] Isso fez com que cada um fosse sua própria mídia. Também fez com que milhares de pessoas fossem seus próprios distribuidores de mídia. Tem a capacidade de superar a mídia e criar um evento, e comunicar esse evento [...] Tornamo-nos um coletivo com a capacidade de falar cada um por si, sem os filtros da mídia. (TORET, 2013 apud CASTELLS, 2013, p. 94-95).

O que as perspectivas que Toret (2013) começam a nos apontar é um movimento particular de mediação da vida hodierna (e do extraordinário, seja ele ativista ou não), na tomada de voz por parte do sujeito comum e, mais do que isso, para a projeção do ponto de vista dele há uma esfera muito mais ampla do que se pode prever. Tal condição, aplicada ao

²⁶ Ainda que estejamos repetindo uma ideia de Toret (2013) aqui, vale relativizar um pouco, ao afirmar que há certas variações no trabalho da grande mídia e que as coberturas midiáticas também são construções particulares, são também versões, que se articulam com uma outra ordem.

registro dos protestos, será visto com mais acuidade em seção porvindoura. Nesse sentido, não imaginando ter esgotado todas as particularidades da sociedade nas ruas – sequer ter tocado em aspectos que gostaríamos de ter explorado com mais acuidade –, mas esperando ter tratado da essência desse movimento dos anos 2000, partimos para uma discussão sobre o cenário brasileiro e como ele se vê afetado por esse movimento global.

2.2.2. O cenário brasileiro

[...] *E quem paga o jornal é a propaganda,
pois nesse país é o dinheiro quem manda.
E juram que não corrompem ninguém.
Agem assim pro seu próprio bem.
São tão legais; foras da lei.
Pensam que sabem de tudo,
o que eu não sei; eu sei.*
(Luiz Schiavon; Paulo P.A. Pagni; Paulo Ricardo).

Em um *ranking* divulgado anualmente pela organização não governamental Transparência Internacional²⁷, o Brasil apareceu em 2015, em uma lista de 168 países pesquisados, na 88ª posição²⁸ quando o assunto foi corrupção. Todavia, certamente a sensação da população é contrária a esse respeito. Isto é, há um sentimento de descrença do brasileiro quanto às instituições e aos nossos representantes políticos, asseverada paulatinamente pelas recorrentes descobertas de desvios financeiros, manobras partidárias em benefício próprio, recebimento de propinas para favorecimento de terceiros, numa infinidade de outras articulações que estão em desacordo com o trabalho pelo bem comum.

Diz-se do caráter endêmico da corrupção no Brasil, fruto de uma herança deixada pelos colonizadores (no bojo das práticas empreendidas aqui) que marcou de certa maneira a formação do nosso povo (FAORO, 2000). Não se quer discutir se o brasileiro é corrupto por natureza, tampouco seria razoável considerar que ele é conivente com a pilhagem do Estado. Pretende-se tão-somente assinalar um contexto, panorama sobre o qual se brada há muito tempo. Mas o cenário é complexo e repleto de uma série de meandros que deveriam ser vistos cronológica e paulatinamente para se tecer comentários mais ajuizados e fundamentados.

Ponto de partida, então, é 5 de outubro de 1988, data da promulgação do nosso texto constitucional. De lá até ao Mensalão (em 2005), talvez um dos mais notados escândalos

²⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/cbmPX0>>. Acesso em: 13 maio 2016.

²⁸ Percebemos que alguns veículos de comunicação interpretaram incorretamente os dados apresentados pela ONG. A instituição apresenta um *ranking* invertido, do menos corrupto para o de maior atividade nesse sentido. Assim, foi comum verificar nos *media* que o Brasil ocupava a 76ª posição; sim, se forem consideradas nações menos corruptas do mundo por essa pesquisa.

políticos brasileiros (dada a ampla publicização pelos *media* brasileiros), foram 28 casos de destaque que vieram a público em pouco menos de 17 anos. Do caso Collor e os Anões do Orçamento, passando pela Pasta Rosa, os Precatórios, a Máfia dos Fiscais, os desvios da Sudam no governo FHC, até a CPI do Banestado, Banpará, os Correios, no início da gestão Lula, entre muitos outros nesse entre-dois; o brasileiro se acostumou com notícias sobre a corrupção.

Calhou, naturalizou, mas foi aos poucos conformando um sentimento de desprezo e aversão à classe política e, se conjectura, à própria política. Um certo acomodamento que parece ter “adormecido o gigante”, o próprio país, narcotizado e desmotivado com um cenário que parecia imutável. Todavia, num (aparentemente) súbito, brusco e imprevisível despertar, a sociedade estava de novo nas ruas²⁹ em 2013. Tomando cada espaço das principais avenidas das grandes cidades brasileiras, centenas de milhares de pessoas conformaram o que se chamou de Jornadas de Junho no país. Mas, de onde veio tudo isso?

Não foi só do sentimento de revolta com a corrupção. Vale lembrar que, em detrimento de mudanças no país pós-Mensalão, diversos outros casos foram sequencialmente sendo apresentados. Voltemos ao ano de 1999. Conforme expusemos na seção anterior, a Ação Global dos Povos realizava o primeiro e bem-sucedido Dia de Ação Global em Seattle. No ano seguinte, o Brasil também empreenderia ações antiglobalização, tendo o estado de São Paulo com primazia no país (CORREA, 2011).

Dia 26 de setembro de 2000 marca a adesão do Brasil ao coletivo da AGP. Enquanto ocorria o encontro do FMI e do Banco Mundial em Praga – República Tcheca –, cerca de 200 jovens realizaram ação direta em frente à Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)³⁰. Alguns manifestantes foram presos e houve confronto com a polícia. Segundo Correa (2011), essa foi a largada para um conjunto de outros protestos, alguns inspirados nos preceitos da Ação Global e outros tantos, ainda que sem relação direta, influenciados pelo espírito de questionamento, enfrentamento e mobilização³¹.

Porém, Correa (2011) lista alguns dos principais marcos do movimento no país. O ano de 2001 foi muito rico, havendo mobilização contra a cúpula da ALCA em abril, em São Paulo, quando cerca de duas mil pessoas estiveram envolvidas; protestos também na capital

²⁹ Evidentemente, manifestações de toda ordem ocorreram pós-caras pintadas – um dos maiores protestos do país anteriores a junho de 2013. Porém, notadamente, a grande maioria deles estruturou-se em perspectivas classistas e de representação institucional.

³⁰ Ver nota da *Folha de S.Paulo*, disponível em: <<http://goo.gl/2KJYf7>> Acesso em: 13 maio 2016.

³¹ Correa (2011) lembra das ações diretas de protesto contra o assassinato de Edson Nérios da Silva, homossexual, espancado por um grupo de *skinheads*. O caso ganhou grande repercussão e é considerado um marco na luta pela defesa dos direitos LGBTTs.

paulista, em 20 de julho, contra a reunião do G8 que ocorria em Gênova, com participação de, aproximadamente, cinco mil pessoas; protestos contra a guerra no Afeganistão naquele mesmo ano, alargando as ações para outras três capitais: Belo Horizonte, Curitiba e Rio de Janeiro; Eventos simultâneos ao encontro da OMC no Catar também foram articulados no Brasil, incluindo ações em Fortaleza.

Aos poucos, o movimento foi ganhando corpo e capilaridade. Em 2002, várias ações foram realizadas com a mesma dinâmica. No ano seguinte, cerca de 30 cidades do país se mobilizaram contra a iminência da Guerra do Iraque (CORREA, 2011). Assim, as perspectivas no Brasil foram ficando mais heterogêneas. Isto é, como se colocou, a AGP não era uma entidade, mas uma frente de aglutinação de movimentos. Essa inter-relação promovida pela iniciativa potencializava as trocas entre diversas frentes sociais, o que fazia com que o intercâmbio fosse constante e um conjunto de novas ações diretas se articulasse em parceria.

A lógica das redes se fazia presente e nada perene. Encontros e debates eram articulados no bojo dos protestos, compondo uma programação complexa, mas fortalecedora dos laços entre os envolvidos e, por que não, capacitadora e motivadora das lutas sociais. Não se pode esquecer, nesse quesito, que o Fórum Social Mundial teve início em 2001, ampliando a perspectiva de formação, envolvimento e ação. Para além disso, especialmente para os brasileiros, as três primeiras edições do evento ocorreram em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O FSM significou muito para o Brasil, seja no fortalecimento de ações já existentes, seja na conformação de novas investidas sociais. A pactuação e o estabelecimento de novos canais de relacionamento entre as frentes criaram também formas de empoderamento das causas, avigorando as perspectivas da lógica de redes. O país se inseriu de modo efetivo em um conjunto de perspectivas globais e ao mesmo tempo chamou atenção do mundo para nuances muito particulares da nossa realidade.

Assim, diversas ações que escapavam (diretamente) da ideia de luta contra os males do capital foram se dando no Brasil, assumindo um caráter mais político, ou de pressão das autoridades frente a questões sociais diversas. Apesar do progressivo enfraquecimento da AGP, Correa (2011) lembra que novas ações diretas foram realizadas de 2001 a 2004; de forma lúdica, autoridades recebiam tortas na cara. Era um ato simbólico, repreensivo, de humilhação baseada no sarcasmo. Talvez o caso mais emblemático tenha ocorrido em 2003 com José Genoíno, então presidente do PT. A ação era uma retaliação à presença de Lula no encontro do Fórum Econômico Mundial, que aconteceria em Davos, e, mais do que isso, à

(suposta) declaração do então presidente brasileiro de que iria levar a mensagem do FSM ao encontro suíço.

Em carta deixada no local da ação, os dizeres confirmavam que eles repudiavam

a confusão promovida pelo Partido dos Trabalhadores, que quer fazer crer que o nosso movimento, o movimento dos movimentos, pode ser representado ou encarnado em algum tipo de governo [...] Nosso movimento não tem líderes ou representantes. Ninguém pode falar em nosso nome. Se alguém em Davos “representa” o movimento, somos nós mesmos, os milhares que ocupamos as ruas de Genebra em protesto contra a reunião de banqueiros, empresários e governantes, que o PT legitimou³².

A AGP, lembra Correa (2011), fez-se valer e influenciou a crescente e pujante força dos novos movimentos sociais³³; grupos de cidadãos coordenados, que ganham a alcunha de “neo” dado que não se estruturam apenas pelas perspectivas classistas. O fim do século XX veicula o advento (pois já se tinham iniciativas do tipo antes³⁴) da forte representação de grupos sociais com causas diversas no Brasil, na sequência de um fluxo que já vinha sendo desenvolvido no cenário europeu pelo menos desde a década de 1960.

A heterogeneidade é uma marca, e as mudanças culturais são uma meta, na medida, inclusive, em que os novos movimentos sociais nascem dessas transformações. Nesse contexto, lutas como as de gênero e raça, ambientais, de consumo, de posses e acesso a bens culturais e patrimoniais representaram os intentos dos sujeitos (normalmente jovens) vinculados a essas frentes (BUECHELER, 1995).

Reforçando, segundo Correa (2011), se a Ação Global dos Povos não inaugura a lógica dos novos movimentos sociais no Brasil, ao menos ela atuou como fomentadora da emergência de iniciativas do gênero, exatamente por apresentar as perspectivas das redes e de mobilização. A sequência desse impulso no país vem precisamente, como já colocávamos, com o Fórum Social Mundial³⁵.

Um exemplo característico e importante é a criação do Movimento Passe Livre (MPL), que nasce exatamente em uma plenária articulada com esse propósito na edição de 2005 do FSM em Porto Alegre. Evidentemente, a luta pelo transporte coletivo de qualidade e

³² Disponível em: <<http://goo.gl/nsXrkC>>. Acesso em: 13 maio 2016.

³³ Entre outras frentes, como também a força contracultural dos anos de 1980, que conformou um grupo de jovens questionadores.

³⁴ E Correa (2011) chama atenção precisamente para o envolvimento estudantil contra a ditadura.

³⁵ Vale observar que o Brasil abrigou diversas manifestações, de diferentes frentes, no período entre 2000 e 2013, sob modelos autogestionados, com a participação efetiva da sociedade civil – especificamente dos cidadãos –, independentemente de vinculações a grupos ou instituições. Destaca-se, por exemplo, as sequências das Marchas da Maconha (Liberdade), das Vadias, e outras iniciativas como as paradas do Orgulho Gay, as mobilizações contra a violência, entre muitas outras.

a extinção da tarifa, passando a ser verdadeiramente transporte público, vem pelo menos desde o ano 2000, tendo a cidade de Florianópolis como protagonista das ações de protesto.

O ano de 2003 foi marcado pela “Revolta do Buzú”, em Salvador, na Bahia. Um conjunto de manifestações parou a capital baiana em protesto contra o aumento das passagens de ônibus. As iniciativas, autônomas, descentralizadas, exigiam “[...] na prática, nas ruas, um afastamento dos modelos hierarquizados; expunha outra maneira, ainda que embrionária, de organização.” (PASSE LIVRE, 2013, p. 14).

Suas investidas e métricas, os modos de articulação e ação, os propósitos daquilo que era o gene do MPL circularam pelo Brasil a partir de relatos e registros produzidos pela CMI e por um documentário do cineasta argentino radicado no Brasil Carlos Pronzato. A dinâmica volta ao berço e Santa Catarina dá sequência ao que acontecera no Nordeste. Foram dois anos de “Revolta da Catraca” que articularam o modelo implementado na Bahia, obtiveram resultados práticos (revogação de aumento das passagens) e ajudaram a forjar o Movimento (de mobilização nacional) Passe Livre (VINICIUS, 2005).

Um conjunto de práticas veio sendo articulado, de forma localizada ou ampla, conformando-se em ações de maior porte, como as de Vitória, no Espírito Santo, em 2006, Teresina, no Piauí, em 2011, e Aracaju, em Sergipe, e Natal, no Rio Grande do Norte, em 2012, ou com as ações diretas dos sujeitos que pulam as catracas ou entram pela porta de trás dos ônibus (PASSE LIVRE, 2013). Em São Paulo, além das ações de rua, uma reflexão veio sendo tomada, sobretudo quando o movimento decide por revisitar um projeto da década de 1990, que visava implementar a tarifa zero na capital.

O MPL paulista começou suas ações em 2004, mas tomou corpo dois anos depois quando, nos meses de novembro e dezembro de 2006, diversos jovens se mobilizaram contra o aumento de R\$ 0,30 nas tarifas de ônibus. Um conjunto de manifestações foram articuladas e duramente repreendidas pela Polícia Militar. Não obstante, o processo reflexivo e de ação direta continua, com investidas que marcaram a cidade de São Paulo em 2010 e 2011.

Protestos contra a ampliação das tarifas seguiam em todo o país no ano de 2012. No Rio de Janeiro, cidade (e estado) marcada(os) por diversas manifestações, é criado o Fórum de Lutas contra o aumento das passagens, alargando o trabalho em rede em torno da causa. Em 2013, seguiu-se a linha, e Porto Alegre, em abril, já acenava para o que seria aquele ano. Fortes mobilizações em terras gaúchas conseguiram derrubar acréscimos nos passes.

Não obstante, Natal e Goiânia deram sequência aos protestos no mês de maio, posto que aumentos nas passagens ocorriam também nessas capitais. Um trabalho na *web* ajudava a convocar e articular as ações. Das redes (*on-line*) às ruas, aos poucos, jovens em todo o país

se mobilizaram e começaram a forjar um amplo e vigoroso conjunto de ações que, ao adentrar no mês seguinte, iriam colocar na história do país as Jornadas de Junho. Todavia, não seriam apenas pelo aumento das passagens.

2.2.2.1 As Jornadas de Junho de 2013

*Eles querem forjar heróis
Pra manter o povo sem voz.
É o soco no queixo, lapada no beijo.
O tambor de crioula merece respeito.
Duro é saber que o país que almejo,
Já foi vendido por um baixo preço.
(Criolo)*

Ao comentar o histórico das manifestações de 2013, Iasi (2013) assevera que havia uma expectativa (por parte do governo) de passividade dos movimentos sociais e da sociedade brasileira; imaginava-se que a pátria de chuteiras certamente se interessaria mais pela Copa das Confederações do que em protestar (ou mesmo dar atenção a quem manifestava) contra o aumento das passagens de ônibus – se é que atos iriam ocorrer. Não sem motivo, então, a própria presidente Dilma Rousseff teria negociado para que a subida da tarifa ocorresse em São Paulo no mês de junho.

Ledo engano; não vai ter Copa gritaram os manifestantes. Assim, não parece ter sido só por 20 centavos que as ruas bradaram com tanta seiva nos meses de junho e julho de 2013. Todavia, a fagulha evenemencial vem com o MPL, mais especificamente com a seção paulistana, pós-aumento das passagens de ônibus e trens de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Rolnik (2013, p. 8) define o conjunto de manifestações que assolaram o país naquele período como um “terremoto” que, com suas características complexas, heterogêneas, inusitadas, “[...] perturbou a ordem de um país que parecia viver não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos”.

Iasi (2013) parece apontar que as manifestações cresceram no início dos anos de 2010, sobretudo em razão de uma quebra de pacto do governo petista com os movimentos sociais, na medida de uma postura de governabilidade solidificada em acordos com o empresariado e ausência de diálogo com a sociedade civil.

Ricci (2014), por sua vez, lista três causas que conformam uma resposta tão complexa quanto às perguntas que tentam dar conta do fenômeno daquele ano. O primeiro sinal da crise para o autor foram os indicadores de um desequilíbrio interno do modelo estatal-desenvolvimentista arregimentado na gestão Lula e que teve continuidade com Dilma

Rousseff, mesmo diante das mudanças nos cenários econômicos, produtivos e sociais. A segunda causa, a reboque da primeira, é a emersão de uma postura conservadora na cultura brasileira, incluindo, inclusive, setores sociais que haviam ascendido durante a gerência petista que completava uma década (RICCI, 2014). Interessante observar que Iasi (2013) aponta um caminho análogo, indicando de forma mais incisiva, porém, que “[...] o acordo com a burguesia na cúpula produziu na base social uma reversão na consciência de classe e uma inflexão conservadora no seno comum” (p. 46). Por fim, Ricci (2014) aponta um desgaste da imagem e representação das instituições públicas, principalmente as políticas. A confiança no governo, nomeadamente a Presidência da República, foi o índice de principal queda, de acordo com pesquisas do IBOPE. Entre 2012 e 2013, todas as 18 organizações avaliadas pelo estudo caíram na avaliação dos cidadãos, incluindo aí, inclusive, os meios de comunicação de massa.

Aquele sentimento de perplexidade com a política e os políticos brasileiros, apontado no início da seção anterior, veio à tona; “[...] basta de corrupção política e de pseudodemocracia” (CASTELLS, 2013, p. 180). As queixas de um conjunto de novos movimentos sociais, além das feministas, dos negros, dos *gays*, uniram-se nas ruas e levantavam as causas deles. O dever de cumprir e garantir os direitos era cobrado. Os insatisfeitos, os indignados, os revoltados, os anárquicos não sabiam como bradar. Palavras eram entoadas, pedras eram lançadas. Ações diretas localizadas misturavam-se no enredo de uma grande mobilização nas ruas, que se deu de modo sequencial e consecutivamente crescente.

Para Vainer (2013), lembrando palavras de Castells (2013) já colocadas aqui em outra seção, o que provocou a unidade no movimento foi, de forma imediata, a arrogância e a brutalidade dos homens que comandam o país. Truculências de ordem simbólica, ou que se conformam num modo de governar. Seja qual forem os meios como se configuraram, incitaram o povo. O cenário era propício para o advento revolucionário, conformado também por um conjunto de sujeitos que trabalhavam em vigília há muito tempo.

Viana (2013) acentua a qualidade do movimento que convocara toda aquela agitação e que, dado o seu propósito (que está para além do objetivo/fim, mas ao seu compromisso em inteireza), gerava grande adesão; “[...] o MPL é um grupo de dezenas de jovens que, diante do aumento das passagens, resolveu, junto a outros movimentos e partidos, arriscar a pele.” (p. 57). “Os militantes impediram frontalmente, e tendo por instrumento o seu próprio corpo, nosso sagrado [direito de] ir e vir, em nome da criação do direito de outros irem e virem” (p. 57).

Movimento mártir, que inspirava e levava à rua outros conectivos de cidadãos, entre tantos aleatórios, solos, que se viam impactados, limitados, por práticas de capitalistas e governistas. Configurava-se aos poucos, por parte do cidadão, a (tentativa de) recuperação da(s) cidade(s), cada vez mais tomada(s) por práticas neoliberais (HARVEY, 2013; VAINER, 2013). Um país que já sofria com uma espécie de estado de exceção, afiançado por práticas de cessão dos direitos de ir e vir, de moradia, de acesso, em função de regras que vieram sendo colocadas mesmo antes dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, e se acentuaram com a Copa do Mundo de 2014.

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimentismo excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e curtos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados. Nesse contexto, o surpreendente não é a explosão [das manifestações de 2013], mas que ela tenha tardado tanto. (VAINER, 2013, p. 39).

Vainer (2013) lembra então que as Jornadas de Junho foram também fruto de uma crítica ao capital, associada a práticas de resistência que articularam comitês e associações de atingidos pelos megaeventos, que, apesar de configurarem voz própria, também se fizeram valer por meio de uma esteira deixada por movimentos populares, de luta por moradia principalmente, que mantiveram viva e ativa a costura do aferro militante.

Nesse ínterim, os *media* demoraram a dar conta do que acontecia. A *Folha de S.Paulo*, que inicialmente criticava os protestos, passou a se esforçar para compreendê-los melhor. Talvez a primeira iniciativa tenha partido do colunista Gilberto Dimenstein, que clamou para que os leitores do veículo (inferência nossa) “acordassem”; afinal, os vinte centavos seriam só um detalhe frente às críticas presentes no bojo daquelas investidas que aos poucos tomavam o país³⁶.

A antipatia midiática, entre outros motivos, provinha de um posicionamento contrário às ações diretas violentas, verticalmente caracterizadas por diversos veículos como vandalismo. Quando, porém, a Polícia Militar mostrou a face mais abjeta – e o dia 13 de junho é um marco nesse sentido (em São Paulo, um ato, que sequer chegou a começar, foi duramente reprimido ainda na concentração) –, ao agredir deliberada e arbitrariamente não apenas os manifestantes, mas jornalistas de diversos veículos, a imprensa mudou o tom; já era, todavia, um pouco tarde. Nesse momento, os meios de comunicação de massa já eram tão desprezados nos protestos quanto as bandeiras de legendas políticas (o apartidarismo se

³⁶ Disponível em: <<http://goo.gl/hzzog3>>. Acesso em: 17 maio 2016.

transformava em antipartidarismo). Ficava evidente o descontentamento com a forma como os *media* tratavam os fatos dos quais tentavam dar conta de narrar.

Durante as manifestações mais recentes, Record, Bandeirantes, SBT e, principalmente, Globo foram várias vezes acusadas de “manipular” a população que acompanhava os acontecimentos de casa. Entre as práticas comuns, as emissoras mostravam fragmentos de realidade desconectados do contexto específico ou mesmo alheios a qualquer lastro de veracidade, construía narrativas sempre do ponto de vista dos posicionamentos das forças policiais e buscavam dividir os manifestantes entre “bons” e “maus”, numa tentativa de amedrontar novas adesões, fragmentar a organização dos atos e marginalizar grupos específicos, especialmente aqueles que são reconhecidos como adeptos da tática dos black blocs. (FONSÊCA, 2013, p. 18).

Nesse contexto, não seria surpresa que as ruas brasileiras em 2013 bradassem da mesma forma do que já se via em outros movimentos globais, em desfavor da hegemonia do capital midiático. Assim,

[...] em paralelo a atos em defesa de reivindicações mais tradicionais, como educação e moradia, a democratização das comunicações ganhou espaço, contando, inclusive, com manifestações específicas com essa pauta. O direito à comunicação ultrapassou a crítica à cobertura dos fatos e alcançou o estatuto de agenda pública – pelo menos nas ruas, já que o debate sobre a própria mídia é, ainda, um tabu na maioria dos meios comerciais. (FONSÊCA, 2013, p. 16-17).

De acordo com Lima (2013), aparentemente, as ruas estavam atentas ao projeto que os veículos de comunicação de massa tentariam imputar com os protestos. Afinal, “[...] a velha mídia identificou nas manifestações [...] a oportunidade de disfarçar o seu papel histórico de bloqueadora do acesso público às vozes – não só de jovens” (p. 92), que compunham o grosso dos protestos, “[...] mas da imensa maioria da população brasileira” (p. 92) – sobretudo de grupos periféricos, que se veem pouco representados nos *media*; instância acusada de, aliás, ter política editorial que, em geral,

[...] se baseia na criminalização, na estigmatização ou mesmo na invisibilidade de segmentos sociais inteiros, o que inclui a população de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis (LGBTT), negros(as), mulheres e juventudes, entre outros, além de movimentos sociais e grupos políticos identificados com a esquerda no espectro político. (FONSÊCA, 2013, p. 18).

Nesse contexto, pode se falar das manifestações de 2013 divididas em duas fases distintas. A primeira era fundamentada essencialmente ainda pela reivindicação ao passe livre.

Apresentara ao país as táticas Black Bloc³⁷ (na adesão destes aos protestos) e se mantinha coesa em torno da demanda por transporte coletivo de qualidade, aglutinando ações diretas violentas e não violentas. Começa, como já apontado, na cidade de Porto Alegre e vai até o dia 13 de junho. Em São Paulo, nessa data, cerca de 100 pessoas³⁸ teriam se ferido em confrontos com a polícia, e diversas outras foram presas.

Em retaliação ao comportamento militar, a população decide ir em peso para as ruas nas manifestações convocadas para 17 de junho. Aliás, em São Paulo, cerca de 250 mil pessoas teriam participado dos protestos naquele dia, registrando o maior número de adesões no país até então. Um dia depois, a participação paulistana seria menor (cerca de 50 mil pessoas), mas os governos (municipal e estadual) já estavam compelidos e, com isso, decidem recuar no aumento das passagens de ônibus e trem (SECCO, 2013).

Todavia, o estrago já estava feito, isto é, as pessoas nas ruas já estavam motivadas – “[...] do Passe Livre se passou ao clamor pela liberdade em todas as suas dimensões, surgiu das entranhas de um país perturbado por um modelo de crescimento que ignora a dimensão humana e ecológica do desenvolvimento.” (CASTELLS, 2013, p.179). É nesse contexto que aparece a segunda fase³⁹, com protestos muito mais heterogêneos, a bradar pelas mais diversas causas. Dezenas de cidades começaram a engrossar o coro manifestante, tendo ápice em 20 de junho, quando aproximadamente 3 milhões de pessoas teriam participado de atos em todo o país (SECCO, 2013).

A partir dali, o grito contra a corrupção parecia mais forte, havia questionamentos sobre os custos da Copa do Mundo de 2014 – em detrimento de investimentos em áreas prioritárias do país, e frentes politizadas se posicionavam até contra propostas de emendas constitucionais. As de número 33 e 37 eram criticadas de modo uníssono. Enquanto a primeira versava, grosso modo, sobre a limitação dos poderes do Superior Tribunal Federal (STF) frente ao Congresso Nacional (no controle de constitucionalidade das leis), a segunda, ainda mais abstrusa, limitava os poderes investigativos do Ministério Público.

As discussões sobre gênero, levantadas nas manifestações por defensores dos direitos LGBTTs, questionavam ainda a denominada “cura *gay*”; superficialmente, uma tentativa do deputado federal Marco Feliciano de consentir projeto que permitiria aos psicólogos

³⁷ Que, em verdade, por mais que tenham particularidades no Brasil (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014), nascem “[...] na década 1980, na Alemanha, e depois tiveram atuação aprimorada no enfrentamento das políticas neoliberais a partir de manifestações ocorridas em 2001, em Gênova, na Itália.” (FONSÊCA, 2013, p. 5).

³⁸ De acordo com informações obtidas pela *Folha de S.Paulo* com o Movimento Passe Livre. Disponível em: <<http://goo.gl/4JdkrM>>. Acesso em: 17 maio 2016.

³⁹ E alguns autores chegam a afirmar que a ampliação, ou segunda fase do junho de 2013, é o próprio prelúdio da morte das Jornadas, na medida em que os intentos iniciais do MPL já tiveram sido alcançados e a autogestão capitaneada pelo movimento sai de cena.

contribuírem num conjecturável tratamento para a homossexualidade. No dia 18 de junho daquele ano, o parlamentar chegou a conseguir aprovar a proposta na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara – da qual era presidente.

Educação, saúde (e nos protestos se bradou até contra o chamado Ato Médico⁴⁰), infraestrutura, economia, moradia, entre tantos outros motes, as insatisfações e críticas se somavam em um amontoado manifestante que se estendeu, sequencialmente, pelo menos até o dia 30 de junho – ainda que a onda de protestos tenha permanecido nos meses subsequentes. A violência da polícia, evidenciada nas manifestações, acabou tornando-se também divisa de atos públicos, sedimentando bases para uma articulação em rede com aqueles que bradam contra as ações militares, principalmente moradores de comunidades de grandes cidades brasileiras.

Os movimentos “de junho”, por sinal, continuaram em várias cidades, com o movimento ambientalista em Fortaleza (Ceará), a ocupação da Câmara de Belo Horizonte (Minas Gerais), as mobilizações de povos indígenas e professores em Porto Alegre, os vários movimentos e atos no Rio de Janeiro (RJ) – a exemplo dos protestos críticos à visita do Papa, contra a violência policial e em defesa da educação. (FONSÊCA, 2013, p. 5).

Cerca de 400 cidades no Brasil participaram dos atos que começaram em Porto Alegre (BRAGA, 2013). O resultado prático dos protestos foi a suspensão de aumento de passagens de ônibus em mais de 100 cidades em todo o país (MARICATO et. al., 2013). O Movimento Passe Livre alcançara uma significativa vitória, ao menos do ponto de vista da capilaridade dele, posto que o desígnio de missão, como já apresentado, é em verdade zerar as tarifas. De todo modo, a frente mostra a sua força – talvez mais como valor (o da luta por transporte coletivo de qualidade) do que como instituição, o que não parece se configurar enquanto problema.

Esse intento associa-se a outros, fortalecendo-os, e, em certa medida, o MPL de protagonista torna-se coadjuvante. Seu papel é localizado na perspectiva das (grandes) cidades brasileiras, mas dialoga com problemas maiores, como a corrupção, que assola o país nos três níveis e esferas. Nesse contexto, quanto às outras medidas, uma agenda positiva aparecia no congresso como resposta aos movimentos nas ruas. De forma mais direta, o Ato Médico foi aprovado com os pontos mais polêmicos vetados pela presidente Dilma, as PECs

⁴⁰ De modo mais específico, questionava-se a regulamentação do trabalho médico que, de acordo com os projetos de lei, aparecia muito verticalizada, impactando em outras áreas, como a Psicologia, a Enfermagem e até no Serviço Social.

33 e 37 foram rejeitadas e a “cura gay” retirada de tramitação pelo próprio autor – deputado federal João Campos.

Quanto às Copas, aconteceram; e denúncias de superfaturamento em obras de estádios não param de abrolhar. Em 2013, um pacote parlamentar de enfrentamento à corrupção foi proposto pela presidente Dilma por meio de uma reforma política – mas não caminhou como se esperava. Uma série de medidas para fortalecimento da saúde e da educação e melhorias no trânsito das grandes cidades também foram prometidas, mas ficaram na *parole*. De modo geral, as intenções exigiriam, segundo os parlamentares, mais discussões para fundamentação. Assim, em verdade, as conversas serviram para arrefecer o clima que, paulatinamente, também recebia contribuição de um esfriamento que vinha dos brados que se silenciavam nas ruas.

Era a marcação da provisoriedade; um estado de recuperação, de cama, a aguardar que a febre passasse enquanto a remediação paliativa fizesse efeito e trouxesse novamente a sensação de bem-estar. Foi assim, segundo sugere Ricci (2014), não só no Brasil, o que fez com que houvesse a manutenção da insatisfação social, num descontentamento latente, ainda que silenciado, que sugere a emergência de novas ações de rua, imprevisíveis, a ocorrer diante do mais simples deslize. Nesse contexto, faz sentido a afirmativa de que “[...] o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é o que eles o farão. Móbil-izados.” (CASTELLS, 2013, p. 182).

Segundo Ricci (2014, p. 112), de certa forma, as mobilizações no Brasil se assemelharam mais às que ocorreram no Oriente Médio – guardadas as proporções revolucionárias e os confrontos bélicos, em alguns casos. Em detrimento das frentes europeias e americanas, em que o enfrentamento se deu contra uma estrutura do capital (pouco personificada, a não ser pela identificação de instituições financeiras) e os malefícios dela, concentrando as pautas no que girava em torno desse universo, na América Latina, no norte africano fronteiro à Ásia, “[...] as mobilizações de massa foram, muitas vezes, personalizadas na figura de uma ou outra autoridade pública ou tiveram uma pauta extensa e difusa, outras vezes negando o campo institucional como campo de disputa” (p. 112), quase sempre trazendo elementos da política local como a razão dos problemas do país em destaque.

Em verdade, para Žižek (2013, p.104),

[...] o que une esses protestos é o fato de que nenhum deles pode ser reduzido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação específica de (pelo menos) duas questões: uma econômica, de maior ou menor radicalidade, e outra político-

ideológica, que inclui desde demandas pela democracia até exigências para a superação da democracia multipardiária usual.

As semelhanças, todavia, encontram-se em uma perspectiva que vem pelo menos desde 2010, com a comungação de princípios autonomistas, que Ricci (2014) define como um composto formado pela autogestão e a horizontalidade. A ausência de lideranças é uma marca que os protestos sustentaram, apresentando uma liberalidade de ação e conformação quase automática, balizada por desejos e insatisfações comuns; ainda que com variantes em torno das especificidades, todos os alaridos tinham o intento de um país mais justo, responsável e igualitário.

Outra coincidência entre os movimentos globais e os do Brasil, segundo Ricci (2014), foram as redes sociais *on-line*, funcionando como um importante e vigoroso mecanismo de comunicação entre ativistas e simpatizantes e a conseqüente articulação das ações por meio das plataformas *web*. O movimento cresceu exponencialmente em adesão dada à inter-relação redes e ruas, constante. Os jovens, principais articuladores das manifestações de 2013 no país, estavam em conexão constante. Tinham-se então pessoas “[...] conectadas em rede e enredadas na rua, mão na mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem. Um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo novo que já não é novo, mas que as gerações mais jovens veem como seu.” (CASTELLS, 2013, p. 179-180).

2.3 Nas ruas e nas redes ou, à rua na rede

*Você me pergunta pela minha paixão.
Digo que estou encantada como uma nova invenção.
Eu vou ficar nesta cidade não vou voltar pro sertão.
Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação.
Eu sinto tudo na ferida viva do meu coração.
(Belchior).*

São “os jovens, outra vez!”; assim Rudá Ricci (2014) apresenta o livro que trata da política que emergiu em junho de 2013. A lógica, entretanto, é binária. Essa apropriação do mundo pela juventude, conforme preconiza Castells (2013), não é de hoje; o encanto com o fenômeno nas ruas não descarta a dor de perceber que, apesar de tudo o que se fez antes, a mocidade ainda precisa pelejar como os pais (ou os avós) outrora possivelmente já o fizeram. Os problemas são outros, mas o cerne parece ser o mesmo. A luta não cessa. A ferida ainda está viva.

Todavia, uma novidade surge. A nova invenção parece alimentar os sonhos e as esperanças, fomentar o agir, estimular a mudança baseada na interação que gera a corrente – substantiva e adjetiva: cadeia que entrelaça elos, firme, coesa e torrente, fluxo, que corre. É o apogeu da cultura digital (COSTA, 2002; LEMOS, 2002); a revolução dos costumes em função da emergência de novas tecnologias; a era da informação (CASTELLS, 1999) que cruza em curso irrestrito e capilarizado, a influenciar as formas de produção e consumo, afetando os campos sociais, políticos e culturais.

Entusiasma, enfim, como se viu, uma sociedade em rede, que vai às ruas. Em 2013, uma multidão tomava as alamedas brasileiras e não deixava, porém, de estar na (grande) rede. A dinâmica simultânea era garantida por novos dispositivos técnicos e condições infraestruturais; sinal de *Internet* cada vez mais acessível e *smartphones* em mãos, quase-prótese, na mão e no olho.

Os dispositivos móveis são os que asseguram a ubiquidade tecnológica – e, portanto, uma ubiquidade das redes, da informação, da comunicação, dos objetos e ambientes -, pois estão disponíveis para serem acessados em qualquer lugar. Com a mobilidade dos dispositivos, os indivíduos passam a estar conectados *always on*, tornando a tecnologia parte do processo de socialização de grande parte da sociedade atual, de forma onipresente. (REIS, FURINI, HENRIQUES, 2014, p. 4).

Mobilidade tecnológica que permitiu manter a conexão e não pausar o fluxo. Alargou e complexificou as relações e as fronteiras espaçotemporais. Comunicação que significou multiplicação das formas de movimentação e acesso, horizontalizando os mecanismos de produção de sentido e subjetividade (SAVAZONI; COHN, 2009). Os dispositivos movediços, sem fios, expandiram acentuadamente as perspectivas da sociedade em rede e potencializaram largamente os intentos da sociedade na rua (CASTELLS, 2013). Sociedade em ubiquidade, em que

[...] a comunicação instantânea promovida pela convergência das mídias deu origem a uma “multidão esperta” (*smart mobs/foules intelligents*). Uma geração que se utiliza das tecnologias de cooperação desenvolvidas a partir da internet para criar uma nova cultura alternativa, libertária e criativa, capaz de derrubar governos e ampliar exponencialmente a produção de informação/conhecimento. Unida pelo desejo de um mundo diferente, essa multidão foi para as ruas reivindicando mais democracia, mais emprego, mais saúde, mais liberdade. Em resumo, reivindicando uma nova forma de vida. (REGO, 2016, p. 72).

Fez-se no Brasil uma resistência em rede, balizada por uma costura *web-rua*. Um fenômeno sem igual por aqui, mas já refletido, ao menos desde 1999. A massa, que antes parecia (poder-se-ia conjecturar) amorfa, agora tem identidade, é sujeito. Sabe-se quem está

nas ruas, pois se mostram e dão a ver. O uso da expressão multidão, então, não é sem razão. Fazemos menção às perspectivas de Michael Hardt e Antonio Negri (2000; 2005; 2009). A multidão não é o povo, não é nação. É um conjunto complexo e inclusivo de singularidades que caminha (ou deve caminhar) junto. Especificidades de sujeitos que não perdem as suas características por estarem unidos, aliás, ao contrário, se fortalecem.

A multidão aparece para conter a força imperial, verticalizadora, naturalizadora, que deixa as singularidades reticularizadas. Surge para defender a pluralidade, reforçar as suas particularidades, num empoderamento mútuo. Nesse contexto, engloba o sentido de classes sociais (não se limitando) e se apresenta com(o) potência, com(o) desenvolvimento independente, auto-organizado, autogovernável (HARDT; NEGRI, 2005).

Assim, ser multidão é empreender resistência. Ser multidão, ainda que o fundamento do conceito tenha sido arregimentado no século XVII por Espinosa⁴¹, é articular ações como as que foram vistas pelos entusiastas da AGP, daqueles que se inserem no bojo das perspectivas do Fórum Social Mundial e de muitos dos que foram às ruas no Brasil⁴² em 2013. E, se fechamos a seção anterior falando das conexões, das relações que se estabeleceram no fenômeno nacional de três anos atrás, dos fluxos comunicativos que se instituíram, organizaram e fortaleceram os atos, como eles se cruzam com a ideia de multidão? Negri nos deixa uma pista para coesão:

A multidão ignora a razão instrumental, tanto do exterior a ela mesma quanto para seu uso interno. E como um conjunto de singularidades, ela é capaz de estabelecer o máximo de mediações e soluções de compromisso consigo mesma, desde que sejam mediações emblemáticas do comum (a multidão operando exatamente como a linguagem). (NEGRI, 2004, p. 26).

Essas mediações hoje são potencializadas pela *web 2.0*, que, como se conjecturou aqui, moldou-se, entre outras particularidades, por experimentações também do CMI – com passos que foram dados ainda em 1999. O uso das mídias digitais pela multidão pode significar o fortalecimento das distinções dela, na medida em que está na mão de cada um a capacidade de mediar, de informar, de registrar a dinâmica evenemencial (enquanto se constrói o acontecimento conjuntamente), mantendo vivas as ideias e os pontos de vista de

⁴¹ É neste filósofo holandês em quem Hardt e Negri (2005) vão buscar referência, ainda que a terminologia sofra críticas (principalmente de Hobbes) e que outros autores venham a trabalhar o conceito sob pontos de vista diferentes.

⁴² Ainda que houvesse presente um comportamento reacionário, conservador e em alguns momentos até paradoxal (no questionamento daquilo pelo qual muitos são responsáveis (MARICATO et. al., 2013)) nas Jornadas de Junho.

cada sujeito que empreende tal ação e se preocupa com a alteridade, a garantia da singularidade alheia.

Diego de Carvalho (2011) apostou teoricamente na possibilidade de existência de um jornalismo de multidão. A pesquisa visava investigar as particularidades da *Indymedia* na contraposição com o conceito trabalhado por Hardt e Negri (2005). Para Carvalho (2011),

[...] o jornalismo de multidão é agenciamento entre multidão e jornalismo, um jornalismo-multidão, que não precisa se parecer, imitar, ou fazer como seu termo dominante (não o que domina o devir, é claro, mas o termo que diz respeito a essa máquina socialmente dominante). O jornalismo experimenta devires, se diferencia ao se conectar com a multidão. (p. 14).

A CMI foi fundamental e ajuda (ainda hoje) a conformar o conjunto de coletivos que se tem na contemporaneidade, conforme ver-se-á a seguir. Todavia, ela ainda apresentava a característica de *home*, natural da *web* 1.0, que se vê alterada com a apropriação dos sujeitos pela condição mídia do novo cenário da cultura digital. Se, conforme Negri (2004), cada corpo é uma multidão, passa a se ter então a mídia-multidão. Isto é, conforme o sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (2012), saiu-se da hegemonia das mídias de massa para uma convivência de uma massa de mídias.

Os “meios-sol”, os grandes veículos de comunicação de massa, agora têm que se habituar aos “meios-polvos” – os cidadãos e o conjunto de dispositivos tecnológicos, sempre às mãos.

Essa produção instantânea realizada por uma multidão heterogênea desloca os intermediários clássicos: a corporação jornalística, o jornalista profissional, as agências de notícias, põem em xeque a “reserva de mercado” que existia para os formadores de opinião corporativos e apontam para outros modelos e campos expandidos, em que não se pode pensar o “homem” desconectado de suas próteses e dispositivos. (BENTES, 2015, p. 11).

A ideia de mídia-multidão é defendida pela professora Ivana Bentes (2015), que se aproveita dos movimentos ocorridos em 2013, no Brasil, para balizar o termo, definido como a “[...] possibilidade de incluir o público na produção desse pós-jornalismo (que não descarta técnicas e práticas que sempre existiram como a apuração, reportagem, pesquisa, edição, etc.)” (p. 15). Tem-se, na concepção de Ramonet (2013, p. 73-74), “neojornalistas”, que se configuram como “amadores-profissionais”, “testemunhas-observadoras dos acontecimentos”.

Mas é ainda mais do que isso. Viu-se em 2013, no Brasil, pessoas comuns que enxergaram na utilização das ferramentas tecnodigitais a possibilidade de produção de subjetividades, garantindo as suas singularidades expressas nas plataformas que utilizavam

para tanto. Dentro das ações coletivas, nas ruas, conscientes do movimento em que estavam inseridas, no entanto, fizeram valer os dispositivos em prol de uma edificação de sentido comum, que permitiu resguardo dos intentos macro que estavam em jogo, tanto quanto o assinalar das particularidades – sobretudo às que mais diretamente se relacionavam.

As redes sociais *on-line* promoveram exatamente essa condição, precisamente por serem o sustentáculo da manifestação individual das vontades, desejos, pensamentos e reflexões, por meio, é claro, de uma performance que expôs as faces de acordo com determinadas intenções. Invariavelmente, são espaços privilegiados na contemporaneidade para exposição de si e de suas singularidades.

Nesse contexto, o conjunto de sujeitos que se evidenciou na *web* se conformou como mediadores entre si e, em certa medida, foram capazes até de, por isso mesmo, se autoinformarem. Nesse contexto, e não só por isso, Ramonet (2013) chama a atenção para o declínio, cada dia mais agudo, dos conglomerados midiáticos. Ainda que eles se sustentem em variadas estratégias, as novas modalidades de mediação, garantidas pela produção dos internautas comuns, contribui para esse processo de perda do capital simbólico e de representação dos *media*.

Nesse sentido, não é qualquer conteúdo que amalgama a mídia-multidão. É um senso de responsabilidade que guia a produção relevante, numa percepção de que “a mídia somos nós”, e que o processo de mediação deve ser replicante, multiplicador, agregador e aderente de uma “conversa infinita”. Ratifica-se que não está em jogo a informação pura e simples, num quase narrar jornalístico, mas “[...] efetivamente experimentar uma prática dialógica⁴³ em que a conversação entre muitos cria pensamento”, gera conhecimento, proporciona transformação (BENTES, 2015, p. 12).

Para Ivana Bentes (2015), a mídia-multidão funciona ainda no entre-dois rede-rua de forma cíclica. Isto é, quem está *on-line*, mas fora do protesto no asfalto, experimenta de forma mediada e pode contribuir para a conformação evenemencial. Isso graças às novas potencialidades das plataformas digitais, que oportunizam formas diferenciadas de interação. “[...] É parte de uma experiência de subjetivação coletiva singular, uma audiência que interage, comenta, informa, analisa e dialoga com o cinegrafista/performer nas ruas, orienta espacialmente e subjetivamente” (p. 15).

⁴³ Bentes (2015) faz menção a Bakhtin.

Emerge, de acordo com Bentes (2015), o pós-telespectador⁴⁴; um sujeito que interage de forma mais direta com a produção, além de guardar outras prerrogativas no espaço *web*. Essa personagem, antes distante, agora é parte da confecção do acontecimento, posicionando-se como inter-ator. Esse sujeito ausente, mas presente pela mediação, influencia diretamente no processo de resistência.

Ele é ardiloso porque, por mais que não participe efetivamente na ação em rua, pode ter se envolvido em toda a dinâmica prévia dos usos tecnopolíticos das redes, e é parte do sucesso almejado – que as técnicas previamente articuladas visam alcançar. Toret (2013) reitera essa aplicação como tática e estratégia, na manipulação das ferramentas digitais para a articulação, comunicação e intervenções de sujeitos em torno de uma mobilização social. A tecnopolítica seria, assim, a “[...] capacidade das multidões conectadas, dos cérebros e corpos em rede, de criar e automodular a ação coletiva” (p. 21).

Toret (2013) lembra que essa perspectiva foi muito aplicada na Espanha, nos movimentos que ficaram conhecidos como 15M. No Brasil, em 2013, também não foi diferente. Todo um sistema autogestionado, complexo, de divulgação e logística, formou-se nas redes sociais *on-line* e contribuiu decisivamente para o sucesso das investidas manifestantes no país⁴⁵.

Durante as manifestações, as informações foram produzidas e compartilhadas em tempo real, causando comoção por parte dos sujeitos, tanto os que estavam nas ruas durante os protestos, quanto os que estavam em casa liberando suas redes Wi-Fi para que as informações em tempo real pudessem ser disponibilizadas pelos manifestantes. É a ubiquidade tecnológica e da comunicação via meios digitais que, através dos dispositivos móveis, contribui para uma distribuição horizontal de informações importantes para o cotidiano dos sujeitos. Esta nova fase da cultura da mídia nos revela que há uma emergência cada vez maior de produção e distribuição de conteúdo em tempo real pelos sujeitos, causando uma ruptura no processo comunicacional e informacional das mídias tradicionais no contexto brasileiro. (REIS; FURINI; HENRIQUES, 2014, p. 21).

Todavia, baseando-se nas ideias de Pierre Lévy, o professor Henrique Antoun (2001, p. 138) adverte que “[...] não basta contrapor a internet às velhas mídias apontando o caráter da comunicação de um para muitos dos antigos meios e o caráter de muitos para muitos do

⁴⁴ Usaremos neste trabalho, de modo comumente, a expressão *webespectador*. Preferimos direcionar mais as nossas referências ao leitor da produção da *Internet*, sem desprezar que ele está inserido no conceito de pós-telespectador. Vale observar que os telespectadores contemporâneos, dada a convergência midiática, também podem se considerados pós-telespectadores, a depender dos usos que fazem com os seus respectivos aparelhos televisores e o acesso às novas tecnologias.

⁴⁵ Toret (2013) assevera, todavia – e fazemos a mesma ressalva para o Brasil –, que houve uma grande “explosão emocional e simbólica” na Espanha que gerou um “contágio social”, na medida do reconhecimento do êxito das primeiras ações, o que contribuiu para o crescimento delas logo em seguida. Evidentemente que a exposição desses episódios ganhou ainda mais força na *web*, numa relação de afetação cíclica.

novo”. É necessário que os fins sejam extensão e se justifiquem pelos meios, pela forma, pelos usos, pela aplicabilidade. E essa interação que se configura na dinâmica das ruas com as redes sociais *on-line*, antes, durante e após os eventos, demonstra que o potencial da *web* pode ser utilizado para fins de mobilização e mudança social.

Bentes (2015, p. 19) lembra que “[...] um dos fenômenos mais impactantes das Jornadas de Junho de 2013 foi a explosão dos coletivos, redes, agentes, iniciativas de midiativismo. Um enxameamento de centenas de novas iniciativas de mídia livre”, que cobriram as manifestações e estabeleceram um novo regime midiático no país. Não se fala propriamente ainda em um domínio, mas é inegável a força e a importância do registro dos protestos por meio de iniciativas implementadas por sujeitos comuns, em detrimento do que se espera de uma cobertura totalizante da grande mídia.

Se antes (pouquíssimo tempo atrás) a multidão buscava uma mídia alternativa como referência, como meio de difusão da sua voz, canal de expressão de singularidades e realidades em detrimento da verticalização dos *media* (CARVALHO, 2011), hoje o letramento digital e as facilidades convencionadas pelas novas plataformas (e acesso a dispositivos técnicos de toda ordem) permitem que cada vez mais que os sujeitos sejam mediadores.

Todavia, é inegável a força que os coletivos têm (e aqui se esvai um pouco a ideia de veículo de comunicação). Na medida em que eles permitem uma aglutinação em torno de uma chancela, garantindo a livre expressão, acabam por potencializar a fala dos sujeitos – que poderiam (e ainda podem, mesmo fazendo parte dos grupos) empreender registro de modo isolado. Isso porque, em geral, os coletivos nascem de forma espontânea, do próprio interesse dessas pessoas que, sem compromissos outros (de capital, por exemplo), visam fortalecer a proposta delas de registro, com a adesão de amigos e/ou desconhecidos que compartilhem dos mesmos valores.

Tal como o *Indymedia* significou o baluarte de resistência, rompendo com os valores da mídia hegemônica (CARVALHO, 2011), hoje uma série de frentes comungam de perspectivas análogas, configurando-se na *web* de formas distintas. A multidão, então, não faz apenas o jornalismo, mas faz a experimentação, a mediação, a performance dela, dá a ver a si mesma da forma como lhe convém, quando e onde quiser, num alinhamento com iguais que estão nas redes e nas ruas.

Nesse sentido, cabe a análise desse movimento de mediação; e um dos primeiros problemas a se resolver em uma pesquisa como esta é conceitual, haja vista a profusão terminológica. Determinar sobre o que estamos falando passa por uma discussão acerca de

nomenclaturas que, não sem motivos, ajudam senão a assentar as ideias e a cercar o campo de atuação, ao menos facilita o processo de problematização em torno das perspectivas da comunicação. Mais do que isso, auxilia a pensar sobre o objeto que aqui vamos analisar.

2.3.1 Dos veículos alternativos e outras terminologias

Quem tem consciência para ter coragem.
 Quem tem a força de saber que existe.
 E no centro da própria engrenagem,
 Inventa a contra-mola que resiste.
 (João Ricardo; João Apolinário).

De saída, talvez o mais apropriado fosse fazer remissão ao título desta seção. Estamos a observar os veículos alternativos. Mas, alternativos a quê? Tem-se um amplo domínio midiático composto por dezenas de veículos, e hoje também sujeitos sem vínculos, que se alvitram a mediar a informação para um universo incontável de iguais que, a seu turno, assumem uma ponta receptora, a ser intercedida. A origem etimológica, latina, da palavra alternativa já prevê, como se reconhece no senso comum, as opções. Nesse contexto, de forma rasa, quando se têm duas ou mais instâncias de mediação já se apresentaria espaço de escolha, de eleição. Uma mídia seria naturalmente alternativa a outra. Todavia, se fala de um caminho de variação em relação aos *media*, uma contramola.

Comparações entre o trabalho da mídia alternativa e o da tradicional parecem inevitáveis. Ainda que este não seja o nosso propósito principal, visamos compreender qual é o lugar que o Mídia Ninja ocupa no domínio midiático nacional por meio de sua *práxis*. Assim, não seria questionável se inferências sobre o campo (pensado de forma genérica) da comunicação fossem estabelecidas.

Um estudo desenvolvido por Platon e Deuze, por exemplo, se propôs a interrogar, ainda que em 2003 (bem verdade que as práticas se refinaram desde então), se a mídia corporativa poderia ser capaz de incorporar os princípios e as ideias do modelo alternativo *on-line* (tendo como objeto a *Indymedia*). A resposta foi “não”. Para os autores, ainda que o trabalho dos chamados alternativos passe por dificuldades análogas às do jornalismo tradicional, as formas de resolver esses problemas pelos primeiros são fundamentadas em interpretações radicalmente diferentes da ideologia midiática padrão.

Para grifar tal perspectiva, segundo Mark Fonseca Rendeiro (2003), a brincadeira entre os teóricos da área para definir de forma direta e geral a mídia alternativa é: “Ela não é

(a) *mainstream*”⁴⁶. Todavia, tal autor português traz uma interessante contribuição para definições localizadas acerca desse campo, estabelecendo um modelo de comparação entre as duas instâncias a partir do qual se pode verificar as interseções e diferenças em vários níveis. Para isso, ele vale-se de uma série de abordagens, incluindo autores como Cris Atton (1999; 2001; 2002), Lewes (2000), Armstrong (1981), Albert (1997) e Downing (2004).

A exemplo, em um plano individual, Rendeiro (2003, p. 12) dirá que, ao passo que os jornalistas dos *media* atuam sob a égide de regras e tradições, os alternativos estão mais no plano da experimentação, ou de normas mais flexíveis e adaptadas a determinadas realidades. Todavia, ao passo que os dois têm a “noção de responsabilidade cívica como a sua luz guia”, são os do segundo grupo que interpretam de forma mais direta e correlacional à efetiva mudança social tal perspectiva.

Nesse contexto, a mídia alternativa, em detrimento da prática jornalística padrão, que se vale, por exemplo, da objetividade, investe, a seu turno, no envolvimento com as comunidades, o que gera uma produção dilatada, fortemente influenciada por uma espécie de ideologia que governa mais do que uma obrigação, mas uma pré-disposição.

Ao passo que a mídia *mainstream* se afasta (na prática) do público, a alternativa reconecta a mediação com os sujeitos ordinários, alinhando os representantes dela como iguais àqueles que são representados nas produções. Acerca das rotinas, na mídia alternativa há mais espaço e flexibilidade para que sejam discutidos e apresentados temas que não seriam veiculados com tanta facilidade e espaço nos veículos de massa. Uma das justificativas seria justamente essa aproximação entre as partes (RENDEIRO, 2003).

Enquanto nos *media* têm-se *gatekeepers* com formação em jornalismo, que escolhem, de forma verticalizada e sob técnicas de valor-notícia, o que será produzido/veiculado ou não, nos canais alternativos têm-se sujeitos das mais várias ordens como autores, inclusive aqueles que estão diretamente envolvidos na temática. O que está em discussão é conteúdo e forma, numa abordagem que não segue muito modelos pré-concebidos, compreendendo a informação (e a ação) como preocupação principal. Para além disso, questões como imparcialidade sequer são discutidas, dado que se tem uma via alternativa exatamente para, de certo modo, questionar as frentes afastadas que, ao seu modo, falam de temas sobre os quais não conhecem e nos quais não estão diretamente envolvidos. (RENDEIRO, 2003).

Para Rendeiro (2003, p. 14, grifo no original), “[...] a imprensa alternativa apaixonadamente aborda temas que normalmente seriam considerados tabu, ou muito

⁴⁶ Em referência direta à mídia de massa.

controversos, pelos meios de comunicação que [por sua vez] buscam agradar patrocinadores, poderosos ou leitores ‘sensíveis’”. O que está colocado para os alternativos, então, é um desligamento de interesses, senão aqueles que claramente defendem. Não há compromisso com o capital (ainda que seja necessário para subsistência) e nem preocupação com terceiros que se poderiam ofender com temáticas ou métricas adotadas pelos veículos do gênero.

Para Rendeiro (2003), a mídia alternativa dá prioridade às vozes marginalizadas e se esforça para alcançar um tipo de envolvimento das comunidades de modo tal que se mantenha um espaço no qual haja reconhecimento, expressão e trocas. Nesse contexto, em muitos casos a linha tênue entre escritores, leitores e produtores poderia ser facilmente (e sem problemas) quebrada.

Do ponto de vista da organização estrutural, a mídia alternativa em geral compromete-se com a ação comunitária, com investigações criteriosas e aprofundadas, na busca por soluções para os problemas, ou no mínimo para a compreensão dele de forma mais ampla e precisa. Para tanto, é preciso ter equipe engajada e proativa. Todavia, o grupo precisa de liberdade para trabalhar. Nesse sentido, para Rendeiro (2003) o processo produtivo deve ser o mais democrático possível no que concerne às tomadas de decisão.

Tradicionalmente (e até pelo número reduzido de envolvidos), as estruturas de mídia alternativa são mais horizontais, achatando as hierarquias – o que repercute num comportamento mais autônomo e participativo de todas as peças. Em alguns casos, parcerias externas são válidas. O cuidado é para que, diferente da mídia de massa, não haja intervenções na política editorial e no trabalho alternativo (no caso dos *media*, muitas vezes influenciados pelo capital financeiro).

Isto é, o vínculo com movimentos sociais parece ser positivo (quando a mídia alternativa já não é estruturada exatamente dentro destes). Todavia, é preciso ter atenção para que intervenções ideológicas, que diferem das de base do veículo, não estabeleçam choques, limitações e/ou não se sobreponham às propostas originais. A questão do envolvimento político também pode ser um complicador.

Raboy (1984 apud DOWNING, 2004), em estudo sobre as mídias alternativas e convencionais e os movimentos nacionalistas no Canadá, já chamava a atenção para os impactos que um sectarismo esquerdista pode causar à lógica da mídia dos movimentos sociais.

O último nível que Rendeiro (2003) expõe é o, já tratado, ideológico. Para o autor, essa é a principal diferença entre a mídia alternativa e a de massa. Para ele, baseando-se em Lewes (2000), a perspectiva da primeira enxerga uma distribuição desigual de poder, que visa

a manutenção da marginalização de grupos minoritários. Para tanto, além da exposição dessa irregularidade social, os veículos do gênero visam agir sobre tal situação. Essa parece ser a pedra fundamental da mídia alternativa, princípio basilar e valor guia de todo um conjunto de ações correlacionadas.

Trazemos à discussão o trabalho de uma das principais referências brasileiras, Cecília Peruzzo, que parece concordar com boa parte do que aparece no trabalho de Rendeiro (2003). A autora incita que as diferenças entre os *media* e as mídias alternativas são de início observáveis logo no direcionamento político-ideológico dessas últimas, a influenciar no comportamento editorial delas, características estruturais e formas de edificação de sentido, entre outros feitos. Em resumo,

[...] a comunicação alternativa representa uma contra-comunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social. (PERUZZO, 2008, p. 2).

Todavia, a autora assinala ainda a largura do termo e a forma como, abertamente, foi sendo utilizado para classificar e qualificar uma série de investidas no Brasil (e no mundo). Nesse contexto, Peruzzo (2008) faz questão de assinalar a importância de se compreender a ideia de alternativa(o) não apenas na concepção do trabalho de determinados veículos e produtos (como os impressos), tampouco exclusivamente à produção articulada por grupos sociais estigmatizados, mas se pautando pela comunicação livre, de quem quer que seja, desvinculado “[...] de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador” (p. 3).

Faz certo sentido então, nesse contexto, apontar a ideia de que, quando falamos de mídia alternativa, ao primeiro termo da composição arrolamos o conjunto de investidas de mediação, e não apenas os suportes e veículos correlacionados, que são partes importantes do processo. Aproveitando do ensejo colocado pela leitura de Peruzzo (2008), quando a autora faz menção à comunicação livre, logo nos remetemos a mais um conceito correlacionado.

Entende-se mídia livre como um conjunto de investidas independentes que têm como norte o acesso à informação e ao conhecimento e a democratização dos processos comunicativos, atuando em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, em consonância com as particularidades socioculturais. Tal conceito vem adaptado do, regularmente realizado, Fórum Mundial de Mídia Livre (FMML). A edição de 2015 do evento, articulada na Tunísia,

protocolou uma carta global, resultado de diversas reflexões e discussões, explanando e ratificando determinadas perspectivas.

Acerca da terminologia, as instituições parceiras que conformam o FMML reconhecem que a expressão mídia livre (do inglês *free media*) é ampla e cabível de interpretações errôneas, dadas, sobretudo, as perspectivas de língua e linguagem em cada país que abarca iniciativas do gênero. Todavia, a escolha dá-se precisamente, pois “[...] ele nos reúne em torno de práticas comuns, baseadas na busca por autonomia diante das lógicas comerciais ou estatais, na luta contra todas as formas de dominação e no desejo de garantir espaços de expressão abertos.” (FMML, 2015, n. p.).

De acordo com as frentes do Fórum, a Mídia Livre deve servir às demandas comunitárias, atentar-se à representação das vozes minoritárias nas diversas lutas sociais, defender e promover a liberdade de expressão irrestrita e praticar licenças de uso coletivo, não se preocupando com as nuances de direito autoral e com as visadas econômicas. Para tanto, afirmam que as “[...] fontes de financiamento, quando existem, não condicionam nossa maneira de comunicar nem nossa linha editorial” (FMML, 2015, n. p.).

Reforça-se, contudo, que a perspectiva de base é a defesa da democratização da comunicação e o acesso facilitado à informação, qualquer que seja. A contribuição com causas sociais viria então associada a essa postura primária. É o que indicam os quatorze eixos estratégicos, que revelam prioridades de atuação na carta do Fórum. O mesmo documento aponta para um esclarecimento em relação à Mídia Livre que a conformaria não apenas como um conjunto de ações que despontam um ofício.

Em certa medida, tem-se o reivindicar de uma filosofia, do reconhecimento de uma espécie de *ethos* em torno das frentes *free media*. É o que distinguem as particularidades e responsabilidades na carta e parece ser aqui que o amparo do social se apresenta de forma clara. Entre outras prerrogativas, a referida seção indica que os midialivristas apresentam outras formas de viver; atuam na capacitação crítica (educação popular) dos sujeitos que os acompanham; querem aportar as transformações sociais, econômicas, ecológicas e democráticas em todo o mundo, primando pela defesa dos direitos humanos e contra todas as formas de opressão e fundamentalismo; defendem os interesses de grupos sociais oprimidos; privilegiam a tolerância, a pluralidade de vozes e a distribuição de poder; lutam contra discursos de ódio e preconceitos (sobretudo na internet); rejeitam a mercantilização das identidades digitais e promovem a partilha de conhecimento por meio do uso de licenças livres e padrões abertos (FMML, 2015).

Buscando leitura teórica, a prática de Mídia Livre, o midialivrisimo, para Malini e Antoun (2013), é o próprio ativismo midiático (que, em nossa opinião, em verdade seria responsável pela criação de outra terminologia, vista com mais destaque nas próximas páginas: o midiativismo⁴⁷). Todavia, os autores separam a atuação deste em “midialivrisimo de massa” e “midialivrista ciberativista”. Grosso modo, enquanto o primeiro responde ao viés alternativo, conformando-se muitas vezes pelo próprio investimento de movimentos sociais, o segundo é representado pelo universo de possibilidades ofertado pelas novas tecnologias, compreendendo o cooperativismo digital que visa uma produção de sentido livre, autônoma, irrestrita e em fluxo.

Para os autores, enquanto “[...] o midialivrisimo de massa quer se liberar do poder concentrador da propriedade dos meios de comunicação; o ciberativista quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo a liberdade de expressão” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 22). O que está em jogo nos dois casos, todavia, é o questionamento à centralização da construção de sentidos nas mãos dos *media* (e de outras estruturas hegemônicas), reivindicando a horizontalidade nas relações e a circulação livre de saberes.

Para os autores, ao passo que o midialivrisimo de massa surge, no Brasil, no período de ditadura (período que outros autores dirão que é o apogeu da imprensa alternativa⁴⁸ no país), o midialivrisimo ciberativismo tem ascendência nos movimentos da contracultura. Na década de 1980, eles encontram-se em uma simbiose que tem por intento a tomada de voz por parte da ponta antes apenas mediada, num período de forte emersão da globalização e maior acessibilidade aos bens midiáticos – e da espetacularização de massa (MALINI; ANTOUN, 2013).

Em linhas gerais, hoje se compõe, então, mais do que espaço para a manifestação de mídias livres, mas de midialivristas, sujeitos desvinculados das composições, podendo ser chamados até de mídia-estocásticos (dada a presença dos dispositivos técnicos quase como prótese, sempre a mão, e da emergência evenemencial aleatória). É nesse sentido então que se

⁴⁷ A confusão entre os termos semelha ser uma constante. Alguns autores, como Cardon e Granjon (2013), parecem até criar um conceito híbrido, amalgamando bem perspectivas que são mais localizadas em cada uma das esferas, chancelando, contudo, com o nome de midiativismo.

⁴⁸ É interessante observar assim uma transformação que as nomenclaturas ligadas às formas de comunicação que diferem da dos *media* vão sofrendo ao longo do tempo no Brasil. Parente (2014) assinala essa passagem de alternativo (com ápice na ditadura) para popular (no final da década de 1970, posto um comportamento dessas investidas midiáticas mais voltadas para a educação), chegando ao comunitário em meados de 1990. “É importante observarmos que a base do conceito é a mesma, ou seja, tratam-se de formas de expressão de segmentos excluídos da população em processo de mobilização, visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política” (p. 6).

poderia falar mais adequadamente em coletivos de midialivristas do que em veículos de mídia livre na contemporaneidade.

Para Malini e Antoun (2013, p. 23), o midialivrista seria então

[...] o hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses hackers captam a dimensão hype de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. Essa narrativa hackeada, ao ser submetida ao compartilhamento do muitos-muitos, gera um ruído cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato.

O midialivrismo contemporâneo faz uso, sobretudo, das potencialidades da *Internet*. A principal característica que se tem com tal condição dispositiva é a aparente ausência de controle das instâncias de poder e o sustentáculo de relações horizontais com iguais, permitindo o fortalecimento de laços em torno de causas de grupos dos mais diversos. Nesse contexto, cai com o midialivrismo a ideia de existência e necessidade de baluartes de mediação, dado que as próprias condições dos novos meios permitem que cada sujeito se relacione de forma direta.

Não obstante, o Fórum de Mídia Livre lembra que a atuação dos coletivos e midialivristas não se restringe ao uso da *Internet*. As formas de expressão estão, para além dos suportes, no desenvolvimento experimental da informação sob diferentes métodos de comunicação “[...] humana, intercultural, horizontal, não-violenta, aberta, descentralizada, transparente, inclusiva e compartilhada, através de múltiplos instrumentos e formas de expressão (rádio, televisão, audiovisual, imprensa, internet)” (FMML, 20015, n. p.).

A *web*, contudo, destaca-se pelas reconhecidas facilidades, incluindo as de aspecto econômico e de manutenção. Nesse contexto, os midialivristas elevam o tom e pretendem “[...] radicalizar o princípio da ‘ação direta’ que caracteriza a internet” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 24). A perspectiva é menos literal, e mais ligada ao uso efetivo das potencialidades dispositivas. Todavia, coloca-se em xeque outro conceito correlacionado: o de mídia radical. Um expoente do termo é John Downing (2004).

Todavia, vale registrar antes que Cris Atton (2002) aponta uma linha tênue em relação ao conceito de *alternative media*. Segundo o autor, enquanto o primeiro termo indica um comportamento mais preocupado com a mudança social (muitas vezes baseado até em um procedimento revolucionário, por assim dizer), o segundo é mais flexível quanto a essa

perspectiva. Nesse contexto, a mídia radical seria não apenas uma variação, mas uma especificidade das investidas alternativas, mais incisiva quanto ao aspecto de inserção nos fatos dos quais dá conta de narrar e causas que pretende defender. Talvez por isso John Downing prefira se referir com frequência à terminologia Mídia Radical Alternativa (MRA).

Para o autor, existe uma variedade muito grande de mídias alternativas que respondem de forma pontual ao que listamos anteriormente. Quando, contudo, o veículo e os integrantes dele assumem uma atitude que vai ao cerne das questões que ambicionam acastelar, quando vertem forças combativas (o que não significa ir às vias de fato) à opressão – assumindo um comportamento menos passivo e de relato –, quando há um confronto com edificação de sentido político (na concepção mais ampla do termo), tem-se a demonstração de origens, de raiz, radical. Para tanto, em resumo,

[...] o universo da mídia radical alternativa é bem maior do que se pode imaginar. A título de ilustração podemos citar alguns exemplos, que não se restringem aos meios de massa que estamos acostumados: TV, rádio, jornal, cinema. Podemos qualificar como mídia radical: as canções populares, como a música negra de vários países, a dança afro-americana, o grafite praticado por gangues de jovens, a cultura hip-hop, o vestuário - que eu denomino mídia têxtil, como os que eram utilizados na Guatemala durante a ditadura militar. As colchas sul-americanas que eram usadas de forma clandestina, broches e buttons. Adesivos de pára-choques de caminhões, rock de garagem, teatro de rua, e aí falo sempre no brasileiro Augusto Boal e seu Teatro dos Oprimidos, vídeos populares, TVs comunitárias, rádios comunitárias e de acesso ao povo. E muitos movimentos que hoje se encontram na Internet. Para mim a mídia radical alternativa está onde a base de tudo é a comunicação entre pessoas ativas, e essa comunicação possa ou não, ser mediada por aparelhos. (CAVALLI; DOWNING, 2009, p. 6).

Em obra seminal, Downing (2004) apresenta uma série de perspectivas ligadas ao campo da MRA e destaca a centralidade dela para o exercício das atividades de movimentos sociais. Entre tantas observações de destaque, o autor dirá, por exemplo, que a emergência desses grupos de representação está intimamente ligada à constituição paralela de mídias radicais. “Nas épocas em que esses movimentos refluem, o fluxo da mídia alternativa também diminui. A relação ente os movimentos sociais e a mídia radical não é uma relação de base e superestrutura, mas de forte interdependência dialética” (p. 55).

Vale conjecturar então que esses veículos (tal como o Mídia Ninja, objeto de análise nesta tese) não têm vinculação direta com movimentos sociais, ofertando, contudo, suporte de transmissão das ações deles – a vários deles. Como hipótese, poder-se-ia colocar que a ampliação de focos de atuação pode representar uma manutenção da atuação, dado envolvimento com causas diversas.

Tal heterogeneidade é marca de diversos veículos contemporâneos, que emergem com as Jornadas de Junho de 2013. Não obstante, apesar do destaque de alguns, outros tantos se mantêm à sombra de uma fidelidade midiática e não se tem como aferir quais deles de fato continuam um processo de registro social – dado, inclusive, a um esfriamento das ruas no país pós-2013. De acordo com Downing (2004, p. 60), “[...] é quase da natureza dessa mídia o fato de que, com frequência, não se possa medi-la nem contá-la, e que seja tão pouco conhecida nos círculos oficiais ou fora de sua localidade [...] seu poder é mal avaliado, porque ela está fora do estereótipo da mídia convencional”.

Esse é um problema de ordem quantitativa. Isto é, não se tem uma adesão ampla de público que poderia, em verdade, assumir um comportamento ativo frente às propostas colocadas pelos veículos em destaque. Downing (2004) aponta o lugar central da audiência para a mídia radical alternativa. Conforme já se colocava anteriormente, a recepção desse tipo de coletivos midiáticos “[...] elabora e molda os produtos da mídia, e não apenas absorve passivamente suas mensagens”, apresentando talvez a forma mais atuante de auditório nas culturas populares (DOWNING, 2004, p. 38).

Nesse sentido, a mídia radical alternativa teria condições de propor um trabalho crítico àqueles que a acompanha. Downing (2004) dá-nos um exemplo:

se o conteúdo da mídia radical alternativa sugere que a estrutura econômica ou política necessita urgentemente de certas mudanças, embora seja bem claro que, no presente, tais mudanças são inimagináveis, então o papel dessa mídia é manter viva a visão de como as coisas poderiam ser, até um momento na história em que sejam de fato exequíveis. (p. 41).

Não é um comportamento ilusório, de ascensão de utopias, mas de luta por mudanças sociais que impactem na vida de sujeitos excluídos e oprimidos por múltiplas formas e por diversas fontes. É o estabelecimento de uma resistência, não apenas física, mas simbólica. Uma resistência, contudo, que prevê o diálogo, o mais horizontal possível, diferente daquele proposto pelos *media* que, eles sim, são não apenas quiméricos, mas, em geral, irrealis. “Inserir a mídia radical alternativa nesse contexto mais amplo do poder do Estado, da hegemonia e da insubordinação é um passo necessário para entendê-la” (DOWNING, 2004, p. 54).

O exercício de resistência, nesses contextos, é não só das causas, mas do próprio aferro da MRA (sua manutenção). Quanto mais barulho fizer, mais tenderá a ser minimizada, menosprezada e até infamada pela macroestrutura. Entre os descréditos, tende a ser rebaixado

a um mero e interessante experimento para viciados em cultura revolucionária, caminho que Downing (2004) alerta que deve ser evitado de todas as formas.

Afinal, segundo o autor, em pergunta retórica que pretende avaliar a condição da mídia alternativa radical alternativa como viga mestre da comunicação democrática,

[...] apesar de imperfeita, imensamente variada e não necessariamente de oposição, muito dessa mídia contribui de fato, em diferentes graus, para essa missão, de forma mais verdadeira que a mídia estabelecida e de maneiras muitas vezes surpreendentes, levando-se em conta sua excepcional escassez de recursos. (DOWNING, 2004, p. 79).

Por fim, vale ratificar o registro do autor sobre a manutenção dos intentos da mídia radical que, ao longo da história, mostrou ser de “[...] de sobrevivência e tensão perante a hostilidade veemente e às vezes mortal das autoridades” (DOWNIN, 2004, p. 54). Nesse contexto, as iniciativas alternativas muitas vezes tiveram que ficar nos guetos, escondidas, mascaradas. Isso faz lembrar outro conceito que pode ser de interesse aqui: mídia de guerrilha.

Em uma revisão de literatura, encontramos diversos textos, das mais variadas frentes, que categoricamente afirmam que o *corpus* desta tese faz, em verdade, jornalismo de guerrilha. O problema não está na afirmação, mas na ausência de sustentação. O termo e variações, como mídia de guerrilha, guerrilha jornalística, imprensa de guerrilha, entre outros, quase sempre são utilizados mais em uma forma adjetiva do que substantiva para definir uma série de coletivos e atividades midialivristas, midiativistas e alternativas, em geral.

O problema agrava-se, pois, em uma busca por referências no Brasil, quase não se encontram textos acadêmicos que dão fundamentação teórica. A solução então foi buscar fontes em outros idiomas, como no inglês *Guerrilla Journalism* (ou *Guerilla*). Contudo, na língua anglo-saxã, a utilização da expressão na condição qualificadora e não classificadora parece ser ainda maior (ainda que uma série de boas fontes tenham sido localizadas).

No Brasil se encontra apenas um livro que estampa o termo jornalismo de guerrilha⁴⁹ na capa; aliás, esse é o título da obra de Rivaldo Chinem (2004). O trabalho configura-se em um detalhado histórico do comportamento da mídia impressa e de seus jornalistas durante os anos de chumbo no Brasil. Inclusive, o autor dedica atenção aos jornais que se caracterizavam

⁴⁹ Preferimos adotar aqui o termo “jornalismo de guerrilha”, para não haver qualquer ambiguidade (inicial), posto que há uma área nos estudos da publicidade e do *marketing*, mais consolidada até talvez, denominada “mídia de guerrilha”. As disposições em contrário, que porventura poderiam questionar o primeiro termo da composição (Jornalismo), certamente cessarão ao verificarem que, mais algumas páginas à frente, indicamos que os adeptos dessa frente comunicacional não necessariamente precisam ter formação acadêmica na área supracitada.

pela oposição intransigente ao regime militar e, em mais uma compilação que demonstra a dificuldade com as definições de nomenclatura, “[...] ficaram conhecidos como ‘imprensa alternativa’, ‘nanica’, ‘de leitor’, ‘independente’ e *underground*.” (CHINEM, 2004, p. 7, grifos no original).

Contudo, Chinem (2004) não fez um trabalho se preocupando com o academicismo. É mais um relato de alguém que acompanhou o nascimento, desenvolvimento, resistência e morte de diversos veículos no período pré e pós-AI5, cheio de comentários curiosos e citações de colegas que viveram o período. Isso não tira o valor do livro; ao contrário, como se percebe. É uma daquelas leituras incessantes, que se encerra em um dia. Porém, falta-lhe, de forma clara, o conceito que buscamos. Nas 144 páginas de efetivo conteúdo, a palavra guerrilha é citada três ou quatro vezes.

E é apenas na última folha do livro, quando tece comentários sobre a importância da *Internet* nos tempos atuais, que utiliza a expressão de forma mais direta; afirma que, atualmente, grupos estigmatizados e movimentos sociais têm uma oportunidade ímpar de empreender a própria comunicação deles, deixando de ser invisíveis, fazendo “[...] a seu modo uma espécie de guerrilha, que bravos jornalistas um dia fizeram na imprensa alternativa.” (CHINEM, 2004, p. 150).

Mylton Severiano da Silva, o Myltainho, que passou por diversos veículos (alternativos e de massa), lembra que

[...] contestar o regime implicava risco de vida. Uns pegaram em armas. Foram aplastrados ou se mandaram para o exílio. Nós, agrupados em comunidades, fundávamos um jornal atrás do outro. Pegar em armas, tínhamos concluído, era suicídio. Mas muitos de nós apoiamos os guerrilheiros que a mídia até hoje ainda chama de terroristas. (CHINEM, 2004, p. 100).

É nesse sentido, talvez, que Chinem (2004) enquadre a mídia alternativa da época como de guerrilha: os jornalistas tinham as palavras e os desenhos como arma, havia contestação como forma de resistência, a insistência em tratar e revelar ao público temas que eram proibidos não de forma velada, pois todos sabiam da presença dos militares nas redações, das retiradas de impressos de circulação, das prisões – mas a censura, durante muito tempo, não foi oficializada pelo governo.

Havia uma lista, secreta (não divulgada, mas de conhecimento dos censores e dos jornalistas), com pelo menos dez motes que não poderiam pautar matérias jornalísticas, além de uma série de outras inferências, muitas delas ridículas, colocadas de forma muito subjetiva por quem avaliava as produções jornalísticas, que vetavam desde críticas ao governo, até

expressões que supostamente feriam os bons costumes, repreendendo até textos clássicos de Freud a dicas de xadrez (o jogo, sim) (CHINEM, 2004).

Quem não seguia a mão pesada da censura ditatorial era preso. Muitos simplesmente sumiam. Alguns morriam em situações inexplicáveis, mas contestáveis. O jornalista Vladimir Herzog, o Vlado, foi assassinado em 1975 – não sem antes terem tentado simular um suicídio. Entre os motivos que depois foram descobertos para tal pena (indicados pelo Serviço Nacional de Informações – SNI) –, estava o de ser um causador de agitação.

Ainda assim, jornais como *Pasquim*, *Opinião* e *Movimento* – os mais representativos para Chinem (2004) –, além de *Binômio* (considerado o precursor da imprensa alternativa no Brasil), *Pif-Paf* (de Millôr Fernandes), *Ex-* (que daria origem ao impresso *Caros Amigos*), *Versus*, *Repórter*, *Coojornal*, entre muitos outros, mantinham-se com a firme intenção de contrariar o sistema e apresentar, em meio a uma série de dificuldades (financeiras, pressão militar, ações terroristas de grupos paramilitares), não uma versão diferente dos fatos, mas muitas vezes a única que aparecia em meio ao cerco à liberdade de expressão.

Mas esse comportamento não é mérito apenas de jornalistas brasileiros. Há dois exemplos nada peculiares, Nigéria e Vietnã, entre os países que encontraram na mídia alternativa uma forma de fugir à censura característica dos regimes ditatoriais. A Nigéria, que viveu anos de ditadura, teve os meios de comunicação alternativos com um papel importante nas lutas pela democratização do país. Assim como no Brasil, havia censura, fechamento de veículos, detenção e rapto de jornalistas, desaparecimentos misteriosos de figuras importantes da oposição, entre outras ações arbitrárias. Ainda assim, segundo Olukotun (2004), houve resistência dos profissionais da área, mantendo o compromisso deles em divulgar fatos relevantes da dinâmica política do país, instituindo, segundo o autor, táticas de jornalismo de guerrilha naquele país. Peycam (2012) também fala de jornalismo de guerrilha no Vietnã. O então jovem jornalista Lãm Hiep Châm foi o responsável pela criação e distribuição do impresso *Jeunne Annam*, em março de 1926, que só durou uma edição, num período conturbado politicamente naquele país. Lãm “[...] criou um precedente para a nova forma de jornalismo de desafio direto às autoridades coloniais, que se repetiu nos anos seguintes. O objetivo deste jornalismo de guerrilha era provocar reações oficiais e polarizar a opinião pública vietnamita contra o regime.” (PEYCAM, 2012, p. 195).

Ainda assim, o jornalismo de guerrilha nos termos em que estamos colocando, parece ter florescido durante a Segunda Guerra Mundial, sobretudo com os esforços dos judeus para resistirem às investidas dos nazistas em ocupações em países como Polônia e Holanda. Nos Países Baixos, inclusive, alguns dos impressos viriam a se efetivar anos mais tarde como

produtos legitimados e de grande circulação (OJEBODE, 2010; FELDBRUGE, 1975; KERMISH, 1962).

Para Ojebode (2010), o jornalismo de guerrilha é assim efeito colateral do estado repressivo. Pelas características dele, pretende agir contra o monopólio de informações controlado pelo governo. Isso, contudo, parece ser demanda dos cidadãos, que têm sede de vozes alternativas e novas interpretações dos acontecimentos. Esse pleito da sociedade não se dá apenas por um desejo curioso, mas é uma necessidade de saber, quase questão de sobrevivência frente a uma atmosfera de medos, incertezas, e a uma realidade contestável, normalmente propagada e ajuizada pelos comandantes do país.

Ojebode (2010) indica que o jornalismo de guerrilha pode responder então a um regime de repressão e/ou a uma demanda de construção/desenvolvimento/recuperação de cidadania de uma determinada sociedade. Ele não precisa necessariamente ser feito ou composto por jornalistas. Grupos insurgentes podem ter ações específicas de mídia de guerrilha. As iniciativas, contudo, podem não ter filiação política, envolvimento direto com grupos armados ou movimentos sociais. Pessoas comuns podem implementar o exercício do jornalismo de guerrilha. Por fim, conforme indica Ojebode (2010), pode haver uma troca entre políticos de oposição e jornalistas, quando os primeiros ofertam proteção e apoio logístico em troca de veiculação de argumentos e pontos de vista.

Ainda segundo Ojebode (2010), a dinâmica do jornalismo de guerrilha é muito semelhante nos diversos países e situações em que ocorreu: produção, muitas vezes, de baixa qualidade (o que parece diferir um pouco do que fora realizado no Brasil na ditadura militar, com uma preocupação estética atenta em alguns veículos) e em locais improvisados (no meio do mato, no caso da Nigéria), em constante movimento (ou troca de sede), distribuindo (no caso dos impressos) clandestinamente.

Quando procuramos avançar na busca pelos conceitos, começamos a encontrar, porém, algumas contradições. O professor Antônio Brasil (2006), considera que “[...] jornalismo de guerrilha reflete o processo sistemático de qualquer vontade pessoal para absorver registro, procurar, ou rever os detalhes de uma perspectiva pessoal única, documentá-la, e, em seguida, distribuir ou divulgar o conteúdo que resulta” (p. 9).

Interessante observar que Chinem (2004) destaca que até os jornais alternativos da época da ditadura militar seguiam uma espécie de política editorial que refletia os interesses do(s) dono(s) do veículo. As exceções estariam em *Pasquim* (que, segundo Luiz Carlos Maciel, era um “órgão de imprensa completamente anticonvencional”, justamente por não ter uma linha de trabalho definida e cada colaborador expressar o que sentia/pensava) e, em certa

medida, o *Movimento* (CHINEM, 2004, p. 92). Nesse sentido, acentua-se a perspectiva de liderança na guerrilha frente à ideia de propriedade.

Mas retornando a Antônio Brasil (2006), o professor dirá ainda que “[...] o conceito de ‘jornalismo de guerrilha’ está ligado ao desenvolvimento do jornalismo *online*” (p. 9). Para ele, a ideia desse termo está unida, como já apontávamos anteriormente, ao registro individual, da possibilidade de qualquer sujeito se tornar um mediador de informação em razão da multiplicidade de ofertas de mecanismos, suportes e plataformas advindos com as novas tecnologias e com a *web*.

O autor aponta, em verdade, uma inversão desses valores, com destaque para os apetrechos tecnológicos, ao dizer que

[...] o que traz o jornalismo de guerrilha para a vanguarda da evolução da comunicação de hoje não é a capacidade de simplesmente expressar os seus próprios pontos de vista como notícia. Pelo contrário, são os avanços em dispositivos de tecnologia de consumo, tais como filmadoras, dispositivos de gravação digital, câmeras digitais, e até mesmo telefones celulares que funcionam como transmissores de vídeo. (BRASIL, 2006, p. 9).

Por maior apreço que tenhamos ao professor Antonio Brasil⁵⁰, teremos que discordar desse último ponto de vista. Achamos importante sinalizar o argumento dele aqui, porém um tanto para demonstrar a dificuldade na definição do termo, haja vista a contradição frente a um conceito com tão pouca aplicação acadêmica (e maior no senso comum).

Contudo, a questão da emergência de novas tecnologias da informação e comunicação parecem mesmo ter dado novos contornos ao conceito de jornalismo de guerrilha – ainda que consideremos que este insurja em períodos sociopolíticos conturbados, como o da ditadura militar brasileira, independentemente das plataformas. Contudo, como parêntese, vale a nota sobre a disciplina ministrada no curso de estudos da comunicação na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Lá, a ementa da conta do:

[...] cruzamento da produção profissional de mídia e ativismo político, os jornalistas guerrilheiros usam câmeras, microfones e edição pós-produção para elaborar processos midiáticos. Os alunos irão formar "coletivos de mídia", produzirão projetos de áudio e vídeo, e farão o *upload* desses projetos para a internet. As atividades incluirão instrução formal sobre o uso do equipamento, composição de vídeo, estratégias de distribuição, bem como o papel do jornalismo de guerrilha no ativismo cívico (UNIVERSIDADE DE MANCHESTER, 2016)⁵¹.

⁵⁰ Ressalvamos que o professor Antônio Brasil pensa o conceito de jornalismo de guerrilha no seu referido trabalho para tratar de didáticas no ensino do jornalismo, mais especificamente com uma interessante iniciativa com uma TV *on-line* acadêmica. Importante ressaltar também que esta abordagem nasce a partir de uma outra frente de pesquisa, que trata da Guerrilha Tecnológica e que pode ser vista em Brasil (2002).

⁵¹ Disponível em: <<http://goo.gl/0R8yEi>>. Acesso em 16 maio 2016.

Como a sinopse da cadeira indica, ainda que seja dedicada atenção especial aos usos dos novos suportes eletrônicos e plataformas *web*, a questão do conteúdo, da motivação para este trabalho, é central no desenvolvimento da disciplina, pois, nos parece, é condição *sine qua non* para o exercício da atividade de jornalismo de guerrilha.

Para o jornalista Altamiro Borges (2014), que considera que o Mídia Ninja é uma mídia de guerrilha, os novos veículos alternativos no Brasil têm servido também para um enfrentamento simbólico com a mídia de massa tradicional (que não está ao lado do governo, como num passado de repressão aqui e em outros países), apresentando versões mais próximas dos fatos, contradizendo as construções verticalizadas dos primeiros – o que se coloca como uma ação de guerrilha informativa.

Apesar das várias iniciativas que surgiram nos tempos da *Internet* ainda não terem se consolidado com força no Brasil (sobretudo em comparação com outros países), para Borges (2014), elas têm incomodado muito os setores mais conservadores da sociedade, na medida em que ajudam a “quebrar o monopólio da palavra” (n. p.).

A professora holandesa Hille van der Kaa (2013) é uma das que vem se dedicando ao esforço de definir o que é jornalismo de guerrilha. Sua proposta vai numa linha um tanto inovadora, tentando delimitar o conceito em uma inter-relação com o *marketing* de guerrilha. Fundamentada em um dos principais nomes da área, Jay C. Levinson, a autora reforça as características desse campo da comunicação comercial que tem como características um orçamento de baixo custo e estratégias não convencionais, normalmente aplicadas por empresas de porte menor que não pretendem dominar um segmento, mas almejam atingir um amplo público.

Segundo van der Kaa (2013), essas perspectivas, ao serem adotadas pelo jornalismo, o condicionaria a particularidades determinantes. Assim, o jornalismo de guerrilha:

[...] funciona a partir de um orçamento limitado; [...] muitas vezes é criado espontaneamente, e os responsáveis contam [apenas] com os meios que têm disponíveis; [...] capaz de atingir um grande público e construir uma marca em um curto período de tempo; [...] pode crescer de forma explosiva; [...] é considerado uma fonte confiável: é um informante de confiança para outros *players* de mídia, bem como consumidores; [...] tem um curto período de preparação; [...] tem um efeito *hit-and-run*⁵² e inicialmente não significa para construir um relacionamento de longo prazo com o consumidor (mas é uma possibilidade); [...] A iniciativa normalmente só existe enquanto ao tema de notícias que está relatando; [...] é focado em um assunto ou evento; [...] se concentra em um evento específico ou assunto; [...] não é necessariamente para o lucro; [...] centra-se na cooperação em vez da

⁵² Expressão idiomática que, no contexto, aponta a possível efemeridade da ação de jornalismo de guerrilha.

competição; [...] pode usar a mídia de massa como um instrumento para crescer ainda mais; [...] usa as novas tecnologias, a fim de melhorar a sua posição; [...] as novas tecnologias permitem-no crescer. (p. 13-14).

A autora sinaliza, como se vê, muitas minudências que delimitam o conceito e o colocaria, inclusive, em contradições a outras experiências – já relatadas anteriormente. Nesse contexto, vale dizer, então, que a autora se motiva particularmente por um episódio, relativamente recente, acontecido em uma cidade do norte da Holanda, quando uma onda de ações de depredação foi registrada de forma independente por sujeitos comuns (desvinculados de veículos ou coletivos de comunicação), pautando inclusive a grande mídia. Nesse acontecimento, o mote acabara por ser um grande distúrbio nas ruas, mas não estava em questão uma prévia situação político-social conturbada ou a defesa de uma causa.

O que o cenário teórico nos aponta é que parece ser difícil contemplar uma definição englobante de jornalismo de guerrilha, e que seja possível delimitar um conceito que não venha a contradizer, de alguma forma, um pouco do que se tem em evidência. Não obstante, nos parece importante ao menos tentar, com base nos principais pontos indicados anteriormente⁵³.

Nesse sentido, entendemos que jornalismo de guerrilha seja: um conjunto de ações de comunicação, que pode se utilizar de diversas plataformas e suportes⁵⁴, devidamente planejadas e empreendidas por pessoas que visem não apenas transmitir informações para a sociedade, mas, por meio da mediação, posicionarem-se ao representar determinadas grupos sociais e os pleitos deles, empreendendo resistência simbólica a partir da disseminação do conhecimento e do enfrentamento com alas hegemônicas.

De forma mais didática, em quinze pontos, delimitamos a nossa visão de jornalismo de guerrilha, entendendo que ele⁵⁵:

- a) não surge apenas em momentos políticos conturbados, mas ganha mais apelo do público nesse contexto. Da mesma forma, não desaparecem necessariamente ao fim dos períodos de perturbação e caos, mas deixam de ter a mesma atenção de outrora, o que pode fazer com que percam o foco;

⁵³ Parecemos fugir aqui um pouco do tema e do objetivo de nossa tese, mas inferimos ser salutar definir o que é jornalismo de guerrilha, para caminhar com mais certezas para o próximo conceito, alvo de nossa pesquisa, o midiativismo.

⁵⁴ E não só as novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs).

⁵⁵ Parece claro, mas não custa citar, que as particularidades indicadas por outros autores, caso não estejam listadas nesses quinze pontos, têm a nossa respeitosa discordância quanto ao que, em nossa opinião, representa o jornalismo de guerrilha.

- b) representa, necessariamente, a causa de um ou mais grupos estigmatizados, perseguidos e/ou em embate com forças hegemônicas de poderio bélico, informacional, de capital financeiro, de governo e/ou de representação social; nesse sentido, ele segue e prefigura uma “ética cidadã” radicalizada, com traços de humanitarismo e de defesa de minorias e de excluídos. Nesse sentido, os articuladores das ações:
- não precisam necessariamente ser ligados aos grupos (movimento social, comitês, etc.) representantes da causa, mas precisamente devem dar visibilidade às atividades e demandas destes. Não obstante, entende-se que quanto mais vinculada a ação de informação estiver aos representados, mais e melhor os objetivos comunicacionais se efetivarão;
 - devem ter, de forma clara, um posicionamento contrário aos grupos opressores, o que sinaliza a parcialidade e defesa deles em relação a uma ética cidadã radical;
 - apoiam e são apoiados pelas massas. Nesse sentido, pode lhes ser dada legitimidade de representação quando não estão vinculados a um grupo social – a legitimidade deles dependerá, portanto, das estratégias de credibilidade e das características éticas de suas ações jornalísticas.
- c) prevê a constituição de uma nova sociedade, o fim de velhos paradigmas, mas devem ser contra-hegemônicos; ou seja, representam um posicionamento contrário a qualquer nível superior opressor, não objetando a troca do poder (ou que algum grupo representado o assuma), mas a igualdade entre os grupos sociais;
- d) não é feito necessariamente por jornalistas, mas seguramente por pessoas que tenham boa fluência na produção escrita e, quando for o caso, verbal, e que se alinhem ideologicamente às causas defendidas. Além disso:
- não precisa necessariamente ser feito por um veículo ou um coletivo de mídia. Pode ser, assim, iniciativa de, tão-somente, um cidadão.
- e) utiliza-se de plataformas/suportes (como armas) de mediação da informação com potencial para atingir um grande público;
- f) normalmente utiliza-se de plataformas/suportes de baixo custo, o que reflete em uma qualidade técnica inferior – o que não significa baixos predicados quanto ao conteúdo;
- g) não segue necessariamente uma cartilha jornalística padrão de produção da informação, entregando aos leitores/espectadores muitas vezes um tipo de produto variado e diferente do que se encontra tradicionalmente nos *mass media*, podendo até configurar gêneros híbridos (pois não se tem a preocupação com a chancela/rótulo de classificação); E por extensão:

- é produzido “sem o medo de errar” e, talvez por isso, cometa uma série de “equivocos”.
- h) tem como norte a gestão de informação para multiplicação e para uso “administrativo” próprio (saber, por exemplo, acerca de ações que podem estar sendo articuladas contra si), servindo-se de uma troca constante com fontes diversas e a população em geral (seu próprio público);
- i) composto por pessoas valentes, mas que devem se esconder e evitar a exposição. Em alguns casos, procurando manter em sigilo a identidade e imagem;
- j) composto por pessoas que têm o mesmo direcionamento ideológico, formando um time de informantes (jornalistas de guerrilha) homogêneo, mas que apresentam individualidade própria em relação ao material produzido;
- k) pode ter liderança, mas os informantes (jornalistas de guerrilha) são “gerais de si” quanto à produção do conteúdo. Porém, entende-se que quanto menor a liderança e maior for o envolvimento com a causa, maiores são as chances de consecução dos objetivos do jornalismo de guerrilha;
- l) utiliza-se de estratégias como a guerra de nervos para expor as fraquezas e desmoralizar os grupos opressores. Nesse sentido, o jornalismo de guerrilha não teria apenas uma visada de informação, como já apontávamos, mas responderiam a um contrato comunicativo com múltiplas frentes;
- m) não se limita à produção de notícias nas formas mais tradicionais de acontecimento “relatado” ou “comentado”, insistindo mais fortemente nas formas do acontecimento “provocado” (CHARAUDEAU, 2012).
- n) pode ter uma marca constituída e representativa em curto período e que pode crescer de forma explosiva, conforme prevê Van Der Kaa (2013);
- o) pode ser considerada uma fonte mais confiável, devido ao declarado posicionamento e afastamento do capital e das alianças político-partidárias (haveria um efeito de sentido que remete ao saber sobre o que esperar do jornalista de guerrilha, atendida essa particularidade contratual);
- p) não visa o lucro, mas precisa encontrar fórmulas para se manter.

2.3.1.1 Do conceito de midiativismo

*Já sonhamos juntos,
Semeando as canções no vento.
Quero ver crescer nossa voz,
No que falta sonhar.
(Beto Guedes; Ronaldo Bastos)*

Como se viu, tem-se um número razoável de conceitos que trata de variações da informação alternativa – ainda que, ratificamos, tenha faltado citar e aprofundar aqui certamente em mais alguns. Todavia, cremos ter tocado naqueles que mais e melhor dialogam com a caracterização que uma gama de autores na contemporaneidade tem se valido para discutir os fenômenos atuais e, principalmente, o lugar ocupado pelo nosso *corpus*. Entretanto, faltou um: o midiativismo.

Justifica-se o porquê de mais uma chancela na medida em que as terminologias anteriores não parecem dar conta daquilo que, supomos, o midiativismo traz. O termo apresenta pouco mais em relação ao que já fora apresentado antes (senão um certo delineamento), mas muito em uma clara definição, pautada pela própria nomenclatura, que ajuda a encerrar as discussões. Essa é a nossa aposta e será nessa linha que a seguir tentamos enquadrar o campo de atuação do Mídia Ninja e de uma série de investidas análogas.

Nesse contexto, tem-se a informação alternativa como base das discussões que até agora empreendemos. O conceito é o alicerce, na medida em que fugimos de qualquer definição amalgamada outrora ao se pensar nos *media*. Aliás, tem-se um posicionamento efetivo de coletivos análogos ao que será estudo nesta tese em disposição contrária aos veículos de comunicação de massa – não só ao produto, mas ao modo de produção e muitas vezes à própria existência deles.

Assim, parece haver claramente uma aproximação muito mais fulgente em direção aos empreendimentos da Mídia Radical Alternativa. Todavia, o conceito parece amplo demais, a abarcar com pouca precisão de que (tipo de) mídia se está falando. Na mesma medida, essa radicalidade, em nossa opinião, só poderia ser exercida efetivamente por aqueles que são diretamente afetados pelos problemas para os quais se buscam as causas. É talvez aí que resida a justificativa do lugar especial que os movimentos sociais têm na obra de Downing.

Com base em Raboy (1984), Downing (2004, p. 65-66) afirma que

[...] podemos concluir, provisoriamente, que a enorme – ainda que oscilante – importância da mídia radical alternativa se dê ao fato de ser ela, comumente, que primeiro articula e difunde as questões, as análises e os desafios dos movimentos.

Sua fidelidade é devotada, em primeiro lugar, aos movimentos, e é por eles que ela nutre seu principal fascínio.

O lugar de coletivos como o Mídia Ninja é exterior aos movimentos sociais. Não obstante, são centrais em relação à mídia livre, quando não ocupando, inclusive, cadeiras no Fórum Mundial, dado o reconhecimento das investidas brasileiras em todo o mundo. Mas, como vimos anteriormente também, o compromisso primeiro da Mídia Livre, ao seu turno, é de um ativismo social direcionado. Ainda que a sociedade se beneficie das suas investidas, ela e as respectivas problemáticas são objeto de uma luta primeira em torno da democratização da comunicação.

É evidente, contudo, que, conforme também apregoa a Carta Mundial da Mídia Livre, “[...] a informação e a comunicação são essenciais para as mobilizações e lutas na defesa dos direitos humanos” (FMML, 2015, n. p.). Mas, particularmente, conseguimos verificar um compromisso secundário das investidas dos coletivos e sujeitos midialivristas, numa concepção mais fidedigna ao documento, para com a defesa de outras causas sociais (como as que se apresentam no documento em seções supramencionadas).

A Mídia Livre é então radical (numa concepção downingiana) em relação ao acesso à informação e à comunicação, mas não parece ser, inclusive na sua concepção, frente a outras causas sociais, na medida em que isso não estaria na raiz dela (a não ser se estivesse ligada a algum movimento social, o que colocaria em questão, nesse contexto, a etimologia de “liberdade”).

Então, o mais adequado seria falar em mídia (ou jornalismo) de guerrilha? Ao tentarmos encaixar o trabalho do Mídia Ninja, e até de outros coletivos análogos, nos quinze pontos listados anteriormente, percebemos arestas que podem comprometer tal rotulagem. Não se pode dizer que o coletivo é, ou faz, mais ou menos jornalismo de guerrilha, tampouco queremos estabelecer níveis, gradações. Contudo, também questionamos uma postura maniqueísta, haja vista que o exame é feito a partir de um olhar um tanto subjetivo, o que permite também indagações e questionamentos balizados por outros pontos de vista.

Em resumo, como já indicado, o nosso recurso parece estar em uma última aposta com o midiativismo. De saída, já se aponta o neologismo sintático; a formação do quase-binômio gera um híbrido que, na prática, deveria ser intransponível. Isto é, tem-se de um lado a função de informação, de mediação, que se associa a outra ponta, de transgressão solidária (JORDAN, 2002), com vistas a alterar situações de contexto. As frentes são interdependentes e se conformariam numa radicalização do fim em si mesmo – e não necessariamente de uma causa em especial.

Aprofundando primeiramente sobre o ativismo, Jordan (2002) indica que esse tipo de investida de alteração social é pautado por um sentido de identidade partilhada por sujeitos que reconhecem entre si sentimentos sobre uma determinada conjuntura pública. Juntos (e não formando apenas uma massa amorfa), comungando do valor da solidariedade (o que dá sentido à abordagem), visam a alteração das formas usuais de como as suas vidas são vividas.

Os ativistas, então, estão dispostos a trabalhar pela mudança, e uma causa “[...] ganha vida quando as pessoas reconhecem umas nas outras a vontade e o desejo de mudar as rotinas [...]” estabelecidas por alguma circunstância social (JORDAN, 2002, p. 12-13). E, observe-se, Jordan (2002) até essa seção da obra não fala em grupos sociais minoritários, ou causas de relevância (quando direitos essenciais são tolhidos, por exemplo); qualquer investida aqui se enquadraria.

Todavia, o termo tem um peso simbólico. Ele ficaria no entre-dois da seiva do revolucionário e do pontual exercício do militante. É também diferente do radical. Visa, entretanto, a ação direta (aquela que gera impacto frente ao “outro”, nomeadamente a presença nas ruas, mas incluindo outras investidas por meio de recursos que detêm), objetiva, imperiosa e imediatista. (ASSIS, 2006).

Em resumo, “[...] o ativista é um agente engajado, movido por sua ideologia a práticas concretas – de força física ou criativa – que visam desafiar mentalidades e práticas do sistema sócio-político-econômico, construindo uma revolução a passos pequenos.” (ASSIS, 2006, p. 14).

Nesse sentido, falar de midiativismo significa considerar que, com o apogeu da *Internet*, condições facilitadas de acesso, porte de dispositivos técnicos como quase-prótese, as ferramentas tecnológicas servem aos intentos de militância de modo a potencializá-los de diversas formas? Sim. Todavia, essa concepção seria um tanto reducionista. Isto é, não se parece ver hoje tanto as mídias a serviço do ativismo, senão antes o segundo se reconfigurando por nuances próprias do processo de midiática social.

Antes de entrar nessa perspectiva de modo mais direto, é preciso nos localizar tempo e espacialmente. A discussão sobre midiativismo, nos termos que colocaremos em diante, difere da imprensa alternativa da ditadura militar, tanto quanto da militância questionadora que se exercia àquela época. É importante observar um movimento de questionamento social (tendo o capitalismo como pano de fundo, aliás) que, conforme visto em seções anteriores, tem um lugar marcante no final do século XX, especialmente a partir de 1994.

Nesse mesmo período, cresce exponencialmente o uso da *Internet*. A condição experimental dela, e aos poucos aberta ao sujeito comum, permite que uma série de investidas

sejam amiúde articuladas, numa apropriação paulatina que resulta na tomada de gestão da mediação de si. Todavia, ainda que o contexto conformasse as bases para a atual performatividade em rede, numa emergência egocêntrica da *mise en scène de soi*, havia em paralelo um ideário ativista também pujante.

O que acontece é que essas duas perspectivas parecem de alguma forma se cruzar, aliás, mais a essência delas. Estaríamos falando de uma espécie de espetacularização da ação ativista com fins de afetação patêmica na sociedade e/ou reprodução (propagação) destas pelos *media* (com o intento, afinal, de tocar os seus destinatários). Não sem motivos, Assis (2006), baseado em Jordan (2002), nos aponta a teatralização dos protestos com estratégias lúdicas com fins de engajamento político.

Esse comportamento estaria filiado a uma condição de midiatização. É inegável o papel de representação (na mediação técnica e simbólica) dos meios de comunicação de massa. Da mesma forma, é reconhecida até a sua métrica de organização social, em certa medida. Atualmente, com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação, novos modelos de interação social passam a constituir campos igualmente importantes nesse sentido, orientando as práticas dos sujeitos em sociedade. Ainda assim, veem-se as mídias (veículos e dispositivos) como acessórios de outros campos que, aparentemente, governam a dinâmica da vida hodierna. Todavia, autores como Fausto Neto (2008) contrariam essa perspectiva.

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a «cultura da mídia». Sua existência não se constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações. (p. 92).

Tem-se um *bios* midiático (que em verdade é a nossa própria sociedade, atravessada pelos marouços das nuances midiáticas) em que as interações não precedem do radical techno (SODRÉ, 2004), imputando novos operadores de inteligibilidade (GOMES, 2006) e “interações sociais atravessadas por novas modalidades do ‘trabalho de sentido’” (FAUSTO NETO, 2008, p. 92).

E quais seriam as particularidades para o ativismo? A militância, como campo social (na perspectiva clássica de Bourdieu), estaria sobreposta pelas características da midiatização, nos termos já citados. Nesse contexto, as ações diretas, propriedades dos adeptos da prática,

estariam atravessadas pelas peculiaridades do fenômeno exposto, justificando o exemplo alegórico presente na abordagem de Assis (2006).

Contudo, estamos falando aqui do midiativismo, o que complexifica um pouco mais a conta, dado que não se desarrima a situação basilar. Contudo, o ativista assume a condição simultânea de especialista e mediador (RODRIGUES, 2000), reivindicando simbolicamente a ideia de uma quebra dos processos *top-down* de mídia que, pela sua característica inerente, imputam também o tratamento (transfiguração) dos fatos.

Diferentemente, uma das críticas dos ativistas (se assemelhando assim aos midiativistas) é sobre as formas de produção de sentido articuladas pelos *media* que, muitas vezes, veem questões sociais de forma verticalizada, sem aprofundamento, e, em alguns casos, até reforçam estigmas. A tomada da palavra por parte desses primeiros, então, tornando-os midiativistas numa concepção mais direta, representaria uma mudança por completo nas formas de representação, pautadas sobremaneira pela parcialidade inerente.

Entretanto, como se viu, não é o campo ativista que governaria, mas o midiático – na medida em que o primeiro já estaria previamente atravessado pelo posterior. O que se teria com o midiativismo seria, então, a intensificação das práticas, numa *mise en scène* do especialista-mediador a servir aos intentos da militância, dentro da configuração das lógicas da mídia que porta.

É mais ou menos nessa linha que a professora Maria Clara Bittencourt (2014; 2015a; 2015b) tem buscado refletir sobre as narrativas de coletivos e o processo de midiatização do ativismo. Para ela, por mais que grupos como Mídia Ninja “[...] rechacem e busquem atuar na contramão da mídia de massa, em alguns momentos esses coletivos reproduzem o modelo que afirmam combater, midiatizando o ativismo que compõe o núcleo de suas fundamentações” (BITTENCOURT, 2015b, p. 101). Isso porque estão prenotados em uma condição (a da midiatização prévia) que é maior do que qualquer investida experimental ou intenções num determinado sentido que pode alterar por si só.

Isso não tira o mérito das ações midiativistas, sobretudo no que concerne o enveredar em luta simbólica que pretende, em verdade, empreender resistência. Também não se pretende discorrer aqui sobre particularidades de uma espécie de simulacro ativista. Existem problemas sociais reais, compartilhados por um conjunto de cidadãos que exploram ações diretas e têm nas práticas comunicacionais uma espora importante para propulsão de seus intentos.

O que parece um pouco inebriado ainda no conceito é se o produto da prática midiática, pela conformação dele pelo ativismo, por si só representa uma ação de intervenção

nos termos susoditos, ou se a mídia (e aqui estamos pensando na presença física do dispositivo) é que aporta um método intervencionista diferenciado nas ações diretas. Na nossa concepção de midiativismo, as duas frentes fazem sentido.

Isso porque, já parece claro, a mediação visa a profusão de informações correlacionadas às causas e aos eventos em destaque pelos midiativistas, mas estes respondem também à demanda de incursão pessoal, interferindo no desenrolar evenemencial não apenas no que concerne ao relato, mas na escritura efetiva dos fatos.

O Centro de Mídia Independente, que representa uma referência no gênero dada a sua primazia⁵⁶, é um exemplo interessante no contexto da presente discussão, pois, para ele, registrar os eventos “[...] significa participar ativamente de sua elaboração e não apenas noticiar as ações que se desenrolam quando de sua manifestação.” (ANTOUN, 2001, p. 137).

Essa parece ser a linha de justaposição do binômio mídia + ativismo e que nos ajuda a propor um conceito para o campo: o midiativista é um sujeito, portador de uma vontade solidária, que empreende ação direta transgressiva-intencional e vê a sua capacidade de intervenção social localizada sendo potencializada, *pari passu* à implementação da intervenção ativista, por meio de um registro midiático que visa amplificar conhecimento, espalhar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa. Decorre dessa postura o midiativismo e não o contrário, compreendendo mais o lugar do indivíduo do que das instituições, grupos ou coletivos.

Sobre essa possibilidade de assentamento de conceito sobre midiativismo, vale a pena, então, fazer alguns outros esclarecimentos. Por vontade solidária, entende-se o comportamento intencional, deliberado, pessoal e voluntário de sujeitos que estão imbuídos de valor altruísta e cômicos de uma alteridade compartilhada.

Reforçando a ideia de ação direta, compreendemo-la, ao modo de Jordan (2002), não apenas como uma tática simples, mas um amplo conjunto de possíveis, na articulação das mais variadas ideias de intervenção, desde noções passivas de desobediência civil até ações mais ativas, em alguns casos até agressivas. Todavia, vale o registro, a mera mediação da informação, no relato dos fatos, não constitui o midiativismo – dada a escassez de sentido transgressivo. Quando este o carregar, aí sim poder-se-ia considerá-la ação direta.

⁵⁶ O CMI influenciou a criação do coletivo brasileiro Centro de Mídia Independente, tendo Pablo Ortellado como um dos principais articuladores e entusiastas, cerca de 4 meses após a convenção em Seattle, em 1999. Aliás, segundo Pasquinelli (2002), o referido encontro nos Estados Unidos e a reunião do G8 em Gênova em julho de 2001 são acontecimentos marcantes para a emergência do midiativismo – somados ao barateamento de tecnologias e a irremediável adesão à *Internet*, que se proliferava cada vez mais. Nesse contexto, se pensa o midiativismo contemporâneo principalmente a partir da utilização dos recursos digitais e *web*.

A lógica da ação direta vem, por exemplo, de um comportamento que dispensa apresentações: o caso de Gandhi frente aos ingleses. O sábio indiano propôs a não violência, mas era consciente da necessidade de atitudes não constitucionais como forma de intervenção social. Nesse contexto, é interessante ratificar que existem ações diretas violentas e não violentas. Da mesma forma, é salutar registrar que nenhuma diferença faz para o midiativismo a intervenção a qual ele (por meio do exercício de um midiativista) se vincula, continuando a ser o que se propõe da mesma maneira – desde que respeitadas características como a vontade solidária e a intenção.

Leia-se, fundamental dizer, a palavra intenção aqui dentro da perspectiva de propósito, do sentido de mudança social amalgamado em uma determinada prática. De forma didática, o midiativismo pode ser exercido tanto por um manifestante que porta um cartaz e brada palavras de ordem, quanto por um adepto da tática Black Bloc. Vale observar mais qual é o significado de presença dos sujeitos em um dado protesto, na medida que pode acontecer a inserção de um sujeito casual em um ato por puro modismo, ou de um revoltado pseudoanarquista com problemas pessoais que lança uma pedra a ermo, ambos por convenções. Se esses últimos não poderiam sequer ser considerados ativistas, quanto mais alçados à categoria híbrida só por portarem uma mídia.

O registro midiático, como colocamos, visa, por sua vez, potencializar a ação direta. O primeiro item nessa esteira, como evidenciado, é o conhecimento. Por meio da construção de uma narrativa paralela à da mídia corporativa de massa, os midiativistas vêm realizando um papel de posicionamento ao lado de setores da sociedade que têm menos espaço para projeção argumentativa, oportunizando condições para que os seus pontos de vista possam repercutir. Não obstante, o choque das ideias propagadas pelos coletivos só surte o efeito positivo (de geração de conhecimento e questionamento), quando utilizado de forma responsiva e responsável pelo leitor – isto é, de modo ativo e consciente.

Essa postura crítica, ao mesmo tempo que é estimulada pela performance dos midiativistas, também pode ser direcionada. Apesar de reconhecido o importante papel social dessas mídias, ele, ratificando, é parcial. Assim, é preciso ter o cuidado de não cair em uma contraditória realineação com ares de libertação, em detrimento de uma efetiva desalienação que só é possível por meio da constante postura crítica, qual seja, diante de toda a realidade social construída e estabelecida. Esse processo parece ser possível, então, por meio do tensionamento respeitoso, em certa medida colaborativo, que leve em conta a importância do embate, mas que não se converta em combate. Para que haja aprendizagem – crescimento, desenvolvimento, é necessário também a abertura para a negociação.

Assim, tanto quanto possível, os sujeitos deveriam procurar o caminho do contraditório, da abertura para ouvir posicionamentos diferentes, mas, ao mesmo tempo, testar os seus argumentos nas “ágoras” disponíveis na sociedade. Entre tantos caminhos possíveis, compreende-se que o midiativismo, nas intervenções que ofertam, seja plataforma democrática para esse empreendimento⁵⁷. Essa visão conflitiva, complementar ou tangente à narrativa dos meios de comunicação de massa pode, em nossa opinião, ser muito útil à (trans)formação dos sujeitos espectadores das transmissões. Explicamos essa ideia iniciando o argumento com Palmerston e outros (2014), ao referirem-se às contribuições de Baccega (2011), quando dizem que

[...] já não se questiona se devemos ou não usar a mídia no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios [...] o que se deve constatar é que os meios de comunicação também configuram educadores e a construção de cidadania passa igualmente por eles (PALMERSTON et. al., 2014, p. 4).

Para Pasquinelli (2002), os coletivos midiativistas não servem apenas à informação, mas atuam diretamente na construção de subjetividades políticas (em sentido amplo). Reconhecido esse valor, entende-se, porém, que os *media* podem, se bem utilizados, contribuir não apenas com um papel informacional, mas também para um trabalho crítico dos sujeitos-espectadores. Isso é, está se falando, de início, da curiosidade obstinada de Foucault (1984), aquela que tem condições de separar o sujeito dele mesmo, contra a pura aquisição de conhecimentos, mas, tanto quanto possível, engendrando o descaminho daquele que conhece por meio do questionamento. Ainda que o termo crítica na(s) obras(s) de Foucault seja uma constante, ele não parece ter definido um método (para análise) do comportamento crítico. Aliás, de certo modo, o autor indica uma forma procedimental à luz do que deve ser a atividade filosófica, de questionamento do pensamento sobre o pensamento, para se pensar diferente, em busca do novo e/ou do outro⁵⁸.

Entende-se, porém, que essa atitude responsiva dos sujeitos pode ser potencializada, ou mesmo surgir, se combinada com esferas que possibilitem e estimulem esse comportamento. Não obstante, reconhece-se na mídia corporativa tradicional, em geral, o agenciamento de efeitos que correspondem tão-somente aos fechamentos de sentido e naturalização/normalização (BRAIGHI, 2013). Pensando em um processo midiático mais próximo do trabalho crítico, entendemos que este deveria levar em consideração uma lógica freireana, com processos balizados pela problematização, pelo diálogo, pela desalienação e

⁵⁷ Veremos se os *chats* do Mídia Ninja se convertem nesse sentido, em análise adiante no presente texto.

⁵⁸ Conduta que, na reativação diária, conformaria a “atitude-limite”.

pela horizontalidade das trocas (FREIRE, 1987). Para Ana Rosa Vidigal (2014, n. p.), é preciso considerar também o conflito e a transação fundamentais para a efetiva construção do conhecimento. Ainda segundo a autora, o trabalho crítico⁵⁹ (que em nossa opinião pode ser estimulado pelos *media* e não só a partir da manipulação em outras esferas do que eles produzem – na educação, por exemplo), “[...] envolve o tensionamento, o enfrentamento entre diferenças, negociações de sentido, aprendizagem colaborativa, disponibilidade para reconhecer a provisoriedade de convicções, [e o] livre debate.”

Enfim, pode se considerar que há pontos de convergência entre o midiativismo e o trabalho crítico. No entanto, parecem ser os midiativistas que fazem esse labor; isto é, de modo muito particular, individual, para eles (como, na verdade, deve ser). Parte-se do princípio, porém, que, na medida em que os repórteres⁶⁰ verbalizam/materializam esse processo reflexivo, por meio das mais diversas estratégias, têm-se condições de contribuir também para a (trans)formação de outras pessoas. Entretanto, talvez a principal contribuição seja a constituição do espaço do “ruído”; aquele em que e a partir do qual, de modo cíclico, um conjunto de pessoas engajadas poderão continuamente (re)aprender em conjunto.

A segunda perspectiva do conceito é espriar informação. Ela talvez seja a primeira e, por uma perspectiva muito particular tenhamos evidenciado (o) conhecimento antes dela. Todavia, não causa grandes prejuízos. O que é importante ratificar é a consideração a essa condição que, inclusive, no presente trabalho (alojado nos estudos linguísticos – e talvez por isso essa perna do conceito seja vista com mais atenção no próximo capítulo) se conforma como a espinha dorsal, pilar estruturante das investidas midiativistas.

Ainda que nenhuma palavra seja dita (em uma cobertura simultânea, por exemplo), transmite-se texto pelas imagens. O pictórico é transformado em discurso que, em associação com o verbal, projeta-se de forma efetiva na audiência. “Tomadas na sua urgência e função [...] essas imagens atravessam diferentes fronteiras e tiram sua força do dorso do presente, mas trazem no seu interior potências e estéticas virtuais, nessas dramaturgias do grito.” (BENTES, 2015, p. 22). A fundação está, contudo, num arcabouço ideológico que sustenta e conforma as mensagens de acordo com uma intencionalidade prévia.

⁵⁹ Importante dizer, porém, que a autora faz essas considerações dentro das perspectivas educacionais. Tomamos, no entanto, tal abordagem e a colocamos em discussão aqui sobretudo por compreender a potencialidade do termo; isso, mesmo por que, a própria autora utilizada aqui faz parte de um grupo de pesquisa em Educomunicação que tem empreendido discussões das mais diversas, inclusive na seara midiática.

⁶⁰ Ao longo deste trabalho, utilizaremos a expressão repórter para nos referirmos aos midiativistas. Apesar de tentarmos evitá-la, dado o caráter reducionista, encontramos-la como solução para evitar a repetição da expressão midiativista. Não se deve confundir com jornalista. Entre os Ninjas, como se verá mais adiante neste trabalho, apenas um tem tal formação e, assim, apenas ele assim será indicado quando for preciso.

Invariavelmente, tem-se em recorrência o fazer-saber como função primária, ainda que as visadas sejam múltiplas. Aliás, Bentes (2015) assinala o papel de comoção dos coletivos do gênero por meio do exercício midiático deles. Estaria aí alojada uma proposta de fazer-fazer por parte dos midiativistas que passa antes pelo fazer-sentir; informação que afete e leve à ação – nuances que serão reforçadas no próximo capítulo (CHARAUDEAU, 2012). Coletivos que, diante de situações de manifestações públicas, empreendem transmissões direto do *front*, no registro dos eventos a partir de um olhar em primeira pessoa, posicionado não apenas em um lado do confronto – que guarde angulação, mas efetivamente ideológico – que efetiva a noção de ponto de vista para além de um lugar físico, mas para uma forma em fôrma.

É um olhar do asfalto, aproximado, atento, ágil, ininterrupto ao tempo contínuo da resistência do midiativista e da capacidade técnica dele. Condição que vem assegurando aos coletivos a captação de imagens que, inclusive, chegaram a pautar a mídia tradicional de massa em 2013. Renegados nas ruas, tanto quanto as bandeiras partidárias, os *media* veem-se cada vez mais afastados da cobertura de importantes acontecimentos sociais, na medida em que o corpo manifestante tem visto nos iguais uma forma eficaz e, em certa medida, até eficiente (guardadas as perspectivas técnicas) de registro e profusão das ideias e intentos.

É um cerne dos midiativistas, então, pautar-se por um contradiscurso, por uma visão o mais colada aos fatos possível, que não feche os sentidos, mas amplie as interrogações como forma de manutenção das causas sempre em aberto. Cabe aos coletivos ressignificar os fatos em um jogo de forças com estruturas hegemônicas que, de forma verticalizada, determinam substantiva e adjetivamente as coisas do mundo, das quais elas não se apropriam exatamente por não manterem relações diretas. “E essa seria uma das formas de distinguir o jornalista profissional do midiativista – lutam menos por uma intervenção ou ação sobre os fatos e mais pela captação e monetização da atenção e do desejo do espectador.” (BENTES, 2015, p. 27).

Nesse contexto, a questão midialivrista aqui é importante. O midiativismo se apropria das demandas e comportamentos da Mídia Livre. Assume o comportamento de “hacker das narrativas” apresentado nas últimas páginas (MALINI; ANTOUN, 2013), mas vai mais fundo numa defesa do social, no abalroamento ao “outro” (mais especificamente no que é caro a ele) com vistas ao amparo de causas de minorias. Isso, por intermédio de uma informação que transforma, que abre a caixa preta, que explana, ilustra e elucida, que desnuda. Afinal, “[...] a comunicação é a própria forma de mobilização, não é simplesmente uma ‘ferramenta’: esse é o sentido dessa esfera midiática ativista.” (BENTES, 2015, p. 50).

A terceira frente do conceito midiativista proposto é marcar presença. Mas o que isso significa? Tem-se o balizamento espaçotemporal de um sujeito nas ruas, a participar de ações

diretas de protesto, por exemplo. Seu registro funciona, então, como *check-in*, a informar não meramente a participação dele, mas a própria existência da ação. Realização que se conforma no mesmo período do ausente, que agora também se presentifica (nas condições do binômio supramencionado) num alinhamento midiático.

Como se vê então, marcar presença tem três compostos justapostos. A ação direta se conforma em discurso, fato relatado, mas enfim aparece. Ela se dá por meio da participação de um sujeito portador de dispositivo técnico; indivíduo que se destaca à descrição, mas é só mais um dentro da composição manifestante. Todavia, assegura-se e protege-se na própria emergência de mediação. Projeta-se como corpo que plaina a estabelecer condições para transposição do espectador para a cena em curso.

Essa presença não é só da rua para a rede, mas da *web* para o asfalto. A ideia de câmera subjetiva aqui então é clínica. Tem-se uma experiência mediada que, pela própria conformação de um modo de produção midiativista, aproxima o internauta⁶¹ dos fatos, alinhando-o, por conseguinte, às causas em defesa no curso das abordagens. Mas o espectador está presente, ativamente, sobretudo ao se considerar as possibilidades dadas pelas novas tecnologias.

Coletivos, como o Mídia Ninja, segundo Bentes (2015), fazem com que apareçam e sejam vistos *webespectadores* componentes de uma audiência ativa, que se envolve, em meio a plataformas que condicionam tal espaço, nos “[...] protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e tornando-se uma referência por potencializar [...]” (p. 21) o engajamento e surgimento de novos midiativistas.

Audiência que vê a marcação de presença que expõe também os outros (o corpo ativista e o repressor) e, com um modo próprio de narrar, estabelece as mazelas de ambos – oprimido/opressor. Construções verbo-visuais que vão conformando processos de subjetivação baseados na alteridade, no se ver representado por um midiativista que adere aos alaridos manifestantes. Aos poucos, existe ao espectador não só um evento a relatar, mas um conjunto de iguais que sustenta a emergência evenemencial com uma finalidade, que, por sua vez, tem base em um complexo histórico de desigualdade que se visa alterar (TOURAINÉ, 2006).

⁶¹ Compreendendo, como se espera já ter notado, que o midiativismo contemporâneo se faz exponencialmente por meio dos suportes digitais, a saber, na exploração do potencial da *Internet* e dos novos dispositivos técnicos (principalmente os *smartphones*).

Situações intrincadas que se veem alojadas em ações diretas que pretendem modificá-las. Investidas que são tomadas por ativistas; em plantel do qual faz parte quem porta a mídia e faz a mediação. Ofensivas que são contidas, reprimidas, dado o caráter ilegal delas. Mas qual delas é imoral? A supressão baseada na força física e na retomada opressora, todavia, agora é registrada e vista, processualmente, por quem acompanha os midiativistas.

[...] são imagens que carregam a marca de quem afeta e é afetado de forma violenta, colocando o corpo/câmera em cena e em ato. A sobrevivência das imagens e a sua captação estão diretamente coladas à sobrevivência de um corpo, de um animal-cinético, que filma enquanto combate e foge, enfrenta inimigos (a polícia e suas armas, bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta, choque elétrico, bombas de som, armas de dissuasão, cassetetes, etc.) e também outras adversidades, como o barulho, o tumulto, o corre-corre, a euforia e o pânico da multidão. (BENTES, 2015, p. 23)

Animal-cinético-híbrido, composto por diversos olhos; simultaneamente presente e ausente. Linha tênue que se sustenta muitas vezes por um sinal de *Internet*, a transmitir e postar em tempo real, apondo-se na rua e em rede. “[...] essas transmissões [...] constituem, assim, um outro espectador mobilizado, capaz de ir ao encontro da multidão, em estado de atenção, espreita e comoção, o que cria uma experiência de ‘transmissão’ que se assemelha, nos momentos fortes, a um ‘transe e missão’” (BENTES, 2015, p. 27).

De modo muito particular, missão no sentido de compromisso (do internauta) com o igual dele (o midiativista e o ativista sem mídia) presente em protesto e com a própria manifestação. Transe, no sentido da transposição sem sair do lugar; a alucinação do estar presente e fazer parte, que se efetiva quando se mobilizam recursos em torno do que se vê; quando se teria o ativista midiático, ou ciberativista, o internauta servindo-se das potencialidades da rede a serviço de uma demanda latente e localizada. Todavia, discordando de Bentes (2015), em nossa adaptação, esse transe e missão espectador não precisaria ocorrer apenas em momentos fortes, mas ao longo de toda a cobertura.

A penúltima perspectiva do conceito midiativista aqui colocado é empreender resistência. Tal frente estaria em linha contígua e diminuta com as estruturas de defesa, a serem vistas a seguir. Todavia, aqui se alojam mais as operações de embate dentro da lógica da disputa narrativa. Comportamento salvaguardado por – e que justifica também a – obstinação⁶² ideológica.

Aferro militante que se apresenta dentro de uma resiliência em expor, em registrar, no agir e observar. Não sem motivos, Bentes (2015) chama atenção para o estado de atenção e

⁶² Leia-se no sentido de perseverança.

urgência, característica marcante do midiativismo no *front*. Todavia, conforme apregoa Antoun (2001), a existência ativista não está apenas nas ruas, no embate direto e físico, ele alarga-se com as possibilidades midiáticas, ganha força, reestrutura-se e aufere condições para novas formas de ação direta.

Para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado e seus dispositivos de governo. Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente (ANTOUN, 2001, p. 139).

O ativismo em rede se diferenciaria, no entanto, do midiativismo. Enquanto o primeiro se serve dos dispositivos tecnológicos e da *web* para a sua emergência, o segundo serve ao ativismo – que, transmitido/registrado ou não, mantém a métrica de intervenção social, ao passo que o primeiro, sem a *web*, não existe (como conceito). Entretanto, a função mídia no interior da militância avigora a causa.

Registro que transforma a causa em discurso, conformando-a com particularidades performáticas midiativistas que a tonificam. Trata-se, como exemplo, no caso das transmissões em tempo real dos protestos em 2013, do que Bentes (2015) chama de “impacto cognitivo-afetivo”, numa

[...] ‘radiação’ política [que] potencializa e cria acontecimentos, como vimos se repetir [...] acontecimentos singulares e em contexto políticos distintos, mas cujas características, pós-internet e redes sociais, emergem no bojo de uma tecnopolítica em que as linguagens e estéticas são partes constituintes. (p. 20).

O representar de interesses de minorias com métricas características do fazer midiático contemporâneo, numa dinâmica diferenciada dos ativistas, oportuniza, por exemplo, força a protestos e as demandas sociais das mais diversas (das quais, inclusive, grupos aleatórios na *Internet* passam a aderir em função de um tomada de posição, a partir da informação e conhecimento gerado por meio do trabalho midiativista).

[...] chama a atenção nessa produção audiovisual processos emergentes, a política, poética e erótica do contato, da contaminação, da experiência da insurgência em fluxo. Enquanto os poderes se reorganizam para um contra-ataque e guerra em rede, a multidão surfa nesse ‘devir mundo a ocupar’ através de narrativas colaborativas que, mais que difundir as lutas, são a própria luta. (BENTES, 2015, p. 22).

Por fim, tem-se o estabelecer de estruturas de defesa como a última frente do conceito midiativista articulado. Falamos aqui talvez, mais especificamente, da atuação em protestos,

por exemplo. Um dos elementos dessa composição seria o *Copwatch*⁶³. Essa é uma iniciativa que começou em 1990 nos Estados Unidos e, como o nome sugere, representa, literalmente, “vigiar a polícia”. A proposta estendeu-se para o Canadá e tem atuação também na Europa. A perspectiva é manter ativo um registro que ajude a identificar e diminuir as ações arbitrárias da polícia.

Para Ivana Bentes (2015), as manifestações de 2013 no Brasil reinventaram o *Copwatch*. Em verdade, tão-somente a presença dos midiativistas *in-loco* já parece gerar certo desconforto no “outro” e aparente segurança no lado manifestante. É a força do dispositivo na materialização da midiatização. É previsível que o comportamento das pessoas muda quando estão diante de câmeras. Ao saber que elas estão no local justamente para lhe coibir, o que esperar como reação?

É o brasão da mídia-multidão em funcionamento; câmera como espada-escudo, defesa que permite a manutenção do aferro militante. O midiativismo nesse caso pode, inclusive, suscitar uma postura mais combativa por parte dos condutores dele, no questionamento às autoridades de modo mais incisivo, por exemplo. Mas “[...] trata-se de usar o efeito-mídia não simplesmente de forma sensacionalista, mas ativista e consequente. O monitoramento da atividade policial nas ruas é uma forma de expor, desconstruir e acabar com a brutalidade policial.” (BENTES, 2015, p. 52).

Todavia, esse registro não é articulado apenas com vistas à defesa contra a polícia. O registro na condição de prova, alibi, prevenção, se dá em diversas outras investidas que visam mostrar, inclusive, a realidade a partir do ponto espectral ativista, em toda a extensão da ação, a fim de contrapor possíveis narrativas deturpadas dos *media*, da justiça – em casos omissos, e até de detratores (e/ou) amotinadores.

Por fim, vale fazer uma menção particularizante que ajuda a direcionar o nosso trabalho. Antoun (2001) baliza o caráter de *autopoiese* do midiativismo, condição ratificada por Bentes (2015), ao lembrar que as iniciativas do gênero são marcadas por uma “[...] linguagem de experimentação que cria outra partilha do sensível [...]” (p. 21), em alusão às propostas de Rancière. É, para a autora, aliás, uma “experiência no fluxo e em fluxo, que inventa tempo e espaço, poética do descontrolado e do acontecimento” (p. 21).

⁶³ Pode se falar de um outro termo, a *sousveillance* – a vigilância de baixo pra cima (BAKIR, 2010).

2.3.2 O Mídia Ninja⁶⁴

A boa notícia era constatar como, com uma página no Facebook, ela [Mídia Ninja] havia conquistado um colossal capital simbólico, tinha virado o debate sobre mídia e comunicação em rede no Brasil e legitimado dezenas de jovens a falar em nome dela.
(Bruno Torturra)⁶⁵.

O parágrafo anterior nos serve de elemento de coesão para assinalar que, nesta tese, procuramos dar atenção especial ao midiativismo de transmissão simultânea. Entre as diversas particularidades que esse filão de mediação/incursão social tem, localizamo-nos de forma ainda mais precisa em uma métrica que ganhou destaque em 2013 e, por isso mesmo, se tornou objeto de estudo aqui: o modelo Ninja.

Seja o que for esse (possível) padrão, ele não nos parece claro, ainda que exista um discurso no senso comum que, ainda superficial, tenta assentá-lo dentro de uma espécie de *ethos*. A intenção neste trabalho então é observá-lo de modo aprofundado. Antes disso, responde-se a pergunta sobre o que são as transmissões simultâneas e, dentro de uma exposição preliminar e pouco aprofundada, quais seriam os diferenciais Ninjas.

Como o próprio nome já sugere, as transmissões simultâneas são coberturas de eventos, dos mais variados gêneros (e não apenas protestos), em tempo real. Para tanto, o Mídia Ninja utiliza-se quase sempre de *smartphones*, evidentemente com conexão à *Internet*, no acesso a aplicativos (mais especificamente ao *Twitcasting*⁶⁶) que suportem o registro em um *site* acessível ao público.

Essa marcação é importante, pois neste trabalho abordamos, então, o midiativismo nas transmissões simultâneas. Salientar esse aspecto é fundamental, pois o Mídia Ninja tem uma série de outras investidas na *web*, a saber: um *site* (onde não são apresentadas as coberturas em tempo real, mas é o local em que se encontram os *links* oficiais para as mesmas), que veicula textos e fotos; uma *fan page* no *Facebook*; um perfil no *Twitter*; uma conta no *Instagram*; entre outras redes sociais *on-line*, além de produtos específicos, como documentários e demais obras do gênero.

⁶⁴ Mais uma vez, para deixar claro, preferimos neste trabalho nos reportar ao Mídia Ninja, em gênero masculino, por considerá-lo na condição substantiva de coletivo. Todavia, o leitor encontrará menções externas a esta tese, inclusive de midiativistas, no feminino, desprezando tal termo omitido, dada a condição substantiva de mídia – o que nos parece um erro, posto que não se teria, *a priori*, uma concepção de veículo (tampouco de suporte em relação ao Mídia Ninja).

⁶⁵ Em artigo autoral publicado na revista *Piauí*, Edição 87, de dezembro de 2013.

⁶⁶ Ainda que do lugar que falamos hoje, 2016, o Mídia Ninja esteja optando mais pelas novas funcionalidades do Facebook para as transmissões em tempo real – o que não era uma realidade em 2013/2014.

Tomando 2013 como referência, as transmissões simultâneas do Mídia Ninja apresentaram o acontecimento na condição mais crua de incidência, na inserção e inscrição dos midiativistas do coletivo como atores e (co)autores da emergência e afetação evenemencial. Proporcionava-se um registro dos protestos nas ruas que os *media* não tinham, pois esses últimos seguiam uma cartilha que desprezava a experimentação e registro incidental ao sabor das paixões de momento.

Seria possível classificar as coberturas em *real time* do Mídia Ninja como aproximativas, em primeira pessoa, coloquiais, combativas – a fazer remissão a uma postura ativista, de crítica às estruturas hegemônicas, de registro em cima dos lances –, extensas, sem cortes, irônicas, entre uma série de outros adjetivos que serão ratificados ou retificados ao longo desta análise.

Interessante observar que, quando o Mídia Ninja começa a ser (re)conhecido na sociedade, para além da dificuldade em se definir o que ele era, apresentavam-se outros títulos que complexificavam o entendimento da recente iniciativa que, em meio a tantos conceitos que também vieram à tona, convivia e conflitava com Fora do Eixo e Pós-TV. O ouvinte mais desatento pode se confundir até com a fala de muitos dos representantes dessas três frentes (que em geral são os mesmos). Assim, procuramos destacar o lugar de cada uma delas e chamamos a atenção exatamente para as diferenças e inter-relações, que são fundamentais para o entendimento do trabalho realizado pelos midiativistas em questão.

Falaremos durante todo este trabalho nos Ninjas, uma corruptela do próprio nome da mídia a qual esses sujeitos pertencem. Em geral, têm-se jovens (com idade não muito superior a 30 anos⁶⁷) compondo o coletivo. Eles não apenas têm uma visão crítica acerca dos aspectos sociais e políticos brasileiros, mas, acima de tudo, apresentam uma afinidade com o cenário cultural. Apesar da grande maioria dos integrantes não ser formada por artistas, quase todos têm a arte como valor. Por meio de outras ações, não ligadas ao midiativismo, visam, por exemplo, potencializar novas bandas musicais por meio da articulação de festivais (com uma perspectiva popular em detrimento da miragem do capital financeiro a todo custo). Essas últimas características são aquelas que de modo mais aproximado conformam os integrantes do Fora do Eixo, coletivo que, grosso modo, promove tais iniciativas em todo o país⁶⁸.

⁶⁷ Pablo Capilé, um dos líderes do Fora do Eixo, completou 35 anos em 2015. Filipe Peçanha, um dos Ninjas com maior respaldo no veículo, tinha 26 anos à época.

⁶⁸ Aliás, para esclarecer, veiculamos a seguir o item 1 da carta de princípios da instituição. Acreditamos que no escopo deste trabalho é mais importante falar do Mídia Ninja. Contudo, é fundamental esclarecer quem é o Fora do Eixo, dada a importância dele na constituição e manutenção do trabalho midiativista. Nesse sentido, recorreremos às longas notas de rodapé. “O Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do

As investidas do Fora do Eixo começaram no ano 2000, em Cuiabá, no Mato Grosso, com o idealizador do Espaço Cubo, Pablo Capilé, na organização de eventos musicais com bandas locais. Aos poucos, a iniciativa foi ganhando corpo e se espalhando por diversas cidades do Brasil. Dados apontam que, até meados de 2013, o grupo era responsável pela gestão de “[...] 18 casas coletivas⁶⁹, 91 coletivos e cerca de 650 coletivos parceiros. Essa estrutura, de acordo com estimativa da própria entidade, envolve 600 pessoas diretamente ligadas ao Fora do Eixo, mas influencia cerca de dois mil agentes.” (SAVAZONI, 2014, p. 27).

O Mídia Ninja se desenvolve (mas não nasce propriamente), então, da estrutura de redes articulada pelo Fora do Eixo, numa situação em que a comunicação era vista como condição para a fluidez dos projetos ligados ao campo cultural. Por meio das plataformas livres de divulgação, os festivais e bandas eram aos poucos, mas paulatinamente, diante da presença do coletivo em diversas regiões do país, (re)conhecidos pelos públicos⁷⁰. Identificado, porém, o potencial da armação midiática articulada pelo grupo em questão, verificou-se que se poderia dar um passo além, estabelecendo conexões com os movimentos sociais, dando voz também a essas organizações que, por vezes, não encontram espaço nos

cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos socioculturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais.” (SAVAZONI, 2014, p. 220-221).

⁶⁹ Chamamos atenção especial para as casas Fora do Eixo pois elas são, em essência, a base dos Ninjas (ainda que alguns colaboradores do coletivo não necessariamente morem nelas) e da Pós-TV. Aliás, trata-se de um modelo intrincado de se pensar a partir do imaginário capitalista ocidental. Buscamos no livro de Savazoni (2014) alguns excertos que ajudam a compreender o que elas são e como, em geral (dada as diferenças entre cada uma), funcionam. Assim, elas: “[...] reúnem jovens de nível universitário ou recém-formados, que atuam com artes, produção cultural e comunicação. Muitos desses jovens vivem e trabalham em casas coletivas gerenciadas por um “caixa coletivo” por meio do qual compartilham todas as suas necessidades materiais.” (p. 151); “[...] os viventes convivem por meio de relações de afeto e dinâmicas de interação consensuais, por meio da divisão de tarefas domésticas e operacionais.” (p. 152); “a maior parte do financiamento dessa rede advém do investimento de tempo e trabalho desse contingente enorme de jovens [...]”; “os recursos [...] são obtidos por meio de prestação de serviços, além de financiamento público e/ou privado.” (p. 154); “[...] é um híbrido de produtora cultural sem fins lucrativos, agência de conteúdos digitais, república estudantil e espaço cultural jovem – com paredes coloridas e grafitadas, mesas e cadeiras espalhadas, e telas de todos os tipos e tamanhos sendo utilizadas. Essas casas, afinal, são habitadas por esses jovens que vivem em um contexto econômico de precariedade e que decidiram buscar na coletivização de sua força de trabalho condições para realizar suas aspirações criativas.” (p. 166); “são comunidades urbanas, cujas portas estão abertas ao convívio com moradores do entorno e com os artistas e ativistas locais – servindo como ambiente de troca e produção não só para os membros da rede.” (p. 168).

⁷⁰ Rafael Vilela, em entrevista ao autor da presente tese, indica que a experiência com o registro cultural deu uma característica especial ao Mídia Ninja: “Dá pra perceber isso na estética, principalmente. As fotografias e os vídeos todos vêm do campo e da prática na cultura, a linguagem tem um quê do espetáculo, de fazer palco, luz; e isso foi muito transmitido pra o jornalismo posteriormente”.

media, ou mesmo eram (e ainda são) tão-somente objeto de narrativas verticalizadas por parte dos conglomerados midiáticos – esse era o discurso.

Tem-se, então, uma inter-relação principal e ativa do Fora do Eixo (e ainda nem se falava em Mídia Ninja, mas estava ali o seu futuro fomento principal) com os movimentos de moradia, do campo, da cultura digital, da legalização das drogas, ligados aos direitos humanos⁷¹ – em geral, estabelecida por uma dinâmica baseada

(n)um novo jornalismo; um jornalismo ativista; um jornalismo aonde a gente consegue se posicionar, onde a gente tem um lado, tem parcialidade; opina e exprime esta opinião através da nossa produção de conteúdo e da nossa ideologia que é de defesa de princípios e valores que a nossa rede leva adiante⁷².

O marco zero do Mídia Ninja parece ter sido a transmissão da Marcha da Liberdade em 28 de maio de 2011. Naquele dia, o jornalista Bruno Torturra⁷³, então ainda vinculado à revista *Trip*, foi o responsável pela transmissão simultânea do ato, que teve público *on-line* médio de duas mil pessoas. O manifesto, em prol da legalização das drogas (mais especificamente o uso da erva Cannabis, para fins diversos, desde os recreativos até os medicinais), tinha como um dos articuladores Pablo Capilé (PASSA PALAVRA, 2013).

O protesto que já vinha sendo realizado em anos anteriores, sempre recebia reprimendas da justiça por, em interpretação, fazer apologia ao uso das drogas. A então denominada Marcha da Maconha teve que trocar de nome. O Fora do Eixo foi aí uma peça importante na mudança do caráter da marcha pública. Os movimentos envolvidos na organização sabiam que era preciso dar voz à causa e que o uso de mídias alternativas e a utilização das redes sociais *on-line* poderia fazer repercutir os intentos envolvidos na manifestação. Pablo Capilé, então, assumiu a responsabilidade por essa demanda (PASSA PALAVRA, 2013).

Segundo Savazoni (2014, p. 90-91), o Fora do Eixo

[...] destacou seus ativistas para produzirem conteúdos digitais, peças gráficas, páginas web, e se somou às assembleias de organização que ocorreram nos dias que precederam o ato. Durante a marcha, testou um equipamento de transmissão audiovisual online, que seria a base para o desenvolvimento da experiência da Mídia Ninja.

⁷¹ E é por isso, também, que preferimos condicionar o Mídia Ninja no escopo midiativista do que em outros.

⁷² Palavras de Filipe Peçanha, um dos articuladores do Mídia Ninja, em entrevista ao *Citizen Media*. Disponível em: <<https://goo.gl/vQ0J9F>>. Acesso em: 11 maio 2015.

⁷³ O projeto mais atual de Bruno, o Fluxo, alega no currículo de Torturra que ele, nesse ano, “[...] fez a primeira transmissão ao vivo por streaming de uma manifestação de rua do Brasil”. Disponível em: <<http://goo.gl/vqfr1u>>. Acesso em: 29 set. 2015.

Contudo, é preciso esclarecer que Torturra, a quem é atribuída a criação do Mídia Ninja, não era vinculado ao Fora do Eixo. Bruno conheceu a casa paulista do coletivo em 2010; ao fazer uma reportagem para o veículo em que trabalhava, passou a frequentá-la e a simpatizar com as ideias promulgadas e debatidas no local. Foi então, com a experiência nas ruas e a conscientização acerca de um movimento em prol de uma narrativa que expusesse vozes e causas sem tanto espaço nas mídias de massa, que começou a ser concebida a Pós-TV (LORENZOTTI, 2014).

O projeto teve participação de especialistas em jornalismo e cultura, de integrantes do Fora do Eixo, e um envolvimento com mais afinco de Torturra e Cláudio Prado. Esse último, produtor cultural, que já tinha investidas semanais (com um programa gravado) com Bruno, passou a encabeçar outras atrações e chegou a empreender, num segundo momento, também ações ao vivo, em *streaming*. Tratava-se de um *site* que suportava a exibição de vídeos produzidos via tecnologias como a do *Youtube* (LORENZOTTI, 2014).

No início, eram veiculados programas de debates e entrevistas. Em 2012, Prado inclusive passou a apresentar uma das atrações direto da Rua Augusta (São Paulo), utilizando-se do mobiliário da casa dele. Em seguida, os festivais da rede Fora do Eixo também ganharam espaço, com um número maior de pessoas responsáveis pela transmissão em todo o país. A iniciativa do Mídia Ninja só iria surgir, efetivamente, dois anos depois, recuperando o caráter do tipo de cobertura realizada em 2011, durante a Marcha da Liberdade (LORENZOTTI, 2014).

O novo laboratório deu-se, no entanto, em 2012, na cobertura do evento “Existe amor em São Paulo”. No mesmo ano, os integrantes da casa coletiva de São Paulo, Rafael Vilela e Thiago Dezan, ainda sob a chancela da Pós-TV, também empreenderam uma nova experiência midiática com uma reportagem sobre a tribo dos índios Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul, além de uma página criada no *Facebook* apenas para esse projeto jornalístico. Bruno Torturra entendia que era preciso avançar, com “[...] não só um canal para debates, mas uma rede de jornalismo independente, que desse conta do *streaming*, de texto, foto, com financiamento específico para jornalismo, e criando uma relação mais aberta e mais clara do ativismo com o jornalismo.” (LORENZOTTI, 2014, p. 14).

Assim, não seria adequado utilizar o mesmo nome para essa nova investida. A Pós-TV não foi substituída, mas criado um novo projeto, que inclusive se utilizaria da estrutura já existente. O nome Ninja, segundo Torturra, teria sido dado por uma amiga do jornalista, em referência a Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Bruno destaca especialmente que “[...] pensamos em ação, porque a gente não apenas cobre, mas também promove, ocupa a

rua, faz aula pública, propõe pautas, a gente não se acanha se precisar ser o protagonista da coisa. Ação nesse sentido.” (LORENZOTTI, 2014, p. 15).

Em entrevista à revista *Carta Maior*⁷⁴, os midiativistas fazem menção à função das narrativas independentes, que seria de “[...] dar poder a cada vez mais gente para contar histórias a partir do ponto de vista do que estão vivendo. Mais do que uma ferramenta, é uma noção que ajuda a dimensionar a comunicação como serviço de utilidade pública.” (n. p.).

O nome e o projeto, entretanto, demoraram a sair do papel. O primeiro trabalho do Mídia Ninja então, assim denominado, só foi ocorrer em março de 2013, durante a realização do Fórum Social Mundial na Tunísia, com as investidas de Torturra e Felipe Altenfelder (esse último outro importante integrante do Fora do Eixo). De lá, criaram uma página no *Facebook*, em que postavam artigos, fotos e vídeos. Assim, as primeiras atividades Ninjas, com esse nome, não incluíam propriamente as transmissões simultâneas, mas as postagens em uma rede social *on-line*, trabalho que permanece até hoje (LORENZOTTI, 2014).

De volta ao Brasil, em abril, os repórteres registraram o julgamento dos assassinos do casal de ambientalistas José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo, no Pará, e empreenderam coberturas de manifestações diversas no país (LORENZOTTI, 2014). A interlocução com os movimentos sociais, sobretudo com o Movimento Passe Livre, era cada dia maior, sobretudo em razão das relações estabelecidas com o Fora do Eixo em São Paulo.

No dia 5 de junho de 2013, mais seguro de que a iniciativa Mídia Ninja poderia vingar e crítico em relação ao modelo de jornalismo corporativo tradicional (que apresentava sinais de problemas, devido ao grande número de demissões programadas para aquele ano), Bruno faz uma chamada pública, em uma rede social *on-line*, para uma reunião em que apresentaria uma ideia:

Semana que vem, terça-feira, dia 11 de junho, vou ajudar a promover junto com o Fora do Eixo e do Existe Amor em SP, uma reunião aberta com profissionais de mídia, desempregados ou a fim de se desempregar, para apresentar um projeto que vem sendo elaborado em fogo brando há mais de um ano. E que agora está no ponto para receber todos os que se animarem com a ideia: NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação). Um grupo de comunicação amplo e descentralizado, a fim de explorar as possibilidades de cobertura, discussão, repercussão, remuneração e da radical liberdade de expressão que a rede oferece. Streaming, impressos, blogs, fotos, debates públicos sem o fantasma do lucro e do crescimento comercial como condições primordiais para o trabalho. Por enquanto, nosso melhor investimento é entender a frequente e saudável relação inversa entre saldo bancário e propósito⁷⁵.

⁷⁴ Disponível em: <<http://goo.gl/4RoXPn>> Acesso em: 29 set. 2015.

⁷⁵ Disponível em: <<http://goo.gl/0MFZwS>> Acesso em: 29 set. 2015.

Torturra diz que a ideia foi endossada por alguns e ridicularizada por outros tantos (LORENZOTTI, 2014). No entanto, não demorou muito até que diversas manifestações nas ruas começassem⁷⁶. As mídias corporativas foram cerceadas de entrar nos atos (devido à animosidade de diversos manifestantes), e o Mídia Ninja destacar-se-ia como a principal via de transmissão simultânea dos protestos em todo o país, sobretudo no eixo Rio-São Paulo.

Figura 1 – Carrinho equipado utilizado em intervenções do Mídia Ninja



Fonte: Estadão (2013)⁷⁷

Durante algum tempo, além da cobertura dos protestos, o Mídia Ninja também realizava outras atividades audiovisuais, chamadas de intervenções estéticas pelo repórter Filipe Peçanha, durante as manifestações. Em um colorido carrinho de supermercado, eram dispostos equipamentos que permitiam propagar um debate aberto nos atos, discursos, palavras de ordem, orientação de percursos das marchas e, inclusive, realizar a transmissão simultânea das manifestações. Não eram necessários mais do que duas caixas de som, amplificador e microfone, uma (ou duas) câmera(s) e um *notebook*, ligados a uma bateria ou gerador.

Aos poucos o carrinho passa a dar lugar ao *smartphone*, sobretudo quando as manifestações começam a ficar mais intensas e a compreender mais ações diretas e violentas.

⁷⁶ Aliás, o dia após ao *post* de Torturra marca a primeira grande manifestação em São Paulo, com cerca de quatro mil pessoas na rua protestando contra as tarifas do transporte público.

⁷⁷ Disponível em <http://goo.gl/ONBDUZ> - Acesso em: 29 set. 2015. Não entramos no mérito de descrever o equipamento na seção do dispositivo técnico já que ele não foi utilizado na Copa do Mundo de 2014 nas transmissões que analisamos.

Na linha dos acontecimentos que colocaram o Mídia Ninja conhecido por um número maior de pessoas, estavam justamente as abordagens da grande mídia, em 2013, contra os protestos, classificados por muitos veículos como agudos, desproporcionais e até desnecessários. Como se viu em seção anterior, os mesmos *media* que tentaram não dar atenção aos movimentos, renderam-se a eles não muito depois.

Depois de pelo menos três grandes manifestações em São Paulo (6, 7 e 11 de junho), o jornal *Folha de S.Paulo* lançou um forte editorial, chamando os integrantes do Movimento do Passe Livre de “[...] jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados” (n. p.), entre outros adjetivos pejorativos. O jornal *Estadão* pedia medidas drásticas ao governo, enquanto o colunista Arnaldo Jabor, no *Jornal da Globo*, chamava os manifestantes de “[...] revoltosos de classe média que não valem 20 centavos”.

Para Felipe Altenfelder, “[...] as pessoas se frustravam com aquela representação [midiática], e iam para as redes atrás de uma contra-narrativa”⁷⁸. Assim, Lorenzotti (2014) afirma que “[...] foi quando a cobertura do Mídia Ninja começou a ganhar destaque, oferecendo imagens obtidas diretamente nas ruas, sem edição, colhidas pelos celulares de vários repórteres ativistas e transmitidas imediatamente por meio das redes sociais.” (p. 31).

Talvez a visão verticalizada e desenvolvida a partir de um imaginário sociodiscursivo (CHARAUDEAU, 2007a) diferente do que era compartilhado pelos ativistas fez com que, alvorotados, os manifestantes (alguns deles) impedissem a circulação das mídias de massa nos protestos, repreendidas de forma veemente sempre que eram descobertas no meio das marchas. Ali, no entanto, diversos ativistas estavam com *smartphones*, mas poucos sabiam que conseguiriam transmitir ao vivo, com tecnologias que já estavam disponíveis e ao alcance de boa parte deles.

Para Filipe Peçanha, foi com o advento do Mídia Ninja, ao menos com o reconhecimento público dele, que outros indivíduos viram que era possível, a qualquer um, fazer o mesmo: “[...] depois foram vários outros *links* que passaram a surgir de pessoas que também estavam nas ruas e que entenderam que era possível transmitir”⁷⁹.

Para tanto, o divisor de águas da história do Mídia Ninja parece ter sido o dia 18 de junho de 2013. Felipe Altenfelder, por exemplo, destaca a data por dois motivos. Primeiro

⁷⁸ Em entrevista ao programa *Sem Frescura*, do canal de televisão a cabo *Canal Brasil*, apresentado pelo politizado ator gaúcho Paulo César Pereio. Disponível em: <<http://goo.gl/XK9ocM>> Acesso em: 30 set. 2015. Nas próximas páginas outras citações são feitas a esse programa. Nas notas de rodapé nos limitaremos a colocar o *site*.

⁷⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/XK9ocM>>. Acesso em: 30 set. 2015.

pela representatividade do registro: “[...] aquele painel da Coca-Cola na Copa das Confederações sendo incendiado. Os catadores de lata vindo pegar as latas do painel. A polícia descendo a porrada em todo mundo e a gente ao vivo transmitindo de um celular”. Segundo, em função da “mudança de paradigma” que começa a se evidenciar:

[...] um correspondente internacional de um grande veículo, ele comentou assim: ‘se a bateria do Ninja não morrer, ninguém dorme’; e aquilo fez muita gente ter interesse em assistir aquilo. Então cento e oitenta mil pessoas passaram por uma transmissão feita por um celular com a tela quebrada e um chip pré-pago com quarenta reais de crédito.⁸⁰

Felipe fazia menção ao *post* no perfil do *Twitter* do jornalista Jorge Pontual. Para além dele, no dia seguinte diversos outros profissionais da comunicação se rendiam à metalinguagem para, mais do que especular sobre o fato narrado, tentar dar conta de uma análise daquele tipo particular de informação midiática. Nas redes sociais *on-line*, crescia o interesse pelo Mídia Ninja, tamanha foi, inclusive, a ascensão do número de seguidores da página do coletivo, por exemplo, no *Facebook*.

A partir daí se deu uma dinâmica cíclica que foi inspirando novas repercussões do trabalho dos repórteres em mídias massivas no Brasil e no mundo (como uma matéria veiculada no *The New York Times*⁸¹ em 20 de junho, que, ao tratar dos protestos no país, fazia menção ao Ninja) e um maior número de adeptos nas redes, potencializando ainda mais o desejo de cobrir os manifestos que, na mesma medida, só se ampliavam.

Assim, houve dois movimentos de alargamento Ninja, por assim dizer: de um lado, o desenvolvimento de polos midiativistas em que o Fora do Eixo já tinha bases e, de outro, uma abertura para o trabalho colaborativo de ativistas (sujeitos comuns em geral) que tinham o interesse em registrar as manifestações em diversas cidades pelo país sob a chancela do Mídia Ninja. Segundo Savazoni (2014, p. 129),

[...] a experiência da Mídia NINJA alçou o Fora do Eixo a um patamar de visibilidade que a entidade jamais recebera. Para as casas FdE, a orientação foi constituir núcleos NINJA, com vistas a garantir a cobertura dos protestos em nível nacional. Com isso, conseguiram destacar repórteres com dedicação exclusiva em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre e Salvador.

⁸⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/XK9ocM>> Acesso em: 30 set. 2015.

⁸¹ Segundo Lorenzotti (2014), entre junho e julho de 2013 foram feitas menções ao Mídia Ninja no *El Pais*, *The Wall Street Journal*, *Le Monde*, *The Guardian* e *DeutscheWelle*. A matéria do *The New York Times* está disponível em: <<http://goo.gl/6hDzMU>>. Acesso em: 01 out. 2015.

Segundo Lorenzotti (2014), em 23 de junho, o Mídia Ninja lançou uma convocatória que teve muita adesão na página dele no *Facebook*: “Fotógrafos, repórteres, cinegrafistas, cidadãos a fim de entrar em nossas tropas, escrevam para midianinja@gmail.com dizendo de onde são e como podem colaborar. Estamos começando a cadastrar gente do país todo” (p. 21).

A partir dali, vários manifestantes que transmitiam os protestos passaram a utilizar em seus perfis no *Twitcasting* a expressão “Ninja”, muitas vezes associada a algum outro codinome. Se de um lado isso foi benéfico, do ponto de vista da multiplicação de atores no processo de registro e cobertura em tempo real das manifestações, do outro, o coletivo perdia um pouco o controle do que era dito e associado ao nome dele. Ao final de 2013, Torturra já asseverava que “[...] hoje, a maioria que começou a transmitir não pediu autorização, nem para transmitir, ou usar o nome [...] às vezes eles aderem, mas não é possível conter, se algum está transmitindo bem, se está xingando.” (LORENZOTTI, 2014, p. 94).

Para Rafael Vilela, entretanto, isso não foi problema. Em entrevista a este trabalho, ele indica que

[...] a ideia e a perspectiva do NINJA sempre foi a perda de controle – como de fato aconteceu. Isso foi motivo de comemoração para os fundadores da rede, e de um avanço, ainda que pequeno, no debate nacional sobre a democratização dos meios. Não houve tentativa de controlar, mas sempre tivemos os canais que criamos e os mantivemos assim, mais pela capacidade de agregar público e seguidores do que qualquer outra coisa.

Não é difícil ver na página do Mídia Ninja, no *Facebook*, o coletivo fazer chamada para os diversos *links* que porventura possam estar transmitindo um mesmo acontecimento, sejam eles os oficiais (seis, entres os quais iremos empreender análise aqui) ou não, com destaque, evidentemente, para os primeiros⁸². Nesse sentido, muitas vezes o coletivo era responsabilizado pela forma como determinados midiativistas realizavam os trabalhos deles, sobretudo em razão de uma associação automática que parte do público *webespectador* fazia entre o sujeito e a mídia, sem que em verdade houvesse.

Entende-se que o coletivo passava a ser visto menos como mídia e mais como rede. O *slogan* “somos todos Ninjas”, adotado por vários manifestantes, demonstrava que, aliás, instituíam-se um conceito que representava exatamente um modo de construção mediática da realidade que poderia ser feito por qualquer um, a partir do ponto de vista próprio, com os

⁸² Aliás, *links* de outros veículos também são tantas vezes vistos (divulgados) na *fan page* do coletivo sob a chancela do Mídia Ninja.

recursos tecnológicos disponíveis, aquém de um padrão comunicativo pautado e centralizado pelos *mass media*.

A Copa das Confederações de futebol encerrava-se deixando uma série de legados aos manifestantes, sobretudo no reconhecimento de que os protestos poderiam gerar mudanças efetivas, que foram conseguidas. Mas uma dessas deixas parece mesmo ter sido o potencial midiático que cada um carrega, e em como um celular pode ser instrumento de proteção e enfrentamento, que finalmente foi compreendido.

Mesmo depois que as ruas se aquietaram, tanto o Mídia Ninja, quanto a Pós-TV, continuaram os seus trabalhos, com uma frequência maior da segunda, enquanto que a primeira se voltava à cobertura de debates, eventos técnico-científicos, ocupações e plenárias diversas. Ainda assim, um sem-número de seguidores se mantinha cativo às abordagens dos coletivos.

Em 19 de julho daquele ano, depois de terem sido barrados em uma coletiva de imprensa com o governador do Rio de Janeiro, os midiativistas foram convidados pelo prefeito da capital para uma entrevista exclusiva com o executivo municipal. Afobados, os Ninjas então correram logo para o gabinete do parlamentar. A falta de preparo dos repórteres, contudo, ficou evidente. Além disso, muito distantes da tradicional dinâmica questionadora, conduziram uma conversa que foi considerada por críticos como leve. Provavelmente bem pautado por um apropriado trabalho de *media training*, Eduardo Paes, de maneira geral, saiu-se bem nas respostas. Reconhecendo que talvez não tenham correspondido ao contrato comunicativo que previamente assinaram com os seus seguidores, o coletivo soltou nota afirmando que

[...] é no processo, na experiência, na transparência, no teste real, ao vivo e sem cortes, que estamos avançando. Construindo nossa base de público e equipe. E pensando, com os muitos erros e acertos, em como entregar um jornalismo cada vez mais próximo da enorme confiança e expectativa que tanta gente deposita na Mídia NINJA⁸³.

A mensagem segue afirmando que “[...] há muitas e cruciais diferenças entre cobrir a rua, a ação dos protestos e encarar um ensaboado governante, tête-à-tête, por mais de uma hora.” (MÍDIA NINJA, 2013, n. p.). E, se a primeira parecia uma frente à qual o Mídia Ninja já estava mais preparado, não demorou até que novos episódios marcassem a história do coletivo, apenas alguns dias depois. Se o repórter Filipe Peçanha disse⁸⁴ que “[...] foi na final

⁸³ A nota completa está disponível em <<https://goo.gl/d8vhTp>>. Acesso em: 01 out. 2015.

⁸⁴ Em depoimento ao jornal *O Dia*. Disponível em: <<http://goo.gl/azd1ko>>. Acesso em: 01 out. 2015.

da Copa das Confederações, quando todos ficaram encurralados, com as tropas da polícia avançando e lançando bombas”, o momento mais “tenso” à frente do Mídia Ninja, o pior ainda estava por vir. Dia 22 de julho de 2013, segundo Felipe Altenfelder, foi uma das datas mais marcantes para o coletivo. Ele resume a noite da seguinte maneira:

[...] foi quando o Papa veio aqui pro Rio e rola uma manifestação e a polícia usa os P2, os infiltrados, para jogar coquetel molotov contra a própria polícia. Prendem um inocente: Bruno Teles. Nessa mesma noite o Carioca ali, tava transmitindo ao vivo e foi preso. Transmitindo ao vivo com dez mil pessoas assistindo aquilo. Então aquilo viralizou nas redes com muita força. E as pessoas na rua começaram a gritar: ‘Ei! Polícia! Cadê a Mídia Ninja?’ Então a gente percebeu que o negócio tá forte na rede e na rua.

Tão forte que o Mídia Ninja seria convidado, no início de agosto, para participar de um dos mais importantes programas de entrevista do Brasil, o Roda Viva. Antes, é importante dizer que Filipe Peçanha havia sido preso sob a alegação de estar incitando a violência, por meio da transmissão – como visto na introdução da presente tese. Ao sair da delegacia, sob os gritos dos manifestantes, ainda entoou um discurso ativista ali mesmo, ouvido por dezenas de sujeitos no local e por outros tantos em rede. As imagens do Mídia Ninja, e de outros midiativistas, foram utilizadas pela *TV Globo* no *Jornal Nacional* e circularam o mundo, demonstrando o possível envolvimento de policiais infiltrados nas manifestações. A cobertura dos coletivos também conseguia demonstrar que Bruno Teles havia sido preso injustamente, sob a acusação de portar coquetel molotov (o único nessa condição).

Falando então do Roda Viva⁸⁵, Bruno Torturra e Pablo Capilé foram os representantes do coletivo, ao vivo, no dia 05 de agosto. Arguidos por seis especialistas em comunicação, pela primeira vez⁸⁶ em rede aberta de televisão no Brasil poderiam explicar, com detalhes, afinal, o que era o Mídia Ninja. Aliás, por algum motivo, as questões giraram muito em torno de pontos ligados à subsistência monetária do grupo – afinal, talvez os entrevistadores, por desconhecimento, estivessem muito ligados à lógica do jornalismo corporativo, ao envolvimento e às intenções político-partidárias do Fora do Eixo e às perspectivas relacionadas ao posicionamento parcial.

Ainda assim, destacamos essa entrevista por acreditar que ela traz uma série de arranjos dos principais articuladores sobre o que o Mídia Ninja de fato seria. Recortamos as passagens que julgamos ser mais relevantes. Bruno Torturra, por exemplo, logo de início,

⁸⁵ Disponível em: <<https://goo.gl/eGV20m>>. Acesso em: 01 out. 2015.

⁸⁶ Em verdade, Bruno Torturra já havia participado do programa *Observatório da Imprensa*, dias antes na mesma emissora; contudo, com a presença de outros dois convidados não ligados ao Mídia Ninja.

afirma que o que o coletivo faz é jornalismo, indicando que se pode discutir o modelo, mas não a gênese: [...] “ser um grupo organizado, de se colocar como veículo, de ter dedicação diária e transmitir informação da maneira mais crua, mais honesta, mais abrangente possível dentro de nossas limitações, é jornalismo sim!”

Fazendo um pequeno parêntese, a arguição sobre como o Mídia Ninja gere a sustentabilidade financeira dele foi recorrente; dessa maneira, trazemos a resposta de Caio Motta, vinculado ao grupo, que, em outra oportunidade, explicou de forma sintética:

Elas [as mídias alternativas e, principalmente, o Mídia Ninja] acabam sendo sustentadas pelas pessoas. Esse capital humano é fundamental para isso que está acontecendo. Pra você desenvolver as ações que o Ninja faz, basta a força de vontade das pessoas. A gente não precisa de uma megaestrutura de uma redação pra estar desenvolvendo estes processos. E dentro destes 10 anos que a gente vem falando com relação ao Fora do Eixo, deste laboratório, dentro do campo da sustentabilidade a gente vem desenvolvendo isso desde o começo, seja em caixas coletivas por exemplo, onde tudo que entra dentro destes caixas a gente conseguir compartilhar ele⁸⁷.

Questionados no Roda Viva se conseguiriam rentabilizar o Mídia Ninja, Torturra explicou que essa era uma intenção, mas que o jornalismo deveria ser repensado, abandonando a lógica industrial. Para ele, hoje, a mídia ainda é vista antes de mais nada como um modelo de negócio, como algo que deve gerar lucro. Assim, a informação foi sendo tratada como uma *commodity* pelos *media* (e, logo, também pelos patrocinadores e pela sociedade). Para ele, com o advento da *Internet*, estabeleceu-se uma nova ordem econômica para as mídias, que não é a mesma da analógica, mas que muitos veículos ainda não perceberam isso.

Segundo Bruno, é preciso abandonar a ideia de que o jornalismo é necessariamente muito caro para ser feito. Prova disso seria o trabalho empreendido pelo Mídia Ninja. No entanto, para conseguir lucro com o coletivo, Torturra confiava que o leitor, aos poucos, passaria a valorizar o espaço da informação democrática, financiando-a. Segundo o midiativista, se o espectador quer se sentir representado e almeja credibilidade, deve investir nisso.

Para tanto, o Mídia Ninja já pensava em iniciativas de *crowdfunding* para se sustentar. Não muito tempo depois, ações do tipo foram realizadas pelo coletivo para captação de recursos; não necessariamente para o trabalho jornalístico de base (transmissões simultâneas, cobertura de acontecimentos), mas para a produção de documentários.

⁸⁷ Em entrevista ao programa *Espelho*, do *Canal Brasil*, apresentado pelo ator Lázaro Ramos. Disponível em: <<http://goo.gl/PLoiWi>>. Acesso em: 30 set. 2015.

Outras ideias, que parecem pioneiras, seriam um sistema de assinatura das produções e a criação de um *software* para microdoações monetárias. Questionados, no entanto, sobre receber recursos de outras instituições, Capilé e Bruno disseram que quem recebe dinheiro, por exemplo, do governo, é o Fora do Eixo, a partir de editais públicos para a realização de eventos culturais. Seria o retorno desse investimento, dentro dos caixas comunitários das casas coletivas, que financiariam então as despesas dos Ninjas.

Sobre a dependência desses recursos e a influência no trabalho midiativista, eles são enfáticos. Torturra diz que se sente completamente independente para tratar de qualquer tema e não tem a sensação de ser patrocinado para isso. Quanto ao investimento do capital privado, Bruno diz que prefere

[...] manter a independência do nosso veículo, oferecendo uma nova forma de financiá-lo [...] Eu acho que pode comprometer um pouco o imaginário que a gente está tentando criar pra o leitor se engajar mais na viabilidade do nosso projeto. Eu falei de dinheiro de patrocínio de empresa [...] Eu acho que investimento público em iniciativas de comunicação, desde que ela seja totalmente abertos, que outros grupos possam disputar também, que não seja nada feito a portas fechadas, acho que é muito legítimo. Uma por que é algo de profundo interesse público, que a informação se democratize [...] há muito dinheiro público na grande mídia.

Ao serem questionados sobre as relações políticas que teriam, Capilé exalta a história do Fora do Eixo e os mais de dez anos de atuação no cenário sociocultural brasileiro. Ele diz que se relaciona e dialoga com vários partidos, e cita parlamentares do PT, PSOL e PC do B. Questionado se não dialoga com o PSDB, afirma que esse partido é que tem como política não conversar com os movimentos sociais. Bruno diz que já fora suspeito de todo o tipo de envolvimento político-partidário, até de ser um “tucano⁸⁸ disfarçado”. Ainda assim, ao serem arguidos, afirmam que o posicionamento político dos dois é de esquerda, para além da representação partidária.

Os representantes do Mídia Ninja afirmam que o coletivo é muito empírico, que os integrantes, a maioria jovens, inexperientes, fazem as coisas muito no instinto e na prova que anteriormente deu certo. No que concerne à tecnologia utilizada, Torturra diz que ela é muito “banal” e que o que realmente importa é a atitude de um indivíduo ao realizar uma transmissão – o que separaria uma pessoa que tem um celular, o “comunicador público instantâneo”, daquela que realmente age como midiativista.

Assim, para Bruno, as manifestações de 2013 viram o Mídia Ninja quase que “como um serviço de utilidade pública”, no entendimento que a transmissão por si só já seria uma

⁸⁸ Ligado ao PSDB – e/ou com ideologia de direita/conservador.

medida de garantia da proteção ao manifestante, do direito dele de protestar. Portanto, o coletivo teria que tomar um lado nos atos públicos. Nesse contexto, ao ser questionado sobre os males da imparcialidade, Torturra é categórico ao dizer que “[...] a nova credibilidade do jornalismo não virá através de uma falsa imparcialidade, mas de múltiplas opiniões claras, multi-posicionamentos”.

Ainda assim, segundo o midiativista, o Mídia Ninja procura ouvir os dois lados em, por exemplo, uma manifestação: “A gente conversa com todo mundo que está na nossa frente”, até com Black Bloc. Nesse ponto, Bruno e Capilé criticam um maniqueísmo da nossa sociedade e, por conseguinte, da mídia de massa. Ele não se coloca a favor das táticas utilizadas pelos manifestantes Black Blocs, mas fala que a questão deve ser problematizada, discutida, analisada com parcimônia e que este em geral tem sido o papel do coletivo: mostrar uma nova visão de determinados grupos sociais para a sociedade.

Para finalizarmos essa passagem, destacamos a fala de Capilé, para quem a mídia de massa continuava a tentar entender o fenômeno das manifestações de 2013 do alto, de forma verticalizada. Sem saber muito bem o que acontecia, no entanto, os *media* utilizaram, entre outras, uma estratégia que, na opinião dele, não deu muito certo. O exemplo é que

[...] a gente brinca que, inclusive, a Globo News colocou agora o M2. Tentando chegar na Mídia Ninja, ela colocou um cara com um celular na manifestação. Igual tem o P2, agora tem o M2, só que o cara continua no estúdio e não deixa aquele cara narrar então não adianta nada ter um cara ali como celular na mão que ele está muito mais escondido para não ser hostilizado do que propriamente fazendo uma cobertura em tempo real⁸⁹.

Após o programa, contudo, diversas críticas começaram a aparecer contra o Fora do Eixo. Enquanto alguns recriminavam o modo de condução do coletivo, que teria diversas dívidas (dos mais diversos tipos) no mercado cultural (e era cobrado também por isso), uma ex-integrante do circuito, antiga moradora de uma das casas coletivas, veio a público, por

⁸⁹ Lorenzotti (2014) lembra que o Mídia Ninja ficou conhecido em razão de seis fatores principais. Entre um deles, não só o fato de a *Globo News* ter adotado um modelo na tentativa de se aproximar do que o coletivo fazia, mas a repercussão que houve no incidente com o jovem repórter global em 07 de setembro de 2013. Nos protestos na comemoração do Dia da Independência brasileira, Júlio Molica foi identificado por manifestantes e “começou a ser agredido por black blocs que gritavam e xingavam ‘A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura’.” (LORENZOTTI, 2014, p. 86). Houve grande discussão um dia depois, tendo sido o Mídia Ninja recriminado por, por meio do midialivrista em campo nesse dia, ter supostamente criticado a participação de Molica no ato e de alguma forma ter justificado (quase em defesa) a ação dos ativistas que o excluía. Rafael Vilela, perguntado sobre essa iniciativa, em entrevista ao autor deste trabalho diz desconhecer “o contato de qualquer coletivo com a Globo. Em minha opinião trata-se de uma tentativa de se apropriar de uma linguagem que dialogue mais com o público jovem e de um senso de realidade maior. A linguagem pasteurizada da TV Globo com seu ‘padrão de qualidade’ está também associada ao descrédito que a emissora conquistou desde sua fundação com a criminalização dos movimentos e lutas sociais, e com um posicionamento sempre muito parcial defendendo os interesses da elite, apesar de alegar imparcialidade”.

meio de uma rede social *on-line*, afirmar que Pablo Capilé era “controlador de mentes, com atitudes monárquicas” e segue denunciando o “sexismo no coletivo, escravismo mental e financeiro” e que as pessoas seriam “submetidas a um ‘choque pesadelo’ quando se rebelam”.

Savazoni (2014) afirma que a soma das muitas acusações que surgiram “[...] constituíram um verdadeiro linchamento virtual”, sendo “possível afirmar que poucas organizações sobreviveram a algo da magnitude que o Fora do Eixo foi submetido” (p. 192). O autor cita, entretanto, uma série de defesas também ao coletivo que inundaram a rede com argumentos e contra-argumentos.

Ao que cabe mais diretamente ao nosso trabalho, é válido buscar algumas críticas presentes no texto da cineasta Beatriz Seigner, talvez o primeiro a ter repercussão à época. Ela afirma, em postagem no *Facebook*, que a nomenclatura Mídia Ninja veio em substituição a Mídia Fora do Eixo. Savazoni (2014, p. 151), sem entrar muito em detalhes, também afirma que o antigo nome era mesmo este. Porém, Seigner diz que a alteração se deu porque esse último fazia com que os midiativistas fossem expulsos de manifestações. A cineasta alega ainda que haveria uma prática de plágio nessa mídia, ao

[...] utilizar os vídeos feitos por centenas de pessoas não ligadas ao Fora do Eixo, editá-los, subi-los no canal sob seu selo, e querer capitalizar em cima disso – sem repassar os recursos para as pessoas que realmente filmaram estes vídeos/fizeram estas fotos e textos – inclusive do PM infiltrado mudando de roupa e atirando o molotov - eu já acho bastante discutível eticamente (n. p.).

Em seguida, critica o anonimato dos textos e fotos veiculados pelo coletivo, afirmando que assim fariam “[...] exatamente aquilo que criticam na grande mídia: espalham boatos anônimos, sem o menor comprometimento com a verdade, com a pesquisa, com a acuidade dos dados e fatos” (n. p.). A quarta questão levantada sobre o Mídia Ninja por Seigner seria sobre o fato de o coletivo beneficiar-se de um trabalho escravo daqueles que vivem nas casas Fora do Eixo.

Sobre a acusação dos midiativistas terem sido expulsos de protestos, há uma certa contradição. Enquanto Pablo Capilé, principal líder do Fora do Eixo, diz que “nunca nenhum integrante do Mídia Ninja foi expulso de lugar nenhum⁹⁰, muito menos da Favela do Moinho⁹¹”. Um ex-integrante, Gabriel Zambon, afirma que o veículo tem um nome diferente

⁹⁰ A mesma afirmativa é feita por Rafael Vilela, em entrevista ao autor desta tese.

⁹¹ Em resposta a um questionamento da revista *Carta Capital*, que indaga ao que o Fora do Eixo atribui a hostilidade de diversos movimentos sociais e às iniciativas dele, como o Mídia Ninja, que teria sido expulso da favela do Moinho. Disponível em: <<http://goo.gl/aX8SEg>>. Acesso em: 09 out. 2015.

“para evitar a rejeição que o FdE provoca”⁹². Em entrevista ao autor deste trabalho, o Ninja Dênis Nacif afirma que já foi criticado e até segregado de algumas atividades nos atos por manifestantes; mas minimiza a questão, vendo que a perspectiva não se relacionaria diretamente ao coletivo, mas muitas vezes ao próprio trabalho de mídia, em um descompasso de intentos que às vezes é normal.

Em outra nota pública, essa direcionada à *Carta Capital*, e fazendo menção a jornalistas que teceram duras críticas ao coletivo, o Fora do Eixo faz uma afirmação que também responde a Seigner por tabela:

Lino Bocchini e Pietro Locatelli tentam criar uma tese de que a Mídia Ninja seja um nome fantasia para driblar supostos desgastes do FdE com outros movimentos sociais. O fato é contestado pelas diversas manifestações de apoio que o Fora do Eixo tem recebido de vários movimentos representativos como o MST, Movimento Nacional de Direitos Humanos e de várias organizações Latino Americanas, mostrando claramente que não temos necessidade de criar nenhum artifício para livrar o Fora do Eixo de qualquer desgaste. Ainda, nunca houve por parte do Fora do Eixo ou da Mídia NINJA nenhuma tentativa ou esforço de omitir ou desvincular as duas iniciativas, pelo contrário. Publicamente sempre ressaltamos a relação orgânica dos dois projetos entendendo a Mídia Ninja como uma rede incubada – lógica própria do movimento de Economia Solidária – a partir do Fora Do Eixo. Hoje, dezenas de indivíduos e alguns coletivos trabalham como Ninjas e se sentem, ainda bem, também donos da rede⁹³.

A chamada Mídia Fora do Eixo, porém, parece ter vindo antes do Mídia Ninja, servindo de suporte e laboratório para a constituição dessa segunda. Assim, a primeira constitui-se como programa para o desenvolvimento de projetos específicos alinhados com a perspectiva de “disseminar a produção de conteúdo cultural e político, contribuindo na transformação social que é pautada nos conceitos de coletividade, protagonismo, autonomia e troca de informações e serviços”⁹⁴.

Nesse sentido, o Mídia Ninja comporia uma das sete plataformas vinculadas ao Fora do Eixo, sendo as outras: o Overmundo (um portal de jornalismo colaborativo); a já citada Pós-TV; Meme (produção e articulação fotográfica e de peças gráficas); DF5 (conteúdo audiovisual); o TNB (*site* que conecta artistas a produtores de evento); além da frente de Redes, sistema de distribuição de conteúdo *on-line*.

Porém, a intenção antes das Jornadas de Junho, mais do que utilizar o Mídia Ninja como frente de transmissão, era condicioná-lo na estrutura da Mídia Fora do Eixo como aglutinadora desses outros projetos, transformando o “i” do acrônimo em integradas, em

⁹² Também em uma matéria da *Carta Capital*. Disponível em: <<http://goo.gl/0stRfJ>>. Acesso em: 09 out. 2015.

⁹³ “Carta à Carta”. Disponível em: <<http://goo.gl/M3g0MS>>. Acesso em: 09 out. 2015.

⁹⁴ De acordo com informações no *site* do Fora do Eixo.

detrimento do “independentes”⁹⁵. Nesse contexto, era o Mídia Ninja que ficaria como programa e o FdE na condição de plano diretor.

Sobre a questão do plágio, não conseguimos identificar exatamente onde (em que plataforma) e como o Mídia Ninja (se não estava a falar do Fora do Eixo) teria cometido tal (no caso do PM infiltrado trocando de roupa e/ou lançando o coquetel molotov) ou tais atitudes de cópia desautorizada mencionadas por Beatriz Seigner. Fato é que o coletivo replicou, como exemplo, um vídeo⁹⁶ que mostra policiais infiltrados na manifestação em que Filipe Peçanha foi preso. Houve um *post* no *Facebook*, sem a menção de autoria, que alcançou (até outubro de 2015) 2.180 curtidas, e mais de 3.200 compartilhamentos.

Contudo, parece fácil, para qualquer pessoa com um letramento básico sobre o compartilhamento de vídeos nessa rede social *on-line*, verificar que a gravação foi postada originalmente no *Youtube* sob a disponibilização do perfil de um determinado usuário que não era o Mídia Ninja. Nesse sentido, não houve subtração do material sendo cancelado com uma marca do coletivo na rede; deu-se a replicação dele, a partir de um uso comum de internautas que utilizam o *Facebook* (se é isso que se questiona).

Em entrevista a esta pesquisa, Rafael Vilela diz que o Mídia Ninja trabalha também com a perspectiva do *remix* e com a filosofia do *creative commons* (com flexibilidade para utilização de materiais produzidos por outros, e da licença aberta para que a produção do coletivo possa ser aproveitada indistintamente, aquém das barreiras dos direitos autorais reservados); nesse sentido, a eles não interessaria a lógica da posse e da propriedade. “Muitos conteúdos são feitos a partir da soma de diversas visões, como é o caso do Bruno [Teles] durante a chegada do Papa, que só foi solto depois de centenas de vídeos serem juntados para provar sua inocência, quando já estava a caminho de Bangu”.

A justificativa que Rafael dá para posicionamentos como o de Beatriz é a de que “uma parte do debate sobre esses temas está profundamente impregnado com o paradigma da produção intelectual do século XX, que trata o cognitivo como material, e não entende a potência da criação coletiva”.

Ademais, conforme sugere Rafael Vilela, “quando nada é de ninguém, tudo é de todos, a gente voa. Parei de assinar individualmente as imagens que fazia e elas começaram a duplicar e triplicar sua capacidade de replicação”⁹⁷. Esse parece ser o cerne da questão; a

⁹⁵ Até a nossa última visita ao *site* do Fora do Eixo, em 09 de outubro de 2015, o Ninja ainda estava desabreviado como Narrativas Integradas, Jornalismo e Ação. Disponível em: < <http://goo.gl/IVgOy9>>. Acesso em: 09 out. 2015.

⁹⁶ Disponível em: <<https://goo.gl/ycZiFr>>. Acesso em: 09 out. 2015.

⁹⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/S54sYO>>. Acesso em: 09 out. 2015.

ausência de personificação do material, criticada por Seigner, gera um anonimato que, ao contrário de uma quebra da credibilidade, faz agir efeitos de verdade. Isso, na associação e reconhecimento do material como construído por um sujeito comum, ordinário, igual ao que o lê. A identificação com o que é produzido (além do conteúdo) e a quebra da ideia de direito autoral faz com que, aparentemente, os vídeos tomem proporções ainda maiores, sendo compartilhados com maior recorrência.

Para além disso, em entrevista a este trabalho, Rafael Vilela acrescenta que

[...] a autoria coletiva é uma escolha individual. Cada um escolhe como quer assinar. Entendemos que a produção intelectual não se resume a quem está em campo, na linha de frente, mas só é viabilizada a partir de uma ampla rede de trabalhos onde cada um exerce uma função diferente. Em resumo, para um fotógrafo estar na linha de frente de um acontecimento fazendo um registro, alguém precisa estar em casa cozinhando e alguém precisa dirigir o carro que levou a equipe. Todos são criadores e fazem parte do processo de produção desse conteúdo, por isso não faz nenhum sentido, para mim, que uma imagem ou uma transmissão seja assinada individualmente.

É evidente, porém, que não desconsideramos o *ethos* do Mídia Ninja nesse contexto. É ele que serve como mediador, tornando as produções creíveis então também exatamente por este reconhecimento, por uma ideia de representação, legítimo para transformar o mundo em relato para um determinado grupo de sujeitos. Acontece que muitas vezes (sobretudo em 2013), o grupo da mesma forma esteve a cancelar o trabalho midiativista de indivíduos que sequer tinham uma relação mais estreita com o Fora do Eixo. O “somos todos Ninjas” fez com que, e aí concordamos com Seigner, se capitalizasse o coletivo.

Porém, esse capital nos parece ser da ordem do simbólico, e não financeiro. E não só porque Rafael Vilela nos afirma em entrevista que “nenhum conteúdo da Mídia Ninja é vendido ou repassado a agências” e que “tudo está liberado em *creative commons*, o que permite a reutilização de qualquer pessoa, mesmo que com fins lucrativos”. Num certo momento, o Mídia Ninja parece ter crescido mais como ponte rizomática do que como ponto de referência apenas. Um número cada vez maior de pessoas passou a se interessar em cobrir as manifestações em 2013, ao passo que um outro tanto também buscava informações, passando a perceber que se os Ninjas ainda eram uma referência, não se constituíam, contudo, como os únicos a evidenciar as manifestações. Não obstante, hoje (2016) um número considerável de coletivos já existe, muitas pessoas têm noção de que as fontes de acesso às informações são inúmeras, mas o Mídia Ninja estruturou-se em torno de uma legitimidade construída (concordamos com Seigner nesse sentido) a partir de uma edificação colaborativa, de vários atores que acabavam por convergir no/com o Mídia Ninja.

Acerca da última observação da cineasta, na nota oficial em que rebate as críticas de Seigner, o Fora do Eixo diz que “nenhum morador, colaborador, parceiro ou qualquer pessoa relacionada aos coletivos da rede jamais foi submetido a trabalho escravo. A adesão a qualquer atividade e/ou projeto da rede, tal qual a desadesão, é livre, consciente e esclarecida”. Para a Ninja Isadora Machado, que inclusive realizou transmissões simultâneas durante a Copa do Mundo, as acusações de escravismo são caluniosas e fruto de uma visão limitada e deturpada pela identidade social dos sujeitos que as produziu. Ela diz⁹⁸ que “o grupo é aberto. Qualquer um pode se posicionar, ir até onde quiserem e até sair⁹⁹ da rede [...] a questão é colocada por jovens brancos de classe média que tinham comida na mesa, livre acesso a diversos eventos culturais”.

Para findar tal discussão, selecionamos um pequeno fragmento de um relato pessoal que Rafael Vilela faz sobre o Fora do Eixo:

Em minhas memórias lembro dela [Beatriz Seigner] assustada, assim como bem descreve em seu post-longa-metragem baseado em fatos reais e em percepções distorcidas. Assustada com a autoria coletiva, assustada com pessoas que preferiam escutar ao invés de sair vomitando opiniões, assustada com gente que não precisa ter um salário pra ser feliz, com um projeto que não tem o artista como um gênio indomável, assustada, enfim, com os diversos paradigmas que um processo forte e necessário como o Fora do Eixo nos obriga a questionar¹⁰⁰.

Em 2014, o Mídia Ninja seguiu adiante com as suas atividades. Como destaque, houve a cobertura da greve dos funcionários da limpeza pública da cidade do Rio de Janeiro durante o Carnaval. O coletivo realizou transmissões diárias da cidade, acompanhando a manifestação dos garis, num movimento de repercussão global. Outro destaque foi o lançamento do *site* oficial do coletivo, posto em rede um dia antes da Copa do Mundo. Lançou-se em parceria com a Oximity – uma plataforma internacional de notícias que veicula informações produzidas por jornalistas independentes e cidadãos de todo o mundo. Com *layout* diferenciado, o portal apresenta ainda um espaço para que o internauta faça doações ao grupo midiativista.

Perguntado por nós se via diferença entre o Mídia Ninja de 2013 para o de 2014, Rafael Vilela afirma que

⁹⁸ Em reportagem do jornal universitário *Contramão*. Disponível em: <<http://goo.gl/AmEAAO>>. Acesso em: 07 out. 2015.

⁹⁹ Importante dizer que Isadora Machado já não faz mais parte do quadro do Fora do Eixo/Mídia Ninja.

¹⁰⁰ Disponível, entre muitos outros relatos pessoais, em: <<http://goo.gl/S54sYO>>. Acesso em: 09 out. 2015.

[...] muita coisa mudou. O Brasil mudou completamente. 2013 foi um ano de emergência, de explosão das ruas, e de elevação do nível de consciência geral da população. 2014 foi um ano que nasceu com dois limites claros: A Copa e as eleições, nada seria maior ou mais importante do que isso. O Ninja, e o midiativismo, tiveram que superar as ruas (que já não estavam mais tomadas) e a lógica da denúncia. Era necessário aprofundar e mostrar capacidade de lidar com um nível de complexidade maior, se apropriar mais das ferramentas do jornalismo, da pesquisa, da investigação. Os temas também mudaram, passamos a dar uma ênfase grande na questão ambiental e comportamental.

Enfim, o torneio esportivo chegou e a partir daqui já deveríamos fazer as nossas considerações sobre o trabalho do Mídia Ninja frente à análise das transmissões. No entanto, achamos pertinente articular ainda mais algumas considerações sobre o coletivo, num levantamento histórico-conceitual. Felipe Altenfelder reforça o caráter de contrainformação ao qual o Mídia Ninja, entre tantos veículos alternativos, se presta. Para tanto, ele endossa os argumentos do sociólogo Massimo di Felice¹⁰¹, para quem estamos vivendo hoje uma virada na concepção de mediação, da hegemonia de uma mídia de massa para a convivência com uma massa de mídias. “Existem duas coisas que estão colocadas. A capacidade de produzir o conteúdo, e a outra de distribuir ele. E a gente vem se apoderando da internet como este canal.”¹⁰².

Ainda segundo este pioneiro no Mídia Ninja, a construção da equipe do coletivo passa pela identificação de afinidades, pelo estímulo à criatividade e o intento em dar voz às pessoas que não têm espaço na mídia de massa, evidenciando narrativas de vida interessantes e causas sociais importantes. Esse seria, em geral, o perfil dos residentes das casas Fora do Eixo, o que facilita a formação de um time de midiativistas: “O lance é juntar gente legal, ter ideia e contar histórias então é um pouco disso que acontece aqui e muita gente vem atrás disso”.

Com essa consciência, os Ninjas estariam, segundo Felipe, participando de uma “guerra de informação”, na qual o que jazeria em disputa seriam os “imaginários”. Dentro de uma perspectiva conceitual, em detrimento de nos atermos ao ponto de vista de combate/batalha, de fato as mídias alternativas oportunizam novas concepções sobre os imaginários sociodiscursivos, uma opção interpretativa muitas vezes diversa daquela dada pelos *mass media*, constituindo uma contestação sobre formas de classificação e qualificação das coisas do mundo. Como exemplo, em detrimento de verticalmente considerar adeptos às táticas Black Bloc tão-somente como vândalos (prática comum dos veículos de comunicação massiva) o Mídia Ninja os veria sob um outro ângulo (imagético e discursivo, aliás), como manifestantes que têm uma forma específica de se expressar, como se viu em relato no *Roda*

¹⁰¹ Muito provavelmente baseado em Ramonet (2012).

¹⁰² Disponível em: <<http://goo.gl/XK9ocM>>. Acesso em: 30 set. 2015.

Viva (CHARAUDEAU, 2007a). Segundo o fotojornalista do coletivo, Thiago Dezan, o que os Ninjas querem, afinal, é “através desta disputa de imaginário, provocar um novo tipo de consciência na sociedade.”¹⁰³.

É comum entre os Ninjas citar outro exemplo. Em detrimento da postura dos meios de comunicação de massa, que evidenciam, em uma manifestação que interdita uma determinada avenida, os impactos no trânsito, tão-somente descrevendo os intentos daqueles que protestam, a mídia alternativa preocupar-se-ia em dar voz ao maior número de pessoas, problematizando acerca dos motivos que levam estas às ruas, àquele ato, nem se importando com o fluxo de veículos (visto como condição para que melhorias na cidade ocorram).

Nesse contexto, Altenfelder faz menção a algo que já nos soava como hipótese. Mesmo que não totalmente confirmada, compreendemos que o Mídia Ninja passa por uma transição em junho de 2013 ao se constituir como marca midiática que muda a concepção sobre o trabalho midiativista totalmente independente. É sob a égide de um *ethos* discursivo, em nossa opinião, que todas as transmissões passariam a se reger e serem decodificadas pela audiência. Segundo o Ninja,

[...] às vezes você ter uma marca que consegue fazer um enfrentamento e se comunica com um número grande de pessoas, é fundamental se você está disputando imaginários, numa guerra de informação. Você precisa de uma estética pop pra fazer política, pra se comunicar, se não a gente vai falar só com nós mesmos e não vai adiantar de nada¹⁰⁴.

Instituído enquanto marca, o Mídia Ninja, porém, seria ainda visto como híbrido para além do binômio mídia-ativismo. A mestiçagem dá-se também nessa interpretação complexa e até paradoxal de um modo de fazer idêntico ao que qualquer sujeito tem condições de bancar dentro do universo da massa de mídias, mas que é legitimado, ancorado pelo peso de um nome, ora visto como rótulo, ora como título, que o conforma como núcleo de referência, aglutinando pessoas, amalgamado como espécie rara de mídia de massa na massa de mídia.

Em uma entrevista mais recente, em maio de 2014, para um programa de televisão, os Ninjas foram questionados se a parcialidade declarada do coletivo também teria a ver com um posicionamento e envolvimento com partidos políticos. Filipe Peçanha, ao responder, não é incisivo, demonstrando não haver um envolvimento partidário, mas uma aproximação com perspectivas que dialogam mais e melhor com o ponto de vista dos midiativistas:

¹⁰³ Em depoimento ao documentário Mídia Ninja. Disponível em: <<http://goo.gl/dSoxC0>>. Acesso em: 01 out. 2015.

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://goo.gl/XK9ocM>>. Acesso em: 30 set. 2015.

A relação com partido está colocada no sentido de que mais do que pensar partidos a gente pensa políticas públicas. Acho que as nossas iniciativas são de certa forma inspiradoras para que se pensem, ou para que pelo menos se problematize, que se debata uma série de políticas públicas que inexistem¹⁰⁵.

É nesse sentido que recai uma nota publicada no *site* oficial do coletivo em que, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2014, afirma que “nosso voto no dia 26 é Dilma”. Não obstante, o Mídia Ninja justifica a escolha, ao dar a entender que o plano de governo da candidata dialogava melhor com as questões defendidas pelos midiativistas, ainda que o seu triunfo sobre Aécio Neves (candidato do PSDB) significasse tão-somente um caminho mais apropriado.

Uma possível vitória de seu projeto não será definitivamente um ponto de chegada. Ao contrário, trata-se de um ponto de partida para avançar rumo à democratização dos meios de comunicação, à reforma política, à desmilitarização da PM, à mobilidade urbana plena, ao direito à moradia, à legalização da maconha e ao fim da guerra às drogas, ao fim do extermínio da juventude negra, ao respeito e incentivo às diversidades culturais e sexuais, às políticas públicas para mulheres, e por fim, a uma compreensão renovada das necessidades socioambientais do século 21. Queremos um país que transcenda o consumo e a ascensão econômica, que seja consciente da iminente crise ambiental, que reconheça e valorize os Povos Indígenas com a urgente demarcação de suas terras de direito¹⁰⁶.

Com essa posição declarada e aberta, o Mídia Ninja perdeu um renque de seguidores nas páginas dele. Independente disso, entendemos que seria possível compreender, por meio dessa característica identitária, uma série de investidas dos repórteres em campo e, por isso, fizemos questão de destacá-la. Não estamos, porém, dizendo que todas as pessoas pensam e agem da mesma forma no coletivo, ainda que anteriormente tenhamos dito que o *ethos* do veículo se dê como dispositivo, subscrevendo um tanto a performance dos midiativistas. O que o editorial indica, afinal, é a conformação do Mídia Ninja como instituição, que teria voz própria. Eis a contradição.

Não esperamos, porém, que um repórter revele em uma transmissão as suas preferências partidárias, ainda que essas possam ficar evidentes nas construções discursivas que dariam a entender a sua visão política. De toda forma, um dos próprios idealizadores do Mídia Ninja indica não haver sequer um “manual de redação”/atuação dos repórteres¹⁰⁷. Aliás, em 2013, Bruno Torturra afirma¹⁰⁸ que o comportamento dos Ninjas podia ser

¹⁰⁵ Em entrevista ao programa *Espelho*, do *Canal Brasil*, apresentado pelo ator Lázaro Ramos. Disponível em: <<http://goo.gl/PLoiWi>>. Acesso em: 30 set. 2015.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://goo.gl/LfqbWV>>. Acesso em: 30 set. 2015

¹⁰⁷ Em entrevista a Natália Mazotte do *blog Jornalismo nas Américas*. Disponível em: <<https://goo.gl/KSyI2U>>. Acesso em: 30 set. 2015.

¹⁰⁸ *Jornal Estadão*. Disponível em: <<http://goo.gl/JP5Qsp>>. Acesso em: 30 set. 2015.

comparado metaforicamente a um cão de caça, farejador, ágil, esperto, porém, muitas vezes, sem o treinamento (em jornalismo e comunicação) fundamental para a boa produção midiática: “[...] espírito de perdigueiro sem muito adestramento, sem processos e técnicas que são, sim, muito valiosos”.

Rafael Vilela, outro importante articulador do coletivo, é ainda mais enfático quanto à individualidade dos repórteres, destacando, inclusive, que a proposta não é a do desenvolvimento do Mídia Ninja e colaboradores dele como estrelas no cenário midiativista, o que seria uma contradição. O que se percebe é o interesse na capacitação de novos atores e a proliferação de iniciativas análogas.

Em momento algum o processo coletivo extingue ou diminui a capacidade individual de cada um se destacar ou de se posicionar de maneira autêntica – uma coisa não está contra outra. Há casos e casos de pessoas que estão na Mídia Ninja que viraram celebridades locais, como o Carioca, no Rio de Janeiro. Existem várias lideranças que surgem a partir desse processo, que não são, lógico, âncoras famosos, nem é esse o objetivo, mas que têm a sua legitimidade na construção de um processo de confiança legítimo. Têm muitas pessoas que aparecem em seus determinados meios, tem uma lógica de liderança. Temos que questionar essa lógica, esse mito da horizontalidade como ele é colocado às vezes. Precisamos entender a horizontalidade como um objetivo e não como um ponto de partida. Temos desigualdades, diferentes formas de lidar [com o processo de trabalhos], mas é no quanto o processo está interessado em ser aberto e democrático que importa. É nisso que trabalhamos para que aconteça, para que possamos empoderar o maior número de pessoas a fazer isso [produzir notícia]. Estamos nos preparando há muito tempo para o que aconteceu em junho. Não foi à toa que conseguimos estar presentes em pelo menos cem cidades, cobrindo os protestos em tempo real. A gente deu conta de fazer tudo isso porque estávamos nos preparando¹⁰⁹.

No contexto, uma citação que nos chama atenção também é a de Bruno Torturra, que afirmou que “[...] a disputa política não pode ser feita com medo ou dedos em riste [...] Não é assim que se fecundam mentes. Tem que ser com humor.”¹¹⁰. Essa asseveração leva a crer em um comportamento dos Ninjas de enfrentamento com ironia, no choque balizado não pela intimidação raivosa, mas pela consciência de um problema público, amparado em fortes argumentos, tratados, entretanto, de forma leve e descontraída. De acordo com Filipe Peçanha, os ninjas não cobrem um ato, estão nele. Nesse sentido, as reações dos repórteres, apesar de aleatórias e geridas em razão de diversos fatores, “podem ter um efeito importante de denúncia”¹¹¹. Enfim, para Rafael Vilela, “para ser um Ninja é preciso ter confiança e tesão.”¹¹².

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/82GJ0T>>. Acesso em: 30 set. 2015.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/FBtm2N>>. Acesso em: 30 set. 2015.

¹¹¹ *Jornal Estadão*. Disponível em: <<http://goo.gl/JP5Qsp>>. Acesso em: 30 set. 2015.

¹¹² Disponível em: <<http://goo.gl/mojuv5>>. Acesso em: 30 set. 2015.

3 TEXTO E DISCURSO MEDIATIVISTA

A informação não existe em si [...] A informação é pura enunciação.
(CHARAUDEAU, 2012, p. 36).

Tomando com base os dois fragmentos em epígrafe, já sinalizamos um pouco do que está por vir aqui: a ideia de que o mundo não está dado, mas é constantemente (re)construído por meio dos processos comunicativos. A proposta então, a partir do suporte das teorias do discurso, é compreender que a informação manipula e é condicionada por aspectos contextuais, técnicos e estruturais (de saber).

De forma mais específica, nos posicionaremos na frente da qual Charaudeau é fundador e que, não sem motivos, mobiliza reflexões sobre os elementos já citados: a semiolinguística¹¹³. Mais do que um campo, ela é uma posição que o pesquisador assume e que se vincula à Análise do Discurso. De forma breve, a composição do termo expõe, de um lado, a atenção que deve ser dada aos processos implicados por um sujeito, com intencionalidades, em uma dada situação, que gere¹¹⁴ um sistema semiológico (em que deve ser levada em conta as nuances da inter-relação forma-sentido). Do outro, o estudo das línguas naturais, na articulação das suas unidades. Em nota de rodapé de um dos seus trabalhos, aliás, curiosamente, o autor dirá que “[...] isto é Hjelmslev + uma perspectiva pragmática + uma dimensão psico-social, daí porque se deveria dizer ‘psico-socio-semio-pragmática’, mas nos limitaremos à denominação simplificada de ‘semiolinguística’”. (CHARAUDEAU, 2005).

Em trabalho anterior, aplicamos as abordagens do autor francês na leitura de telejornais (BRAIGHI, 2013), aproveitando-nos inclusive de um referencial que advinha de outros pesquisadores brasileiros com mais *expertise* (DAVID-SILVA, 2005) e das próprias investidas de Charaudeau nesse sentido.

Agora, no entanto, colocamos à prova reflexões e esquemas clássicos do pesquisador francófono para verificar não só as particularidades do midiativismo, mas a utilização da *Internet* como suporte para a difusão das transmissões dos coletivos do gênero. Ainda não

¹¹³ O leitor observará que, entre tantas abordagens possíveis, nos atemos com mais zelo à obra *O discurso das mídias* (CHARAUDEAU, 2012), apropriando-nos de conceitos aplicados pelo autor na abordagem aos *media* para investidas nos coletivos midiativistas. Mais especificamente, na segunda metade deste capítulo (seção 3.2) empreendemos proposições, quase ensaísticas, numa inter-relação de várias métricas analisadas pelo teórico francês no livro em destaque com as nuances midiáticas contemporâneas (vistas no capítulo 2).

¹¹⁴ Presente do verbo gerir.

estamos falando propriamente da metodologia, mas das discussões sobre o campo da linguagem e a inter-relação delas com os contextos relacionados.

Nesse sentido, abaixo são apresentadas particularidades da seara semiolinguística. Vale lembrar que as discussões são suportadas por um cabedal mais amplo, o da Análise do Discurso. Nesse contexto, uma reflexão de Maingueneau (2007) nos é particularmente cara:

O interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso. (p. 19).

É buscando, então, esse entre-dois indicado por Maingueneau que tentaremos nas próximas páginas inter-relacionar perspectivas da linguística com os fenômenos contemporâneos, das ruas e das redes, solidificando alguma base teórica para que, a partir disso, consigamos elaborar uma metodologia que permita uma análise particular do nosso objeto de pesquisa.

A partir do início do mês de junho de 2013, como já foi apresentado no último capítulo, o Mídia Ninja passou a ganhar um sem-número de seguidores que, paulatinamente, acompanhava as transmissões do coletivo pela *web*. Mas, por quê? Perguntávamos desde a introdução da presente tese. Indaga-se que essa questão pode ser respondida no bojo das discussões relacionadas à metáfora do contrato de comunicação. Nesse sentido, de saída, poderíamos começar a discutir sobre cláusulas e de que forma o cumprimento destas dão manutenção aos diálogos regulares – a partir de quais processos de (pré)validação. Todavia, aproveitando o ensejo do estudo, aprofundamo-nos antes, então, nas perspectivas da translação; pode-se mesmo falar em contrato de comunicação?

3.1 Do contrato comunicativo

*Pactum autem a pactione dicitur est pactio, duorum pluriumve in idem placitum consensus.*¹¹⁵
(Ulpiano, L. 1. § 1. 2. Dig. de Pactis = dos pactos).

A célebre expressão em epígrafe, de uso forense, atribuída ao jurista romano Eneo Domitius Ulpianus (Ulpiano), é uma das mais utilizadas para tratar da origem dos contratos – ou para se opor à concepção deles, já que contrato difere de pacto. Explica-se; representativo centro de desenvolvimento, fornecedor de diversas bases para o que se compreende como o sistema do direito contemporâneo ocidental, a Roma antiga cunhou o termo *contrahere*, que em latim raso representaria ‘puxar (arrastar) + junto’, ou que em sentido amplo estaria ligado a ‘amarrar’ (alguém) ‘perto’ (do credor).

Afinal, a intenção era mesmo “restringir” e “contrair” as partes em que contexto fosse, em relação às obrigações delas com o contrato. Mas é com o advento do gênero *conventio*, que passou a se distinguir *contractus* e *pactum*. Enquanto o primeiro devia atentar-se a toda uma ritualística e responder às configurações padronizadas em categorias formais – do documento e do processo de firma –, a *pacta* era celebrada “[...] sem qualquer obediência à forma, bastando o acordo de vontades. Não sendo previstos em lei, não lhes era atribuída a proteção da *actio*, ou seja, se uma das partes não cumpria o prometido, a outra não poderia mover-lhe nenhuma ação.” (PETIT, 1974 apud CARVALHO, 2007, p. 230).

O leitor que já conhece a metáfora do contrato de comunicação – ou (do) contrato de leitura –, já não questionaria o termo? Ora, o que se tem nos termos susoditos, frente, sobretudo, à literatura que incluiria como expoentes Charaudeau (2012) e Ghiglione (1983; 1984; 1986; 1988), não seria um pacto de comunicação? Nas condições acima, o contrato provavelmente estaria vinculado a situações que exijam amparo legal, cercando circunstâncias mais complexas, com investimentos vultosos de recursos ou mesmos alinhando os interesses e responsabilidades de partes que não se conhecem. Na mesma medida, o pacto estaria ligado a conjunturas mais pontuais, de menor enredamento, e sendo praticado por pessoas que se conhecem; estaria.

Isso pois, pacto, ao menos para a cultura ocidental, tem uma densa carga de subjetividade; talvez muito em razão da representatividade cristã. De qualquer forma, o que se compreende é que o pacto, em certa medida, ganharia mais valor, e importância, do que o

¹¹⁵“A palavra ‘pactum’ deriva de ‘pactione’. O pacto é o consentimento de dois, ou mais [pessoas] sobre o mesmo objeto.” (Tradução nossa).

contrato, justamente por não estar regido pelas prerrogativas da lei – estaria, então, acima dela, ou em outra instância. Não se trata de legalidade, enfim, mas de moralidade.

Mas como trazer essas ideias para as relações comunicativas? É na emergência de outros tropos linguísticos (ou dos estudos de linguagem) que se sedimentam bases para a metáfora do contrato; alguém já não falou sobre as “leis” do discurso? No viés de Ghiglione (1984), a concepção de contrato de comunicação se dá a partir de duas frentes: a de que qualquer situação de comunicação é sustentada por certo número de regras, aceitas pelos parceiros da troca, delimitando o processo, e de que, então, toda situação de comunicação é resultante de um contrato portador, confeccionado pelos interesses prévios e comuns de duas partes. O contrato, com efeito, existiria para garantir a consecução dos objetivos relacionados aos interesses comuns.

Cada vez que os interlocutores encenam um mundo por meio da linguagem, eles constroem uma estrutura de mundo simples. Constroem uma estrutura de mundo com base em algumas noções fundamentais [...]. Essas noções são articuladas de acordo com um programa de lógica de criação (no interior de uma preocupação com a coerência dos textos a serem decodificados [traduzidos], ou para haver alguém que acredita em [compreende o] seu valor [consistência] cognitivo), que são encenados a um programa argumentativo para convencer o outro da base [da troca], da realidade, da verdade de um mundo como ele é feito a aparecer [a ser criado] para um indivíduo em particular. (GHIGLIONE, 1988 apud COLOMBO, 2004, p. 7).

Para além disso, um contrato é reflexivo e retroalimentativo do social tanto quanto se manducar de interpretações das relações socioculturais ora estabelecidas e essas constituam um quadro do contexto que influencie nos atos comunicativos que, por conseguinte, possam, mesmo a posteriori, agir novamente sobre a dinâmica social (GHIGLIONE, 1983).

Não sem motivo, para Charaudeau, o contrato deve ser aquilo que fala antes que qualquer coisa seja dita, e entendido antes mesmo que seja lido (DAVID-SILVA, 2005). Para o autor, há uma espécie de espaço de mediação entre os mundos do real e o de representação. O contrato de comunicação seria o lugar, então, em que se articula a finalidade comunicativa e se extrai o sentido do ato de linguagem.

E é a partir das propostas de base do ato de linguagem que Charaudeau (2012) lança mão das perspectivas circunstancial e languageira dos contratos. Enquanto a primeira versa sobre a finalidade, tema, identidade dos sujeitos e o contexto de uma situação comunicativa (dados externos), a outra alinha-se aos recursos de fala – comunicacionais propriamente ditos (dados internos).

Ainda que haja negociação, os interlocutores devem reconhecer seus papéis e levar em consideração as perspectivas dos dois circuitos para que o diálogo efetivamente se estabeleça.

Tem-se, então, uma liberdade condicionada. Nas palavras de Charaudeau (2012, p. 71), “[...] contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, o seu quadro de restrições situacionais e discursivas, e outro, desdobrando-se num espaço de estratégias”.

Vale a nota de que diversos tipos de contratos podem se agrilhoar. Um pode dar sustentação a outros mais específicos, ou até abarcá-los, tal como na relação entre o contrato de informação e o midiático. Essa coexistência pode se dar por inclusão ou entrecruzamento. De outra forma, é também na justaposição de contratos (e discursos) precedentes que podem se conformar novos discursos, ou mesmo sustentar-se o contrato da situação comunicativa em referência (DAVID-SILVA, 2005; BRAIGHI, 2013).

David-Silva (2005) sugere nesse contexto uma divisão dos contratos que se entrelaçam em um mesmo processo comunicativo, incitando que a separação pode ser feita de modo hierárquico, a partir de três níveis de base, a saber: Contrato Global de Comunicação (particularidades mais amplas do processo: finalidade, identidade dos parceiros e macrotema); Contrato Particular de Comunicação (condições gerais da interlocução); e, no topo, Variantes do Contrato Global de Comunicação (especificidades das circunstâncias).

É nesse entre-dois que persiste a ideia de contrato? Mas os verdadeiros contratos não são flexíveis, não permitiriam estratégias. Ainda na carga metafórica, de outro modo, que tipo de ressarcimento a parte leitora tem se o contrato não for cumprido a contento? A ela só cabe a rescisão ou demandar (re)ajustes? Não se pode lhe mover nenhuma ação a não ser o rompimento com o interlocutor para que este do primeiro sinta falta? Nesses termos, não se poderia falar em contrato – tão-somente se o for com apenas uma cláusula de descumprimento, mas sim de um pacto.

Outro problema; muito embora poder-se-ia questionar que tipo de pacto, nos termos do senso comum, este (re)validar-se-ia a cada tempo, após todo enunciado, influenciando antes qualquer enunciação. Ao mesmo tempo, não pode haver pacto sem aquiescência natural. Sem questionamentos. E que pacto seria esse que prevê uma rescisão?

3.1.1 Parênteses à maquinaria

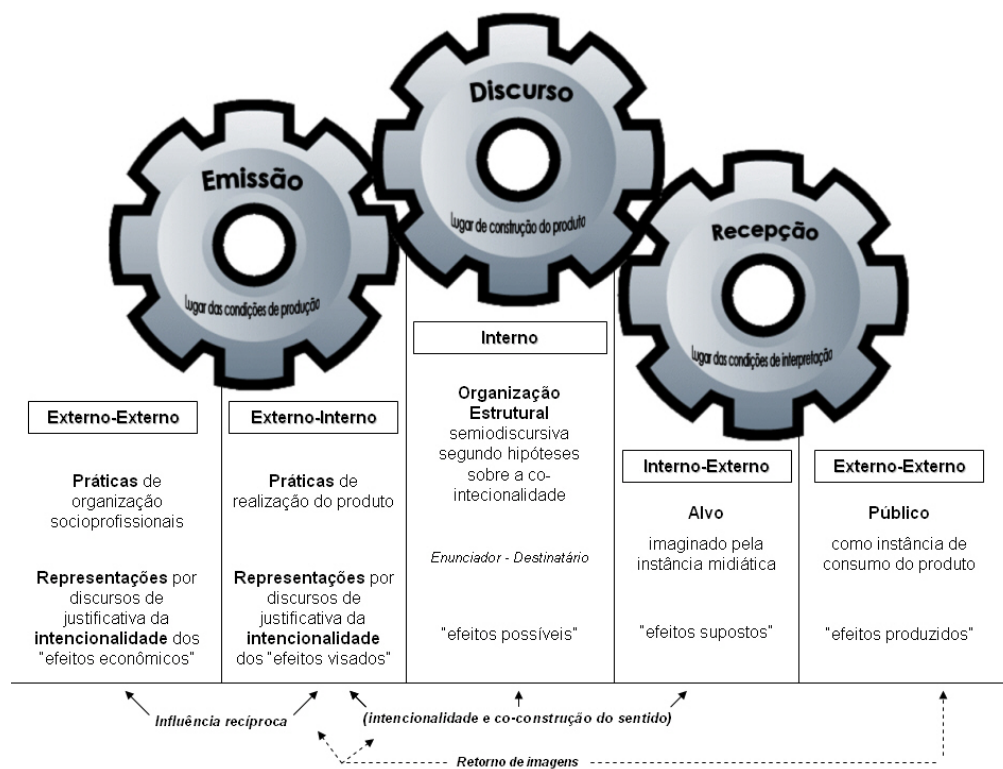
Vale fazer algumas observações, à luz de discussões consolidadas por Charaudeau, no que tange ao discurso da informação da mídia e, mais especificamente, ao gênero de comunicação (e sua hibridização) que estamos analisando aqui (a evidenciar, a seguir, algumas apostas da tese). O autor francês, ao demonstrar a maquinaria midiática

tradicional¹¹⁶, dirá que ela funciona sob uma dupla lógica: econômica e simbólica. Enquanto a primeira está para a perspectiva empresarial/industrial, a segunda estaria voltada para a (participação de uma) construção de opinião pública (CHARAUDEAU, 2012; EMEDIATO, 2013).

Nesse contexto aparece uma demanda por captação de público, dado que este é visto como clientela num mercado aberto em que a informação se torna produto. Todavia, a engenharia midiática funciona com seções bem marcadas, ainda que facilmente influenciáveis, em que são edificados os sentidos de seu bem. Charaudeau (2012) aposta, então, em um quadro de referência que se fundamenta pelos atos de comunicação, alojados em modelos da Análise do Discurso.

O autor expõe que há um campo da produção, formado por dois circuitos: externo-externo e externo-interno. Com a mesma dicotomia, na outra ponta, haveria um espaço que é o da recepção. Entre os dois, há, como intercessão e resultado natural, o lugar de construção do produto, marcado pela emergência discursiva. A representação exemplar é dada pela imagem a seguir.

Figura 2 – Os três lugares da máquina midiática



Fonte: Braighi (2012, p. 46) em adaptação de Charaudeau (2012, p. 23).

¹¹⁶ Pensando especificamente nos *media*.

Acontece que estamos falando do midiativismo aqui. A perspectiva econômica não está em jogo; aliás, se de qualquer forma o capital financeiro aparece, é tido como ruído e compromete a relação estabelecida em contrato/pacto. Conforme visto anteriormente, ainda que as condições de financiamento sejam importantes, a atuação no *front* parece prever um certo altruísmo, não numa condição mártir, mas naquele que vê o exercício da atividade como um fim em si mesmo, ou que tem como vislumbre (contrapartida) alguma mudança no tecido social dada a causa em curso – transmitida e defendida.

Então, por que é que estão em discussão aqui os aspectos da maquinaria midiática? A nossa proposição é a de que o quadro de Charaudeau possa ser discutido ao separar o ativismo da informação, colocando-os como duas entradas bem marcadas no esquema. A nova dupla lógica, então, compreende também a captação de público, não para fins econômicos, mas simbólicos. Isto é, o midiativismo não pretende falar para si só, mas, como visto anteriormente, é demanda latente que o curso de atuação dos coletivos do gênero avance para alçar um conjunto maior depois, justamente para fazer efetivar o que pretende com a sua intervenção social.

Nesse contexto, a disputa não é com outros veículos da mesma categoria. A audiência que se pretende não é necessariamente para o coletivo, mas para a causa. A contenda se dá exatamente com os veículos de comunicação de massa, quaisquer que sejam.

Nesse sentido, como funcionariam os circuitos de produção do midiativismo, numa adaptação muito particular das perspectivas de Charaudeau? Quanto ao lugar das condições de produção, neste também estão alojados dois espaços. O primeiro, externo-externo, compreenderia as condições ideológicas da máquina midiativista como instância política¹¹⁷. Essa organização, afastada do (fim) capital, demanda uma certa organização logística que imputa posturas e compromissos de um conjunto de sujeitos que fazem a instância se conformar em determinada configuração.

Tais convenções permitem aproximações ou repelem certos comportamentos e parcerias; por exemplo, a adesão (ou simples apoio) partidário ou não, fórmulas de captação de recursos para subsistência, posicionamentos sobre certos dilemas socioculturais, perfil de integrantes e modos de inserção/atuação social, entre outros. Tal condição faz com que sejam trabalhadas representações por discursos de justificativa de intencionalidade dos “efeitos ideológicos”.

¹¹⁷ Na condição de intervenção social.

Há, então, uma influência recíproca com o segundo espaço: externo-interno. Da mesma forma como colocado por Charaudeau (2012), estão mantidas as condições de emergência semiológica. A busca pela captação da audiência aqui, então, privilegiaria a intercessão com a base ideológica, que representa um compromisso com juízos e opiniões que são comungadas, para as quais há apologia, com a defesa de causas advogadas. A construção dos produtos midiativistas, então, seria pensada a partir desse cabedal prévio, ainda que estejamos falando de transmissões de eventos em tempo real, dado que a narração deles seria fortemente influenciada por essa perspectiva de base.

Isso seria afirmar que, tal e qual os *media*, os midiativistas teriam uma política editorial, e teorias como *agenda setting*¹¹⁸ e *gatekeeping* fariam sentido para eles (ou para a dinâmica deles). A conjectura aqui colocada é positiva. Todavia, estamos falando de coletivos que operam com limitações materiais, financeiras, técnicas e humanas que se conformam como característica, imputando a necessidade de escolhas diante dos critérios de relevância e pertinência. O agendamento e seleção, ainda que restrito a um certo universo, não é opção, é condição.

Na mesma linha do que sugere Charaudeau (2012, p. 25), “[...] esse segundo espaço constitui um lugar de práticas, e também se acha pensado e justificado por discursos de representação sobre o ‘como fazer e em função de qual visada’”. Não sem motivos, é aqui que são amalgamados efeitos visados em relação à audiência.

Quanto ao lugar das condições de recepção, tem-se o destinatário-alvo no circuito interno-externo e, no externo-externo, o receptor efetivo, o público, marcado pela heterogeneidade, a interpretar as mensagens a partir de um complexo pano de fundo pragmático. Segue-se, então, a mesma descrição daquela proposta por Charaudeau (2012). Todavia, o que complexifica um pouco aqui é que a audiência espera receber não apenas informação, mas perceber o comportamento ativista. Diferente do comportamento dos *media*, em que a frente financeira deve ficar acaçapada, a ideológica nos coletivos deve mostrar-se – a influenciar, de forma coerente e criteriosa, a mediação em curso.

Finalmente quanto ao lugar das restrições de construção do produto, tem-se o discurso como matéria que só ganha sentido e se aquiesce a partir de uma cointencionalidade. Todavia, conforme postula Charaudeau (2012), seria impossível chegar a um interpretante em si, dado

¹¹⁸ Também conhecida como teoria do agendamento, comum nos estudos da comunicação, refere-se, grosso modo, à capacidade dos *media* de pautarem os temas da sociedade a partir dos motes que, por motivos diversos, destacam em seus produtos jornalísticos.

que há conjecturas e fórmulas de construção de sentido dos dois lados – de modo que tudo é um grande conjunto de possíveis.

No entanto, partimos da hipótese de que o midiativismo, pela declarada parcialidade e pela adesão de um conjunto de espectadores que são mais devotados, estabelece laços mais fortes no contrato comunicativo, o que faz com que os efeitos visados sejam supostamente mais (re)conhecidos (e até esperados) e, na medida desse conhecimento prévio, com mais chances de efetivação de um sentido esperado.

3.1.2 Chegando a um acordo

Voltando às perspectivas do contrato, então, não seria melhor falar, enfim, em um acordo? Questão para uma próxima investida, com mais aprofundamento, é verdade. Todavia, de modo ligeiro, seria acordo, pois é natural, um tanto implícito, maleável, aceita mudanças e ajustes e, ao contrário do que se prega, não obedeceria efetivamente às regras, mas as manipularia; fundaria outras a partir de um determinado quadro vigente, agindo sobre padrões socioculturais estabelecidos, em cada situação comunicativa. Um compromisso temporal, sem vínculos.

De todo modo, antes de falar em contrato, é preciso questionar o que leva as pessoas a se comunicarem: o reconhecimento de interesses comuns e possibilidade de alcançar objetivos específicos a partir de um processo de troca.

Uma situação é potencialmente comunicativa quando ela consegue reunir as condições necessárias para ligar os interlocutores por interesses comuns pela interação e, a partir daí, cada momento evidenciará a seleção de parâmetros contratuais (temas, maneiras de dizer, posicionamentos, saberes e valores compartilhados, socioletos, respeito a certas regras conversacionais, etc.) que, objetos de avaliação recíproca, são *validados* (efetivando contratos) ou *não validados* (rompendo a interação ou exigindo ajustes). (EMEDIATO, 2007, p. 84, grifos no original).

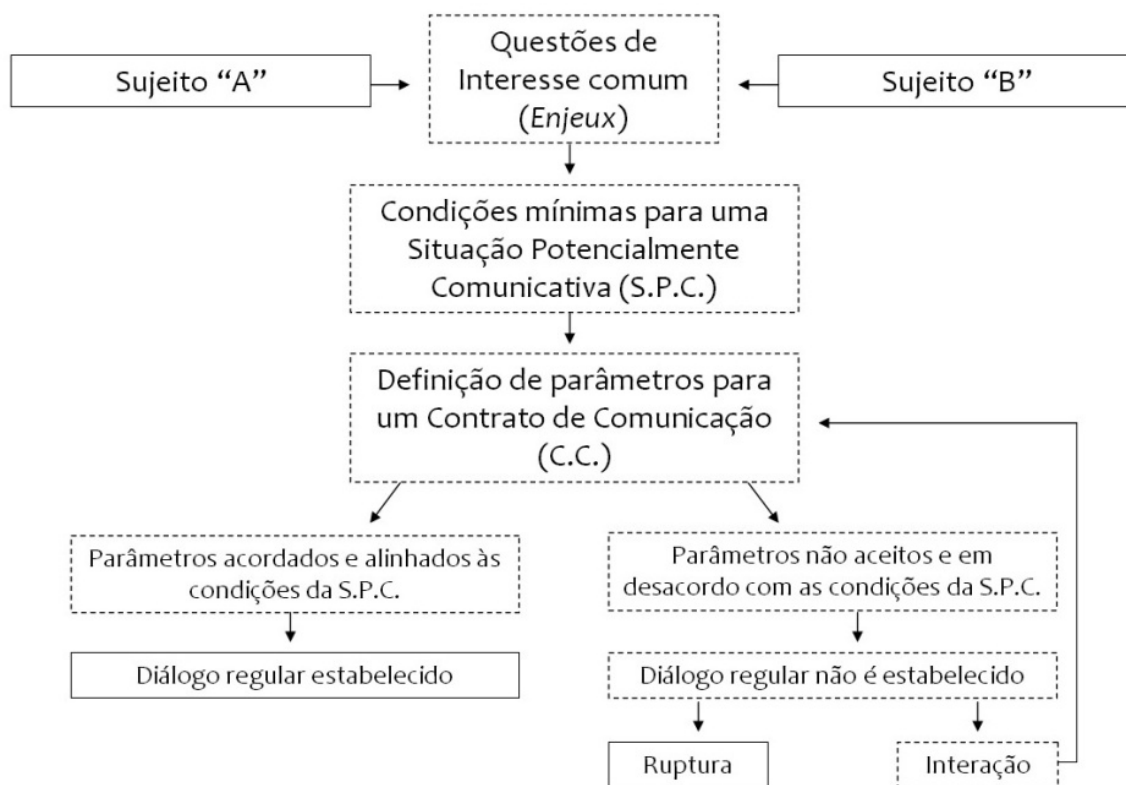
Na citação, Emediato (2007) faz referência à Ghiglione (1984), autor que evidencia alguns elementos inerentes aos processos de validação que operam na dinâmica interlocutiva. Duas instâncias interlocutoras, depois de reconhecerem entre si questões de interesse (*enjeux communs*), estabelecem (ainda que não sejam exatamente elas que constituem, mas seja naturalmente articulada) uma Situação Potencialmente Comunicativa, que só se sedimenta com um acordo (o contrato de comunicação).

Assim, em seguida, qualquer discurso passaria, no momento mesmo da emissão, por análises de adequação e apropriação, conformações e regulações distintas, para ser legitimado dentro de uma determinada situação comunicativa, a partir do quadro de expectativas dos interlocutores e das condições particulares do contexto da troca (GHIGLIONE, 1984). O que se tem é um processo de negociação. Para Ghiglione (1988, apud COLOMBO, 2004, p. 6), a comunicação

[...] é um jogo que delimita [define] as apostas que os interlocutores fazem de acordo com os princípios, regras e regulamentos, cuja essência [substrato] pode ser encontrada na constância [estabilidade] dos interlocutores em relação a um único objetivo: esforço para [tentativa de] agir sobre o outro, de acordo com a estrutura de um mundo possível.

Portanto, quando os parâmetros não são aceitos e/ou não estão em conformidade com as condições da Situação Potencialmente Comunicativa, há um processo de interação; artifício que, variando em razão da flexibilidade dos interlocutores, pode permitir um realinhamento dos parâmetros, para que, enfim, o diálogo regular (e ora regulado) possa ser estabelecido. A figura a seguir ilustra esse movimento.

Figura 3 – Da Situação Potencialmente Comunicativa ao Contrato de Comunicação



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Ghiglione (1984, p. 185).

Quem define esses parâmetros são os próprios sujeitos. Mas é no momento mesmo das visadas e das reações do outro que esses parâmetros vão sendo amalgamados. Assim, ter-se-ia a FIG. 3 de forma genérica, sendo preenchida em cada situação comunicativa a partir de acordos feitos entre as partes, frente a cada investida. As regras são, então, apenas norteadoras; a aplicabilidade é de ordem sensível, e o processo de troca é de uma complexidade tão grande que seria um erro acreditar no reducionismo “do” conjunto de regras e não em “um” conjunto de possibilidades no qual está contido o universo dos possíveis. Assim, “[...] a esperança é conseguir conciliar a determinação dos discursos e a liberdade dos sujeitos, em torno de um sistema de convenções que ordena um jogo de cooperação e rivalidade.” (JEANNERET; PATRIN-LECLÈRE, 2004, p. 134).

Isso tudo parece mais claro em processos interlocutivos, em que um determinado locutor recebe retroação imediata do alocutário, de diversas formas. A questão complexifica-se em situações monolocutivas – jornais e revistas, livros, publicidade, entre muitas outras –, em que não há interação imediata e direta. Para estas, compreende-se que o locutor primeiro imbrique a S.P.C. com o C.C., entendendo que já há interesse comum de outros e uma pré-validação do modo dele de delineamento do discurso. Para tanto, o locutor deve levar em consideração, para o arranjo do texto, as competências que o alocutário tem (ou deveria ter) para compreendê-lo – e estas são complexas, de ordem axiológica, praxeológica, referencial e linguística (GHIGLIONE, 1984; EMEDIATO, 2007).

O problema que a *Internet* parece apontar, nesse meandro assentado por Ghiglione (1984), é justamente o de situações semi-interlocutivas ou extramonolocutivas. Com exceção das ferramentas modelo *chat*, as plataformas *web* de comunicação/informação são essencialmente monolocutivas. Entretanto, é imperativo na rede a interação. Esta, todavia, circunscrita muitas vezes logo abaixo de boa parte das publicações em redes sociais *on-line*, tais como o *Facebook*. Em alguns casos, são formados verdadeiros fóruns em torno do *post-fonte*.

Em geral, a monolocução estabelece-se no formato “um para muitos”. Apesar de a *Internet* ofertar um retorno (quase imediato) da audiência *pós-post*, este, entretanto, guardadas as proporções de velocidade/agilidade, pode nos lembrar as cartas dos leitores, ou mesmo o *feedback* dos votos nas urnas, a aquisição de livros e outros produtos nas lojas, o público nas sessões das peças, entre outros.

Exemplo prático da vida prosaica: no momento mesmo da produção desta seção (janeiro de 2014), no *Facebook*, um colega resolveu postar a indignação dele quanto à

campanha para arrecadar fundos para que o ex-deputado José Genoíno pagasse a multa referente ao processo do Mensalão. Os *likes* que ele recebeu servem de validação?

Vendo os comentários, leem-se questionamentos não só da posição do *face friend*, mas do que ele digitou (a construção do discurso) – penso eu que muitos esperavam esse posicionamento dele, mas poucos de como ele articulou tal texto (de forma pejorativa e com palavras de baixo calão). Será que ele vai apagar o *post*? Será que alguém irá excluí-lo?

Troca-se o endereço e veem-se os comentários de internautas em uma reportagem do portal de notícias *GI* sobre o mesmo tema: “Este texto é tendencioso”; “A Globo não tem envergadura moral para falar do PT”. O texto será alterado? Aliás, o texto será apagado? Enfim, o que se quer com esses exemplos é questionar se há direto e efetivo processo de regulação e conformação, ainda que haja alguma interação pós-*post*.

Vale lembrar que Mininni (2004) já nos apresentou o conceito de contrato de comunicação virtual; ao analisar a dinâmica na *Internet*, o autor registra que a comunicação nesse universo obrigaria os sujeitos a agenciarem múltiplos aspectos do eu. Isto é, a compressão da *web* incitaria os sujeitos a gerirem diferentes posições discursivas, fazendo-os, de um lado, marcarem a identidade deles e, de outro, relativizarem em cada situação.

Apesar disso, nos dois casos exemplificados anteriormente, interessante é perceber que, no mesmo espaço aberto para comentários de internautas, o locutor primeiro (tanto o meu colega, quanto o *GI*), poderia também responder, gerenciar, negociar – se o quisesse (pois não o fizeram). Também poderia apagar os comentários dos terceiros, aqueles que não o agradava, ou não validavam a postagem (ao menos o meu colega não o fez, acredito). Semi-interlocução ou extramonolocução? Poder-se-ia falar, então, de uma interlocução pós-monolocutiva?

De qualquer forma, a complexidade existe em medida maior não na realização locutor/alocutário, ou na dinâmica monolocutiva, mas na perspectiva comunicativa do “um para um” frente a “um para muitos”, esta em que a figura imaginária do destinatário idealizado se encontra embaçada pelos múltiplos planos de expectativa de uma recepção qualquer heterogênea.

No entanto, a *Internet* tem condições de ofertar uma monolocução “um para muitos” com efetiva interatividade (*feedback* + negociação para validação) no momento mesmo da produção do discurso. Se esta se torna uma (semi)interlocução ou se mantém como um

processo (extra)monolocutivo, assim como de que maneira esta dinâmica se dá¹¹⁹, é o que também poderá ser visto com uma análise da dinâmica do Mídia Ninja.

3.1.3 Olhar para fora

Charaudeau (2012) nos diz que o contrato de comunicação é formatado pelo resultado das características próprias das situações de troca (que compõem os dados externos – ao ato de linguagem) frente às características discursivas decorrentes (denominados dados internos – o espaço do dizer). Nesse sentido, na presente seção, faremos o que chamamos de olhar para fora, a observar as condições de identidade, finalidade, propósito e dispositivo.

3.1.3.1 Identidades

Mantendo essa sequência, Charaudeau aponta a importância de saber quem são os sujeitos engajados em um ato de linguagem. Essa descrição de perfil deve levar em conta vários fatores, pois todas as características podem ser relevantes para a conformação de um processo comunicativo. São tênues delimitações, porém, que ditarão a pertinência a essa dinâmica, que se dá especificamente em cada situação de troca.

Nesse contexto, talvez já tenha ficado claro no capítulo 2 quem está na ponta da produção e quais são as particularidades dele(a). Não obstante, o midiativismo de transmissão simultânea guarda certas distinções que complexificam um pouco a interpretação do processo comunicativo e faz com que uma série de identidades venham à tona. Isto é, num processo comunicativo padrão, tem-se duas instâncias: emissora e receptora. Não obstante, muitas vezes o *webespectador* fica como terceiro, um não alocutário direto, nas conversas empreendidas pelos repórteres em campo (KERBRAT-ORECCHIONI, 1999).

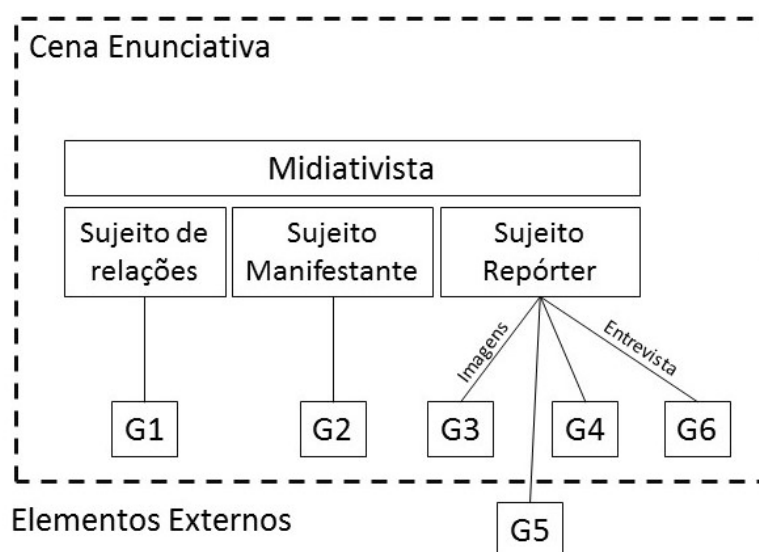
Explica-se: no midiativismo de marcação de presença, em que o repórter assume a condução narrativa, pode haver diálogos do locutor com outros personagens da cena enunciativa; participantes de protestos, por exemplo. Essas trocas podem se dar não apenas no modelo de entrevista¹²⁰, o que exporia um subgênero de uma condução tida como reportagem, mas em conversas paralelas, das mais diversas, que o condutor pode ter com conhecidos, ou não, ao longo de uma cobertura.

¹¹⁹ O que de certa forma poderá ser visto nos dados internos do contrato de comunicação.

¹²⁰ Acontece que até mesmo esse possível subgênero é posto muitas vezes sem formalidades, com coloquialismo, sem uma ritualística padrão dos *media*, compondo a linha narrativa complexa da condução midiativista.

Em mais uma hipótese desta tese, pensamos, então, que é possível dividir¹²¹ a atuação dos midiativistas em sujeitos de relações, sujeito manifestante e sujeito repórter. Iniciamos pensando nos diálogos fáticos, diretos, para além da transmissão, ainda que captados pela gravação e fazendo parte do todo narrativo, conforme se apontou no parágrafo anterior. No esquema¹²² apresentado a seguir, chamamos esse de grupo um (G1) de interlocutores na cena enunciativa¹²³.

Figura 4 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas



Fonte: Elaborada pelo autor.

O grupo dois (G2), então, surge na narrativa a partir dos conflitos que os midiativistas travam em diversas situações (com a polícia, por exemplo). Estes advêm quando a perspectiva militante do sujeito parece se sobrepôr à condição mídia, ainda que ambas estejam imbricadas no conceito exposto. Ainda assim, é importante destacar os momentos em que a câmera assume uma função mais acessória.

São nessas ocasiões que o caráter subjetivo da transmissão fica mais evidente, ainda que não seja a hora de tratarmos da questão. Apenas queremos evidenciar que semelha haver um descolamento e, neste, o interlocutor *in-loco* não parece ver o midiativista na condição de

¹²¹ É importante dizer que essa divisão do ser é tão-somente aplicada para uma aposta didática, não mais do que isso. Além disso, sabemos que os indivíduos existem e empreendem ações em uma dada conjuntura para além do registro midiático.

¹²² O leitor não deve compreender o esquema (apesar de sua construção em formato vertical) com(o) hierarquização de relações.

¹²³ Acautelamos que talvez tudo fique um pouco mais claro a partir de exemplos que serão dados em análise, o que, nesse sentido, confirmaria a hipótese lançada nesta seção.

repórter, mas tão-somente manifestante (portando um celular), quer seja por um ponto de vista particular, uma afetação pessoal, ou mesmo por meio da performance em situações pontuais.

Enfim, quando há uma perspectiva mídia mais clara, ainda que, ratificamos, muitas vezes tudo esteja amalgamado, percebemos o sujeito repórter fazendo imagens das mais diversas¹²⁴, narrando, descrevendo, argumentando e entrevistando. Quando começa um procedimento enunciativo verbal, o repórter pode fazer menção tanto àqueles que estão no ato, quanto aos que não estão.

Os que são indicados, citados, descritos e/ou qualificados pelos midiativistas por meio do texto verbal e que estão efetivamente presentes nas cenas enunciativas compõem um grupo quatro (G4), enquanto o quinto conjunto (G5) é composto pela identidade de seres que não estão presentes no contexto, mas são reivindicados por diversos motivos; na menção a políticos, por exemplo – o que não é raro, posto que o Estado se apresenta como o principal conformador do “outro”, do lado opressor.

A sexta perna (G6), por seu turno, é formada por sujeitos que têm espaço de voz em uma transmissão; efetivamente entrevistados ou que reivindicam esse espaço ao abordar o midiativista na condição de propagador (mídia), buscando dessa forma uma difusão de discurso a um número maior de pessoas, tentando atingir, afinal, os *webespectadores*.

Como se vê, existem vários grupos que compõem o lugar dos interlocutores *in-loco*. Numa abordagem mais direta, talvez devêssemos considerar apenas os dois primeiros e o sexto conjunto de personagens nessa investida. Isso porque são esses três que efetivamente ganham voz, que têm capital sonoro, que estabelecem trocas em turnos de fala com os midiativistas: seja em uma contenda ou em uma conversa fática que deixa o *webespectador* como terceiro, ou em entrevista que visa intermediar o que o respondente tem a dizer para a audiência.

Todavia, os grupos 3 (capital visual) e 4 manipulam sentidos no evento narrado. A menção deles é, então, relevante na medida em que já se destacam antes mesmo do discurso. Nesse contexto, precedem ao próprio midiativista e estão em pé de influência com a narração deste. A evidência às características desses grupos dialoga, então, com outros elementos dos dados internos do contrato (como a condição dispositivo/contexto). Porém, são também conformadoras das identidades daqueles que, em momento específico, ocuparão o lugar no grupo seis, muito embora visto com particularidades, a representar, de certo modo, aqueles grupos antes mencionados.

¹²⁴ Todos aqueles que são evidenciados pelas imagens (ganhando capital visual) compõem o G3.

Aproveitamos o esquema para já sinalizar outras identidades que se dão a ver, mas não necessariamente são nomeadas. Dentro dos discursos visuais dos midiativistas surge o G3, formado por aqueles que são indicados e/ou qualificados pelos repórteres, por meio do pictórico e/ou áudio ambiente (mas não por locução), e que estão efetivamente presentes nas cenas enunciativas. Esses aparecem de diversas formas, de modo intencional ou não (ainda que isso não tenhamos como avaliar com muita precisão, dada a emergência em fluxo e incessante) por parte do repórter, quando evidenciam os microacontecimentos que conformam o evento que estão a cobrir.

É um processo de dar a ver; dinâmica que o midiativista empreende tão-somente com as escolhas de enquadramento que faz – e optar por não mostrar também se configura como escolha, é importante lembrar.

Retomando o processo comunicativo de forma mais direta, é interessante pensar que há um ato de linguagem incessante, a partir do momento em que o midiativista liga a câmera, com o *webespectador*, que se mantém atento à dinâmica, independente do repórter estar em locução direta com ele. Ao estabelecer trocas comunicativas com interlocutores da cena de produção, contudo, o locutor passa a fazer parte de dois quadros simultâneos, em que a performatividade dele, a influenciar o TUD *in-loco*, afeta por conseguinte também o internauta.

Essa outra ponta, contudo, é heterogênea e de difícil conceituação. Porém, nos arriscamos a propor uma discussão sobre a identidade da recepção midiativista¹²⁵, que, por razões particulares, nos fazem discorrer com mais atenção. Isto é, esse conjunto *webespectador* poderia ser chamado, nos utilizado das perspectivas de Fraser (1993 apud MAIA, 2008b, p. 61-62), de *counterpublics*: “[...] arenas discursivas paralelas em que membros de grupos sociais subordinados inventam e fazem circular discursos contestadores para formular interpretações opostas de suas identidades, interesses e necessidades.”.

Contudo, Coleman e Ross (2010) dirão que os contrapúblicos (ou públicos de oposição) não são espaços ou condições, mas representam a denominação de um (ou vários) grupo(s) de sujeitos formados em resposta (e não em função automática) a uma segregação social ao chamado público geral.

Os *counterpublics*, então, parecem emergir na medida da realização de ações de visibilidade, como na definição de Fraser. Para Coleman e Ross (2010), estes mantêm, ainda que com certa distância, relações dialéticas com o público geral. Ainda que com o propósito

¹²⁵ Agradecemos ao professor Elton Antunes (FAFICH/UFMG) pelas observações concernentes à discussão sobre públicos.

de manter a sua identidade e características, fazem um movimento circular periférico em torno do núcleo da sociedade, de modo a subvertê-lo e/ou se inserir. Esse processo dá-se por diversos mecanismos, tais como os protestos e o trabalho na mídia alternativa (já que não encontram espaço nos *mass media* – grandes responsáveis pela repercussão de estereótipos e definições verticalizadas sobre eles).

Assim, para Coleman e Ross (2010), o grande desafio dos veículos alternativos e dos *counterpublics* é não manter uma circularidade com fim em si mesma, não falando para si próprio e sequer se permitindo o lugar do discurso de canto. O trabalho de reflexão do grupo (dos integrantes) é importante e a utilização de mecanismos de mídia é fundamental nesse sentido. Contudo, é preciso transcender a condição defensiva, não aceitando a qualidade marginalizada da esfera pública.

Ainda assim, em geral, as mídias alternativas parecem falar em grande medida para interessados nas temáticas delas. Isso não quer dizer que a audiência seja formada exatamente por *counterpublics* ligados à causa, ou tampouco por outros filiados a outros grupos estigmatizados. Há o acompanhamento de uma transmissão alternativa por motivos dos mais distintos e por sujeitos ligados aos mais variados grupos. Nesse sentido, como definir o público dos midiativistas?

Colleman e Ross (2010) dirão que a definição de público (na condição de ator social, na aglutinação de pessoas que compõem a sociedade, e não como espaço) é intrincada; aliás, os autores utilizam-se muito da expressão amorfo (aquele que não tem forma determinada) para determiná-lo, o que parece ser condição comum entre estudiosos, pois, em geral, todos têm a mesma dificuldade em entendê-lo. A questão, porém, é que “[...] apesar de não exercer o poder em si, o público sabe que aqueles que possuem poder só podem reivindicar legitimidade ao falar em seu nome e atuando em seus interesses.” (p. 8).

Para John Hartley (2007), mesmo alguém sendo parte do público, conhecendo pessoas que fazem parte dele, não conseguiria defini-lo. Nesse sentido, para Coleman e Ross (2010), o público “[...] está condenado a ser representado” (p. 9). No entanto, o público não é uma construção linguística rasa; buscando fundamentação em Plotz (2000), Coleman e Ross afirmaram que um público surge quando deixa de ser apenas um agrupamento. Isto é, seu caráter não é definido pela presença física, mas pela presença social, sua representatividade e até legitimidade em determinada condição e contexto.

Segundo Coleman e Ross (2010), o público começou a ser visto (sobretudo por ele mesmo) e materializado, de alguma forma, com o advento dos *mass media*, principalmente da televisão. Contudo, o que se apresentam são vicários do público, sujeitos que atuam como

porta-vozes e aparentemente representam um determinado conjunto de pessoas. Nada contraditoriamente, nessa exposição simbólica, os veículos de comunicação dão ordem a uma narrativa e, ao mesmo tempo, tentam legitimar e autenticar o seu discurso.

Ainda que nos últimos anos tenham sido criados métodos para mensurar o público (e a opinião dele) essa ideia ainda “[...] não é uma realidade objetiva fixa, mas uma maneira de falar com estranhos com quem é preciso dividir o espaço social.” (COLLEMAN; ROSS, 2010, p.17). Nesse sentido, um público é formado menos por pessoas (ou por quem elas são – as características delas), do que por um projeto socioculturalmente construído ao longo do tempo.

De acordo com Warner (2002 apud COLLEMAN; ROSS, 2010) um apelo (discurso ou mensagem, tendo urgência e importância ou não) feito em uma mídia, por exemplo, quer seja direcionado de forma impessoal a um determinado público amorfo, quer seja a um grupo suposto de correligionários, nunca será uma mensagem direta (senão na clara manifestação de endereçamento), mas se espera que cada componente aja de acordo com um determinado plano de expectativas.

Todavia, em geral, as pesquisas de mídia tendem a avaliar os públicos dentro do cerne de atenção a um programa, por exemplo, tornando-o audiência. A visão nesse contexto é um tanto verticalizada e despreza uma série de aspectos que uma avaliação quantitativa não é capaz de aferir (CHARAUDEAU, 2012). O desafio dos *media*, então, passaria a ser o de distinguir quais são os grupos dentro desse conjunto de espectadores. O que se parece desprezar aqui é o capital intelectual dos sujeitos, apostando mais em um comportamento manada do que na afetação individual – o que leva a crer em uma tentativa de reversão do público em aglomeração, de modo a recortá-lo em grupos sociais específicos.

Ainda na perspectiva midiática, agora pensando não só no trabalho dos *media*, mas nas condições oportunizadas pela *Internet*, Coleman e Ross (2010) apontam que hoje a função de testemunho do público ganha em relevo. Atualmente, sabe-se muito mais, sobre um número cada vez maior de temas. Para além disso, a *web* oportuniza a presença, ainda que mediada, dos sujeitos com iguais e até o acompanhamento de eventos, quais sejam, em tempo real.

Adaptando ainda uma concepção de Coleman e Ross (2010) sobre o público, este nem sempre está concentrado, mas pode estar disperso fisicamente de forma acentuada. Nesse contexto o trabalho dos *media*, e aqui destacamos o dos midiativistas, conseguem expor características desse nós espalhado, mas que se vê unificado por uma abordagem, por uma representação alinhadora. Coleman e Ross (2010), são ainda mais enfáticos ao mencionar o papel dos veículos alternativos e dos novos suportes, afirmando que “[...] somente por meio

de tecnologias de mediação do testemunho é que públicos podem emergir e vir a se conhecer”.

Nesse contexto, as mídias alternativas podem, com a apresentação de acontecimentos sociais sem tanto espaço nos *media* e a partir de pontos de vistas completamente distintos, ganhar com o amplo espaço fornecido pela *Internet* um sem-número de testemunhas para as causas que defendem e exibem. *Counterpublics* que sofrem com ações arbitrárias da Polícia Militar em comunidades em todo o país têm a chance de colocar em rede o registro dessas atitudes; aqueles que fazem protestos, qualquer que seja o motivo, têm a chance de registrar o manifesto sob o seu ângulo de visão, apresentando inclusive argumentos (antes silenciados ou apagados) para aquele ato.

Contudo, Coleman e Ross (2010, p. 154) apontam

[...] um paradoxo gritante das democracias contemporâneas: as pessoas parecem ter mais oportunidades do que nunca para questionar seus governantes, desafiar a informação oficial, contribuir para a grande mídia, produzir os seus próprios meios de comunicação, falar por si, e agir como quiserem em público - e ainda assim em todos os lugares as pessoas relatam se sentir distantes de elites, ignorados pela mídia, não ouvidas por representantes, constrangidos em discurso público, e totalmente frustrado com as promessas de democracia. As pessoas não querem se livrar da democracia. Eles querem que ele seja levado a sério. Eles querem ser levados a sério. Mas eles se desesperam com sua capacidade de fazer a diferença.

É neste contexto que os veículos alternativos parecem ganhar ainda mais apelo e serem vistos como saídas. Não sem motivos, o Mídia Ninja em 2013 ganhou tanta repercussão, alargada no ano seguinte. Ele aparentemente foi tão-somente um dos coletivos midiativistas a fazer coberturas de manifestações. Contudo, o potencial de afetação no público geral, e até dos grupos que compunham a elite no país (os quatro primeiros poderes), aliado à sua característica ativista (visto como um grupo de pessoas comuns, alinhadas com as causas das manifestações), fizeram dele, em nossa opinião, um legitimado representante de questionamento que supriria as demandas expostas na citação supramencionada.

Interessante observar, contudo, que esse movimento era colateral; *Counterpublics*, sobretudo aqueles que compunham as manifestações em 2013, eram não apenas articuladores de uma via de expressão nas ruas, mas auditório *web* do Mídia Ninja e de outros coletivos midiáticos – claro, quando não estavam em protesto.

A conta de audiência ampliou-se, contudo, e inferimos, em razão de três motivos: a emergência dos acontecimentos nas jornadas de junho e o interesse da sociedade por informações; a ausência efetiva dos *mass media* nos protestos; e, o grande número de pessoas que demonstrava insatisfação com o governo, aderiu ou apoiava as manifestações, mas que

não necessariamente compunham *counterpublics*, mas viam nos coletivos midiavivistas/midiativistas fontes de representação e informação alinhada aos seus intentos.

E foi talvez aí que se abriu caminho para que pessoas que tinham interesse tão-somente na cobertura de manifestações pudessem alargar os horizontes delas com os outros temas que os coletivos, e mais especificamente o Mídia Ninja, evidenciavam. Vale dizer que a nossa análise recai sobre as transmissões simultâneas, mas não esquecemos que os midiavivistas ganharam muitos seguidores no *Facebook*, plataforma que serve não só de alertas para as *lives* (e a partir do quais os internautas podem se manter atentos aos acontecimentos e acessar os vídeos) e de postagens diversas, em que são reproduzidos assuntos que dizem respeito às diversas causas às quais o coletivo se alinha.

3.1.3.2 *Finalidade*

Charaudeau (2012, p. 69) indica que a finalidade se conforma pela “[...] expectativa de sentido em que se baseia a troca”, e que, assim, acaba por definir o intuito do locutor – e, em certa medida, até a demanda do interlocutor. Tem-se um objetivo que governa o ato de linguagem e que muitas vezes é atravessado por um conjunto de visadas discursivas que influenciarão na dinâmica de consecução do mesmo.

Quando lançamos um olhar panorâmico e superficial sobre as transmissões simultâneas de coletivos midiativistas, a primeira impressão que temos, e ela é de fato adequada e primária, é a de que os Ninjas empreendem uma visada de informação. Como mídia, é isto a que eles se prestam; fazem o interlocutor (*webespectador*) saber sobre determinados temas e acontecimentos. Esta seria a cobertura da finalidade dominante no plano de expectativas do contrato de comunicação basilar – do qual nos dá conta Charaudeau (2010). Assim, eles cumprem o que se demanda; ao menos em parte.

Como apontamos anteriormente, e veremos novamente à frente, o contrato de comunicação do midiativismo com os seguidores dele parece estruturar-se, porém, a partir da junção da frente informativa com a de militância – essa última numa tríade complexa que, em nossa opinião, significa representar os ausentes, fortalecer os presentes e se fazer presente. Nesse sentido, em outras palavras, o registro audiovisual dos coletivos tende muitas vezes a transformar o fazer-saber em expor uma dada realidade e/ou um determinado movimento de manifestação (qualquer que seja). Isso se dá de tal maneira que esse acompanhamento em tempo real representa um instrumento de defesa da atividade em curso, o estímulo para o empreendimento das ações, a constituição de uma experiência mediada para ativistas que não

puderam estar presentes no evento e um meio a partir do qual se pode demonstrar o envolvimento dos repórteres nas atividades.

Nesse contexto, e é o que queremos demonstrar, essa dupla finalidade do midiativismo corresponde, conforme preconiza Charaudeau (2010), a uma atitude enunciativa de base que reagruparia os atos comunicativos de uma transmissão dos coletivos em nome de uma orientação pragmática, para além da ancoragem situacional. Isso significaria dizer que, teoricamente, nosso trabalho poderia se encerrar aqui quanto à análise das finalidades. Elas já estariam previamente dadas. Porém, seria inadequada essa postura, pois estaríamos desconsiderando que, por mais que a dinâmica seja pautada por essa estrutura, há uma série de outras investidas (visadas) nas produções dos midiativistas que podem, em certos momentos, contradizer o contrato ou manipulá-lo de alguma forma (CHARAUDEAU, 2004).

Assim, para avançarmos em uma leitura mais pormenorizada das *lives*, acreditamos ser necessário recorrer antes ao esquema da FIG. 4, apresentado anteriormente. Ele é fundamental para entendermos a cadeia complexa de relações a que um Ninja se envolve ao longo de uma transmissão, o que acaba por determinar o conjunto de finalidades.

3.1.3.3 Dispositivo

Charaudeau (2012) afirma que dispositivo, nessa composição dos dados internos do contrato, é “[...] a condição que requer que o ato de comunicação se construa de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve.” (p. 70). Nesse sentido, seria certo ponderar que a análise de tal perspectiva consideraria uma abordagem técnica, ao suporte por meio do qual se processa a troca, e outra mais contextual, compreendendo os elementos cênicos.

Tal perspectiva é fundamental para o exame em curso, uma vez que a interlocução midiativista (em transmissão simultânea) se estrutura a partir de uma mediação facilitada pela *Internet* e por equipamentos eletrônicos (*smartphones* e computadores), que se valem de uma série de nuances tecnológicas. Na outra face do que Charaudeau chama de dispositivo, estão os elementos de panorama, de constituição do local a partir do qual se produz e se emite. Ambos exercem influência sobre os modos comportamentais, logo de locução, por parte dos midiativistas.

Na seção de metodologia desta tese, porém, indica-se uma separação, como não poderia deixar de ser, em que cada frente será observada de modo particular. Da mesma forma, sugere-se uma leitura mais pormenorizada do conceito de dispositivo, que está a

influenciar em várias maneiras e tem uma definição muito mais intrincada do que a exposta aqui – e abrirá a parte mencionada.

Assim, preferimos falar, especificamente para o caso do midiativismo, em situação de contexto e intermediação técnica. É a soma desses dois vetores, com as particularidades deles se influenciando mutuamente, que determinará o que, aqui, entendemos o que Charaudeau (2012) chama de dispositivo. Afetando-se reciprocamente, pois, como exemplos mais rasos, tem-se que a captação de áudio dos aparelhos utilizados pelos Ninjas é inferior, característica que se agrava quando os ruídos de cena (com os brados manifestantes) soam mais alto do que a voz do locutor; quando o sinal de *Internet* diminui, ou até cessa – travando imagem e áudio –, quando estão os midiativistas em lugares fechados (casas parlamentares), ou até mesmo em túneis; na baixa resolução de imagem, que não permite ver, em alguns momentos, rostos, expressões, textos, entre outros elementos.

Como foi visto anteriormente, os midiativistas têm como característica (em geral) a utilização de apetrechos mais rudimentares. Essa quase condição é influenciadora direta do trabalho deles. Todavia, a *Internet* parece implicar essa distinção na contemporaneidade de forma incisiva, ora positivamente, numa acessibilidade facilitada, ora negativamente, num universo de possibilidades que captam a audiência flutuante por vários aspectos. A soma contextual aí é fundamental. Isto é, a exemplo de 2013, a demanda por informação era latente, e os midiativistas a supriam com primazia – independente da inferioridade técnica frente aos *media* –, o que, não obstante, atuava como manipulador de efeitos de sentido (de realidade e ficção), amplificados pela performatividade dos Ninjas diante das situações (o que tragava também a afetação patêmica).

3.1.3.4 Propósito

Diferente da finalidade, que tem o objetivo como norte, o propósito estaria mais ligado ao caminho, aos temas, aos “domínios de saber” que regem as trocas comunicativas. Esses motes são normalmente acordados antes pelos parceiros dos atos de linguagem. Muitas vezes os assuntos correspondem a um cabedal mais amplo, a partir do qual outros subtópicos relacionados são tratados.

O ajustamento temático corresponde a uma importante cláusula dos contratos comunicativos e, caso as partes atuem fora deles, pode haver uma cisão na relação. Todavia, Charaudeau (2004) nos alerta para um cuidado nesta seção. Propósito no contrato comunicativo não são propriamente os temas. Contudo, ele determina alguns métodos de

organização temática, aliás, mais do que isto, sugere uma “racionalização do tratamento temático”, levando em conta aspectos que são da ordem do valor-notícia (critérios de noticiabilidade), tais como o potencial dos eventos quanto à “atualidade”, “proximidade” e “desordem social”.

Contudo, tem-se que a função primeira do jornalismo é informar, levando em consideração critérios básicos como imparcialidade, objetividade e verdade. É o que se ensina na graduação. Na prática, é uma relativa utopia (BRAIGHI, 2013). E isso, jornalistas e leitores já sabem bem. Talvez o que mais se espera do jornalismo hoje é que ele cumpra efetivamente a função social dele, e reconsidere os critérios de valor-notícia; em detrimento da busca incessante da notícia sobre o “homem que mordeu o cachorro”, que a área represente o enfrentamento, para a construção da cidadania em segunda instância – ou mesmo como fim.

Ao menos institucionalmente há por parte da mídia tradicional essa defesa; aguardada também pelos alocutários dela. Se não o fosse, as manifestações não bradariam tanto contra os grandes veículos de comunicação. Talvez não esteja sendo cumprido o pacto. E é, talvez, exatamente nessa lacuna que as mídias independentes encontram terreno fértil para se desenvolverem, fazendo valer e assumindo um contrato que a audiência tinha com as grandes corporações midiáticas.

O propósito dos midiativistas, no entanto, mais do que informar (expondo realidades), é atuar incisivamente nas mudanças de determinados cenários, tendo a força da mediação como mais uma forma de implicar e potencializar suas ações. Nesse sentido, o que não se deve perder de vista nas transmissões simultâneas é a atenção aos detalhes de composição, o reforço à ideologia que motiva a atividade em curso e, inclusive, determina a presença dos repórteres em um determinado cenário (dado o tema/assunto a ser abordado).

O que a perna do propósito parece apontar é, ao final, uma amarração dos dados internos que, nada paradoxalmente, ajuda em uma conformação do contrato comunicativo midiativista. Evidentemente ainda há o lado interno, o espaço do dizer (que será visto a seguir), mas estão colocadas aqui as restrições, as regras, as cláusulas, os incisos, os direcionamentos que orientam comportamentos e expectativas em relação às partes envolvidas.

3.1.4 Olhar para dentro

Os dados internos, por sua vez, referem-se mais aos componentes linguísticos, à forma de dizer, ao processo de troca efetivamente. É o circuito do EU enunciador e do TU

destinatário, em que se observa com mais atenção os comportamentos linguageiros dos interlocutores. Aqui a repartição é menor, mas não menos profunda e complexa. São três espaços de observação: locução, relação e tematização, que podem ser vistos a seguir.

3.1.4.1 Locução

De acordo com os postulados de Charaudeau, a locução, nos dados internos, refere-se à justificativa, a autenticação do sujeito falante, que deve se impor com alguma autoridade para fazer valer o turno de voz dele. Na mesma medida, então, é evidenciada a identificação do interlocutor ao qual se dirige – ao TU idealizado (CHARAUDEAU, 2012).

Nesse contexto, apareceria uma série de perspectivas que poderiam ser discutidas de forma mais aprofundada, como a dinâmica de modalização, as perspectivas do saber, os procedimentos performáticos do EU enunciador, os papéis comunicacionais, os movimentos das trocas, entre outras que ajudam a conformar o todo locução apresentado nesta seção.

Quando pensamos, então, no midiativismo (de transmissão simultânea), ter-se-ia o repórter em campo que, para além de dar conta de um registro evenemencial, também deve responder à via ativista. Isso não significa que, ao iniciar uma transmissão, o locutor deva começar a bradar palavras de ordem, ou a cantar com os manifestantes – tão-somente. Se assim fosse, só estaria correspondendo ao comportamento militante.

Espera-se então que, ao falar, o midiativista corresponda, até mesmo com o vocabulário utilizado, a um plano de expectativas da audiência que requer um posicionamento pró-causas sociais e contrário, quase sempre, aos responsáveis pela manutenção de uma situação degradante – ou dos que impedem que as reivindicações relacionadas sejam protocoladas (nas manifestações, por exemplo, pela polícia).

Esse posicionamento visa expor discursivamente, então, as mazelas daqueles que reclamam (como consequência) e as arestas do Estado (como causa), mais do que apenas a exposição da situação em curso (protesto, por exemplo), o que seria função primária do relato midiático. Estes dois primeiros procedimentos deveriam vir então, por sua vez, em tom de problematização.

O que acontece é que se exigiria um cabedal de informações do locutor que permitisse a ele se aprofundar nas questões colocadas para que a dinâmica midiativista se efetivasse, para além da primeira parte do híbrido, e até o legitimasse dentro da perspectiva da locução (dos dados internos). Todavia, esses dados não precisariam ser necessariamente de conhecimento, mas poderiam ser também de crença.

Fazendo menção a um outro texto de Charaudeau (2007a), saberes de conhecimento tentam chegar a proposições de verdade balizadas pelo raciocínio lógico, pensando os diversos fenômenos do mundo a partir de fatos, dados, números e hipóteses que consigam se sustentar por determinados parâmetros. Essa frente subdivide-se em outros dois saberes: científico e de experiência. Grosso modo, enquanto o primeiro se estrutura pela lógica, o segundo, como o nome sugere, tem o empirismo como norte, balizando-se tão-somente na vivência pessoal, da qual não se dá conta de explicação senão por si só (CHARAUDEAU, 2007a).

Já as categorias de crença estão ligadas aos ajuizamentos e aos atributos de valor que norteiam os sentidos frente aos fenômenos sociais. Assim, abrem-se duas frentes: a do saber de revelação e a do de opinião¹²⁶. Enquanto a última refere-se à avaliação e julgamentos apreciativos balizados por quesitos não fundamentados, a primeira está ligada às doutrinas, sem provas – mas inquestionáveis, às ideologias – normalmente formatadas por teorias, mas superando-as, compondo um “nós-verdadeiro”.

É nesse contexto que a recorrência à ideologia de base faz sentido, conformando um determinado tipo de comportamento por parte do midiativista, ancorando as ações comunicativas dele. Para além de um conhecimento calcado no real, tem-se uma articulação opinativa que se justifica previamente em ideias comungadas entre os interlocutores.

Junte-se a isso o fato de o repórter impor-se naturalmente também como representação do ausente. Há uma dependência do *webespectador*, submisso a uma autoridade do locutor que não é apenas de saber, mas de poder (manutenção da audiência). Entretanto, essa suposta hierarquia é minimizada por estratégias de polidez, baseadas em uma parceria entre os interlocutores, compreendendo que há, sobretudo com o Mídia Ninja, um processo de revalidação em tempo real – oportunizado pelo *chat* que se encontra ativo durante toda a transmissão.

Vale observar que o *webespectador* idealizado parece ser a imagem do sujeito politizado, que se inscreve no acompanhamento da transmissão por compartilhar interesses com as causas apresentadas em transmissão (projetadas em favor). Nesse sentido, a abordagem midiativista parece compreender um certo letramento da audiência e um posicionamento sociocultural que permite tratar de determinadas questões de uma forma mais direta e incisiva.

¹²⁶ Charaudeau (2007a) disse que esse saber pode se dividir em outras três frentes: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva.

3.1.4.2 Relação

O espaço de relação (em definição literal) aparece um tanto como lócus da locução, no mínimo se articulando a partir do resultado deixado pela definição dos papéis comunicacionais; ele dá continuidade à identificação dos sujeitos inscritos nas trocas, reconhecendo não mais o lugar social, mas a função linguageira deles, a fim de enxergar qual é o comportamento de cada personagem nos mais diversos contextos de atuação.

Conforme adiantado nos últimos parágrafos, parece simples a relação: há uma parceria entre midiativistas e *webespectadores*, sobretudo por se representarem mutuamente no lugar de interessados pelas mudanças sociais que estão em curso nos eventos narrados. Essa simbiose apresenta relações de aliança, inclusão e até convivência com atitudes recíprocas (*in-loco* e no *chat*).

Todavia, e esse parece ser um ponto-chave, conforme colocado na seção sobre as identidades, os midiativistas ocupam-se de diversas relações quando em um processo de transmissão simultânea. Nestas, o método de aproximação e afastamento se complexifica e, não sem motivos, age diretamente sobre a troca comunicativa primária que tem com os *webespectadores*.

Observe-se, por exemplo, o trato que os midiativistas (normalmente em adesão a outros militantes) estabelecem com os policiais em cena (ganhando voz ou não). Normalmente é de distanciamento, mas se estrutura muitas vezes por uma relação de (disputa de) forças. Outro modelo são as entrevistas com aqueles que têm posicionamentos diferentes dos que são defendidos na causa (que parecem ser apresentados num simulacro de imparcialidade, mas em verdade são quase sempre trazidos à cena para uma relação de questionamento e exposição de limitações que justifiquem os argumentos que os repórteres defendem).

Faz todo o sentido, mais uma vez, o presente elemento da abordagem de Charaudeau (2012), posto que o midiativista busca a adesão do *webespectador*, numa relação triádica com os outros militantes em campo. Há uma interdependência entre essas partes que têm a mediação como aderente. E, do ponto de vista discursivo, posicionar-se contra o “outro” e agir sobre ele parece reforçar as linhas que sustentam tal afinidade. É o que se apresenta como hipótese, reforçamos; e, por conseguinte, é o que aguardamos observar na seção de análise.

3.1.4.3 Tematização

A tematização na abordagem de Charaudeau, nos dados internos do contrato, parece fazer referência, em uma linha direta, ao espaço dos propósitos (nos elementos de fora). Segundo o autor, é o lugar em que “[...] é tratado ou organizado o domínio (ou domínios) do saber, o tema (ou temas) da troca, sejam eles predeterminados por instruções contidas nas restrições comunicacionais ou introduzidas pelos participantes da troca.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 71).

Não obstante, o autor lembra que o locutor deve nesse espaço não apenas tomar posição em relação ao tema, tanto quanto escolher um modo de intervenção. Essas duas perspectivas parecem fazer mais sentido nas trocas entre os midiativistas e os interlocutores da cena enunciativa, dada a utilização da mesma forma comunicativa. A multimodalidade¹²⁷, ainda que seja um método interessante de revalidação constante da transmissão (quando há, lembrando que nem todos os canais de coletivos do gênero se utilizam da mesma plataforma do Mídia Ninja – *Twitcasting*), não exerce efetiva intercessão na fala do condutor.

É interessante, contudo, observar que as intervenções que se dão pelo midiativista com os sujeitos *in-loco* determinam não apenas os direcionamentos das trocas que estão em curso na cena, mas influenciam diretamente a interpretação dos *webespectadores*. Estas, então, podem ser performáticas, camuflando uma *mise-en-scène* que tem uma intenção não com o ato comunicativo em andamento, mas com o terceiro, o internauta.

Nesse sentido, quando em condução narrativa, o midiativista é soberano. Ele deve, contudo, responder às restrições do contrato, colocando em locução os motes que foram convencionados *a priori*. Porém, pode estimular (como já se viu) a participação dos *webespectadores*, inclusive na sugestão de assuntos a serem tratados pelo próprio repórter. Essa proposição cooperativa e colaborativa endossa a parceria na relação com os *webespectadores*.

Ademais, e muito importante ratificar, Charaudeau (2012) lembra que é fundamental a escolha de um modo de organização do discurso. A forma de condução do locutor será fundamental nesse sentido para o tipo de processo interpretativo que a recepção fará. Abrindo mão da dinâmica enunciativa, compreendendo que nuances dela aparecem vinculadas ao espaço da locução, têm-se os modos descritivo, narrativo e argumentativo.

¹²⁷ Posto que Ninjas e *webespectadores* se comunicam por meio de métodos distintos; os últimos somente se expressam pelos recursos do *chat*, enquanto os primeiros podem mobilizar essa ferramenta e ainda se valer do audiovisual.

Interessante observar que os três tipos de abordagem têm aparecido no midiativismo. A descrição abrolha muito vinculada ao evento apresentado. De modo geral, infere-se que ela sirva à perspectiva mídia, na medida em que a locução do repórter apresenta detalhes gerais sobre a cena enunciativa.

Além disso, há uma tríade descritiva que se estrutura por um comportamento do locutor sob os pilares da nomeação, da qualificação e da localização dos seres e dos objetos em determinados contextos (que igualmente são alvos desse processo). Incluem-se nessa dinâmica ainda os lugares (que se inserem numa circularidade pela qual determina e é determinado) e acontecimentos específicos.

Porém, é válido indicar que se conjectura que a descrição midiativista não é imparcial. Ela é impregnada (em geral) por intencionalidades, opiniões, juízos, classificações e adjetivações que estão para além de uma determinação precisa e pontual. Vale dizer que a ausência de descrição também é parte desse processo, na medida em que os apagamentos discursivos dizem muito sobre os posicionamentos dos repórteres.

Já a narração dá um salto em relação à descrição. Trata-se de apresentar algo e de conduzir uma história por meio da dinâmica de um locutor. Charaudeau (2008) frisa que há a possibilidade de construções lógicas e encenadas a partir desse processo. Enquanto a primeira, mais próxima do relato, sugere um afastamento do condutor, na segunda, a participação cênica dele é particularizante e gera envolvimento. Cada uma e a seu tempo pode intervir na audiência de forma variada.

No midiativismo, ainda que se sugira uma ação mais efetiva e de inscultura nos acontecimentos narrados, nem sempre se vê um modo narrativo aproximado. Há variações entre os coletivos (e, aparentemente, até entre os repórteres de um mesmo veículo – caso até do Mídia Ninja –, o que se coloca aqui antecipadamente como hipótese). A narração dos coletivos é responsável ainda pela configuração arquetípica de personagens da cena enunciativa, reforçando, por exemplo, as posições entre militantes e militares, respectivamente nas posições de sujeito/herói e oponente/vilão.

Por fim, a argumentação apresenta-se, como colocamos anteriormente, como uma fonte considerável para emergência de características do midiativismo, na medida da exploração da problematização, fundamentando-se em saberes dos mais diversos, quando particularidades das causas em evidência são trabalhadas com mais atenção. Esse processo normalmente é ancorado, contudo, em uma base ideológica prévia.

Vale registrar que o modo de organização argumentativo visa uma proposição de mundo, do EU para o TU, intentando alterar a concepção que o interlocutor tem. A

argumentação é composta por um tríptico vetor que aglutina dinâmica da elucidação, provas e a já mencionada problematização. Utilizam-se procedimentos e estratégias diversos para tanto, entre os quais estariam o processo de legitimação (onde o saber tem lugar), a credibilidade e a captação.

Ratifica-se que os procedimentos nesta seção são colocados de forma muito reducionista. Todavia, o que interessa até aqui é a inter-relação reflexiva com a dinâmica midiativista. Em seção porvindoura, a saber, a de metodologia, esses aspectos serão vistos de forma mais atenta.

3.2. A informação como discurso e o desafio do midiativismo

Os elementos expostos na discussão anterior estão baseados no ato de linguagem. Segundo essa perspectiva, que surgiu no cerne da filosofia da linguagem, dizer é fazer – numa proximidade com a noção pragmatista dos atos de fala (AUSTIN, 1990)¹²⁸; é a ação de um sujeito comunicante que visa certa transformação no seu destinatário (KERBRAT-ORECCHIONI, 2001). Em outras palavras, nossos dizeres estão engendrados por performances. Enunciar é também agir, como queira. O que é então que o midiativismo arranja no processo comunicativo dele? Que câmbio ele almeja em relação à audiência?¹²⁹

Diversos aspectos estão envolvidos nessas duas questões. Alguns deles, já apresentados anteriormente, dão conta de uma possibilidade de análise que não precede de uma investigação acerca das identidades e das formas de apresentação de si por meio de performances, de um modo de construção da informação, dos temas a serem evidenciados e de quem é também o destinatário (o idealizado e aquele que se configura como concreto).

Essas questões, segundo Charaudeau (2012), apontam para as problemáticas da linguagem e aos seus “sistemas de valores”, métricas significantes que orientam a dinâmica da língua nas mais variadas conjunturas de trocas comunicativas possíveis. “Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido” (p. 33-34).

Para tanto, alteridade (reconhecimento mútuo – da existência de um [conjunto] interlocutor por parte do enunciador, e de quem é o emissor por parte da recepção, ainda que não estejam face-a-face), pertinência (reconhecimento de universos de referência de cada uma

¹²⁸ Concepção que seria revista e ampliada por Searle (1972).

¹²⁹ Agradecemos a especial atenção do amigo professor Rafael Angrisano na revisão desta seção e as valorosas sugestões dele.

das partes), influência (reconhecimento de intenção) e regulação (reconhecimento de resposta à intenção) são princípios presentes no ato de linguagem e que conformam a relação entre a instância de produção da informação e a de recepção (a de interpretação). Essa relação estrutura o que Charaudeau (2005) chama de processo de transação.

Paralelo a esse processo existe o de transformação, que se configura por identificação e a qualificação dos seres e das coisas, ação sobre essas instâncias e a explicação causal sobre como essa cadeia se forma. Juntos, amalgamam um duplo processo de semiotização do mundo. Por sua vez, a dinâmica, com suas nuances e orientações, serve de base para o contrato comunicativo – exposto na seção anterior – e corresponderá ao postulado de intencionalidade (CHARAUDEAU, 2005). Enfim,

esse agir sobre o outro, agindo sobre suas representações do mundo, a partir dos dados situacionais que foram estabelecidos através de uma certa regulação das trocas sociais, faz com que todo ato de comunicação seja ao mesmo tempo finalizado em termos de influência, regulado em termos de intercompreensão, intersubjetivado em termos de partilha (ou de imposição) dos saberes, das opiniões e das crenças sobre o mundo [...] Esse agir comunicacional, feito de finalidades acionais e languageiras, é o que constitui, no meu ponto de vista, o objeto da análise do discurso (CHARAUDEAU, 2002, n. p.).

E parece mesmo intento de exame, dado que o que atravessa toda a perspectiva é a fala, a informação, o dizer, transformado em discurso, carregado de sentido, portador da ação a partir da sua conformação complexa, tomada por intencionalidades e reconhecimentos mútuos. O discurso é a ampla teia de significados que está por detrás do enunciado (BENVENISTE, 1989) e para além das regras de uso da língua (DAVID-SILVA, 2005), sendo, pois, “[...] a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido” (CHARAUDEAU, 2012, p. 40). É o conjunto, sagaz e argucioso, de oito características clássicas balizadas por Maingueneau (2001) (conforme se verá a seguir) que se conformam em um texto longo, em uma frase ou mesmo em apenas uma palavra.

O mediativismo, visto a partir desse contexto, não informaria, mas produziria discurso – e, por mais paradoxal que pareça, a informação vem a reboque. Na particular condição de hibridismo, justapondo a mediação com a ação direta, evidencia-se um modo de apresentação do mundo e dos eventos que emerge na superfície dele, dando-lhe sentido a partir de uma métrica muito localizada.

Sim, em resposta a Maingueneau (2001): há uma organização situada para além do texto, mobilizando estruturas ideológicas, políticas (não necessariamente partidárias, mas

situadas à esquerda), sociais, culturais, ambientais, que são muitas vezes de ordem distinta dos eventos em narração (ampliando o sentido da descrição pura); são evidentemente orientados com algumas finalidades manifestas, que correspondem ao seu compromisso, de adesão a uma causa, fortalecendo-a e, por conseguinte, instrumentalizando a ponte com os ausentes; é uma forma de ação, dadas as características expostas no capítulo anterior; estabelece interatividade complexa como manipulador de trocas *on* e *off-line*, simultaneamente; é assumido por um ator mediador, midiativista (repórter) que conduz a narrativa e justapõe, muitas vezes, outros locutores na cena; articula-se por normas que são compreendidas pelo TU que, embora possa ser novo no processo, se faz letrado paulatinamente por uma colaboração que pode existir inclusive junto à audiência (que se mostra no *chat*) – facilitado ainda pelo ponto a seguir; faz parte de um interdiscurso que precede, o da mobilização em torno de causas sociais; e, por fim, o que nos parece mais contraditório, insere-se em um contexto que se faz compreensível, mas pouco delimitado, dada a potência da internet e, mais do que isso, à inter-relação global de muitas ações em evidência.

Tudo o que se coloca no parágrafo anterior são hipóteses. É intento deste trabalho, então, avaliar. Algumas perspectivas são colocadas como evidência, talvez muito fruto de uma positiva surpresa que se tem no senso comum, e até dos pesquisadores, de que o Mídia Ninja, e outros coletivos midiáticos, representa uma novidade reveladora; a informação (aparentemente) mais limpa e fluida, sem as interferências que se encontram nos conglomerados midiáticos, com práticas e interesses (de produções feitas a várias mãos, que acabam por macular não apenas o fato, mas o próprio relato). O produto midiativista estabeleceria, então, uma relação mais sincera com a audiência, afetada de modo mais consciente.

Todavia, assumir essa posição de modo vertical (integrado, ao modo de Eco) seria cometer o mesmo erro daqueles que têm “um ponto de vista ingênuo” (CHARAUDEAU, 2012, p. 34) sobre os *media*. O abismo entre fato e relato continua. O discurso dos midiativistas seria tão carregado e intrincado quanto o dos veículos de comunicação de massa – guardadas as proporções e os intentos –, uma vez que se tratam de narrativas, sendo natural do processo diegético uma objetificação de experiências subjetivas, por meio de perspectivas, logo impossível a coincidência totalizante entre fato e relato. E, por fim, não se têm garantias sobre os efeitos na audiência.

A ausência de alcance de resultados na ponta receptora seria uma quebra de eficácia dos coletivos? E que resultado se almeja, afinal? Invariavelmente, como ser suficientemente

eficiente (nos modos de produção), então, para alcançar a efetividade do processo midiativista (que não se configura apenas com sucesso junto à audiência)?

Ao tratar dos “verdadeiros problemas” da informação midiática, Charaudeau (2012) coloca como questões da ponta emissora, principalmente, a validade e a seleção (recorte, dada a impossibilidade de totalidade de relato dos fatos). Contudo, como colocado anteriormente, diferente dos *media*, o valor de verdade (verossimilhança) do que os midiativistas apresentam não está propriamente no que se narra, mas no interdiscurso, na fala precedente, na causa (os geradores dos problemas sociais), diminuindo a condição de enlevo da consequência (um protesto, por exemplo), já previsto como resposta. Porém, quanto maior o peso dele (e caráter extraordinário) e consequente envolvimento do repórter, maior parece ser a ideia de real do que fomenta a ação.

A linha de afetação e correspondência parece acentuar-se, então, frente ao comportamento ativista em tela, durante uma transmissão. É tão concreto o problema social, ainda que distante do acontecimento narrado, quanto maior for a força dele – o que parece se estender para a concepção de pertinência. Seiva que alimenta a ação e justifica a relação. Aliás, cria e fortalece laços e ainda estabelece oportunidades para a constituição de plataformas para que um dado conhecimento seja constituído.

O recorte midiativista, por sua vez, parece seguir essa particularidade. Isto é, dadas as limitações técnicas, o envolvimento do coletivo parece ser maior tanto quanto for o impacto das ações que pretende registrar e participar. Evidentemente, não se esquece da relação próxima que deve haver do coletivo com o tema em destaque. Todavia, o que está em jogo também, como já colocado no capítulo anterior, é um fortalecimento mútuo, o que sugere um embarcamento voluntário dos midiativistas quando a causa é urgente – a depender, ratifica-se, das condições logísticas e disponibilidade.

Diferentemente, “[...] com relação ao receptor, a questão é saber o que ele é e como atingi-lo, pois, como dissemos, o receptor nunca é apenas o alvo ideal visado pelo fornecedor da informação.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 37). Isto é, há um TU destinatário (idealizado) e outro interpretante, como já fora colocado anteriormente. Mas, mais do que isso, tem-se em geral uma audiência heterogênea, e, por mais que existam mecanismos que facilitem compreendê-la (como os *chats*), ela não se dá a ver por completo e é sempre uma incógnita para o emissor.

Não obstante, o que parece não se perder de vista é o princípio da alteridade balizado pelo comportamento ativista, questionador, politizado, que de certa forma regula o processo comunicativo e ajuda a implementar uma base sobre a qual estratégias performáticas diversas

podem ser empreendidas (e compreendidas, senão até desejadas – é o que diria o contrato). Entre elas, o comportamento coloquial, experimental, um “ser eu mesmo”, que corresponderia a elevação da perspectiva de real, mas que, nada paradoxalmente, faria funcionar os efeitos ficcionais (na medida da condição de estabelecimento de uma narrativa) e patêmicos (diante de um engajamento afetivo-emocional por parte da audiência) (CHARAUDEAU, 2012).

Poder-se-ia inferir, então, que o TU se vê engajado, senão simultaneamente, no mínimo por uma destas condições: pela fala (informação) convertida em ação (ativismo), pela representação¹³⁰, pela narrativa e pela patemização. Estratégias manipuladas, dentro de um quadro restritivo, pelo midiativista com a transmissão ao vivo em curso (nosso recorte), intencionalmente ou não, fazendo o circuito revolver.

Ainda assim, permanece latente a diferença entre efeito visado e efeito efetivamente produzido. Charaudeau (2002) lembra que, de uma forma ou de outra, estímulo sempre traz resposta. As máquinas de sentido não cessam. Contudo, ainda que efeitos condicionalmente sejam gerados isso não quer dizer que correspondam às intenções. Não há como mensurar, tão-somente conjecturar.

O que se coloca como hipótese é que a admiração com o mundo novo, somada a um tipo de representação não visto antes no Brasil, frente a um momento de comoção social, influenciado por acontecimentos sociais específicos, tenham juntos, entre outros fatores, contribuído para que o discurso do Mídia Ninja (e de outros coletivos, ainda que o citado tenha se conformado como referência), que escapa da “simples” informação, tenha sido tomado como representacional – positivamente além, inclusive, do que os jovens repórteres imaginavam e buscavam¹³¹. O efeito produzido alargava, em 2013, o que era supostamente visado.

E os midiativistas em transmissão simultânea têm outro importante recurso, além da fala, que intensifica o discurso: a imagem, condição e elemento importantes no processo de (re)construção social da realidade, agindo pujantemente sobre as implicações de compreensão, construção de sentido e patemia e, extensivamente, na manutenção da audiência. Charaudeau (2012) destaca o “poder da imagem”, ressaltando dois dos efeitos mais importantes: o de transparência e o de evocação.

Enquanto o primeiro dá a ideia do mundo apresentado tal como ele é, a evocação atua na memória sensível, trazendo-nos uma narrativa visual que instala o registro numa esteira

¹³⁰ “[...] percepção-construção que o ser humano mantém com o real.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 46-47).

¹³¹ Entendendo que, talvez, eles comungassem de uma ideologia (que inclusive já afirmaram ter) de que são apenas uma parte da engrenagem e têm um papel tão importante quanto todos os outros coletivos, movimentos e ativistas envolvidos no bojo das ações de protesto em 2013.

cognitiva. Interessante pensar, pois, primeiro na ideia de translucidez: ideal utópico, que, contudo, nos ilude, nos faz pensar estarmos diante da “verdade”. Quando o material se dá então em vivo, no tempo real, essa linha fica ainda mais tênue, suportada por um juízo de ubiquidade, onipresença; estou aqui e lá, logo é real – ainda que mais ficcional seja. É, todavia, uma forte particularidade dos midiativistas em *real time*.

Já o segundo, a evocação, em choque com a transparência, traz lembranças de experiências ulteriores. Nossa história é presentificada pelo que vejo; a realidade do agora, em tela, é significada em razão de um arcabouço de sentidos – que pode ser coletivo/comum. É nesse sentido que uma mesma imagem ou construção discursiva pode ser apreendida e interpretada de diferentes formas por grupos sociais. Importante localizar na produção midiativista, na medida da constituição de um público heterogêneo e que se manifesta, por vezes, de maneiras distintas diante da mesma construção.

Poder-se-ia dizer que o Mídia Ninja pôs em discussão um registro que vinha sendo aventado ao menos desde 1999. Para os adeptos das práticas altermundialista, as questões parecem fazer sentido nessa marca. Entretanto, a fissura evenemencial é mais extensa. É o resgate do que foi feito por nossos pais. É a possibilidade de um encerramento de projeto da multidão que vem sendo desenvolvido, ao menos com mais destaque, desde as lutas contra a ditadura e que aparece de forma muito reconfigurada no “Fora, Collor” de 1992.

Ao mesmo tempo, lembra o caos. A presença dos adeptos da tática Black Bloc nas manifestações pode remeter ao vandalismo geral, tirando o sentido prioritário que guia os protestos por parte do espectador. Foi o que se viu como edificação de sentido em muitos veículos de comunicação de massa (MARICATO et. al., 2013). Camisas vermelhas, indicariam movimentos partidários, classistas, de luta pela terra, tantas vezes estigmatizados e contraditoriamente classificados pelos *media*, apresentando um modo de ver específico à recepção. Daí a importância de um esforço, texto + vídeo, horizontalizando o registro, aproximando o espectador da realidade, dos sujeitos que se vestem de vários matizes e que não devem ser qualificados apenas por isso.

Ainda assim, é difícil prever o que de fato será produzido junto à audiência. Charaudeau (2012) lembra que a linguagem é cheia de armadilhas. O autor aponta as astúcias do discurso, reconfigurado, por exemplo, pela polissemia, pela sinonímia – respectivamente os vários sentidos de uma forma e os sentidos próximos que uma mesma expressão/palavra pode ter – e pela polidiscursividade – conjunto de valores de um mesmo enunciado.

Para quem tem a ideia de um desenlace já previamente escrito, há, em verdade, um jogo em que as cartas são dadas pelo midiativista, mas que o receptor pode responder.

Vicissitude interpretativa. O troco da audiência vem na compreensão de explícitos e implícitos, na avaliação, crítica, abonos e censuras. Ainda que se pudesse imaginar o midiativismo longe de qualquer suspeita, exatamente por representar uma saída frente à verticalidade dos *media*, sofrem talvez muito mais com o compromisso contratual (que não é apenas com a audiência, mas consigo mesmo, com a ideologia dele, com aquilo ao qual verdadeiramente serve). Restam-lhe arriscar. Assim,

[...] tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas* [...] o informador é obrigado a reconhecer que está permanentemente engajado num jogo em que ora é o erro que domina, ora a mentira, ora os dois, a menos que seja tão somente a ignorância. (CHARAUDEAU, 2012, p. 39).

Reconhecimento que a recepção deve ter mesmo, a fim de embarcar em um processo comunicativo, qual seja, não creditando ao informador total sapiência e credibilidade, na medida em que ninguém dá conta de transformar o mundo – senão pelo duplo processo de semiotização já apresentado anteriormente. Não obstante, o sentido nunca é dado de antemão e não se encontra nas coisas, mas no relato sobre elas. Condição complexa que limita, em verdade, a compreensão. Situação que se aguda ao se entender que é o quadro de transação que imputa a mecânica de relação entre as partes em um processo comunicativo; em outras palavras, “[...] o sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 42).

Nesse contexto, então, apresentam-se as perspectivas do saber, que representam as construções dos sujeitos sobre o mundo por meio da linguagem. Os saberes ajudam a tornar o mundo, de forma cíclica, mais inteligível, um tanto compreensível e compartilhável – girando a partir dos processos comunicativos; tem-se a partir daí a troca de universos simbólicos entre interactantes. Segundo Charaudeau (2012), eles estão estruturados sob dois pilares: as categorias (ou subvalores) de conhecimento e de crença – que já apontamos em parágrafos anteriores, da seção antecedente a esta.

Ao pensar em imaginários sociodiscursivos, muitas vezes reivindicados em construções dos *media* e provavelmente até pelo próprio Mídia Ninja, podemos provavelmente observar os referidos saberes sendo mobilizados para qualificações distintas de actantes das narrativas, indicando que as significações podem ser dadas n uma dupla ordem:

afetiva e racional – é o que poderia se conjecturar nas construções midiativistas frente ao papel de policiais e manifestantes em uma manifestação¹³².

Essa amalgama é o que parece pautar os *media*, dando preferências, de acordo com os contratos comunicativo deles, mais a um ou outro saber a depender também das intenções desses veículos. “A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais [...]”, o que denota essa multiplicidade de escolhas, às vezes contraditórias, que um indivíduo pode tomar frente ao grande número de outros saberes¹³³ (CHARAUDEAU, 2007a, n. p.).

Na ação dos coletivos, todo um conjunto de saberes é mobilizado em torno de uma frente/causa (e, por vezes, contra os detratores e opressores). O conhecimento vem trabalhado em iniciativas (como se viu no capítulo 2, as edições do FSM são um exemplo) que colocam as temáticas em discussão, trazendo a lógica para o discurso dos repórteres em campo. Todavia, a mídia é ativista, e o ativista é o sujeito da experiência, o que muitas vezes vivência a situação que é colocada em xeque. Ainda estamos no saber de conhecimento. Porém, a linha é tênue; o saber de crença dele, muito sustentado pelas opiniões, acaba por falar mais alto e ganha credibilidade exatamente por ser alguém que diz com conhecimento de causa (ainda que este seja apenas um efeito de sentido). Aquém do diferencial, há perigos aí, sobretudo quando se pensa no caráter passional da informação.

Em momento específico, aliás, também falamos da adesão da audiência via representação¹³⁴. O que está em jogo aqui é uma tentativa de extensão do real, ou o virtual visto em transmissão como janela, ponte fidedigna de verdade (impressão desta). Interessante perceber que essa condição não está apenas nas imagens, que fazem com que o real seja registrado, mas até no texto verbal. Nesse contexto, parece fazer especial sentido para o midiativismo e os seguidores mais fiéis dele, a ideia de que as produções (os constructos midiáticos emitidos via *web*), sejam

[...] uma certa categorização social do real, a qual revela não só a relação de ‘desejabilidade’ que o grupo entretém com sua experiência do cotidiano, como também o tipo de comentário de inteligibilidade do real que o caracteriza – uma

¹³² A palavra coerência é diversas vezes mencionada por Charaudeau (2007a) para adjetivar os imaginários. A interpretação que fazemos é a de que, ainda que haja um cunho emocional na composição dos imaginários, haveria uma adesão do grupo a eles por percebê-los como algo que faz sentido dentro de uma determinada realidade social, que há aderência ao tipo de organização social em que está inserido – ainda que ele seja conformador desta.

¹³³ Charaudeau (2007a) menciona que podem haver outros saberes para além das categorias listadas por ele, ou desenvolvidos a partir delas.

¹³⁴ Que Charaudeau (2012) também contempla nos termos de imaginários.

espécie de metadiscorso revelador de seu posicionamento. (CHARAUDEAU, 2012, p. 47).

O que Charaudeau aponta aqui é a já citada linha tênue entre os saberes, que se vê efetivada na condição de necessidade de representação que os veículos (e aí não só os midiativistas, mas também os *media*) sabem que a audiência tem. Todavia, cada um acaba por manipular os discursos de uma forma e em uma direção. Em outras palavras, o Mídia Ninja e outros coletivos empreendem uma (re)construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2006). Utilizam-se, para tanto, de mecanismos próprios. Assim, a questão em evidência não é dizer se o midiativismo trabalha mais a fundo a verdade ou não, mas em como essa ideia de verossimilhança é apreendida pelo público dele, a partir de uma demanda que foi contratada. “A verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz”¹³⁵, e esse efeito depende do processo interpretativo do receptor (CHARAUDEAU, 2012, p. 63).

O midiativismo vem suprir uma demanda de representação discursiva (sobretudo de minorias sociais) que é muito mais restritiva nos *media*, além de pouco aprofundada, indicando uma verticalização elaborada por jornalistas que estão distantes da (de uma) realidade – sob o manto da (ideia de) imparcialidade. Por sua vez, as produções dos coletivos implementam uma espécie de contradiscorso, feito de baixo pra cima, alargando as perspectivas sobre determinadas causas, complexificando as qualificações dos grupos sociais, ao passo que sobredeterminando, da mesma maneira que os veículos de massa (só que numa outra via), as estruturas hegemônicas.

As ações midiativistas, contudo, parecem muitas vezes limitadas ao conjunto receptor que adere às causas. É preciso, como já se conjecturou antes, que as iniciativas do gênero ampliem o diálogo; senão, irão ver a hegemonia dos *media*¹³⁶ dentro de métricas já cristalizadas e comungadas socialmente, continuando a exercer forte influência social. Nesse contexto, uma saturação de informação parece ser importante do lado dos coletivos, dado que o que estaria em jogo seria uma guerra de sentidos.

Como se apontou sobre 2013 (e em casos que vem ocorrendo globalmente desde 1999), muitos eventos que antes eram silenciados pelos veículos de massa encontram aporte na ação dos midiativistas. Todavia, apenas cobrir os eventos não garante os efeitos na recepção; “[...] somente o receptor está em posição de julgar o teor de uma informação,

¹³⁵ Uma noção parecida com as de William James e Wittgenstein. Vale a ressalva de que nos interessa neste trabalho, enfim, menos a noção de verdade (perspectiva mais filosófica – e sob esse caminho indica-se ver os consultados trabalhos de Silva (2008) e Zunino (2012)) e muito mais o sentido dela e como se transforma de modo situacional.

¹³⁶ Pelo menos nos estereótipos comumente veiculados.

restando ao emissor tão somente fazer uma aposta sobre sua validade.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 58). O espaço de estratégias midiativistas, nesse contexto, mais do que ampliar a extensão de uma narrativa, a aprofunda, ora argumentativamente, ora na (co)construção dos acontecimentos de impacto e ação evenemencial.

Tem-se, como frente ativista, a busca da desordem para a implementação de uma nova ordem. Quanto mais fortes e incisivas forem as ações diretas, mais irão incomodar aqueles que mantêm o sistema hegemônico. Na mesma medida, quanto mais plásticas e tumultuadas forem as cenas, aparentemente mais chamarão a atenção do *webespectador*. Relação caos-cosmos que faz o social girar e gera manutenção e ampliação de audiência. A busca, todavia, não parece ser pelos números propriamente ditos, mas pela pujança de afeto, pela busca do efeito a ser produzido, pela adesão às causas, pelo fortalecimento das ações em curso, entre outros intentos.

Nesse contexto, não se pode pretender achar que a “finalidade ambígua” existe apenas nos *media*. Evidentemente há captação lá, com fins comerciais. Entretanto, há aqui o intento ideológico. A proposta não é o registro pelo registro – se o fosse não o seria ao vivo. É claro que existem outras frentes envolvidas (como o *copwatch*), mas se vê uma preocupação com “um” público (que não é apenas “o”, dada a consciência da importância de ampliação da margem de afetação).

Entretanto, a finalidade midiativista é tão ambígua quanto o hibridismo que constitui tal signo linguístico. De um lado a informação, de outro a ação civil contra o sistema. Ao final, as duas converter-se-iam em benefício tão-somente da cidadania¹³⁷. Esse seria o valor da esquerda sem mitos (para lembrar das concepções de Barthes). Entretanto, como pôde ser visto no capítulo anterior, o Mídia Ninja em especial vê-se inebriado pela vinculação ao Fora do Eixo, o que poderia comprometer as ações do coletivo ao se pensar que elas teriam, em segunda mão, um aditamento simbólico – que em outro estágio poderia ser convertido em representação social, facilidades políticas, incrementos econômicos, entre outros.

Mas, ainda assim, o Mídia Ninja surge (e se mantém) com grande e reconhecida potência, a representar um momento de especial atenção no país, que ganha destaque mesmo quando sujeitos comuns perceberam que poderiam fazer mediação, podiam registrar os eventos dos quais participavam, tinham condições de, em parceria, compor coletivos de informação midiática, não dependeriam (com ressalvas), enfim, dos veículos.

¹³⁷ E não há juízos de valor aqui, mas tão-somente uma concepção ligada ao contrato (intento de constituição) que ampara tal perspectiva – conforme visto no capítulo 2.

Todavia, é importante lembrar, inclusive, que o Mídia Ninja foi legitimado pelos próprios *media* – na medida em que as imagens dele foram utilizadas por telejornais como o *Jornal Nacional*. Constituiu-se, então, e não só pelo destaque dado pelos veículos de massa, um *ethos* em torno desse coletivo em especial, que faz dele um baluarte de um movimento; “a” mídia da massa de mídias. Surge o “somos todos ninjas”, na concepção de que qualquer pessoa podia fazer parte de um agrupamento, aparentemente aberto, que não se constitui como veículo, mas marca aglutinadora. Ser ninja seria ser livre, independente, automediado.

Enganou-se, porém, quem pensou assim. O Mídia Ninja tem, como se viu, colaboradores. A produção dele, por mais colaborativa que seja, guarda particularidades e práticas específicas. Qualquer um podia ser um Ninja, mas e se apropriar do Mídia Ninja? Qualquer um poderia empreender uma prática, fazer parte de um movimento, mas sequer precisaria utilizar tal alcunha. Mas, por que, então, havia adesão? Em detrimento da ação, como se viu anteriormente, um sem-número de seguidores surgiu, a acompanhar com atenção o trabalho dos Ninjas.

Em outras palavras, o coletivo, a partir de 2013, passa a assumir uma espécie de poder, conferida por um tipo particular de autoridade que o saber lhe confere. Conhecimento e crença advindos do envolvimento direto dos repórteres do coletivo na rua, com os movimentos sociais, na entrega ativista às atividades, na prisão que faz de um dos representantes Ninja um mártir, na argumentação balizada, segura, firme, ainda que assentada em ideologias¹³⁸.

A prática de mediação de eventos, em tempo real, por mais que pudesse ser empreendida por qualquer sujeito, já vinha sendo gestada pelo Mídia Ninja ao menos desde 2011. Técnica apreendida e desenvolvida, gerenciada a partir de uma aproximação com causas sociais. Quando o levante surge em 2013, o coletivo já consolidava uma dinâmica discursiva que estava alinhavada com o fenômeno das ruas.

Nesse contexto, o Mídia Ninja informava com propriedade por possuir um saber que o outro ignorava, tinha aptidão que permitia transmitir a esse outro (poder dizer) e se legitimava nessa atividade de transmissão (poder de dizer) (CHARAUDEAU, 2012). Os *media*, afastados das manifestações em 2013 pelos ativistas mais exaltados, cobriam cada vez mais de longe e de forma verticalizada, o que contribuiu fortemente para a solidificação das práticas midiativistas.

¹³⁸ Não estamos falando aqui da noção de imaginários sociodiscursivos. Evocamos a ideia de consciência social que abrange o sistema de ideias que guiam comportamentos.

Limitados no fazer deles, os veículos de comunicação de massa parecem desequilibrar-se ainda mais na própria balança. A captação toma a frente, e a saída parece ser, muitas vezes, a espetacularização com as armas que eles têm. Nesse contexto, o exercício do ofício midiático aprofunda-se pouco nas questões relacionadas aos movimentos de rua, contribuindo de forma escassa para o que se pretende no exercício da cidadania (e da democracia).

Contudo, a grande questão e diferença colocada no contexto não é tão simplesmente a ausência de mediação dos grandes veículos. Ainda que eles estivessem lá, mesmo que pudessem cobrir todos os eventos, de perto, do chão, com proximidade, ainda não conseguiriam, em razão de suas práticas, alcançar o que a professora Ivana Bentes (2015) coloca como novo paradigma das redes. A questão não é a informação pelo ato de informar, mas (in)formar (ou conformar) pelas trocas, pelo diálogo, pela emergência de vozes, pela conformação de um gênero dialógico polifônico (“vozes polêmicas”) (RECHDAN, 2003).

Estamos falando, de um lado, de um locutor Ninja que carrega a potência de um enunciador ideológico macro (DUCROT, 1987), complexo, altermundialista, de multidão, que traz consigo a voz de minorias que conformam grupos e movimentos sociais – o que aponta, inclusive, para formações discursivas específicas (FOUCAULT, 1997; 2009). De outro lado, evidenciamos a profusão de falas que se estabelecem tanto nas transmissões, com os repórteres a entrevistar pessoas comuns que compõem um dos lados em protesto, quanto nos *chats* das ferramentas utilizadas pelos midiativistas – a saber, principalmente o Mídia Ninja, com o *Twitcasting* (BENTES, 2015).

Isso porque estamos a considerar apenas as transmissões simultâneas, dado que em outras plataformas, tais como o *Facebook*, as postagens do coletivo tornam-se, por vezes, verdadeiros fóruns de discussão entre internautas (tendo o Mídia Ninja como partícipe e não (apenas) mediador nas discussões). Há aí uma nova forma de narrativa, um meio diferente, híbrido, em que as vozes se misturam e conformam sentidos outros para a apreensão dos leitores – que podem se tornar inter-atores na produção.

Isso determina ao coletivo e aos midiativistas dele um comportamento distinto daquele que se vê na grande mídia. Os responsáveis pela transmissão, no caso das coberturas em tempo real, continuam a fazer um trabalho de condução muito particular nas cenas enunciativas. Eles são *duca, signore e maestro*¹³⁹ das narrativas, tanto quanto os repórteres dos telejornais das 20 horas. Mas, diferente desses últimos, têm como mobilizar sentidos

¹³⁹ Em alusão a Dante sob Virgílio no Inferno de *A divina comédia*.

outros dentro de conduções próprias (quando não são quase obrigados, dentro de uma (re)validação imediata), influenciados (e influenciando) o comportamento (de parte) da audiência que se mostra nos *chats*/fóruns.

Essa aba de comentários é um forte indicador e não se pode desprezá-la, ainda que a atenção midiativista na maioria das vezes tenda a se direcionar para os fatos a desenrolar. Mas não é tão-somente o comportamento do midiativista que compromete o *chat*. Como hipótese, ratifica-se que a participação nos fóruns parece ser maior, tanto quanto forem mais intensas as ações eventuais. Isto é, numa métrica muito análoga a dos *media*, o espetáculo, o fogo, a ação, a desordem, o caos, parecem chamar mais atenção do que a argumentação, a problematização¹⁴⁰, o registro da ação direta não violenta ou que não sofre coerção forçosa – e aqui a questão parece ser a de um olhar espectador que é ainda muito influenciado pela TV (FAHLE, 2006; SOULAGES, 1999; 2002).

Nesse contexto, Charaudeau (2012, p. 259-260), lembra que “[...] as exigências de visibilidade e espetacularização da máquina midiática”, e por que não também do midiativismo – com outros fins –, “[...] tendem a construir uma visão obsessiva e dramatizante do espaço público, a ponto de não se saber mais se estamos diante de um mundo real ou de ficção”. Esse é um risco; a captação da recepção pela pujança eventual, em detrimento da adesão à causa. Todavia, uma diferença entre *media* e midiativismo faz-se. O mesmo autor lembra que a grande mídia, por sua vez, “[...] apresenta um simulacro de troca democrática, porque exclui [...] os sem-nomes e entroniza os que aí se encontram convocados, criando uma censura pela ausência”.

Charaudeau (2012, p. 260), em verdade, destaca o papel dos sujeitos ordinários nos debates televisivos. Muitas vezes (pseudo)especialistas, a maioria deles capacitada em *media training*, são convocados para falar sobre as questões de mundo, deixando de lado a voz comum; “[...] essas representações constituem limitações à visada de informação da máquina midiática”. Seria assim, pela característica democrática e participativa dele, o midiativismo mais informativo?

O problema, contudo, parece ser um tanto cultural. Charaudeau (2012) nos lembra precisamente sobre o registro dos eventos que mais se destacam no Mídia Ninja: “[...] quem

¹⁴⁰ É interessante perceber que Charaudeau (2012) fala da fundamentação das mídias em uma possível vulgarização da informação, a despeito da complexificação da explicação sobre a verdade (BOURDIEU, 1996). Nesse contexto, talvez a problematização presente muitas vezes no midiativismo não agrade ao grande público, que acessa as suas plataformas com maior volume diante da cobertura de grandes acontecimentos – que, por sua vez, vão exigir mais e melhores respostas aos porquês, ou no mínimo uma cobertura mais atenta, próxima e dilatada dos eventos. O olhar do espectador estaria assim viciado então não apenas no texto visual, mas também no verbal.

não guarda como lembrança quase exclusivamente dos movimentos sociais apenas as descrições de confrontos¹⁴¹ entre policiais e manifestantes, os excessos cometidos, quando as questões fundamentais são outras?” (p. 273). Mas, aí, a culpa é de quem? O processo é cíclico. É apresentada uma visão de espaço público pelos *media* que a audiência aguarda também. É preciso mudar essa “catarse social” por uma contracatarse, mais reflexiva, questionadora, que compreenda causas e consequências e proponha mudanças.

E não estamos dizendo que o midiativismo como se encontra hoje seja a solução; ainda que seja, no mínimo, um caminho para geração desse fenômeno. Isso porque coletivos, como o Mídia Ninja, podem (estar a) empreender a mesma *mise-en-scène* ficcionalizante que os veículos de massa articulam diariamente, satisfazendo, entretanto, o “destino-espelho” que determinados grupos desejam (CHARAUDEAU, 2012).

Que realidade é essa, então, que se encontra nos *media* e nos midiativistas? São construções empreendidas por efeitos de sentido distintos. “O que acreditamos ser o visível do mundo é apenas um invisível, intocável, construído em visível pelo efeito conjunto da espetacularização e da projeção de nossa memória sobre o espetáculo.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 269). O midiativismo, todavia, traz o novo, uma forma de afetação antes não conhecida, uma relação com a realidade diferente da que se foi acostumado nos *media*. São também, não se deve negar, novas informações, diversa maneira de ver o mundo, de compartilhá-lo. É o novo papel da audiência, interativa, colaborativa.

Isso tudo pode conformar nos coletivos midiativistas uma verdade de emoção, que “encanta ou provoca uma ação irrefletida” (p. 268), ainda que se pense totalmente politizada e crítica; “a reação ocupa um lugar de verdade, pois nada no mundo, nenhuma razão, pode mudar a visão daquele que a experencia” (p. 268). Vivência compartilhada, elevada a potência maior dado o registro de presença da audiência. Troca triangular: casa, rua e rede. Eu (internauta), Tu (Ninja), Eles (*webespectadores*). Câmbio multiplicado quando se pensa que vós estais ainda na segunda pessoa do plural, a incluir todos os atores da cena enunciativa, principalmente aqueles que participam da narrativa.

Por fim, e não esperando ter dado conta de esgotar as discussões, gostaríamos de nos apropriar de uma aposta que Charaudeau (2012) faz nas páginas finais de *O discurso das mídias*. Para o teórico francês, é preciso que os *media* assumam uma condição de coragem, por uma série de motivos. Aliás, esse compromisso deveria ser quase deontólogo, uma posição ética por parte dos veículos. O que vemos, nada apocalipticamente, mas por uma

¹⁴¹ E muitas vezes essa é a classificação de *ações desproporcionais* por parte da polícia, a utilizar da força bruta, de equipamentos bélicos, frente a uma *resistência* dos movimentos.

prioridade econômica, é que essa atitude por parte da mídia hegemônica é utópica. Todavia, ainda que não se pretenda ser totalmente integrado aos midiativistas, eles parecem mesmo ser uma alternativa.

Afinal, uma postura de coragem seria muito mais condicionável a ser empreendida por quem trabalha por ideologia e não por capital – qualquer que seja. A inventividade só tem como se dar fundamentada em um discurso que precede, mas não pode ficar preso a ele, imaginando uma manutenção de audiência. O retorno de leitura com o receptor que adere não pode ser intenção, mas consequência; implicação natural de um investimento que privilegia o bem-estar social e não os interesses *webespectadores*. O mais do mesmo só se encerra quando outros coletivos são vistos como iguais¹⁴², parceiros, e não concorrentes. Consortes que veem o quinhão repartido e responsabilidade comum por resultados que beneficiem a todos.

Nesse contexto, a atividade midiática é só uma seção de um todo mais amplo. A representação por meio de plataformas e dispositivos serve em verdade a uma atitude cidadã, que facilita as relações democráticas, no entre dois do social com o político.

Todas essas concepções, entre outras que talvez não tenhamos conseguido explicar com muita atenção, nos levam a crer que as perspectivas da linguagem, mais especificamente os estudos semiolinguísticos, nos dão boas bases elementares e metodológicas para empreender uma análise discursiva do midiativismo, mais especificamente aquele praticado pelo Mídia Ninja nas transmissões simultâneas do coletivo. A seguir, apresentamos o capítulo de estruturação das métricas de exame. Esperamos, nessa seção, inclusive, aprofundar ainda mais sobre algumas frentes abordadas aqui.

¹⁴² E não estamos dizendo que não o sejam vistos assim.

4 METODOLOGIA DE ANÁLISE

O objetivo geral desta tese, como já exposto, é o de descrever e analisar as condições de produção do discurso do Mídia Ninja, buscando compreender o lugar que o coletivo ocupa no regime discursivo midiático que se tem na contemporaneidade¹⁴³. Para tanto, articulam-se como passos para alcançar esse intento, outras três frentes específicas:

- a) descrever os aspectos estruturais que compõem o dispositivo técnico de produção do Mídia Ninja;
- b) descrever e analisar o dispositivo comunicacional e enunciativo regular do Mídia Ninja;
- c) analisar a dinâmica interacional do Mídia Ninja com os receptores/interlocutores dele na plataforma *Twitcasting*, por meio do exame das trocas realizadas a partir dos *chats*.

Uma palavra é cara, como se vê, nos objetivos específicos: dispositivo. Assim, de largada, é preciso fazer algumas considerações sobre o conceito – mesmo porque ele é fundamental na concepção metodológica que se visa articular. Compreendemos que o nosso objeto de estudo, tal qual toda instância de produção midiática, consista num metafórico novo, a saber, aquele concebido por Deleuze (1990) ao se referir ao dispositivo em Foucault. Seria assim, um composto de linhas de naturezas diversas, que se entrecruzam, geram tensão e conformam a complexidade do veículo.

Nesse sentido, antes de delimitar o que chamamos de dispositivo neste trabalho, é importante ressaltar a complexidade dessa definição. A demanda se dá não simplesmente em razão do processo de construção terminológica ser “[...] o momento poético do pensamento”, sobretudo para os filósofos (AGAMBEM, 2005, p. 9). Mas, muito em razão de uma necessidade de sustentação do processo metodológico da presente tese e da importância de um movimento contrário ao que de forma recorrente pode ser observado em vários trabalhos de pesquisadores, que utilizam o termo de forma indistinta, superficial e localizada.

Em resumo, muitos autores, sobretudo na seara midiática, têm utilizado a expressão numa perspectiva unidimensional.

Por grande parte dos autores que o utilizam nos estudos sobre os media, ele é confundido como sendo algo estritamente técnico ou tecnológico. Em outros, o conceito deixa de ser técnico-tecnológico, mas ainda aparece como sendo unidimensional, destacando uma das outras dimensões. Ora ele aparece em sua

¹⁴³ Ressaltamos que apresentaremos nosso *corpus* de pesquisa na primeira parte do capítulo de análise.

dimensão socioantropológica, ora se destaca como linguagem. (KLEIN, 2007, p. 210).

Localizaremos a nossa noção de dispositivo, então, nas perspectivas foucaultianas, ainda que procurando relacioná-la às observações de Patrick Charaudeau, uma vez que este é muito caro a este trabalho, haja vista a sustentação da tese em torno de diversas perspectivas semiolinguísticas. O primeiro problema que se apresenta, no entanto, é justamente o fato de Foucault não ter, de forma clara, definido o termo. Nomes como Deleuze (1990) e Agamben (2005), então, alvitram-se a responder “o que é um dispositivo”, buscando, em verdade, uma reflexão das perspectivas correlatas no autor (FOUCAULT, 1979; 1997; 2009).

Agamben (2005, p. 13) chama de dispositivo, após uma larga discussão, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Para ele, é no entre-dois, no “corpo-a-corpo”, entre os seres vivos e os dispositivos, que são constituídos os sujeitos.

A sustentação em Foucault mostrará que, em verdade, a constituição do sujeito dos quais Agamben fala se dá por meio de um processo de subjetivação, atado por um dispositivo (ou, em coexistência e influências diversas, por dois ou mais) que é composto por uma série de práticas, discursos, saberes e exercícios (AGAMBEN, 2005). Os dispositivos são, entretanto, também movidos pelos sujeitos. No entanto,

[...] no dispositivo, entendido por Foucault, não contam as ações individualizadas dos sujeitos envolvidos, mas sim as ações relacionadas e os resultados do conjunto. Assim, as ações sociais não podem ser compreendidas como dos indivíduos, mas sim dos dispositivos, onde cada um opera uma parte do conjunto de ações que o constituem. (KLEIN, 2007, p. 216-217).

A partir do que afirma Agamben, podemos inferir que os *media* têm condições de serem compreendidos como um dispositivo, tal qual cada veículo que os compõem, mas, diferente do modo como o termo é utilizado, em geral, em pesquisas sobre a mídia. Deve-se entendê-los como máquinas de governo (na medida da capacidade de produção de (des)subjetivações, assim como no reconhecimento de seu poder e saber), atravessadas por diversos dutos (de ordem social, política, ideológica, econômica, moral, simbólica, entre outros), lineares, bifurcados, forquilhados, que, trançados, conectados, auto e retroinfluenciados, ora flexíveis e até frágeis e quebráveis e em outros momentos cristalizados, compõem uma rede complexa e paradoxal que age na, sobre e por uma determinada sociedade e aos que dela fazem parte (DELEUZE, 1990).

Deleuze tenta nominar e explicar parte das linhas, ou alguns dos conjuntos delas, que atravessam e contornam os dispositivos, listando, entre outras que

[...] os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de forças, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura, que se entrecruzam e se misturam enquanto umas suscitam outras, através de variações ou mesmo mutações de disposição. (DELEUZE, 1990, p. 157-158).

Nas palavras de Bruck (2012), os dispositivos têm certa autonomia, o que não significa independência, na medida em que são verticalizados por normatizações de outros campos (ou contratos do mesmo campo, superiores). “É um permanente jogo, uma disputa de validação, em que engrenagens não rígidas e muito menos constantes se movimentam e se alteram.” (p. 42).

Na obra de Charaudeau (2012), podemos ver que o autor concorda que o dispositivo contribui para a formatação da mensagem e determinação de sentido dela¹⁴⁴. Contudo, o semiolinguista enxerga o dispositivo como uma instância reguladora (na medida em que seria o mesmo que constituiria as “[...] condições materiais *ad hoc* de realização do contrato, em relação com outros componentes e com um quadro de restrições”) composta por uma tríade; “[...] de maneira geral, ele compreende um ou vários tipos de *materiais* e se constitui como *suporte* com o auxílio de uma certa *tecnologia*.” (p. 42, grifos no original).

Os grifos no original destacam a composição do dispositivo empregado pelo autor em relação ao contrato geral de comunicação. Assim, grosso modo, os materiais são vistos como a tangibilidade do sistema significante; a manifestação, ainda que codificada, do que se pensa e se quer transmitir. É nessa seção que estaria, infere-se, a perspectiva enunciativa do dispositivo. Observamos que o autor abre a possibilidade para a confluência de vários tipos de materiais em um mesmo dispositivo. Na mídia, mais especificamente na que está em análise, poder-se-ia observar, então, desde as imagens até a narração dos repórteres (CHARAUDEAU, 2012).

Já o suporte, visto de maneira ampla, compreende todas as particularidades das estruturas que dão condições para que o material seja veiculado. Assim, haveria de se avaliar também a armação técnica, para o exame em curso, da *Internet*, dos aplicativos e dos *sites* utilizados para as transmissões e recepções. Por fim, e mais complexa, a tecnologia para

¹⁴⁴ Em outro trabalho (CHARAUDEAU, 2007b, n. p.), o autor insistirá ainda “sobre o pressuposto de que os signos são consumidos através dos dispositivos de comunicação. Esses dispositivos atribuem de antemão um lugar aos parceiros da troca e dão ao mesmo tempo ao receptor uma grade de leitura do signo. É o que faz com que um mesmo signo seja lido diferentemente (e, desse modo, produza sentidos diferentemente), não somente segundo o contexto, mas também segundo o dispositivo”.

Charaudeau (2012) seria o fluído que equilibraria e daria funcionamento aos materiais no suporte, “[...] isto é, ordenar o conjunto dos participantes do ato de comunicação, determinar suas possíveis conexões ou mesmo regular uma parte de suas relações.” (p. 106).

Não obstante, em entrevista à professora Maria Eduarda Giering, o professor Patrick Charaudeau dá indícios da existência e das particularidades de múltiplos dispositivos que agem sobre os atos de comunicação e de enunciação.

[...] em resumo, diremos que todo ato de linguagem depende de um dispositivo comunicacional que dá instruções discursivas ao sujeito falante, em função do qual ele procederá a uma enunciação. O dispositivo faz parte das condições contratuais de produção do ato de linguagem, mas não constitui sua totalidade. É por isso que convém distinguir ato de comunicação (englobador) e ato de enunciação (especificador), e daí situação de comunicação e situação de enunciação. A primeira é constituída por parâmetros que constituem o dispositivo sócio-comunicacional que dá as instruções ao sujeito falante; a segunda é o resultado do modo como o sujeito falante utiliza essas instruções para colocá-las em cena. (GIERING; CHARAUDEAU, 2012, p. 330).

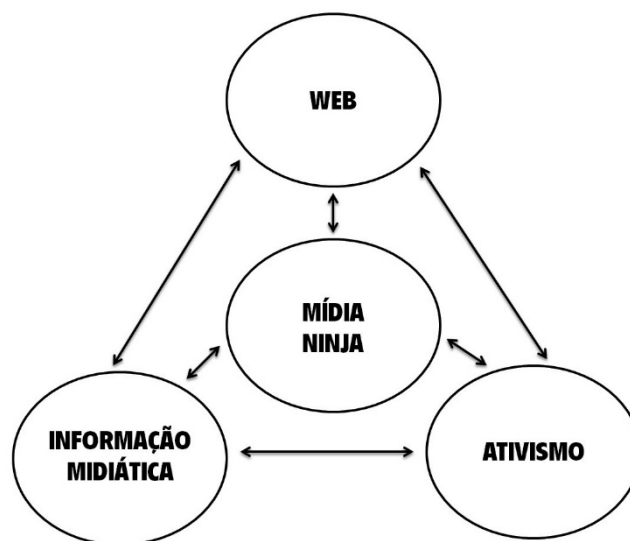
Em estudo sobre a gênese do termo dispositivo, e aplicação dele para os estudos midiáticos, Klein (2007), balizado por Peraya (1999a; 1999b), propõe que os *media*, como dispositivos, sejam vistos em sua multidimensionalidade. Apesar de os autores se assentarem em uma base teórico-metodológica diferente (na tríade da semiótica peirceana), destacam um entrecorte interessante e válido para os propósitos deste trabalho: o dispositivo apresenta-se como o lugar da interseção e das interações entre a sociedade (sistema de relações sociais), a tecnologia e a linguagem (sistema de representações). Klein readapta essas dimensões para uma vertente socioantropológica (sujeitos, cultura, instituições e agentes midiáticos), uma semiolinguística (operações de linguagem), e uma última tecno-tecnológica.

Nesse sentido, o que aqui se propõe é, de modo comparável, tentar separar os vetores por camadas, entendendo que, por mais que sejam interdependentes para a constituição do sentido, cada uma das porções que compõem o (macro)dispositivo também pode ser compreendida como um (sub)dispositivo. A nosso ver, há no dispositivo midiático do Mídia Ninja uma amálgama que justapõe os aspectos técnicos, os elementos comunicacionais e as perspectivas enunciativas, membranas compostas por nós, dados na costura dos fios listados a seguir.

Antes, é preciso dizer que o Mídia Ninja parece se compor como um dispositivo que se vê cercado e influenciado por três outras esferas. Isto é, ele é também instituído e verticalizado por estruturas que, apesar de se autoinfluenciarem, não necessariamente se fundem, mas muitas vezes se repelem pelas próprias características. Estamos falando das

prerrogativas da informação midiática, dos apelos ativistas e do suporte *web*, não esquecendo que esse esquema está sustentado dentro de toda a complexidade da organização cultural, política, econômica e social brasileira. Assim, apesar de falarmos aqui das camadas internas do Mídia Ninja, não devemos nos esquecer dos pilares exteriores, tratados em seções específicas desta tese.

Figura 5 – Principais macrodispositivos aos quais o Mídia Ninja está vinculado



Fonte: Elaborada pelo própria.

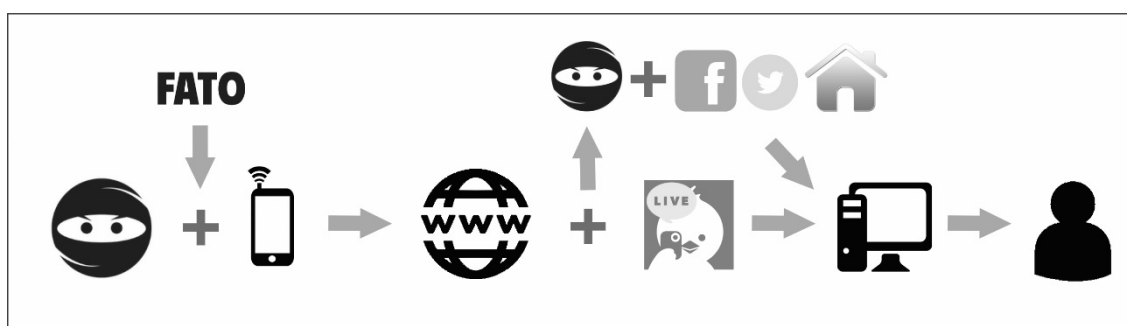
4.1 Dispositivo técnico

Para empreender um processo comunicativo com os interlocutores, o Mídia Ninja faz uso de mecanismos, já que a relação não é direta; isto é, as partes estando distantes, necessitam de plataformas que suportem as trocas. O enunciador vale-se, então, da *Internet* como sustentáculo do trabalho dele, utilizando-se, de modo mais específico, de *sites* e perfis em redes sociais *on-line*.

Para o trabalho em curso, observa-se mais diretamente a aplicação do *Twitcasting* (plataforma para transmissão de vídeos em tempo real) pelo coletivo em questão, ainda que não se possa desconsiderar a influência das outras formas de veiculação de conteúdos (e de relacionamento com os internautas) nesse processo específico. Aliás, para analisar o dispositivo técnico do Mídia Ninja, pressupõe-se reconhecer todo o conjunto de particularidades procedimentais às quais a estrutura está submetida, desde o início da captura evenemencial bruta, o fato em si, até a entrega do acontecimento transformado ao *webespectador*.

Seria preciso considerar, ainda, o possível uso que o interlocutor faz desse material, na medida em que boa parte das ferramentas/plataformas utilizadas pelo Mídia Ninja permitem a interação ou, no mínimo, a resposta em *chats* e *posts*, curtidas e compartilhamentos. Contudo, atentando aos objetivos desta tese, em seção oportuna, será observada e discutida a interação proveniente da área de comentários da plataforma de transmissão em tempo real. O que se está expondo aqui é que as características do dispositivo, principalmente aquelas ligadas ao *feedback*, podem acabar determinando um tanto a forma de agir dos Ninjas.

Figura 6 – Esquema comunicacional simples do Mídia Ninja em coberturas em tempo real



Fonte: Elaborada pelo autor.

Como exemplo, FIG. 6, vê-se que os Ninjas fazem uso de aparelhos celulares para capturar os fatos, transformando-os logo em relatos. Assim, algumas das primeiras perguntas que poderiam ser respondidas estão ligadas a que *smartphone* é utilizado: quais são as configurações de câmera, áudio, sinal de *Internet*, entre outras; qual é o tamanho e o peso do aparelho; que outros aplicativos estão simultaneamente em funcionamento; como se dá a (re)carga de bateria; que outros equipamentos estão plugados e por quê; e uma série de demais questões que não apenas descrevem uma dada relação tecnológica, mas que podem evidenciar em como ela compõe e influencia os modos de transformação e transação do acontecimento (CHARAUDEAU, 2005).

De modo mais didático e organizado; como já foi evidenciado, os Ninjas, para as coberturas em tempo real, sempre fazem uso de aparelhos com acesso à *Internet*, normalmente *smartphones*. Cabe então, em um exame de dispositivo técnico, descrever detalhadamente os equipamentos utilizados para, num segundo momento, estabelecer inferências acerca do comportamento, por exemplo, dos repórteres em relação ao dispositivo comunicacional. Entre as informações a serem relacionadas, interessaria saber:

- a) quem é o Ninja que utiliza o aparelho;
- b) tipo de aparelho: celular, câmera de mão, *notebook*, *netbook*, *tablet*, ou outros;
- c) marca;
- d) modelo/código do aparelho;
- e) sistema operacional;
- f) processador;
- g) velocidade do processador;
- h) bandas;
- i) frequências;
- j) peso médio;
- k) largura;
- l) altura;
- m) profundidade;
- n) tipo de tela;
- o) tamanho de tela;
- p) resolução de tela;
- q) resolução de câmera;
- r) *zoom*;
- s) resolução de vídeo;
- t) tipo de captação de áudio;
- u) bateria;
- v) autonomia de bateria;
- w) funções extras, importantes para o trabalho dos Ninjas.

Esses 23 itens poderiam compor um quadro, individual, para cada aparelho utilizado, relacionando todos os Ninjas que o empregam, conforme se vê a seguir. O sinal de *Internet* também é algo que deve ser considerado. No entanto, já se sabe que a cada transmissão uma modalidade de tecnologia pode ser utilizada, a depender do local e das circunstâncias: 3G, 4G, Wi-Fi, entre outras. Infelizmente, porém, não será possível recuperar a informação de todas as coberturas, ainda que entrevistas tenham sido feitas com os Ninjas. Mais simples, porém, será obter a informação de que tipo de plano de dados e frequência, em geral, era utilizado por cada um deles – o que representaria um bom indicador para inferências acerca do trabalho em

campo, se composto, também, o Quadro 2 (utilizado como ferramental de registro, e não necessariamente para exposição em seção de análise).

Quadro 1 – Modelo resumitivo de descrição de aparelhos utilizados pelo Mídia Ninja nas coberturas

NINJA(S)	TIPO DE APARELHO	MARCA	MODELO /CÓDIGO	SISTEMA OPERACIONAL
PROCESSADOR	VELOC. DO PROCESSADOR	BANDAS E FREQUÊNCIAS		PESO MÉDIO
LARGURA DO APARELHO	ALTURA DO APARELHO	PROFUNDIDADE DO APARELHO	TIPO DE TELA	TAMANHO DA TELA
RESOL. DA TELA	RESOL. CÂMERA	ZOOM	RESOL. DE VÍDEO	CAPT. ÁUDIO
BATERIA	AUTONOMIA DE BATERIA	FUNÇÕES EXTRAS IMPORTANTES		

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2 – Modelo de descrição de frequências e planos utilizados pelos Ninjas nas coberturas

NINJA(S)
FREQUÊNCIA EM GERAL UTILIZADA
OPERADORA
PLANO DE DADOS

Fonte: Elaboração própria

Já dadas as descrições do *Twitcasting* (principal plataforma utilizada pelos Ninjas para as transmissões em tempo real), vale, na sequência do exame do dispositivo técnico, fazer uma descrição pormenorizada de como os repórteres fazem uso desse aplicativo e da estrutura

web, bem como de que forma os *webespectadores* também podem se beneficiar dele. Assim, há de se avaliar o número de transmissões realizadas, o tempo delas, os canais utilizados, os possíveis títulos e *hashtags* para denominação das coberturas, o uso do *chat* pelos repórteres, o número de torcedores do canal, posição no *ranking* do *Twitcasting*, entre outras informações.

Aqui a base para exame, como já parece se anunciar, será a da análise descritiva, mais conteudista (BARDIN, 2003). Não obstante, será num segundo momento, a partir da inter-relação das camadas de dispositivos, e, sobretudo, com um olhar mais perspicaz – acentuado pelas perspectivas da Análise do Discurso¹⁴⁵ –, que as características essenciais da plataforma serão analisadas a fundo.

Como exemplo, veremos o número de arquivos (que aqui chamaremos mais de vídeos ou *lives*) que poderão ser gerados/realizados em uma mesma transmissão – e a duração de cada um deles também deve ser considerada. Na sequência, colocaremos observações de sentido. Inferimos, colocando como hipótese, que as margens/limites da estrutura de transmissão conformarão um tipo de atuação. Mas avaliar como se dá essa limitação é uma frente inter-relacional que, em nossa abordagem, deve se dar por uma ancoragem discursiva, fundamentada por um prévio e aprofundado diagnóstico material.

É nesse entre-dois que o dispositivo técnico deve ser visto, inter-relacionando os aspectos materiais, compositórios, tangíveis, de ordem tecnológica, com uma determinada forma de ação e produção de sentido que se dá influenciada e nos limites do conjunto material que é mobilizado para tanto. Nesse contexto, cada aspecto é importante e deve ser observado de modo pontual.

4.2 Dispositivo comunicacional e enunciativo

Para construir uma concepção dessa camada dispositiva, a princípio, poderíamos pensar na designação da relação entre os participantes da comunicação dentro da perspectiva de Pierre Levy (1999). Ele distingue três grandes categorias de procedimentos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos. A dinâmica dos Ninjas já parece pressupor uma complexidade, haja vista que, aquém de um trabalho monolucativo, os Ninjas têm como interagir com os internautas, já que boa parte das plataformas utilizadas condicionam o

¹⁴⁵ Em trabalhos anteriores já havíamos testado a potencialidade de uma convivência metodológica entre Análise do Discurso e Análise de Conteúdo (BRAIGHI, 2011; 2013).

retorno. Mas, ainda que essas questões sejam levadas em consideração, queremos nos aprofundar mais.

Maingueneau (2001), em obra original de 1998, também já falava dos impactos dos chamados novos dispositivos comunicacionais e como eles podem afetar o modo de produção do texto midiático e a relação dos interlocutores com os enunciados (tanto nas formas de produção quanto nas de recepção). A remissão à celebre frase de McLuhan parece ser inevitável; mas para compreender como o meio determina a mensagem não podemos apenas nos localizar em uma parte da construção.

Não podemos confundir ou ultrapassar os limites do dispositivo técnico com o dispositivo comunicacional. Certos da compreensão sobre o primeiro, o segundo dá mais um passo, representando, ao menos no bojo desta tese, o conjunto de elementos e condições presentes em um determinado processo comunicativo e a forma como eles se inter-relacionam. Assim, estamos apontando para a caracterização dos participantes, dos locutores, dos destinatários, das áreas de produção e difusão, assentando-nos também nas perspectivas de contexto.

Invariavelmente, a caracterização dessas partes dar-nos-á pistas acerca do elo que estrutura tais relações. Assim, certamente, no cenário encontrado, determinadas mensagens farão sentido frente aos propósitos comunicativos, quais sejam, infere-se, aqueles ligados, como já visto, à informação midiática vinculada/orientada aos temas ativistas.

Nesse sentido, parece não muito arriscado dizer que a organização textual, no campo do enunciado, não poderia ficar longe do exame da situação de comunicação, ainda que em sequência; uma vez que a correspondência entre essas duas partes, para que haja coerência e coesão, supõe-se que deva ser o mais efetiva possível. Aliás, para Maingueneau (2007, p. 19), “[...] apreender o discurso como intrincação de um texto e de um lugar social” é o verdadeiro objeto da Análise do Discurso. Essa união parece dar-se atravessada ainda pelo dispositivo de enunciação, que refletiria mais um passo na caracterização do Mídia Ninja.

Verón (2004) irá localizar o dispositivo enunciativo como o campo construído pelos modos de dizer. Rodrigues (1994, p. 146), irá mais longe ao afirmar que “[...] o dispositivo da enunciação, processo que fixa o sentido daquilo que é enunciado, embora seja imanente ao conjunto daquilo que é dito e do seu sentido, é, portanto autônomo em relação ao processo de significação codificada”.

Assim, entende-se que a enunciação, somada ao que é dito em uma determinada situação, auxilia a consecução de determinadas visadas. Por conseguinte, um mesmo texto pode ter compreensões e produzir efeitos diferentes no *webespectador*, em razão da

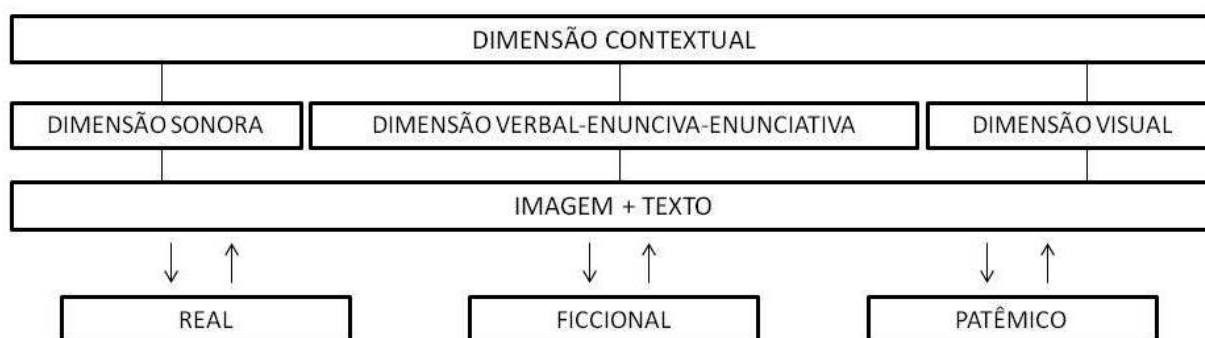
performance do Ninja que estiver à frente de uma transmissão em tempo real. Importa-nos, porém, saber, quais são as estratégias dos Ninjas nos processos comunicativos e por que tais atitudes se dariam frente às estruturas condicionantes.

Nesse sentido, apesar de unidos em uma mesma seção, de serem complementares e ainda se autoinfluenciarem, os exames dos dispositivos comunicacional e enunciativo devem levar em consideração aspectos distintos. Enquanto o primeiro tratará dos personagens, motes da transmissão, situações de contexto e da composição pura dos enunciados (por meio dos discursos verbais, sonoros e visuais), o segundo terá como áreas de reflexão a manipulação do anterior no espaço dos modos de organização do discurso, os aspectos de linguagem, as identidades discursivas, o espaço de estratégias, o campo dos efeitos, entre outras questões.

Para ficar mais explícito, para os fins de análise dos dispositivos comunicacional e enunciativo, iremos dividir as áreas de observação em seis espaços, inter-relacionáveis, compondo um esquema conforme vê-se a seguir:

- a) “dimensão contextual”, que dará conta dos dados externos do contrato comunicativo – das identidades –, descrição dos participantes da cena comunicativa; finalidades; propósitos e condições de dispositivo;
- b) “dimensão verbal-enunciativa”, que reunirá a verificação, a partir dos dados internos do contrato comunicativo, como os enunciados são apresentados pelos Ninjas ao observarmos a análise das modalizações nos atos locutivos e nos modos de organização do discurso;
- c) “dimensão visual”, num espaço que reunirá elementos que evidenciam como é mostrado, a partir do reconhecimento de perspectivas de indicialidade, da capacidade de descrição (identificação e qualificação) e do potencial simbólico;
- d) “dimensão sonora”, que sintetiza a questão dos ruídos que compõem as cenas locutivas e as próprias nuances de locução dos Ninjas;
- e) “dimensão imagem-texto”, que é onde será possível enxergar as possibilidades de intrincação do verbal com o visual, por meio das ancoragens (verbal sobre o visual) e do *relais* (visual como complementação) – tanto quanto as ausências possíveis;
- f) “dimensão dos efeitos”, que é a seção pela qual as outras dimensões passarão e se verão afetadas na medida em que são elas que parecem constituir esse espaço.

Figura 7 – Esquema de análise do Dispositivo Comunicacional e Enunciativo do Mídia Ninja



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.1 Dimensão contextual

Como foi visto anteriormente, uma das primeiras frentes de observação da dimensão contextual são os dados externos do contrato comunicativo (CHARAUDEAU, 2012). Já evidenciados na seção teórica desta tese (capítulo 3), esses elementos são os de condição de:

- a) identidade;
- b) finalidade;
- c) dispositivo;
- d) propósito.

Acerca da identidade, precisamos reconhecer quem são os sujeitos inscritos nas trocas comunicativas. Tem-se uma instância de produção e uma de recepção. A primeira, contudo, é composta por diversos Ninjas. Tem-se como hipótese que, pelas características das mídias independentes, os midiativistas teriam mais liberdade para atuar. Isto é, teriam espaço para impetrar uma performance não muito estruturada em padrões, mas liberados para agir e se exprimir da forma como lhes convier em cada situação. Nesse sentido, faz-se fundamental conhecer quem são os Ninjas, a fim de reconhecer um modo de atuação particular de cada um deles.

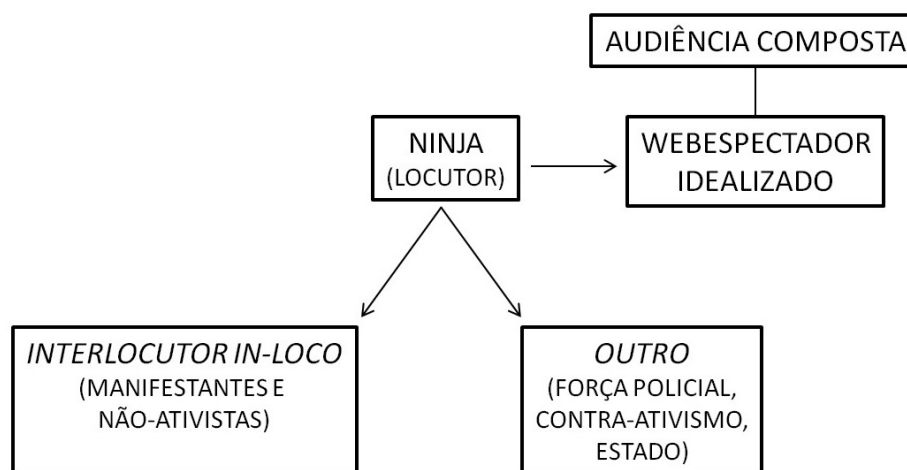
Tem-se ainda uma audiência composta, indaga-se heterogênea (a se considerar o alcance da *Internet*, a facilidade de acesso às plataformas do Mídia Ninja, ao reconhecimento público do veículo, e o interesse pela temática das manifestações – sobretudo na época da Copa do Mundo de Futebol), mas aparentemente politizada, não necessariamente ativista, e, em grande maioria, posicionada ao lado das minorias sociais. Aliás, como visto anteriormente, esse parece ser o público idealizado pelos repórteres da mídia em análise.

Enxergar, então, como essa perspectiva aparece para a composição da atuação dos Ninjas é algo importante.

Contudo, parece haver uma série de terceiros nas coberturas do Mídia Ninja. Eles são compostos em parte pelo “outro” (normalmente a quem se dirige à crítica, quase sempre ausente, ainda que, em algumas oportunidades, materializado, seja na presença da força policial ou do cidadão que se posiciona contrário às bandeiras/causas em curso), e ainda pelos demais participantes da cena enunciativa (muitas vezes transformados em interlocutores, quase sempre por meio das entrevistas).

Assim, destacado o lugar do *webespectador* (ou, já reconhecida essa instância idealizada), este será visto apenas na sua condição de afetação sobre o locutor e, quem sabe, até sobre aos participantes. Essa análise, que nos parece mais refinada, será feita à luz das perspectivas discursivas e sem uma estrutura articulada. Já o exame da identidade dos outros sujeitos (Ninjas e personagens da cena enunciativa) será dado a partir de um levantamento de traços personológicos e de classificação por grupo social, profissional, econômico e cultural. Uma análise mais geral, evidentemente, dar-se-á para veiculação dos atores em cada grupo específico.

Figura 8 – Relação entre personagens no dispositivo comunicacional do Mídia Ninja



Fonte: Elaborada pelo autor.

Aliás, os participantes deverão ser enquadrados ainda segundo a aparente condição e forma de veiculação/inserção deles na dinâmica da transmissão. Isto é, importará saber: 1) se o personagem situa-se no lado do “outro”, neutro ou alinhado às causas tema; 2) se o sujeito tem espaço de fala ou se é tão-somente caracterizado pelo locutor; e 3) se este tem capital visual, ou não, desconsiderando-se ainda de que forma é enquadrado. Vale lembrar também

daquelas identidades ausentes. Uma vez que nos situaremos muito no plano discursivo, alguns actantes serão colocados em cena muito em razão dos textos dos Ninjas e dos entrevistados¹⁴⁶.

A segunda frente é a análise de finalidade do processo comunicativo (transmissão). Como visto anteriormente, é o ato de linguagem que institui parâmetros para as trocas. Diretamente relacionado ao campo dos intentos nesse processo tem-se as visadas. Charaudeau (2004) lista as seis principais *visées* que caracterizam a intencionalidade “psico-socio-discursiva” em um ato de linguagem. Essas frentes são articuladas pelo EU, que concebe imageticamente a compreensão do TU – num destinatário ideal. Essas propostas de afetação são resumidas em:

- a) visada de prescrição: EU – mandar fazer; TU – dever de fazer;
- b) visada de solicitação: EU – quer saber; TU – dever de responder;
- c) visada de incitação: EU – fazer crer, a partir da persuasão; TU – dever de acreditar, não em posição de inferioridade, mas por bem – para o bem dele;
- d) visada de informação: EU – fazer saber; TU – dever saber;
- e) visada de instrução: EU – fazer saber-fazer, orientação – transmissão de um modelo; TU – Deve saber fazer;
- f) visada de demonstração: EU quer estabelecer a verdade, a partir de provas; TU – tem que receber, compreender e aplicar a verdade.

Evidentemente, existem outras visadas e, para que estas possam se efetivar, as implicações devem ser articuladas ponderando uma frente dupla, a se considerar, de um lado, a intenção do EU Comunicante em compeles com um TU Ideal, de outro, pelo lugar mesmo do TU, no horizonte de expectativas dele ao participar do ato comunicativo. Além disso, essas visadas (e, mais uma vez, não só essas seis) não aparecem de modo isolado, mas muitas vezes amalgamadas em certa sobreposição. Uma disposição alegórica dessas *visées* poderia ser representada pela FIG. 9. “Com um rápido olhar, vê-se um acondicionamento cruzado, mas organizado. Contudo, ao apurar o olhar, percebe-se que o arranjo engana a percepção; trata-se de uma alegoria da interpretação em uma circunstância comunicativa.” (BRAIGHI, 2012, p. 40).

¹⁴⁶ Mais uma vez, acreditamos que a hipótese levantada no capítulo 3 dê conta de explicar essa última perspectiva. Vale ao leitor retornar à FIG. 4 que, a nosso ver, resume o quadro de identidades que podem surgir em cena.

Figura 9 – Esquema inter-relacional de visadas comunicativas



Fonte: Braighi (2012, p. 40)¹⁴⁷ com base em Charaudeau (2004).

A intenção aqui é, então, tentar compreender como elas são agenciadas durante as coberturas do Mídia Ninja. No entanto, tem-se como hipótese que com cada uma das instâncias com as quais o Ninja se relaciona, um tipo de visada pode se dar e refletir, embora de outra maneira, em relação à outra parte. Em outras palavras, eis novamente a quimera entre os efeitos visados e os efetivamente produzidos (se abrolhados).

Explicando de forma mais didática com um exemplo: em uma dada situação, o Ninja implica um interlocutor em uma visada de solicitação, o que reflete em uma visada de informação para o *webespectador*, numa dinâmica muito tradicional dos *media*. Contudo, poderá haver casos em que o repórter se dirigirá à audiência (numa visada de incitação, por exemplo), mas terá como propósito provocar o “outro”. Diante da reação dessa parte (um policial, novamente como exemplo), poderá funcionar, em verdade, a visada de demonstração ou ainda a de *páthos*, senão as duas juntas, frente ao *webespectador*.

De forma mais pontual, então, não serão classificadas todas as transmissões do Mídia Ninja. De acordo com as seis visadas, serão feitos recortes pontuais (amostras) de algumas coberturas representativas (levando em consideração a extensão¹⁴⁸ delas, variedade de elementos que permitem formas diferenciadas de organização do discurso, a emergência de microacontecimentos e a possibilidade de seleção de uma transmissão de cada Ninja)¹⁴⁹, de modo a expor o *modus operandi* dos midiativistas e em como as propensões podem se dar a

¹⁴⁷ Desenho original, ilusão de ótica, de Sérgio Buratto. Disponível em: <<http://goo.gl/f7xtMP>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

¹⁴⁸ E quanto maiores melhor.

¹⁴⁹ Reforçamos, aliás, que esse tipo de retalho estratégico do *corpus* será uma tendência neste estudo, dada a extensão das transmissões em análise. Impossibilitados tempo e espacialmente, faremos seleções dentro do todo, entendendo que existem amostras muito significativas e que dão compreensão ampla sobre o que é o Mídia Ninja (em transmissões simultâneas).

partir de uma reflexividade, de modo paralelo e/ou sequencial, ao longo de uma jornada, sofrendo mudanças ainda que o intento macro não passe por uma alteração aparente.

Ao final, enfim, se quer saber sobre a finalidade do Mídia Ninja como coletivo; seria possível chegar a tal conclusão cerrada? Infere-se que o tipo de amostra que será feita condicionará uma resposta plausível, ainda que se tenha como dedução de largada que um intento apenas seria questionável, dada a multiplicidade de frentes que se conformam simultaneamente. Senão, vejamos em exame no capítulo seguinte.

Acerca da condição de dispositivo, atentar-nos-emos aos detalhes da questão que se deve responder, conforme coloca Charaudeau (2012), quando diz que essa perspectiva “[...] define-se através das respostas às perguntas: em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal¹⁵⁰ de transmissão é utilizado?” (p. 70).

As observações estão ligadas principalmente à análise dos cenários de transmissão do Mídia Ninja. Infere-se, desde início, que os lugares de referência sejam as ruas, espaço privilegiado para a ação dos (mídia)ativistas. Contudo, evidentemente, os Ninjas atentam-se à ocupação que a manifestação faz dos espaços públicos, quais sejam, ações de protesto que dão novos contornos às áreas das cidades em razão da emergência evenemencial. Assim, não se trata aqui apenas de uma descrição espacial e de elementos de composição (ainda que isso seja fundamental), mas de uma exposição detalhada das condições ambientais, bem como das escolhas que são feitas pelos repórteres.

Este trabalho dar-se-á em um nível também macro, a partir dos principais elementos de composição das cenas de todas as coberturas. Em um nível mais agudo e minudenciado, serão feitos alguns recortes que ajudam a compreender as opções dos Ninjas em campo, em razão das particularidades de cada acontecimento. Em outras palavras, faremos uma cronologia da atuação midiativista ao longo da Copa do Mundo de Futebol (12 de junho a 13 de julho) e destacaremos algumas passagens com mais atenção, de modo, inclusive, a asseverar sobre os processos de reterritorialização dos espaços públicos e urbanos pelos ativistas e em como a atuação mídia ainda agrega mais a esse processo.

Acerca do propósito do ato comunicativo este destacará, sobretudo, a tematização presente nas abordagens do Mídia Ninja e em como essas escolhas revelam as intenções e posicionamentos do coletivo; de outra forma, de que maneira as opções tomadas dialogam e também afetam os intentos dos processos comunicativos? É o que assevera Charaudeau

¹⁵⁰ Como já se prevê, esta última inquirição ficará a cargo do exame de frente técnica.

(2004, p. 25), conforme já havíamos aprofundado no capítulo 3, ao afirmar que “[...] o propósito determina uma racionalização do tratamento temático” intimamente ligados “[...] em torno dos acontecimentos selecionados em função de seu potencial de ‘atualidade’, de ‘proximidade’ e de ‘desordem social’” (grifos no original).

Quadro 3 – Lista de motes e assuntos correlacionados

LISTA DE MOTES	ASSUNTOS CORRELACIONADOS			
1. Autorreferência	Programas	Ações dos Midialivristas	Ações de outros midialivristas	Acontecimentos
2. Copa do Mundo	Gastos da Copa do Mundo	Comportamento	Acontecimentos	
3. Cultura e Lazer	Música	Teatro	Entretenimento	Esporte
4. Diversidade	Direitos LGBTTS	Racismo	Direitos da Mulher	Estrangeiros
5. Educação	Greve de Professores	Investimentos na Educação	Acontecimentos	
6. Moradia	Ações do MTST	Ocupações	Despejos	
7. Política	Corrupção	Partidos Políticos	Crise de representação	Votações Plenárias
8. Reforma Agrária	Ações do MST	Ações de Movimentos do Campo		
9. Saúde	Legalização da Maconha	Greve na Saúde	Investimentos na Saúde	Acontecimentos
10. Segurança Pública	Ações da Polícia Militar	Assassinatos	Criminalização de movimentos sociais	Acontecimentos
11. Transporte Público	Passe Livre	Valor das tarifas	Greve de categorias	Acontecimentos
12. Formação Profissional	Formação Básica	Formação Cultural	Formação em Comunicação	

Fonte: Elaboração própria.

A missão de fechar os motes das coberturas midiativistas em categorias temáticas é complexa. As editorias podem apresentar, por vezes, margens largas demais frente à forma tênue como as transmissões escapam de um assunto ao outro. Ainda assim, parece ser importante delimitar as áreas às quais o Mídia Ninja destaca maior atenção, de modo a formatar indicadores mais tangíveis. Assim, ressalvado que uma mesma abordagem pode tocar em diversos assuntos, foram arrolados, no quadro da página anterior, doze temas, listando ainda outros assuntos correlacionados.

Vale lembrar, mais uma vez, do recorte, o que sinaliza para inferências acerca do comportamento do veículo durante a Copa do Mundo (e por isso há, inclusive, uma linha para o tema), ainda que seja um importante indicador do trabalho desse veículo. Também é importante diferenciar as categorias dos motes. De forma mais didática, foram listadas nove seções às quais cada cobertura pode estar vinculada. Não obstante, vale lembrar que a categoria não delimita o tópico em pauta.

Categoria 1: autorreferência

Coberturas vinculadas: ações que se relacionam mais diretamente à exposição do trabalho dos midialivristas, com fins de autopromoção e/ou realizadas como testes técnicos de transmissão.

Categoria 2: capacitação

Coberturas vinculadas: transmissão de oficinas e realização de entrevistas com propósito de ampliar um conhecimento técnico sobre o exercício de um determinado ofício.

Categoria 3: comportamento

Coberturas vinculadas: transmissões compostas por entrevistas e relatos de atividades não ativistas.

Categoria 4: cultura

Coberturas vinculadas: transmissão de eventos artístico-culturais.

Categoria 5: debates

Coberturas vinculadas: transmissão de seminários, simpósios, assembleias populares e outros eventos com ou sem características decisórias, com propósito de discussão de temas políticos, sociais e culturais.

Categoria 6: greve de categorias profissionais

Coberturas vinculadas: registro da ação de profissionais em situação de piquete de greve, ou concentrados em local fixo (Ex.: professores concentrados na frente ou não da escola). Não são relacionados aqui protestos e marchas das classes.

Categoria 7: manifestação de rua

Coberturas vinculadas: transmissão de protestos e marchas nas ruas.

Categoria 8: ocupações

Coberturas vinculadas: registro da ação de grupos sociais não profissionais, concentrados em local fixo (Ex.: estudantes ocupando a reitoria de uma universidade).

Categoria 9: parlamentar

Coberturas vinculadas: transmissão de votações plenárias e/ou entrevistas com políticos sobre um determinado tema.

Apesar de todo esse esforço, uma outra frente ainda é necessária. Nas palavras do semiolinguista que temos como referência, os próprios (macro)campos temáticos de atuação (em nosso caso principalmente o das manifestações, relacionadas a diversas causas) de alguma forma definem, de antemão, os temas a serem tratados. Visto como característica de um dispositivo, de certa maneira também imputa modos de tratamento a ele, agindo sobre, inclusive, o posicionamento do locutor, influenciando no que ele deve dizer e em como responder aos possíveis problemas em questão (CHARAUDEAU, 2004).

Aliás, numa apropriação do que diz o autor, as sociedades, dentro das particularidades das estruturas socioculturais, irão também determinar a forma como questões específicas devem ser enquadradas, em cada domínio social ou mesmo de modo geral. Os processos comunicativos, por sua vez, seguiriam essa prescrição, sobreterminados acerca do que deve ser evidenciado e como poderia ser tratado.

Tem-se como hipótese que os temas tratados – e a forma de abordá-los – pelo Mídia Ninja seguiriam um caminho contrário ao que um sistema simbólico brasileiro (talvez muito embora midiático) coloque como referência. Parece ser exatamente esta uma das características que ajudam a definir o trabalho midialivrista e midiativista. Reconhecer, então, se e como uma tematização contra-hegemônica é dada pelo coletivo é uma das frentes dessa análise.

No entanto, outra conjectura que se faz sobre o trabalho dos Ninjas é acerca da atitude de efetivo posicionamento, de resposta, de editorial frente aos temas tratados. Indaga-se que os repórteres não apenas colocam os assuntos em pauta e os exploram durante as transmissões, assim como os questionam, evidenciando as suas opiniões, levando os *webespectadores* a pensarem e a se posicionarem sobre os temas em destaque – o que nos faz caminhar para a próxima dimensão.

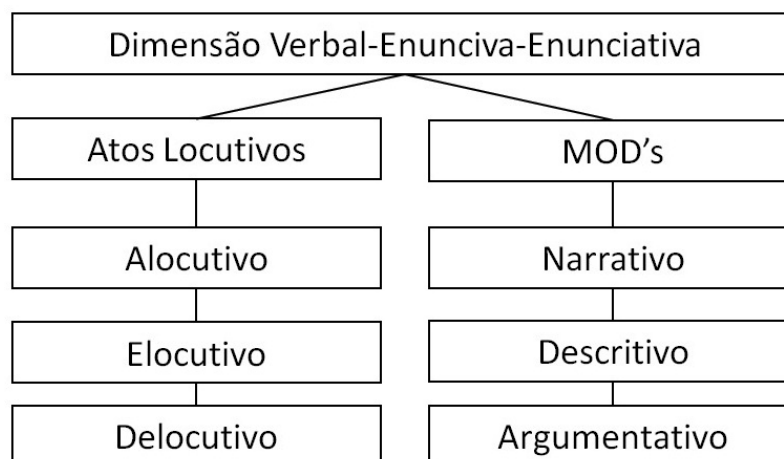
4.2.2 Dimensão verbal-enunciva-enunciativa

Como foi empreendida alusão anteriormente, a dimensão verbal-enunciva-enunciativa será dividida neste trabalho em duas frentes distintas, composta por observações particulares, conforme pode ser visto na FIG. 10. São duas pernas da perspectiva semiolinguística, como se observa: atos locutivos e modos de organização do discurso.

Em relação à primeira, é por meio da classificação dos atos locutivos que compreenderemos as diversas posições que os repórteres tomam no discurso (presença, distanciamento e apagamento) e quais são as intenções enunciativas deles. Observaremos de forma mais precisa, então, a modalização no texto verbal dos Ninjas e de que maneira (e intuito) acabam por instituir um determinado jogo comunicativo com os interlocutores. (CHARAUDEAU, 1992).

Os atos se dividem em três: quando alocutivos, os Ninjas tenderão a implicar os *webespectadores* e impetrar a visada comunicativa, deixando manifesto o reconhecimento das partes do processo de interação. Nesse contexto, o locutor é explícito e se pode reconhecê-lo por diversas balizadas linguísticas. O midiativista, todavia, pode ser interlocutor (em um processo de troca multimodal com o *chat*). Ao responder, e deixando claro o lugar dele, o reconheceríamos por meio das mesmas marcações textuais. Algumas categorias, como a interrogação, as ordens (imperativas), as interpelações, tanto quanto as respostas a elas (que expõem o assujeitamento a tais implicações) são maneiras de se reconhecer a alocação (CHARAUDEAU, 1992).

Figura 10 – Esquema de análise da dimensão verbal-enunciativa-enunciativa



Fonte: Elaborada pelo autor com em Charaudeau (1992; 2005; 2012).

Quando elocutivos, os Ninjas dispensariam o outro, o interlocutor. Evidentemente, visam atingir o outro, mas a questão é a (presença/ausência de) interação. Nesse sentido, marcas, como os juízos, as opiniões, a argumentação, indicam um comportamento menos de relação. Por fim, a delocução dispensaria a presença de locutor e interlocutor; o que se diz é fruto de um saber comum, de uma interação que se conforma em si mesma em detrimento dos participantes (quaisquer que sejam). Aqui as asserções e o discurso citado são categorias que marcam de modo acentuado tal complexo (CHARAUDEAU, 1992; 2008).

Diante ao contexto, faremos nossas interferências a partir das seguintes observações de base:

- a) se há, e por que, marcação de presença ou apagamento do locutor no ato de enunciação;
- b) se há, e por que, marcação de presença ou apagamento/silenciamento do interlocutor no ato de enunciação;
- c) explicitação de posição passiva por parte do interlocutor, que se mostra objeto de uma ação;
- d) análise de (possíveis) pausas de discurso e sua representação.

Esse exame dar-se-á na observação de algumas categorias, que denominados aqui simplesmente como balizas discursivas, a saber:

- a) uso de pronomes;
- b) uso de nomes próprios;

- c) uso de verbos;
- d) uso de locuções adverbiais;
- e) uso de adjetivos;
- f) uso de orações opositivas: negativas ou afirmativas.
- g) estatuto das frases.

Vale lembrar, mais uma vez, das personagens envolvidos nas transmissões (Ninja – *webespectador* – participantes), o que poderia complexificar um pouco as observações e as análises. Todavia, por questão de direcionamento (foco em relação ao objetivo geral desta tese), localizar-nos-emos tão-somente no texto verbal dos Ninjas. Será articulada, então, uma planificação da performance discursiva dos repórteres, de modo a apontar quais são os atos locutivos de base para cada midiativista e, num segundo momento, compreender qual é a referência do coletivo.

Essa leitura será feita na visualização das transmissões disponíveis e pontuações serão empreendidas a cada aplicação enunciativa. Para tanto, dependeremos de uma transcrição de todo o material, de modo a facilitar a leitura dos textos verbais dos Ninjas. Por fim, ratificando, não se quer apenas identificar esses movimentos enunciativos, mas compreendê-los, a fim de entender o porquê desse arranjo e o que eles representam para a dinâmica do Mídia Ninja.

Sobre os Modos de Organização do Discurso (MODs), Charaudeau (1992; 2008) nos fala que eles são quatro: enunciativo¹⁵¹, descritivo, narrativo e argumentativo¹⁵². Veremos todos eles aqui de modo pontual e localizado. Todavia, já há de saída o reforço para que fique explicado que eles não estão isolados, mas se compõem simultaneamente na construção, por exemplo, de uma reportagem ou cobertura midiática (DAVID-SILVA, 2005; ANGRISANO, 2014), o que muito nos interessa aqui.

O modo descritivo, por vezes acessório dos procedimentos de narração e argumentação, representa essencialmente a qualificação e identificação (nomear/localizar) de seres, espaços, condições e ações. Da perspectiva verbal, considera-se a utilização estratégica de operadores gramaticais específicos que irão designar discursivamente cada uma dessas

¹⁵¹ O modo enunciativo é aquele que parece guiar os outros três, possibilitando enxergar ainda as três funções da primeira perna que já evidenciamos em nosso esquema (a dos atos locutivos: elocutivo, alocutivo, delocutivo). Não sem motivos, então, poder-se-ia falar de um duto que sinalizaria a passagem entre as duas partes. De forma mais prática, porém, preferimos suprimir esse primeiro componente dos MODs, não esquecendo, contudo, de mencioná-lo aqui.

¹⁵² Charaudeau (1992) liga os MODs ao espaço das estratégias de ordem enunciativa e, por isso, falamos da dimensão verbal-enunciativa-enunciativa.

partes (adjetivos, substantivos, pronomes, entre outras classes). Esta análise poderá dar seguimento ao exame das balizas discursivas, articulado com os atos locutivos. Se antes o direcionamento era para observar a que tipos de enunciação esses elementos se ligavam, aqui será para investigar como e por que se conformam de uma determinada maneira as descrições dos Ninjas.

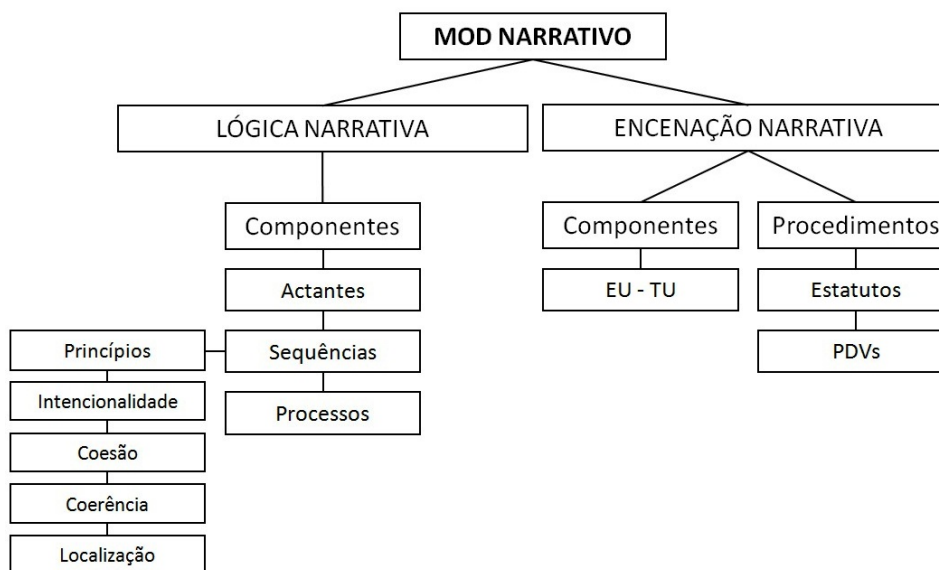
Mas, além disso, é necessário considerar uma das funções da enunciação no processo descritivo, a modalização. Nesse campo, poderão ser observados vários fenômenos linguísticos de modalidade, tais como as entonações, as pausas, o tipo de linguagem utilizado, as rupturas enunciativas (como a ironia), entre muitos outros. Nesse sentido, não será empreendido aqui um quadro com todos os possíveis, diante da enorme variedade de observações que podem ser feitas. Contudo, tem-se o norte e a localização específica do campo da descrição, que será relacionado a partir de (sub)recortes específicos da atuação de cada um dos Ninjas e a forma como essa prática acaba por, nada paradoxalmente, também identificá-los e qualificá-los.

Por sua vez, o modo de organização narrativo tem por função de base “[...] construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p.75), constituindo-se no princípio de organização da “encenação narrativa”. Em nosso trabalho, articula-se uma estrutura que visa avaliar alguns pontos em destaque, sendo dividida conforme mostra o esquema da FIG. 11.

Nossa intenção é a de caracterizar a abordagem do Mídia Ninja durante Copa do Mundo, a fim de enxergar os (possíveis) padrões de construção narrativa dessa mídia independente, expondo a estratégia de conformação de apresentação dos conteúdos (bem como os diferenciais de cada tipo de transmissão). Localizaremos nossa análise discursivo-aprofundada mais no cerne de uma análise conteudista-descritiva que pontuará, sequencialmente, cada uma das áreas em destaque.

Tomando como referência as particularidades do modo de organização narrativo do discurso para Charaudeau (2008), selecionamos alguns dos principais aspectos de análise para constituição do presente modelo. O teórico francês dirá que o princípio de organização dessa frente se dá em dois níveis: uma estrutura lógica e uma superfície semantizada, configurando uma articulação encenativa.

Figura 11 – Modo narrativo de organização do discurso



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Charaudeau (2008).

Faz-se importante observar nas construções Ninjas esses espaços, considerando que, grosso modo, enquanto o primeiro estaria voltado para o universo referencial e apresenta importantes componentes (actantes, processos e sequências), o segundo constrói efetivamente o universo narrado. De modo pontual: os actantes são os papéis presentes nas tramas; os processos interligam os actantes em torno de ações específicas; e, as sequências compõem uma cadeia semântica que, com determinados princípios de organização, determinam a finalidade narrativa (CHARAUDEAU, 2008).

Mais do que decompor e descrever uma estrutura narrativa midiativista, é importante compreender os efeitos de sentido presentes. Isto é, avaliar, por exemplo, a qualificação dos actantes narrativos em um constructo de nosso objeto; conjectura-se¹⁵³, por exemplo, que a Polícia Militar irá ocupar o lugar de opositora, vilã, que influencia diretamente nos planos dos sujeitos (ativistas). Para tanto, é preciso que os processos e sequências justifiquem esses postos.

Esses protagonistas visam quase sempre um objeto/objetivo (protestar) e empreendem ação nesse sentido, sofrendo com aspectos oriundos dos seus malfeitores (quando não ajudados por manifestantes, benfeitores), como o fechamento de passagens de marchas. Esse exemplo pontual, recortado, é uma unidade processual. As sequências, por sua vez, são os encadeamentos que vão formar o todo narrativo.

¹⁵³ Aliás, tem-se de largada tal perspectiva como hipótese.

No entanto, Charaudeau (2008) fala em princípios de organização das sequências, divididos em coerência (preceito de sentido), intencionalidade (são as razões que conformam a narrativa), coesão (as métricas de encadeamento das sequências, podendo ser sucessivas, paralelas, simétricas e encaixadas) e localização (que funciona como código de relação com o campo da lógica).

Entre os princípios, gostaríamos de chamar a atenção para dois aspectos. O primeiro é em relação ao campo da intencionalidade. Charaudeau (2008) atenta-se para a tríade de base, comum entre os semióticos. Para nós, esse esquema parece ser muito didático e auxilia grandemente na configuração das narrativas dentro de um quadro de sentido. Ela é formada por três momentos distintos (que deságuam no fechamento, ligado ao princípio de coerência): Um estado inicial, de carência, de demanda por respostas; a busca pela resposta, conformando o estado de atualização; e a conclusão, estado final, que se configura por êxito ou fracasso. Tal projeto para nós parece tão clínico que, em nossa abordagem, estará exposto de saída nos exames do próximo capítulo (na seção específica).

Figura 12 – Princípio de intencionalidade.



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Charaudeau (2008, p. 168).

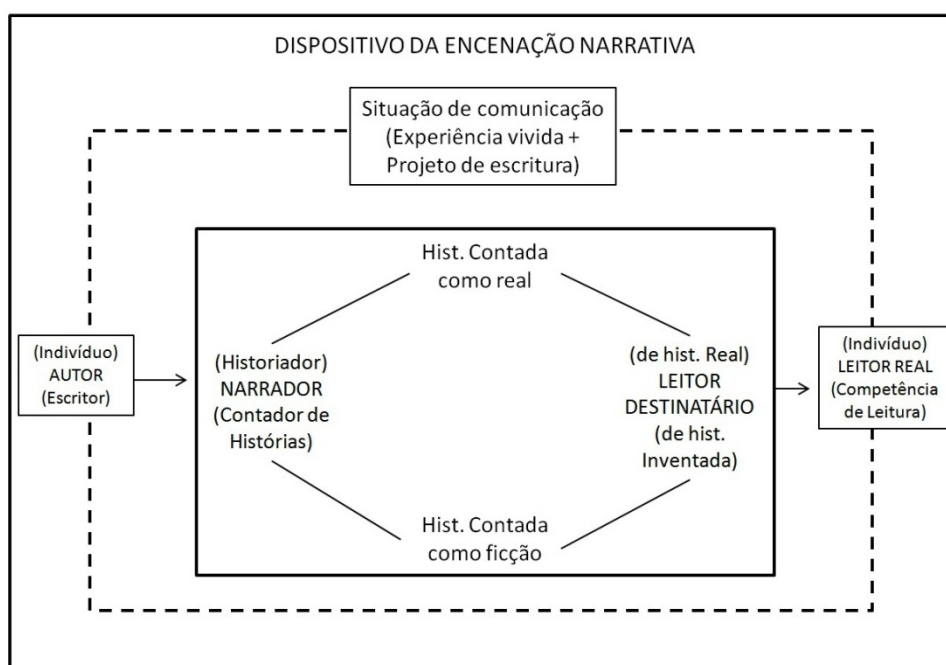
O outro aspecto que gostaríamos de destacar é acerca das métricas de encadeamento. Não parece haver nenhum problema nas sequências sucessivas. Aliás, infere-se que a consecução passo a passo, dado que se trata de transmissão em tempo real, é posta como a principal no trabalho dos Ninjas. Todavia, temos como hipótese que histórias paralelas podem surgir durante uma cobertura midiativista. Como exemplo, de acordo com o que já se viu em 2013, actantes-agentes diferentes acabam por implementar ações colaterais no curso de uma manifestação. Tentando dar conta do que acontece sucessiva e tangentemente ao curso do protesto, os Ninjas acabam simultaneamente a evidenciar duas narrativas.

Em alguns casos, essas atividades paralelas acabam por influir diretamente no curso da narrativa matriz. Nesses episódios, poder-se-ia considerar a emergência do encadeamento simétrico, com processos de melhoramento e/ou degradação das sequências laterais (autoinfluenciando-se) (CHARAUDEAU, 2008). Importa-nos perceber se e como esse tipo de dinâmica ocorre no Mídia Ninja, observando, inclusive, o papel dos Ninjas não só como narradores, mas como partícipes do desenrolar evenemencial apresentado. Por fim, existem os

encaixes – microssequências que são postas dentro das narrativas por algum motivo (intentos de justificação, explicação, exemplificação, ilustração, entre outros). Entendê-los é mais uma missão deste trabalho.

Seguindo¹⁵⁴, tem-se na outra perna a encenação narrativa. Observe que na FIG. 13 destacamos apenas um componente: a relação EU – TU. Charaudeau (2008) destacará os dois espaços de significação, análogos ao (ou adaptados do) ato de linguagem. Assim, ter-se-ia, da mesma maneira, quatro papéis em relação: um locutor que se divide em comunicante (ser social) e enunciador (ser de fala) e, do outro lado, um destinatário (ser de fala) e um receptor (ser social).

Figura 13 – Dispositivo da encenação narrativa



Fonte: Charaudeau (2008, p. 184).

Configura-se, todavia, como se vê na FIG. 13, um dispositivo particular de encenação narrativa¹⁵⁵, por meio do qual um mesmo narrador pode arranjar as estórias e histórias dele, afetando de maneiras distintas um leitor destinatário que também se divide frente às afetações. Como esse quadro funciona dentro da lógica midiativista, parece ser tema de grande interesse, posto que variados elementos poderão influenciar em um determinado modo de condução das

¹⁵⁴ Não destacamos no esquema, mas não deixaremos de tecer comentários em relação aos procedimentos da lógica narrativa, no que concerne mais especificamente à análise da motivação (conformando agentes voluntários e não voluntários), da cronologia (e a contínua em progressão, muito provavelmente, é o caso do Mídia Ninja) e do ritmo narrativo imputado aos (e/ou empregado pelos) Ninjas (CHARAUDEAU, 2008).

¹⁵⁵ Nosso intuito é, na análise a ser empreendida no próximo capítulo, atualizar este esquema com informações da narrativa midiativista Ninja.

narrativas, por exemplo, que os Ninjas são normalmente personagens dos acontecimentos que evidenciam, autores-indivíduos, testemunhas e agentes das histórias vividas. Como isso determina uma forma especial de contar os eventos em tela?

Na condição de autores-escritores, conjecturamos que os Ninjas coloquem em discussão o conjunto de experiências, a biografia ativista, participativa deles. E como essa particularidade afeta o registro deles e a decodificação do leitor-real, o sujeito internauta que acompanha as transmissões? No circuito interno, quando os Ninjas atuam a reivindicar os saberes de crença e quando os de conhecimento falam mais alto? Quando e por que são objetivos, tentam ser fidedignos, buscam a fundamentação, tentando ser narradores-historiadores? E, quando e por quais motivos a (re)construção social da realidade se faz mais próxima de elementos opinativos, ajuizados em impressões, desejos e ideologias?

No esquema da FIG. 11, destacamos ainda no campo dos procedimentos, os estatutos e os pontos de vista (PDV). Quanto à primeira categoria, Charaudeau (2008) nos fala da relação que se estabelece entre o narrador e a história contada; o intuito, em verdade, é responder à questão: “quem conta a história de quem?”. Conformam-se três lugares, os quais parecem ser importantes também de serem identificados no constructo midiativista: O narrador conta a história de um outro; o narrador conta a própria história¹⁵⁶; e/ou, existem muitos narradores.

Por fim, em relação aos pontos de vista, não se refere aqui ao lugar sob o qual o narrador apresenta a descrição. Trata-se mais da relação que estabelece com as personagens e o tipo de caracterização que faz, a compreender construções sobre elementos externos, numa circunscrição objetiva, e/ou de particularidades internas, num caminho mais subjetivo. As nuances do saber aqui são fundamentais; o conhecimento (seja ele fundamentado ou não) que se tem acerca dos personagens influencia diretamente no modo como os processos e as sequências serão percebidas e apresentadas, tanto quanto, como já se anuncia, as características e os lugares ocupados pelos actantes.

Além dessas frentes, também será destacado em que parte o Mídia Ninja se situaria, em cada cobertura, no modelo de David-Silva (2005), baseado em obra de Soulages (1999), que se refere às possibilidades de narrativas relatadas (com o distanciamento do narrador) e encenadas (na perspectiva particularizante no envolvimento do narrador com a cena), desconsiderando-se a narrativa reconstituída, já que a nossa abordagem recaí sobre as transmissões em tempo real.

¹⁵⁶ Nas duas primeiras modalidades, as características dos atos locutivos (ou do modo de organização enunciativo) são importantes no estabelecimento de relações – posto que se vê um narrador mais delocutivo no primeiro caso e elocutivo no segundo.

Acerca do terceiro e último modo de organização do discurso, entendemos que as construções serão reconhecidas como argumentativas na medida em que o enunciador se dedica a uma atividade tripla: problematizar, elucidar (esclarecer) e provar¹⁵⁷. Essas perspectivas estão, em nossa opinião, amalgamadas em um vetor complexo que se resume no que Charaudeau (2008) chama de proposta sobre o mundo. TU (em nosso caso, os *webespectadores*), alvo da argumentação, é assaltado por uma proposta persuasiva do EU (Ninja). Cabe ao primeiro responder, posicionando-se contra ou a favor de tal abordagem, após uma checagem do seu pano de fundo pragmático – o que conforma a compreensão de mundo.

Ciente de um arcabouço de experiências do interlocutor, e limitado/condicionado pelas restrições contratuais, o sujeito argumentante pode mobilizar uma série de estratégias que o ancore. Charaudeau (1998a), considera que estas são desenvolvidas em torno de três campos distintos: o da legitimação, o da credibilidade e o da captação.

Na legitimação aparece a resposta ao questionamento sobre “quem sou eu, locutor, para fazer tal afirmação”. Nesse contexto, não seria estranho prever então que o sujeito argumentante apresente as credenciais de saber e de *ethos* dele. A credibilidade vem do envolvimento com o tema, de engajamento, que pode gerar, na recepção, valor de verdade/sapiência ou não, a depender do assunto e da forma como o locutor está implicado nele. Já a captação, por fim, envolve técnicas para, como já se prevê, atrair o interlocutor e mantê-lo atento à mensagem. Nesse contexto, controvérsias e dramatizações são as formas mais aplicadas.

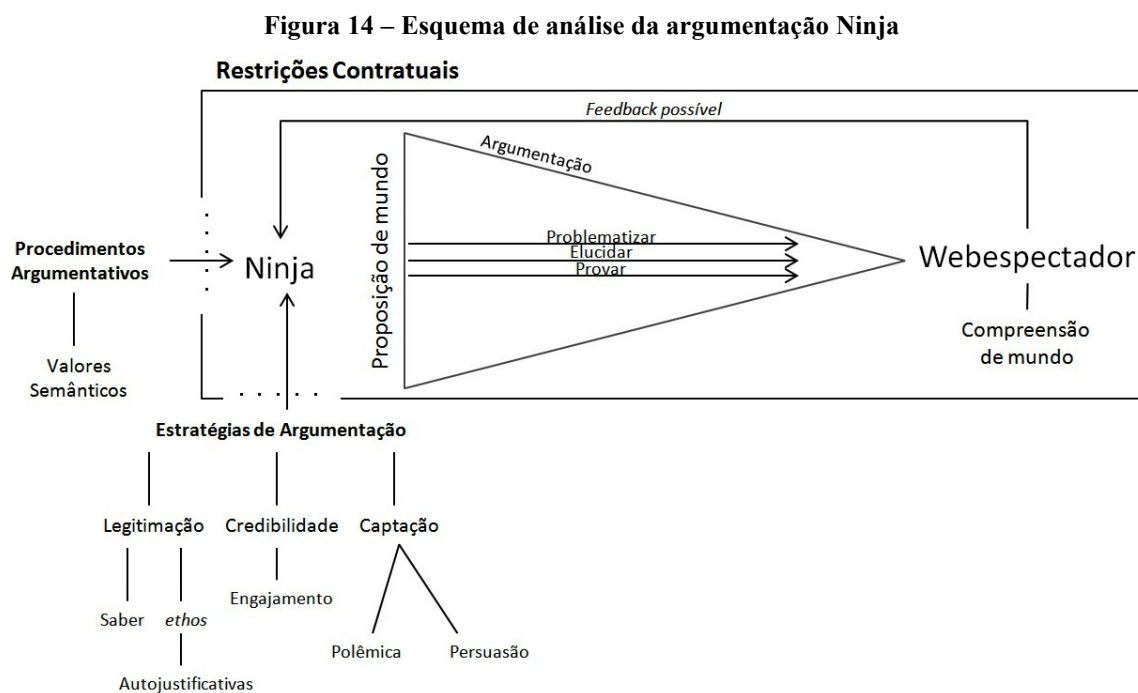
Outra particularidade destacada por Charaudeau (2008, p. 233) no que concerne aos procedimentos da encenação argumentativa, são os valores, que “[...] correspondem às normas de representação social, que são construídas em cada domínio de avaliação”. É o valor do argumento que ajuda a provar a validade da argumentação. Chamaremos tal valor aqui, de forma composta, de valores semânticos, já que se incluem em uma categoria que articula formas argumentativas calcadas em consensos sociais de determinadas comunidades ou grupos sociais.

Estruturando-se por valores oposicionais, existem, segundo Charaudeau (2008), cinco domínios de avaliação (e que conformam valores análogos): o domínio da verdade (verdadeiro x falso), do estético (belo x feio), do ético (certo x errado / bem x mal), do

¹⁵⁷ Mais uma vez nos localizamos na abordagem de Charaudeau acerca do modo argumentativo. Todavia, em tomada de leitura de proposições do semiolinguista (CHARAUDEAU, 1998a; 1998b; 2008), selecionamos alguns aspectos acerca dessa categoria para, diante de um conhecimento prévio que temos sobre as transmissões simultâneas do Mídia Ninja, montar um modelo de análise argumentativo particular nesta tese.

hedônico (agradável x desagradável) e o domínio do pragmático (útil x inútil). Identificar a utilização desses mecanismos é uma forma de compreender como a troca midiativista se dá, estruturada em que apostas, a partir de qual visão de *webespectador* se tem (por meio do olhar argumentante Ninja), entre outras nuances. É mais uma parte da dimensão verbal-encunciva-enunciativa que colabora no entendimento das métricas de construção do discurso midiativista.

Para tanto, tal como se alvitra fazer com os outros modos de organização, almeja-se empreender a análise minuciosa de ao menos um exemplar (transmissão) de cada Ninja do coletivo. A partir da observação de recorrências, tentar-se-á alcançar um padrão que permita entender uma forma específica de argumentação da presente mídia independente em exame. E, com base no recorte metodológico visto nesta parte, acredita-se que o esquema abaixo seja uma representação interessante para guiar nossas observações no capítulo seguinte.



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Charaudeau (1998a; 2008).

4.2.3 Dimensão visual

Para análise da dimensão visual, localizaremos nosso exame nas contribuições de Jost (1983; 1999) e Hanot (2001). Enquanto o primeiro, a partir de uma perspectiva semiótica peirceana, propõe a classificação dos tipos de imagem em três categorias (testemunho, arquivo e símbolo), o segundo relaciona as três etapas da construção filmica (profílmico, icônico e diegético).

Entendemos ainda, a partir de uma adaptação dos modos de organização do discurso, que as imagens têm um potencial descritivo-narrativo capaz de identificar, qualificar e ainda contar, estimuladas pelas formas como são manipuladas por meio do trabalho de um narrador visual¹⁵⁸ apagado da cena enunciativa. Essa manipulação pode ser dar a partir do que chamaremos aqui de suportes de construção de imagem, que são divididos em quatro frentes: planos filmicos, angulações, movimentos e ocularizações (DAVID-SILVA, 2005; ANGRISANO, 2014).

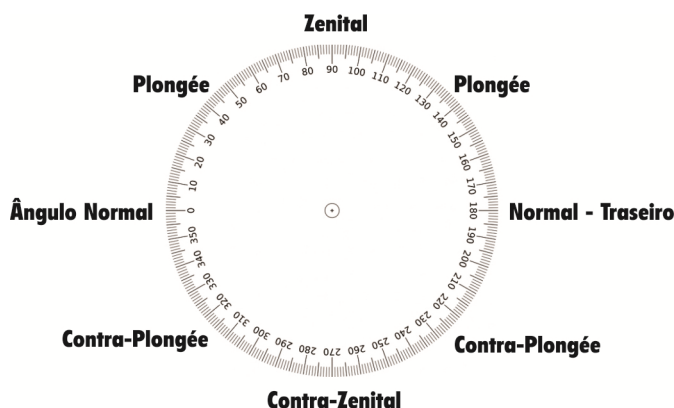
Sobre os primeiros, conforme já trabalhamos anteriormente (BRAIGHI, 2012), vê-se que o jornalismo audiovisual articula-se essencialmente com seis tipos de enquadramento, do mais amplo para o mais fechado, nesta sequência: plano geral, plano de conjunto, plano americano, plano médio (ou meio primeiro plano), plano próximo (ou primeiro plano) e *close-up*¹⁵⁹. No entanto, existem outros, a maioria explorada com mais frequência no cinema, grande plano geral, plano oblíquo, super *close-up* e plano detalhe.

Sobre as angulações, existem vários tipos de registros. Destacamos os ângulos de altura (verticais) e de lado (horizontais). Os primeiros referem-se mais ao posicionamento de câmera. Eles podem ser normal (ou linear), plongée, contra-plongée (ou plongée absoluto), zenital, contra-zenital (também chamado de nadiral, ou contra-plongée absoluto), representados na FIG. 15. Já os demais, de lado, estão mais na perspectiva de posicionamento do objeto ou do ser enquadrado. Eles podem ser frontal, traseiro (ou de nuca), de três quartos (3/4 – quando o objeto ou ser é enquadrado pela frente, mas diagonalmente), de perfil, ou um quarto (1/4 – quando o objeto ou ser é enquadrado por trás, mas diagonalmente).

¹⁵⁸ Na perspectiva de Soulages (1999), o narrador seria diferente do *mostrant*, aquele que mostra através de imagens. Contudo, faremos aqui apenas a marcação de narrador visual, papel que pode ser assumido de forma simultânea pelo narrador de verbalização, o que é quase uma regra no Mídia Ninja – já que em raros casos se têm um repórter e um cinegrafista.

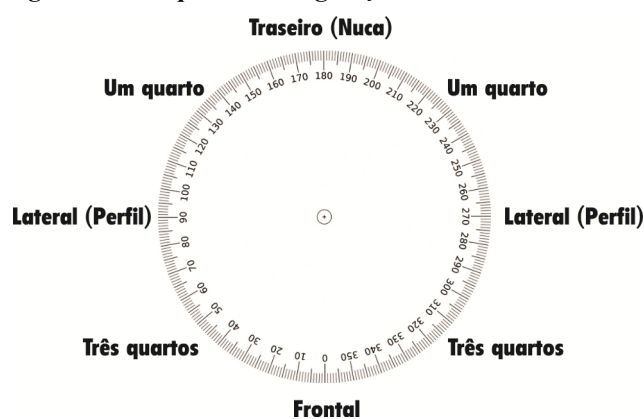
¹⁵⁹ Ainda que haja certa contradição entre autores com relação a essas definições. Tomamos por base a referência de Gage e Meyer (1991 apud SABINO, 2011, p. 95).

Figura 15 – Esquema de angulação vertical de câmera



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 16 – Esquema de angulação horizontal de câmera



Fonte: Elaborada pelo autor.

Há um último tipo de angulação, chamado de plano holandês (ou de distorção) que, como o nome já anuncia, remete mais a um enquadramento; mas, por exigir um posicionamento da câmera, é inserido nesse bojo. É ele quem dá origem ao quadro oblíquo, já apontado anteriormente.

As oscilações são da ordem intraquadro (movimentos dos sujeitos e objetos na cena), de câmera (*travelling*, *tilt* (ou pan-vertical), panorâmica, *shake* e *dolly*) e de objetiva (*zoom*). Além dos tradicionais, acredita-se que seja importante acrescentar nos movimentos do equipamento mais duas perspectivas que se associam: câmera nervosa e câmera de/na mão. Enquanto a câmera nervosa é marcada por “[...] movimentos bruscos e tremores de câmera, tratando de uma sequência de movimentos durante um acontecimento específico (normalmente um evento-limite, que envolve perigo e/ou violência) [...]”, as câmeras na mão são aquelas que “[...] normalmente possuem algum nível de instabilidade, não necessariamente produzindo o sentido de risco de vida, mas sugerindo um tipo de captação e

registro mais íntimo, subjetivo ou amador, como quando se produz um vídeo caseiro familiar.” (PENKALA, 2009, n. p.).

Por fim, sobre as ocularizações, tomando por base a discussão de Jost (1983 apud DAVID-SILVA, 2005, p. 140-142), existem dois tipos: a externa e a interna. Enquanto a primeira é a do registro objetivo, a segunda representa o olhar de uma personagem na cena enunciativa, subjetivo. Ora, considerando os aspectos relacionados à câmera de mão, já mencionados anteriormente, poder-se-ia afirmar (aliás, ainda como hipótese) que o Mídia Ninja é da ordem da ocularização interna¹⁶⁰.

Entendemos neste trabalho que quanto mais próxima for a imagem, quanto mais demonstrar envolvimento do repórter na cena – denotando posicionamento central no desenrolar evenemencial –, e mais emergirem as condições de câmera nervosa, mais interna será a ocularização.

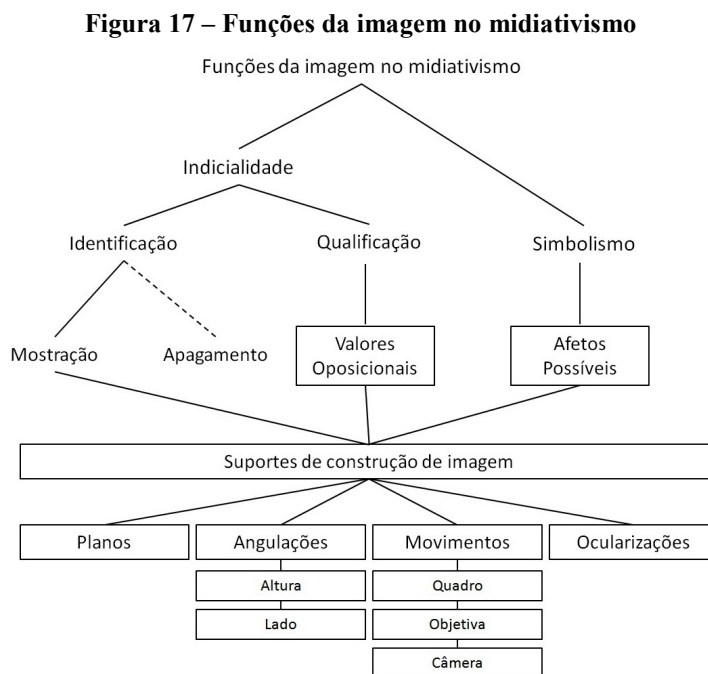
Quanto mais as imagens denotarem o comportamento ativista do Ninja, mais próximo estará a transmissão da ocularização interna; agora quanto mais essa ocularização for externa, mais esse Ninja terá comportamento mídia. Em relação ao dispositivo técnico como quase-prótese, quanto mais o pictórico estender as emoções do Ninja, mais adentradas mostrar-se-ão as ocularizações, e vice-versa.

Assim, de certa forma, podemos propor graus de interiorização e exteriorização das ocularizações, mas optamos por não nos aprofundar nessa perspectiva, seguindo apenas na linha da diferenciação para, o que parece ser mais importante, compreender o que cada escolha pode gerar como efeito na recepção.

Os suportes de construção de imagem dar-nos-ão os elementos materiais para que possamos fazer uma análise discursiva mais aprofundada de efeitos possíveis. Aliás, primeiro trata-se de verificar o que é mostrado e, possivelmente, apagado nos empreendimentos pictóricos. Num segundo momento, pode-se observar como objetos, seres e cenas são qualificados por meio de valores oposicionais (bom/ruim, bem/mal, bonito/feio, grande/pequeno, entre outros). Além disso, haverá espaço para uma análise dos afetos possíveis, a partir do reconhecimento de imagens carregadas de um valor simbólico, capazes de gerar efeitos nos *webespectadores*.

¹⁶⁰ Condição que não seria só da transmissão em tempo real do midiativismo, mas até do telejornalismo. David-Silva (2005, p. 141) empreende uma discussão mais aprofundada acerca da questão ao afirmar que “[...] a escolha do ponto de vista da câmera em relação ao objeto é sempre uma escolha que busca um determinado efeito, desta forma, sempre subjetivo, mesmo que busque uma objetividade. Sendo assim, optar por uma ocularização externa pode representar uma busca subjetiva por um efeito de objetividade, amplamente utilizado na narrativa fílmica fátual”.

Acreditamos que todas essas particularidades estão esquematizados na FIG. 17, que representa as frentes que serão observadas ponto a ponto.



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Jost (1983; 1999), Hanot (2001), David-Silva (2005) e Angrisano (2014)

A imagem apresenta papel fundamental na transmissão simultânea midiativista, conforme já fora apregoado nas seções de fundamentação; nesse caso, não haveria motivos para mais justificativas acerca do importante valor dessa parte analítica. Seguindo, então, inferimos que a melhor forma de se estabelecer um recorte seja, em detrimento do que vinha sendo realizado até agora, selecionar trechos mais representativos do período analisado, a fim de demonstrar mais os procedimentos do que um possível padrão de atuação (ainda que este, conjecturamos, acabe por aparecer naturalmente em alguns aspectos¹⁶¹). A intenção, nesse contexto, seria mais expor as métricas de produção de sentido do que propriamente enxergar uma fórmula arquetípica.

¹⁶¹ Como os enquadramentos em entrevistas, por exemplo.

4.2.4 Dimensão sonora

A proposta nessa seção é a de um empreendimento com viés descritivo, pouco fundamentado teoricamente, mais panorâmico sobre o conjunto de transmissões¹⁶², de modo a dar mais elementos para o cruzamento analítico que se realizará efetivamente na dimensão dos efeitos. Considera-se que os sons tenham uma atuação muito particular e peculiar nas transmissões do Mídia Ninja. Não obstante, esse lugar parece pouco explorado em análises correlacionadas ao mundo midiativista.

Aliás, é importante fazer menção a Ivana Bentes (2015), que destaca, inclusive, a importância das vozes e dos ruídos na narrativa Ninja. Aqui se coloca um tanto a prova as observações articuladas por ela, a partir de um exame do recorte ao longo da Copa do Mundo de Futebol.

Nesse contexto, será dada inicialmente atenção ao lugar das vozes ao longo das transmissões. Quem ganha capital sonoro? A largada é dada pelos Ninjas, que selecionam ou são cooptados por terceiros, que dão depoimentos, respondem a questionamentos, falam das percepções e sentimentos deles durante uma determinada cobertura. Hipótese de funcionamento do agenciamento Ninja, a partir de leituras como a de Bentes (2015).

Sobre os ruídos, ponto-chave da seção, não se trata deles apenas na condição interveniente, atrapalhadora do sentido, mas como elementos sonoros de composição da narrativa. Eles podem ser de ordens diversas e provenientes de variadas instâncias na cena enunciativa. O que se quer, nesse contexto, é problematizar sobre a emergência deles (natural e/ou artificial) e condição de afetação direta nos actantes para, num segundo momento, recuperar a potencialidade de geração de efeitos na audiência.

Há, nesse sentido, movimentos naturais dos Ninjas que provavelmente podem ocorrer durante uma cobertura: tosses, pigarreios, espirros. Da mesma maneira, a respiração ofegante deles tende a ser captada depois de momentos de corrida para o registro de algum lance nos eventos cobertos. Os ruídos podem vir também dos outros, tais como ações diversas das personagens: policiais, manifestantes, entre outros.

Pretendemos observar, então, se há a chamada cacofonia, numa gravação realizada em som direto (na captação de áudio *pari passu* às imagens), que Tarkovsky (1998) já preconizava – no que concerne especificamente à produção cinematográfica –, quando todas as coisas que aparecem na tela ganham mais vida com o som de origem. O porém é que,

¹⁶² Destacando, evidentemente, características dos Ninjas e de cenas enunciativas específicas (marcadas pela emergência de determinados acontecimentos).

conforme lembra Bentes (2015), nem todos seres que ganham voz são vistos na tela do Mídia Ninja.

O extracampo emerge com uma captação sonora que é simultânea às imagens mas, nem sempre corresponde a elas. Nesse contexto, será interessante revisitar ainda os resultados da análise do dispositivo técnico. Isso para compreender não só os elementos constitutivos do potencial de gravação de som dos aparelhos utilizados pelo coletivo, mas, inclusive, aqueles de registro pictórico e a influência do sinal de *Internet* na qualidade de resolução, a fim de perceber até se, por vezes, o que se ouve não pode e tende a ser mais límpido do que o que se pode ver.

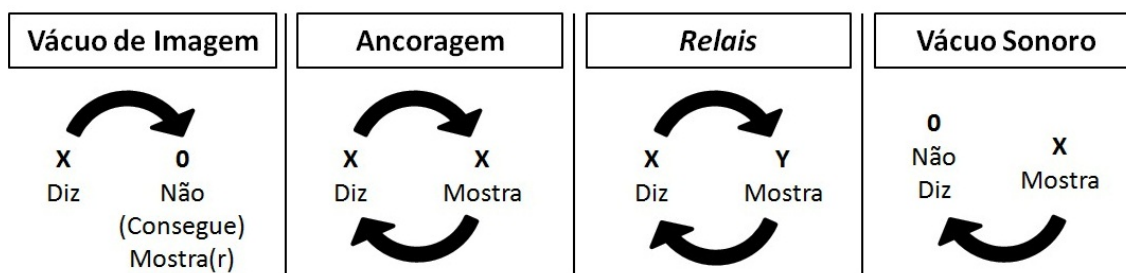
4.2.5 Dimensão imagem-texto

Dadas as análises verbais, visuais e sonoras, é hora de examinar o sentido das somas desses elementos. É Roland Barthes (1964) que falará sobre as funções de ancoragem e complemento da imagem a partir do questionamento sobre um possível efeito de redundância. Em nosso esquema, temos como intuito verificar as formas de aparecimento dessas duas possibilidades, de modo a entender os porquês relacionados às escolhas dos Ninjas.

No entanto, como se trata da análise de transmissões em tempo real e de um suporte muito específico e com particularidades do dispositivo técnico, pode haver, tem-se como hipótese, possíveis vácuos. Sabe-se que todo texto (seja verbal ou imagético) é carregado de sentidos e de possíveis na compreensão. Entretanto, na medida em que o Ninja ocupa a função de narrador verbal e visual, (queremos avaliar ainda se e como) determinadas limitações podem implicar a produção dos midialivristas. Assim, teríamos as possibilidades expostas na FIG. 18, ajudando a perceber, com um exame discursivo mais aprofundado, que tipo de efeitos e contribuições de sentido cada condição traz à narrativa dos acontecimentos.

No esquema, “x” representa um direcionamento de sentido, quer seja por meio do que é dito, quer seja pelo que é mostrado (imagens). Apenas no *relais* é que aparece a marcação “y”, que representa uma adição de informação e ampliação de sentido. Em outras palavras, as imagens carregam mais sentidos do que o texto verbal consegue apresentar. Na ancoragem, porém, o processo de mostração vê-se limitado pelo que se diz, mas ainda assim não deixa de conformar um sentido e agir sobre o texto verbal de modo cíclico.

Figura 18 – Esquema Imagem-Texto



Fonte: Elaborada pelo autor com base em Barthes (1964).

O elemento “0” apresenta-se quando não há imagem ou som e, por isso, o outro componente em profusão encarrega-se da demanda de produção de sentido. A questão nesse último caso, em verdade, seria se o produto é audiovisual, e os Ninjas mantêm a transmissão, que particularidades dão manutenção à audiência? Aliás, quando locução/ruídos estão em dinâmica com o pictórico, como se dá a articulação dos repórteres, que estratégias são arranjadas e com que proposta? O intuito é fazer tal verificação com um recorte menos denso e mais localizado nas seções mais representativas, apresentando variações que ajudem a compreender métricas específicas em razão de elementos de contexto específicos. Dar-se-á, então, uma vista panorâmica que destacará pontos marcantes da produção midiativista.

4.2.6 Dimensão dos efeitos

Como dissemos anteriormente, esta é a seção pela qual as outras dimensões passarão e vão ser afetadas na medida em que são elas que parecem constituir esse espaço. Isto é, o campo das estratégias parece só existir em razão das restrições situacionais e discursivas provenientes do tipo de contrato de comunicação existente. Ao mesmo tempo, a partir de determinadas escolhas do sujeito comunicante, o processo ver-se-á atravessado por efeitos de realidade, ficção e patemização.

Grosso modo, o efeito de realidade “[...] ancora-se em um processo de planificação de um mundo real/empírico [...]”, ao qual os midiativistas fazem referência numa “[...] verdade de correspondência” que visa autenticar os relatos. (BRAIGHI, 2012, p. 51). O efeito de ficção, por mais paradoxal que pareça, emerge, de um lado, da (re)construção social da realidade por meio das narrativas (vista como englobantes e totalizantes¹⁶³) e, de outro, dos processos de dramatização das situações que imputam sentidos outros e particulares ao real como se posto fora da mediação.

¹⁶³ Que geram o que David-Silva (2005, p.55) chama de “sensação de unidade”.

Já o terceiro, que estabelece linha tênue com a ficção, vem do *pathos* aristotélico e que nos constructos narrativos representa os apelos e as afetações emotivas, decorrendo também das frentes de espetacularização dos fatos. Tem-se, infere-se, com a patemização o fazer-sentir por parte dos Ninjas, levando a audiência ao dever de sentir. Se e como isso pode ocorrer é demanda da seção que finaliza essa segunda camada dispositiva.

Quadro 4 – Condições para emergência dos efeitos a serem analisadas

Realidade	Ficção	Patemização
Objetividade	(dinâmica) Narrativa	Dramatização
Presentificação	Arquétipos	Fazer-Sentir
(relato da) Experiência (vivida)	Intriga (narrada)	Intriga (vivenciada)
Saber (<i>experts</i>)	Métrica Cinematográfica	Métrica Cinematográfica
Encaixamento	Encaixamento	Encaixamento
INFORMAÇÃO	CAPTAÇÃO	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em David-Silva (2005).

Cada Ninja irá compor um projeto de fala (CHARAUDEAU, 2012) particular, amalgamado pelas opções verbais e de imagem, que irão diferenciar a abordagem de cada um deles e atuará, sobremaneira, no estabelecimento das identidades discursivas dos mesmos. É nesse primeiro ponto que nos localizaremos. Não obstante, será de interesse enxergar não apenas de que forma, mas por que as performances são construídas de uma determinada maneira, assim como quais são os afetos possíveis na audiência *webespectadora* (na medida em que o enunciador, por mais intencionado que esteja, nunca consegue prever os efeitos efetivamente produzidos no receptor).

Algumas dessas estratégias, que já nos servem como norte, foram relacionadas e adaptadas a partir do trabalho de David-Silva (2005) e de uma primeira leitura do trabalho dos

Ninjas. O que será observado, *a priori*, segue no Quadro 4 mais como referência do que como instrumento rígido de análise. A princípio, pois acredita-se que com uma análise discursiva aprofundada outras estratégias podem ser reconhecidas na dinâmica dos midiativistas.

Tal leitura não será feita a partir de mais um recorte. A intenção é empreender uma análise de sentido a partir de todo o material coletado até esse momento. Ter-se-á, em verdade, um diagnóstico prévio, uma interpretação dos dados implementada à luz de uma observação pautada pelo campo dos efeitos.

4.3 Dinâmica interacional¹⁶⁴

A dinâmica interacional é entendida aqui como um processo que tem como suporte e fim as trocas comunicativas, autoinfluentes, carregadas de significados, realizadas entre duas ou mais instâncias. Nesse sentido, buscamos compreender esse artifício por meio das perspectivas do interacionismo simbólico (BLUMER, 1969) e das práticas conversacionais (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Pensamos que a fundamentação em Kerbrat-Orecchioni (2006) é viável nesse sentido, devido à amplitude dela e a nossa filiação ao campo da linguística. Além disso, não é difícil verificar autores (como três que citamos a seguir, além de Herring (1996; 1999) e Recuero (2008; 2014)) que relacionam a análise das dinâmicas interacionais *on-line* com as práticas conversacionais. Recorremos primeiro então a esses, no rastro das reflexões ora realizadas, para nos aproveitarmos da lógica da conversação já aplicada, em detrimento de uma releitura para gerar um novo modelo, senão uma forma mais completa de análise a partir da interseção de três abordagens que entendemos complementares: Michel Marcoccia (2001; 2003; 2004), Amossy (2011) e Marques (2011)¹⁶⁵.

De forma mais prática, recontextualizada, tem-se um veículo de comunicação utilizando-se de uma plataforma *web*, denominada *Twitcasting*. Essa ferramenta, disposta em um *site*, permite a qualquer internauta, além de assistir ao conteúdo exibido, tecer comentários aos vídeos. Contudo, não se trata apenas da possibilidade de um *faire-jugement*, no sentido da avaliação que o espectador pode fazer sobre o que vê, mas a oportunidade para que um

¹⁶⁴ Agradecemos especialmente à professora Isabel Roboredo Seara pelas sugestões de leitura e construção de método analítico. No período de doutorado sanduíche, na Universidade Aberta em Lisboa, articulamos um quadro teórico-metodológico que sustenta o método de análise da dinâmica interacional apresentado a seguir. Todavia, por questões espaciais (dada a extensão que esta tese já alcança), preferimos fazer aqui uma redução, aproveitando muito dos levantamentos para trabalhos porvindouros.

¹⁶⁵ Além disso, foi preciso buscar alguns autores para a discussão sobre a interação multimodal, dado o tipo de relação entre os Ninjas e a audiência (KRESS, VAN LEEUWEN, 1996; 2001; HERRING; 2015).

conjunto de visadas possa ser estabelecido entre um EU-internauta frente a um TU-*media* (além de uma relação EU-TU formada pelas trocas possíveis entre o conjunto de internautas).

Porém, como todo ato comunicativo é visto como uma ação frente ao outro, é de se esperar que esse último responda ao estímulo. O retorno pode vir, então, de diversas maneiras, balizado em três frentes principais: as duas primeiras com a resposta do Ninja verbalizada na fala ou no texto dele (já que ele também pode fazer um comentário escrito/digitado). Completando a tríade dos *feedbacks* possíveis, o midiativista pode ainda implementar alguma atitude na cena enunciativa (movimento de câmera específico, sair do local em que está, entrevistar alguém, entre outras possibilidades).

Acontece que o quadro participativo se complexifica quando um número maior de pessoas também tece comentários e ampliam a lista, que é ordenada de forma cronológica, na medida em que os textos são postados pelos internautas. Assim, a quantidade de visadas e endereçamentos também se alarga. Por vezes, e temos como observação preliminar, um internauta direciona uma mensagem ao Ninja, mas é respondido (criticado, elogiado, ofendido, endossado, etc.) por outro internauta que acompanha não só a transmissão, mas o fluxo comunicativo no arrolamento lateral de inscrições de outros da audiência.

Quadro 5 – Interações possíveis durante as coberturas do Mídia Ninja

Transmissão (Audiovisual)	Destinatário	Intervenção reativa possível
Ninja	Espectadores	Lista de Comentários
Ninja	Espectador específico	Lista de Comentários
Chat/Fórum	Destinatário	Intervenção reativa possível
Espectador específico	Conjunto de espectadores ou espectador específico	Lista de Comentários
Espectador específico	Ninja	Lista de Comentários e Transmissão
(Mídia) Ninja ¹⁶⁶	Conjunto de espectadores	Lista de Comentários
(Mídia) Ninja	Espectador específico	Lista de Comentários

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁶⁶ A marcação entre parêntese significa que, no *chat*, não só o responsável pela transmissão pode responder e/ou provocar ao *webespectador*, como qualquer outro integrante do Mídia Ninja que tenha a senha de acesso ao canal no *Twitcasting*.

Como se viu, o que se tem, em geral, não é uma situação meramente dialogal, mas polialogal (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) e condicionada por meio de respostas (que não são apenas textuais por parte dos repórteres), mas facilitadas pelos recursos audiovisuais. Assim, tem-se o Quadro 5 nas transmissões do Mídia Ninja no *Twitcasting*.

Como problema de pesquisa, temos uma ausência de informação de como e por quais motivos, de fato, se processa a dinâmica interativa entre os repórteres do Mídia Ninja e os espectadores. Mais do que isso, não sabemos o que leva a participação desses últimos na lista de comentários, haja vista que eles poderiam simplesmente assistir à transmissão sem se expressar (como muitos o fazem). Nesse contexto, entender quais são as investidas dos internautas (as visadas e temas deles) também se faz importante, o que pode significar a identificação de traços das identidades discursivas, que representaria, nada contraditoriamente, conhecer um pouco mais do público dessa mídia alternativa, principalmente das suas condições contratuais, que se apresenta como uma problemática mais ampla das relações estabelecidas.

As hipóteses são variadas; imaginamos, *a priori*, que os comentários do *Twitcasting* sirvam como uma forma de (re)validação, em tempo real, do trabalho do Mídia Ninja, quer seja em relação ao comportamento jornalístico, quer seja à condição ativista dos Ninjas – considerando que esse veículo se enquadraria no bojo das investidas midiativistas.

No entanto, também indagamos que as trocas na lista de comentários façam, de alguma forma, esta se transformar em uma espécie de fórum, ao passo que tematizado em torno da discussão central do que é transmitido, não deixando de ser amplo e genérico, cabendo debates dos mais distintos, em razão dos intentos de cada internauta.

E, por fim, tem-se ainda como conjectura que esses espaços de expressão sejam pautados por comportamentos dos mais variados, mas convencionados, em geral, por uma política colaborativa (no compartilhamento de informações diversas) e pela crítica ácida, e muitas vezes não fundamentada, ao *outro* (quem quer que ele seja).

Assim, nosso intento aqui é o de analisar a dinâmica interativa polialogal entre os repórteres do Mídia Ninja e os espectadores, avaliando como, por que e em que circunstâncias esta se dá. Como passos para alcançar esse intento, indagamos que é importante examinar como se dão os estímulos comunicativos dos internautas ao Ninjas, aferindo as possíveis intenções entre eles e a que fazem referência, bem como se se estruturam em um processo retroativo e como eles se edificam. Além disso, é fundamental avaliar de que maneira uma visada da audiência pôde efetivamente ter alterado a dinâmica de um repórter em uma determinada transmissão. Vale ainda apreciar criticamente a dinâmica interativa dos

internautas na área de comentários fornecida a eles, avaliando como esta se processa e com quais finalidades.

De forma mais direta, como método, então, o primeiro passo parece ser o da análise detalhada do dispositivo técnico e das determinações dele para a dinâmica interativa. Na sequência, é fundamental observar se há e como se constitui o contrato de comunicação, o que automaticamente nos leva à construção do quadro de participação das trocas (agora amparados pela fundamentação dos autores já citados).

Depois, após ter o *corpus* constituído, acreditamos ser importante avaliar se a abordagem do Ninja e dos espectadores é iniciativa ou reativa e particularidades dentro desse composto:

a) se iniciativa:

- quem a inicia (papel actancial);
- a quem é direcionada;
- qual é o tema que a governa;
- quais são os possíveis propósitos (visadas);
- se houve resposta.

b) se reativa:

- quem reage (papel actancial);
- a quem é direcionada;
- se houve sequência temática;
- quais são os outros propósitos (visadas);
- se foi provocada diretamente ou não;
- se demonstra ajuste frente a uma possível validação discursiva (GHIGLIONE, 1983; 1984).

Ainda valerá observar:

- a) por que se deu e contra quem foi feita a prática de *flaming* (acender de polêmicas, algumas delas baseadas na ofensa pessoal);
- b) como se constituem as polêmicas entre os usuários, para além (ou aquém) da prática das ofensas deliberadas;
- c) quem são os possíveis locutores e enunciadores dos discursos;

- d) como as narrativas são construídas, a partir de que saberes, com que nível patêmico, articulando-se a partir de que modos de problematização e argumentação (CHARAUDEAU, 1992; 2008);
- e) como a perspectiva multimodal determina um modo expressivo, limita ou facilita as trocas, e como os sentidos podem ser apreendidos de cada modo expressivo.

4.4 Leitura *flâneur*

Vale um alento em tão densa metodologia e gostaríamos de apresentar uma possibilidade aqui. Deverá ser realizado, como se viu, todo um processo de (sub)recortes, observação, decomposição, análise descritiva e exames discursivos. Assim, e não só por isso, sugerimos que seja feita uma primeira leitura da dinâmica do Mídia Ninja ao longo da Copa do Mundo de 2014, no que concerne às transmissões em tempo real.

Esse passo inicial, que remete ao planar sobre o objeto de estudo, já fora realizado por nós em outra abordagem, quando analisamos o modo de funcionamento de telejornais regionais (BRAIGHI, 2012; 2013). Naquela oportunidade, o sobrevoo funcionou e almejamos realizá-lo também aqui.

A ideia é realizar uma leitura flutuante, que, com uma rigidez pouco científica, talvez mais poética e de fácil compreensão, siga uma perspectiva da peregrinação teoricamente despretenhosa do *flâneur*, figura urbana fácil de encontrar na obra de Baudelaire.

A expressão, vinda do francês, remete à inatividade do sujeito, que mais parece estar atrelada à fadiga, mas que de fato remete à preguiça de um vagabundo. Entretanto, liga-se à raiz *flâneur*, que se traduz como passeio. Dá-se então o excursionismo despretenhoso às ruas parisienses, com um olhar contemplativo, que revela nuances da cidade, enquadramentos particulares e, conseqüentemente, compreensões reservadas do que se vê, do que se experimenta. (BRAIGHI, 2013, p. 102).

É nessa linha que desejamos ir, a do “perambular com inteligência”, segundo propõe João do Rio (2008, p. 31), com um olhar criterioso e perspicaz sobre o caminho que escolhemos, sem nos aprofundarmos muito, mas fazendo marcações importantes, sobre as quais devemos retornar para as discussões que neste capítulo sinalizamos como fundamentais. É um panorama inicial, particular, englobante, não necessariamente apresentado; um olhar *webespectador* por todo o conjunto de transmissões que nos dão mais segurança e elementos de base para apresentar o que segue no próximo capítulo.

5 ANÁLISE DESCRITIVA

A seguir colocamos à prova a metodologia apresentada nas páginas anteriores, a fim de proceder aos intentos de pesquisa frente ao objeto de estudo. Antes, será apresentado o recorte para análise, seguido das efetivas observações nos dispositivos que foram propostos no esquema desta tese¹⁶⁷.

5.1. Transmissões simultâneas durante a Copa do Mundo

A Copa do Mundo de Futebol foi realizada de 12 de junho a 13 de julho de 2014. Este, por conseguinte, representa o recorte macrotemporal de observação deste estudo. Não obstante, devido ao número elevado de coberturas realizadas pelo Mídia Ninja (tanto em extensão, quanto em quantidade de abordagens), serão implementados (sub)recortes localizados em cada uma das frentes de exame, procurando explorar ao máximo as contradições e padrões de atuação do coletivo midiático. Assim, nesse primeiro momento, procura-se evidenciar um panorama geral das transmissões dos Ninjas, de forma a fundamentar as leituras porvindouras.

Vale observar de início que, antes mesmo da realização do torneio, as transmissões já se realizavam no período pré-Copa, em atividades correlacionadas (como o registro de greves), e no pós-Copa, na extensão do acontecimento, em função da cobertura de manifestações a favor da soltura de ativistas presos. É importante chamar a atenção para esse detalhe da narrativa que está para além da abertura e do fechamento do torneio e que dialoga com a tese em curso; o discurso que precede. Mais uma vez, não obstante, optamos por excluir esses momentos do exame, ora por um rigor metodológico, ora justamente por uma dilatação de *corpus* da qual os esforços de análise, talvez, não dariam conta – e mesmo porque é preciso haver uma margem, na medida em que a cissura evenemencial nunca termina, mas se concatena¹⁶⁸ (DELEUZE, 2007).

Nos 32 dias mencionados, o Mídia Ninja realizou 47 diferentes coberturas¹⁶⁹. Diversos Ninjas dividiram-se nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro, São

¹⁶⁷ Agradecemos o apoio do amigo professor André Luiz Álvares e Silva, pela revisão atenta de conteúdo e sugestões perspicazes na seção de análise da tese.

¹⁶⁸ Sugerimos aos interessados que registros pré, trans e pós-Copa estão disponíveis nos canais do Mídia Ninja no *Twitcasting*.

¹⁶⁹ Conta-se, inclusive, a cobertura de dois Ninjas em um mesmo acontecimento; caso, por exemplo, como o do dia 13 de julho, quando os Ninjas Vidigal e Filipe Peçanha registraram a manifestação de encerramento da Copa

Paulo e Porto Alegre. São contadas aqui, evidentemente, as investidas realizadas apenas nos canais de transmissão simultânea ditos oficiais¹⁷⁰ do Mídia Ninja, conforme o *site* do coletivo na *Internet*. Ao todo, são seis os oficiais. Disponíveis no *Twitcasting*, plataforma preponderantemente utilizada pelos Ninjas, apenas o perfil do estado do Pará não foi utilizado durante o torneio. Os demais são os de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além do geral, sem vinculação com uma unidade federativa, usado com mais frequência pelos que em terras cariocas estão.

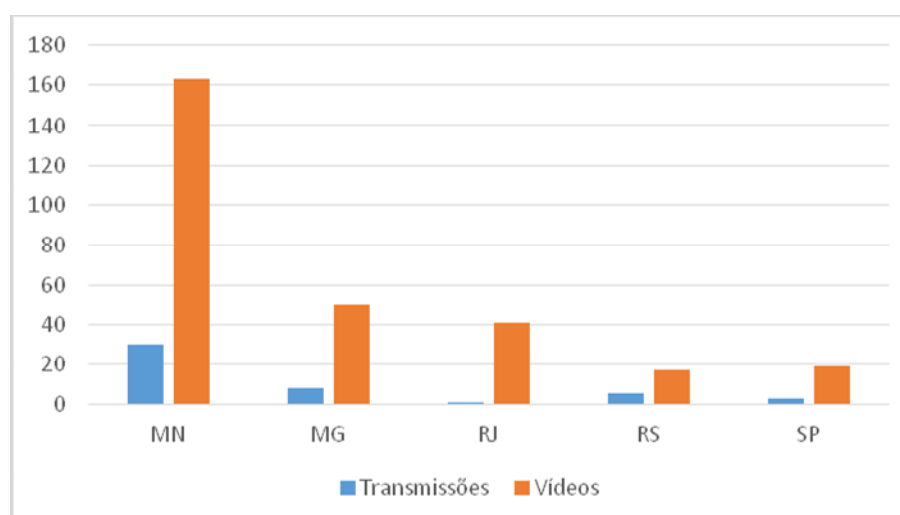
No total, foram empreendidos 290 vídeos nessas coberturas, que se referem a cada parte de uma transmissão, por algum motivo específico iniciada e encerrada pelo Ninja ao longo do registro. A soma chega a mais de 95 horas de exibição, das quais pouco mais de 50 estão disponíveis para consulta e análise.

Tabela 1 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo de 2014 pelo *Twitcasting*

	Transmissões	Vídeos	Tempo Total	Tempo Gravado
MN	30	163	67:30:11	34:10:24
MG	8	50	13:32:57	07:41:11
RJ	1	41	02:36:19	00:28:18
RS	5	17	06:32:31	03:48:21
SP	3	19	06:18:36	05:52:59
Total	47	290	96:30:34	52:01:13

Fonte: Elaborado pelo autor.

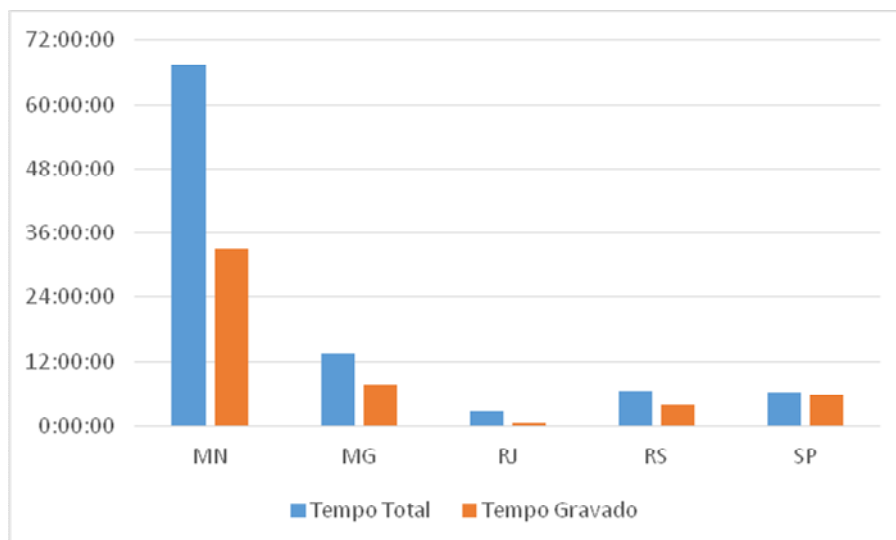
Gráfico 1 – Comparativo de transmissões e vídeos por canal durante a Copa do Mundo



Fonte: Elaborado pelo autor.

do Mundo no Rio de Janeiro. Entendemos aqui se tratar de dois ângulos e abordagens diferentes, duas formas diferentes de narrar os mesmos fatos, gerando duas narrativas distintas.

¹⁷⁰ Existem diversos outros canais no *Twitcasting* com a nomenclatura “ninja” utilizados também para os fins de transmissão. Contudo, como estes não são chancelados pelo *site*, foram dispensados da análise aqui proposta.

Gráfico 2 – Comparativo de extensão de transmissões por canal durante a Copa do Mundo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Parece evidente que é sobre essas 52 horas que este estudo deve debruçar. No entanto, é válido compreender como deu-se a cobertura como um todo, ainda que o material não esteja disponível para um olhar mais aprofundado. Vale utilizarmos, então, os dados de registro e outras informações pontuais que são acrescentadas a seguir. Estas ajudam a perceber as cidades com mais destaque, as temáticas e os acontecimentos acompanhados, os tempos e as variações, entre outras informações.

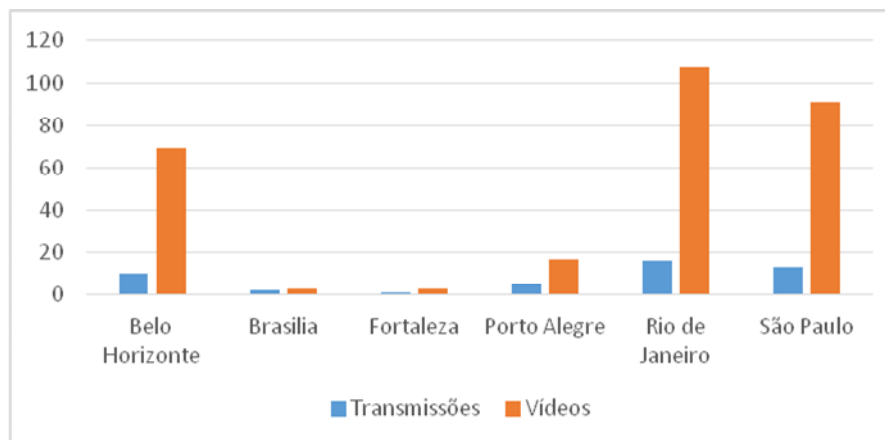
Segundo vê-se na TAB. 2, se a cidade do Rio de Janeiro não tem uma larga vantagem frente à de São Paulo no número de transmissões, é pelo menos muito maior a extensão dessas duas, correspondendo a 42% do tempo total do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo. Vê-se com esses dados, que das trinta coberturas do canal geral do coletivo, quinze foram realizadas na capital carioca, dez na paulista e duas na de Minas Gerais. As três restantes se deram, então, no Distrito Federal (duas) e apenas uma em Fortaleza.

Tabela 2 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo de 2014 por cidade

Cidades	Transmissões	Vídeos	Tempo Total	Tempo Gravado
Belo Horizonte	10	69	18:35:10	10:35:26
Brasília	2	3	02:49:41	00:28:02
Fortaleza	1	3	00:10:03	00:10:03
Porto Alegre	5	17	06:32:31	03:48:21
Rio de Janeiro	16	107	40:21:41	19:12:39
São Paulo	13	91	28:01:28	17:46:42

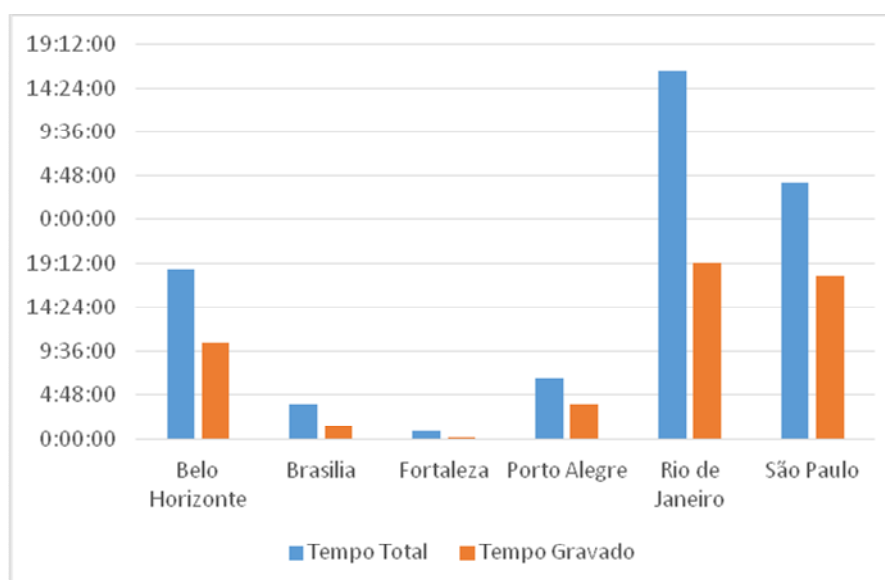
Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 – Comparativo de transmissões e vídeos por cidade durante a Copa do Mundo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4 – Comparativo de extensão de transmissões por cidade durante a Copa do Mundo



Fonte: Elaborado pelo autor.

As explicações para essa predominância carioca, além da representatividade de São Paulo e Belo Horizonte, poderão ser exploradas com atenção *a posteriori*. Contudo, alguns dados relacionados às temáticas podem ajudar a compreender melhor o quadro. Nas seções sobre propósito e contexto serão evidenciadas as coberturas com temas em cada canal e realizado, inclusive, um desenvolvimento mais atento de cada transmissão (dando sequência, inclusive, à reflexão estabelecida aqui), compreendendo como configura-se o contrato comunicativo do Mídia Ninja com os *webespectadores*.

Consideramos interessante, porém, como já mencionado, antes de encerrarmos esta seção, apresentar a constituição de um *ranking* das transmissões por meio das visualizações

totais. Ao todo, as coberturas foram vistas 143 mil vezes¹⁷¹ ao longo da Copa do Mundo de 2014. Os picos de audiência¹⁷², porém, não chegaram aos dois mil – com destaque para as quatro que passaram da casa do milhar: Belo Horizonte (logo na abertura do torneio) com 1.791 *webespectadores*; 1.785 internautas no dia 13 de julho – encerramento – no Rio de Janeiro; 1.537 na primeira transmissão do Ninja no período, na greve dos metroviários, em São Paulo; e 1.495 também no dia 12 de julho em solo carioca.

Tabela 3 – Ranking das transmissões em número de visualizações totais/audiência

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Visual. Total
1°	MN30	13/07/14	Ato pela liberdade dos presos políticos	Rio de Janeiro	23.919
2°	MN2	12/06/14	Absurdos da Copa	Rio de Janeiro	23.008
3°	MN1	12/06/14	Greve metroviários	São Paulo	12.903
4°	MG1	12/06/14	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	Belo Horizonte	10.977
5°	MN5	15/06/14	#NãoVaiTerCopa	Rio de Janeiro	9.752
6°	MN3	14/06/14	Copa sem Povo, Tô na Rua de novo	Belo Horizonte	7.563
7°	MN13	20/06/14	1 ano da grande manifestação / Prisões Arbitrárias 2014	Rio de Janeiro	7.559
8°	MN8	17/06/14	#NãoVaiTerTarifa	Rio de Janeiro	6.025
9°	MN12	19/06/14	Passage Livre SP	São Paulo	4.243
10°	RS1	12/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	4.086
11°	MG3	17/06/14	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	Belo Horizonte	3.987
12°	SP2	01/07/14	Ato pela libertação dos presos políticos	São Paulo	2.477
13°	MN29	12/07/14	Prisão arbitrária de manifestantes	Rio de Janeiro	2.284
14°	MN16	23/06/14	A Festa dos Estádios não vale as Lágrimas da Favela	Rio de Janeiro	2.233
15°	MN17	24/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	1.823
16°	SP1	23/06/14	Se não tiver direito, não vai ter copa	São Paulo	1.770

¹⁷¹ Isto quer dizer que uma mesma pessoa pode ter acessado mais de um vídeo do Mídia Ninja no período, dado que se acentua em razão das várias *lives* (vídeos) em torno de uma cobertura, por exemplo.

¹⁷² Que chegamos por meio do número de *webespectadores* que assistem à transmissão, simultaneamente, em um dado momento.

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Visual. Total
17°	RJ1	13/07/14	Ato pela liberdade dos presos políticos	Rio de Janeiro	1.443
18°	MN19	28/06/14	Copa na Rua por uma cidade de direitos	Rio de Janeiro	1.361
19°	RS2	15/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	1.279
20°	MN14	21/06/14	MTST - Ocupação	São Paulo	1.263
21°	RS4	23/06/14	Copa sem povo: Estamos na rua de novo	Porto Alegre	1.157
22°	MN10	18/06/14	MTST - Ocupação	São Paulo	1.135
23°	MN18	27/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	1.049
24°	MN4	15/06/14	Estrangeiros no Brasil	Rio de Janeiro	954
25°	MN7	17/06/14	Copa do Mundo	Rio de Janeiro	921
26°	MN25	03/07/14	Marcha Nacional em Defesa da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar	São Paulo	877
27°	MN21	30/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	831
28°	MN11	18/06/14	Teatro	Rio de Janeiro	645
29°	MN15	22/06/14	Praça da Estação Ocupada	Belo Horizonte	611
30°	MN26	04/07/14	#CopaNaRua	Rio de Janeiro	576
31°	MN20	28/06/14	Ato Fifa Go Home	Rio de Janeiro	538
32°	MG4	28/06/14	Ato dos Operários da Construção Civil + Ato Contra a Copa	Belo Horizonte	515
33°	SP3	02/07/14	Debate sobre a criminalização dos movimentos sociais	São Paulo	481
34°	MG6	02/07/14	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	Belo Horizonte	400
35°	RS3	18/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	382
36°	MN9	17/06/14	Bastidores da estreia do Programa Na Geral	Rio de Janeiro	335
37°	MN28	06/07/14	Oficina sobre fotografia	São Paulo	314
38°	MN22	01/07/14	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	Brasília	304
39°	RS5	03/07/14	Debate (des)tribunal popular - criminalização dos Movimentos Sociais – PoA	Porto Alegre	237
40°	MG7	02/07/14	Duelo de MC's	Belo Horizonte	219
41°	MN24	02/07/14	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	Brasília	195

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Visual. Total
42°	MN23	01/07/14	Ato pela libertação dos presos políticos	São Paulo	104
43°	MN27	04/07/14	Copa do Mundo	Fortaleza	72
44°	MG2	14/06/14	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	Belo Horizonte	67
45°	MG5	02/07/14	Autorreferência (Teste de Vídeo)	Belo Horizonte	38
46°	MN6	16/06/14	Greve de Professores	Rio de Janeiro	16
47°	MG8	03/07/14	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	Belo Horizonte	3
TOTAL					142.931

Fonte: Elaborada pelo autor.

Apesar das últimas seis transmissões do *ranking* não terem passado dos vinte minutos de duração, a relação de audiência com tempo de exibição não é parelha no topo. Parece ser sobretudo no encerramento da Copa do Mundo, cobertura MN30, que, pela primeira vez, o trabalho passou das seis horas de extensão. No mais, não há correspondência direta às posições. Se considerarmos apenas as cinco primeiras transmissões no *ranking* (as que ficam próximas ou passam das dez mil visualizações), tão-somente duas delas estão no mesmo patamar em duração. Da mesma forma, como exemplo, a MG6, que teve cerca de três horas e meia de duração, ocupa apenas a 34ª posição no número de visitas aos vídeos. Para ilustrar, acrescenta-se a TAB. 4, de classificação das transmissões por duração.

Tabela 4 – Ranking das transmissões por duração

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Tempo Total
1°	MN30	13/07/14	Ato pela liberdade dos presos políticos	Rio de Janeiro	06:50:47
2°	MN5	15/06/14	#NãoVaiTerCopa	Rio de Janeiro	05:14:12
3°	MN8	17/06/14	#NãoVaiTerTarifa	Rio de Janeiro	04:28:29
4°	MN13	20/06/14	1 ano da grande manifestação / Prisões Arbitrárias 2014	Rio de Janeiro	04:06:50
5°	MN3	14/06/14	“Copa sem Povo, Tô na Rua de novo”	Belo Horizonte	03:44:24
6°	MG1	12/06/14	“Copa sem povo, Tô na rua de novo”	Belo Horizonte	03:37:01
7°	MG6	02/07/14	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	Belo Horizonte	03:36:36

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Tempo Total
8º	MN17	24/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	03:31:45
9º	MN18	27/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	03:30:19
10º	MG3	17/06/14	“Copa sem povo, Tô na rua de novo”	Belo Horizonte	03:23:57
11º	MN12	19/06/14	Passage Livre SP	São Paulo	03:17:22
12º	MN2	12/06/14	Absurdos da Copa	Rio de Janeiro	03:17:14
13º	MN16	23/06/14	A Festa dos Estádios não vale as Lágrimas da Favela	Rio de Janeiro	02:52:31
14º	MN29	12/07/14	Prisão arbitrária de manifestantes	Rio de Janeiro	02:38:33
15º	RJ1	13/07/14	Ato pela liberdade dos presos políticos	Rio de Janeiro	02:36:19
16º	SP2	01/07/14	Ato pela libertação dos presos políticos	São Paulo	02:36:02
17º	MN25	03/07/14	Marcha Nacional em Defesa da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar	São Paulo	02:18:45
18º	MN19	28/06/14	Copa na Rua por uma cidade de direitos	Rio de Janeiro	02:13:18
19º	MN14	21/06/14	MTST – Ocupação	São Paulo	02:09:01
20º	MN21	30/06/14	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	São Paulo	02:03:23
21º	SP1	23/06/14	Se não tiver direito, não vai ter copa	São Paulo	02:02:27
22º	RS5	03/07/14	Debate (des)tribunal popular - criminalização dos Movimentos Sociais – PoA	Porto Alegre	02:01:24
23º	MN1	12/06/14	Greve metroviários	São Paulo	02:00:53
24º	MN28	06/07/14	Oficina sobre fotografia	São Paulo	02:00:23
25º	SP3	02/07/14	Debate sobre a criminalização dos movimentos sociais	São Paulo	01:40:07
26º	MN24	02/07/14	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	Brasília	01:37:32
27º	MN26	04/07/14	#CopaNaRua	Rio de Janeiro	01:35:22
28º	MN11	18/06/14	Teatro	Rio de Janeiro	01:30:34
29º	RS1	12/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	01:24:05
30º	RS2	15/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	01:23:38
31º	MN7	17/06/14	Copa do Mundo	Rio de Janeiro	01:23:35
32º	MG4	28/06/14	Ato dos Operários da Construção Civil + Ato Contra a Copa	Belo Horizonte	01:23:12
33º	MN15	22/06/14	Praça da Estação Ocupada	Belo Horizonte	01:17:49

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Tempo Total
34°	MN22	01/07/14	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	Brasília	01:12:09
35°	MG7	02/07/14	Duelo de MC's	Belo Horizonte	01:07:51
36°	RS4	23/06/14	Copa sem povo: Estamos na rua de novo	Porto Alegre	01:00:38
37°	MN4	15/06/14	Estrangeiros no Brasil	Rio de Janeiro	00:54:37
38°	MN10	18/06/14	MTST - Ocupação	São Paulo	00:47:07
39°	RS3	18/06/14	Ato contra a Copa do Mundo	Porto Alegre	00:42:46
40°	MN20	28/06/14	Ato Fifa Go Home	Rio de Janeiro	00:24:57
41°	MG5	02/07/14	Autorreferência (Teste de Vídeo)	Belo Horizonte	00:17:45
42°	MN9	17/06/14	Bastidores da estreia do Programa Na Geral	Rio de Janeiro	00:13:21
43°	MN27	04/07/14	Copa do Mundo	Fortaleza	00:10:03
44°	MG2	14/06/14	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	Belo Horizonte	00:05:01
45°	MN23	01/07/14	Ato pela libertação dos presos políticos	São Paulo	00:03:54
46°	MG8	03/07/14	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	Belo Horizonte	00:01:34
47°	MN6	16/06/14	Greve de Professores	Rio de Janeiro	00:01:02
TOTAL					96:30:34

Fonte: Elaborada pelo autor.

5.2 Dispositivo técnico

Nesta seção, iremos analisar de forma pontual o dispositivo técnico do Mídia Ninja, conforme havíamos descrito na metodologia¹⁷³. Contudo, procuraremos dedicar-nos mais às perspectivas que ajudem a demonstrar a força semiótica dos mecanismos. Assim, é importante lembrar que o processo se dá por meio do trabalho de um (condição numeral e não de artigo indefinido, o que já é um dado a ser observado) Ninja (e, nesse sentido, as condições físicas dos sujeitos devem ser levadas em conta) diante de um acontecimento.

O Ninja porta um aparelho multifuncional (normalmente um *smartphone*) que consegue ajuntar produção (e recepção) de textos, captação de áudio e vídeo e formas de transmissão desse composto em dados para a *Internet*. Esse arquivo multimidiático é exibido por meio de um sistema chamado *streaming*, sendo suportado em um *site* específico: o *Twitcasting*. Assim, *webespectadores* interessados, de qualquer parte do mundo¹⁷⁴, podem assistir à cobertura realizada pelo midiativista em tempo real ou vê-la, caso seja gravada, *a posteriori*. Para divulgação das transmissões, o coletivo utiliza ainda as redes sociais *on-line*, como *Facebook* e *Twitter*¹⁷⁵.

Tentando seguir uma ordem cronológica, falemos primeiro, então, dos aparelhos que os Ninjas portam, para em seguida evidenciar o *Twitcasting*. As nuances sobre as condições físicas dos Ninjas aparecerão dentro do exame dos celulares e das câmeras, ao passo que noções sobre sistemas de transmissão de dados são evidenciadas na abordagem à plataforma de exibição dos vídeos.

5.2.1 Aparelhos

Durante a Copa do Mundo de 2014, os Ninjas empregaram diversos aparelhos para realizar transmissões. Conforme se observa nos Quadros 6, 7 e 8, *smartphones* de várias marcas e modelos e até uma câmera foram utilizados pelos Ninjas durante o período de análise. Todos os apetrechos tecnológicos, como é de se imaginar, têm acesso à *Internet* e navegadores que permitem acessar o *site* do *Twitcasting* e/ou comportam a instalação de aplicativo específico da plataforma, por meio do qual é possível empreender as *lives*.

¹⁷³ Lembrando que estamos observando tão-somente o que concerne à transmissão simultânea, e não, por exemplo, ao fotojornalismo e a outras práticas do Mídia Ninja.

¹⁷⁴ Há de se considerar que alguns países filtram o conteúdo que a população pode acessar na *Internet*.

¹⁷⁵ Não é nossa intenção, porém, avaliar como o público toma conhecimento das transmissões, mas sim que usos fazem desse material. Fazemos a referência acima então tão-somente como registro do processo.

Quadro 6 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para realização das transmissões durante a Copa do Mundo

TIPO	MARCA	CÓD.	NINJA QUE UTILIZOU
<i>Smartphone</i>	LG	E977	Alex D. (SP)
			Isadora M. (SP)
			Leticia P. (SP)
Câmera Smart	Samsung (Galaxy)	EK-GC100	Vidigal (RJ)
<i>Smartphone</i>	Apple	Iphone 5.1	Isadora M. (SP)
			Filipe P. (RJ)
			Carlos F. (RJ)
<i>Smartphone</i>	Apple	Iphone 4	Filipe P. (RJ)
<i>Smartphone</i>	Samsung (Galaxy Y Duos)	GT-S6102B	Dênis N. (MG)
<i>Smartphone</i>	Motorola	XT1033	Karinny M. (MG)
			Dênis N. (MG)
<i>Smartphone</i>	Apple	Iphone 4S	Gian M. (RJ)
			Lóris C. (DF)
			Fred P. (MG)
<i>Smartphone</i>	Samsung	GT-S7392L	Karinny M. (MG)
<i>Smartphone</i>	Samsung	GT-I9505	Dênis N. (MG)
<i>Smartphone</i>	Samsung	SM-G900M	Cláudia S. (RS)
<i>Smartphone</i>	Apple	Iphone 6.1	Felipe A. (CE)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de informações obtidas com os Ninjas, nos canais do *Twitcasting* e em sites especializados em *smartphones*.

Quadro 7 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para realização das transmissões durante a Copa do Mundo

CÓD.	PESO MÉDIO	LARGURA	ALTURA	PROFUNDIDADE (ESPESSURA)
E977	145g	68,9mm	131,9mm	8,45mm
EK-GC100	305g	70,8mm	128,7mm	19,1mm
GT-I9505	130g	69,8mm	136,6mm	7,9mm
GT-S6102B	109g	60mm	109,8mm	12mm
GT-S7392L	126g	63,1mm	121,5mm	10,85mm
Iphone 4	137g	58,7mm	115,2mm	9,3mm
Iphone 4S	140g	58,7mm	115,2mm	9,3mm
Iphone 5.1	112g	58,6mm	123,8mm	7,6mm
Iphone 6.1	129g	67mm	138,1mm	6,9mm
SM-G900M	145g	72,5mm	142mm	8,1mm
XT1033	143g	65,9mm	129,9mm	11,6mm

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de informações obtidas com os Ninjas, nos canais do *Twitcasting* e em *sites* especializados em *smartphones*.

Quadro 8 – Aparelhos utilizados pelos Ninjas para realização das transmissões durante a Copa do Mundo

CÓD.	RESOL. DA TELA	TAMANHO DA TELA	RESOL. CÂMERA	RESOL. DE VÍDEO (GRAVAÇÃO)
E977	1280 x 768 px	4,7”	13 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 30fps
EK-GC100	720 x 1280 px	4,8”	16 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 30fps
GT-I9505	1080 x 1920 px	5”	12.8 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 30fps
GT-S6102B	240 x 320 px	3,14”	3.1 mp	QVGA (320 x 240 pixels) 24fps
GT-S7392L	480 x 800 px	4”	3.15 mp	VGA (640 x 480 pixels) 30fps
Iphone 4	640 x 960 px	3,5”	5.0 mp	HD (1280 x 720 pixels) 30fps
Iphone 4S	640 x 960 px	3,5”	8.0 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 30fps
Iphone 5.1	640 x 1136 px	4”	8.0 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 30fps
Iphone 6.1	750 x 1334 px	4,7”	8.0 mp	Full HD (1920 x 1080 pixels) 60fps
SM-G900M	1080 x 1920 px	5,1”	15.9 mp	4KUHD (3840 x 2160 pixels) 30fps
XT1033	720 x 1280 px	4,5”	5.0 mp	HD (1280 x 720 pixels) 30fps

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de informações obtidas com os Ninjas, nos canais do *Twitcasting* e em sites especializados em *smartphones*.

Tais informações, em certa medida, parecem, no entanto, quase que apenas ilustrativas. A particularidade estaria mais no uso do *smartphone* como principal dispositivo de transmissão do que na variedade de modelos utilizados. É ele, independente da marca, modelo e especificações, que determina um modo de fazer, que na condição de dispositivo implica um modo de agir, de falar, de enquadrar os entrevistados, de resolução de imagem

que será recebida pelo *webespectador* (ainda que esta possa variar levemente de um aparelho a outro).

Não obstante, a referência é boa para observarmos os padrões e a diferenças em cada caso. A principal variação estaria talvez na utilização do modelo EK-GC100 da Samsung, um híbrido de câmera fotográfica com funções para acesso à *web*. O aparelho foi utilizado nos dias 12 e 13 de julho pelo repórter Vidigal.

No primeiro dia, inclusive, aparecem outras distinções em relação ao trabalho ao longo da Copa do Mundo. São utilizados acessórios que antes não se faziam presentes, tais como o tripé para sustentação da câmera e um microfone de mão. A justificativa talvez se daria, no caso do suporte para o aparelho, uma vez que Vidigal empreendeu uma verdadeira vigília na porta de uma delegacia no Rio de Janeiro, à espera de informações sobre ativistas que haviam sido presos. Como haveria pouca movimentação, em uma área relativamente pequena, já se imaginaria que ficar parado seria quase que uma condição para o Ninja naquela situação, desobrigando-o de carregar o equipamento, talvez por isso, tenha optado pelo uso do pedestal.

Já em relação ao microfone de mão, não é Vidigal que o utilizaria, mas sim Carlos França. Pela primeira vez (ao menos durante a Copa do Mundo), o Mídia Ninja teria uma transmissão realizada por uma dupla. A condição de condução isolada, tônica do coletivo, mudaria apenas ali. Apesar de com turnos de falas bem marcados, tanto França quanto Vidigal se alternariam na condução enunciativa verbal da cobertura. Nesse caso, o segundo ou se utilizaria do microfone de mão fora de cena, ou teria o áudio captado pelo microfone interno da câmera.

Aproveitando o ensejo, é interessante observar que, em geral, os Ninjas não se utilizam de muitos outros acessórios. Os fones de ouvido, por exemplo, que em aparelhos celulares veem com microfones integrados, quase nunca são utilizados. Mesmo porque a captação de áudio nessa possibilidade seria pior para os entrevistados e sons ambientes. No entanto, as lentes não são raras de se ver aplicadas nos *smartphones* dos Ninjas. Filipe Peçanha, por exemplo, é um dos que dificilmente deixa de utilizar o pequeno apetrecho que, em um Iphone 4, como é o caso dele, pode ampliar ao dobro o campo de visão (em uma grande angular) do aparelho.

Já a Ninja do Rio Grande do Sul foi a única a se utilizar de um capacete. Aliás, a proteção ainda serviu de suporte para uma câmera GoPro. A finalidade de utilização dessa câmera ali não era evidentemente para a transmissão, mas, para além do registro do ato como materialidade histórica, o dispositivo tinha ainda, infere-se, uma função dupla. De um lado, a câmera à cabeça era uma insígnia de marcação de uma posição mídia (e um distintivo da

condição meramente ativista), fazendo com que fosse vista de forma particular no meio dos manifestantes pelo outro – quem quer que seja, mas principalmente os militares. Do outro lado, porém, o equipamento alojado à cabeça é também broquel, função chavelho quase arma, numa atividade *copwatch* na defesa contra as possíveis ações dos brigadianos.

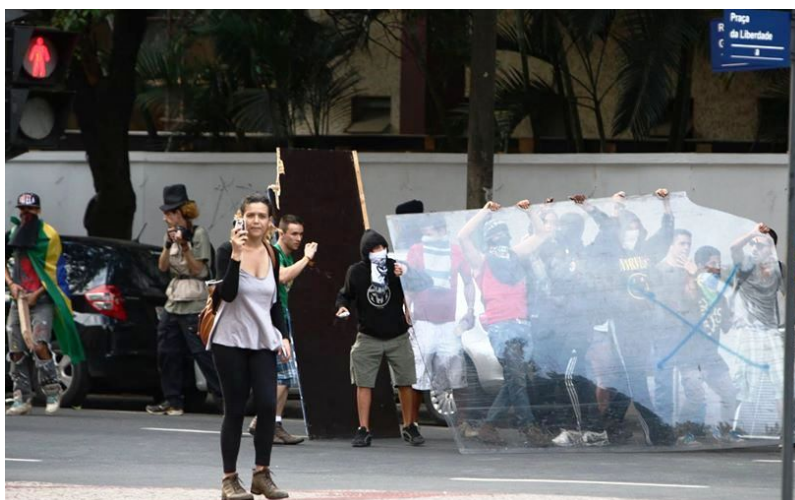
O panorama de transmissões, então, é bem diverso ao apresentado por França e Vidigal em 13/07/2014. Um Ninja conduz a transmissão, empunhando um *smartphone*. Conforme se observou nos Quadros 6, 7 e 8, os tamanhos e pesos são muito variados. A gramatura vai, por exemplo, de 109 até 145. Apesar de relativamente leve, podemos inferir que o peso provavelmente seja um influenciador para o cansaço nas mãos e nos braços (ainda que o repórter possa revezar o aparelho entre as mãos) – o que pôde ter levado os midiativistas a repetidos enquadramentos que pouco mostravam o contexto, mas em alguns momentos registravam até o chão dos locais da manifestação.

É preciso levar em consideração não apenas o peso do aparelho, que julgamos ser pequeno. A questão estaria em uma suspensão deste com a mão quase sempre na altura dos olhos. Assim, haveria toda uma movimentação e firmeza necessárias ao braço e antebraço, na posição de “V”, para suportar o celular no arranjo ideal. Isso faz lembrar que o formato dos *smartphones* também exige uma articulação da mão do midiativista para carregá-lo de modo apropriado.

Em geral, os celulares utilizados pelos Ninjas são muito anatômicos. As fabricantes dos aparelhos certamente procuram desenvolver um *design* que atenda aos usuários em termos de conforto. Não obstante, essa preocupação se dá, em geral, no sentido de permitir que o cliente se sinta à vontade em três posições básicas: uso do *smartphone*, respectivamente, como telefone (mão esticada ao ouvido), plataforma para aplicativos diversos (mão(s) na linha da cintura) e câmera (em posição análoga a do midiativista).

Contudo, a utilização do aplicativo do *Twitcasting* exige um cuidado maior para que não haja toques não intencionais na tela, suporte que funciona não apenas como monitor da transmissão, mas na condição de *menu* operacional e *chat*. Voltaremos a falar disso mais adiante. Antes, é preciso dizer, então, que a variação de tamanhos dos aparelhos faz com que, em geral, parecendo querer dar mais segurança e firmeza, além de dividir o peso do *smartphone*, os Ninjas procurem apoiar mais a parte inferior do aparelho na palma da mão, o polegar mantém-se à lateral e o dedo indicador posiciona-se na parte de trás do celular. A centralização na mão em geral só não acontece quando há o recarregamento simultâneo da bateria do celular, como mostram as imagens a seguir.

Figura 19 – Karinny Magalhães, em primeiro plano



Fonte: Mídia Ninja (2014)¹⁷⁶.

Figura 20 – Filipe Peçanha em transmissão pelo Mídia Ninja



Fonte: O Dia (2013)¹⁷⁷.

Novamente, então, não seria preciso recorrer aos estudos da Medicina, da Fisioterapia, ou de áreas afins, para reconhecer que o peso de um objeto, qual seja, carregado ininterruptamente, por horas, quase sempre com o braço em uma mesma posição, provavelmente incomode e influencie os repórteres em uma boa condução das atividades (lembrando que os Ninjas têm, muitas vezes, que se preocupar em narrar/descrever/argumentar/entrevistar, observar o que acontece no entorno, além de se preocupar com o enquadramento das imagens). A restrição parece ser geral e vale para todo e qualquer midiativista.

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://goo.gl/gLnG5P>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

¹⁷⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/BKtDnf>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

Em relação às telas dos celulares, estas parecem ser, quanto maiores, melhores para os Ninjas na observação da qualidade da transmissão e para se relacionarem com os *webespectadores*, e piores para segurar durante a cobertura (o que influencia na pegada, haja vista o tamanho dos *smartphones*). Como se viu no Quadro 8, os tamanhos vão desde 3,14 até 5 polegadas. Parece pouco, mas, ao se converter para centímetros, a diferença é de 8 para 12,7¹⁷⁸.

Há variações também na resolução das telas e, conseqüentemente, no PPI (*pixels per inch*) de cada uma delas. O *pixel* é o menor elemento de uma tela, e quanto maior for o PPI de uma tela de celular, maior será a qualidade de imagem, resolução e definição. Como exemplo, ao passo que o GT-I9505 (utilizado por Dênis Nacif em Belo Horizonte) tem um PPI de 440 (com tela de 5”), o E977 (com tela um pouco menor) oferta 317 PPI para os Ninjas de São Paulo.

Figura 21 – Celular sendo utilizado em cobertura Ninja (utilização do *Twitcasting*)



Fonte: G1 (2013)¹⁷⁹.

Para os fins aos quais se prestam os aparelhos, os Ninjas parecem ser bem atendidos pelo que se têm. Em relação ao retorno sobre o que se transmite (na condição de monitor, já que a qualidade da resolução da tela dos repórteres é certamente muito diferente da do

¹⁷⁸ Uma polegada equivale a 2,54 centímetros.

¹⁷⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/Acyv1T>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

webespectador – que verá, quase certo, pelo computador), os Ninjas parecem ter qualidade suficiente para tanto. A questão, porém, fica por conta do tamanho da tela. A FIG. 21 apresenta um celular (Iphone) sendo utilizado por um Ninja em 2013. Fora realizado também um teste de transmissão, com um dos celulares empregados pelos Ninjas (a seguir em tamanho real). A partir das duas figuras é possível verificar a proporção da tela como um todo e das áreas de monitor e de *chat* do *Twitcasting*, além dos botões de configuração da transmissão.

Figura 22 – Galaxy Trend Lite® em um teste de transmissão



Fonte: Elaborada pelo autor.

Objetivamos chamar a atenção aqui para os espaços da tela que o Ninja tem para verificar com precisão o que está sendo transmitido e a área em que os *webespectadores* interagem. Independentemente do tamanho da tela do celular, a proporção sempre será a de 41,6% do total para o monitoramento do que se registra e outros 44,7% para o bate-papo. A

primeira, como se pode ver nas imagens anteriores, é sobreposta por ícones diversos, que marcam que a transmissão está acontecendo (*on live*), o tipo de registro que é realizado (marcação “normal” no canto superior esquerdo), se o Ninja deseja inverter ou não a câmera utilizada (traseira [que o aparelho da figura 22 não possui] x frontal), se o *flash* está ligado, e a barra na qual pode se dar o título da transmissão – em que ainda se encontra um botão para publicar uma enquete (vinculada ao título que se dá nesse campo) e outro para fechar a tarja¹⁸⁰.

Acredita-se que a confluência de todas essas informações (ainda que os botões sejam translúcidos) possa, de alguma forma, limitar a concentração do repórter, comprometendo, por exemplo, a acuidade no enquadramento. Da mesma forma, o Ninja tem a atenção difusa para o *chat*. A depender da transmissão, o número de *webespectadores* pode ser grande e, conseqüentemente, proporcional à quantidade de intervenções/postagens no bate-papo. Há transmissões, por exemplo, com milhares de *posts*.

Parece ser, então, muito difícil para um (ou mais) Ninja(s) acompanhar(em) e responder(em) essas menções em tempo e a contento, ainda mais ao considerarmos que o repórter tem apenas o espaço de alguns centímetros para ler o que foi veiculado pela audiência. Apesar de poder utilizar a barra de rolagem¹⁸¹, esta acaba por ser mais uma demanda ao longo da transmissão, para a qual o(s) Ninja(s) deve(m) dedicar atenção, dando (ou, no mínimo, dividindo) uma orientação para o que acontece no entorno.

O que também pode efetivamente comprometer a qualidade das imagens que o *webespectador* recebe são os aspectos relacionados à câmera do celular. Como se infere, quanto maior a taxa de *megapixels* proporcionalmente, melhores também são as imagens produzidas pelo equipamento. No caso do Mídia Ninja, esta vai desde os 3.15mp de Dênis Nacif em Minas Gerais, até aos 16mp de Vidigal no Rio de Janeiro. No entanto, não apenas esse aspecto determina a qualidade pictórica, que não precede à existência de um bom sensor de captação – com boa sensibilidade à luz (ISO) –, além da lente do aparelho e a distância focal. No entanto, boa parte dessas informações sequer está disponível nos *sites* das fabricantes.

Assim, a se considerar apenas o indicador disponível acima, poderíamos dizer que a resolução do registro pode influenciar negativamente na qualidade do material que é recebido pelo *webespectador* quanto mais baixa for a resolução. Aspectos como a profundidade das

¹⁸⁰ Parece claro, mas é bom reforçar que esses elementos não aparecem para o *webespectador* na tela de visualização dele.

¹⁸¹ Entrando um pouco nos aspectos do aplicativo, o Ninja pode escolher o tamanho da fonte dos textos dos internautas (que vão de 11 até 20). Na FIG. 22, utilizou-se o padrão, fonte 13.

cenas podem também ser limitados se o Ninja estiver muito distante do objeto filmado. Nesse sentido, o dispositivo técnico implica uma aproximação, quase obrigatória, do repórter em relação ao fato narrado ou descrito. Do contrário, muitas vezes o *webespectador* só terá como valor de verdade a palavra do midiativista, o que não é a condição na métrica das mídias audiovisuais.

Porém, o que chama mais a atenção é a resolução de vídeo das câmeras. A maioria dos celulares do Mídia Ninja registra em HD (apenas dois não), padrão de qualidade de resolução e nitidez de imagens empregado amplamente nas produções de vídeo atualmente.

Temos como intento, então, chamar a atenção aqui para uma forma de ver do internauta. Fahle (2006) e Soulages (2002) já alertavam para um olhar do telespectador que veio sendo amalgamado pela transformação das imagens e pela tecnologia ao longo do tempo, e encontrou no brilho da pequena tela o auge. Assim, como é que esse mesmo sujeito seria captado e se manteria cativo a uma produção que apresentaria qualidade técnica infinitamente inferior, inclusive hoje, ao que vem sendo paulatinamente melhorado nos televisores? Já chamávamos a atenção há quatro anos:

Hoje os televisores são de CRT, LCD, LED, Plasma, com entrada USB, em HD (até *full*), convergente (acesso à internet), *touch screens* e com *screens* invisíveis. Siglas, expressões – a maioria de origem inglesa, que revelam modelos, opções, transformações. Em relação ao radical *vision*, o aparelho tem cada vez mais qualidade, cor, brilho, resolução, saltando aos olhos até em terceira dimensão. (BRAIGHI, 2012, p. 28).

A pergunta anterior talvez possa ser (parcialmente) respondida em seções porvindouras de análise desta tese. *A priori* é importante, porém, ressaltar essa inter-relação que enxergamos como uma restrição prevista de um contrato que parece ter sido assinado (e é cotidianamente atualizado) pelos (*web*)espectadores, menos com as mídias audiovisuais em geral, e mais diretamente com o Mídia Ninja. Apesar de a contradição estar posta, o sujeito que acompanha esse coletivo sabe que existe um determinado tipo de qualidade de resolução que advém de uma condição técnica, não diríamos inferior, mas diferente de outros meios (tal qual é a do cinema para a TV – o que sinaliza uma característica e não um valor).

A dificuldade, porém, não está só na resolução das imagens ou na qualidade do áudio. Há ainda a limitação com os recorrentes travamentos ao longo de uma cobertura. Isso normalmente se dá, senão por problemas na plataforma, no próprio sinal de transmissão do *smartphone* do Ninja; quanto mais fraco, menor será a condição de transferência dos dados para o *Twitcasting* e, por conseguinte, para os internautas que o acompanham. Acerca das

frequências e dos planos de dados utilizados pelos Ninjas, percebemos uma preferência pelo plano 3G, que, à época, já tinha sido ultrapassado pelo 4G¹⁸² – que há pouco entrava em atuação no país (sobretudo com vistas à realização da Copa do Mundo de Futebol)¹⁸³.

As quatro principais operadoras utilizadas pelos Ninjas eram Claro, Vivo, Oi e TIM (essa última quase sempre no plano Beta, que oferta tarifas menores, pré-pagas)¹⁸⁴. Entre elas, boa parte no sistema pós-pago, o que garantia uma qualidade de sinal melhor em razão de um plano de dados já adquirido. Havia, no entanto, segundo entrevistas com os repórteres (realizadas pelo autor da tese), também a utilização no sistema pré-pago, o que limitava um pouco a boa condução dos trabalhos. Na mesma medida, quando a franquia dos planos pós-pagos¹⁸⁵ se encerra, há um prejuízo automático na qualidade do sinal, já que a velocidade de transferência de dados para *web* é drasticamente diminuída pela operadora.

A equipe do Rio de Janeiro, em especial, passou a ter, ao menos desde 2014, um roteador portátil com banda larga 4G. O aparelho aumenta consideravelmente a qualidade do sinal dos Ninjas na rua e permite, inclusive, que a frequência seja dividida com outras pessoas. É o que aconteceu, por exemplo, no dia 13 de julho, quando Filipe Peçanha repartiu o sinal do aparelho que carregava na mochila com o midiativista Vidigal.

Há uma condição de dispositivo que é mais ampla, verticalizada, e parece longe da possibilidade de intervenção dos Ninjas: a velocidade de banda larga no Brasil é uma das piores do mundo. Segundo relatórios de empresas especializadas, em 2014, e ainda em 2015, o país ocupava a 90ª posição em um *ranking* de nações com *Internet* mais rápida. Enquanto nós temos uma celeridade média de acesso de 3,6 Mbps, os americanos, que tampouco são os primeiros da lista (aparecem apenas em vigésimo), tem 11,7 Mbps (a Coreia do Sul é a líder, com 23,1 Mbps) (BELSON, 2015).

E, quando se fala em velocidade média de acesso à banda larga móvel no Brasil, a situação é ainda pior. A agilidade de nossa *Internet* em aparelhos como *smartphones*, durante

¹⁸² O G nessas siglas se refere à geração, e o numeral, a escala de desenvolvimento. Nesse sentido, no Brasil hoje já se pode utilizar a quarta fase tecnológica de telefonia celular, com melhor qualidade de sinal e velocidade, além de uma ampla gama de serviços que podem ser condicionados a aparelhos eletrônicos do gênero.

¹⁸³ Durante a Copa do Mundo, os Ninjas utilizaram também a frequência 4G com o plano de dados da operadora Claro. Não obstante, isso não seria possível com parte dos aparelhos do coletivo, já que alguns deles não funcionam nessa faixa.

¹⁸⁴ Haveria ainda a possibilidade de utilização do Wi-Fi nos aparelhos. Para tanto, seria necessário encontrar uma rede aberta e disponível. O que aconteceu em 2013, segundo relatos dos Ninjas, porém não foi possível durante a Copa do Mundo de 2014. O inverso também pode ocorrer; conforme se ouviu na transmissão de Filipe Peçanha no dia 13 de julho, em que ele dividiu o sinal do celular com outro Ninja, Vidigal, e ainda se colocou à disposição para fazer o mesmo para uma midialivrista de outro coletivo.

¹⁸⁵ Alguns planos são pagos pelos próprios Ninjas (abertamente declarado, por exemplo, por Cláudia Schulz em uma transmissão em Porto Alegre) e outros por intermédio do caixa comum das casas Fora do Eixo.

a Copa do Mundo de 2014, ficou na média de 1,5Mbps¹⁸⁶. Esses números apontam para uma baixa qualidade de transmissão e recepção dos dados da cobertura (influenciando na resolução das imagens, por exemplo) dos Ninjas em um contexto tecnológico que está para além do controle deles. É nessa seara que faz sentido a afirmação de Adão (2006, p. 20) quando diz que “[...] pode-se mesmo afirmar-se que, não obstante os enormes desenvolvimentos técnicos ao nível da compreensão e codificação da informação, é a largura de banda que, em última análise, condiciona o sucesso do *streaming*”¹⁸⁷.

Trocando de tema, é importante falar da duração das baterias dos aparelhos. Segundo informações dos fabricantes, totalmente carregados os *smartphones* utilizados pelos Ninjas podem se manter ligados entre (não é garantido) cinco e até quinze horas em uso constante. Isso, com transferência de dados no modo 3G (frequência utilizada amiúde pelos midiativistas), o que parece ter sido, em geral suficiente para as transmissões, não impactando na dinâmica dos repórteres¹⁸⁸.

Ao longo de uma mesma transmissão, os Ninjas podem trocar de aparelhos. Basta encerrar uma determinada *live* e retomá-la a partir de outro celular. Como exemplo, em Belo Horizonte, no dia 12 de junho, houve várias mudanças. O primeiro repórter, Fred Porto, utilizou nos primeiros vídeos um Iphone 4S. É possível ouvi-lo dizer, ao final da quinta parte do dia, que precisaria “dar uma saída; se alguém quiser pegar”.

Em seguida, Karinny Magalhães responde que ela poderia dar continuidade, indicando que já estaria com o *smartphone* dela a postos. Assim, Porto encerra a transmissão, que é logo reaberta pela Ninja, dessa vez com um Motorola XT1033 que apresentava muito travamento de imagem e áudio. A qualidade da transmissão só voltaria a ficar boa no último vídeo, quando a repórter fez nova troca de aparelho, desta feita utilizando um Samsung GT-S7392L. Vale observar, conforme os quadros descritivos, que o primeiro *smartphone* tem qualidade de resolução de câmera e de gravação muito superior ao segundo, indicando que, se o sinal de

¹⁸⁶ Segundo dados da companhia Teleco, formada por diversos profissionais das telecomunicações, que alimentam e atualizam informações correlatas constantemente. Disponível em: <<http://goo.gl/h2zAQq>>. Acesso em: 26 set. 2015.

¹⁸⁷ Sobre largura de banda, o autor explica que ela é a “[...] designação normalmente atribuída à capacidade de um circuito, no que respeita à velocidade de transmissão de dados.” (ADÃO, 2006, p. 125) e “[...] normalmente medida em bits por segundo (bps), considera-se largura de banda a capacidade de transmissão de dados de uma ligação à internet.” (ADÃO, 2006, p. 28).

¹⁸⁸ Não obstante, em entrevistas realizadas pelo autor deste trabalho com repórteres do Mídia Ninja, verificou-se que alguns deles fazem uso de carregadores externos de bateria como precaução à falta de carga. Além disso, o Ninja Dênis Nacif informou que eles procuram sempre levar os cabos dos telefones consigo; em emergências, fazem a recarga em pontos de energia que encontram pelo caminho e/ou até diretamente em *notebooks* deles ou de outros colegas midiativistas.

Internet não é bom, pouca diferença fazem as características dos aparelhos, conforme já apontávamos acima¹⁸⁹.

O pronome possessivo utilizado no parágrafo anterior foi assim posto para indicar o aparelho que estava com Karinny, não significando que seja realmente dela. Pode até ser que seja, mas o que queremos destacar aqui é não só o caráter colaborativo entre (mídia)ativistas, mas até a vinculação à casa Fora do Eixo. Nessa residência coletiva, mais especificamente a de Belo Horizonte, há um compartilhamento de alguns bens que podem ser utilizados por todos os moradores – incluindo os celulares.

No entanto, nas transmissões do Rio de Janeiro, Filipe Peçanha sempre utiliza um Iphone 4s. Em uma das transmissões dele, mais especificamente quando foi preso no dia 20 de junho, ele alerta que não queria deixar o aparelho com os policiais, pois no celular havia dados pessoais/particulares. Chamamos a atenção para esse ponto, pois ele pode guardar uma relação direta com o tempo de transmissões de um Ninja. No caso desse repórter, ele é o que faz as coberturas mais longas e o único que podemos inferir, com maior certeza, que utiliza o próprio celular. Nesse mesmo dia em destaque, enquanto Filipe estava preso, a transmissão foi reassumida por Carlos França, com um Iphone 5.1.

Vale fazer também uma observação sobre a transmissão realizada de Fortaleza, no Ceará. Lá o Ninja Felipe Altenfelder tentou, sem muito sucesso, empreender a cobertura dos preparativos para o jogo entre Brasil e Colômbia. Foram três vídeos curtos, sendo que nos dois primeiros ficam nítidas as dificuldades em manter o sinal. Nesse dia, Felipe utilizava aparelho com a tecnologia mais recente entre todos os que o coletivo usou ao longo da Copa do Mundo, não sendo capaz de empreender os registros a contento.

Gostaríamos de expor mais uma última particularidade do dispositivo técnico do Mídia Ninja. Os *smartphones*, em geral, são muito suscetíveis aos ruídos, sejam eles externos ou captados pelo próprio movimento do aparelho. A questão sonora, então, aparece como uma particularidade do registro com celulares. Os Ninjas devem, então, procurar, sempre que possível, por exemplo, em entrevistas, bloquear o vento, encontrar áreas do protesto com menor proeminência de som e aproximar o aparelho do entrevistado a uma distância que permita uma boa gravação do áudio sem que ele estoure (normalmente 30 centímetros)¹⁹⁰.

O problema é que, muitas vezes, conseguir fazer todas essas orientações funcionarem é complicado, pela falta de instrumentos de monitoramento (fones de ouvido), pelos

¹⁸⁹ Os Ninjas de Minas Gerais, aliás, são os que mais fizeram esse câmbio de aparelhos ao longo da Copa do Mundo, basta verificar a tabela e observar quantas vezes os nomes de Karinny, Fred e Dênis aparecem.

¹⁹⁰ Informações obtidas em um tutorial da *Witness* sobre como gravar com celular e de indicações do repórter Neal Augenstein. Disponível em: <<https://goo.gl/1JAP7y>> e <<https://goo.gl/jfrohK>>. Acesso em: 25 set. 2015.

movimentos corporais do arguido, pela efervescência da manifestação e por outros motivos. Assim, em tantas oportunidades, ou o registro sonoro fica ruim ou há um impacto na imagem (a aproximação demasiada para conseguir registrar a voz do entrevistado pode gerar um enquadramento muito aproximativo, num *close-up* desnecessário que não permitiria ver o rosto e as expressões do respondente).

5.2.2 *Twitcasting*

Quando o Mídia Ninja começou a usar nosso aplicativo, o pico foi extremo. No auge, nós tivemos 300 mil visitas diárias; só por causa do Mídia Ninja. (Yoshi Yanagida)¹⁹¹.

Entre 2011 e 2013, o Mídia Ninja utilizava preferencialmente, para as transmissões ao vivo, o site *Ustream*¹⁹². Normalmente, as coberturas realizadas em tempo real eram assistidas, porém, por meio do sustentáculo de exibição no *site* da Pós-TV¹⁹³. Foram tão-somente nas chamadas Jornadas de Junho (2013) que o Mídia Ninja passou a se utilizar do *Twitcasting* como principal suporte de veiculação¹⁹⁴.

Trata-se de uma plataforma para realizar transmissões a partir de um *smartphone* (ou aparelhos com funcionalidades análogas) ou mesmo de um PC. Da mesma forma, os internautas também podem assistir às comunicações diretamente de um computador – acessando o *site* <http://us.twitcasting.tv/>, ou baixando um aplicativo específico para celular chamado *Twitcasting Viewer*.

O serviço de *broadcasting* (um para muitos) foi desenvolvido pela jovem¹⁹⁵ empresa japonesa Sidefeed¹⁹⁶, especialista em soluções tecnológicas. A plataforma foi lançada na Ásia

¹⁹¹ Analista do *Twitcasting*, em depoimento ao documentário “Levante!”, do *Canal Futura*. Disponível em: <<https://goo.gl/gPrQc3>>. Acesso em: 01 out. 2015.

¹⁹² Ver <http://www.ustream.tv/channel/pos-tv>.

¹⁹³ Ver <http://postv.org/>.

¹⁹⁴ Vale observar que a Pós-TV não é de uso exclusivo do Mídia Ninja. Ela é definida como “[...] um projeto colaborativo que surgiu a partir de manifestações populares com o desejo de ecoar pensamentos e ações. É uma plataforma midiativista de transmissão ao vivo que em 2013 ganha ainda mais força com adesão de dezenas de novos parceiros. Aliada ao Grito Rock, a plataforma atua em conexão com os pontos produtores em cada cidade, transmitindo ao vivo via internet os shows e demais ações locais.” (FORA DO EIXO, 2013, p. 3). Ainda em pleno funcionamento, agrega transmissões em tempo real e programas gravados que não são sustentados pelo *site* (mas por plataformas como *Youtube*, *Ustream*, *Twitcasting*, etc.), mas apenas exibido por ele. Assim, a Pós-TV não funciona como servidor.

¹⁹⁵ Fundada em agosto de 2005.

¹⁹⁶ Em fevereiro de 2012, a Sidefeed criou a Moi Corporation, uma empresa do grupo responsável por cuidar exclusivamente do *Twitcasting*, expandindo a margem de usuários e aprimorando a plataforma.

em 2010, prometendo ofertar um suporte de transmissão de áudio e vídeo com latência¹⁹⁷ zero¹⁹⁸. Para tanto, tinha duas referências: *lives* (transmissões) a serem realizadas por Iphones e vínculos com contas do *Twitter*, o que assegurava um universo de possíveis usuários dos quais poderia se aproveitar, e de uma tecnologia da qual tinha maior conhecimento – o que, de certa forma, também a (de)limitou, no início, a um público-alvo.

O *Twitcasting* utiliza uma tecnologia chamada *streaming*. Em linhas gerais, assim ele possibilita:

[...] a transmissão de conteúdo multimídia sobre redes de pacotes de largura de banda reduzida e com reprodução em tempo real. O objetivo do streaming é estabelecer um método de entrega de um conteúdo para um determinado usuário em uma rede, e o aspecto básico da tecnologia é que a mídia é reproduzida a medida que os pacotes que a contém são recebidos, sem a necessidade de aguardar a transmissão de todo o arquivo. (RAABE; CANAN, 2004, p. 3).

O problema se dá quando esses pacotes não chegam na mesma velocidade ao intermediador (*Twitcasting*) e, por conseguinte, ao cliente (*webespectador*), ou mesmo quando sequer efetivamente são visualizados por essa outra ponta. Assim, podem existir dois tipos de travamento de áudio e vídeo, aquele relacionado ao atraso maior do que o previsto na espera para o processo de sincronização e criação de uma memória temporária (*buffer*) dos arquivos transmitidos, e outro que é quando essa memória não consegue ser produzida, deixando buracos na linha sequencial de uma transmissão (ADÃO, 2006).

Esses vazios na cronologia da cobertura podem ser só de áudio, apenas de vídeo, ou dos dois simultaneamente. Como já havíamos dito antes, isso pode ser causado tanto pelo sinal de emissão dos Ninjas, por problemas na plataforma e até, muito embora em menor grau, pela qualidade da rede do internauta.

Voltando a falar do *Twitcasting*, o aplicativo ficou famoso no Japão depois que um conhecido comediante, Yosuke Akamatsu, passou a utilizá-lo. Na sequência, um sem-número de jovens começou a aderir à plataforma na região. Em novembro de 2014 o serviço chegou à marca de 100 milhões de transmissões já realizadas. Pouco tempo depois, em abril de 2015, atingia a quantidade de 10 milhões de usuários em todo o mundo – principalmente no

¹⁹⁷ Grosso modo, entende-se pelo tempo que uma mensagem demora entre a saída de um ponto (emissor – celular – Ninja) até o outro (receptor – computador – *webespectador*).

¹⁹⁸ A plataforma era anunciada, inclusive, como um avanço frente a outras já existentes no mercado, como a USTREAM: “Unlike USTREAM or other live broadcasting service, TwitCasting Live is more focused on mobile and real time communication with “ZERO latency technology” and “Twittering while broadcasting” feature. We are planning to add more unique features on TwitCasting Live service.” Disponível em: <<http://goo.gl/pdBVjx>> Acesso em: 29 abr. 2015.

Japão¹⁹⁹, Brasil (em segundo lugar), México e outros países da América Latina. Segundo dados da Moi Corporation, a maior parte do público do *Twitcasting* atualmente é formada por adolescentes e jovens de até 25 anos²⁰⁰. Como *Twitcasters* (nome dado aos membros dessa plataforma que produzem conteúdo), tem-se, segundo a caracterização dos desenvolvedores, “[...] celebridades, cantores e músicos [...] jornalistas de rua como o Mídia Ninja que cobrem protestos [...] políticos, professores e pessoas que querem simplesmente compartilhar momentos da vida com amigos”²⁰¹.

O público brasileiro é reconhecido pelos articuladores do *Twitcasting*. De acordo com Yoski Akamatsu, diretor-executivo e fundador da Moi, “[...] levamos 1.684 dias para alcançar 50 milhões de transmissões, mas apenas 169 dias para dobrar esse número, o que reflete nosso acelerado crescimento global e, particularmente, no Brasil.”; esse feito teve início, segundo um cálculo simples, em junho de 2014, mês de realização da Copa do Mundo de Futebol – recorte de análise desta tese.

Segundo informações da Moi Corporation, são mais de um milhão de brasileiros participando da comunidade do *Twitcasting* e “[...] o crescimento inicial [do número de participantes do país] foi impulsionado por usuários como Ivete Sangalo e o grupo de jornalismo cidadão Mídia Ninja”. Parte desse crescimento exponencial, a companhia atribui também à constituição de uma plataforma simples e leve, que permite bom desempenho dos aplicativos, funcionalidade na produção e facilidade na visualização.

No *Twitcasting*, conforme já fora mencionado, o Mídia Ninja apresenta seis canais oficiais. Estamos chamando de canal aqui uma conta, seguida da configuração de perfil, que pode ser criada na referida plataforma. Consideramos como oficiais também tão-somente aqueles que estão mencionados no *site* do coletivo na *Internet*, correspondentes a um geral (midianinja, ao qual normalmente, aqui, iremos nos referir como MN) e a outros cinco estados brasileiros (MG, PA, RJ, RS e SP).

Localizamos nossa análise nesses seis canais, mas não deixamos de mencionar que existem tantos outros no *Twitcasting* com a marcação “ninja” no perfil, tal como as contas

¹⁹⁹ Muito provavelmente, em razão de o *Twitcasting* ter origem neste país. Em entrevista realizada por *e-mail* com o autor desta tese, o brasileiro Juliano Dellamea, gestor de Comunidades do *Twitcasting* (atuando em San Francisco, na Califórnia, EUA), indica que no Japão a plataforma é “[...] bem difundida na esfera política”. Contudo, lá parece ter seguido um caminho inverso ao do Brasil. “Um grande partido usou o *Twitcasting* para comunicar-se com os eleitores. Desde então muitos partidos políticos também aderiram ao aplicativo”.

²⁰⁰ No entanto, em contato feito com a Moi Corporation pelo autor deste trabalho, foi fornecido um gráfico com dados de setembro de 2014, dois meses após a Copa do Mundo, que apresenta a idade do público do *Twitcasting* especificamente no Brasil. Segundo informações oficiais, 40% têm entre 18 e 24 anos. Já a segunda faixa é a de pessoas com mais de 65 anos, cerca de 1/3 do total, muito próximo do público principal. A terceira faixa de idade, com 10%, é a de internautas com 35 a 44 anos.

²⁰¹ Disponível em: <<http://goo.gl/UqQ5vm>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

“BlackNinjaRJ”, “CazuNinja”, “PeixeNinjaSP”, “NinjaLivre”, entre outros, todos com a perspectiva de transmissão de manifestações populares diversas. Nossa escolha se dá na tentativa de realizar um recorte espacial coerente. Contudo, sabemos que um mesmo Ninja pode transitar nos mencionados canais (entre os oficiais e os extras) e igualmente pode acontecer com a audiência – além do comportamento multitelas.

No dia 14 de junho, por exemplo, durante uma manifestação em Belo Horizonte, o Ninja Dênis Nacif iniciou a transmissão no canal MG e depois passou para o MN. O mesmo aconteceu com Alex Demian, em São Paulo, quando migrou da conta de SP para o MN, na cobertura da “Plenária pela libertação dos presos políticos”. Essa estratégia, particularidade do dispositivo, permitiria aos Ninjas darem mais conhecimento das transmissões deles ao acessarem o perfil geral do coletivo (mais conhecido, divulgado, com maior número de seguidores)²⁰².

Não haveria (imaginamos), entretanto, uma preocupação tão grande com a audiência que já os acompanhava no primeiro canal. Existiria a hipótese de que o público, exatamente pelo caráter fluído da *Internet* e pela ampla divulgação acerca da cobertura, passaria naturalmente para o acompanhamento na outra conta (na principal – isso é, falamos especificamente de um processo ascendente em termos de representatividade do perfil). Aliás, já vale a menção de que o *chat* do *Twitcasting*, ao longo de uma determinada transmissão, contabiliza a postagem de vários *links* de *streamings* de protestos pelo Brasil (sejam eles do mesmo evento exibido ou de outros, seja de canais oficiais do Mídia Ninja ou não, incluindo os de outros coletivos midiáticos), o que indica a citada dinâmica multitelas do internauta ou mesmo o interesse transitório dele²⁰³.

Acerca dos aspectos técnicos, durante a Copa do Mundo, as transmissões eram realizadas em qualidade de vídeo de 240p²⁰⁴. Com uma nova atualização (realizada em novembro de 2014), o *Twitcasting* passou a incluir transmissões em alta qualidade (480p) e a poder reproduzir vídeos em HD para os usuários mais bem nivelados e ranqueados na

²⁰² Vale observar ainda que alguns Ninjas têm também os próprios canais deles, assinados não apenas com a alcunha Ninja, mas com o nome dos sujeitos – como é o caso de Fred Porto, por exemplo (ver <<http://goo.gl/tBECzo>>. Acesso em: 26 set. 2015). Eles, inclusive, quando não estão transmitindo, podem acessar os *chats* de outras coberturas para comentá-las – o que aconteceu com certa frequência durante a Copa do Mundo de 2014.

²⁰³ Vale acrescentar que o próprio *Twitcasting* faz, por meio da semântica da *web* 2.0, a indicação de conteúdos análogos ao assistido para o internauta. Aliás, a própria página inicial da plataforma apresenta um conjunto de transmissões. Por ali mesmo, o usuário pode, inclusive, encontrar transmissões de coletivos e midialivristas que porventura nem conhecia antes.

²⁰⁴ Grosso modo, 240 representa o número de linhas de resolução de uma imagem em uma tela. A letra “p” significa “varredura progressiva” – o tipo de técnica utilizada para montar o conteúdo (o conjunto das linhas) em uma tela. 240p, no entanto, representa um dos mais baixos índices de qualidade de resolução. Novamente, então, reforçamos a questão do olhar do *webespectador* tratada anteriormente.

plataforma (basicamente, quanto maior for o número de *lives* realizadas, de acessos, comentários e duração das transmissões, maior será a posição do internauta no *ranking* e nos níveis do *site*). Particularidades condicionantes do dispositivo, pouco manipulável pelos interlocutores, no que concerne à qualidade do material que será transmitido pelo Ninja e recebido pelo *webespectador*.

Ainda sobre os aspectos técnicos, o *Twitcasting*, na lista de perguntas frequentes, alerta para o fato de que pode haver limitações quanto à acessibilidade de audiência e transmissão, a depender da versão de programas utilizados (como o *Flash Player*), e de entraves de portas pelos antivírus e *firewalls*, o que pode ser um obstáculo, caso o usuário não tenha tais conhecimentos de informática para adaptar o computador ou celular dele às demandas da plataforma.

Sobre as transmissões, uma vantagem, segundo os desenvolvedores, é que o “[...] aplicativo se ajusta automaticamente à qualidade da rede de Internet, reduzindo a necessidade do uso de um grande volume de dados, caso necessário. Usuários podem transmitir e gravar vídeos sem se preocupar com a perda de qualidade”. Esta é uma funcionalidade que desobrigaria o Ninja de uma atenção técnica maior, permitindo que ele foque, então, nas demandas correlatas diretamente à transmissão/cobertura.

Conforme foi dito anteriormente, o *Twitcasting* baseia-se no *Twitter*, do qual herdou, provavelmente, uma característica de rede social. Por mais que qualquer pessoa possa simplesmente passar pela plataforma (apenas assistir a uma determinada *live*, sem realizar *login*), a Moi Corporation vem inserindo particularidades na ferramenta de modo a manter os usuários cativos. Nesse sentido, pode se ter tanto uma rede social efêmera, constituída tão-somente no momento mesmo de uma determinada transmissão, quanto em uma troca mais ampla, baseada no envolvimento constante daqueles que fazem parte do *Twitcasting* de modo mais presente.

Começamos falando do *chat* que está disponível na plataforma; por meio dele, podem ser feitos comentários de, em média²⁰⁵, 93 caracteres durante (e após) às transmissões. Esses *posts* podem ser enviados também diretamente para o perfil dos internautas em redes sociais *on-line*, tais como *Facebook* e *Twitter*, ampliando a margem de conhecimento do que está sendo discutido e alargando a audiência. Para comentar, no entanto, é preciso fazer um *login*. Por mais simples que ele seja já é uma primeira constituição de vínculo. Ele pode ser feito

²⁰⁵ O número de caracteres disponíveis varia de acordo com o nível em que o *Twitcaster* está na plataforma.

ainda diretamente da conta do *Twitter*, e também da do *Facebook*, caso o novo usuário tenha perfil nessas redes e assim deseje.

Com *feedback* do *webespectador pari passu* à transmissão, o Ninja pode responder, na própria apresentação/locução, aos possíveis questionamentos, solicitações, críticas e até elogios. Essa resposta refere-se não apenas à literalidade do ato verbal, mas à ação com um enquadramento de câmera ou a uma determinada abordagem ou investida do ativista-repórter, entre outras ações.

Nesse sentido, estabelecer-se-iam dois processos comunicativos complexos, paralelos e cíclicos na transmissão: o primeiro, fundante, monolucativo, no sistema “um para muitos” (*Ninja-Webespectadores*), pré-validado. Um segundo, de resposta, retroativo, composto, monolucativo, no sistema “muitos para um” (*Webespectadores-Ninja*). O primeiro, entretanto, age diretamente sobre a constituição do segundo, podendo ser influenciado por ele, regulando-se e conformando-se, apesar de novamente ter condições de fazer girar o ato – negociando e agenciando estratégias diversas. O segundo, na própria composição, é, de um lado, o sentido essencial de autointeração (entre os internautas) e, de outro, resultado de intentos diversos e isolados dos partícipes do *chat*, ambos gerando os efeitos distintos e múltiplos sobre a transmissão e se constituindo sob a dinâmica dela. Não estaríamos falando, afinal, de interlocução?

Isso para nos referir apenas aos processos comunicativos que se estabelecem a partir da plataforma em questão. Como dito anteriormente, tanto o Mídia Ninja, quanto os respectivos seguidores têm à disposição um grande número de redes sociais *on-line* a partir das quais podem multiplicar, discutir, questionar ou endossar a dinâmica do acontecimento enquadrado e o próprio enquadramento midiático.

O repórter-Ninja pode fazer a condução de uma determinada transmissão sem se preocupar com a interação com a audiência. No entanto, observamos que, por meio das trocas provenientes entre dois suportes distintos (mas, justapostos), locução em vídeo x plataforma de bate-papo, Ninjas e *webespectadores* autoinfluenciam-se, e as coberturas tendem a ser maiores e mais ricas em conteúdo e interatividade.

Como recorte, temos, por exemplo, as milhares de postagens na transmissão dos Ninjas durante a Copa do Mundo. Esse espaço mostrou-se acessível e democrático, no sentido de possibilitar a qualquer pessoa, independentemente da orientação política e/ou ideológica, por exemplo, evidenciar a posição e a opinião dela. No entanto, as discussões com opositores a um determinado pensamento poderiam (como se mostraram, em alguns casos) ser ferrenhas,

com a utilização, não dificilmente de ser ver, de ofensas pessoais – o que não consiste como a maioria dos casos²⁰⁶.

Quando há ofensas, se desejarem, os Ninjas podem intervir, ora na reprimenda na locução e até, quando cabível e possível (diante das condições do momento da transmissão), na supressão do comentário no bate-papo. Algumas discussões nos *chats* rendem mais do que se espera. Os tensionamentos, então, parecem ser recorrentes, ora entre os *webespectadores*, ora pela própria intervenção direta dos Ninjas. Nesse sentido, a performance dos repórteres, por vezes, atua como agenciadora de sentidos que estimulam a reflexão e a discussão nos *chats*, repercutindo, inclusive as questões que advêm do bate-papo.

É interessante observar que os Ninjas também podem digitar e mandar mensagens no *chat*. Isso poder ser feito do mesmo celular do qual ele transmite – apesar de parecer um tanto complicado agenciar tantas tarefas e de ser mais fácil para o repórter apenas falar. Contudo, a mesma conta pode ser acessada por mais de uma pessoa. Assim, dois midiativistas podem utilizar o mesmo perfil simultaneamente: um transmitindo e o outro apenas respondendo, por exemplo, direto de um PC em um outro ponto da cidade (ou do mundo). Ressaltamos esse mote, pois ele aparece em algumas transmissões do coletivo durante a Copa do Mundo, apesar de com rara frequência.

Como não é possível saber quando se iniciará uma nova transmissão, pode-se seguir os perfis dos *Twitcasters* favoritos. Uma funcionalidade, então, é receber notificações sempre que o perfil acompanhando começa uma nova *live*. Isso pode se dar a partir da instalação de um aplicativo no celular ou de um programa no computador. Além de seguir, o interessado pode ser torcedor²⁰⁷ de algum perfil, o que significa a afinidade dele com as transmissões realizadas por aquele canal.

Quanto maior for o número de torcedores de um *Twitcaster*, melhor será a posição deste no *ranking*²⁰⁸ e no nível²⁰⁹ da plataforma, o que dará a ele ainda mais funcionalidades dentro do *Twitcasting*. Em resumo, isto para dizer que ainda que a audiência seja significativamente inferior a, por exemplo, de um veículo de comunicação de massa, ela não é totalmente efêmera e pode guardar com a mídia independente uma aproximação maior.

²⁰⁶ Uma análise mais refinada dos usos do *chat* será realizada em seção posterior desta tese. Nesse momento, empreendemos apenas alguns breves comentários para apresentação do potencial da ferramenta.

²⁰⁷ O Mídia Ninja MG, objeto deste (sub)recorte, tinha, em abril de 2015, 135 torcedores.

²⁰⁸ O Mídia Ninja MG, aparecia, em abril de 2015, na 91ª posição do *ranking* de maior audiência do *Twitcasting*. O canal principal dessa mídia independente estava em segundo lugar geral na mesma época. Porém, quando a categoria é a de visualizações totais, o Mídia Ninja aparece com as três primeiras posições. O perfil principal tinha, no dia 30 de abril de 2015, 1,5 milhão de visualizações. Já o Mídia Ninja MG aparecia, neste mesmo dia, na 68ª posição.

²⁰⁹ O nível do Mídia Ninja MG no *Twitcasting*, em abril de 2015, era 33.

Outra forma de demonstração de vínculo e relacionamento dos *Twitcasters* com a audiência é a continuidade da transmissão a partir do endosso do *webespectador* por meio do depósito de moedas. A metáfora constitui-se da seguinte forma: cada usuário da plataforma começa a utilizar a mesma com uma quantidade de moedas/pontos que o permite acessar um conjunto de funcionalidades no *Twitcasting*. Cada ação exige a disponibilidade de um respectivo número de moedas. Entre as opções, o internauta pode conceder moedas a uma *live*, de modo que ela não se encerre com 30 minutos (tempo inicial previsto). Com cinco depósitos, a transmissão estende-se por mais meia hora, e assim sucessivamente até completar o tempo máximo, ininterrupto, de 4 horas.

Caso uma transmissão encerre-se por atingir o tempo máximo (30 minutos, sem o depósito de moedas dos *webespectadores*, ou 4 horas consecutivas), a cobertura pode ser retomada com uma nova *live*. Entretanto, o tempo de retomada pode ser vagaroso, a depender de quem está na condução da atividade. Isso, de alguma forma, inferimos, limita a audiência cativa de um internauta, na medida em que há uma quebra da sequência de uma narrativa. Percebe-se isso ao constatar as variações no número de *webespectadores* ao longo da cobertura no dia 12 de junho, por exemplo, o que é recorrente.

Verificamos, ao analisar todas as *lives* realizadas pelo Mídia Ninja ao longo da Copa do Mundo, que, de fato, nenhuma delas atingiu as 4 horas ininterruptas²¹⁰. No entanto, com vídeos alternados, chegaram até às 6 horas e 50 minutos²¹¹. O *Twitcasting* apresenta o número de visualizações (pessoas que passaram pela transmissão de uma *live*) e a maior audiência simultânea registrada. Vê-se, na TAB. 5, a variação que se dá sempre que uma transmissão é encerrada e depois retomada.

Observa-se que, apesar de termos feito uma média do tempo de cada transmissão (20 minutos e 12 segundos), sete delas sequer atingiram esse período. Inferimos, a partir das análises e de entrevistas com os repórteres, que isso se deu em razão das constantes quedas de sinal e perda da consecução das *lives*. O nível baixo de sinal da *Internet* parece, por diversas vezes, ter acentuado ainda as condições de exibição; em muitos casos as imagens travavam e o áudio dos repórteres desaparecia (apresentando baixa taxa de transferência de dados, o que impactava no índice de *frames* por segundo). Os problemas com o aparelho celular, e as próprias complicações com sinal para (re)acesso à *web*, podem ser um dos complicadores para

²¹⁰ As três maiores, e as únicas a passar de 3 horas de realização, foram articuladas pelo Ninja Filipe Peçanha no Rio de Janeiro. A maior delas aconteceu na cobertura dos protestos do dia 17 de junho de 2014, com um total de três horas e cinquenta e seis minutos (ininterrupta).

²¹¹ Cobertura, com oito *lives*, também realizada por Filipe Peçanha, no Rio de Janeiro, no dia 13 de julho de 2014 – data da final da Copa do Mundo de Futebol.

a não gravação das *lives*, impossibilitando recuperá-las *a posteriori* (ainda que esta, muitas vezes, seja apenas uma opção do Ninja em meio a uma cobertura, priorizando armazenar apenas aquelas que ele considere como de maior relevância).

Tabela 5 – Lives realizadas no dia 12 de junho em Belo Horizonte

Live	Tempo	Visualizações	Maior Audiência	Registro Gravado
1	00:30:01	141	27	Sim
2	00:15:36	91	28	Sim
3	00:02:54	87	33	Sim
4	00:30:01	831	192	Sim
5	00:13:12	1.085	162	Sim
6	00:08:01	388	166	Sim
7	00:18:14	782	222	Não
8	00:02:37	132	100	Não
9	00:02:00	104	83	Não
10	00:48:05	1.300	281	Não
11	00:46:20	6.036	1791	Sim
Total	03:37:01	10.977	X	x
Média	00:20:12	998	280	x

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

A questão da gravação das transmissões, então, parece ser um ponto interessante a discutir. Ratificamos, esta é uma possibilidade do dispositivo que muitas vezes é cerceada por ele próprio. Em outras tantas, não é uma escolha individual do Ninja, tampouco dos *webespectadores* ou interlocutores *in-loco* que a coconstruíram, mas advinda de um processo subjetivo pautado por não se sabe precisamente quais fatores.

Para o analista, é fundamental que todas as coberturas tivessem sido registradas, a fim de recuperá-las para um exame completo e detalhado. Do ponto de vista histórico, também seria salutar que todas as abordagens estivessem recordadas para acessos futuros múltiplos. Com o intento de prova e testemunho audiovisual, para diversos fins, também parece clara tal necessidade. Fato é que apenas cerca de 50% do que foi produzido está disponível.

Mas estamos discorrendo sobre *lives*, conforme o próprio *Twitcasting* faz menção e os midiativistas gostam de falar. Estamos tratando da experiência do ao vivo, do tempo real, do aqui e agora se construindo a partir de uma memória localizada no presente. Assim, (re)ver o vídeo após a sua conclusão seria aplicar sobre ele sentidos que se dão a partir de um arcabouço mnemônico, senão mais amplo, no mínimo diferente da situação de momento de

realização. Exemplo prosaico diminutivo: é como assistir à reprise de uma partida esportiva já sabendo o resultado.

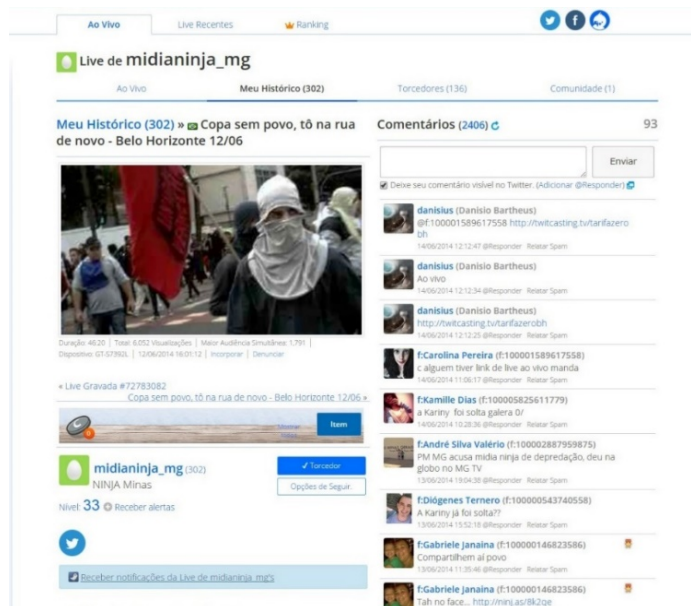
Voltando a falar então dos dados apresentados na TAB. 5, é importante abrir mais um parêntese quanto aos números, que provavelmente se dão em razão do desenrolar dos acontecimentos nesse dia. O início da transmissão aconteceu em uma concentração, ainda calma, na Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte. Os últimos vídeos já mostraram a marcha dos manifestantes à Praça da Liberdade e os conflitos entre a Polícia Militar e ativistas adeptos da prática Black Bloc. Inferimos que, provavelmente, a audiência tenha sido maior, assim, em razão dos comentários que circulavam pelas redes sociais *on-line*, e outras mídias, acerca da confusão na capital mineira.

Retornando às perspectivas técnicas, outro recurso da plataforma é a de decoração da transmissão com adereços digitais. É possível aplaudir a transmissão, com o envio de uma imagem pré-programada no *Twitcasting*. Isso demonstra, de forma lúdica, a satisfação do *webespectador* e, por extensão, conta pontos para o *ranking* e para o nivelamento do usuário que realiza a *live*. Todas as outras pessoas que acompanham a transmissão podem ver que um determinado internauta enviou o adereço. A duração média do efeito na tela é de cerca de 3 segundos. Isso pode, de alguma forma, inclusive, desviar a atenção dos *webespectadores* para o que é evidenciado na cobertura.

Por fim, um *print* da cobertura (FIG. 23) nos apresenta alguns detalhes adicionais da disposição da tela em que é exibida a *live* (que pode ser estendida, ocupando todo o monitor), a posição do *chat* à direita (que também pode ser ampliado e aberto em uma outra página, facilitando a leitura das mensagens dos integrantes do bate-papo) e as informações gerais da transmissão. No entanto, essa é uma recuperação de uma cobertura, ou seja, o que se vê nessa imagem é a transmissão gravada. Apenas para comparação, registramos, no momento mesmo da produção desta seção do texto, uma tela de uma transmissão no *Twitcasting* de um outro usuário (Plantão 190 – mídia independente do Paraná).

É importante observar, como foi dito anteriormente, o efeito de aplauso, ocupando toda a tela (FIG. 24), elemento que não aparece na gravação. Outro dado é o banner horizontal logo abaixo do vídeo. Em destaque, os ícones relativos a aplauso, depositar moeda e lançador de confetes, além da possibilidade de adicionar outros, ao clicar na caixa azul, à direita (item).

Figura 23 – Print de tela da transmissão do Mídia Ninja em Belo Horizonte, no dia 12 de junho de 2014



Fonte: Mídia Ninja (2014)²¹².

Figura 24 – Print de tela da transmissão do Plantão 190 em Curitiba, no dia 30 de abril de 2015



Fonte: Plantão 190 (2015)²¹³.

Nesse sentido, ao recuperarmos os vídeos para análise, podemos ter perdido um pouco dos elementos de composição da transmissão, já que a narrativa se faz sensível no momento mesmo da sua constituição. Ainda assim, compreendemos que, em essência, temos como

²¹² Disponível em: <<http://goo.gl/bHTY7e>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

²¹³ A propósito desta imagem, trata-se da cobertura das manifestações de professores em Curitiba, em frente à Assembleia Legislativa, em 30 de Abril de 2015.

recobrar diversos elementos constituintes, que, de forma pontual, serão evidenciados nas próximas páginas.

De todo modo, como se pôde compreender, o repórter midiativista vê os seus intentos potencializados – em razão da emergência de uma mídia (ainda na condição material) que, por ser de baixo custo, acessível, apresenta recursos técnicos mínimos para os fins necessários, de fácil manuseio, entre outros diferenciais.

Alimentado por um padrão de *Internet* ainda fraco em alguns aspectos, mas a cada dia melhor e mais acessível financeiramente, os aparelhos ganham em condições de suporte, já que os objetos eventuais, enquadrados por narrativas verbo-visuais, podem ser multiplicados para aqueles com os quais o narrador estabelece laços. A rede aumenta substancialmente quando são providos canais para a ampla difusão desse material, antes limitado às trocas laterais – isto é, se tem uma estrutura principal a partir da qual se pode ver/mostrar em tempo real o que acontece em determinado lugar (e ainda deixar o material gravado para vista posterior) e outras, adjacentes, que potencializam a divulgação dessa transmissão primeira (ambas *on-line*, cada uma com particularidades próprias).

No entanto, até que ponto esse dispositivo técnico dá condições aos Ninjas para mostrar a realidade? Aliás, de que realidade se está falando? Aqui, da técnica, sobre uma planificação de real que se vê enquadrado e (re)construído por um aparato tecnológico. Se assim o é, não se pode deixar de frisar que os limites de resolução dos aparelhos e da plataforma de exibição, acentuados por variações no sinal de *Internet*, encontram-se com as já relatadas perspectivas de olhar da audiência – as de uma forma de ver que foi conformada com o tempo e encontrou seu apogeu com a televisão. O choque, indagamos, é inevitável. Ainda assim, o Mídia Ninja reivindica que o trabalho é desenvolvido com “baixa resolução e alta fidelidade”²¹⁴.

Independente da parcela, de quem é o público, estamos diante de uma mídia que requer um esforço da audiência (lembrando que falamos apenas da transmissão simultânea). Porém, entendemos, mesmo com as controvérsias acadêmicas, que o *webespectador* das *lives* de um veículo como o Mídia Ninja cunha de outra forma o termo acompanhar. Ele parece se diferir do telespectador – que se senta ao sofá e liga o televisor, já sabendo a hora do telejornal, ou mesmo do leitor que adquire um impresso de conhecimento de que o mundo já foi selecionado e recortado a partir dos acontecimentos que são mais valorados. É preciso

²¹⁴ Ver em <<http://goo.gl/Tbi8oB>>. Acesso em: 30 maio 2015.

saber quando a transmissão começa e, ao adentrar, é necessário estar atento para registrar o ápice dos acontecimentos.

Estamos, no parágrafo anterior, acentuando as questões relacionadas à restrição cultural, por assim dizer, do dispositivo técnico. Se parecemos viver em um mundo líquido (para tangenciar as ideias de Bauman) e do comodismo (no sentido da busca pela solução mais prática), pautado pela sociedade do *zapping* (para também fazer remissão às cenas da vida pós-moderna de Beatriz Sarlo), os Ninjas, assim como tantas outras mídias livres da transmissão simultânea, parecem ter um contrato comunicativo muito bem assinado e regido para manter cativo um público que cada vez mais parece ser da ordem da velocidade, da conveniência, do agora e da possibilidade do recorte midiático próprio.

Além disso, apesar de ser uma indagação que não podemos responder com certeza – ainda que ela continue aparecendo como hipótese, o fato de ter de fazer registros de imagem (tendo que carregar um aparelho ininterruptamente) e ainda ter de atuar como locutor verbal (narrando, descrevendo, argumentando, entrevistando, respondendo), em tempo real, e também, em muitos casos, agenciando as discussões no *chat*, provavelmente limita a qualidade de cada uma dessas frentes, já que a atenção do Ninja deve ser difusa. Essa questão ratifica-se, pois influencia no produto que chega à audiência. Esta, porém, também tem a atenção difusa entre as narrativas que se cruzam – a do tempo real do relato do acontecimento e a dos comentários paralelos à transmissão –, além toda uma gama de *sites* que pode acessar simultaneamente.

Não obstante, estaríamos aí vendo o produto pelo processo. Quando se inverte a lógica, poder-se-ia compreender que não se trata de limitação, mas de característica. Nesse caso, o produto, no conjunto de suas particularidades (sejam vistas algumas delas como defeitos ou não), é que abonaria o modo de produção. Assim, o Mídia Ninja entregaria à audiência não apenas um (mais um) artigo midiático confeccionado dentro de padrões e de uma ritualística pré-programada, mas o material (o do coletivo) manipulado ao sabor das condições contextuais de momento (físicas, climáticas, tecnológicas, evenemenciais, entre outras) para um conjunto efêmero e heterogêneo de *webespectadores* que se portaria como tal (navegante da rede, a bordo da transmissão e à deriva na *internet*, com múltiplas opções de destino).

5.3 Dispositivo comunicacional e enunciativo

Nesta grande seção de análise, serão observadas, descritas e examinadas as mais variadas frentes discursivas das transmissões simultâneas do Mídia Ninja, compreendendo as perspectivas contextuais, as verbais, enuncivas e enunciativas, as de imagem, de som e de efeitos.

5.3.1 Dimensão contextual

O primeiro campo analítico diz respeito aos dados externos do contrato comunicativo, a saber: as identidades, as cenas enunciativas (condições de dispositivo), os propósitos e as finalidades das coberturas empreendidas pelo coletivo objeto desta tese.

5.3.1.1 Identidades

Aqui, apresentamos os principais personagens veiculados nas narrativas do Mídia Ninja: os repórteres-ninjas, os interlocutores das cenas enunciativas e o público *webespectador*. Em relação aos midiativistas, fizemos, antes de uma observação do nosso material, um levantamento histórico documental para caracterizá-lo, contrastando com nossos achados, outrora já apresentado no capítulo 2. Já os personagens que se apresentam no contexto de transmissão são levantados a partir de uma métrica que expomos na sequência. Quanto ao público, em razão de não haver uma forma de precisá-lo, estabelecemos reflexões diversas, balizadas pela teoria e dados advindos dos *chats* das coberturas.

Salientamos, porém, que não fazemos aqui uma análise conteudística matemática para verificar a recorrência precisa de interlocutores nas cenas enunciativas. Contudo, nossa leitura foi aprofundada e nos exemplos do exame trazemos trechos não recortados aleatoriamente ou propositadamente (para confirmar ou derrubar hipóteses), mas como símbolos eficientes (devido à amplitude e complexidade) e eficazes (direcionadores de um sentido que ajuda a determinar as categorias), efetivos, afinal, para a leitura do nosso objeto de estudo.

Segundo Filipe Peçanha²¹⁵, são cerca de 60 pessoas que compõem, nas diversas casas do Fora do Eixo espalhadas pelo país, o núcleo central do Mídia Ninja, contando, porém, com mais de 200 colaboradores pontuais também em todo o Brasil. Assim, não seria possível falar

²¹⁵ Em entrevista ao *Citizen Media*. Disponível em: <<https://goo.gl/vQ0J9F>>. Acesso em: 11 maio 2015.

de cada um desses indivíduos. Preferimos destacar, com um olhar mais específico para as coberturas realizadas na Copa do Mundo, os midiativistas atuantes no período de análise.

Quadro 9 – Descrição dos emissores do Mídia Ninja

Ninja	Idade (em 06/2014)	Naturalidade	Formação Acadêmica	(outra) Atividade Profissional
Alex Demian	27	Iporanga – SP	Superior em Cinema e formação livre em Filosofia	–
Cláudia Schulz (Branca)	31	Ijuí – RS	Superior em Interpretação e Direção Teatral / Pós-graduação em Artes Visuais, Arte e Cultura	Articuladora de redes e mobilização social no Gabinete Digital de Governo (RS)
Carlos França	55	Ilhéus - BA	Superior em Comunicação Social	Jornalista independente
Dênis Nacif	27	São Paulo – SP (radicado em João Pessoa – PB)	Superior em Pedagogia	<i>Freelancer</i> – Articulador de atividades culturais do Fora do Eixo
Felipe Altenfelder	29	São Paulo – SP	Superior em Imagem e Som	Gestor no Fora do Eixo
Filipe Peçanha (Carioca)	26	Machado – MG	Superior Incompleto em Imagem e Som	–
Fred Porto	35	Belo Horizonte – MG	Graduando em Sistemas de Informação	Assessor Político na Câmara Municipal de Belo Horizonte
Gian Martins	25	Juiz de Fora – MG	Superior em Comunicação Social	–
Isadora Machado (Dóris)	24	Rio de Janeiro – RJ	Superior Incompleto em Jornalismo	<i>Designer freelancer</i>
João Élcio (Vidigal)	33	São Luís do Paraitinga – SP	Segundo Grau	<i>Barman</i> , midiativista do Vidblog Vidigal
Karinny Magalhães	18	Ferreira Gomes – AP	Segundo Grau	<i>Freelancer</i> – Articuladora de atividades culturais do Fora do Eixo
Letícia Pocaia	19	Taquaritinga – SP	Cursos técnicos em Arte-Educação e Dança, e Marketing	Articuladora de atividades culturais do Fora do Eixo
Lóris Canhetti	25	Cuiabá – MT	Superior em Comunicação Social (Rádio e TV)	Assessora na Câmara dos Deputados (Brasília-DF)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vale frisar que, segundo Rafael Vilela,

[...] as equipes em geral são organizadas no dia anterior [à cobertura], de acordo com as demandas e as pessoas disponíveis. Praticamente todos de uma casa coletiva estão habilitados pra fazer uma transmissão, sendo que alguns se especializam mais nessa modalidade, assim como outros estão mais envolvidos na fotografia, na gestão cultural, na articulação política, na gestão das residências, etc.

Não parece existir uma hierarquia no Mídia Ninja, senão em um modelo circular, colaborativo, em que cada peça funcional se faz importante. Não vamos, porém, entrar no mérito de cada uma das atividades, ou cargos – por assim dizer, dentro do coletivo, ocupado em um determinado momento. Preferimos nos ater especificamente às transmissões em tempo real empreendidas. Ali, tem-se um trabalho solitário, que está longe de ser, na nossa opinião, monologal. Mas nos interessa aqui a figura destacada do Ninja que, por meio do arcabouço de conhecimentos, posicionamentos, opções sociopolítico-culturais, traumas, influências, e tudo o mais que determina o comportamento dele, age nas cenas enunciativas que está narrando.

Destacamos o Quadro 9, em que evidenciamos um pequeno resumo de quem são os Ninjas que empreenderam as *lives* durante o torneio esportivo realizado no Brasil em 2014. Pontuamos diretamente o nome e, quando é o caso, o apelido do Ninja, a idade que tinha em junho daquele ano, a naturalidade (importante para demonstrar os possíveis deslocamentos territoriais), a formação acadêmica e outras atividades profissionais que desempenha para além do Mídia Ninja.

Alex Demian²¹⁶

Alex realizou sete transmissões ao longo da Copa do Mundo de Futebol. Os temas abordados por ele foram as manifestações dos movimentos sem-teto/terra, as audiências públicas em torno do Plano Diretor de São Paulo, e as assembleias populares que discutiram a questão da criminalização dos protestos no Brasil, sendo todas as coberturas empreendidas na capital paulista.

Em uma rede social da qual faz parte, Alex indica sua frase favorita: “[...] a bravura provém do sangue, a coragem vem do pensamento”²¹⁷, atribuída a Napoleão Bonaparte. A ideia do líder político-militar talvez fosse, em nossa interpretação – a partir de leituras prévias –, a de que *bravoure* é uma qualidade inata, mas diretamente relacionada ao intento de impulso aos riscos, só funcionando adequadamente, então, *pari-passu* à *courage*, fundamentada e com propósito. Estaria aí a gênese do trabalho midiativista à qual Demian reforça figurar?

²¹⁶ Foi realizado contato com Alex Demian, em diversas oportunidades, por *e-mail*. O Ninja foi quem nos colocou em contato com Rafael Vilela. No entanto, acerca de uma entrevista, não foi possível realizar a mesma com o Ninja, por fatores diversos. Pouco pode se falar sobre a identidade social dele, haja vista que o seu comportamento na *Internet* é muito discreto; pouco encontramos dele, diferente de outros Ninjas.

²¹⁷ Tradução nossa para “*La bravoure procède du sang, le courage vient de la pensée*”.

Em todo caso, Alex parece querer compartilhar desse ideário. Em uma rápida pesquisa na *Internet*, pudemos perceber que com frequência ele realiza palestras e oficinas sobre midialivrisimo pelo Brasil. Nas coberturas dele, não parece ser o Ninja do enfrentamento com a polícia, ainda que teça duras críticas a esta. Tampouco é o repórter do questionamento ácido aos políticos, preferindo manter um comportamento estrategicamente moderado, a fim de fazer registros, por exemplo, na casa parlamentar.

Ao longo das transmissões realizadas pelo Ninja durante a Copa do Mundo de 2014, podemos qualificá-lo ainda como um sujeito que é inquieto nas marchas e manifestações de rua, num comportamento que chega a demonstrar uma possível ânsia pela emergência dos acontecimentos (ao menos pelo registro deles) – ainda que esta possa significar uma preocupação pessoal com o porvir dos protestos; tem boa bagagem de conhecimentos sobre a dinâmica político-parlamentar de São Paulo; tem forte relação com a defesa do meio ambiente; fala baixo, o que pode representar uma certa timidez; ao contrário dos colegas de coletivo, procura assinar as transmissões dele; demonstra arrojo, ao entrar na câmara dos vereadores de São Paulo e se posicionar em meio aos jornalistas de grandes mídias corporativas – mas comedido ao diminuir o volume de voz e ao enquadrar os políticos; e fomentador de leituras para além da própria cobertura dele, incitando os *webespectadores* a buscarem mais informações sobre o que foi naquela *live* evidenciado.

Cláudia Schulz (Branca)²¹⁸

Branca foi a representante do Mídia Ninja em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014. De lá, como vimos, realizou cinco coberturas, que juntas totalizam seis horas e meia de transmissão, a maioria sobre os protestos; também evidenciou um debate em torno da questão da criminalização das manifestações civis²¹⁹.

Cláudia Schulz é

[...] produtora cultural, social media e midialivrista. Foi gestora nacional do Fora do Eixo (2009 a 2013). Esteve à frente do Mídia Ninja no Rio Grande do Sul durante as Jornadas de Junho de 2013. No mesmo período, porém, desempenhava a função de

²¹⁸ Foi realizado contato com Cláudia Schulz, em diversas oportunidades, por *e-mail* e *Facebook*. A Ninja, no entanto, não respondeu ao nosso questionário, indicando estar muito atarefada.

²¹⁹ Não temos como confirmar essa última afirmação, já que a gravação da transmissão não foi disponibilizada no *Twitcasting*. Fazemos, então, aqui a presunção da presença dela no debate, haja vista o comportamento participativo dela e a representação efetiva do Mídia Ninja durante não só a Copa do Mundo de 2014, mas desde as Jornadas de Junho de 2013.

articuladora de redes e mobilização social no Gabinete Digital do Governo do Estado do Rio Grande do Sul²²⁰.

Contudo, em 2015 mudou-se para Brasília e assumiu, segundo consta no perfil dela no *Facebook*, a chefia de gabinete da Secretaria de Cidadania e Diversidade, comandada à época pela professora Ivana Bentes, vinculada ao Ministério da Cultura.

Não queremos conjecturar nada, ao menos a priori, mas vale ressaltar que, no período de trabalho de Branca no governo do Rio Grande do Sul, o governador era Tarso Genro, filiado ao PT. Em 2015, ano de entrada de Schulz no executivo federal, o ministro era Juca Ferreira, do mesmo partido. Independentemente da legenda, o que se expõe aqui é uma espécie de dupla jornada que parece um tanto contraditória (sobretudo ancorados nos conceitos traçados anteriormente). Ora, como se esperar um comportamento midiativista de alguém que tem um vínculo profissional no Estado – principal opositor das manifestações –, que guarda presença, ou se materializa, com a força militar *in-loco*? Conceitualmente, na nossa opinião, o primeiro papel não ganha aderência com o sujeito, ainda que ressalvas possam ser feitas à função e ao cargo ocupados por Schulz²²¹.

A Ninja, assim como os outros membros do coletivo, apresenta e desenvolve a cobertura com um estilo próprio. Mas, ao contrário de grande parte dos colegas, não faz nenhuma entrevista, concentrando-se ora em narrar o que acontece, contextualizar o ato e particularidades dele, focalizar discursos e intervenções específicas e, raramente, se posicionar argumentativamente, quando não apenas em silêncio a registrar a passagem dos manifestantes com palavras de ordem.

Assim, não se percebeu nenhuma crítica aos executivos municipal, estadual ou federal por parte de Branca. Contudo, na mesma medida, a Ninja não faz qualquer reprimenda à atitude dos Black Blocs no que concerne aos agravos ao patrimônio quando os viu. No entanto, tenta, aos gritos, arrazoar com eles para que não apedrejassem um restaurante da franquia McDonald's, já que havia pessoas lanchando no local: “Ah, não, gente. Não, não, não! Tem gente em cima também. Tem gente comendo”.

²²⁰ Informações obtidas no currículo da midialivista na plataforma *LinkedIn*. Disponível em: <<https://goo.gl/JFlcye>>. Acesso em: 03 out. 2015.

²²¹ O site *Passa Palavra*, entre outros articulistas de *blogs* na *internet*, vai um pouco mais longe na crítica a essa relação estado-coletivo e provavelmente, interpretamos, no papel de algumas pessoas no governo. Não deixando de ver a amálgama entre Mídia Ninja e Fora do Eixo, os dois beneficiar-se-iam do trabalho de um e de outro de forma cíclica. O circuito, contudo, utilizar-se-ia de uma estratégia chamada de hackeamento do Estado: “[...] os vencedores de editais costumam ser exatamente aqueles que definem os seus critérios [...] infiltrar-se nas estruturas de poder e, de lá, elaborar as políticas que deverão beneficiar as suas próprias organizações”. Não fazemos qualquer acusação a Cláudia Schulz, apenas trazemos argumentos existentes, por acharmos relevantes de serem apresentados e não apagados, para este trabalho. Disponível em: <<http://goo.gl/eomZv5>>. Acesso em: 09 de out. 2015.

Na mesma linha, a Brigada Militar é poupada, por vezes, de críticas de Branca, mesmo nos momentos em que esta mereceria ser avaliada com mais atenção²²². Em outras tantas oportunidades, há observações pontuais sobre o comportamento dos praças. A mídia corporativa, no entanto, é alvo de apreciações satíricas e efusivas por parte de Schulz, demonstrando o posicionamento dela acerca das narrativas empreendidas pelos veículos de massa sobre as manifestações.

Mais um detalhe que, em nossa opinião, faz-se descolar um pouco o papel de Branca como midiativista-ninja de transmissões simultâneas é o uso do capacete. Na análise do dispositivo técnico, já enveredamos o exame acerca da utilização dessa defesa, o que, acreditamos, se reforçássemos as observações aqui, incorreríamos em repetições. Ainda assim, disposições em contrário poderiam aparecer ao considerar que o uso ou não da proteção não determina a classificação de um sujeito no bojo de midiativistas. Também acreditamos que não. Aliás, esse parece ser um equipamento de segurança relativamente comum para quem cobre do *front*. Mas é importante observar que, dos treze Ninjas do período da Copa do Mundo de Futebol, ela é a única que utiliza tal apetrecho²²³. Assim, o uso é qualificador. Não é uma crítica; é uma constatação da identidade social: sujeito que quer se precaver, que teme, que tende a se defender.

Vale uma minúcia adicional da observação pontual de Schulz ao longo de uma das manifestações sobre um bar porto-alegrense que é acusado de homofobia. A transmissão Ninja não parece ser apenas midiática, mas midiativista, e ativista não só em relação ao mote em trânsito, mas de uma série de causas que os atravessam. Uma delas, a da defesa dos direitos de minorias, tais como as lésbicas, os *gays*, os bissexuais, as travestis e as transexuais, frequente nas abordagens de outros Ninjas, além de Branca.

Com base nessas informações, e em outras leituras das transmissões, entendemos que se trata de uma Ninja que procura se atentar a dar uma dimensão dos protestos com a maior variedade de imagens e ângulos; em contextualizar sempre que possível; que tenta apresentar uma narrativa mais neutra dos fatos, evidenciando-os na natureza precisa de manifestação; que não inclui outras vozes na narrativa (entrevistas), mas interage com interlocução constante com os internautas; mas que possivelmente não conseguiria equacionar a perspectiva ativista tão bem com a condição mídia – na medida em que, em nossa opinião, faz

²²² A exemplo do cordão humano feito pelos militares no dia 23 de junho em frente às loja Oi, agências bancárias e restaurante da franquia McDonald's. Talvez aqui coubesse uma problematização mais aprofundada por parte de Cláudia, diante das imagens registradas. Cláudia, no entanto, não se posiciona, nem conjectura sobre outros porquês dessa ação, fundamentando-a apenas no que acontecera no dia 12 de junho.

²²³ Vidigal o utiliza em função do *skate*.

com que a primeira venha a reboque da segunda tão-somente pela presença no ato e pela iniciativa de registro pelo ponto de vista do manifestante. Mais midialivrista e menos midiativista, talvez?

Carlos França²²⁴

Carlos Augusto Lima França, mais conhecido pelo último sobrenome, auxiliou o Mídia Ninja em duas oportunidades em 2014. No dia 20 de junho, após a prisão de Filipe Peçanha, quando assumiu a transmissão no bairro da Lapa, Rio de Janeiro, e no dia 12 de julho, véspera da final da Copa do Mundo de Futebol, quando ficou de vigília na porta da Cidade da Polícia, à espera de novidades sobre ativistas presos.

O jornalista de formação, que já passou por diversos órgãos de imprensa corporativa, hoje se declara independente. Com mais de 50 anos, conserva o *network* desenvolvido ao longo das mais de três décadas na profissão, o que é um facilitador para a consecução de informações e de acesso a determinados espaços. É o que corrobora, por exemplo, Vidigal – outro colaborador do Ninja. Segundo nos disse em entrevista, foi graças aos bons relacionamentos de França que, em dezembro de 2013, os dois conseguiram entrada, na condição de mídia credenciada, à visita do ex-presidente norte-americano Bill Clinton ao Rio de Janeiro.

À época, ao postar uma foto no *Facebook* em que carrega uma *smart camera*²²⁵, ele disse que estava “[...] deixando a dinassourada da mídia ultrapassada pra trás, mostrando juventude e experiência no evento ocupa copa palace, transmitindo ao vivo as maleficidade do Bill Clinton com os vermes do nosso governo”. O comentário, além do sarcasmo, demonstra o forte posicionamento ideológico de França contra o sistema político-partidário brasileiro.

Já havíamos observado isso em um pequeno fragmento de fala do jornalista quando fora entrevistado por Filipe Peçanha no dia 4 de julho de 2014, em meio a uma manifestação no Rio de Janeiro. Carlos diz que o que mais o incomodava nos protestos da Copa era a presença de partidos políticos, quaisquer que fossem, com as respectivas bandeiras. O Ninja, no entanto, o repreendeu, demonstrando que as passeatas deviam se pautar pela democracia, no agenciamento de atores e opiniões diversas. França, no entanto, manteve a posição.

²²⁴ Foi realizado contato com Carlos França por *e-mail* e por meio da página dele no *Facebook*. Um questionário foi enviado, mas ele não retornou.

²²⁵ Disponível em: <<https://goo.gl/KhYDzn>>. Acesso em 07 out. 2015.

Há ainda, conforme poderíamos inferir ao traçar uma identidade discursiva de Carlos França, um desejo de que o Brasil perdesse a Copa e fosse ainda mais humilhado pela seleção da Holanda – do que já tinha sido pelos alemães, dias antes da transmissão de 12 de julho. Vemos aqui todo o rancor do jornalista em função de o governo ter preferido bancar o evento esportivo em detrimento do investimento em ações em áreas prioritárias do país.

Em geral, pudemos observar um Ninja de comportamento muito peculiar, que poderia ser visto como variante, dúbio, paradoxal e até contraditório. Mas não o é. É tão-somente um modo de agir particular de Carlos França. Vemos uma pessoa espontânea, que fala pausadamente, mas que por vezes tenta rebuscar o texto e que chega até a fumar em frente à câmera. Vale observar que, com ele, há pela primeira vez (ao menos na Copa do Mundo) uma mudança na dinâmica do coletivo, que passa a ter não apenas uma voz materializada – na presença física do (colaborador) Ninja, mas no trabalho em dupla (com Vidigal)

De testa franzida, pouco olha para o espectador, procurando direcionar a visão ora para o horizonte, ora para a movimentação que se dá logo atrás dele. Na mão direita, o microfone, numa pegada que demonstrava afinidade do repórter com o aparelho. Se, de um lado, reforça-se a ausência de preocupação com determinadas particularidades que o jornalismo tradicional se atentaria, por outro, demonstra também o reforço às práticas mais clássicas, nas quais França parece se inscrever. O fumo, por exemplo, é símbolo dessa dubiedade, não como alegoria de transgressão, mas de experiência, na medida em que se insere na condição de elemento sem muita coerência, que não parece corresponder a uma métrica midiática, gerando um certo (possível) estranhamento.

É sujeito que, de um lado, se mostra comum, com as limitações dele, tais como a dificuldade de leitura, o que lhe impede de ver os comentários postados no *Twitcasting*; e que não tem vergonha de admitir isso à audiência. De outro lado, recorre ao *ethos* de jornalista experiente e de carreira (e também de carteira, pois faz questão de mostrá-la). É interativo com a audiência e usa de um carisma para além da formalidade padrão do jornalismo, numa métrica, às vezes, parecida com a dos apresentadores televisivos, ao mandar beijos para os seguidores dele.

Dênis Nacif

Dênis começou a atuar no Mídia Ninja em razão dos trabalhos como articulador de eventos culturais. Devido à afinidade com o registro midiático, acabou deslocando-se, dentro do Fora do Eixo, também para a atuação como midiativista. Ele começou a fazer parte do

coletivo em 2013 e, depois de passar por Santa Maria (RS) e Brasília (DF), Nacif mudou-se para casa coletiva de Belo Horizonte, em 2014, no intuito de auxiliar na organização do Encontro Latino-Americano de Mulheres – ELLA – (ocorrido em maio daquele ano). O Ninja acabou ficando mais tempo na capital mineira e atuou nos registros dos manifestos da Copa²²⁶.

No entanto, não muito tempo depois já estava de mudança para o Nordeste, para a realização de edições do festival “Grito Rock”. Segundo Dênis²²⁷, ele sempre foi muito distante de todo o posicionamento político que o Fora do Eixo acaba pautando, mas diz que, após conhecer o coletivo, passou a ler, participar e se envolver mais com as questões trabalhadas pelos integrantes do movimento. Vindo de classe média alta, o Ninja diz-se desprestigiado pela família em razão da atividade que escolheu para a vida. Ainda assim, parece colocar as ações que desempenha no Fora do Eixo e no Mídia Ninja como missão.

Dênis realizou oito coberturas²²⁸ ao longo da Copa do Mundo, todas em Belo Horizonte, sendo a primeira, em verdade, apenas em uma rápida substituição a Karinny Magalhães. Em entrevista ao autor da tese, Dênis diz ser muito espontâneo, e que a performance dele se dá muito em razão da emoção frente a cada uma das situações que porventura enfrenta nos eventos transmitidos.

Em uma fala na entrevista a esta tese, Nacif, que na grande maioria das vezes transmitiu protestos (e não outros eventos) em 2014, salienta que a atuação dele nessas coberturas não se dá “[...] para se posicionar a favor ou contra, mas sim para contar o que está rolando de fato, seja ele positivo ou um movimento negativo [...]”, ao indicar, senão a imparcialidade, ao menos um compromisso com a verdade e um possível afastamento dele de lugares marcados e julgamentos na cobertura.

Contudo, Dênis aponta também o compromisso que tem com a já mencionada batalha memética da qual o Mídia Ninja procura fazer parte e assumir posição. Aliás, nesse sentido, ele inclusive cita a própria família como alegoria do modelo de organização social que se pauta por um determinado tipo de imaginário sociodiscursivo. Mais do que isso, paralelamente, também ratifica o intuito de demonstrar aos pais a importância que tem, tanto quanto o valor do trabalho dele. Ele assevera que

²²⁶ Vale registrar que Dênis já havia participado do Coletivo Mundo, em João Pessoa (PB), cobrindo atos no estado e em Fortaleza (CE).

²²⁷ Dênis Nacif nos concedeu entrevista, via *Hangout* (aplicativo de bate-papo da *Google*), no dia 9 de fevereiro de 2015.

²²⁸ Não contabilizamos o dia 3 de julho, já que transmissão teve menos de dois minutos.

[...] a minha luta em ir para a rua durante a copa, era realmente para mostrar principalmente aos meus, principalmente a minha família, que é uma família de classe média alta, totalmente burguesa, que acha que é errado em que sai para a rua e certo é o policial que está ali para defender. E então é o posicionamento de uma certa forma de mostrar que não, não é isso que vocês estão pensando.

Podemos resumir a atuação de Dênis como um sujeito relativamente tímido, mas que não esconde as intenções e reações dele. Foi o que se viu por meio dos modos de organização do discurso dele ao longo das transmissões. É, na mesma medida, cauteloso, chegando até a ser respeitoso, quando procura convidar as fontes antes, fora de quadro, para as entrevistas, pautando-as. Há, em nossa opinião, um esforço de Nacif para manter a audiência sempre informada, evitando o vácuo sonoro da locução (apesar de ser muito pouco interativo com a turma do *chat*). Entretanto, procura apagar-se em momentos específicos – quando registra uma conversa de manifestantes com policiais (caso que aconteceu na *live* de 02 de julho), por exemplo.

Ora, não era de se esperar que ele fizesse isso? Não julgamos a atitude que tomou, mas a qualificamos como um traço identitário. Ele poderia ter intervindo na conversa, tanto para fazer alguma pergunta relativa à discussão, quanto para implicar a autoridade em algum questionamento, diríamos, mais ativista. A crítica à corporação, por parte de Dênis, vem, entretanto, efetivamente e de forma incisiva no discurso²²⁹, ainda que distante dos policiais da cena enunciativa. É possível observar, assim, um cuidado para que estes não o ouvissem.

Em entrevista, Dênis nos diz que tinha uma cautela com o que poderia acontecer com ele, pois sabia que estava sendo observado pelos militares que, segundo ele, tinham até uma foto do Ninja na carteira; alguns já o chamavam pelo nome nas manifestações (mesmo sem se conhecerem) e diz que até chegou a ser ameaçado, ainda que de forma indireta, *in-loco*, ao longo das coberturas.

Outro receio de Nacif era o impacto que uma possível prisão poderia gerar na família dele, destacando essa particularidade em relação às origens, sem deixar que se preocupem com uma possível atuação incorreta do filho – trazendo à tona um imaginário de que a prisão se relaciona sempre e tão-somente aos infratores.

É com esta contrariedade de intentos que Nacif procura ter, em nossa opinião, uma postura mais parcimoniosa, sem se exceder e se entregar demais a uma condição ativista, ainda que muitas vezes o comportamento dele nos protestos seja próximo ao dos manifestantes (ao vaiar, gritar e cantar junto, por exemplo); trata-se de um sujeito que

²²⁹ Não foram raros os momentos em que Dênis teceu críticas firmes contra a Polícia Militar, posicionando-se a favor da desmilitarização. Utiliza-se, porém, muitas vezes, de um saber de experiência, a partir do relato do que os próprios colegas dele já sofreram com atitudes da corporação.

empreende pequenas fugas de narração, estabelecendo conversas paralelas, que nada contraditoriamente compõem a narrativa; é irônico, em diversas passagens; tem forte sotaque paraibano, o que demonstra o caráter heterogêneo do Mídia Ninja; questiona (e até quebra) determinadas regras manifestantes (como no dia em que registrou uma assembleia em Belo Horizonte, mesmo com os pedidos para que assim não o fizesse), talvez por uma certa inocência, muito embora acreditamos se tratar de dois desejos: o do registro para o grupo de interessados que acompanhavam a transmissão, e o de fazer parte daquelas discussões.

Felipe Altenfelder²³⁰

Felipe realizou apenas uma transmissão, um tanto sem sucesso, da cidade de Fortaleza, Ceará. De lá, tentou evidenciar os preparativos para o jogo entre Brasil e Colômbia. Altenfelder, muito citado em nossa caracterização sobre o Mídia Ninja, é um dos fundadores do coletivo e com participação ativa no Fora do Eixo, desde o início.

Assim, trabalha na gestão nacional do circuito, sendo um dos principais articuladores dos eventos culturais organizados pelo grupo, sobretudo o “Grito Rock”. No currículo dele ainda tem a fundação do Massa Coletiva – Cooperativa Centro de Comunicação e Cultura –, que funciona como um ponto oficial da rede Fora do Eixo em São Carlos (SP), desde 2009; a criação do projeto cultural “Independência ou Marte” – Conexões Solidárias; a atuação como locutor na Rádio da UFSCar, além de participar no processo de implantação da estação de FM e também da *on-line*; e a direção de dois curtas-metragens.

O fato de a (tentativa de) cobertura, em 4 de julho, de Altenfelder, ter sido realizada de dentro de um estádio da Copa poderia denotar uma certa quebra do contrato de comunicação com os *webespectadores*. Não que um repórter Ninja (na condição primeira de sujeito também) não pudesse estar no campo de jogo, mas o tipo de tratamento que seria dado certamente seria o de expor o contraditório e o da construção da crítica. Não se pode fazer, entretanto, qualquer menção, positiva ou negativa – dentro dos propósitos midiativistas – à atuação de Felipe, já que os vídeos foram tão curtos que não permitiriam um exame mais aprofundado, deixando a dúvida sobre o que em verdade teria ido realizar lá.

No mais, pouco se pode falar de Felipe Altenfelder, além do que está posto, senão conjecturarmos, por exemplo, sobre uma possível influência da formação acadêmica dele na

²³⁰ Foram enviados *e-mails* para Felipe Altenfelder e realizado contato por *Facebook*. Ele não nos respondeu e assim não nos concedeu entrevista, o que inviabiliza delinear um perfil mais detalhado, a partir do qual poderíamos indicar traços da identidade social dele. Quanto à discursiva é ainda mais difícil, já que a transmissão dele não passou dos dez minutos, com apenas cinco efetivamente registrados.

constituição do Mídia Ninja dentro de determinados padrões de qualidade²³¹ de produção, ainda que com as limitações técnicas, que provavelmente os Ninjas, orientados por ele²³², viriam a seguir.

Filipe Peçanha (Carioca)²³³

Carioca foi o repórter mais ativo durante a Copa do Mundo, tendo realizado pelo menos²³⁴ dez coberturas, que totalizam 29 horas e 35 minutos de transmissões simultâneas. O montante equivale a 30% de toda a produção em tempo real do Mídia Ninja no período. Se a frase preferida dele, postada em uma rede social *on-line*, é “vivo ao vivo”, de um lado mostra o efeito de sentido na busca por escapar de uma possível mediação dos fatos, procurando experimentar a realidade dada nas ruas, mas que não se furta em realizar as coberturas onde está. Em uma delas, logo no primeiro dia da Copa do Mundo, o Ninja já revela o lado nada bairrista dele e ao mesmo tempo ativista ao dizer, ao ser questionado por uma senhora que não aprovava a manifestação, que “[...] eu não nasci aqui, mas vou lutar por isso aqui também”.

Peçanha em verdade é da região Sul/Sudoeste de Minas Gerais e estudou Imagem e Som na Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo, sendo que muito provavelmente foi contemporâneo de Altenfelder, guardando, então, afinidades que já vinham desde antes de um envolvimento maior com o Fora do Eixo. Filipe não concluiu o curso, mas indica que a formação dele voltada para a linguagem audiovisual e as experiências com o laboratório aberto de interatividade, onde trabalhava pela disseminação do conhecimento científico por meio de instalações artísticas e interativas, o ajudaram a conformar um modo muito particular de utilização das mídias²³⁵.

Carioca conheceu o Fora do Eixo no final de 2008 e foi colaborador do Massa Coletiva (projeto criado por Altenfelder) em São Carlos (SP), até 2011. Nesse ano, abandonou

²³¹ É Altenfelder que, na já citada entrevista a Pereio, do *Canal Brasil*, fala da questão da construção de uma marca *pop* para o coletivo. Segundo nota do *site* do Laboratório de Jornalismo Convergente da Famecos, ao tratar do lançamento do portal do Mídia Ninja, Felipe teria dito que “[...] uma das preocupações na criação do site foi o apuro estético que caracteriza o movimento”. Mesmo que de forma muito tênue, percebemos nuances da atenção de Felipe para esses detalhes, destacando-o entre os midiativistas como alguém que se atentaria mais a uma acuidade com a imagem. Infelizmente, porém, temos poucos elementos para corroborar tal afirmação. Disponível em: <<http://goo.gl/nZlGA3>>. Acesso em: 07 out. 2015.

²³² Associamos o fato de Felipe Altenfelder também ser oficineiro dentro do Fora do Eixo, compartilhando os conhecimentos dele, ao relato de Dênis Nacif, em entrevista, ao afirmar que com certa frequência os Ninjas têm diversas capacitações técnicas (além do convívio diário nas casas coletivas).

²³³ Foi realizado contato com Filipe Peçanha por *e-mail*, por intermédio, inclusive, da nossa apresentação a ele por meio de Rafael Vilela. No entanto, o Ninja não respondeu aos nossos *e-mails*.

²³⁴ Não contabilizamos o dia 16 de junho, já que a transmissão teve apenas um minuto.

²³⁵ Informações obtidas na entrevista já citada de Filipe Peçanha ao *Citizen Media*.

a academia e passou a se dedicar integralmente à rede Fora do Eixo, já trabalhando na área da comunicação, com vídeos, projeções, organizando festivais, implementando a transmissão ao vivo de vários programas (não só da Pós-TV). À época ainda estava na casa coletiva de São Paulo, tendo se mudado para o Rio de Janeiro em 2013, já no prelúdio das Jornadas de Junho.

Filipe Peçanha entende que

[...] não são os policiais os nossos inimigos. A gente tem uma crise institucional na segurança pública, no modelo de polícia que precisa ser repensado, que precisa ser refundado. Mas o policial não pode ser o indivíduo responsabilizado só ele por tudo o que acontece. É uma crise institucional, é uma crise da corporação, que nestas manifestações de rua muitas vezes ficam evidentes. A gente sente aqui no asfalto, na pele, nas ruas, aquilo que muitas vezes acontece nas favelas, nos becos, nas vielas e que muitas vezes não vem à tona²³⁶.

Contudo, o que se vê nas transmissões é uma *práxis* de enfrentamento com os fardados, muitas vezes utilizando-se de uma ironia provocativa, num tom de voz quase sempre em sobressalto, que, em nossa opinião, lhe serve como estímulo para demonstrar a falta de preparo dos praças. Associada à citação anterior, vemos uma constante argumentação arregimentada no sentido da desmilitarização da polícia. A problematização, entretanto, utiliza-se de opiniões e de um saber de experiências próprias (Carioca já havia sido preso antes da Copa do Mundo) e de colegas Ninjas.

Se vê ainda um repórter que sempre está a falar muito (narrando, descrevendo, arguindo); é espontâneo e relaxado (chega a fumar nas transmissões); colaborativo (tanto quanto outros Ninjas) com demais midialivristas/midiativistas (a divulgar que colegas estão realizando coberturas no mesmo lugar); tem conhecimentos amplos e variados sobre causas sociais (a tratar de vários temas com certa propriedade); é apaziguador (ao menos em relação a possíveis conflitos entre manifestantes e cidadãos não ativistas); procura variar a linguagem coloquial (em certas conversas paralelas) com um pouco mais de cuidado ao falar com a audiência; relativamente interativo (a depender das circunstâncias de contexto); aparentemente (partidário também) de esquerda (entre outros motivos, a defender Lula e se posicionar contra Jair Bolsonaro); é muito jocoso (a fazer várias ironias durante a transmissão); reforça com frequência o *ethos* do Mídia Ninja como uma instância privilegiada de representação das vozes dos oprimidos (na mesma medida em que se enquadra nessa perspectiva); e que visivelmente se altera emocionalmente diante de situações que fogem do

²³⁶ Em depoimento ao documentário *Levante!* do Canal Futura. Disponível em <https://goo.gl/gPrQc3> - Acesso em: 01 out. 2015.

controle, como ao ver um colega midialivrista machucado por uma atitude aparentemente exagerada da Polícia Militar.

Fred Porto²³⁷

Fred Porto faz parte do número de colaboradores do Mídia Ninja (externos ao Fora do Eixo). Contudo, apesar de apenas ter auxiliado o coletivo nos trabalhos de transmissão em 12 de junho, tem um canal de *lives* no *Twitcasting*, assinando como Ninja Vermelho²³⁸. Vê-se então que ele tem familiaridade com a ferramenta e certa vinculação ao ideário do coletivo. No perfil de Porto na página do *Facebook*, declara-se agnóstico e comunista. Poderíamos inferir, de modo muito superficial, que se trata de uma pessoa com um posicionamento político (não ainda falamos partidário²³⁹) próximo das perspectivas esquerdistas, adverso às implicações sociais do capitalismo e dotado de uma postura crítica e questionadora.

Fred é de Belo Horizonte e tem participação em movimentos sociais e de representação há muitos anos. Em razão disso, conhece muitas pessoas que também fazem parte dessas frentes. O primeiro contato dele com o Mídia Ninja foi em 2013, no curso das manifestações em junho e julho daquele ano. Porto tem uma forte ligação com as questões relacionadas à educação e, desde muito jovem, viu-se implicado com a defesa da causa. Foi assim que decidiu empreender registros de protestos diversos, sobretudo aqueles organizados pelos docentes.

O fato de conhecer a capital mineira e parte dos ativistas que estariam no ato permitiria a Porto dimensionar distintamente a transmissão, em detrimento de Karinny Magalhães (que dividiu a cobertura com ele), apresentando noção muito inferior dos personagens e dos cenários em que estaria inserida. Da mesma forma, a vinculação político-ideológica dele poderia o direcionar para uma esquematização da narrativa a partir de vieses que a repórter, em função de um certo afastamento (ainda que vinculada ao Fora do Eixo), não teria.

Apesar do posicionamento político e da veia militante, Fred demonstra ser um homem atento às demandas familiares. Em entrevista concedida ao autor desta tese, revela que não continuou as transmissões durante a Copa porque a esposa, à época grávida, havia pedido a

²³⁷ Fred Porto nos respondeu perguntas relacionadas à trajetória de vida dele e à atuação como midialivrista em um questionário enviado por *e-mail*, devolvido em 12 de maio de 2015.

²³⁸ Disponível em: <<http://goo.gl/2gOuoN>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

²³⁹ Ainda que o seja, vinculado ao PC do B. Fred até 2015 era assessor na Câmara Municipal de Belo Horizonte com o vereador Gilson Reis, um dos entrevistados durante a manifestação.

ele para que ficasse em casa. Entretanto, além disso, Porto afirma que se de um lado as manifestações de 2014, para ele, não tinham a mesma intensidade e pauta política das Jornadas de Junho, traziam, contudo, “[...] um clima no ar de perseguição, um clima de 1964; quem estivesse na rua poderia ser alvo de perseguição, era um clima muito pesado”.

O fato, segundo ele, que comprovaria isso teria sido a prisão pela qual também passou em 12 de junho. Após desligar-se da transmissão nesse dia, Fred teria ido para casa. Ao saber, porém, que Karinny havia sido detida, o midiativista teria ido até à delegacia, na região Noroeste de Belo Horizonte, em que ela estaria. Assim, “[...] fui surpreendido, sendo detido pela acusação de ter virado uma viatura, sendo que no momento eu estava em casa com minha esposa grávida”.

Percebe-se, de um lado, em Fred um comportamento linguageiro, de um lado, descolado, na grande quantidade de gírias utilizadas, marcando um maneirismo que o insere em um público jovem. Do outro, investindo naturalmente no mineirês, por meio da utilização de expressões, jargões e reduções, em um sotaque também bem pontuado, que o localiza espacialmente diferente de Dênis Nacif, por exemplo, na ideia de que o primeiro está em casa e o segundo em terra distinta.

Gian Martins²⁴⁰

O mineiro Gian Martins, que tinha tarefas alternadas ao longo da Copa do Mundo de Futebol, no Rio de Janeiro fez cinco horas e meia de transmissões em tempo real, em três distintas coberturas para o coletivo. Ele é formado em comunicação social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Juiz de Fora (MG) e sempre atuou na área audiovisual. A experiência acadêmico-profissional dele lhe permite atuar como fotógrafo, cinegrafista e nas *lives* com *smartphones*, procurando sempre se atentar a um padrão que já conhecia da universidade e do mercado²⁴¹.

Há por parte de Martins uma preocupação maior com o enquadramento, ainda que fechar o quadro em *close-up*, evidenciando todo o rosto do entrevistado, seja uma tônica;

²⁴⁰ Conhecemos Gian Martins em 2013, logo depois das Jornadas de Junho. À época, ainda residindo na casa coletiva de Belo Horizonte, tivemos a oportunidade de participar de um debate juntos, realizado no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). No ano seguinte, ele nos apresentou a Raíssa Galvão, também integrante do Mídia Ninja, que esteve em outra palestra, sob nossa organização, na mesma instituição. Esses foram, inclusive, os primeiros contatos diretos com os integrantes do coletivo. Foi, entretanto, enviado um questionário para Gian Martins, e ele não respondeu, indicando estar com demandas de viagens.

²⁴¹ Gian atuou durante 5 anos como câmera e diretor de fotografia na Lupa Vídeo, em Juiz de Fora (MG), empresa com mais de 30 anos de mercado.

estratégia que, invariavelmente, vê-se comprometida em conversas em que fonte e Ninja estão andando.

Gian faz parte do Fora do Eixo desde 2010. Ele foi um dos que auxiliou na conformação da Pós-TV (da qual foi gestor de atuação em Minas Gerais) e do Mídia Ninja, indicando fazer parte do “conselho editorial”²⁴² do coletivo. Assim, com frequência, realiza oficinas e palestras dentro do Fora do Eixo, compartilhando conhecimentos técnicos e de posicionamento midialivrista.

Pelas transmissões que fez, vê-se um Gian muito opinativo, crítico e analítico (procurando estabelecer relações socioculturais mais amplas); que valoriza o espaço dado aos entrevistados, procurando tirar o máximo de informações e posicionamentos deles, num processo de dar voz que fica evidente – entrevistando qualquer pessoa, sem muita distinção; a utilização de uma linguagem coloquial, marcada por maneirismos, que o insere num grupo jovem e descolado; mas que, ao mesmo tempo, tem conhecimentos mais abrangentes, não deixando de discutir, por exemplo, uma questão contemporânea – mas pouco evidenciada nos *media*: a gentrificação; extremamente posicionado a favor da desmilitarização; que circula e não sossega em uma manifestação, procurando evidenciar o maior número de ângulos possíveis; muito solícito com os outros, sejam colegas midialivristas ou manifestantes, em detrimento da linearidade da transmissão; interativo com a audiência e, assim como Alex Demian, fomentador de leituras para além da própria cobertura dele, incitando os *webespectadores* a buscarem mais informações sobre o que foi naquela *live* evidenciado.

Isadora Machado (Dóris)²⁴³

Isadora Machado ficou responsável por duas transmissões ao longo do torneio. Em dias seguidos, 2 e 3 de julho, a Ninja foi a articuladora da cobertura do debate sobre a criminalização dos protestos e manifestantes, organizado pelo MPL, em São Paulo, e narrou uma grande marcha do Movimento dos Sem-Terra na capital paulista.

Isadora tem, conforme está descrito em uma página pública de currículos²⁴⁴ para *freelancers*, vários conhecimentos e habilidades técnicas ligadas à imagem – que vão desde a

²⁴² Grupo de midialivristas dentro do Mídia Ninja que não é visto como hierárquico, mas que acaba por dirimir determinadas questões sobre pautas e modos de atuação do coletivo.

²⁴³ Foi realizado contato com Isadora Machado pelo perfil dela em uma rede social *on-line*. Ela nos respondeu, indicando que já havia se desligado do Mídia Ninja. Ainda assim, solicitamos uma entrevista para saber especificamente sobre o período em que atuou no coletivo (sobretudo acerca das duas transmissões durante a Copa do Mundo). Encaminhamos um questionário e não houve mais contato.

²⁴⁴ Disponível em: < <https://goo.gl/7IKSws>>. Acesso em: 07 out. 2015.

operação de *softwares* à fotografia, passando por ilustração, direção de arte e criação. Ainda assim, é interessante observar que para ela “[...] a estética amadora [...]”, em remissão ao trabalho do Mídia Ninja, “[...] muitas vezes consegue trazer, para o público, imagens e informações mais interessantes do que o vídeo limpo e polido do profissional”²⁴⁵.

É relevante pensar nesse tipo de consciência, que parece contraditória com a expertise dela, mas é justamente isso que talvez justificaria uma reflexão sobre o modo de produção dos midiativistas; a percepção do efeito de realidade nos empreendimentos do coletivo ou mesmo a patemia que pode causar ao *webespectador*, levando-o a se envolver mais com a causa em curso e exibida²⁴⁶.

Ainda assim, a repórter não tem formação concluída – ao menos em Jornalismo. Estudou Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) – não sabemos se concluiu o curso –, e Comunicação (por dois anos) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – não concluindo este, pois foi morar na casa coletiva do Fora do Eixo, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Isadora diz acreditar em uma formação livre, de experiências de vida, no empirismo e na troca colaborativa e solidária. Para ela “[...] não é a faculdade que irá determinar se serei uma jornalista qualificada ou não”²⁴⁷. Ela, que tem apoio dos parentes, indica ainda que a família deve ter a mesma consciência e é importante nesse processo de construção do lugar dela no mundo.

No mesmo currículo já citado, a Ninja informa ser bilíngue. O conhecimento dela fora desenvolvido em uma atuação profissional que passou por outros países, empreendendo atividades na área de *designer*, além de realizar palestras e oficinas na América do Sul e África, compondo o bojo cultural dela.

Quanto às transmissões, percebe-se uma Ninja relativamente interativa com a audiência; por vezes um tanto desligada/desatenta na condução da atividade (exemplo são os momentos em que ela evidenciou mais o chão do que a face dos debatedores na assembleia do MPL, ou quando esqueceu o celular ligado, virado para o céu, na marcha do MST); ousada e astuta (utilizando-se da possibilidade de cobrir a manifestação dos sem-terra do alto de um trio elétrico); em alguns momentos, confusa (tem frases mal construídas, deixando algumas

²⁴⁵ Ela teria feito essa afirmação em uma palestra realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), de acordo com o relato na página <<http://goo.gl/kXqUPK>>. Acesso em: 07 de out. 2015.

²⁴⁶ Esse tipo de reflexão por parte dela é um importante dado caracterizador do Mídia Ninja, já que mais do que uma integrante comum, ela, a partir de 2013 (e durante a Copa do Mundo de 2014), coordenava as áreas de fotografia, design gráfico e direção de arte do Mídia Ninja; chegou a ser gerente do Núcleo de Poéticas Visuais do Fora do Eixo.

²⁴⁷ Na edição da revista *Viver* de setembro de 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/2PWXLs>>. Acesso em: 07 out. 2015.

delas incompletas – parece haver uma demora no raciocínio para organização dos períodos, o que dificulta a compreensão do *webespectador*); descolada e muito pouco formal (utilizando-se da estratégia de mandar beijo para audiência ao final da *live*); e, entre outras particularidades, respeitosa com os entrevistados e conhecedora dos recursos do aplicativo do *Twitcasting* (ela parece ter colocado o celular no modo *mute* para combinar com uma fonte qual seria a pauta da conversa – algo não comum no trabalho dos Ninjas).

João Élcio (Vidigal)²⁴⁸

João Élcio Silva, mais conhecido como Vidigal, é outro colaborador do Mídia Ninja. Ele fez duas transmissões para o coletivo durante a Copa do Mundo de 2014: a primeira, em parceria com Carlos França, no dia 12 de julho; e a segunda em 13 de julho, ao lado de Filipe Peçanha. Segundo nos disse em entrevista, o convite para participar das transmissões veio a partir de um grupo no aplicativo para *smartphones*, o *Whatsapp*, do qual fazem parte muitos midialivristas e midiativistas do Rio de Janeiro. Ele colocou-se à disposição e empreendeu coberturas em dois momentos distintos e com particularidades.

João chegou ao Rio de Janeiro aos 15 anos. Residiu primeiro no bairro de Guaratiba, e depois mudou para o morro do Vidigal, região que lhe confere o apelido em razão da criação do *VidBlog Vidigal* – um conjunto de iniciativas *web* a partir das quais se evidenciam temas ligados à região, com o mote de denunciar a precariedade das condições do lugar.

O midiativista, que já trabalhou com rádios comunitárias, conheceu a plataforma *Twitcasting* em 2012 e tentou colocá-la em prática, sem muito sucesso em razão das limitações de sinal (3G) no morro em que se situa o Vidigal. Entretanto, um ano depois, em razão da emergência das manifestações na capital carioca, começou a empreender coberturas em tempo real nas ruas do Rio de Janeiro.

João conheceu o Mídia Ninja nessa circunstância. Ele fazia a transmissão dos protestos em meio à visita do Papa em 2013, quando teve a oportunidade de falar pela primeira vez com Rafael Vilela e Filipe Peçanha. A partir daí, realizaram alguns trabalhos e projetos em conjunto. Vidigal afirma que aprendeu muito com os midiativistas, mas que, não obstante, “não compactua” com algumas ideias do coletivo.

Mais especificamente, João Élcio afirma que o Mídia Ninja não trata como deveria das temáticas ligadas à corrupção e nem faz uma crítica que deveria se dar ao PT, deixando essas

²⁴⁸ Vidigal nos concedeu entrevista via *Hangout* (aplicativo de bate-papo da *Google*), no dia 1 de outubro de 2015.

perspectivas de fora do seu raio de atuação. Vidigal afirma que os integrantes do Mídia Ninja conhecem esse posicionamento dele. Ainda assim, o midiativista reconhece o importante papel desempenhado por esse coletivo.

Eu acho que quando a gente se propõe a fazer um trabalho alternativo, um trabalho que desconstrói a ideia, discordando com o trabalho da grande mídia, fazendo uma coisa mais verdadeira, digamos sem censura [...] e você começa a censurar alguns assuntos, a deixar alguns assuntos intocáveis, achar que determinado partido tiver alguma coisa mostrando, você se nega a mostrar; eu acho que você está se tornando parte daquilo que você se propõe a contestar.²⁴⁹

Isso, porém, não é um limitador para Vidigal atuar como colaborador do Mídia Ninja, na medida em que a narrativa dele, independente do veículo ao qual está vinculado, seria sempre pessoal. O que não parece ser um posicionamento de outros midiativistas. Segundo ele, alguns coletivos assumem essas mesmas críticas que João Élcio faz, mas as utilizam para criar diferenciações entre os grupos de mídia, gerando até uma espécie de disputa.

Na transmissão do dia 13 de julho, inclusive, João Élcio, ao ser questionado sobre estar no Mídia Ninja, procura descolar-se, retomando o *ethos* do personagem midiativista Vidigal. Em um dado momento, por exemplo, assume um editorial – tirando da possível corresponsabilidade Ninja, ao replicar a ideia de um internauta acerca da remoção de determinados parlamentares do poder: “Fora todo mundo, né? Quem escreveu aí. Fora todo mundo. Vamos construir um novo país aí. Chega! Chega dessa corja. Aqui é o Vidigal falando. Sabe que o Vidigal fala mesmo”²⁵⁰.

Esta estratégia de marcação do nome Vidigal é algo completamente diferente do que outrora se viu com os Ninjas. João Élcio faz questão de assinar, tanto quanto possível, a cobertura dele. Se de um lado, como dissemos, é uma tática de afastamento, é ao mesmo tempo autorreferencial para o trabalho que empreende em outro canal – a fim de, quem sabe, arrastar parte dessa audiência para o outro veículo do qual é responsável.

Em geral, nas transmissões, percebe-se um sujeito ágil com a câmera e com as palavras; de linguagem sem muita correção e espontânea; conhecedor e agenciador de temas diversos; interativo com a audiência – sistematizando questões e respostas para quem o acompanha no *chat* (digitando) e falando com os *webespectadores*, de forma muito mais ampla do que se viu com os outros midiativistas; irônico e com posicionamentos bem marcados.

²⁴⁹ Dados da pesquisa. Entrevista concedida em 1 de outubro de 2015.

²⁵⁰ Em entrevista ao autor desta tese, Vidigal demonstra-se descrente, talvez até um tanto revoltado, com o atual sistema político-partidário brasileiro e que, por isso, se recusa a votar.

Por fim, vale falar do *skate* utilizado por Vidigal em algumas transmissões; “[...] o veículo em questão é um *longboard*”, lembra ele.

Já usava desde as manifestações de 2013. Não necessariamente nas transmissões propriamente ditas, pois no meio de muita gente não tem como. Mas o skate era muito útil em fugas, em locomoção rápida pra chegar em algum tumultuo e até mesmo como escudo. No dia 13 eu consegui andar de skate no meio da marcha por que a massa humana não estava muito densa²⁵¹.

Mas, entendemos que há uma remissão qualificadora importante aqui. Ao andar nas transmissões com o *skate*, João Élcio mostra-se (e ainda dá ao Mídia Ninja essa perspectiva) como um sujeito descolado, transgressor, inventivo, entre outros adjetivos que o associam ao arquétipo do jovem ativista.

Karinny Magalhães²⁵²

A jovem Karinny entrou no Fora do Eixo ainda com 16 anos. No Amapá, realizando a cobertura colaborativa de festivais culturais, recebeu o convite para fazer o registro de outros eventos do coletivo e, desde o final de 2011, vem viajando pelo país. Depois de passar por Belém (PA), assim como Dênis, veio a Belo Horizonte para articular o ELLA e ficou para a Copa do Mundo de Futebol. A precocidade da Ninja pode ser explicada pela vinculação dela à geração Z e à possível familiaridade com as tecnologias de informação contemporâneas (que já demonstrava, conforme informou em entrevista, desde os tempos dos Ensinos Fundamental e Médio).

Magalhães é filha de policiais civis, mas, ao contrário de Dênis, recebe apoio familiar (apesar de a família não se vincular às perspectivas dos movimentos sociais). A Ninja acredita que o que a influenciou a se envolver com questões sociais dentro do Fora do Eixo foi a visão de infância acerca do que as populações ribeirinhas sofrem no estado do Amapá. Contudo, foi a participação no coletivo que possibilitou a abertura de um conhecimento mais amplo acerca dos problemas do país: “[...] não só a minha história de vida e o meu envolvimento, a minha absorção com o movimento, eu acho que a minha entrada para o Fora do Eixo me fez dimensionar muito mais a minha relação com as causas sociais e de como eu luto e vivo por isso²⁵³”.

²⁵¹ Dados da pesquisa. Entrevista concedida em 1 de outubro de 2015.

²⁵² Karinny Magalhães nos concedeu entrevista via *Hangout* (aplicativo de bate-papo da *Google*), no dia 11 de fevereiro de 2015.

²⁵³ Dados da pesquisa. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2015.

Como se sabe, Karinny dividiu a cobertura do protesto do dia 12 de junho com Fred Porto. Naquela oportunidade chegou a ser presa e, por isso, procurou afastar-se um pouco das ruas, deixando o trabalho de transmissão para Dênis Nacif. Ela, contudo, faria ainda o registro da ocupação simbólica da Praça da Estação, em Belo Horizonte, no dia 22 de junho²⁵⁴.

Além de festivais musicais, Karinny já vinha participando do processo de constituição do Mídia Ninja, cobrindo pautas no Amapá. Em Belo Horizonte, já havia realizado a transmissão de atos pré-Copa do Mundo. Contudo, o dia 12 de junho ficou marcado como um dos protestos mais violentos que ela cobrira, recordando que

[...] como eu era muito nova na cidade, eu me lembro da gente estar com uma equipe grande lá nesta cobertura, só que no tumulto ali perto da Praça da Liberdade eu me perdi do pessoal e acabei seguindo sozinha. Sozinha não, eu e mais umas pessoas que eu não conhecia mas... eu me lembro de ter me perdido da equipe do Ninja que estava na cobertura²⁵⁵.

A partir daquele momento, demonstrou uma série de características muito particulares, muito embora acreditemos que elas se devam um tanto ao calor das emoções de um acontecimento de impacto²⁵⁶. Entretanto, relatamos que a Ninja fala pouco na transmissão. Apesar de (re)contextualizar e tentar posicionar o *webespectador* tanto quanto possível, tem uma atenção especial em fazer vários tipos de imagem, isto é, empreendendo ângulos variados das cenas que transmite. Além disso, não teme em demonstrar as sensações dela e de utilizar corriqueiramente os palavrões-interjeições como forma de expressão emotiva. Por não ser da capital mineira, isso talvez tenha impactado na transmissão dela, não na qualidade, mas na condução, inserindo peculiaridades na narrativa, como a sequência de questionamentos sobre por quais ruas passavam (ainda que esta também tenha sido uma métrica para se salvaguardar, indicando o trajeto que fazia, caso algo acontecesse, como se deu).

Karinny foi abordada, como se vê na transmissão realizada por ela, de forma incisiva, sendo ofendida e até agredida fisicamente por policiais. No entanto, essas investidas dos militares ainda seriam pequenas perto do que ela ainda sofreria nas delegacias pelas quais passou, onde, segundo Magalhães, foi espancada de várias formas, chegando a ficar desacordada na detenção.

²⁵⁴ Esse material, porém, não nos foi possível analisar, pois o pouco que está disponível tem baixíssima qualidade audiovisual para empreender qualquer exame.

²⁵⁵ Dados da pesquisa. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2015.

²⁵⁶ Karinny, em entrevista concedida ao autor deste trabalho, indica, inclusive, que as transmissões se dão mesmo muito no “*feeling* do momento”.

Em entrevista concedida ao autor deste trabalho, porém ela não se vitimiza. Karinny encara o que houve com ela como um “mal necessário”, uma forma de, como disse, “[...] dar uma dimensionada para muitas pessoas que não fazem ideia do que é que estava acontecendo. De que muita gente estava sendo presa e estava sendo perseguida, simplesmente por exercer seus direitos”²⁵⁷.

Essa firmeza de Karinny aparece na forma como encara os policiais na transmissão. A Ninja questiona os métodos utilizados pelos praças e chega a responder ironicamente a um deles, o que teria motivado um dos militares a agredi-la física e verbalmente. A ironia de Magalhães aparece ainda em outros momentos na transmissão, principalmente ao ouvir as brincadeiras dos manifestantes, mesmo em um momento de tensão – fuga.

Outro ponto de destaque é o da modalização de linguagem de Karinny ao tratar de uma parte do grupo de ativistas. Ela é uma das poucas Ninjas que faz menção aos manifestantes adeptos às técnicas Black Bloc. Isso demonstraria um possível posicionamento da repórter. Ao contrário da mídia tradicional, que enquadra essas pessoas deliberadamente como vândalos (como adjetivo, próximo ao bárbaro ou ao selvagem, na remissão direta àqueles que danificam sem pudor bens públicos ou privados), a Ninja os adjectiva de duas formas: manifestante (como sujeito que assume a perspectiva do que se manifesta em um ato) e adepto (como apoiador ou seguidor de uma determinada lógica, no caso, de atuação específica em uma manifestação a partir de um *modus operandi* Black Bloc).

É assim que Karinny se aproxima daqueles que veem a ação Black Bloc mais como uma estética do que como um grupo organizado que age com um fim em si mesmo (quebrar por quebrar). O posicionamento politizado e problematizador de Magalhães aparece na entrevista que nos concedeu e deixa claro a ideia dela acerca da abertura que a sociedade deve ter para a discussão de várias temáticas, e de que a *Internet* pode, se utilizada da maneira correta, se consolidar como uma efetiva plataforma nesse sentido.

Letícia Pocaia²⁵⁸

Pocaia ficou responsável por três transmissões em São Paulo, que totalizam juntas pouco mais de seis horas de cobertura em tempo real. A repórter fez desde o registro de uma

²⁵⁷ Dados da pesquisa. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2015.

²⁵⁸ Foram realizados contatos com Letícia Pocaia por *e-mail* e via perfil no *Facebook*. A Ninja mostrou-se muito solícita, disse que ia retornar, mas não houve a devolução do questionário que encaminhamos a ela.

ocupação do MTST na capital paulista, até às marchas desse mesmo movimento no período de recorte da tese.

Assim, o que se pode falar de início é sobre o arrojo e coragem de Letícia. A jovem acompanhou, no meio da madrugada, a incursão de pessoas em uma atitude ilegal (não se trata de juízo de valor aqui), que poderia sofrer reprimendas da polícia, entre uma série de outros possíveis em uma situação totalmente singular: indivíduos entrando em um terreno que não era de propriedade deles, montando barracas, tentando se alojar, no mais completo escuro, em uma noite fria do inverno paulistano.

Antes de falar mais sobre as transmissões, em uma rede social *on-line*, Pocaia se define como feminista. Assim, faz parte da rede de mulheres do Fora do Eixo, criada em 2009, que atua em defesa de causas correlatas “[...] com o intuito de promover programas que fortaleçam a ação política de gênero na rede e fora dela”, tendo assinado, a certa altura, conjuntamente um manifesto em que repudia

qualquer tentativa de desqualificação da nossa militância, e percebemos que nesse debate, muitos homens têm projetado leituras equivocadas em relação a nossas práticas nos temas feministas. Claramente, são frutos de uma visão machista e preconceituosa, que projeta o conservadorismo, a incapacidade de análise de conjuntura e, sobretudo, a tentativa de suscitar o medo para apunhalar qualquer tentativa de invenção e experimento de novas práticas sociais²⁵⁹.

Mais do que isso, no mesmo perfil, assume ser “Bissexual” e “+ Size”, o que demonstraria a condição e/ou apoio dela a grupos sociais que são estigmatizados na sociedade, no caso, LGBTTs e pessoas acima do peso. Seu desprendimento em tal exposição de (possível) identidade corrobora a frase que coloca como favorita em outra rede social: “Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”.

Em relação às transmissões, vê-se uma Ninja que não guarda um padrão de atuação. É bem verdade que se trataram de três coberturas distintas: a ocupação de um terreno por famílias sem-teto, a marcha do MST e o ato do MPL – todas em São Paulo. Contudo, muitas das variações parecem ser de uma ordem que está para além do tema evidenciado. Num dia procura passar o maior número de informações possíveis, noutra esteve mais calada. Como recorrência, Pocaia constrói as frases com uma certa lentidão (o que em geral prejudica um pouco ao *webespectador* acompanhar o raciocínio dela) – isso quando os períodos não parecem sequer fazer muito sentido, por ausência de conclusão ou por serem repetidos em demasia.

²⁵⁹ Ver < <http://goo.gl/gUKaZJ>>. Acesso em: 08 out. 2015.

Tanto quanto possível, não apenas narra e/ou descreve o evento, mas argumenta, problematiza e se posiciona acerca das questões evidenciadas, demonstrando conhecimento e relação. Ao mesmo tempo, comete deslizes simples, que no jornalismo dito tradicional poderíamos chamar de problemas de apuração.

Pocaia é ainda visivelmente a favor da desmilitarização, uma vez que parece atribuir à polícia grande parte da violência nos atos públicos, e que não se pode confiar nas intenções dos militares; vê as pichações como expressão de insatisfação e não como ato ilegal; é espontânea; e procura humanizar personagens (haja vista a dinâmica que adotou com as famílias na cobertura da ocupação em São Paulo, num tom leve e descontraído, mostrando a realidade dos indivíduos que compuseram aquela ação).

Lóris Canhetti²⁶⁰

Lóris foi a Ninja de Brasília. De lá, durante dois dias, com pouco mais de uma hora de transmissão (cada), procurou evidenciar a votação da Lei da Cultura Viva. O *webespectador* talvez tenha se surpreendido ao ver a presença de uma midiativista entre os deputados na câmara, em uma zona pouco usual para jornalistas.

No entanto, pouco tempo depois, na transmissão do dia 1 de julho, a própria Canhetti informa (em um diálogo com a deputada Jandira Feghali) que fazia parte da comissão de cultura. Este é um comitê permanente, composto por 20 membros da Câmara Federal, criado em 2013 a partir do desmembramento da comissão de Educação e Cultura. Lóris foi nomeada, em maio daquele ano, para o cargo de Assessor Técnico Adjunto. À época, a presidente era a já citada deputada Jandira, sendo substituída em 2014 por Alice Portugal (ambas vinculadas ao PC do B). Não estamos a conjecturar nada ligado a um possível atrelamento político-partidário. Aliás, é importante perceber que a cobertura dessa votação se fazia importante para evidenciar os processos relacionados a um projeto de lei que poderia contribuir muito com movimentos ligados à cultura em todo o país²⁶¹.

Nesse ponto, ainda que acreditemos que o papel social midiativista não dê muita margem para que o sujeito que lhe representa ocupe outra atuação ligada ao Estado (em altos escalões), a situação comunicativa em que Lóris se encontra é diferente da de Cláudia Schulz. Enquanto a primeira utiliza das entradas dela para registrar um evento importante para

²⁶⁰ Realizamos contato com Lóris Canhetti por *e-mail* e por meio do perfil dela no *Facebook*. Ela mostrou-se atenciosa com a nossa pesquisa, mas não retornou o questionário respondido.

²⁶¹ A lei da Cultura Viva, de número 13.018, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 22 de julho de 2014 e está disponível em: <<http://goo.gl/WZxDav>>. Acesso em: 08 out. 2015.

determinados grupos sociais (posicionando-se de um lado da plataforma da governabilidade que, aparentemente, está em defesa de um direito de uma determinada ala social), a segunda trabalha em relação direta com o governador e, inferimos, se vê limitada no panorama ativista, em meio a uma manifestação que tem como alvo a realização de um evento no país, mas que é coarctado pelo aparato militar do Estado.

Importante dizer que Lóris é de Cuiabá (MT), mesma cidade do líder-fundador do Fora do Eixo, Pablo Capilé. Foi articuladora de eventos culturais em todo o estado do Mato Grosso, a partir dos quais desenvolveu grande interesse e conhecimento sobre a cultura e pelos artistas independentes. Chegou, inclusive, a trabalhar como produtora da carreira artística do *rapper* Linha Dura.

Válido mencionar também que já foi integrante da Central Única das Favelas (CUFA) em Cuiabá, o que nos leva a indagar o envolvimento político-social dela e que essa experiência porventura pode ter trazido a ela o desenvolvimento de um olhar acurado para causas igualitárias.

Em uma rede social na qual tem perfil, Lóris afirma que a frase favorita dela é uma atribuída a Paulo Freire: “[...] toda a realidade está aí submetida a possibilidade de nossa intervenção nela”. Em verdade, trata-se de um fragmento de fala do sociólogo brasileiro que foi dita na provável última entrevista, em abril de 1997²⁶². Freire, num momento da conversa com a jornalista Luciana Burlamaqui, tratava do papel ativo que cada um de nós pode ter, da possibilidade de alteração de uma situação dada por um comodismo que vem da adaptação. Talvez a associação com a citação em destaque revele esse compromisso de Canhetti com a mudança das “realidades” por meio do trabalho midiativista dela.

Enfim, pelos poucos elementos discursivos que temos da transmissão dela, podemos dizer que se trata de uma Ninja de poucas palavras, mas que repete (até mesmo, em nossa opinião, quando desnecessário) expressões de cunho ativista (como o “reprimir nossa transmissão”); ousada (apesar de ter certa liberdade, por trabalhar na Câmara, não há como negar o altruísmo dela); e com uma visão e posição bem marcadas sobre a importância e benefícios da alteração da legislação em prol da cultura (chegando até a comemorar com os movimentos, os discursos favoráveis à Cultura Viva).

²⁶² Disponível em: <<https://youtu.be/UI90heSRYfE>>. Acesso em: 08 out. 2015

5.3.1.1.1 Como se apresentou o Mídia Ninja durante a Copa do Mundo?

Presos à concepção direta da questão, a resposta seria que, em geral, ele não se apresenta. Isto é, na condição de *webespectador*, o sujeito sabe que está estabelecendo uma relação com o mundo mediado pelo Mídia Ninja. O internauta acessa a plataforma do coletivo, mas durante a transmissão há uma forte tentativa de apagamento do Ninja. Inferimos que a identidade social do sujeito não é totalmente esquecida, sobretudo por aqueles que, mesmo acompanhando as coberturas, têm críticas ao coletivo (muitas delas pautadas, como vimos, em um histórico de denúncias contra o Fora do Eixo).

No entanto, durante uma *live*, quem a acompanha não vê o rosto do Ninja, não o materializa em razão da ausência da imagem. Tampouco, muitas vezes, sabe o nome dele, pois este, em geral, não assina o trabalho feito. O olhar dos espectadores, então, é conduzido por uma suspensão, no ar. Mas há um sujeito por trás dessa mediação; um ser que passa a existir quando narra, argumenta, descreve, entrevista e age conforme o internauta espera que, no alinhamento contratual prévio, o faça.

Esse modo de atuação, então, deve estar pautado pelo o que o Mídia Ninja representa. Contudo, sem entrarmos muito no mérito de questões que devem ser observadas e analisadas por outras seções deste trabalho, há algumas particularidades que, em uma opinião muito “a priori”, fazem as relações mudarem um pouco e serem resignificadas em cada transmissão, a partir do trabalho de cada um dos Ninjas. São cinco pontos. O primeiro deles é que, diferente do que Bruno Torturra assevera, o Mídia Ninja não entrevista “todo mundo”. É importante entender que o que estamos chamando de entrevista aqui é o diálogo, tendo o internauta como beneficiário, que pode tratar de questões difíceis, mas tenha a real intenção de ouvir o interlocutor, não o julgando a partir de inferências prévias balizadas por imaginários sociodiscursivos.

Assim, ainda que essa peculiaridade venha a ser tratada na seção seguinte da tese, demonstra um traço identitário dos Ninjas. O “outro” não tem voz. E quando pode ter é pego em ofensiva. Falamos especificamente dos policiais em um ato público. É evidente que muitas vezes são eles que não querem falar (ou são orientados pela Assessoria de Comunicação, via comando, a não darem entrevista sem antes passarem por aulas de *media training*), mas em mais de 50 horas analisadas, em nenhum momento houve a intenção de entrevistá-los dentro de condições menos carregadas²⁶³. Em situações que se assemelham a essa tentativa, em nossa

²⁶³ Apenas em uma transmissão de Alex Demian, vê-se um Ninja a registrar o diálogo de um representante da PM com outro midialivrista.

opinião, em geral, tão-somente são vistas como forma de provocá-los. Assim, coube em raros momentos ainda a condição de ouvi-los em diálogos com terceiros.

Não estamos fazendo uma defesa da Polícia Militar, tampouco sendo coniventes com muitas das arbitrariedades cometidas pela corporação em manifestações, nem esquecendo que em muitos casos é ela que assume uma postura que não se predispõe ao diálogo. Contudo, o comportamento do Mídia Ninja em geral também não é o de predisposição às trocas com os policiais nas ruas. A polícia já é vista, muitas vezes, a partir de um estereótipo e, assim, a dinâmica midiativista com ela se dá no sentido de expor as limitações.

Não nos parece razoável nesse sentido dizer que o Mídia Ninja é apenas parcial. Tratar-se-ia de um jornalismo, nesse sentido apenas, realmente de militância. Contudo, como segundo ponto, conferimos que há muita variação entre os Ninjas. O *modus operandi* não é padrão, ainda que haja um contrato prévio do coletivo com a audiência. Esse acordo é reestruturado a partir do trabalho de cada midiativista e em função de cada contexto de atuação. Assim, o terceiro ponto é o de que não há nem manutenção do comportamento por boa parte deles. A cada transmissão, mesmo que o cenário e as condições contextuais sejam as mesmas, pode, como houve, existir uma mudança de comportamento. Afinal, estamos falando de seres humanos, submetidos e condicionados às mais diversas influências e situações de vida.

Ainda nessa linha, como quarta questão, acreditamos que os Ninjas sejam afetados emocional/psicologicamente pelas ocorrências em que estão inseridos, tendo, então, um comportamento variante de acordo com a série de fatores que os cercam. Isso intervém, em nossa opinião, não na dinâmica midiativista, mas ora em parte da composição, em outros momentos em outra, interferindo tão-somente em um modo de registro, ou na postura de envolvimento em uma manifestação por exemplo.

Porém, e esta é a nossa quinta observação, há diferenças marcantes no comportamento ativista dos Ninjas. Enquanto uns são mais comedidos (ora por influências familiares, outros por questões de ordem profissional) – indicando uma postura mais midiativista –, têm-se aqueles que partem para o efetivo enfrentamento.

Por fim, vale observar o esforço discursivo dos Ninjas em se autoafirmarem como midiativistas, em demonstrar de alguma forma ao *webespectador* que a função deles nas manifestações é fundamental. Isso se deu por meio de uma série de construções verbais que denotam essa tentativa de conformação de um *ethos* do coletivo, que ajuda a associar adjetivos aglutinados em expressões, como “ao lado do povo”; “ao lado das manifestações”;

“contra o estado de exceção”; “contra os abusos da Polícia Militar”; “sempre presente”; “sempre atento”; entre outras.

Ademais, o veículo realmente parece se apresentar dentro do que conseguimos levantar em análise prévia, na leitura de seu histórico de desenvolvimento. Porém, em 2014, já se tinha uma marca consolidada. Falava-se do Mídia Ninja, e não mais de jovens com celulares nas mãos. Mas, quem são eles? A identidade deles parece ser ainda muito inferior à do coletivo. Com todo este lastro que permitia reconhecimento e entradas ao grupo, não à toa os Ninjas quase sempre se apresentavam como: “sou do Mídia Ninja e...”

5.3.1.1.2 Quem são os interlocutores nas cenas?

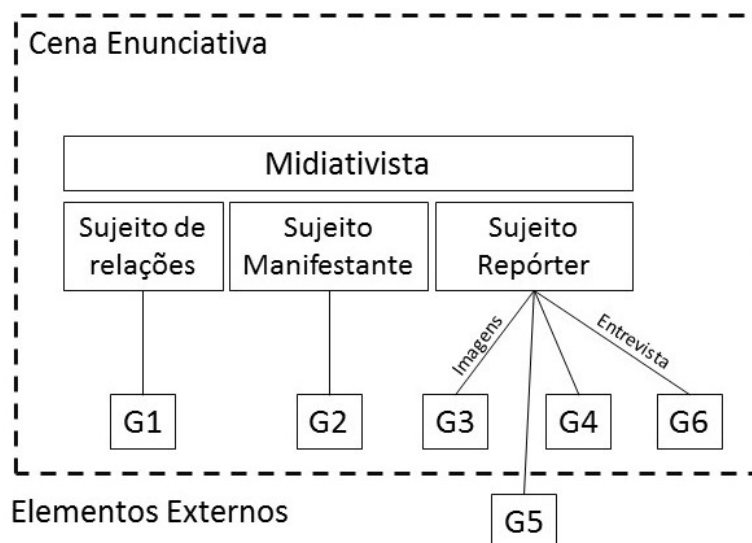
Os Ninjas estão presentes em uma dada cena enunciativa (uma manifestação, em uma plenária política, em um debate, etc.) e de lá estabelecem processos comunicativos dos mais diversos. Dividimos, conforme se viu anteriormente (capítulo 3), esse sujeito inserido na narrativa em três, de acordo com as condições de aparecimento dos grupos de identidades dentro de um determinado contexto. Apresentamos a seguir, novamente, o esquema que representa tal fragmentação.

Se estamos escolhendo os acontecimentos tangentes à Copa do Mundo de Futebol em função das opções tomadas pelo Mídia Ninja, acreditamos que só deveríamos fazer menção direta àqueles que ganham relevo na narrativa dos midiativistas. Parece evidente, porém, que apagamentos, intencionais ou não, se deram nesses constructos. A isso também ficamos atentos, procurando enxergar esses movimentos dos Ninjas.

Listamos, então, doze grupos sociais, por assim dizer, que orbitam nas cenas enunciativas que os repórteres evidenciam. Não tratamos, ao menos a princípio, das identidades dos sujeitos vinculados a cada um desses grupos, mas a uma pressuposta adesão ao universo simbólico que determina o comportamento deles nas manifestações/assembleias populares/atividades parlamentares e a ação dos Ninjas sobre eles. É a partir da descrição desses grupos que as caixas de nosso esquema, descrito anteriormente, farão sentido.

É importante mencionar, porém, que, da mesma forma que os Ninjas não se identificam, poucas vezes querem saber ou apresentam a identidade social dos entrevistados deles. Assim, o reconhecimento dos sujeitos e a quais grupos pertencem, muitas vezes, se dão por um reconhecimento discursivo.

Figura 25 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ativistas

Em suma, quando a identidade social de um determinado sujeito não é exposta, quer seja textual ou visualmente pelo Ninja, quer seja pela própria apresentação pessoal do indivíduo, quase sempre se alojará no grupo dos ativistas. Não chega a ser em totalidade, pois, em alguns casos, pessoas que em verdade não participam do evento, mas o acompanham (curiosos, transeuntes, contrários à manifestação), podem ser entrevistadas não tendo os traços pessoais revelados, cabendo uma observação atenta para que, com os elementos do discurso, se possa enquadrá-las em outro grupo.

Os ativistas, então, são mais entrevistados, em geral, compondo a maioria do G6, tendo assim um espaço de fala que não conseguiriam na mídia tradicional. Eles são muito mencionados, positivamente, também no texto dos Ninjas, caracterizados pela atividade manifestante a que se prestam em busca de melhores condições de vida. As ações deles, então, de modo isolado, pouco representam. Apesar de microações (futebol lúdico, utilização de um megafone, intervenções artísticas, exposição de um cartaz, etc.) serem destacadas em um protesto, por exemplo, é a ação da massa manifestante que em geral ganha lugar nos adjetivos apreciativos dos Ninjas, que veem toda investida desse grupo como importante e legítima. É o conjunto que tem atenção quando a identidade social prévia do sujeito dá lugar tão-somente à condição ativista dele, e essa só parece fazer sentido no encontro com iguais.

Então, como dito, os ativistas destacam-se no G3 (quando as ações deles são exibidas pelos Ninjas), no G4 (quando são narradas, descritas e qualificadas pelos repórteres) e no G6 (ao ganharem voz). Mas, podem ser mencionados em G5, quando, por exemplo, das diversas citações que são feitas a manifestantes que empreenderam ações em outras situações ou contextos, para além da que está em curso.

Apesar do histórico (ou das acusações) de que o coletivo já teria sido expulso de manifestações, não se viu o grupo de ativistas se inserindo como G2. Aliás, foi comum verificar as diversas conversas paralelas dos Ninjas, com diferentes pessoas, entre elas, manifestantes que não davam entrevistas, mas tão-somente dialogavam com os midiativistas. Assim, conformando o G1.

Toda ação ativista, ratificamos, quando qualificada, era positivamente (até a pichação, considerada por Letícia Pocaia uma intervenção). Quando não, apresentava uma variação no grupo; ou seja, poderia se tratar de uma ramificação adepta às táticas Black Blocs (como aconteceu em Porto Alegre, com Cláudia Schulz, e no Rio de Janeiro, com Filipe Peçanha).

Black Blocs

De forma reducionista, os Black Blocs aparecem nas manifestações com o intuito de, por meio de ações específicas de depredação, expressar a insatisfação deles com o Estado, com o sistema capitalista, com o *status quo*. Eles não dão a ver os rostos, tampouco a voz. Os argumentos desses manifestantes, *in-loco*, fazem-se presente pela ação que empreendem. Como tem impacto direto, normalmente são evidenciados pelas mídias, quaisquer que sejam. Pelo Mídia Ninja, aparecem primeiro na condição de G3, sujeitos mostrados, tanto quanto as atividades deles, deixadas à interpretação do internauta.

No dia 12 de junho, em Belo Horizonte, as imagens de Karinny mostram uma ação de contra-ataque, defesa e fuga dos Black Blocs à ofensiva da polícia. Depois de marcharem de braços dados (muitos encapuzados, outros tanto sem camisa – o que remonta a um grupo rebelde), gritarem palavras de ordem e queimarem uma bandeira do Brasil, foram atacados por balas de borracha e bombas de gás. Aqui o discurso dá a ver, então, um grupo provocador, mas até então não violento, senão em resposta a ação dos militares.

Nesse mesmo dia, foram evidenciados como G4, presentes em uma qualificação tênue por parte de Karinny Magalhães, conforme já fora evidenciado (vistos mais numa perspectiva manifestante do que vândala). Na transmissão de Cláudia Schulz, em Porto Alegre, contudo, receberam uma reprimenda da Ninja, quando esta percebeu que os adeptos a essa tática

apedrejavam locais que tinham pessoas dentro e que poderiam ser feridas. Observamos que o grupo não a respondeu; não houve interlocução verbal. Nesse sentido, não poderíamos apontar que os manifestantes estabeleceram relações com Cláudia, não compondo um G1. Mas se trataria do discurso como ação, para mudança de posição.

A discordância entre as partes poderia, então, fazer os Black Blocs serem vistos pela audiência (aderida ao Ninja) no composto do G2. Contudo, não houve retorno dos manifestantes, qualquer que seja. Assim, a recriminação de Schulz parece mesmo mantê-los no G4. Mas o porquê disso tudo? É importante explicar o lugar ocupado, pois se chega, na nossa opinião, a uma condição qualificadora de Branca aos manifestantes, num possível interpretante de sujeitos irresponsáveis e inconsequentes, na medida em que ela não faz qualquer consideração que pudesse ser avaliada como positiva ao grupo.

Interessante observar que o *webespectador*, assujeitado pela mediação, caso estivesse assistindo às duas transmissões, teria acesso a visões diferentes sobre os Black Blocs, em função de ações díspares de contexto de cada ramificação do grupo de ativistas. O papel das Ninjas, contudo, também é importante, pois ajuda a delinear o movimento, quer seja com o silêncio, quer seja com uma variação pequena no enquadramento descritivo.

Especialistas

Apesar de pouco frequentes, ao longo dos protestos, há depoimentos, que por mais que de alguma forma estejam alojados no bojo manifestante, têm um peso específico. Entendemos, por exemplo, que quando um Ninja fala com um advogado (ainda que ele esteja no ato muito em defesa de um dos lados) parece dar voz a alguém que, em função da formação acadêmica, e até por isso de um certo afastamento da causa em curso, teria legitimidade maior para analisar a situação de contexto. É o que parece se dar com Dênis Nacif em duas oportunidades em Belo Horizonte, e Filipe Peçanha no Rio de Janeiro, com o exemplo do profissional do Direito.

Há, nesse caso, o peso de um nós externo, condicionado pelo reconhecimento da identidade social daquele sujeito, que, em geral, endossa a causa. Assim, na mesma medida, quando um entrevistado apresenta a credencial institucional dele, ligado a alguma organização (independentemente do setor), irá direcioná-lo, a depender da situação de contexto, para um dos doze grupos indicados anteriormente.

Mas, quanto menor a relação direta da identidade social do sujeito com a causa em curso, e tanto maior for o reconhecimento e legitimidade dos distintivos dele, mais próximo

estará da condição de especialista. No entanto, ainda que o respaldo dos atributos dele seja célebre, se houver alguma vinculação com o mote do protesto, por exemplo, mais se afastará da posição de *expert*, para associar-se a algum grupo interessado e diretamente envolvido.

Assim, os especialistas apareceram ainda na condição de palestrantes em diversos debates e assembleias públicas transmitidas pelos midiativistas, e até em uma oficina organizada pelos Ninjas. Como dito, apresentam-se no G6, dando, por vezes, até respaldo à transmissão e aos argumentos do Ninja. São, em geral, utilizados com essa função específica, alinhando o trabalho do coletivo com uma dinâmica recorrente na mídia tradicional; têm como aparecer no G1, já que podem estabelecer relações pessoais com os repórteres (ou mesmo, como houve, quando esses últimos precisaram dos préstimos de advogados – caso da agressão a Filipe Peçanha em 13 de julho, no Rio de Janeiro), assim sendo humanizados na cobertura; e ainda podem ser inseridos na narrativa visual e verbal dos midiativistas, quando do empreendimento de ações diversas ao longo de um determinado evento, registrando a atuação pró-ativistas deles, qualificando-os actancialmente como parceiros e até heróis – a depender dos feitos.

Governos

O Governo é outro intangível. Trata-se de uma entidade, em certos momentos composta, em algumas narrativas fragmentada, quase sempre externa às transmissões, mas muitas vezes materializada na força militar. Ele é composto quando se fazem referências indiretas, seja do Ninja, seja dos entrevistados, ou ainda no registro de cartazes e palavras de ordens dos manifestantes. É um todo genérico, complexo (ainda que o senso comum o coloque de forma simples), culpado por uma determinada situação que se tem no país, alvo de crítica.

Ele divide-se, porém, quando é feita menção ao Executivo ou Legislativo de alguma esfera: federal, estadual e municipal. Porém, não nos referimos à pessoalidade. Isto é, quando se materializa a crítica em torno de alguma personagem, direciona-se ao grupo de políticos. Contudo, muitas vezes as observações são trazidas em remissão aos partidos, que também guardam um espaço específico.

Assim, o governo só teria como aparecer na condição de G5. Acontece que, além da possibilidade do Mídia Ninja entrevistar um parlamentar em situação específica (como aconteceu com Eduardo Paes em 2013 – ainda que pensemos aqui no enquadramento não na categoria de governo, mas, devido à pessoalidade, na de político), durante a Copa do Mundo

de Futebol de 2014, o coletivo esteve presente na Câmara Federal e na Câmara dos Vereadores de São Paulo.

Nesse sentido, em uma manifestação ou assembleia popular, só teremos mesmo como apreciar o governo na condição de G5; elemento externo, ao qual quase sempre se faz menção como responsável por uma dada situação de contexto frente a qual se visa intervir. A crítica, vale lembrar, vem não só dos entrevistados, mas muito dos repórteres. Porém, quando um Ninja registra a dinâmica de uma casa parlamentar, está expondo o *modus operandi* do governo.

Assim, o governo ganharia forma por meio da exibição da maquinaria dele, construindo-se, nessas circunstâncias, em G3. O Ninja, *in-loco*, ao fazer a apreciação crítica sobre essa atividade insere o governo também na condição de G4. Porém, ele só seria G6 quando alguém estivesse falando pelo todo (um representante, assessor de comunicação, ou porta-voz, por exemplo). Isso é, apesar de Lóris Canhetti (em Brasília) e Alex Demian (em São Paulo) terem entrevistado parlamentares, na área (e até momento) de trabalho específica dos políticos, eles não falam pelo governo, mas tão-somente por si só e/ou pelos partidos a que pertencem.

Mídias de massa

Veículos de comunicação de massa, independente do suporte, na grande maioria das vezes, são criticados pelos Ninjas – estejam eles no evento evidenciado ou não. Sobre eles é atribuída, pelos midiativistas, a culpa pela manutenção de uma série de imaginários sociodiscursivos que ajudam a estigmatizar determinados grupos sociais, como os moradores de periferia, o MST, aqueles que ocupam áreas urbanas, entre outros, não dando voz e espaço a estes, agindo em conformidade com o projeto da Copa do Mundo de Futebol no país.

Assim, os *media* apresentam-se como G5, criticados exatamente pela ausência no fluxo das manifestações nas ruas, pela visão de fora e verticalizada, entre outras observações – como as mencionadas anteriormente. Contudo, quando estes aparecem, são muito pouco sinalizados em G3, mas muito recriminados, inseridos em G4 com a ideia de que estão presentes no evento exatamente para fazer circular os estereótipos aos quais são vinculados.

Entretanto, essa postura parece ser diferente por parte dos Ninjas com os veículos estrangeiros, sobretudo com aqueles que lhes pedem entrevista. É o que acontece, por

exemplo com a *TV ZDF*²⁶⁴, da Alemanha, em relação a Filipe Peçanha, em 4 de julho de 2014. Outra variação curiosa é a que se deu com Cláudia Schulz, em Porto Alegre, ao indicar que, caso a transmissão dela se encerrasse (por alguma limitação técnica), que os internautas continuassem acompanhando pelo *site Terra*, que empreendia cobertura no local.

Quanto ao primeiro caso, fica claro que a postura rude dos Ninjas está relacionada tão-somente aos *media* brasileiros, na medida da inserção do coletivo no país e a política de defesa de causas sociais por aqui, procurando dar voz àqueles que são limitados e caracterizados verticalmente pela imprensa do Brasil. Em relação ao segundo, só conseguimos ver como justificativa a preocupação da Ninja em não permitir que a audiência ficasse desamparada em função de uma queda de sinal. Para tanto, ela faz menção a uma série de outros coletivos gaúchos também; mas não conseguimos compreender o porquê dessa citação ao *Terra*, em mais de uma oportunidade – um portal com interesses econômicos, em contradição a uma postura midialivrista.

Os veículos não aparecem em G2, mas um pouco em G1 – haja vista, por exemplo, a dinâmica de Alex Demian na Câmara de São Paulo e alguns poucos diálogos que travou com membros da imprensa de massa. Interessante observar que em uma dessas oportunidades, ele faz inclusive um elogio ao jornalista Sandro Barboza, não deixando de execrar o veículo do qual faz parte – a *TV Bandeirantes*.

Assim, não destacamos o lugar dos jornalistas dos veículos de massa tão-somente pela única menção de um Ninja e porque, em geral, quase sempre serem sobredeterminados pelos órgãos aos quais estão vinculados, numa remissão direta a uma identidade social que os enquadra em detrimento de outros traços.

No entanto, vale observar que em G3 os Ninjas puderam, graças à transmissão em tempo real, demonstrar o *modus operandi* também das mídias de massa, aliás, dos profissionais delas. Em pelo menos três oportunidades distintas, o coletivo evidenciou os bastidores da produção dos *media*: a que os cinegrafistas têm de se submeter para gravar um bom ângulo (com a dificuldade para subir em um elevador em Porto Alegre), nas conversas em *off* com vereadores (na Câmara Municipal em São Paulo), na colaboração entre profissionais (também na capital paulista, durante a Marcha do MST), entre outras.

Assim, ao mesmo tempo em que há uma crítica verticalizada do Mídia Ninja sobre a mídia de massa, há uma espécie de humanização, ainda que sem intenção (apenas com o

²⁶⁴ Mais informações sobre a emissora podem ser obtidas em <www.zdf.de>. Acesso em: 15 jan. 2014. Menção da TV aos protestos no Brasil, inclusive à participação do Mídia Ninja, durante a Copa do Mundo, pode ser vista em <<http://migre.me/o8A8r>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

registro). Esta permitiria o reconhecimento de práticas que estão para além de qualquer conjectura possível, a partir da vista ao produto já acabado. Isto é, um telespectador não conseguiria, de fato, por maior grau de leitura que tenha, inferir como se constrói (ou se construiu) a (uma) notícia. Mas, mais do que isso, com essa exposição Ninja, o leitor verifica que existe uma equipe, formada por pessoas que estabelecem relações e que têm de empreender determinadas ações em razão do constructo midiático.

Cada sujeito, então, pode fazer a interpretação a partir das imagens do Mídia Ninja, a inferir, por exemplo, em São Paulo, o diálogo paralelo de uma jornalista com o vereador Police Neto, na remissão a uma possível relação político-partidária com o PSD, ou tão-somente o esforço em conseguir notícias em primeira mão (ainda que tenha sido dada pelo midiativista que exibiu toda a conversa).

Militares

Como já viemos afirmando, os militares seriam a materialização dos intentos do governo, que visa coibir as manifestações. Os policiais (ou brigadianos, no caso de Porto Alegre), quase nunca são identificados²⁶⁵; em geral, não se sabe o nome ou qualquer outro traço de identidade social deles, a não ser a vinculação à tropa e, em alguns casos, as patentes deles. Os Ninjas enquadraram-nos, então, menos como sujeitos e mais como entidade, a partir de um estereótipo que aglutina adjetivos que não são raros de serem ouvidos pelos repórteres: truculenta, repressiva e intimidatória, além de serem um “resquício da ditadura militar” e violarem os direitos básicos do cidadão, em impedimento às liberdades.

Não só por isso, então, os Ninjas são a favor do processo de desmilitarização; o que, em outras palavras, significaria encerrar o modelo de policiamento que se tem hoje. Assim, é interessante perceber que as manifestações não teriam bloqueadas/impedidas a sua condição de mídia (mediação, da insatisfação por meio de uma ação direta, para o governo). Mas este é só um parêntese.

Retomando, conforme já havíamos mencionado, os militares não são entrevistados. Não se viu, em nenhum momento, a intenção dos Ninjas em entrevistá-los. Isso porque nos parece que, quando a força policial se faz presente, automaticamente já se gera um clima de tensão. É válido perceber, inclusive, que alguns repórteres fazem a menção de que, se não há PM (ou BM), não há violência.

²⁶⁵ Com a exceção do protesto em 20 de junho, no Rio de Janeiro.

Todavia, as oportunidades em que os militares teriam de falar são aquelas em que microacontecimentos, envolvendo a polícia, já estão em curso (prisão de algum ativista, revistas e apreensões, etc.). Nesse sentido, normalmente a abordagem dos midiativistas já se dá em um tom diferente: de provocação, de questionamento mais duro. É de se esperar, até pela posição em defensiva do interlocutor, além da nítida falta de preparo dele para se comunicar, que cale ou venha a empreender alguma ação que não a verbal. Quando essa última se dá, ela vem a corroborar o estereótipo que já vinha sendo enunciado, de diversas formas pelo Ninja.

A força policial em 2014 parece ter começado, em algumas cidades (sobretudo em Porto Alegre e Belo Horizonte), reduzida e até certo ponto parcimoniosa. Acreditamos, muito particularmente, que esta foi uma ação estratégica. A intenção talvez fosse a de mostrar o que os ativistas são capazes de fazer sem uma vigilância maior dos militares. Logo, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais houve uma grande depredação de patrimônios públicos e privados, o que resultou, como justificativa, em um efetivo maior e ações mais rígidas da polícia nos dias seguintes não só nesses cidades, mas em todo o país.

Esse foi o discurso que atravessou um posicionamento dos militares, e não dos Ninjas, que continuavam a marcar a desproporcionalidade das forças nas ruas. Na capital mineira utilizaram de uma tática de envelopamento ilegal; em São Paulo, passaram a acompanhar até os debates populares (provocando participantes e usando da força e intimidação); e, no Rio de Janeiro, mais especificamente no dia da final da Copa do Mundo de Futebol, promoveram, conforme se viu nas imagens do Mídia Ninja, uma enorme balburdia, para a qual nos faltam adjetivos depreciativos²⁶⁶, utilizando-se do sarcasmo e mão de ferro para coibir um ato pacífico.

Assim, com exceção do G1 e do G6, a força militar aparece noutros grupos. No G2, por ter aprendido, ofendido e agredido Karinny Magalhães; provocado e intimidado Dênis Nacif; sido provocada, em pelo menos quatro oportunidades, por Filipe Peçanha, e tê-lo preso e agredido em outras duas.

No G3, teve as ações dela evidenciadas em diversos momentos, entre os quais o dia 13 de julho, para os quais não necessitaria narração devido ao excesso de força, e outros em que uma atuação normal, em procedimentos padrão, foi registrada (mas que, em algumas delas, em associação com o texto verbal dos Ninjas, ganharam outro *status*, indicando, por exemplo, a ausência de necessidade da presença e o intento de tão-somente intimidar).

²⁶⁶ Aquém das limitações de juízo de valor em um trabalho acadêmico, não há como não qualificar a atitude da Polícia Militar como vergonhosa nesse episódio.

Há um momento interessante em 2014, como quando um policial foi até à ocupação do MTST em um terreno e, em tom baixo, mostrando-se inclusive solícito, dialogou com tranquilidade com representantes do movimento. Até aí, em G3, a polícia poderia ser vista até de uma forma positiva pelo *webespectador*, não fosse a argumentação da Ninja Pocaia, que assevera que não se pode confiar nos militares, sobrepujando de certo modo a ideia primeira por um G4 que reforça os pontos negativos dos praças.

Eles aparecem em G5, quando é feita remissão dos militares em outras situações, mas muito em G4, em uma crítica aguda e constante. Como foi dito, eles são responsabilizados por não permitirem que as pessoas exerçam o direito de se manifestar e fazer com que o protesto sirva de plataforma para que o governo e a população não envolvida tomem conhecimento de determinadas causas sociais e intentos de grupos vinculados a essas manifestações.

Destacamos pouco, como se viu, o sujeito de modo isolado, entendendo que, assim como os jornalistas para as mídias de massa, os policiais, por meio da narrativa do Ninja, são sobrepujados pelo vínculo à corporação, assumindo toda a interpretação do imaginário social que se tem sobre os militares.

Movimentos sociais

Os movimentos sociais²⁶⁷ são os principais articuladores dos eventos que os Ninjas vão cobrir: marchas, manifestações, ocupações e debates populares. Em geral, concentram-se em um determinado local, realizando, por exemplo, a ocupação de uma praça, e podem (quando é do interesse e não impedidos pelos militares) sair em caminhada para um ponto previamente determinado. No local de encontro e no trajeto, cantam e expressam palavras de ordem, exibem cartazes com menções às causas pretendidas, empreendem ações lúdicas e outras intervenções ativistas.

Eles são identificados na narrativa ninja como entidade e instituição, não só na representação por determinados sujeitos e bandeiras, mas a partir dos pontos de vista e das ideologias deles. Assim, são sempre nomeados nas ações e quase que de imediato classificados/qualificados na associação direta com os intentos dos acontecimentos exibidos. A primeira ressalva é a de que, indistintamente, todos são postos de modo positivo, tendo o

²⁶⁷ Entendidos aqui de forma ampla, ainda que nos amparando nas concepções apresentadas no capítulo 2 da presente tese. Falamos, como exemplo, do Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo, o Bloco de Luta pelo Transporte Público, de Porto Alegre, entre muitos outros.

substantivo luta convertido em adjetivo para denominar as ações empreendidas pelos movimentos sociais.

Os grupos, então, são evidenciados como centrais na organização de um evento (relacionando-se ou beneficiando-se mais diretamente de uma mudança de postura do outro), ou como apoiadores desses primeiros (aqueles que fortalecem a causa), sobretudo nas manifestações, ocupações e debates. No caso das atividades parlamentares, aparecem como pressionadores (e favorecidos por uma determinada posição).

Dentro do esquema que veiculamos, os grupos não apareceram durante a Copa do Mundo no G2, contrariando a ideia de animosidade que poderia existir frente ao Mídia Ninja. Em relação ao G1, observou-se o diálogo paralelo dos Ninjas com representantes/integrantes de movimentos sociais, demonstrando um conhecimento prévio de ambos. Na condição de G6, são assíduos. Contudo, só é possível identificar que se trata de um sujeito que fala pelo movimento quando este exhibe as credenciais dele (ou, o que é mais costumeiro, o Ninja o apresenta). Muitas vezes, os traços identitários são difíceis de serem conhecidos pelo discurso, pois parece haver um modo expressivo que recorre a certas figuras de linguagem que é muito comum entre pessoas que participam de uma manifestação, por exemplo, independente do vínculo dele a uma bancada.

Ao identificar um determinado indivíduo como ligado a um movimento social, o Ninja o destaca da envergadura manifestante comum. Na estrutura do evento, aquela fala parece ter uma legitimidade e apelo maior, em razão de todos os pontos que já colocamos. O sujeito que representa o grupo tem uma função de fonte importante, que pode dar detalhes fidedignos do que representa a ação, ao passo que parece ser a ele a quem o propósito do coletivo faz sentido quando se pensa em dar voz às causas – quem fala por elas?

O conjunto das ações dos movimentos sociais são, então, focalizados pelas lentes dos *smartphones* dos Ninjas e identificados visualmente pelas bandeiras que empunham e camisas que vestem (além dos cantos e palavras de ordem que entoam, perceptíveis no som ambiente), compondo um G3 que sofre intervenção direta da narração, descrição e argumentação, sempre positivas, dos repórteres.

Os movimentos sociais aparecem em G5 quando são reivindicados mesmo que não estando presentes na cena enunciativa focalizada pelos midiativistas. Essa prática é recorrente, quer seja temporal (quando os Ninjas rememoram ações dos grupos em outras manifestações, ou mesmo chamam para as que ainda estão por vir) ou espacialmente (na menção às atividades em outras cidades do país).

Não ativistas

Como dissemos, ao tratar do grupo de ativistas, há um conjunto de outras pessoas que estão presentes na cena enunciativa, mas que não configuram a polarização manifestantes x governo. Em geral, dissemos que estes são curiosos, transeuntes e até aqueles que são contrários à manifestação. Nesse sentido, como se vê, com esses três exemplos, falamos mais diretamente de uma situação de protesto. Vamos observá-la e depois tratar de outras particularidades.

Então, parte dessas pessoas pode estar em G2. Com Filipe Peçanha viu-se, logo no dia 12 de junho, uma senhora contrária à manifestação que fazia questão em espezinhar o Ninja. Este tentou desvencilhar-se dela, não travando um diálogo mais direto, mas estabelecendo, por meio da ironia, uma troca com o *webespectador*, expondo as limitações daquela mulher. No dia 20 de junho, por sua vez, foi o Ninja que partiu para um enfrentamento com um senhor no Rio de Janeiro. Após um comentário ácido do transeunte, Peçanha foi arguí-lo, com tom um tanto provocador, ao que o sujeito não quis ser entrevistado. Não obstante, pelo que se vê, houve primeiro o estímulo de suscitação do senhor. Estes são dois exemplos pontuais de como as pessoas contrárias às manifestações acabam aparecendo na narrativa dos Ninjas: por uma estratégia de dar a ver-se, de um enfrentamento primeiro, leve, de cutucar, mas que acaba por dar gás às argumentações dos midiativistas.

É raro ver os não ativistas em G1, já que em geral as transmissões se dão ao longo dos eventos e não faria muito sentido o estabelecimento de conversas paralelas, a não ser para ações específicas com essas personagens (como quando Isadora Machado vai comprar algo de um ambulante).

Em G3, o mesmo acontece. Isso pois, é difícil identificar aqueles que não são ativistas, a não ser quando empreendem alguma ação contrária a manifestação. Isso se deu, por exemplo, em Porto Alegre, com a provocação de torcedores que iam ao estádio frente aos ativistas, impedidos de seguir pela Brigada Militar. Contudo, é em geral com a associação imagem e texto verbal do Ninja que se poderia perceber essa presença em um determinado protesto.

Assim, em G4, os curiosos e transeuntes, pessoas comuns, desde que neutras em relação ao protesto, são identificados e poupados de críticas. Já os que se posicionam contrários às manifestações são classificados como sujeitos que não respeitam o direito dos outros e, mais do que isso, não compreendem as “lutas” empreendidas por aqueles que necessitam de um olhar do governo. Porém, há uma variação. Esse juízo não é tão

verticalizado. Normalmente, ele é seguido do discurso democrático, quando os Ninjas afirmam que cada um tem o direito de pensar como quiser, ter o ponto de vista próprio, desde que não limite o do próximo. É uma estratégia que, ao nosso ver, tem um caráter tão-somente modalizador.

Nesse sentido, há uma remissão ao “eles”, diferente do “nós”, composto de ativistas + Mídia Ninja (e até somados à audiência), que insere essas pessoas em G5, de fora, ausentes, o que é diferente, então, ainda que subconscientemente, de todos os adjetivos que são colocados à parte a qual os midiativistas se posicionam²⁶⁸.

Por fim, elas podem ser entrevistadas. Quem fez muito isso foi Fred Porto, no dia 12 de junho. Contudo, sem a apresentação da identidade social, fica difícil saber se o sujeito é ativista ou não. As perguntas genéricas do Ninja dão a perceber, porém, traços identitários nos posicionamentos das pessoas. O comportamento e até a roupa utilizada (camisa oficial da seleção brasileira, por exemplo) ajuda a inferir quem são esses sujeitos também. Filipe Peçanha também investe nessas abordagens. Nem sempre foi feliz no retorno que obteve, chegando até a ser repreendido e empurrado (o que, nada contraditoriamente, como dissemos, é utilizado como combustível para atestar os argumentos em desfavor daquele que se posiciona contra os manifestantes e/ou à manifestação). Em outros momentos foi ele quem criticou de forma efetiva as respostas que obteve (e, em nossa opinião, em pelo menos uma delas, de forma inadequada).

Acontece que, não apenas do registro de manifestações se serve o Mídia Ninja. Localizamos na análise das transmissões em 2014 pelo menos oito cenários distintos, dos quais dois os não ativistas aparecem de forma diferente. Por exemplo, na condição de público em atividades técnico-científicas (como a oficina realizada pelo próprio coletivo). Ali têm-se pessoas interessadas e envolvidas no tema em destaque. Como nesse dia não houve narração, apenas imagens, pode-se depreender um grupo engajado na questão da fotografia de protesto, logo num composto, não identificado, de sujeitos com envolvimento com esse tipo de ação social, não chegando a conformar, porém, o grupo de ativistas dessa seção.

Os não ativistas também estão na praia de Copacabana, quando o Mídia Ninja resolve fazer uma transmissão de cotidiano; uma abordagem às pessoas nas ruas sobre o que pensam acerca da Copa do Mundo e as particularidades sociopolíticas delas. Nesse momento, a

²⁶⁸ Fazemos a ressalva de que esse é um efeito de sentido que o analista entende como importante ser destacado. Se ele efetivamente se concretiza, não temos como verificar. O leitor pode questionar a real utilização estratégica dessa expressão (nós) ao longo das locuções midiativistas, indicando que pode ser apenas uma espécie de “plural de modéstia”, utilizado pelos Ninjas durante uma transmissão. Todavia, reforçamos a carga que uma palavra simples pode ter durante uma cobertura e, mais adiante, ratificaremos esse posicionamento. Assim, pensamos ser salutar relativizar desde o início as nossas considerações.

heterogeneidade de posições e opiniões fica clara, além da falta de conhecimento mais aprofundado sobre determinados temas. Nesse sentido, os não ativistas formam um universo muito amplo do qual o coletivo não dá conta em razão da complexidade inerente a ele.

Outras mídias alternativas

Além do Mídia Ninja, diversos outros coletivos midiáticos tendem a cobrir os eventos nos quais os primeiros estão inseridos. O que se vê é um clima de colaboração constante, de recomendação de acesso às transmissões dos colegas pela audiência que acompanha o Ninja, de conversas paralelas em tom leve e informal, entre outras, que permitem dizer que, ao menos pelo que percebemos nos vídeos analisados, não existe qualquer animosidade entre esses grupos (contrariando, em parte, a posição de Vidigal).

Eles não se veem como concorrentes, mas parceiros. Assim, não é preciso elogios de um Ninja para verificarmos a aprovação destes pelo trabalho dos colegas. Há grande recorrência das situações listadas no parágrafo anterior. As outras mídias alternativas não aparecem, então, no G2, mas com frequência no G1, em diálogos que podem até se converter em entrevistas. Nesse caso, em G6, os temas são os mais variados e muitas vezes os midialivristas/midiativistas arguidos servem como atestado de verdade para os argumentos e a uma via narrativa que os Ninjas vêm empreendendo.

Em certa medida, então, parece haver a atribuição de valores, aliás a transferência de consideração, do coletivo que analisamos para os outros midiativistas. Ora, o que pontuamos é que todo o esforço de conformação do *ethos* Ninja ajuda na construção dos *ethé* análogos a partir dessa visível parceria e colaboração entre os repórteres. A ideia é que deve haver a preponderância do efeito de reconhecimento de similitude não só no exercício de um ofício (mídia), mas de uma posição (ativista) que corresponderia à defesa das mesmas causas. Nada obstante, o efeito é reflexivo e cíclico, afetando a imagem do próprio Mídia Ninja.

Outros Ninjas

Na mesma linha, outros repórteres Ninjas, quase sempre empreendendo atividades diferentes no evento enquadrado em transmissão simultânea (fotografando, gravando com outros equipamentos, ou até somente circulando), podem ser, dependendo da relevância do contexto, mencionados pelo condutor. Vale observar que, em geral, eles não são muito

revelados pelas imagens, numa estratégia contínua de apagamento. Todavia, sabe-se da presença deles muito pelos diálogos paralelos e por rápidos *takes* em que são vistos²⁶⁹.

Contudo, o Ninja Vidigal fez questão de mostrar dois Ninjas na cobertura de 13 de julho – ao evidenciar Filipe Peçanha e Gian Martins, empreendendo entrevistas com ativistas naquele ato. A estratégia de certa forma pode ser vista como uma espécie de autorreferência. Esta ainda aconteceria com Carioca, na chegada a um trabalho da Pós-TV, mostrando um tanto dos bastidores daquela transmissão que iria começar – o que funciona quase que como uma chamada da audiência para acompanhar.

Raramente são entrevistados, com exceção de França (na verdade um colaborador do coletivo), o que configuraria a utilização de uma fonte sem muita credibilidade, já que seria o veículo falando para ele mesmo. Houve, porém, situações específicas, como a revista e prisão de Filipe Peçanha, e detenção do fotógrafo Ninja Bernardo, em 20 de junho, ou mesmo a agressão e prisão de Karinny Magalhães em 12 de junho.

A abordagem a Peçanha foi registrada por Carlos França, tornando o primeiro um personagem da cena enunciativa. O mesmo acontece com Bernardo, ausente, já detido, alvo tão-somente da narrativa do experiente jornalista que colaborava com o Mídia Ninja. Aqui, têm-se os Ninjas nos grupos, respectivamente, 3 (em que as imagens diziam por si só) e 4 (em que a ausência de imagens obriga o *webespectador* a confiar em uma narrativa do repórter que condiciona o midiativista preso à condição de inocente e injustiçado).

Já o caso da prisão de Karinny é recuperado constantemente em Belo Horizonte por Dênis Nacif, inserindo o acontecimento em um G5, que atravessa boa parte da condução dele (durante a Copa do Mundo), condicionando, inclusive, a qualificação em relação aos militares, por exemplo. Enfim, o que se observa quando os outros Ninjas são dados a ver é a ideia de envolvimento do coletivo (presença), de colaboração e de atenção aos detalhes (ao que sempre há indicações entre os colegas de melhores ângulos e situações a serem evidenciadas), nada contraditoriamente agindo sobre o *ethos* discursivo do coletivo.

Partidos políticos

PT e PSDB constituem uma polarização partidária no Brasil que se revela nas transmissões do Mídia Ninja. A menção aos dois se dá de várias formas. Primeiro, é possível ver a presença de algumas bandeiras de legendas em manifestações. Estas não são, a rigor,

²⁶⁹ Levando em consideração um conhecimento prévio do autor da tese de alguns dos Ninjas e que, outros tantos integrantes da audiência, também possam conhecê-los.

dos partidos mencionados acima. Em geral, viu-se a presença da esquerda, como com o PC do B e Psol (e da extrema esquerda, como PSTU e PCO).

É interessante observar que o Partido dos Trabalhadores, por configurar a base do governo federal à época, alvo das principais críticas dos protestos, exatamente por isso não se envolveu nas manifestações. Contudo, os protestos foram marcados por uma posição mais esquerdista, o que continuaria a configurar aquele bloqueio à presença de representações partidárias, mas mais especificamente dos representantes de centro e direita. Isso demonstra, em parte, que as manifestações de 2014 guardavam visíveis diferenças em relação às de 2013.

Ainda sobre as imagens, em G3, haviam menções aos partidos, sobretudo ao PT, em cartazes e gritos dos manifestantes, na reverberação da crise de representatividade que já tinha ficado clara um ano antes e, como apontamos, na configuração do Partido dos Trabalhadores como responsável pelos problemas do país, já que era à época a legenda do executivo federal.

Os partidos não tinham voz durante as transmissões (vamos esclarecer possíveis contradições logo a seguir), então não configuravam o G6. Porém, eram mencionados em entrevistas com manifestantes (e não ativistas), que denunciavam as mazelas do projeto neoliberal²⁷⁰ que, segundo muitos deles, tinha começado com os peessedebistas e tido sequência com o PT. Além disso, ao primeiro, havia uma crítica especial em Minas Gerais acerca da atuação dos militares na manifestação, dos anos de governo Aécio-Anastasia (com menções diretas ao PSDB) e das heranças ruins, sobretudo econômicas e sociais.

O Partido dos Trabalhadores, em geral, já era responsabilizado pela ausência de investimentos no país, em detrimento da realização da Copa. Contudo, a operação Lava Jato da Polícia Federal já começava a dar os primeiros resultados, demonstrando as fraudes na Petrobras. Associado a outros escândalos de corrupção, o PT era culpabilizado por diversos entrevistados como o responsável por uma série de desvios financeiros.

Já na narrativa dos Ninjas, os partidos pouco aparecem. É interessante perceber que os representantes desses partidos é que têm mais destaque. Entretanto, foi visível que para os repórteres não havia problema a participação destes nas manifestações. São dois dos colaboradores do coletivo, França e Vidigal, porém, que têm uma visão mais unilateral, ao quase afirmarem que nenhuma dessas legendas têm valor.

Por fim, é interessante perceber como o jogo de oposição funciona na dinâmica da administração pública. Expusemos que o governo foi evidenciado como grupo nas transmissões de atividades parlamentares. Mas, especificamente na Câmara de São Paulo,

²⁷⁰ De forma tênue, percebemos certa herança das perspectivas da AGP e, principalmente em outras situações, das frentes discursivas do Fórum Social Mundial – nuances vistas no capítulo 2 desta tese.

essas vicissitudes ficaram evidentes, sobretudo com a altercação entre PV e PSDB, representados por dois vereadores dos respectivos partidos, com intentos diferentes acerca do novo Plano Diretor da cidade, chegando às vias de fato (numa perspectiva, aí, mais pessoal).

Políticos

Falamos aqui de sujeitos que são marcados pela identidade social: vinculação a um partido e/ou ocupação de um cargo nas esferas federais, estaduais e/ou municipais do legislativo e no executivo brasileiro. E a variação é enorme. Primeiro é importante falar especificamente das transmissões realizadas nas casas parlamentares. A transmissão de Lóris Canhetti, por exemplo, dá a ver todos os discursos que foram proferidos no momento da presença dela na Câmara Federal. Ela não tece comentários ajuizados em valor, mas fica clara a oposição dela àqueles que são contra o projeto da Lei da Cultura Viva. Na mesma medida, ela apenas entrevista as deputadas vinculadas à aprovação da proposta.

Em São Paulo, o mesmo acontece, ainda que em uma proporção um pouco diferente. Alex Demian é mais comedido, e imparcial, ao apresentar inclusive as contradições acerca de determinados pontos do novo Plano Diretor da cidade. Contudo, dá voz a dois vereadores que, se são de partidos diferentes, ao menos têm a causa do meio ambiente como prerrogativa: Ricardo Young (PPS) e Natalini (PV). Apenas eles foram entrevistados diretamente, ainda que o Ninja tenha, como disse, “pegado carona” ao exibir outras conversas com jornalistas e boa parte dos discursos na plenária²⁷¹.

Enfim, o que parece haver é um destaque, com capital audiovisual, àqueles políticos que fazem parte de um “nós”. Essa ideia aparece na clara defesa que os Ninjas têm de alguns temas, a participação deles nas casas parlamentares em função disso e na relevância dada a representantes da sociedade que são favoráveis às causas. Os outros compõem um “eles”, diferentes inclusive de uma ideia de pensamento da audiência, se aderida ao discurso dos repórteres.

Já nas manifestações, são feitas algumas menções, que nos chamam especialmente a atenção: Eduardo Paes, Dilma Rousseff, Aécio Neves, Lula e Jair Bolsonaro, todos eles, como se imagina, em G5. O prefeito do Rio de Janeiro, que havia sido entrevistado em 2013 em exclusiva pelos Ninjas, é alvo de muitas críticas. Aproveitando-se de uma intervenção lúdica que acontecia em Copacabana, Filipe Peçanha indica que o parlamentar não gosta do povo, é

²⁷¹ Vale observar que Alex Demian apresenta grande conhecimento sobre as posições dos parlamentares de São Paulo. Em especial, ele fala sobre as ideias de Nabil Bonduk (PT) e Police Neto (PSD).

o líder de executivo municipal que mais removeu pessoas de ocupações no país, que não se preocupa com o transporte público e com a educação, entre outros julgamentos.

Dilma Rousseff não é criticada pelos Ninjas em nenhum momento, mas é reivindicada por alguns manifestantes (e não ativistas) raramente de forma positiva e, em geral, como a grande responsável pelos problemas do país. Na mesma medida estaria Lula, que chega a ser chamado de ladrão por um entrevistado. Nesse caso específico, houve, inclusive, uma defesa de Filipe Peçanha ao ex-presidente, posicionando-se contrário a essa alegação, indicando que não acredita nesse tipo de acusação. Aécio Neves também não é mencionado pelos Ninjas, senão pelos entrevistados. Em uma entrevista em Minas Gerais, o então senador chega a ser chamado de picareta, sendo culpabilizado por rombos financeiros no estado.

No caso específico de Dilma e Aécio, que já se anunciavam como pré-candidatos ao governo do país entre 2015 e 2018, os Ninja parecem se calar e não acentuar (ou aliviar) as críticas por diversos motivos, que não remetem, na nossa opinião, à imparcialidade. Argumentar a favor da presidenta seria buscar uma defesa frente exatamente ao que se critica na manifestação. Dilma e o próprio PT muitas vezes apresentam-se como destinatários das contrariedades exatamente por representarem a materialização dos problemas no senso comum.

No entanto, o candidato do PSDB, que apareceria como alternativa, não corresponderia a um posicionamento de esquerda que os midiativistas (e boa parte dos ativistas de 2014) provavelmente entendiam como válida. Nesse sentido, a solução com Aécio é descartada e se apresenta injuriada pelos entrevistados; não caberia aos Ninjas relativizar (e tampouco reforçar).

Jair Bolsonaro, por sua vez, estaria acima (ou abaixo) da crítica dos Ninjas. Filipe Peçanha chega a tratar com sarcasmo o apontamento desse parlamentar como solução para o país, sem entrar no mérito do porquê dessa posição. Com ideias consideradas extremas, o deputado federal tem ganhado as páginas dos jornais nos últimos anos com polêmicas. Assim, parece ser previsto pelo midiativista um conhecimento prévio da audiência sobre o político, que é considerado como uma opção inadequada, tendo em vista tão-somente a ironia utilizada.

Para nossa surpresa, foi possível ver políticos também nas manifestações. Isso aconteceu, porém, em apenas duas oportunidades. Em 12 de junho, em Belo Horizonte, com o vereador Gilson Reis, e, em 13 de julho, no Rio de Janeiro, com Tarcísio Motta. Os dois não apenas são mostrados (G3), mas entrevistados (G6). Vale observar que ambos são de partidos de esquerda (PC do B e Psol, respectivamente). Seria de se estranhar que dois parlamentares

(pré-candidatos, inclusive, naquele ano, o primeiro a deputado por Minas Gerais e o segundo ao governo carioca), estivessem em um protesto.

Contudo, eles parecem bem aceitos, a participar dos atos sem questionamentos. As entrevistas seguem em um tom leve, mas crítico em relação ao futuro do país e no que a Copa do Mundo representava, em detrimento dos investimentos em áreas prioritárias do Brasil. Nesse contexto, então, é interessante perceber que o papel social “político” dos sujeitos, naquela situação, parecia perder um pouco de espaço para uma condição “ativista”, balizada pela posição “de esquerda”, ainda que a linha seja tênue e a conformação identitária um tanto complexa.

5.3.1.1.3 Exemplo de funcionamento da veiculação das identidades.

Aqui fazemos um recorte em nosso *corpus* para apresentar a dinâmica de inserção das identidades. Vale observar que é só um modelo de leitura, e parcial, já que se trata de apenas uma transmissão (e não de um padrão) e que não compreende todos os grupos listados em nosso esquema anterior (uma vez que o G3 se apresenta na leitura do texto visual, e G4 e G5 emanam de uma análise dos modos de organização do discurso).

Assim sendo, quanto aos participantes da cena, listamos aqui aqueles que conseguimos verificar dentro das sete *lives* efetivamente disponíveis para consulta relacionadas à transmissão do Mídia Ninja no dia 12 de junho de 2014 – situação tomada como exemplo. Tentando, então, estabelecer uma cronologia, é importante dizer de saída que os Ninjas nem sempre têm facilidade para conseguir fontes interessadas em falar, caso do primeiro possível entrevistado, que se negou a conceder entrevista.

Quem aceitou ser entrevistado foi o vereador Gilson Reis, conforme já havíamos apontado anteriormente. Poderia ser questionada a atitude do Ninja em realizar tal entrevista, dando voz não só a um político (o que sinalizaria algum direcionamento partidário do repórter e da própria mídia), mas a um (pré-)candidato. De toda forma, a entrevista foi curta e o tom coloquial – por meio de uma pergunta genérica do Ninja acerca das impressões sobre a manifestação. Gilson, que estava com uma camisa da seleção brasileira de futebol, disse defender a manifestação, pois ele quer a Copa do Mundo de Futebol, mas também quer serviços de saúde, educação, entre outros, de qualidade.

Houve uma grande variação de busca de fontes por Fred Porto, tal qual foi possível ao Ninja ouvir um ex-barraqueiro do Mineirão (que perdera o espaço comercial depois da privatização do estádio). A condição do sujeito no protesto, porém, é de manifestante, não

numa sobreposição de papéis sociais, mas em uma complementação que se autojustifica. Sem entrar com profundidade na questão, o repórter posiciona-se e faz juízo contra a postura do executivo, ao dizer que “[...] Márcio Lacerda não abriu diálogo com eles [...] isso é um absurdo”. O prefeito da capital, então, vem à narrativa, trazido à cena em G5, sendo qualificado como um dos responsáveis pelos problemas enfrentados por um grupo que recebe apoio dos midiativistas, ressaltada a posição do parlamentar como intransigente e de afastamento.

Essa, em verdade, é apenas uma das possibilidades de fontes e vozes que os Ninjas têm para construir a narrativa do acontecimento. Fred chega a entrevistar, inclusive, um morador de rua. Nesse contexto, uma frase do Ninja, que nos chama a atenção é “[...] as lutas são legítimas, de todo mundo, pra melhoria do próprio país”, denotando não apenas apoio e adesão aos discursos que cercam à manifestação, mas que todos teriam relevância, já que, de alguma forma, todos estariam direcionados ao mesmo propósito/fim. A listagem de todos os entrevistados por Fred Porto está relacionada no Quadro 10.

Vê-se que a grande maioria dos entrevistados não é identificada. Em entrevista do repórter Dênis Nacif para esta pesquisa, verifica-se que, muitas vezes, essa postura é proposital, no sentido de não permitir que a polícia (que estaria monitorando) pudesse reconhecer os manifestantes, evitando perseguições. Ao passo que a ausência de identificação pôde, de certa forma, deslegitimar o entrevistado (pois o receptor não sabe de quem se trata), ao mesmo tempo os nivela por uma matriz-manifestante, ou mesmo cidadão-ordinário, e o posiciona na mesma linha do *webespectador*.

Ainda assim, 50% das entrevistas foram realizadas com pessoas ligadas a movimentos sociais²⁷², se posicionando, evidentemente, a favor das causas em curso. Um morador de rua foi ouvido, além de um político. 41% dos demais ouvidos eram cidadãos, imagina-se, sem vinculação com entidades. Desses, apenas três se manifestaram a favor da realização da Copa do Mundo de Futebol, não negando a importância das manifestações populares. Os demais criticam a realização do torneio em razão de diversos motivos, entre eles, a importância de se investir em áreas sociais importantes do país, em detrimento da construção de estádios e infraestrutura localizada.

²⁷² Incluindo aqui as seis entrevistas em que claramente se percebeu a vinculação a um movimento social e outras cinco que, a partir de índices verbo-visuais, se infere que são participantes de grupos do gênero.

Quadro 10 – Entrevistados por Fred Porto no dia 12/06/2014

<i>Persona</i>	Identificação	Entidade vinculada	Tema do diálogo	O outro em destaque
Transexual	Não identificado	Movimento LGBTT	Não quis falar	Não houve
Mulher	Não identificada – Manifestante	Ocupação Willian Rosa	Luta por moradia	Não houve
Homem	Não identificado – Manifestante	Não identificado	Diálogo fático	Não houve
Homem	Vereador Gilson Reis	Político / PC do B	Em favor da manifestação pública	<i>Media</i> : Negativa
Homem	Não identificado	Cidadão	Contra a corrupção	Políticos corruptos: Forma Negativa
Homem	Não identificado – Manifestante	Não identificado	Investimentos do Governo x Desinvestimento no social	Governo Federal: Negativa Movimentos Sociais: Positiva
Homem	Não identificado	CSP - Conlutas	Investimentos do Governo x Desinvestimento no social	Movimentos Sociais: Positiva
Homem	Não identificado – Manifestante	Tarifa Zero	Estado de exceção implantado no país pelo governo e pela FIFA	Governo Federal, FIFA e Polícia Militar: Forma Negativa
Homem	Não identificado – Midialivrista	Não identificado	Abordagens policiais na manifestação, com o sentido de intimidação do ato	Polícia Militar: Negativa
Homem	Marcos – Não identificado	Não identificado	Limitações que a manifestação sofre; situação política do país	Mídia Corporativa e Partidos Políticos: Negativa
Homem	Não identificado	Cidadão	Situação política do país	Partidos políticos em geral: Negativa
Mulher	Não identificada	Cidadã	A favor da Copa do Mundo	Não
Homem	Não identificado	Cidadão	Contra a Copa do Mundo	Não
Homem	Não identificado - Manifestante	Cidadão	Importância da resistência popular; Contra a corrupção	Não
Homem	Não identificado - Manifestante	Movimento Salve Santa Tereza	A favor da Copa do Mundo e das manifestações	Dilma: Positiva Aécio Neves: Negativa
Homem	Não identificado	Cidadão	Investimentos do Governo x Desinvestimento social	Não
Homem	Não identificado	Cidadão	A favor da Copa do Mundo e dos movimentos sociais; Contra o Desinvestimento nas áreas sociais	Não
Homem	Hernane Pereira ²⁷³ – Manifestante	Barraqueiros do Estádio Mineirão	Situação dos barraqueiros do Mineirão; Situação dos ambulantes da capital	Movimentos Sociais: Positiva Prefeitura: Negativa
Homem	Não identificado	Cidadão	A favor da Copa e das lutas	Não
Homem	José	Moradores de Rua	Apoio à manifestação	Não
Homem	Não identificado ²⁷⁴	Cidadão	Importância de uma pauta clara de reivindicações	Não
Homem	Não identificado – Manifestante	Não identificado	Exclusão social na cidade	Prefeitura: Negativa

Fonte: Elaborado pelo autor.

²⁷³ Em verdade, presidente da Associação dos Barraqueiros da Área Externa do Mineirão (ABAEM).

²⁷⁴ Fred entrevista um rapaz que o chama de Mexerica. Verificamos que esse é o apelido do Ninja, o que demonstra uma relação prévia que provavelmente facilita o diálogo e, supõe-se, indica um direcionamento temático a partir da escolha de uma fonte que o repórter já sabe do posicionamento político.

Não obstante, há ainda a reivindicação de presença na cena enunciativa dos “outros” – dos responsáveis pela situação que verdadeiramente provocaria o acontecimento (este como consequência então). Na última coluna do quadro, relacionamos alguns entes que são diretamente mencionados pelos entrevistados e a forma aplicada a estes. Vê-se que os políticos e partidos (nos quais se enquadram PT e PSDB e os representantes deles) são trazidos ao debate em G5 por quatro das 13 menções.

Esse número aumentaria para seis, se considerarmos especificamente as alusões ao Governo Federal. Não obstante, de forma direta, um dos entrevistados menciona o nome da então presidenta Dilma Rousseff de forma positiva (indicando que ela venceria as eleições de outubro daquele ano no primeiro turno²⁷⁵).

A Polícia Militar é criticada também de modo direto por dois entrevistados, em razão da postura que vinham tendo até o momento. Em uma destas, o Ninja recorre no texto dele a expressões de presença e personificação, em uma prática que reforça o efeito de real, tais como “eu também já fui abordado”. Na mesma medida, há uma recorrência a descrições de contexto prévio que, de alguma forma, explicam o momento tenso daquela manifestação: “Mais de duzentas pessoas já foram autuadas, perseguidas, antes da Copa começar [...]”. Nessa linha, uma das principais problematizações impetradas por esse Ninja parece ser acerca da postura do Estado com ações materializadas nas práticas da Polícia Militar, reforçando, ainda que indiretamente, a crítica ao “outro”, *in-loco*, mas sem voz (capital sonoro).

De forma positiva, no início da transmissão, Fred Porto, ao fazer a descrição da cena enunciativa, diz que as pessoas estão chegando aos poucos, mas sinaliza a presença e o mote dos movimentos sociais:

Nós estamos vendo aqui o pessoal do Tarifa Zero, do Luta Popular, do CSP-Conlutas; o povo vem chegando [...] tem o pessoal das entidades estudantis, do movimento de luta aí por moradia, o pessoal que tá aqui, todas as frentes, Brigadas Populares, estão aí na defesa hoje aí, com o objetivo de não ter Copa, em defesa de mais melhorias para o Brasil.

Em resumo, a construção discursiva do Ninja localiza uma parte do público que compõe a manifestação como sendo aquela que quer avanços para o país. A outra parte constitui-se, então, meramente, daqueles que querem cercear esse intento. Nesse entre-dois, numa remissão ao *ethos*-Ninja, o “tâmo junto aí”, tantas vezes repetido por Fred Porto,

²⁷⁵ Ele cita o previsto candidato Aécio Neves, do PSDB, de forma irônica, seguido de uma piada. Entrevistado e Ninja descontraem-se com a brincadeira e riem.

sinaliza claramente o posicionamento da mídia independente ao lado da parte que busca o progresso do Brasil.

Outra expressão comum de ouvir Porto mencionando é “luta”. Isto é, Fred faz uma recorrente descrição, positiva, da manifestação, reforçando, nas palavras dele, um caráter do ato. A expressão, em verdade, parece atuar menos como substantivo do que como um adjetivo. Não se fala do verbo lutar como confronto, mas sim na condição de esforço/empenho na busca pela resolução de uma causa ou na resistência de uma oposição, que deveria ser valorizada (o que é recorrente com outros Ninjas, conforme já havíamos alertado, sobretudo com Filipe Peçanha e Leticia Pocaia).

A segunda parte da cobertura, já com a outra Ninja, quanto a um grupo de jovens mascarados que entrou em confronto com a polícia, Karinny seguidamente se refere a eles como “manifestantes adeptos da tática Black Bloc”, o que demonstra um posicionamento da repórter sobre esses sujeitos. Além disso, pela perspectiva visual, a Ninja posiciona-se muito próximo aos manifestantes, o que dá entender certo reconhecimento e/ou permissão para a presença dela ali, de duas formas: como civil, pessoa comum, integrante do ato, e como midiativista que empunha um celular capaz de dar voz e registrar as ações sob o ponto de vista dos adeptos da tática Black Bloc.

Já a Polícia, no registro de imagem de Karinny, é a figura que se opõe, que está do outro lado. No texto verbal, há elementos que indicam que quem iniciou as agressões (lançando bombas e atirando balas de borracha) foram os militares, acentuando essa perspectiva de posicionamento do outro como o opressor, repressor, na via de contenção de algo que representa o direito de manifestação da insatisfação.

Mas, com a Ninja, os militares ainda iriam compor o G2, no momento da abordagem e revista a ela, seguida da provocação da midiativista ao comportamento de um dos policiais e a consequente agressão física e verbal que ela sofreu – registrada na transmissão simultânea.

Karinny, que não havia empreendido qualquer entrevista, é uma das que mais estabelece conversas paralelas. O G1, com ela, seria composto por outros midiativistas que a acompanhavam e com quem estabelecia rápidos diálogos colaborativos (saber por quais ruas passavam, por exemplo); Ninjas ausentes da cena enunciativa (em menção a colegas, de modo que eles soubessem a localização dela); por ativistas (que também lhe davam informações); e transeuntes.

Com Fred Porto, as conversas paralelas foram menos tensas (haja vista as consideráveis diferenças de situação de contexto), travadas com pessoas que demonstravam

mais afinidade com o Ninja, entre eles, manifestantes e midiativistas – algumas destas convertendo-se efetivamente em entrevistas.

Sobre o lugar dos *webespectadores*, ao longo da cobertura, com expressões como “para o pessoal que está acompanhando”, há marcas constantes que servem para manter o vínculo ativo entre repórter e internauta, suscitando o reconhecimento de presença (ainda que indireto) de todos naquele momento. Além disso, são aplicadas pelos Ninjas, sobretudo por Fred Porto, suaves estratégias, como a terceira pessoa do plural regendo as ações: “nós vamos entrevistar”, “nós vamos circular a praça”. Nós quem? O Ninja e a audiência. Mas de que audiência estamos falando e qual é a representação dela na transmissão?

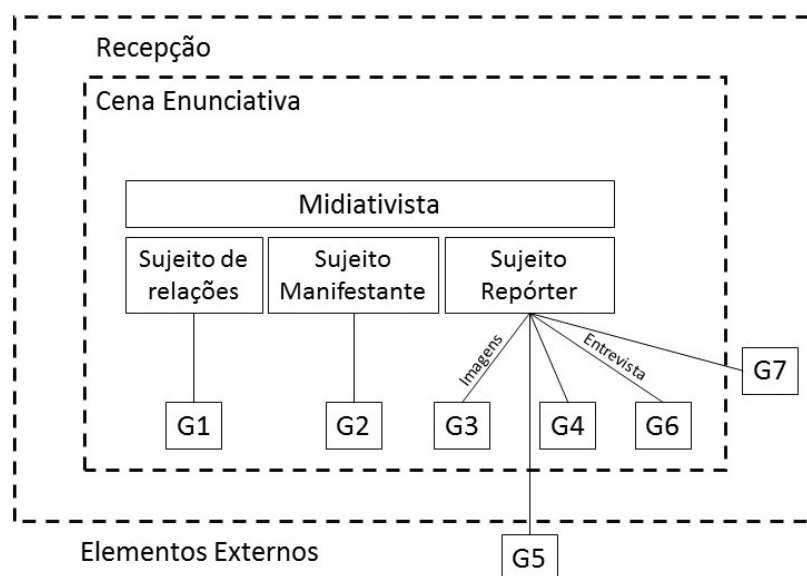
5.3.1.1.4 Quem é o público do Mídia Ninja?

De partida, para tratar do público do Mídia Ninja, faz-se necessário apresentar uma complexificação do esquema da FIG. 25, apresentado anteriormente. Surge agora um G7, composto exatamente pelos *webespectadores* do Mídia Ninja. Ora, este não estaria alojado como alvo, destinatário das produções audiovisuais? Sim. Mas falamos de como esse público aparece fora da cena enunciativa e pode ser tragado à narrativa a partir da dinâmica dos repórteres. Ele o é quando é reivindicado pelos Ninjas por meio de visadas específicas (como a resposta a uma solicitação, em uma solicitação ou uma informação direcionada, entre outros momentos). Não obstante, invariavelmente, se tem uma dinâmica nos *chats* que não apenas concorre com a transmissão do coletivo, mas dá (mais um) sentido a ela, complementando-a. É por isso que se faz importante sinalizar os internautas nesse lugar específico.

Em seguida, é importante dizer que, ao contrário da descrição de público de emissoras de televisão, por exemplo, que se faz um pouco mais fácil, diante do acompanhamento realizado por institutos como o Ibope, além de mapeamentos dos setores comerciais desses veículos, identificar o público do Mídia Ninja é tarefa complexa. O *Twitcasting*, acreditamos que por uma política de privacidade, não informa as características dos sujeitos que detêm perfil no *site*²⁷⁶.

²⁷⁶ Fizemos ao menos três contatos com a Moi Corporation. Em um deles, fomos informados de que a organização não poderia passar os dados que tínhamos solicitado: perfil de usuários contemplando sexo, idade e regiões do Brasil às quais pertencem/residem aqueles que acompanham o Mídia Ninja. Vale observar, contudo, que apresentamos dados gerais dos internautas que acompanham a plataforma em nossa análise do dispositivo técnico.

Figura 26 – Grupos de interlocutores das cenas enunciativas com o G7



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesse sentido, é impossível afirmar categoricamente qual é o sexo, a idade, a região do país em que reside cada um dos *webespectadores*, entre outras informações que poderiam ser cruzadas com o público que efetivamente acompanhou cada transmissão²⁷⁷. Segundo os próprios Ninjas²⁷⁸, os seguidores dessa mídia independente “compõem um grande mosaico”; há um grupo amplo e extremamente heterogêneo, dificultando o preciso delineamento da audiência.

Assim, fazemos aqui as nossas inferências. Primeiro, ligamo-nos à ideia de que se não nos for prescrita a leitura de uma determinada mídia, só nos colocaremos diante dela se nos sentirmos captados por algum aspecto ligado à sua construção – de conteúdo, de forma ou de *ethos*, ainda que essa sequência não se apresente com rigor de prioridade. Nesse sentido, temos como hipótese que o Mídia Ninja vem cumprir uma visada de solicitação de um determinado grupo de pessoas que quer saber, por motivos diversos, como e por que se articularia uma determinada manifestação, por exemplo.

Depreendemos que esse público, em grande medida, tem afinidades diversas com o tema da transmissão. Para além disso, em razão do Mídia Ninja apresentar-se como um veículo que empreende uma maneira específica de enquadrar os acontecimentos sociais, também há a possibilidade de alguém o acompanhar tão-somente em razão da emergência pontual das coberturas. Isso, talvez, em razão das ferramentas que indicam quando há um

²⁷⁷ É importante fazer a ressalva, porém, de que a criação de login no *Twitcasting* é muito simples, e não requer qualquer tipo de confirmação, por exemplo, de e-mail, permitindo a criação de perfis falsos (*fakes*).

²⁷⁸ Gian Martins, em conversas com o autor deste trabalho.

acontecimento, qual seja, em curso. O *webespectador* pode ser, por exemplo, um seguidor dessa mídia independente no *Facebook*, ou *Twitter* e, ao ter ciência de que há uma *live*, posicionar-se-ia como audiência.

A linha, porém, é tênue com a perspectiva do *ethos*; identificada, contudo, por cláusulas do contrato mais ligadas às características ativistas do que propriamente midiáticas. A intenção, então, não seria só saber/se informar, mas acompanhar a dinâmica dos repórteres Ninjas e o modo como evidenciariam e problematizariam as questões sociais que defendem, ao sabor da situação de contexto.

No entanto, como exemplo, expondo o contexto de 12 de junho, parecia haver uma grande apreensão pública em torno da data que marcava a abertura da Copa do Mundo de Futebol. As questões em aberto pareciam ecoar ao longo do dia e, com o registro do Mídia Ninja, em tempo real, o grupo de pessoas interessadas no tema poderia encontrar as respostas, talvez, na cobertura dessa mídia independente.

O volume de audiência do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo de Futebol demonstra que esse dia foi um dos mais representativos em termos de envolvimento de público. Três das quatro²⁷⁹ transmissões que compuseram as atividades da abertura do torneio estão entre as de maior audiência, perdendo tão somente para o encerramento, no Rio de Janeiro.

Tabela 6 – Ranking de transmissões pelas visualizações totais – Top 4

Col.	Cód.	Data	Tema(s)/Mote(s)	Cidade	Visual. Total	Pico de Aud. ²⁸⁰	Vídeos
1°	MN30	13/07/14	Ato pela liberdade dos presos políticos	Rio de Janeiro	23919	1785	8
2°	MN2	12/06/14	Absurdos da Copa	Rio de Janeiro	23008	1495	8
3°	MN1	12/06/14	Greve metroviários	São Paulo	12903	1537	6
4°	MG1	12/06/14	Ato contra a Copa do Mundo (“Copa sem povo, Tô na rua de novo”)	Belo Horizonte	10977	1791	11

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

Assim, mapear o público do dia 12 de junho é identificar, de início, que se trata de um grupo de pessoas que está para além dos interesses ligados propriamente à manifestação em curso e nas causas dela, mas em um porvir evenemencial que sugeriria o confronto entre policiais e manifestantes (como houve), ações de ativistas adeptos à tática Black Bloc (como

²⁷⁹ A transmissão de Porto Alegre ficou em décimo lugar no ranking de audiência do Mídia Ninja.

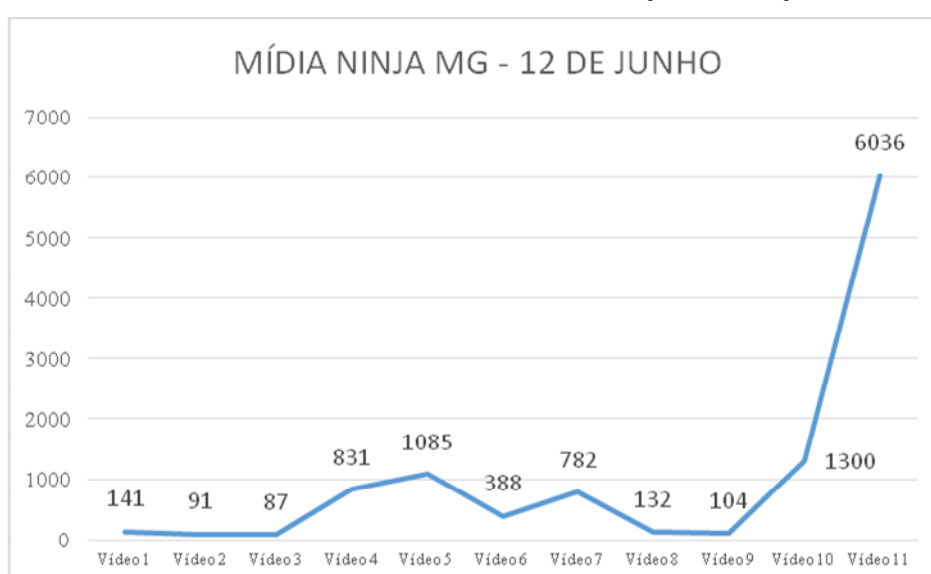
²⁸⁰ Pico de Audiência: Maior número de internautas alcançados, simultaneamente, em uma das *lives*.

se deu), entre outras possibilidades – entre as quais, a improvável prisão da Ninja em Belo Horizonte, fato que aumentou exponencialmente o público na última *live* realizada na data em análise.

Esse dado é exposto no GRAF. 5, evidenciando a crescente audiência à transmissão do Mídia Ninja em Belo Horizonte quando do início dos confrontos, já no último vídeo da cobertura. É interessante observar as variações ao longo do trabalho midiativista, que é independente da extensão das *lives* mas, aparentemente, fundamentado no interesse do internauta pelo que está sendo exibido e discutido.

Todavia, ao observarmos os comportamentos no *chat* neste dia, percebemos que, de fato, o público é heterogêneo. Não queremos nos adiantar à análise interacional, mas tão-somente traçar algumas características. Se havia, de um lado, pessoas que incentivavam a manifestação com palavras de ordem, que argumentavam e discutiam em favor dos atos, que criticavam as opções do governo federal em investir em uma Copa do Mundo, em detrimento dos serviços públicos, que procuravam saber mais sobre a manifestação, que compartilhavam *links*, visando a difusão de informações, havia também aqueles que se posicionavam do outro lado, que censuravam o ato, que prescreviam que os internautas fossem assistir ao jogo da seleção brasileira, que argumentavam contra e até ofendiam aqueles que se posicionavam pró-protestos no *chat*, e que até criticavam o (Mídia) Ninja e a postura do coletivo na transmissão, entre muitas outras condutas.

Gráfico 5 – Variação de audiência do Mídia Ninja em 12 de junho



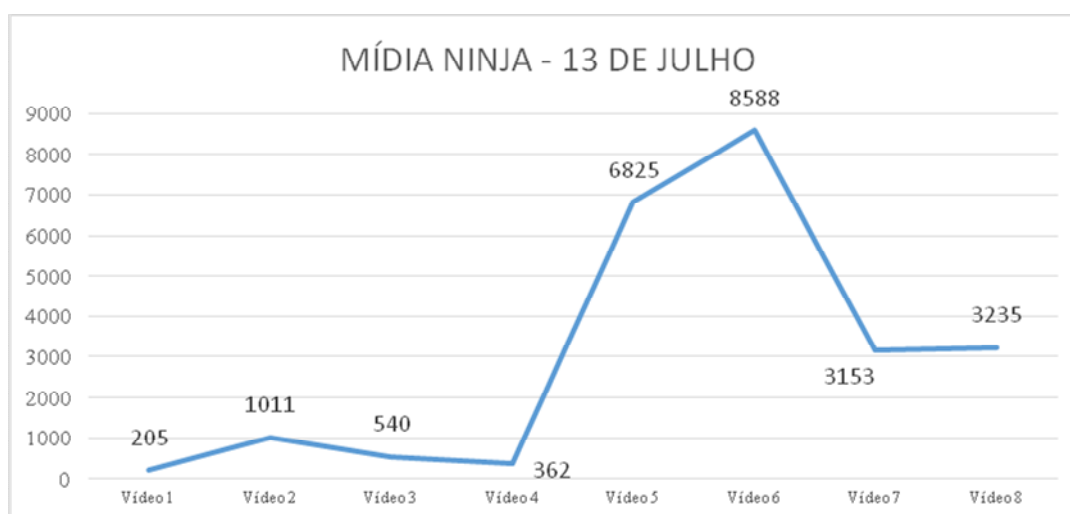
Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

A realidade das demais transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo, com público médio de 3.000 pessoas, também é essa; porém, com vantagem muito superior para internautas do primeiro grupo, exposto no parágrafo anterior. O que, não sem razão, parece programar uma certa espiral do silêncio, fazendo com que os comentários em desfavor fossem raros, o que será visto com cuidado na seção que trata da dinâmica interacional.

Decidimos, então, lançar um olhar para as transmissões do Mídia Ninja no dia 13 de julho, data que marca a maior audiência do período. É interessante observar que o fluxo de audiência corre pelo mesmo caminho do dia 12 de junho. Quanto mais inflamado ou imprevisto é o acontecimento, sobretudo na relação com a violência, maior parece ser a atenção do público. O GRAF. 6 demonstra exatamente esse movimento, quando da apresentação evenemencial (conflitos da polícia com manifestantes e agressão ao Ninja Filipe Peçanha) nos vídeos 5 e 6.

Nos *chats*, manifestações das mais diversas, como as que já havíamos mencionado. É interessante perceber, porém, que o movimento do público com o final da Copa se divide em algumas partes. Por exemplo, havia aqueles que viam com pessimismo e descrença as manifestações materializadas na efetiva realização do torneio e que entravam nas discussões tão-somente para reafirmar a lógica do “eu avisei”. Em geral, esse grupo representa um certo distanciamento de uma discussão propriamente ligada à política, ou mais aprofundada, para um viés mais utilitarista e pragmático.

Gráfico 6 – Variação de audiência do Mídia Ninja em 13 de julho



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

Havia outra parcela de pessoas que se posicionava em uma margem que enxergava a participação de sujeitos em manifestações populares como um movimento vazio, rebelde, desnecessário, que atravancava a dinâmica social organizada, entre outros adjetivos pejorativos, revelando, assim, um ponto de vista mais conservador. Ainda assim se interessariam pela transmissão do Mídia Ninja exatamente para atestar esse viés. Vemos esses internautas quando da participação deles nos *chats*, fazendo apreciações positivas do trabalho da Polícia Militar e contrárias ao protesto.

Os posicionamentos ideológicos, e ainda não falamos político-partidários, também são variados. No dia 13 de julho, por exemplo, houve uma discussão sobre a relação Palestina x Israel, fomentada por entrevistas realizadas pelo Ninja com pessoas que correspondem a um dos lados dessa disputa. É evidenciado que a audiência do Mídia Ninja guarda posições conflituosas sobre esse tema que não está relacionado apenas à política internacional, mas dá a ver também questões sobre religião, noção de guerra, direito à vida, entre outras.

Isso se repete, em outras transmissões, acerca de questões das mais diversas, como o direito à propriedade x direito à moradia, o papel da mídia, a função da Polícia Militar, o direito de expressão (a depender da opinião que um determinado interlocutor tenha), o fechamento de vias como condição de afetação para chamar a atenção de um protesto, entre outras.

Há, no plano das bancadas, ainda que apoiadores das manifestações, aqueles que culpam o PT (e a coligação do executivo nacional) pelos problemas do país, sendo contrariados por outros que lançam críticas ao PSDB (não vendo neste uma solução para as dificuldades da nação) e que saem em defesa partido de Dilma Rousseff. Isso por vezes é feito de modo deliberado, por ambas as partes, nem sempre motivadas por registros dos Ninjas ou iniciativas que retroativam nos *chats*. Parece haver um interesse natural em utilizar os canais do Mídia Ninja como mecanismo de expressão de opinião justificado de alguma forma pelo evento transmitido, ou por algum *take*, entrevista, ou movimento do evento que compõem a narrativa.

Essas últimas perspectivas serão melhor observadas em seção específica. Mas o que queremos apontar é a existência desse grupo de pessoas que já entra para acompanhar uma transmissão com uma proposta de expressão definida. Assim, o olhar não é tanto conduzido pela narrativa verbo-visual do Ninja, ou pela emergência evenemencial localizada, mas o contrário – na interpretação de que a dinâmica dos fatos se dá em razão de condições preestabelecidas, quaisquer que sejam.

Um indicador que apresenta também o interesse do público por temáticas é apresentada no GRAF. 7, reproduzindo, da esquerda para a direita (maior para menor), o comportamento de audiência diante das oitos frentes de transmissão realizadas pelo Mídia Ninja. Evidente que se nota o domínio da cobertura de manifestações e protestos em quantidade, mas elas apresentam também um significativo destaque de atenção do público.

Gráfico 7 – Variação de audiência por macrotemática



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

Interessante observar que a primeira variação, com a entrada das assembleias populares, aconteceu com a transmissão de Alex Demian em um ato em São Paulo que, por coincidência ou não com a marca de *webespectadores* em destaque, teve confrontos da Polícia Militar com manifestantes que acompanhavam um debate promovido pelo MPL. Inferimos assim que, mais uma vez, quanto maior a (possibilidade de) emergência evenemencial maior tende ser o interesse da audiência, replicando um modelo de comportamento que se vê nos *media*, para além da dinâmica de representação do coletivo ou da presença preponderante *on-line* apenas de (*web*)ativistas, mas um tanto de curiosos afetados por acontecimentos.

Porém, acreditamos também que esse dado ajuda a demonstrar mais a filiação do *webespectador* à condição manifestante, insatisfeito com qualquer que seja o tema, e que vê nos protestos uma saída para alertar e pressionar o governo, do que uma figura ligada às causas e/ou que pretenda ouvir e refletir a partir dos discursos de representação (nas assembleias transmitidas, por exemplo) e já cansado das falas político-partidárias. Mas, admitimos, é uma inferência sem muita força nesse ponto do trabalho.

É importante salientar e lembrar todas as perspectivas que apontamos na fundamentação teórica acerca dos comportamentos em uma comunicação mediada por computador, que ajudam a caracterizar o público do Mídia Ninja. Não vamos trazê-las à tona aqui novamente. Contudo, não queremos afirmar que as características definam quem é público do coletivo, mas, muito provavelmente, o comportamento esperado dele na *web*.

Ratificamos, não obstante, que em uma transmissão, qual seja, há fugas e (re)entradas constantes, não permitindo enxergar a audiência de modo homogêneo. A perspectiva multitelas e a construção hipertextual é outro elemento a ser considerado; o público é do Mídia Ninja e de quem mais?

Assim, afirmamos aqui que não é possível classificar a audiência pelas participações no *chat*, haja vista ainda que o número de visualizações é sempre maior do que a vinculação ao bate-papo; seria, então, incorrer em um erro utilizar essa proposta de classificação e qualificação como definidora. Aqui o fizemos apenas como um parâmetro quase paliativo.

Vale observar nesse contexto que o Mídia Ninja tem um auditório, plateia, extremamente heterogêneo, amplo, imprevisto, fruto da condição *web*. Ainda assim é um público aparentemente interessado nas questões políticas, ainda que possivelmente sem muito conhecimento sobre o tema, com algum tipo de rancor sobre um determinado grupo social, entidades (partidos políticos) e sujeitos específicos (parlamentares). Mas, como se viu, também, a motivação pode ser meramente evenemencial.

Nesse sentido, o Mídia Ninja parece corresponder à perspectiva de delineamento de determinados públicos a partir de uma narrativa diferente da dos *media*, mas não a faz tão-somente para aqueles que correspondem a esse grupo. Há, em certa medida, o diálogo. De outra forma, o discurso de um determinado grupo social não estaria preso apenas ao perímetro dele, agindo de forma coerente ao que Coleman e Ross (2010) asseveram como importante nesse sentido (que a mídia alternativa não fale apenas para si só).

Porém, inferimos que o Mídia Ninja não se constituiria, conceitualmente, como *counterpublic*²⁸¹, por mais que haja a defesa de causas sociais. Pelo levantamento que fizemos, aliás, os grupos que compõem os públicos de oposição algumas vezes parecem até não se alinhar com o coletivo²⁸². Mas, nada contraditoriamente, esse parece ser um ponto crucial para a adesão de uma audiência ampla, de um público mais geral que não quer se filiar (acompanhar, que seja) as transmissões de uma mídia do MST ou de um veículo do movimento LGBTQTT. Talvez a principal marca do Ninja seja ser visto como a voz midiática de representação do desagrado comum. A mídia dos insatisfeitos.

Quanto maior a audiência, nesse sentido, maior a incidência de público e heterogeneidade dele. Por conseguinte, a chance de divulgar a visão sobre um determinado grupo para um auditório maior se amplia. Poderíamos supor, assim, que não só a emergência

²⁸¹ E tampouco é uma mídia de *counterpublic*, na medida em que não está ligado a qualquer grupo estigmatizado.

²⁸² Haja vista a lista de ONGs e instituições que desaprovam o trabalho do Mídia Ninja, muito em função de desacordos com a dinâmica do Fora do Eixo, apontada por Beatriz Seigner e a revista *Carta Capital*.

de acontecimentos, mas um tanto as performances de alguns Ninjas, tal como Filipe Peçanha, possam ser agenciadoras de manutenção de visualizações, de modo a expor dada realidade para esse auditório.

Estamos pensando, então, na suscitação de acontecimentos como estratégia de alcance de audiência não somente pelos números, mas para fugir de uma dada periferia midiática, ampliando o raio de afetação. Não estamos falando de simular o evento, mas de trazê-lo à tona tanto linguística como efetivamente. Não é o que observamos com Kariny Magalhães, posto que a prisão dela escapa do controle e da aparente intenção – ainda que a provocação ao policial, em sequência à abordagem, preveja uma resposta ofensiva; dado que atestaria o discurso Ninja em favor da desmilitarização.

O mesmo que acontece com Filipe Peçanha no Rio de Janeiro, sobretudo em 20 de junho de 2014, num diálogo provocativo com um policial que, por si só, já gera efeitos patêmicos. Ainda assim, assegura uma linha narrativa que demanda a atenção do espectador para o final, para o porvir. O internauta é mantido pela afetação e dada a prisão do Ninja tende a compartilhar, a divulgar o que viu, o que acontece no momento mesmo da condição de espectador, aumentando a margem de audiência.

Assim, por vezes, mais do que mostrar uma narrativa diferente sobre um determinado público (grupo social) que é verticalizado pelos *media*, os Ninjas adotam a estratégia de, com diversas táticas, fazer o processo invertido com outros personagens, tais como os militares e os próprios veículos de comunicação de massa, apresentando nesse contexto as implicações das ações desses grupos sobre os primeiros.

Nesse contexto, o público (audiência) é convidado a embarcar em uma narrativa de regulação entre um “eles”, composto pelos opressores, nomeadamente o(s) governo(s), alguns representantes políticos e os militares, frente a um “nós”, formado não só pelos protagonistas da transmissão do Mídia Ninja (os manifestantes e movimentos que articulam a ofensiva de protesto), mas pelo próprio coletivo (na condição de mídia + ativismo) e pelo auditório (reivindicado não apenas na condição passiva, mas partícipe daquela cobertura).

Mas não é admissível afirmar que esse conjunto de internautas simplesmente embarque, como dissemos, em uma proposta. Além do conjunto de possíveis imprevistos, estamos falando de indivíduos que certamente impetram consciência crítica a cada abordagem. Para além disso, falamos de vários grupos e cada um deles tem uma posição diferente em relação às abordagens Ninjas. Mas, de forma ainda mais específica, esses sujeitos não estão ligados a um grupo específico, mas podem, em determinadas situações,

demonstrar seu pertencimento a mais de um deles, conforme já era previsto por Coleman e Ross (2010).

A depender da situação de contexto ligado à transmissão, posicionamento do Ninja, tema discutido no *chat*, etc., um determinado sujeito pode mostrar-se mais conservador, ainda que o posicionamento dele seja de esquerda; pode criticar o PT, ainda que não seja de direita; pode não se interessar pelo confronto entre policiais e Black Blocs, por acreditar que a manifestação deve ser ouvida e marcar presença, em detrimento de uma qualificação como pacífica.

Os Ninjas, inferimos, foram vistos, em geral, como cidadãos comuns. E assim seriam representantes testemunhais dos acontecimentos nos quais estavam inseridos, tendo, contudo, como prerrogativa, a legitimidade da mediação. Na outra ponta, um público que também se torna observador, ainda que ausente. A presença dele, contudo, é grande e efetiva, haja vista a participação não só no *chat* de transmissão, mas no conjunto de ações que pode tomar em tempo real (quer seja na simples replicação do conteúdo na *web*, quer seja tomando outras medidas *off-line*, das mais variadas, ainda que não avaliadas por nós – ao menos não neste momento, mas em observação sobre a dinâmica interacional em seção posterior deste trabalho).

Invariavelmente, parte do público do Mídia Ninja, na exibição do ordinário, do comum, parece se ver, ser visto e se fazer representado *in-loco*. Estabelece-se, assim, na nossa opinião, uma relação direta e com peso considerável entre Ninjas e audiência. Esse auditório está distante dos acontecimentos narrados (compostos por cidadãos residentes na cidades em que uma transmissão é realizada e por aqueles de outros municípios, estados e até países), mas parece se compreender como público no momento mesmo da transmissão. Ainda que com posições (políticas, ideológicas, etc.) variadas, é o interesse na cobertura que os une e nos ajuda a ter uma vaga ideia de definição, isso é, de representação.

Esse interesse, contudo, como vimos, é amplo. Ele não diz respeito à transmissão como um fim em si mesma, ainda que o propósito da informação seja primário e primordial. Ela é, em primeiro lugar, o sustentáculo da condição de expressão de opiniões sobre questões políticas (e não só partidárias), em uma *ágora* com contornos muito específicos. Não se considera discutir sobre o tema em destaque em conversas fáticas do dia a dia, ou em uma reunião familiar, de trabalho, ou até em outras redes sociais *on-line*; é tratar do assunto em uma arena que se pretende politizada, legitimada pelo caráter de autenticidade (em função da declarada parcialidade), e logo isso definiria os intentos e o perfil dos sujeitos que participam dela.

Em segundo lugar o interesse representa a condição de presença e de coativismo, ainda que o internauta não precise se manifestar no *chat*. Há o endosso não (somente) da transmissão, mas, principalmente, da ação transmitida. Nesse lugar, a função testemunho ganha valor importante. Um considerável conjunto de sujeitos assiste não apenas, ainda que outro o faça, como espectador. A esperada emergência do acontecimento de impacto em uma cobertura Ninja não representa (só) o aguardo do clímax cinematográfico para efeito patêmico (que a audiência parece, sim, querer sentir, experimentar), mas para efeito de denúncia, de exposição dos campos problemáticos por meio do insurgir evenemencial (QUÉRE, 1995).

Não se trata, então, do ver transformado em agir. Não há na nossa opinião a disfunção narcotizante que Lazarsfeld apontava no século passado. No entanto, “assistir a” significa de alguma forma “participar de” (na medida em que o midiativista, aparentemente, age, como veremos a seguir, da mesma forma se há cinco ou cinquenta pessoas o acompanhando), fazer-se presente em um dado evento que ocorre em tempo real. Ainda que um internauta possa reivindicar as multitelas, ele dedica (parte da) atenção dele à transmissão, *pari passu* à realização do trabalho do midiativista e ao curso do acontecimento transmitido. E a efetiva participação aparente converte-se quando essa presença é marcada no *chat* e não apenas nos números de visualizações.

5.3.1.2 Finalidades

Selecionamos como sub(recorte) para análise das finalidades uma transmissão de cada Ninja que participou das coberturas dos eventos paralelos à Copa do Mundo de 2014. Interessante que essas seleções dão a ver, inclusive, temas variados, o que auxilia na compreensão da dinâmica do veículo – conforme se observa no Quadro 11.

Para materializar o discurso, utilizamos um recurso simples. Transcrevemos as transmissões e selecionamos trechos em uma planilha utilizando o *software* Excel. Ao lado de cada fragmento, indicamos qual seria a visada utilizada (ou as visadas arrançadas) naquele trecho de fala, seguido da indicação para quem a mensagem era direcionada, como se deu a dinâmica (em argumentação, narração/descrição, diálogo, entrevista, etc.) e observações pontuais.

Quadro 11 – (Sub)Recorte de transmissões para análise de finalidades

Ninja(s)	Data	Evento
Alex Demian	30/06/2014	Votação do Plano Diretor (São Paulo)
Cláudia Schulz	12/06/2014	Manifestação contra a Copa (Porto Alegre)
Dênis Nacif	02/07/2014	Ocupação da Prefeitura (Belo Horizonte)
Felipe Altenfelder	04/07/2014	Preparativos do jogo Brasil x Colômbia (Fortaleza)
Filipe Peçanha	13/07/2014	Manifestação contra a Copa (Rio de Janeiro)
França e Vidigal	12/07/2014	Plantão na Cidade da Polícia (Rio de Janeiro)
Fred Porto e Karinny	12/06/2014	Manifestação contra a Copa (Belo Horizonte)
Gian Martins	23/06/2014	Manifestação contra a violência nas favelas (Rio de Janeiro)
Isadora Machado	02/07/2014	Debate sobre a criminalização de protestos
Letícia Pocaia	21/06/2014	Ocupação de terreno pelo MTST (São Paulo)
Lóris Canhetti	01/07/2014	Votação da Lei da Cultura Viva (Brasília)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Começamos falando do dia 12 de junho, em Belo Horizonte, por uma questão de sequência de observações outrora postas, buscando algum tipo de coesão nas discussões. A transmissão é eminentemente narrativa (a contar a sequência dos microacontecimentos que compõem o evento enquadrado) e, como recurso, invariavelmente descritiva. Há, contudo, muita solicitação. Esta se dá em razão das perguntas feitas aos entrevistados e aos diálogos paralelos realizados pelos repórteres, o que ajuda a movimentar²⁸³ a transmissão, sobretudo durante a concentração do ato – já que esta teve amplo registro dos Ninjas e pouco para se narrar/descrever além do que foi feito. Porém, a segunda finalidade que mais aparece é a de incitação.

Os Ninjas tentam, por diversas vezes, fazer crer por meio de recursos discursivos persuasivos. Muitas vezes estes são tênues e muito pontuais. Na maior parte das investidas, há a adjetivação (positiva) do trabalho realizado pelos midiativistas e a adesão deles (com o

²⁸³ Fred Porto chega até a repetir algumas vezes as mesmas informações já que, aparentemente, não havia muito mais o que narrar/descrever.

constante “estamos juntos”) à ação em curso, que é da mesma forma valorizada, quase sempre com a expressão “luta” sendo empregada.

Há nesse sentido uma recorrência latente ao contrato comunicativo, sobretudo à perna ativista. Mais do que empreender uma determinada ação, é preciso lembrar à outra parte que se está cumprindo cláusulas preestabelecidas; é o que se infere sobretudo do comportamento de Fred Porto. Nesse sentido, as incitações desse Ninja são pouco argumentativas e mais apreciativas. Isto é, ele se posiciona em alguns momentos do ponto de vista político-social e chega a utilizar-se, inclusive, da demonstração (apresentando algumas provas), mas o faz de forma muito localizada (sobre a relação entre a prefeitura de Belo Horizonte e os ex-barraqueiros do Mineirão, as ações de “higienização” em relação aos moradores de rua e os protestos contra a Copa do Mundo). No mais, as incitações revelam não mais do que opiniões acerca da direção que o ato iria seguir, demais inferências sobre o evento e quais seriam as motivações outras (além das expressas) dos manifestantes que participavam do protesto.

Karinny, contudo, assume a transmissão e, em função do material que temos para análise, só se dá a ver em atuação já nos conflitos que se iniciaram na Praça da Liberdade da capital mineira. Assim, para ela parece haver pouco espaço e tempo para a argumentação, frente (em meio) a emergência evenemencial. Nesse sentido, a visada informativa seria a principal baliza dela, utilizando muito pouco de outras finalidades, senão da incitação demarcada por opiniões acerca do evento em curso que ela cobria.

Outras observações são interessantes. Fred usa uma estratégia discursiva que é da primeira pessoa do plural. Esse nós alocutivo, que será visto ainda mais adiante neste trabalho, reivindica uma visada de incitação e/ou de prescrição em alguns momentos. Isto é, em detrimento, por exemplo, de dizer: “eu irei acompanhar o que vai acontecer aqui hoje”, que direcionaria a narrativa para o fazer-saber, ele diz: “vamos acompanhar [...]”, impelindo o *webespectador* na transmissão com uma ordem modalizada. Isso é tênue, mas revela uma estratégia de manutenção de audiência que não questionamos se é intencional ou não, mas que pode efetivar a captação.

O mesmo acontece quando ele diz que “estamos em defesa do Não Vai Ter Copa”. Estamos quem? Ele, o conjunto manifestante e, por alusão, o próprio internauta que vê justificada a presença dele na transmissão por meio da palavra aparentemente outorgada ao outro que faz assim cumprir a outra parte do contrato comunicativo, a do ativismo, com uma construção discursiva simples, mas forte.

Observamos ainda, por Fred e Karinny, o *webespectador* sendo colocado como um terceiro participante, que se beneficia de algumas comunicações que são feitas entre os Ninjas

e outros personagens. Porto, por exemplo, em algumas oportunidades empreendeu incitação e informação direcionadas aparentemente a entrevistados, mas que têm carga para fazer o internauta saber e até persuadi-lo sobre alguns temas.

Em resposta a um entrevistado, Porto diz: “Jogo democrático porra nenhuma. Na verdade não houve troca de poder coisa nenhuma”. Há aqui um esforço incitativo em que o *webespectador* parece ser atingido pelo posicionamento do Ninja, sendo implicado em uma visada que ganha força (e ao mesmo tempo promove-se no) o discurso do entrevistado.

Em uma entrevista, Fred começa prescrevendo, mas termina informando: “E aí? Conta o problema dos barraqueiros do Mineirão que era no Mineirinho e agora com a vinda da Fifa, e ai vocês não puderam na Copa das Confederações e agora também na copa”. Com esse texto, na pergunta ele atinge indiretamente os *webespectadores*. Nesse sentido, a questão é solicitação ao entrevistado e fazer-saber ao internauta.

Na nossa opinião, Karinny também faz isso, inclusive aditivando o contrato com os *webespectadores*. Nas cenas finais da transmissão dela, trava diálogos acalorados com a polícia, em razão de uma abordagem inadequada que estaria recebendo. Aliás, teria sido, inclusive, agredida fisicamente. Ao afirmar aos praças “[...] vocês sabem que vocês não podem abordar assim não, vocês sabem [...]”, indiretamente a Ninja informa também aos *webespectadores* que o tipo de ação estava incorreto. Aqui é ao mesmo tempo extensão da dinâmica (mídia)ativista que prevê e reivindica desdobramentos (divulgação do que passara naquele momento, registro para tomada de medidas posteriores, etc.).

Houve poucas respostas dos Ninjas às solicitações de alguns internautas – Fred talvez em razão dos pontuais questionamentos vindos do *chat*, e Karinny em função do contexto a ser enquadrado. Em todo caso, o nome de um internauta só é citado diretamente por um Ninja, aqui, uma vez. Identificamos algumas reativas, mas pode ser que algumas outras finalidades informativas dos Ninjas tenham sido motivadas pelo bate-papo dos *webespectadores*.

Alex Demian, na Câmara Municipal de São Paulo, empreende um trabalho um tanto diferente do que estávamos acostumados a ver com o Mídia Ninja. A função dele era a de transmitir a continuidade da votação do Plano Diretor da Cidade de São Paulo, que, entre outras particularidades, poderia beneficiar vários moradores de ocupações na capital paulista. Nesse sentido, a finalidade primeira era informar, em tempo real, acerca do sufrágio.

Não obstante, a presença dele ali, tanto quanto a de manifestantes ligados a movimentos de habitação popular, representava uma espécie de resistência. Isto é, considerando que o governo conforma o outro, a oposição, o opressor, afinal, estar na casa

deste significava exercer pressão para que o resultado fosse favorável à causa, num comprometimento dos parlamentares diante dessa ação dos interessados.

Contudo, mais do que transmitir a sessão plenária e engrossar a presença ativista na sala parlamentar, Alex evidenciava os bastidores, trazendo para os *webespectadores* um registro de contexto que não se obteria em qualquer outro lugar. Assim, o Mídia Ninja faz-saber mais e, de certa forma, melhor, na medida em que adéqua a cobertura aos intentos de um contrato prévio de ajuste.

As *lives* do Ninja no local trazem, então, não apenas o acompanhamento dos discursos e protestos nas tribunas, mas os diálogos entre jornalistas, conversas de repórteres com vereadores, argumentações acerca do Plano Diretor e impactos positivos e negativos (em muitas asserções incitativas), explicações sobre a dinâmica da casa e dos edis, entre outros detalhes.

Como o próprio Demian disse, “pegando carona” em entrevistas realizadas por outros veículos de mídia com os vereadores, evidenciava falas, inteiras, que *a posteriori* provavelmente seriam (re)cortadas nas edições desses meios jornalísticos. O Ninja, então, dá voz não só aos vereadores que tendem a votar a favor dos benefícios às ocupações, mas também àqueles que são contrários. Ainda assim, ao final de algumas falas, não deixa de asseverar a opinião dele, muitas vezes com afirmativas afiançadas sem sustentação aparente, indicando incitações diversas, que evidenciam um posicionamento sempre pró-ocupações, apontando a vinculação social dele e fazendo girar a via ativista do contrato comunicativo.

Não só por essa parte, Alex demonstra o ativismo dele ao recorrentemente fazer observações acerca da questão ambiental, ora trazendo dados que indicavam um fazer-saber sobre os problemas relacionados à causa em São Paulo, ora indicando possibilidades e saídas, numa remissão incitativa que visava, a nosso ver, envolver o *webespectador* com a temática.

Vale dizer que o internauta se via prescrito na fala de Demian por diversas vezes, quando não instruído. O Ninja indicava que as pessoas lessem mais a respeito do Plano Diretor para que pudessem se posicionar melhor. O tom de instrução vinha com a indicação de pesquisas na *Internet*, do *site* Cidade Aberta (de um vereador do PT), do próprio sítio da Câmara Municipal e das páginas do Mídia Ninja como referências.

O repórter, em meio às informações e aos argumentos favoráveis à causa, aproveita para ajuizar negativamente o trabalho da oposição em São Paulo (encabeçada pelo PSDB), e até da polícia, que fora chamada ao local (possivelmente por este partido, segundo ele). O Ninja questiona a necessidade de haver presença de militares, dando continuidade a uma sequência de problematização do Mídia Ninja sobre a PM. A presença de um praça ali, se

infere na fala de Demian, tem a função de manter a ordem, logo diminuir uma possível pressão que pudesse interferir na votação favoravelmente aos intentos dos manifestantes.

Toda essa interpretação é uma inferência nossa. Da mesma forma, não poderia ser vista como informação por parte de Alex. Em verdade, como se percebe, ele não faz isso de modo claro, mas a partir de modalizações e construções discursivas que vêm de uma edificação de sentido mais ampla (no bojo de um histórico de transmissões do Mídia Ninja). Ele diz, afinal que “[...] a gente sempre deve refletir que uma ordem mantida por um revólver na cintura é sempre questionável. A presença dos policiais militares ali, eles observam a bancada de militantes do MTST que acompanham a sessão aqui na câmara. Provavelmente a mando da oposição.”

Alex nessa transmissão em especial acaba por registrar dois momentos distintos. O primeiro, evidenciado, cobre a votação na plenária. Já o segundo, depois de uma pausa do repórter, focaliza as centenas de manifestantes do lado de fora da Câmara dos Vereadores, pós-aprovação do Plano Diretor de São Paulo. Nessa segunda metade, ele não faria qualquer entrevista, mas continuaria muito informativo, como o foi ao longo das *lives*, falando com propriedade sobre temas político-partidários, novamente esclarecendo o que a votação significava.

Essa segunda parte apresenta um Ninja muito agitado, conforme se viu em outras coberturas de manifestações, andando de um lado para o outro, provavelmente à procura do que deveria fazer-saber, à caça dos microacontecimentos que poderiam emergir naquele momento de júbilo pelos benefícios alcançados pelos movimentos de habitação urbana.

Por fim, vale observar que Alex Demian, ao final da transmissão, reivindica os louros da conquista também ao Mídia Ninja. Com um texto autorreferencial que deixa claro o esforço do coletivo, o Ninja coloca em evidência a identidade do veículo. A estratégia, em nossa opinião bem posicionada (intencionalmente) no momento de comemoração geral, ajuda a reforçar o *ethos* do coletivo e ao mesmo tempo apontar para as cláusulas ativistas do contrato comunicativo dos midiativistas com os seus *webespectadores*. Ele diz:

Mídia Ninja acompanhando essa luta pela aprovação de interesse também dos movimentos por moradia, desde a semana passada. Chegamos aqui junto com os militantes do MTST no Palácio, e acompanhamos todos os passos do que foi essa pressão do poder popular para a votação do Plano Diretor.

No Rio Grande do Sul, Cláudia Schulz é ainda mais afeita à visada de informação, na medida em que a argumentação não lhe parece uma tônica. Contudo, a narração e descrição

sobre o movimento do evento transmitido é muito pontual, ocorrendo de acordo com a emergência dos microacontecimentos. Nesse sentido, o fazer-saber vem a reboque das situações e, de forma muito particular, nas provocações advindas do *chat*. Branca, como é conhecida, conforme já dissemos, tem, porém, uma postura muito interativa.

Assim, o fazer-saber dela muitas vezes é condicionado às reativas, deixando (e isso só poderemos confirmar na seção sobre a interação Ninja-*webespectadores*) equilibrada a balança com as missivas iniciativas dela. De forma mais direta, com Schulz, a pré-concepção de que a condição do coletivo é a de responder a uma solicitação (querer saber) prévia do público é um tanto questionada, na medida em que Branca tende a informar (fazer-saber) quanto mais for provocada para tanto. Prova disso são os longos momentos de silêncio da repórter, que não parece ser intenção de um fazer-ouvir os gritos da manifestação, mas uma ideia, a nosso ver, de que o que tinha de ser dito já o foi (diferente, por exemplo, de Fred Porto e Dênis Nacif, que insistentemente repetem as mesmas informações), voltando à carga com os dados depois de um certo tempo (talvez em razão da ampliação da audiência).

A interação com os *webespectadores* também não é só passiva; há muitas iniciativas, algumas com a finalidade de solicitação (poucas relacionadas à demanda em saber se a qualidade da transmissão é boa) e a maioria, quase que em prescrição, para que os internautas acompanhassem uma cobertura colaborativa da qual o Mídia Ninja fazia parte à época (mote que foi repetido diversas vezes). De forma mais clara, havia ainda o direcionamento para que os internautas também compartilhassem *links* de outras transmissões (e os da própria repórter), demonstrando a importância disso para que as manifestações fossem acompanhadas por um número maior de pessoas; para ser “fortalecidas”, segundo a Ninja.

Assim como outros Ninjas, Branca realiza muitas conversas paralelas. Nestas, os *webespectadores* ficam como terceiros que acompanham a narrativa tecida a partir dessas relações extralocução. Em uma delas, Cláudia diz que não foi de capacete à manifestação pois pensou que “ia ser suave”. Até então, e durante um bom tempo, ela não sinaliza diretamente ao *webespectador* que havia a possibilidades de conflitos com a Brigada Militar (o que se extrai dessa afirmação simples, codificada com gírias contemporâneas).

Esse dado corresponde, a nosso ver, a uma informação importante que, muito embora seja relegada a um plano inferior, aliás, a um dito não oficial (ou mesmo a um não dito, já que apenas se infere que poderia haver agitações), um discurso deslegitimado, posto que é fora da relação Ninja-*webespectador*/narrador-leitor. Ele é verbalizado por uma personagem da cena enunciativa (papel que é assumido também por Cláudia Schulz), o sujeito de relações que apontávamos no espaço das identidades, uma parte da composição do ser que não pode

entender-se pelo todo-sujeito, tampouco pela condição repórter, que, afinal, não disse isso (mesmo não deixando de dizer).

Em todo caso, a perspectiva do fazer-saber, qual seja o método, continua presente. Destacamos esse dado no parágrafo anterior, que talvez não seja muito relevante nesta seção, mas diz respeito a um comportamento da (Mídia) Ninja que, por conseguinte, afeta as finalidades e o modo de compreensão dos *webespectadores*. Essa particularidade é separada com atenção aqui, mas acontecerá também com recorrência no trabalho de outros Ninjas.

Seguindo, é importante sinalizar que Cláudia Schulz dá informações acerca da atuação dela ao longo da transmissão, sempre justificando (demonstração) o porquê disso e daquilo. Isso aconteceu, por exemplo, quando ela subiu em um elevador (“para fazer uma panorâmica do ato”); foi à frente da marcha (“para vocês terem uma noção [...]”); ou pediu para que os internautas dessem “*feed*” sobre a cobertura (“para saber se a qualidade está adequada”), entre outros momentos. Fazer-saber como estratégia de evidenciação do trabalho midiativista, que corresponde a uma autorreferencialidade ora com fins em si mesma, ora com o propósito de reforço do *ethos* discursivo.

Mais uma vez o *webespectador* ficaria ainda como terceiro nas situações em que Branca prescreve a um grupo de manifestantes, especificamente em duas oportunidades, para que não apedrejassem alguns prédios (que ao menos tivessem cuidado). A demonstração (justificando essa prescrição) vem em conversa paralela com alguém que acompanhou Schulz durante toda a manifestação (não identificado), ao afirmar que pessoas (inocentes) poderiam se machucar. Ao *webespectador*, nesses dois casos, indagamos que era direcionado um efeito visado de incitação camuflado em informação. Isso é, a Ninja não pareceu querer argumentar com internautas, mas poderia querer atingi-los com mensagens a outrem.

As imagens davam conta de mostrar a ação. Contudo, a fala da Ninja para os adeptos da tática Black Bloc sinaliza a desaprovação dela, o que poderia ser visto como uma quebra do contrato ativista com a audiência. Logo, a estratégia, que em nossa opinião parece funcionar, e não podemos afirmar o nível de intencionalidade, é a de intermediar a mensagem na relação com um participante oculto na cena – fora de quadro tanto quanto a Ninja, o que parece lhe conferir o mesmo ar da repórter (já citado outrora).

Assim, não semelha ser um papo trivial entre a midiativista e um qualquer, mas dois sujeitos de mesmo estatuto que triangulam informações (troca interlocutiva), captadas pelos internautas, sobre a manifestação (e temas correlatos). Apesar de aparentarem a mesma condição, ficam, conforme já dissemos anteriormente, localizados em um papel mais participante quando fora da condição locução ou da de entrevista; seriam assim em parte

personagens da cena enunciativa. Nesse sentido, o dado chega aos internautas um tanto suavizado, relativizado, sem perder o valor dele. É o enunciado configurado por uma frente diferente de enunciação.

Em relação às incitações, há uma em particular (das raras que apareceram no discurso da Ninja) que chama a atenção. Trata-se de uma espécie de crítica, num tom irônico, de Schulz aos *mass media*, especificamente ao *Zero Hora*. Ao avistar um helicóptero, ela diz que provavelmente ele seria do órgão e que no dia seguinte à manifestação certamente o veículo afiançaria que trezentas pessoas participaram do protesto, número dez vezes menor ao indicado por Branca.

Nem ela, tampouco o jornal (que, se comprovada a inferência dela, registrava tudo de cima – e aí se enquadra um julgamento depreciativo, que indica a verticalização e afastamento do periódico), têm como fazer afirmação de dados de participantes. Mas é o vetor ativista – e até midialivrista, acionado na contraposição à mídia de massa, que ajuda nesse contexto a sustentar a afirmativa dela, na mesma medida em que é também o mote para o agenciamento da crítica que é posta em conexão pela simples passagem de um helicóptero.

Seguindo, em terras mineiras Nacif foi o Ninja mais ativo durante a Copa do Mundo. A transmissão em análise foi a última efetivamente empreendida pelos Ninjas em Belo Horizonte no período de recorte. Nas anteriores, viu-se Dênis levando a cabo a finalidade de informação de modo atento e constante. Sempre com uma narrativa que evidenciava não apenas a sequência dos microacontecimentos nos atos dos quais participava, mas o que havia se dado nos dias anteriores. Assim, inscreve a cobertura (e o evento) em uma linha evenemencial sequencial, da qual o *webespectador*, inferimos, tinha que conhecer para compreender o que se dava naquela situação.

Contudo, no dia 2 de junho, apresenta-se um novo cenário (na perspectiva contextual, pois a área enunciativa era a mesma: Avenida Afonso Pena, desta feita em frente à Prefeitura da cidade); uma dada manifestação se aproveitava da realização da Copa do Mundo de Futebol para se constituir²⁸⁴. Tratava-se de um protesto (fechamento de vias e ocupação de prédios públicos) de moradores de comunidades constituídas por ocupações urbanas.

Nacif mantém um comportamento de reiteração constante de informações, evitando os silêncios, procurando sempre fazer o *webespectador* saber, mesmo que se tratem das mesmas informações (ainda que possa se argumentar que ele considere a entrada de novos internautas ao longo da transmissão).

²⁸⁴ Era o fim do torneio que preocupava os manifestantes, já que possivelmente marcaria o início das ações de expulsão dos moradores das ocupações.

Dênis faz saber que acontecem, simultaneamente à ocupação na Prefeitura, outras duas na capital mineira. Contudo, empreende uma série de afirmativas (sobre o que estaria ocorrendo nesses dois outros lugares) que, sem fundamentação ou comprovação, não se garantem com legitimidade. Estas, porém, estão imbricadas por um valor de incitação que assevera a pujança das ações dos oprimidos como “lutas” das pessoas pela “moradia digna” e o “direito ao que é seu” (ainda que se tratem de ocupações), frente ao opressor, configurado pelo governo, que “não quer cumprir o combinado” e “retirar as famílias dos lugares em que vivem”, logo após o final da Copa do Mundo de Futebol, aproveitando da força policial já alocada.

Essa última, materialização do estado, nas palavras de Dênis, de um lado, colocaria “[...] todo mundo pra fora [das ocupações urbanas], da forma como a polícia sabe fazer, com violência, sem direito a conversa, sem pensar em crianças, com bombas, com gás de pimenta, com bala de borracha [...]” e, de outro, estaria antes (no protesto em curso) confiscando a comida e a água que alimentariam os ativistas nos locais das manifestações. Ratificamos, mesmo sem como comprovar até então, que a afirmação ganha valor de verdade em razão da força da incitação oposicional entre os vetores evidenciados.

Vê-se, então, com Nacif a reivindicação do contrato ativista em uma possível exposição de disputa na qual um dos lados, ao que o Ninja se posiciona, empreende (traduzindo as palavras dele) uma ação pacífica (feita com “alegria”), adequada e pública (realizada para que mais pessoas saibam da causa) de resposta (e esse ponto é importante de se perceber na fala do repórter, pois demonstra que a reativa só se dá em função de uma condição primeira) a uma ausência de compromisso do executivo municipal, que, em detrimento de prover o diálogo (segundo Dênis nenhum representante político fora conversar com o grupo, o que era uma das demandas do ato), utiliza-se de uma estratégia espúria (contra não só ativistas, mas a crianças e idosos que estariam “passando fome”) de contra-ataque, supostamente negando alimentação aos ativistas e, depois, reprimindo as ações de forma dura (chegando a quebrar o braço de um manifestante em outra manifestação paralela). Colocar essa sequência em tela, inferimos, não é só fazer-saber, mas é informar para tomada de ações, quaisquer que sejam, em consequente à situação narrada.

A informação sobre a entrada de comida nas ocupações seria logo confirmada quando Dênis registra a conversa entre manifestantes e um coronel da polícia. Enquanto os ativistas pedem “por favor”, o militar argumenta. A sequência faz saber e ainda teria potencial para transformar as incitações em demonstrações e garantir a legitimidade das informações do Ninja em diante.

Seguem, então, inferências sobre o jogo de pressão entre as partes. Segundo Dênis, em incitação, a polícia estaria tentando “driblar” os manifestantes, ao indicar a liberação da entrada de comida com a saída de parte dos ativistas dos prédios ocupados. Essa seria, segundo o Ninja, uma estratégia de “opressão” para tentar acabar com o ato e, conseqüentemente, com a causa a que ele se refere, o que, indaga-se e se extrai de sentido da transmissão, seria o mais importante.

Nacif utiliza-se também de uma estratégia análoga à de Branca Schulz: as conversas paralelas, que, nada contraditoriamente, auxiliam na narrativa e atuam como finalidade de informação. Em uma dessas, ele pergunta a uma senhora se a polícia, afinal, havia liberado a comida. A mulher, então, diz que o representante militar estava irreduzível. Dênis adjetiva: “É foda”. Assim, demonstra também o posicionamento dele, alinhando-se à causa e, mais uma vez, fazendo agir a perna ativista do contrato, no que concerne ao comportamento dele (pró)manifestante.

Intercalando muitos momentos de silêncio (em que, em verdade, focalizava atentamente palavras de ordem dos manifestantes, ou registrava diálogos dos mais distintos), Dênis também reivindica um “nós”, nivelando-se com os manifestantes, assumindo por igual os intentos deles, ao afirmar, por exemplo, aos *webespectadores* que “[...] a gente tá ocupando aqui” e “estamos em frente à prefeitura municipal tentando estabelecer uma conversa”.

O Ninja também apela a uma frente argumentativa, quando coloca em evidência uma finalidade demonstrativa. Ele tenta sustentar uma verdade baseada em certos conceitos universais, tais como o direito à vida, à moradia e ao respeito, como justificativa e garantia da realização da ação de protesto. Afinal, segundo ele, “[...] todo mundo aqui é ser humano, todo mundo tem direito realmente a uma casa, todo mundo tem direito à dignidade”.

Há uma visada instrutiva muito pontual de Dênis, acerca da possibilidade de que, se desejassem, os *webespectadores* poderiam ir até ao local e empreender atividades (sobretudo culturais) na manifestação, haja vista que uma programação ocorreria mais ao final da tarde. Esta não é prescritiva, na medida em que o Ninja não interpela diretamente ao internauta para que o faça, ainda que disfarçadamente (inferimos, com certa modalização proposital) sugira isso, visando “fortalecer o protesto”. O ato diretivo, no entanto, aparece para que a audiência “faça força”, “vá replicando aí” e “divulgue ao máximo” para que a alimentação fosse liberada para os manifestantes.

Para finalizar, em um momento muito particular, Dênis comemora ao informar que o trânsito na Avenida Afonso Pena estava fechado após os manifestantes bloquearem a via. Ele chega a gritar. Aqui não se tem apenas o fazer-saber (que o fluxo estava interrompido e/ou

que ele se alinhava à ação), mas uma espécie de fazer-sentir, de extensão da experiência sentida por um dos lados, no ápice da manifestação, ao conjunto de *webespectadores* que acompanhavam a transmissão (novamente também em remissão à frente ativista do contrato).

Quanto a Felipe Altenfelder, é muito pouco o tempo que ele oferece de transmissão no dia 4 de julho de 2014. Não se entende o que ele fazia na capital cearense (identificada pela chamada da cobertura, em um título do vídeo no *Twitcasting*), até que ele afirma que “estamos aqui nos arredores do estádio Castelão, em Fortaleza, começando esta transmissão, nos arredores da Copa.”

Do pouco que fala, Altenfelder é eminentemente narrativo e descritivo, demonstrando atentar-se a uma proposta de informação. Tem-se a impressão, como visto na citação do parágrafo anterior, que ele estava no local para fazer-saber sobre os bastidores do evento esportivo. Contudo, não o consegue, em razão das quedas de sinal. No terceiro e último vídeo, vê-se o repórter na arquibancada, comemorando o final da partida, com a entoação dos gritos: “Aê, Mídia Ninja ao vivo! Vai, Brasil!”

A prescrição à seleção de futebol, e não ao país, configura mais do que um mandar-fazer, mas a expressão da alegria e do desejo de que o time prossiga na competição (já que, a essa altura, estaria indo às semifinais do torneio). A posição dele, então, fica manifesta por meio desse dar-a-ver curto (não falamos das imagens ainda, mas do fragmento de discurso), de pouco mais de 10 minutos, que contraria, em nossa opinião, a perna ativista do contrato comunicativo do Mídia Ninja, ainda que a informação tenha sido presente até então.

Seguindo, Filipe Peçanha é o Ninja, pelo que pudemos perceber nesse (sub)recorte, que, além da finalidade informativa, mais aditiva (consideravelmente) a perna ativista do contrato comunicativo – além do uso amplo de outras visadas, como a incitativa e a demonstrativa. Na transmissão escolhida, ele evidentemente trabalha muito com a perspectiva do fazer-saber, condição principal da *live*.

Porém, ao longo da cobertura, e sob a emergência de microacontecimentos, as investidas se ampliam. Então, tem-se uma transmissão com quase sete horas de duração em que o Ninja intercala entrevistas com narração, descrição e argumentação, conversas paralelas com conhecidos e enfrentamentos com a Polícia Militar. Em dados momentos, torna-se efetivo personagem da cena enunciativa, tendo a câmera tão-somente como um acessório que o acompanha na tensão dos momentos pelos quais passou.

Assim, podemos dizer que, sobretudo nas situações em que o Ninja é refém/vítima do contexto e/ou de ações de terceiros – estouro de bombas em que teve que se esconder, agressões da polícia, entre outras –, tem-se um fazer-sentir que de alguma forma transporta o

webespectador não apenas para a local do evento, mas para o lugar de quem passa por essas ocorrências.

Com Filipe Peçanha, e podemos dizer isso não só por essa transmissão, elevam-se as perspectivas do binômio mídia + ativismo. O Ninja parte para um enfrentamento tão incisivo com as forças policiais, pautando-se muitas vezes por uma guerra de nervos que visa desmoralizar e desqualificar os militares, que os níveis de possibilidade de afetação patêmica das cenas transmitidas se elevam enormemente. Falaremos disso bem *a posteriori*. Mas o que queremos destacar aqui é a finalidade dele com essa postura.

Carioca parece querer fazer-saber que os PMs brasileiros são despreparados (entre outros adjetivos pejorativos) e que, portanto, só teriam a força como resposta às investidas dele. Ao fazerem isso, tendo o repórter como objeto, haveria a tangibilização dos argumentos dos Ninjas, em uma ação reativa dos praças que corresponderia a uma validação de todas as incitações apregoadas ao longo de uma transmissão (ou mesmo, já que falamos da última cobertura durante a Copa do Mundo, de todo o discurso midiativista apresentado ao longo desse recorte – quiçá desde 2013).

A relação é complexa. O Ninja faz provocações ao militar no sentido de desestabilizá-lo, aguardando um retorno balizado pela arbitrariedade e violência. Contudo, o *webespectador* é terceiro na troca, a princípio, comunicativa, acompanhando as apostas dos dois lados, sendo detentora de um conhecimento posto pelo repórter *a priori*. Este vem com uma série de dados acerca do comportamento da polícia ao longo da Copa do Mundo (resgatados durante a transmissão), incitações que demonstram um posicionamento de Carioca a favor da desmilitarização e demonstrações a partir da fundamentação em diversas entrevistas.

Vale um adendo importante aqui. Os policiais que, no curso da Copa do Mundo, em geral mantinham uma postura fria, resguardando-se ao silêncio (até quando eram provocados), foram representados por algumas atitudes sórdidas de colegas que demonstraram o posicionamento acerca do uso da força desproporcional nessa manifestação. Foi possível ouvir, pela captação de áudio da transmissão de Peçanha, os risos e as comemorações dos militares em razão das bombas disparadas e tiros acertados em ativistas.

Inevitavelmente, esse comportamento da PM tende a dar valor de verdade a todos os argumentos contrários aos praças, colocados por Filipe. Para além disso, em nossa opinião, mais do que justificar, inclusive, a ação de enfrentamento do Ninja, elas fomentam e demandam uma reativa por parte da audiência, já que, aparentemente deixam, o

webespectador (sobretudo aquele que desaprovava as ações policiais) com o desejo de ser representado firmemente.

O conjunto de informações, o fazer-saber, contudo, é muito mais amplo. A polícia é execrada no contexto da violência (apresentação de dados seguida da adjetivação do repórter), mas representa no discurso de Peçanha (e de boa parte dos Ninjas) tão-somente a materialização do poder do executivo estadual. Esse último tem relatada boa parte dos erros e é alvo de uma série de críticas (na quais é agenciada a opinião do Ninja, em que se apresentam incitações).

Mais especificamente nesse 13 de julho, aquém da final da Copa do Mundo de Futebol (embora citada), o tema de boa parte das abordagens é o que acontecera na noite anterior: a prisão de diversos ativistas. A informação é pontual. Contudo, os porquês relacionados a esse acontecimento geram espaço para uma série de inferências, que se colocam por demonstrações e incitações do Ninja e dos entrevistados dele, que asseveram um comportamento desmedido e arbitrário das autoridades brasileiras.

O papel do exercício democrático de protesto daqueles que estavam na marcha, e a condição de inocência dos encarcerados, é endossado diversas vezes por Filipe. Aliás, mais do que isso, há um alinhamento ao corpo manifestante. Peçanha, segundo sugere, é mais um que compõe o coro do ato transmitido, fazendo remissão, assim como tantos outros colegas o fazem, a um “nós” ativista que responde às cláusulas contratuais comunicativas e, por conseguinte, lustram o *ethos* discursivo do Mídia Ninja (não permitindo que o *webespectador*, ainda que com uma tênue estratégia textual, se esqueça de quem está falando ou por quem estão falando). Para ele, é “[...] a gente [nós] tentando lutar, mais uma vez, contra essa violação dos direitos humanos[...]”, uma causa da qual, segundo ele, tem o “maior prazer” em fazer parte.

Mas Carioca também investe em estratégias (não só nessa transmissão) mais diretas em relação ao *ethos* discursivo do Mídia Ninja. Há um reforço do papel midiativista do coletivo num fazer-saber sobre o que ele representa, presente na narrativa do Ninja, no direcionamento ao *webespectador* (relembrando-o sobre quem é a iniciativa midiativista). Nessa transmissão, em especial, há um discurso de Filipe, logo após ser agredido. Na homília, em que se dirigia a um grupo de policiais, reforça a condição profissional dele atrelada à de cidadão, já que a primeira corresponderia a uma atitude que configura o sujeito da segunda. Nesse endereçamento aos militares, os internautas são afetados como terceiros e, por conseguinte, alvos das visadas do repórter, que assevera:

[...] eu não fiz nada de errado pra tá aqui. Eu não fiz nada de errado pra nenhum de vocês. Eu tô transmitindo ao vivo. Com um celular. Assim como muita gente aqui tá expressando o que acredita. E isso não é nenhum tipo de violência. Isso não é crime. Isso é um direito constitucional do cidadão.

Em um diálogo com Vidigal, outro colaborador Ninja, essa prerrogativa também apareceria (tendo o internauta como terceiro). Na conversa, extrai-se, inclusive, que os Ninjas representam um viés que ninguém mais assume: “É necessário e fundamental, né? Por que se a gente não fizer quem é que vai fazer?²⁸⁵”. Isso tudo pra dizer que, muitas vezes, a transmissão do Mídia Ninja parece ser um fim em si mesma. Aliás, de modo mais preciso, alguns repórteres tendem a destacar um tempo das transmissões dele para fazer menções elogiosas (ainda que indiretamente) ao próprio trabalho.

Mais uma vez, as finalidades de base do Mídia Ninja, ancorada no contrato comunicativo do coletivo, parecem-nos ser informação associada a representação ativista. Acontece que a primeira é observável a olho nu para qualquer pessoa. Já a segunda semelha precisar de um reforço. Ao menos é o que destacamos da postura dos midiativistas em análise.

Conforme já havíamos verificado, Peçanha também é muito irônico. Essa característica está presente em visadas que claramente têm funções específicas (informar, solicitar, incitar e até prescrever). Contudo, o gracejo dá leveza e auxilia, na nossa percepção, à função persuasiva ou de questionamento. É importante salientar que muitas vezes há um fazer-rir que não corresponde ao gênero em destaque. Nesse contexto, essa dinâmica se vê subvertida com outro propósito, a saber: auxílio de convencimento, tanto quanto, mais uma vez em nossa opinião, ao fazer-sentir (afinal os dois estão próximos, ainda que em linhas diferentes, na camada patêmica).

A conformação dessas estratégias e desses intentos gera e se dá a ver em construções como a que Peçanha chama a polícia de “mãe Dináh”, em alusão à (já falecida) famosa vidente brasileira, entre muitas outras. A ironia deprecia o trabalho dos militares (e a postura do governo), afeta a audiência pelo riso e abre de forma lúdica espaço para que argumentos arranjados em incitações tenham peso de verdade. Ao mesmo tempo, é uma estratégia de manutenção de audiência, já que o patêmico alivia um pouco toda a carga pesada em torno dos infundáveis problemas que são apresentados e postos na conta do Estado pelo Ninja.

As solicitações de Filipe dão-se aos entrevistados (evidentemente) para que respondam a questões, e aos internautas para que enviem perguntas (se assim desejassem). Em relação a esse último, a estratégia parece ser, de um lado, de manutenção da audiência, no esforço à

²⁸⁵ Em resposta à postura na guerra de imaginários que o Mídia Ninja toma, apresentando enquadramentos diferentes das manifestações.

interatividade multimodal, e, de outro lado, de correta adequação do fazer-saber. Entretanto, as informações com fundamentação reativa pouco acontecem, demonstrando uma atenção maior do Ninja à narração/descrição do contexto acompanhado.

Contudo, especialmente neste dia, há um comportamento completamente distinto de Peçanha em relação à audiência no *chat*. Ele seria muito mais comunicativo e chegaria a mandar beijos para alguns seguidores nessa data. A visada aqui parece ser a de agradecimento pelo acompanhamento da transmissão. Mas mais do que isso, na nossa opinião é quase que um desabafo (positivo) de alguém que vinha cobrindo as manifestações no Rio de Janeiro ao longo da Copa do Mundo de Futebol (que se encerrava nesse dia).

Assim, os cumprimentos de certa forma abonariam a participação não apenas naquela transmissão, mas em todas as outras durante o período. Entretanto, a essa altura havia a dispersão da primeira marcha e concentração para a segunda. Enquanto a inicial se encerrou de forma pacífica (rendendo elogios do Ninja, em clima de êxtase), a seguinte não teria o mesmo fim, conforme já se apontou.

É a partir daí, depois de um período em que Vidigal assumiria a transmissão, que Peçanha voltaria com outro ritmo e dinâmica, fruto da intervenção policial na praça em que os manifestantes aguardavam para sair em nova marcha. Menos narrativo/descriptivo e mais “sujeito manifestante” (conforme lançamos mão no esquema da FIG. 25) nos embates discursivos (e até físicos) com a Polícia Militar.

De forma pontual, Peçanha mantém alguns diálogos durante a transmissão; sujeito de relações, conforme já apontávamos na conversa dele com Vidigal – apenas um exemplo de algumas situações durante essa transmissão em que o *webespectador* ficou como terceiro, acompanhando os bate-papos paralelos que, sem contradição, servem-lhes como informação. Filipe utiliza-se menos de uma estratégia do que de um comportamento natural que, invariavelmente, compõe a narrativa.

Por fim, a pouca prescrição, quando há, se dá para que os *webespectadores* “acompanhem”, “accessem” e/ou “curtam” a página do Mídia Ninja (*site* e perfil no *Facebook*), numa prerrogativa autorreferencial, tanto quanto a demanda para que compartilhassem o *link* da transmissão em curso e ficassem atentos aos possíveis confrontos com a polícia (no sentido de empreender ações, imaginamos, de denúncia e registro dos acontecimentos porvir).

Um dia antes, Carlos França e Vidigal dividiram a transmissão em uma cobertura em frente à Cidade da Polícia no Rio de Janeiro. Esse dado é fundamental para compreender que a finalidade tem, ao menos aqui, muito a ver com a situação de contexto numa transmissão

particularmente atípica. O que havia para saber ali senão o que já estava dado? A cobertura abre com a informação dos colaboradores Ninjas afirmando que pelo menos duas dezenas de ativistas haviam sido presas, ou já tinham mandado expedido para tanto. Uma entrevista com um advogado, defensor dos réus, é empreendida. Daquele momento em diante, o que se teve, em verdade, foi um fazer-vigilância.

A câmara é solitária em muitas ocasiões, haja vista os longos períodos de silêncio dos Ninjas. Estática, devido à utilização, pela primeira vez no recorte de pesquisa, de um tripé, assemelha-se às prediais, desta feita não apontada para a rua, mas para o portão (da delegacia). O áudio capta o burburinho de midiativistas, amigos e familiares dos manifestantes presos, todos preocupados com os entes queridos e/ou correligionários de causa encarcerados. Na outra ponta, um grupo de *webespectadores* que se mantêm atentos à cobertura, também com a mesma apreensão. O fazer-vigilância torna-se, em certa medida, quase fazer-vigília.

O Mídia Ninja faz, então, alusão ao contrato comunicativo dele, mais especificamente com a camada ativista do coletivo, com uma transmissão muito peculiar que indicava a atenção, apoio e zelo aos manifestantes aprisionados, tanto quanto o espanto com o cárcere deles. A questão ali também não parecia ser fazer-saber sobre o que acontecia, mas sobre o que poderia acontecer, na esperança de que os presos fossem libertados (e a câmara apontada para o portão indicava isso, numa expectativa das saídas).

No entanto, uma (possível) entrada em particular era aguardada, a da ativista Sininho, que então estava na cidade de Porto Alegre. Seu encaminhamento à Cidade da Polícia era simbólico e indicaria a efetividade das ações dos militares. Assim, registrar esse momento semelhava ser um intento dos midiativistas, e um tanto dos internautas, o que também fazia a sentinela midiática continuar (em paralelo à vigília para os já encarcerados).

Nesse entre-dois, havia informação. Ainda que com muita repetição (ao longo da transmissão), se fazia saber, constantemente, acerca dos motivos e o que representava a prisão dos ativistas. Ao lado das justificativas reiteradas pelos Ninjas, uma série de incitações acerca das intenções com a expedição dos mandados e o recolhimento dos manifestantes à delegacia, sempre cercadas de adjetivações depreciativas ao papel do Estado, dos militares e até do Poder Judiciário.

No entanto, com Carlos França, essas críticas são mais densas e ácidas, sem muita fundamentação, mas carregadas de uma espécie de rancor social. O jornalista fala com um saber da experiência, da testemunha ocular da história, com bagagem. Já Vidigal tenta colocar alguma justificativa, agenciando visadas demonstrativas, mas é frágil também nas

argumentações. No entanto, esse segundo utiliza-se muito da ironia, de um fazer-rir sobre temas sérios. A linguagem dele é mais descolada, jovial. Enfim, o que se tem como resultado é uma soma de juventude com tradição que, cada um a seu modo, e, mais do que isso, de maneira complementar na narrativa da transmissão em curso, afiançam um movimento persuasivo complexo, mas forte, em favor dos encarcerados (considerados pelos Ninjas como presos políticos – reivindicando todo o peso dessa expressão).

Algumas (poucas) entrevistas foram realizadas. No contexto, o objetivo era mesmo o de fazer-saber, ora tentando dar conta do que acontecia intramuros, ora procurando dar respostas aos porquês incessantes do acontecimento. Nesse sentido, advogados dos ativistas, uma midialivrista e até familiares dos encarcerados foram ouvidos.

A ausência de mais informações, em uma transmissão relativamente comprida (duas horas e quarenta), imputava ou o já mencionado silêncio, ou outras estratégias discursivas. E a mais utilizada por França e Vidigal foi a interatividade, muito estimulada pelos internautas. Entre as reativas, os mais diversos temas, num dever-responder dos Ninjas que compreendiam informações precisas e outras tantas incitações, balizando a opinião dos Ninjas.

Nesse contexto, a ironia era ferramenta para a crítica ao Estado e à polícia. A Copa do Mundo (e o futebol) quase sempre vinha de pano de fundo. Aproveitando-se da derrota do Brasil para a Holanda no torneio (após a esmagadora vitória alemã, dias antes), os Ninjas dizem que “não adiantou nada”, e que esse seria o “legado” do torneio, em remissão aos contraditórios investimentos em estádios em detrimento do que poderia ter sido alocado na saúde, educação, entre outras áreas prioritárias.

A despeito da preocupação com a situação de contexto, a interação no *chat* ganha um ar leve, transformando a vigília em uma roda de conversa, descontraída, entre amigos. A estratégia, que a nosso ver tem um impacto de manutenção de audiência, coloca França e Vidigal bem alinhados aos *webespectadores*. Aliás, as menções do jornalista aos participantes do *chat* são bem aproximativas, demonstrando uma espécie de conhecimento prévio de quem são os internautas (ainda que essa ciência seja mesmo apenas virtual). Um dos Ninjas chega a mandar beijos direcionados à recepção *on-line*.

Vale um parêntese para falar especificamente acerca de um comportamento de Vidigal (que seria reiterado um dia depois por Filipe Peçanha). Esse colaborador do Mídia Ninja seguidas vezes utiliza-se da autorreferência pessoal, seja discursiva (texto verbal) ou imagetivamente. Ao contrário de boa parte dos midiativistas do coletivo em análise, ele implica os *webespectadores* em um fazer-ver-se, em colocar-se em evidência, aproveitando-se da plataforma.

O interessante é que, de certa forma, essa estratégia está intimamente ligada às ações autorreferências dos Ninjas quando reforçam o *ethos* do veículo. Contudo, Vidigal tenta subverter essa linha narrativa. Se, de um lado, a intenção é mesmo fazer menção ao trabalho dele (e tentar arrastar um renque de seguidores para o seu perfil em redes sociais *on-line*), de outro, reforça que quando fala, ainda que no canal do Mídia Ninja, utiliza-se da própria voz²⁸⁶.

Quando analisamos a identidade dos Ninjas, vimos que há discordância de Vidigal quanto a algumas práticas do Mídia Ninja. Nesse sentido, a ação comunicativa do midiativista é igualmente intencionada a tocar na via ativista do contrato, asseverando, de certa forma, que ele vai mais longe que o coletivo, indicando que as cláusulas dele, nesse sentido, são outras (e mais rígidas²⁸⁷).

Para finalizar, após utilizarem-se do *chat* para fazer uma espécie de votação (sobre o que deveriam transmitir), Vidigal e França acabam por deslocarem-se da Cidade da Polícia para a região da Lapa, no Rio de Janeiro. Paradoxalmente, saem para fazer-saber mais sobre o que acontecia no local em que estavam. Uma plenária popular seria articulada por outros ativistas para tratar das já mencionadas prisões. Nesse sentido, o tom da cobertura poderia mudar pontualmente – da vigilância às informações mais precisas e, mais do que isso, a articulação de um espaço em que o fazer-refletir teria lugar. Infelizmente, porém, o *link* é encerrado e não é retomado.

Gian Martins, mineiro que atuou no Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo, fez a transmissão que escolhemos para (sub)recorte saindo do morro Chapéu Mangueira – cenário do início do ato “A festa dos estádios não vale as lágrimas nas favelas”. Como essa seria a primeira vez que o Ninja faria uma transmissão no período da Copa do Mundo, o *webespectador* que estivesse acompanhando a cobertura do Mídia Ninja (apenas) desde o dia 12 de junho notaria algumas diferenças no modo de atuação dele frente aos colegas (ainda que o midiativista já tivesse realizado outras *lives* antes do torneio).

Com Gian, continuamos vendo a dinâmica do fazer-saber como a principal finalidade entre os Ninjas. Ele usa constantemente da descrição e narra a sequência da marcha com detalhes. Porém, Martins empreende, de um lado, entrevistas muito dilatadas – reivindicando a informação a partir do ponto de vista dos participantes –, e, do outro, é deveras argumentativo, procurando estabelecer relações socioculturais mais amplas que ajudassem a

²⁸⁶ Locutor reivindicando um enunciador, que lhe direciona, e não é o Mídia Ninja.

²⁸⁷ Por exemplo, a uma suposta simpatia partidária com alas esquerdistas que ele, Vidigal, não tem e não acha adequado um veículo midiativista ter (independente da orientação).

compreender o movimento da ação de protesto. Nesse sentido, o repórter faz uso da incitação e da demonstração também com grande recorrência.

Nesse último ponto, ele alinha-se mais, como percebe-se, a Filipe Peçanha. Mas o modo de condução dele das entrevistas é muito particular. Gian abre outros contornos à perspectiva do dar voz aos participantes do protesto, interessando-se pelo que pensam e têm a dizer, explorando tanto quanto possível o espaço que têm como fontes. Nesse sentido, seria incorreto afirmar que o que se prevê aqui é apenas a finalidade informativa. É claro que se faz saber, mas é a valorização da fala do excluído, do ordinário, que não tem espaço na mídia de massa e que tem a oportunidade de se expressar para um conjunto amplo de pessoas, que parece prevalecer como proposição.

Ainda que motivados pela pergunta do Ninja, quanto mais canal aberto têm para falar, menos mediação sofrem e mais condições têm para dizer o que pensam e sentem. É assim que, no nosso entendimento, Gian, de forma muito pontual, também alimenta a perna ativista do contrato do Mídia Ninja com os *webespectadores*, circundando um fazer-saber com um fazer-ouvir.

As motivações, ou os endereçamentos, das perguntas de Gian quase sempre têm um foco que é o da violência policial nas comunidades (quando não, o da especulação imobiliária). Esse, que é um tema que atravessa também o protesto, aparece nas informações, incitações, demonstrações e até em instruções do Ninja aos *webespectadores*; ele indica que há muito material na *Internet* sobre a PEC 51, que prevê a desmilitarização da polícia, e que quem se interessasse sobre o tema poderia encontrá-lo facilmente. Não há aqui a prescrição. Contudo, como Dênis Nacif o fez, nos parece uma estratégia de modalização do discurso com o intuito diretivo.

A demonstração vem com dados e com a própria fundamentação na palavra das fontes entrevistadas. Já as incitações acabam por se amalgamar entre a frente demonstrativa e a informativa, ganhando certo valor de verdade haja vista o peso dessas outras duas. Como exemplo, para Gian, o protesto era:

[...] contra a violência policial, contra a repressão de todo dia do estado, que massacra cotidianamente as favelas e os moradores das favelas, os moradores das regiões periféricas das grandes cidades, das regiões metropolitanas, excluídas, que são desprovidas de serviços básicos do estado, de equipamentos.

O Ninja ressalta de modo contínuo ao longo da transmissão que a Polícia Militar é a principal responsável pela manutenção da violência nas comunidades, “assassinando”,

“promovendo chacinas”, na maioria das vezes de “jovens, negros e pobres”, “inocentes, em geral”. Segundo ele, amparado pela fundamentação em diversas entrevistas (reivindicando um saber de experiência daqueles que vivem em favelas e convivem com esse problema), “não existe guerra às drogas” (numa remissão à bandeira policial/estadual de combate ao tráfico de entorpecentes), mas sim uma “guerra aos pobres”.

Além disso, outra temática apresentada por Gian – já que também é proposta da manifestação –, é a da mudança na dinâmica das famílias a partir do encarecimento do custo de vida nas favelas. Martins indica que “[...] a Copa do Mundo está diretamente relacionada e foi uma grande incentivadora e aceleradora das políticas urbanas”. Muitos movimentos sociais veem o conceito presente na fala do Ninja apenas de forma negativa, entendendo que a nomenclatura representa a valorização das áreas a serviço do capital, “expulsando” os moradores dos lugares em que viveram durante anos.

A afirmativa é colocada em tom incitativo ao longo da transmissão, mas ganha efeito de realidade quando são agenciadas em torno dela entrevistas com moradores de comunidades e uma inter-relação argumentativa casuística por parte de Gian. Contudo, invariavelmente, parece estar diante de uma reafirmação de posição ativista, de um lado, contrário a um possível projeto deliberadamente organizado pelo Estado e pela cidade do Rio de Janeiro para afetar as famílias que moram em favelas²⁸⁸ e, de outro, em favor da resistência dessas frente ao movimento econômico que as sobredeterminam e às ações da polícia que as limitam.

Enfim, há na fala do Ninja um imbricamento entre a questão da violência policial (e a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora) e a prática de gentrificação nas favelas. O argumento de Martins (mais uma vez numa amalgama em que é difícil separar a incitação, da informação e da demonstração) é o de que a existência das UPPs não diminui a criminalidade, tanto quanto ampliam a mão de ferro na comunidade, fazendo com que agora os moradores convivam com dois opressores simultaneamente, fiquem no meio do fogo cruzado e por vezes sejam confundidos com os bandidos. Porém, esse discurso está intimamente ligado ao do protesto. O Ninja, então, o traduz na narrativa dele para os *webespectadores*, aderindo à causa e se alinhando ao movimento.

As questões colocadas por Martins como informação são intrincadas e difíceis de se corroborar, mas por todo o conjunto de estratégias discursivas articuladas, há, nos parece, um fortalecimento persuasivo gradual. Quanto mais se constrói uma noção da existência do

²⁸⁸ E aqui reside uma crítica do Mídia Ninja, mais ampla aos executivos estadual e municipal, que vem numa esteira. Não se pode pensar em todas as adjetivações depreciativas de Gian ao governo apenas de modo pontual, mas como sequência de um posicionamento do coletivo.

processo de gentrificação e mais se dá a ver a arbitrariedade da polícia, com dados e informações (advindas do texto do Ninja e dos entrevistados), mais ele agencia novas apostas, que fazem como que as visadas se complementem de modo cíclico. Gian chega a dizer, por exemplo, que a “[...] especulação imobiliária está intimamente ligada à guerra das drogas; a gente sabe que o mercado imobiliário lava a grana das drogas, e que essa grana não está debaixo do colchão do traficante preto, do alto do morro.”.

Como prescrição, Gian pede pontualmente para que as pessoas divulguem o *link* da transmissão e inclusive as páginas do Mídia Ninja (*Facebook* e *site*), numa prática aparentemente recorrente entre os Ninjas. Assim como Branca Schulz, Martins tende a informar sobre os passos dele acerca daquilo que está fazendo e o porquê ao longo da transmissão. Por fim, vale ressaltar a prática autorreferencial que é também agenciada por esse Ninja e que ajuda na conformação do *ethos* discursivo do coletivo midiático e, por conseguinte, no contrato comunicativo entre emissor e *webespectadores*.

Em uma passagem muito ilustrativa e representativa, Gian articula uma visada que não é, como se vê a seguir, propriamente informativa. Ela é, em nossa opinião, majoritariamente instrutiva. Como se sabe, a visada de orientação está ligada à apresentação de um modelo, eficiente e/ou eficaz, para que o interlocutor saiba fazer algo. O método aqui é o Mídia Ninja, posto como referência de representação.

A gente é do Mídia Ninja, que é um veículo de imprensa independente também, que dá visibilidade pras causas também populares. Conte com a gente também pra fazer denúncias, pra dar visibilidade e ampliar também o grito, o seu grito e o grito de seus companheiros de luta.

Importante mencionar que Gian nesse momento do trecho destacado se dirige a um entrevistado, manifestante. Contudo, atinge, por conseguinte, também os *webespectadores* (talvez de modo ainda mais efetivo do que se falasse diretamente). A função, nesse caso, intencional ou não, é fazer-saber, ou rememorar, sobre algo que é dado de partida: a função mesma do veículo não apenas para informar, mas para representar.

Por fim, vale citar, em verdade ratificar, que Martins tende a repetir muito ao longo da transmissão as informações (incitações e demonstrações), evitando os silêncios. Interage de forma pontual com a audiência, procurando fazer-saber em reativa mais a partir da segunda metade da transmissão e, inclusive, instrui (e não prescreve) para que os internautas enviem questões para ele.

Isadora Machado, no recorte que escolhemos para análise, acompanhou uma assembleia pública em São Paulo. Com duração de cerca de uma hora e quarenta minutos, a Ninja evidenciava os discursos ligados a um debate sobre a criminalização dos movimentos sociais. Quando falamos anteriormente sobre França e Vidigal, demos a entender que eles estavam indo ao final da cobertura que fizeram para uma plenária popular e que articulariam uma transmissão em que o norte seria o fazer-refletir.

A nossa posição sobre essas ações, que chamamos aqui sem receio²⁸⁹ de eventos técnico-científicos, é a de que elas, mais do que fazer-saber (ou seja, seu caráter informativo), têm como propósito estabelecer um espaço de discussão, reflexão e geração de conhecimentos a partir de trocas mútuas e democráticas, tendo como facilitadores nomes representativos das causas em evidência.

Foi assim ao menos em todas as assembleias, plenárias, debates, fóruns, como queiram chamar essas ações, transmitidas pelo Mídia Ninja ao longo da Copa do Mundo de Futebol. Em geral, há um apagamento do Ninja. O silêncio dele dá voz aos discursistas. Mas o midiativista aparece quase sempre ao final das falas (ou de uma específica), estabelecendo um pequeno resumo do que é exibido e do que fora dito, seguido quase sempre de uma opinião pessoal.

Esse foi, em abreviação, também o modo de atuação de Isadora Machado na transmissão em análise. Depois de uma rápida introdução, em que fez saber sobre o que era aquela audiência popular, a Ninja pouco repetiu informações, ficando, não obstante, à disposição da audiência engajada no *chat* para responder questões, antes do efetivo início dos discursos.

Em seguida, tal qual aos outros repórteres envolvidos em coberturas análogas, se põe em silêncio. Porém, o que se entende (ou se espera) a partir do binômio mídia-ativismo é que, em circunstâncias como essa, a (Mídia) Ninja se envolva com o evento, ainda que seja simplesmente dedicando atenção aos discursos, uma vez que eles deveriam lhe interessar, já que é (deveria ser) uma adepta da causa.

Não é o que se vê, contudo, com Isadora. Ela empreende uma conversa paralela que certamente desvia a atenção dela do debate, haja vista que sequer se atentava ao enquadramento com o celular. Há, na nossa opinião, uma notória quebra de contrato que, por conseguinte, feria até a *clausula informativa* (prejudicada pela falta de zelo da Ninja).

²⁸⁹ O autor faz essa afirmação com base na leitura *flâneur* das transmissões dessas atividades e na experiência profissional dele como gestor de atividades na área e docente no curso tecnólogo de Eventos do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), entre 2011 e 2015.

O diálogo dela não é homeomorfo aos muitos que vimos com outros Ninjas e que serviam até de complementação à narrativa da transmissão. É difícil compreender do que tratavam (Isadora e o interlocutor dela), mas o tom não parecia revelar uma discussão relacionada aos temas em destaque, elevando a condição de sujeito de relações para além do contexto em que estava inserida, deixando de ser parte da personagem midiativista multifacetada para se sobrepor a esta.

Letícia Pocaia, no recorte que escolhemos para avaliação, acompanhou ativamente a ocupação em um terreno em São Paulo pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. É uma transmissão também atípica e muito destacável, em razão das particularidades. Afinal, tratava-se de uma ação que poderia ser considerada ilegal, realizada no meio da madrugada.

Nesse contexto, na nossa opinião, a cobertura fazia uma justaposição muito equilibrada das perspectivas informativas e ativistas. De um lado, o fazer-saber por parte do Mídia Ninja parecia claro. Mais do que isso, era quase que um furo de notícia (para utilizar o jargão da mídia de massa), um registro exclusivo de um acontecimento da ordem do extraordinário, no momento mesmo da efetivação, desde o princípio.

O acontecimento é colocado ainda com muitos dados, salvaguardados por um conhecimento prévio da Ninja, que conduzia a narração e por diversas entrevistas realizadas. De outro lado, a frente ativista exercia-se, primeiro, na utilização da cobertura midiativista até como defesa, proteção, num acompanhamento que servia de testemunho e multiplicação de vigilância *web* (de uma série de atentos internautas *on-line*²⁹⁰) frente a possíveis porvires. No entanto, o modo como Letícia Pocaia relacionou-se com a situação e com os sujeitos *in-loco* revela uma participação ativa. Apesar de portar uma câmera (no celular), e esta lhe servir de elemento distintivo, a Ninja não era um corpo estranho, mas um elemento constituinte do fazer-ocupação.

Por consequência, os *webespectadores* são levados a embarcar nos caminhos percorridos por Pocaia no acampamento que começava a ser montado. O tom descontraído de Letícia transformava as entrevistas em conversas amistosas, em que o *webespectador* ficava não como um terceiro, já que as questões (e respostas) visavam, sim, atingi-lo. Mas a dinâmica adquire uma leveza muito particular.

No meio da narração e descrição sobre a ocupação, há pontuais incitações. Estas indicam um apoio ao movimento, em desacordo com as políticas públicas de habitação em São Paulo e mais especificamente a uma possível posição contrária dos parlamentares

²⁹⁰ Foi a vigésima transmissão de maior audiência (entre 47 realizadas), mesmo tendo sido empreendida de madrugada.

paulistanos à votação do Plano Diretor (que poderia assegurar benefícios ao MTST e aos congêneres dele). As críticas ao governo (mais especificamente às alas partidárias contrárias aos sem-teto) são agenciadas de modo tênue, mas com força e valor de verdade, haja vista o clima confortável criado pela locução pautada pela descontração e ironia de Letícia.

O tema da especulação imobiliária na cidade de São Paulo também é evidenciado por Pocaia. A questão, complexa e de difícil explicação, é o cerne de uma argumentação que aloja algumas visadas demonstrativas com muitas inferências pró-ocupações. O que se evidencia é uma contraposição do poder financeiro (de posse aqui das imobiliárias e investidores, segundo a Ninja), que estimularia o Poder Legislativo (parte dos vereadores da capital paulista), frente ao problema das moradias populares na cidade, representado menos pelo MTST e mais por pessoas comuns, simples, que ganhavam voz na transmissão.

Todas essas frentes seriam rememoradas pela Ninja, nas pouco mais de duas horas de transmissão, num fazer-saber que poderia parecer afanoso, mas apontava a entrada de novos internautas para acompanhar a transmissão. A lucubração articulava essas informações e incitações de base com uma descrição bem detalhada, evidenciando peculiaridades de boa parte dos que estavam envolvidos na ocupação.

Os raros momentos de silêncio dela são para registrar gritos, palavras de ordem, cantos e discursos de pessoas ligadas ao Movimento. Em um dado momento, com a chegada da polícia à ocupação, também se cala para registrar a conversa entre os militares e líderes do movimento. Apesar de se extrair que se tratou de uma conversa tranquila entre as partes, Letícia não deixa de asseverar que era preciso ter cuidado com os praças, em uma espécie de autoprescrição, já que reivindicava um nós “companheiros”. Nesse sentido, algumas estratégias discursivas fazem reforçar ainda mais a ideia de participação ativa de Pocaia na ocupação.

Em relação a Lóris Canhetti, mesmo como pouco material para análise, vê-se a Ninja em uma plenária política até que, logo aos trinta segundos de transmissão, posta no *chat*: “Ao vivo votação sobre o PL 757/2011, que institui a Lei Cultura Viva e o MROSC”. A informação, ainda complexa, seria detalhadamente explicada pela repórter em uma prática narrativa e descritiva que fundamenta a finalidade de fazer-saber dessa cobertura (que não seria muito comprida e nos daria poucos elementos de análise).

Contudo, há uma força midiativista considerável nessa *live*. Não se pode desconsiderar, ainda que não estejamos analisando as imagens, o fato de Lóris estar no meio dos deputados, empreendendo um registro único das discussões e votações na Câmara Federal. Esse comportamento ainda ficaria expresso na resistência à tentativa de retirada da

Ninja da sala por um segurança, em que a argumentação em diálogo com o referido profissional da casa seria uma tônica, sobremaneira quando é reivindicada a mediação da parlamentar Jandira Feghali na discussão.

Canhetti utiliza-se da solicitação a duas entrevistadas para fazer a audiência saber. Essa dupla investida, em querer saber, é localizada ao lado da causa em curso; Lóris conversa com deputadas que são favoráveis à Lei da Cultura Viva, que beneficiaria diversos movimentos ligados a arte no país. Nesse sentido, ainda que registre uma série de discursos *in-loco* (o que toma boa parte da transmissão), dá voz direta a apenas parte da questão. Observamos a parcialidade dos Ninjas aparecendo, ao passo que a via ativista de contrato é cumprida.

Mas, não só por isso. Canhetti chega a comemorar quando deputados se dizem a favor da votação naquele dia. Tal postura demonstra o posicionamento dela para os *webespectadores*. Há um fazer-saber o que a Ninja sente tanto quanto uma informação da adesão dela ao coro dos manifestantes (possíveis beneficiários da lei) que estavam no plenário.

Em dado momento, ela diz, em referência a deputados que queriam adiar a votação, “Poxa! Vamos pressionar aqui agora!”. Mais uma vez na palavra de um Ninja há uma reivindicação de um “nós” (que aparece na fala de Lóris não só aqui), de um sujeito composto que inclui a ação de manifestantes em uma dada situação, a do repórter em colaboração ativa e, por conseguinte, do próprio internauta.

Há, assim, na nossa opinião, a finalidade de prescrição ao *webespectador*. Esse “nós” engendra um fazer pressão sobre o outro (composto pelo conjunto de sujeitos avessos à causa), à qual aquele que acompanha a transmissão deve aderir. Ainda que não haja apoio efetivo, ao menos parece ficar claro o efeito visado nesse sentido, que corresponde não somente à aposta discursiva (na prescrição), mas ao conjunto de elementos da narrativa.

Assim, após todas essas descrições, qual é então a finalidade das transmissões do Mídia Ninja? Acreditamos que não podemos dizer que há só uma finalidade/visada. Observamos que a concepção do contrato comunicativo do coletivo com os *webespectadores*, que justaporia informação e ativismo, é o marco seguido pelos Ninjas.

Indubitavelmente, os empreendimentos discursivos ou demonstram mais diretamente uma/a ação ativista, ou classificam as (próprias) atividades em curso nesse sentido. Porém, na nossa concepção, apesar de uma interdependência, é a frente militante que vem arrastada pela visada informativa. Ao acender uma transmissão com o *smartphone*, um cidadão qualquer – seja ligado a veículo de mídia ou não, tenha uma posição e ideologia manifestante ou não,

mas tendo ao menos um interlocutor/espectador –, ascende à condição de informante automaticamente, pois gera mediação.

Contudo, analisamos nesta seção especificamente o texto dos Ninjas (e não o discurso visual, tampouco aspectos técnicos). Estes, na grande maioria dos casos, deixam claro no início das transmissões o motivo delas. Por estar em evidência o *real time*, a finalidade da cobertura, então, seria a de acompanhar, e isso é pontuado na abertura. Isso significa que, em geral, será feito o registro da construção de um acontecimento, que pode ter valor (quando concluído) extraordinário ou não. Assim, diferente da mídia de massa, o interesse por um evento já está dado de início. Evidentemente que a potencialidade e repercussão dele podem ser previstas, mas eles são um fim em si mesmos e inscritos em uma macronarrativa que coloca em linha tantos outros protestos, ocupações, assembleias populares, que visam, em verdade, a consecução de um fim, invariavelmente ligado a alguma causa relacionada à igualdade social (ou benefício para os excluídos).

A visada informativa, então, relaciona-se não somente a dar conta do acontecimento em tela, mas das causas e possíveis consequências dele (aqui não pensando na localidade²⁹¹ de um evento, mas no poder de impacto sociopolítico dele). São trazidos à tona, então, dados, questionamentos e problematizações que caracterizam os atores envolvidos em uma dada conjuntura e a situação de contexto. É nesse momento que se dá abertura para a entrada de outras visadas.

Antes de falar delas, é importante tratar daquilo que as governa: a segunda parte do contrato comunicativo – o ativismo. Assim, deve-se informar com propósito. Não é a mediação pela simples interposição midiática. Trata-se de fazer saber aquilo que um grupo de coativistas na *web* querem ter ciência (e até de representá-los *in-loco*). Mas já nos ficou claro quando observamos a identidade do público do Mídia Ninja que este é heterogêneo e nem sempre adere à causa em curso, mas que, ainda assim, tem um plano de expectativas com o coletivo.

Nesse sentido, os Ninjas, em geral, tendem a, quando não conseguem sustentar uma informação, fazer demonstrações diversas e quase sempre sustentando uma opinião pró-oprimidos ou críticas aos opressores (particularmente ao governo, aos militares, e, com recorrência, à mídia de massa). Na nossa opinião, o propósito, afinal, é o da persuasão para aderência à causa em foco. Isso, mesmo com as informações postas, já que estas são escolhas em detrimento de outras.

²⁹¹ A exemplo de se questionar quando, em um ato, prédios são apedrejados.

O que o Mídia Ninja faz, então, é representar os ausentes ativistas pró-causa e, com as estratégias discursivas do coletivo, tentar converter os contrários com efeitos persuasivos diversos. Na nossa opinião, mais eficaz o coletivo será nessa proposta quanto melhor for a demonstração de envolvimento com o evento em curso, fortalecendo o protesto de alguma maneira.

Ademais, as outras finalidades, e mesmo as já citadas, são agenciadas pela situação de contexto e pelas características (identitárias) dos repórteres. Podemos analisar o conjunto de visadas do Mídia Ninja, imaginando que elas são metaforicamente representadas por células indivisíveis, mas que estabelecem relações de interdependência – misturando-se umas às outras, mas, por vezes, se repelindo. Estão sempre em movimento, mas presas em um quadro comunicativo, ora esbarrando nos limites pessoais e profissionais dos Ninjas, ora sendo potencializadas, além das perspectivas e microacontecimentos de contexto e, principalmente, pelo que as subjazem: a primazia informativa e ativista da ação em destaque pelo Mídia Ninja.

Figura 27 – Representação do movimento das finalidades nas transmissões



Fonte: Elaborada pelo autor.

Essas duas últimas finalidades, as principais, não nos esquecemos, também estão em movimento, apesar de dar certo ordenamento àquelas que estão subjacentes. Na proposta de contrato de comunicação, elas deveriam ficar estanques, formando um híbrido equilibrado. Contudo, o que percebemos é que a relação entre as duas, às vezes, também é conflituosa.

Assim, por mais que pareça haver uma homogeneidade ideológica entre os Ninjas, condição da vinculação ao coletivo, também fica evidente que esses não seguem uma cartilha de atuação. A individualidade é uma marca que se expressa por meio das escolhas que os midiativistas fazem em uma transmissão. Parece-nos, nesse sentido, que, apesar de saberem que devem informar, o fazem de modos distintos, alguns valorando mais as entrevistas, outros apostando na própria narrativa. Esses últimos, evidenciando ora mais informações comprováveis, ora dando foco maior na própria opinião – uns tendendo a utilizar o *chat* como ferramenta constante de (re)validação, outros apostando em uma pré-validação que os guia.

A liberdade dos Ninjas, contudo, é ainda condicionada pelas particularidades de dispositivo das cenas enunciativas e do contexto, próxima seção que abordaremos. Por vezes, a identidade dos repórteres e os reais intentos deles podem ser suprimidos pela força das situações do evento transmitido. Nesse sentido, levantamos a tese de que cada transmissão tem um valor dispositivo. Apontamos que as finalidades de uma cobertura não podem ser dadas *a priori*, senão dentro de um plano de expectativas que prevê haver informação e ativismo como condições fundamentais, abrindo espaço, se cumpridas, para a alocação de outras visadas.

Há ainda uma característica importante, a da (re)validação, que pode ser constante na transmissão do Mídia Ninja, ou mesmo (re)direcionada em dado momento. Nesse sentido, o viés de finalidade não pode ser alterado, mas o conteúdo sim, a depender dos intentos dos internautas – aspecto que não avaliamos, ainda, visto que a interação será vista mais à frente neste estudo.

5.3.1.3 Contexto – dispositivo

Conforme prevíamos, as ruas são os cenários preferenciais de atuação dos Ninjas. Das 47 coberturas empreendidas durante a Copa do Mundo, 77% foram conduzidas do asfalto das vias de grandes cidades brasileiras, ou do concreto das praças das mesmas. Ademais, o coletivo manteve-se também atento às casas parlamentares e a outros locais específicos. O que esses espaços guardam em comum é a emergência de eventos sobre eles, dando vida aos auditórios ou mudando a rotina ordinária das áreas urbanas.

Ao menos ao longo da Copa do Mundo de Futebol, as transmissões do Mídia Ninja se interessaram tão-somente pelo incomum, pela realização de acontecimentos dos mais variados. Nesse sentido, a configuração das cenas discursivas andou um tanto de acordo com o movimento evenemencial global (o do evento como um todo) e micro (em função da

emergência de acontecimentos pontuais que determinavam um olhar específico do Ninja ao longo de uma transmissão).

Assim, os eventos são não lugares que se conformam por, ao mesmo tempo em que reterritorializam, espaços por onde se realizam. Os espaços físicos, então, conformam-se de acordo com a dinamicidade dos eventos. Eles são dados *a priori*, evidentemente. Têm uma força simbólica, em geral, muito forte. Mas são ressignificados em função dos usos que os grupos envolvidos nos acontecimentos fazem em um apontado tempo e a partir de determinados movimentos.

Nesse sentido, os Ninjas parecem ter poucas condições de manobra particular; a transmissão deles, então, no que concerne aos dispositivos cênicos, é mais conformada e determinada do que determinante (a não ser a partir das questões que são de ordem imagética, no alinhamento de enquadramentos – que será vista *a posteriori*).

De início, pode-se dizer, então, que o dispositivo contextual é algo aparentemente preponderante na definição das finalidades de uma transmissão, do plano de expectativas, das condições para o efetivo cumprimento do contrato comunicativo, dando contornos esperados a uma determinada cobertura. Contudo, a matemática não é só a soma dos lugares físicos com os de representação, elevados à potência da emergência dos acontecimentos (e os microconstituidores deles). Há um fator multiplicador importante, que é o dos cenários contextuais extra e intraeventos.

A seguir, tentamos evidenciar o resultado dessa aritmética esboçando a dinâmica da operação. Evidentemente, só tivemos como tratar das transmissões que tiveram registradas (gravadas e disponibilizadas *on-line*) considerável parte (senão a totalidade). Acreditamos, todavia, que o que está disponível ajuda a dar uma boa noção do que foram as coberturas do Mídia Ninja. Esse é o único recorte desta seção de análise, dado por uma limitação.

É importante dizer que a Copa do Mundo Fifa de Futebol de 2014, período do nosso recorte, é determinante para o conjunto de transmissões que seriam empreendidas pelos Ninjas no período em destaque. Apesar de as manifestações desse ano, contra o torneio esportivo, serem uma sequência dos atos de 2013 (que tinham o mesmo grito aglutinador àquela época), no ano de análise a postura era diferente. Boa parte daqueles que bradavam que não haveria Copa (num sentido *lato*) se entregaram ao hedonismo do *ludus* (e o que vem a reboque, como as confraternizações).

Ainda assim, a sociedade parecia um tanto dividida. Não éramos (talvez nunca tenhamos sido, afinal) a pátria de chuteiras, que acompanhava fervorosamente o torneio na torcida pela representação de nosso país. Havia um descrédito quanto ao evento, em razão do

alto custo de uma infraestrutura que aparentemente atendia tão-somente à efemeridade do torneio, em detrimento de investimentos em áreas prioritárias do país, tais como a saúde e a educação.

Ao mesmo tempo, o Brasil já começava a se dividir quanto ao futuro do executivo nacional, uma vez que as eleições presidenciais se aproximavam. Um pouco diferente também de 2013, no ano da Copa continuava a se falar em crise de representação política, mas, em função de um cenário de manutenção do sistema político-partidário-eleitoral, já se dava a ver o início da (re)polarização PT x PSDB, que anunciava um embate entre Dilma Rousseff e Aécio Neves, em detrimento de saídas possíveis com candidatos como Eduardo Campos e Marina Silva.

A mídia de massa, antes execrada – e até proibida de entrar nos protestos de 2013 –, era a salvaguarda de muitos torcedores brasileiros (alguns deles manifestantes um ano antes, ou no mínimo apoiadores dos protestos, invariavelmente posicionados contra o torneio) que acompanhavam não só os jogos da seleção da CBF, mas uma série de outras partidas da Copa do Mundo de 2014.

Ainda assim, havia resistência popular. O Mídia Ninja deu a ver protestos que aconteceram em várias capitais em tom de crítica direta à Copa do Mundo. Houve manifestações também que se aproveitaram do torneio para colocar outras pautas em discussão. Mas não só disso se agendou o coletivo. Presente, por exemplo, em casas parlamentares, os midiativistas registraram votações que estavam para além da Copa do Mundo de Futebol. Enfim, para uma sequência mais inteligível, vamos fazer uma abordagem cronológica, arranjando uma breve retomada crítica ao final.

Então, chegou o dia da abertura da Copa do Mundo – 12 de junho de 2014. O início do torneio foi marcado por manifestações em boa parte das capitais dos estados brasileiros²⁹². Antes de a bola rolar no gramado do novo estádio do Corinthians, diversos movimentos sociais estavam nas ruas para retomar a crítica, sobretudo, à realização do evento esportivo.

A intenção era a da constituição de um grande ato nacional, denominado “Copa sem povo, tô na rua de novo!”. Entretanto, havia particularidades em cada capital, em razão dos tipos de articulação e atitudes tomadas por parte dos manifestantes, dos governos estaduais e consequentemente das forças policiais.

Ao que cabia ao Mídia Ninja, houve participação efetiva na cobertura dos atos em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. O trabalho de transmissão

²⁹² O jornal *Folha de S.Paulo* fez um resumo dos atos que aconteceram em capitais brasileiras no dia da abertura da Copa do Mundo de Futebol. Disponível em: <<http://migre.me/mYFuE>>. Acessado em: 19 nov. 2014.

simultânea começou às 11h26 daquela quinta-feira, com o acompanhamento do protesto contra a Copa do Mundo, articulado com a greve dos metroviários. Infelizmente, não há registros gravados e/ou disponibilizados dessa abordagem, realizada em São Paulo, por meio do canal Mídia Ninja no *Twitcasting*²⁹³.

Não obstante, grande parte da cobertura realizada nas outras três capitais estaduais pôde ser recuperada para análise. A transmissão dos protestos no Rio de Janeiro, por exemplo, que deu sequência à de São Paulo, no mesmo canal, começou às 15h38, duas horas após o encerramento das atividades na capital paulista. Simultaneamente, podia-se acompanhar a cobertura dos atos em Belo Horizonte, que teve início às 12h50, e em Porto Alegre, que começou às 13h15.

Conjectura-se que parecia haver, *pari passu* à ansiedade pelo início dos jogos, uma expectativa evenemencial, uma espécie de espera pelo que poderia acontecer a partir de um conjunto de pressupostos, balizados pela memória social, no cruzamento com um dia emblemático. A abertura daquele evento esportivo via-se diante do grito entoado um ano antes.

O “Não vai ter Copa!” tornara-se *aion* para um conjunto de pessoas. A partir da construção narrativa realizada pelo Mídia Ninja frente a uma série de atos simultâneos, constituía-se materialmente para os *webespectadores* um não tempo, ou tempo flutuante, que se via compreendido entre o início da transmissão e o começo da partida entre Brasil e Croácia (DELEUZE; GUATTARI, 1997). “Este tempo morto não sucede ao que acontece, coexiste com o instante ou o tempo do acidente, mas como a imensidade do tempo vazio, em que o vemos ainda por vir e já chegado, na estranha indiferença de uma intuição intelectual”. (p. 204).

As manifestações do dia da abertura dos jogos consistiam em acontecimentos, mas se queria saber muito da potencialidade delas como propulsoras de uma mudança efetiva em um *chronos* já desenhado, um mês de Copa do Mundo a se iniciar ali, assim como do próprio valor como grito/presença. Potencial na medida em que arrastava e colocava em xeque todo um conjunto de reivindicações e insatisfações detonadas com os atos de 2013 (DELEUZE, 2007).

Os manifestos de 12 de junho amarravam, então, sentidos, trazendo mais uma vez à tona campos problemáticos, que, senão com seiva suficiente para provocar transformações efetivas, no mínimo geravam um plano de expectativas tal que suscitava atenção e audiência

²⁹³ Ao recuperar o histórico dos *chats* da transmissão paulistana, vê-se que provavelmente o Ninja teve problemas com a bateria do celular, o que pode ter sido o motivo do encerramento da atividade.

para os veículos que os cobriam de perto. Não obstante, indaga-se que a manutenção desse auditório virtual se deu com a problematização realizada pelos Ninjas e pelo conjunto de intra-acontecimentos²⁹⁴ (ou duplicação evenemencial – os acontecimentos dentro do acontecimento-manifestação) que emergiram ao longo das transmissões (a espera de um confronto entre policiais e manifestantes, por exemplo).

Sobre as transmissões do dia 12 de junho, então, há quatro macrocenários para análise (as já citadas capitais estaduais). Primeiro, compreendo Belo Horizonte como reduto de uma das manifestações, tem-se ainda pelo menos mais quatro não lugares que reterritorializam não apenas o município, mas lugares específicos: a concentração na Praça Sete de Setembro; os conflitos com a Polícia Militar na Praça da Liberdade e depois, em fuga, por ruas da cidade; a marcha compreendida entre esses dois momentos (essa última sem condições de avaliarmos em função da ausência de registros no *Twitcasting*); e a prisão da repórter Ninja na Rua Paraná²⁹⁵.

A atividade na capital mineira era parte do ato nacional programado para esse dia, sob a articulação principal do Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014 (COPAC), Belo Horizonte²⁹⁶. Não obstante, movimentos como o Tarifa Zero, a Central Sindical Popular (CSP) Conlutas, o Movimento Luta Popular, o Movimento Brigadas Populares, além de entidades estudantis, entre muitos outros, participaram das ações que cerraram o cruzamento de duas das mais importantes avenidas da cidade, Afonso Pena e Amazonas.

No local encontra-se a Praça Sete, considerada o marco zero do centro da cidade, contemplando assim grande movimentação de transeuntes que por ali passam com finalidades diversas. Além disso, é local de grande concentração de moradores de rua ao longo do dia e um ponto de encontro de aposentados. Entre as vias que se cruzam no local, há um obelisco que faz menção ao centenário da independência brasileira, daí a alteração no nome do local, em 1992, para Praça Sete (de Setembro). O pirulito, como é conhecido, foi doado pela então Capela Nova, hoje município de Betim (MG) (MAGALHÃES, 2013).

Conforme levantamento de Fabiano Magalhães (2013), a Praça Sete é o espaço privilegiado para a manifestação pública, política e social do povo de Belo Horizonte, em razão de diversas marcas, símbolos e sinais que dão relevância e representatividade para o

²⁹⁴ Chamaremos nesta seção também de microacontecimentos. A leitura deve ser feita considerando não a proporção, valor ou poder de afetação deles, mas em razão da emergência em função de um evento primeiro, mote da transmissão.

²⁹⁵ Vale fazer o parêntese de que o *chat* também pode ser considerado uma instância de relação. No entanto, ela fora descrita parcialmente no exame de dispositivo técnico e o será no objetivo específico que trata da dinâmica entre *webespectadores* e Ninjas, no avançar da tese.

²⁹⁶ Mais informações sobre o COPAC disponível em: <<https://goo.gl/xYJsVl>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

local: a presença do monumento fálico-bélico, insígnias de ampla circulação, representação de consumo, condição política, entre outros motivos. Não sem motivos, ao menos desde a década de 1960, com a tomada das ruas pelos movimentos ligados à TFP (Tradição, Família e Propriedade) e ao movimento das Mulheres, o lugar já atuava como área de concentração e ação de atos. As décadas de 1970 e 1980 são marcadas pelos embates dos movimentos esquerdistas com setores conservadores da sociedade, além das alterações da Polícia Militar frente às alas sindicais. Nos idos de 1990 com o “Fora, Collor”, e nos anos 2000 com os perueiros, a Praça Sete foi na mesma medida marcada por diversos protestos.

Nada contraditoriamente, a marcha de 12 de junho deslocou-se da Praça Sete (da Independência) para a Praça da Liberdade. Para além do simbolismo dessa mera representação discursiva, Le Ven e Neves (1996) indicam que essa é uma perspectiva histórica, ao afirmarem que esse caminho “[...] foi trilhado por diversas categorias profissionais, em diferentes momentos, dentre as quais os mineiros de Nova Lima e professores. Com o processo de abertura política, a partir de 1979, aquele trajeto foi retomado novamente pelos movimentos sociais”.

Mais uma vez, tal dinâmica não se dá sem motivo. Até 2010, a Praça da Liberdade abrigava a sede do poder executivo do estado e diversas outras secretarias. Com a inauguração da nova sede administrativa de Minas Gerais, nos limites do município, o local passou a contar com atividades culturais no entorno dele, ocupando os prédios públicos com tal nova finalidade. Apesar de não muito distante da Praça Sete, o espaço não é da ordem do centro, é, nas palavras de Le Ven e Neves, o “espaço da monumentalidade do poder”.

Área turística de Belo Horizonte, no local foi inaugurado em 2011, com festa pomposa, o relógio que contava os dias restantes para o início da Copa do Mundo; era o símbolo da realização de um acontecimento, antes mesmo do efetivo início dele. De um obelisco ao outro, então, sair da Praça Sete, no período pré e trans-torneio esportivo, e deslocar-se até à Praça da Liberdade, significava ver uma nova representação. No centro, um monumento de pouco mais de 10 metros, já no ponto mais alto do projeto fundante da capital mineira, um outro marco de 8 metros.

Durante a manifestação do dia 12 de junho, tinha-se o primeiro ocupado, pelo povo, o segundo resguardado, pelo Estado – por meio da polícia –, materializado. O da saída, uma alusão à independência, o do fim da marcha, uma referência a um evento particular, de uma entidade estrangeira, patrocinado por diversas multinacionais, instalado, nada paradoxalmente, em uma praça alcunhada por Liberdade.

Na Praça Sete, um comportamento popular variado, ainda que com a maioria das pessoas paradas, aguardando a movimentação do ato. Gritos de palavras de ordem eram ouvidos com frequência, e, aos poucos, intervenções como o futebol na avenida e banda de música começaram no local. Como se viu, pessoas de vários grupos sociais se faziam presente. Alguns com cartazes, faixas e até bandeiras, outros apenas com uma camisa amarela (que remetia mais aos intentos pós-protesto: assistir ao jogo do Brasil contra a Croácia). A função da Polícia Militar até então era de prevenção.

O cenário no final da marcha, contudo, era outro. O grupo variado de manifestante deu lugar aos adeptos da tática Black Bloc. Não demorou até que a reação da polícia começasse, diante do enfrentamento que, até o momento, parecia apenas moral. As cenas de conflito começaram a aparecer em sequência.

O que se tem, a partir daí, é um deslocamento de Karinny, acompanhando os manifestantes, já não mais em protesto (ainda que empreendendo algumas ações relacionadas), mas em fuga – dada a ofensiva dos militares. De um lado, o que a Ninja focalizava, havia a investida dos Black Blocs, ora se defendendo, ora contra-atacando, mas durante quase todo o tempo batendo em retirada, distanciando-se da Praça da Liberdade. Do outro, ou dos outros, o cerco que começava a se realizar pela polícia, a partir das adjacências.

Infere-se que, ainda que a marcação espacial em Belo Horizonte existisse (ratificada no texto da Ninja, que constantemente informava por quais ruas estava passando), esta não fazia muito sentido a não ser na transformação do cenário urbano em campo de batalha. As cidades e as ruas delas, que já se configuravam como espaço de expressão de contradição a uma posição política (sentido amplo), estendiam a configuração na resposta da representação material (a polícia) do outro (o governo) no local.

O quarto não lugar é a prisão de Karinny, que reconfigura espacialmente um determinado quarteirão da Avenida Paraná (área do hipercentro da capital mineira, espaço popular e comercial). Dado o conflito em decorrência das ações na Praça da Liberdade, qualquer um que passasse naquele momento pela referida via era suspeito e condicionado à abordagem dos militares (como aconteceu com um transeunte) e passível de ser preso (dado que se efetivou com a Ninja, que apenas transmitia o conflito). Não endossamos a atitude dos policiais; colocamos o contexto em afirmativa, pois esse parecia ser o imaginário naquele dado momento.

O encarceramento da midiativista, que não é visto, uma vez que a transmissão se encerra antes disso, se dá após a abordagem policial pela qual a Ninja passa. Esse momento é que é evidenciado, tendo a repórter como personagem, e, de certa forma, por conseguinte o

próprio *webespectador*. Esse último ouve tudo, mas pouco vê, dado que em uma revista dos militares, como esta, deve-se olhar para a parede. O celular, discretamente movimentado por Karinny, no entanto evidencia um pouco da cena, deixando ver os procedimentos militares.

A afirmação que fazemos é a de que, para quem não é de Belo Horizonte (registrando que o público do Mídia Ninja é de várias regiões do país, e até de fora) e não consegue representar efetivamente (e afetivamente) a Avenida Paraná, tanto faz tal abordagem acontecer ali ou em qualquer outra via da cidade (correspondente às regiões centrais, uma vez que, se isso acontecesse na periferia, a extração de sentidos poderia ser outra²⁹⁷). O elemento fundamental é a revista policial, e os contornos dela, configurando-se não apenas como ação e movimento, mas como (re)configuração espacial marcada pela emergência de um evento particular. Na transmissão, é a atividade que daria sentido ao lugar, sendo que esse último devolve apenas a característica urbana.

Para representar melhor o que queremos dizer até esse momento sobre o dispositivo contextual, mais especificamente em Belo Horizonte, apresentamos uma construção gráfica²⁹⁸, relativamente simples, FIG. 28. Não se pode pensar na abordagem/prisão da Ninja como dado isolado, mas no encadeamento de uma série de perspectivas que auxiliam na configuração macro do cenário discursivo.

Figura 28 – Representação gráfica do dispositivo contextual em Belo Horizonte, em 12 de junho



Fonte: Elaborada pelo autor.

Retomando o que falávamos anteriormente sobre a Avenida Paraná, ajuizamos que nos parece diferente, por exemplo, de se falar de uma determinada ação na Avenida Atlântica, na

²⁹⁷ Indagando que o comportamento militar poderia ser diferente de uma abordagem em zonas periféricas, partindo do pressuposto de que um comportamento agressivo e incisivo por parte da polícia, nessas regiões, é ainda maior.

²⁹⁸ Sugerimos ao leitor que, ao longo da leitura sobre cada cenário em que um dado evento ocorreu e foi transmitido pelo Mídia Ninja, procure pensar sobre esquematizações análogas. Procuramos, como modelo, ater mais atenção aos episódios de Belo Horizonte, já que cronologicamente foi o primeiro a ter destaque. No entanto, vale ter em mente as relações de interdependência que os eventos têm com os cenários discursivos e com contextos prévios mais amplos, tanto quanto microacontecimentos podem reconfigurar toda uma situação.

Praia de Copacabana. Eis o cenário da manifestação, não só no dia 12 de junho, na cidade do Rio de Janeiro. Cantada em verso e prosa, em diversos ritmos, por nomes como Jobim e Gal, ou até Marcelo Camelo, há o imaginário de cartão postal do Brasil para o mundo que escapa da poesia e da melodia, para além-qualitativo.

Os acontecimentos aqui ganham relevo em razão da realização nesse local; *show* dos Stones, Jornada Mundial da Juventude, queima de fogos do *réveillon*, qual seja, o não lugar mantém certo equilíbrio com o espaço físico e mística (ou mítica) dele, muitas vezes fazendo com que o primeiro, como já dito, tenha transferido a si um pouco do *status* do segundo.

Diferente da Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, no entanto, a Avenida Atlântica não se marca (tanto) historicamente com grandes manifestações públicas. Apesar do Rio de Janeiro ter sido durante muito tempo a capital do país e, por isso, transformado-se em catalisadora de vários protestos, Copacabana guardava particularidades frente ao centro comercial e político da cidade. Como exemplo, a famosa Marcha dos cem mil, em 1968, aconteceu na Cinelândia; os movimentos das diretas, em 1984, aconteceram na Candelária; até a Revolta da Vacina, em 1904, ficou marcada pelas ações distantes da beira-mar.

Contudo, nos últimos anos, e pelo menos desde 1992 com os caras pintadas, a orla da praia de Copacabana vem sendo palco de manifestações políticas e sociais diversas. Vale citar as marchas sindicais/trabalhistas, a parada do orgulho LGBTT e as manifestações contra a violência (policial e da criminalidade) que são registradas no local. Não sem motivos, das dezesseis transmissões empreendidas pelo Mídia Ninja no Rio durante a Copa do Mundo, oito tiveram a Avenida Atlântica como cenário.

A praia de Copacabana, no entanto, guardava um não lugar específico: a *fan fest*. Uma (grande) porção de areia onde se posicionara um palco com *shows* nacionais e um imenso telão para exibição dos jogos da Copa do Mundo; a festa dos torcedores, uma extensão dos estádios num dos principais pontos turísticos da cidade. Era, tanto quanto em Belo Horizonte, o choque simbólico com a Fifa e os desmandos na organização social, na dinâmica da rotina da cidade.

O repórter Filipe Peçanha, na transmissão dele no Rio de Janeiro, faria questão de assinalar que o que se apresentava era o uso particular, por uma entidade privada, do espaço público, que deveria ser acessível e irrestrito para qualquer pessoa, destacando, nas palavras dele, “o estado de exceção” implementado pelo governo em promoção dos intentos da Federação Internacional de Futebol, não só por esse motivo.

Na nossa opinião, então, a manifestação do dia 12 de junho destaca-se publicamente em função da emergência dela em um espaço público de relevância internacional, para onde a

imprensa direcionava natural atenção em função da realização do torneio esportivo e da grande presença de brasileiros e turistas. Mas, mais do que isso, buscava o enfrentamento, a suscitação do contraditório em um espaço em que havia adesão à Copa do Mundo e, naquele dia e horário específico, à seleção nacional (não sem motivos os manifestantes comemoraram o gol da seleção croata quando exibido no telão).

Para fechar o dia 12 de junho, já que São Paulo não foi gravada, Porto Alegre. Por lá, vários movimentos estiveram envolvidos no ato que teve como principal articulador o Bloco de Luta pelo Transporte Público²⁹⁹. O foco, no entanto, era também a crítica à Copa do Mundo. De início, vale uma observação sobre uma ressalva realizada pela Ninja que pode demonstrar um certo bairrismo quanto ao valor de Porto Alegre como expoente nas manifestações.

A gente está na cidade de Porto Alegre, e lembrando que a cidade de Porto Alegre foi uma das que no ano passado, antes mesmo do estouro de Junho, era uma cidade que já tinha uma forte mobilização, com relação ao Passe Livre. Então, durante esse período todo, a gente acompanhou. E também teve algumas vitórias e também mais mobilizações aqui do Bloco [de Luta].

Na capital gaúcha, o protesto teve ponto de encontro em frente à Prefeitura da cidade, o Paço Municipal. O local que serviu de concentração para o ato é espaço de diversas manifestações em Porto Alegre, promovidas por diversos movimentos em prol de causas variadas. Um dos mais marcantes talvez tenha ocorrido em 1983, no clamor pelas eleições diretas no Brasil.

O que se destaca, mais uma vez, é a ação com o intuito de chamar a atenção do poder público, haja vista, dessa vez, não o encaminhamento para um espaço de governo, mas o início do protesto no centro político de uma capital³⁰⁰. A marcha seguiu depois de uma hora e meia e o trajeto, aparentemente com o propósito de circular por vias do centro histórico, passou por uma série de prédios públicos e particulares. Alguns deles foram alvos de pedradas. Uma das primeiras ações foi contra um restaurante da franquia McDonald's. Isso aconteceu também ao prédio da empresa de telefonia Oi e às agências da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil³⁰¹.

²⁹⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/7KC51G>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

³⁰⁰ Fazemos alusão, em comparação, ao direcionamento da manifestação em Belo Horizonte à Praça da Liberdade.

³⁰¹ McDonald's e Oi foram patrocinadoras oficiais da Copa do Mundo de Futebol Fifa 2014, o que teria influenciado a ação dos manifestantes adeptos à tática Black Bloc. Já o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal são fonte de crítica desses ativistas por serem instituições financeiras.

A manifestação começou a se dispersar, tanto que houve o término da transmissão, quando passou pelo largo do Zumbi. O espaço que recebeu esse nome em função da Lei nº 9.035, de 2002, significava um reconhecimento à presença e resistência da cultura africana em Porto Alegre. A região era conhecida como emboscada, pois ali os escravos que fugiam dos senhorios tramavam arapucas para os perseguidores. Não sem motivo, talvez, o parágrafo único da referida norma indica que as placas denominativas do local devem conter a expressão “símbolo da luta pela liberdade”.

Ironia à parte, a Brigada Militar, que acompanhava o ato à distância até então, decidiu fazer a insídia dela, primeira ofensiva, nesse lugar (já não registrada pela Ninja). Alguns ali mesmo foram presos. Parte dos manifestantes ainda tentou seguir até a *fan fest* gaúcha, tal qual os correligionários cariocas, mas sem sucesso devido às ações, desta feita mais incisivas dos militares, que acabaram por prender alguns ativistas depois de confrontos.

Fim do dia 1. Havia Copa e a seleção brasileira vencera a primeira partida por dois gols contra um da Croácia. No entanto, a resistência continuaria, dando a ver que o grito de “Não vai ter Copa” representava menos a realização ou não dos eventos, mas sim a manutenção da voz popular no registro de uma insatisfação e contrariedade pública em detrimento da adesão incondicional a uma política de entretenimento e visão integrada dos possíveis benefícios sociais do evento.

Essa ideia iria pautar diretamente ainda outros quatro protestos, transmitidos pelo Mídia Ninja em Belo Horizonte, mais nove coberturas no Rio de Janeiro e outra vez na capital gaúcha com três *lives* de atos nas ruas. Em Minas Gerais, duas dessas manifestações aconteceriam novamente na Praça Sete. Contudo, a marcha seria impedida de sair por uma tática de envelopamento da polícia – a controversa tática do *kettling*³⁰², na estratégia de criação de um amplo cordão de isolamento. Apenas uma via foi liberada para a Praça da Estação, local em que os militares aguardavam para revistas e mantinham vigilância constante.

Nas outras duas ações, porém, estratégias alternativas foram articuladas. Uma delas indicou o deslocamento da concentração dos protestos para a região da Savassi, reduto boêmio de classes mais abastadas. Em função da troca de lugar da *fan fest* mineira³⁰³, o bairro

³⁰² Essa estratégia foi desenvolvida pela polícia inglesa. No entanto, a origem remete ao caso conhecido como caldeira de Hamburgo (*Hamburger Kessel*), quando, em 8 de junho de 1986, em protesto contra a instalação de usinas nucleares na Alemanha, 860 manifestantes ficaram cercados pela polícia germânica por cerca de trinta horas. O impedimento à liberdade de ir e vir é uma das principais críticas que esse tipo de ação recebe.

³⁰³ Em 2013, muitos protestos se deram próximo à Praça da Estação, local em que era realizada a *fan fest* da Copa das Confederações. Em razão disso, a Fifa e o governo municipal decidiram levar o evento para o

mencionado virou um grande ponto de encontro de torcedores, uma vez que abrigou um festival particular. Mais uma vez o intuito era o de questionamento frente aos adeptos do evento, a fim de gerar o contraditório³⁰⁴.

No Rio de Janeiro, seis das nove coberturas relacionadas à Copa, não necessariamente protestos³⁰⁵, deram-se na Praia de Copacabana. As outras duas tiveram como cenário a Candelária e a última (literalmente, já que ocorreu em 13 de julho de 2014)³⁰⁶, em uma marcha que saiu da Praça Afonso Pena e chegou à Sáenz Peña.

Quando se fala em Candelária, nos referimos à praça defronte à Igreja de Nossa Senhora da Candelária (também chamada por da Luz e da Purificação) edificada em 1609 (e reconstruída em 1811) no centro do Rio de Janeiro. O local é, talvez, o principal ponto de manifestação política da história recente do Brasil, tendo em vista a acolhida de mais de um milhão de pessoas no comício pelas Diretas Já, acontecido em 10 de abril de 1984³⁰⁷.

Não sem motivos, o local passou a ser um importante ponto de encontro de atos das mais diversas alas em prol de variadas causas. Em 2013, esse foi, por diversas vezes, o espaço de concentração dos protestos. Em 20 de junho daquele ano, data que marcou o maior número de manifestantes nas ruas de todo o país durante as Jornadas, a marcha carioca teve início no local. Notas da polícia dão conta de 300 mil manifestantes, em contraposição aos mais de um milhão reivindicados nas palavras de líderes de movimentos participantes naquele dia. Um ano depois – já no nosso período de recorte –, ativistas reuniam-se no mesmo lugar para mais uma manifestação contra a Copa do Mundo de Futebol, em alusão ao dia histórico que fazia aniversário.

No entanto, os manifestantes encontraram forte aparato policial e diversas prisões eram empreendidas. Toda e qualquer pessoa que estivesse nas imediações com uma mochila poderia ser revistada (poderia, pois, os militares não escolhiam aleatoriamente mas direcionavam o olhar para aqueles que aparentemente estavam nas imediações no intento do protesto). Havia um clima de tensão e intimidação em uma repressão dos militares em previsão a possíveis confrontos³⁰⁸.

Expominas, espaço de exposições e feiras, fechado, mais distante da região central de Belo Horizonte, o que, aparentemente, afastou as manifestações.

³⁰⁴ A outra alternativa foi a realização de uma ocupação lúdica da Praça da Estação. Infelizmente aqui, porém, não temos imagens para análise.

³⁰⁵ A saber, matérias de cotidiano; iremos tratar disso com mais propriedade na seção de propósitos.

³⁰⁶ Por isso, vamos deixar para falar dela no final desta seção, que começou com o relato do primeiro dia da Copa e se encerrará com o do último.

³⁰⁷ O local é também lembrado pela chacina de 1993, quando policiais militares mataram oito jovens, moradores de rua, entre eles seis com menos de dezoito anos.

³⁰⁸ Três dias antes, em 17 de junho, um grupo relativamente pequeno de manifestantes, em prol de melhores condições no transporte público e tarifa zero, também se reuniu na Praça da Candelária, tendo transmissão do

A polícia fazia a aplicação contraditória de uma lei promulgada em 2013 no estado do Rio de Janeiro, a de nº 6.528, de setembro daquele ano, que dispõe sobre a proibição do uso de máscaras em protestos. Nesse sentido, feita a abordagem e encontrado qualquer artifício que impedisse a identificação do rosto do manifestante (ainda que não a utilizasse no momento da revista) ele seria preso.

O repórter Ninja, Filipe Peçanha, chegou ao local já no meio dessas ações. Isto é, tem-se a Candelária tomada por policiais, manifestantes recuados, uma série de pessoas sendo levadas presas e o repórter tentando dar conta da situação. Isso até que ele é revistado em uma oportunidade, tornando-se personagem da história (um pouco diferente de Karinny em Belo Horizonte, já que a abordagem foi menos incisiva, e porque Peçanha passara a transmissão a um colega naquele momento – assim, o *webespectador* continuara a visualizar a situação de contexto da mesma forma).

No entanto, uma segunda abordagem aconteceria a Carioca. Porém, dessa vez, ele se negaria a permitir nova revista, questionando os motivos do procedimento a se repetir. O *webespectador* é colocado em uma situação particular dentro do evento em curso: a discussão com um policial militar. São minutos de contra-argumentação, pautada pela ironia, questionamento incisivo e provocativo, até que Filipe cede ao pedido (ordem) do praça. Como era de se esperar, não foi encontrado nada que pudesse justificar uma prisão.

No entanto, uma senhora que acompanhara a abordagem, ao ver que o policial retirara da mochila de Peçanha um carregador de celular, zomba dizendo que aquilo era um explosivo. Eis motivo para que os dois fossem conduzidos à delegacia. Os cenários mudam por completo: Da Candelária (lugar), reterritorializada pela concentração de um ato (não lugar), reprimido pela ação dos militares (ação sobre o evento que o conforma), reconfigurando a transmissão (já que o Ninja também seria alvo de revista), até a delegacia (novo lugar), passando antes (ou tendo como (inter)mediação), e esse é um dado completamente novo, pela condução em uma viatura (lugar?).

A transmissão de dentro de um carro representa, na nossa opinião, o caminho como lugar, e a situação prévia e os desdobramentos dela (com as discussões entre Ninja e policiais na viatura) como um não lugar que determina toda a situação. Mas, estamos falando de uma viatura policial, levando no banco de trás o repórter (e, por conseguinte, o *webespectador*) na condição de preso. Não estamos avaliando o sentido da condição de encarcerado pelos militares, pensando nas adjetivações possíveis, mesmo porque o contexto sinalizaria não a

condição dele de bandido (não meramente substantiva: fora da lei), mas sim como vítima (e em certa medida até mártir).

São cerca de dezesseis minutos de um percurso de aproximadamente doze quilômetros, da Praça da Candelária até à 21ª DP, no bairro de Bonsucesso, com ininterrupta transmissão (e constante focalização dos rostos do policial e da senhora que também havia sido presa), em que o *webespectador* tem mais um registro exclusivo; o olhar de quem é preso pelos militares, como é essa situação real, o que acontece nesse entre-dois: local da prisão x delegacia.

A continuação vem, então, com o registro em uma delegacia na condição de preso pelos militares. Filipe continua transmitindo por pelo menos mais oito minutos. Mesmo que sob a argumentação de a cobertura ser a segurança dele, o Ninja é interpelado por um oficial que diz que ele não pode transmitir dentro do local. Assim, tem-se a ausência de imagens (tela escura) pareando com outras de ângulo pouco usual (que pouco mostram) evidenciando de certa forma a impropriedade do que Filipe fazia, cabendo empreender a transmissão escusa.

Invariavelmente, tem-se um contexto novo e em uma condição atípica em uma transmissão (a de limitação pela ação policial que lhe (ao Ninja) aplica a regra, ainda que de modo arbitrário, e o posta como preso) que faz o *webespectador*, conduzido pela lente do Mídia Ninja, a se posicionar em uma determinada situação a partir dos movimentos tomados pelo condutor e das implicações promovidas pelo outro. Essa outra parte toma atitudes, é bom salientar, que dizem respeito não apenas aos dados locais/pontuais, mas em razão de toda uma cadeia de relações causais que ajudam a configurar o tempo e espaço em que este age.

Ajuizamos que o *webespectador* sabe disso. Mas o plano de expectativas de uma transmissão parece prever que o repórter empreenda a cobertura de uma dada situação que acontece para além do protagonismo dele, ainda que possa atuar diretamente nela e que o registro tenha a marca da individualidade e da pessoalidade do Ninja. No entanto, o que se tem aqui é um narrar a própria história, num evento paralelo ao principal. Um questionamento aí, porém, poderia ser o da nota sobre a prisão, qual seja, que pode acometer qualquer ativista (e nesse dia em especial se dava com muitos deles), num raro constructo midiático, que não é um simulacro, mas a reprodução do que antes não era dado a ver exatamente pela ausência de mediação.

Em Porto Alegre os dias 15, 18 e 23 de junho marcavam protestos relacionados à Copa do Mundo de Futebol. Apenas em uma dessas datas não houve registro (gravado) por parte de Cláudia Schulz, a Ninja que continuara responsável pelas transmissões na capital gaúcha. Na

primeira delas, depois dos ocorridos, não houve confronto. Mesmo porque o número de manifestantes era ínfimo se comparado à quantidade de policiais nas ruas.

Em 15 de junho, haveria o encontro entre França e Honduras no estado gaúcho, o que servia de pano de fundo para as manifestações transmitidas pelo Mídia Ninja. O ato começaria na entrada do Parque da Redenção, um dos mais tradicionais pontos de encontro em Porto Alegre, posto muitas vezes como local de concentração de manifestações na capital sulista, devido ao histórico de potencial aglutinador social e favorecida posição geográfica na cidade. Vale lembrar que o local também é conhecido como Parque Farroupilha, em alusão à Guerra dos Farrapos, um marco na história do estado e, de certa forma, um ideário (devido ao caráter libertatório) comungado por diversos cidadãos gaúchos.

Nesse dia, em verdade, no local coincidentemente dois movimentos se encontram. Um deles, encabeçado pelo Bloco de Luta, com uma proposta mais lúdica, por ali ficaria, enquanto que o outro, articulado pelo “Não vai ter Copa – RS”, tinha a intenção de marchar, com a provável pretensão de chegar até ao estádio Beira-Rio (a Ninja, inclusive, diz: “[...] não faço ideia do itinerário”).

Assim, instala-se uma incerteza quanto às próximas ações. Representantes dos grupos tomam a palavra para questionar sobre uma possível divisão dos manifestantes. Havia, a nosso ver, a conformação do evento no momento mesmo da transmissão. O Parque da Redenção que abrigava a concentração de um ato poderia representar, ali mesmo, o fim dele. O lugar da indecisão era definido pelo baixo contingente de manifestantes, a previsão de participação militar e a preocupação com a repressão (violenta) da brigada.

Entretanto, a marcha sai. Poucas pessoas a acompanham, dividindo opções de construção de manifesto em torno de um mesmo propósito. Ao *webespectador*, coube a escolha dada pela Ninja, que foi a de participar da caminhada. De certo modo, a passeata não parece se configurar como um ato em essência. A situação era completamente irregular, haja vista a disparidade entre o corpo manifestante e o repressor.

Em certo ponto da manifestação, no cruzamento da Avenida Venâncio Aires com a Rua General Lima e Silva, a brigada gaúcha chegou também a fazer a tática do *kettling*, deixando, no entanto, uma via, larga (uma rua), por onde a manifestação pudesse passar – em verdade, numa tomada de caminho que acabaria por desembocar no mesmo local de saída do ato; o parque da Redenção. O intento de ir até ao estádio era frustrado.

No mesmo local e momento também começa uma descontraída brincadeira com uma bola de futebol. Após rir, Cláudia admite, em tom irônico, que “[...] isso aqui chega a estar engraçado”. Tem-se, de um lado, o registro de uma resistência popular, mas que, de outro, é

marcada por um certo descrédito devido à falta de adesão. No entanto, o que se evidencia é um excesso de força do Estado, que justifica exatamente o temor inicial e o baixo *quórum* manifestante.

Próximo do encerramento, a Ninja diz, em conversa paralela, que tem a intenção de ir até ao final da manifestação, à dispersão, já que, como ela mesmo relata, houve prisão de ativistas no dia 12 de junho na finalização do ato. “Vamo até lá né, cara? Vamo acompanhar o pós, né, melhor? Ver o que a Brigada vai fazer no pós. Normalmente a Brigada pega as pessoas no pós.”

Cláudia, então, vai até ao fim do ato, novamente no Parque da Redenção. Lá constata que a polícia não está (apesar de continuar seguindo-os), deixando espaço para que os ativistas possam ir embora. Não temos imagens de 18 de junho, cerca de uma semana depois dessa manifestação. Mas em 23 de junho, Schulz estaria novamente nas ruas para registro de protestos.

Mais uma vez a concentração, que se dava em frente à Prefeitura da capital, tinha como intento percorrer algumas ruas sob a articulação igualmente do Bloco de Luta. A Ninja, então, demonstra muita preocupação em relação à presença da Brigada Militar próximo à manifestação. Por vezes, ao longo da cobertura, ela iria marcar a posição da tropa de choque e da cavalaria que, em geral, esteve sempre acompanhando a marcha por trás, na medida em que, segundo Branca, poucas ruas pareciam ter sido bloqueadas no início do ato, mas outras tantas foram fechadas.

Como o ato sembra ter percorrido um caminho muito parecido com o que fora feito em 12 de junho – dia em que diversos estabelecimentos foram apedrejados –, Branca rememora para o *webespectador* o que acontecera dias antes. Da mesma forma, a marcha veio a terminar exatamente próximo do largo do Zumbi. Desta feita sem ações dos militares, ainda que com grande efetivo, dado que não havia participação de adeptos da tática Black Bloc e qualquer destruição de patrimônios públicos ou privados.

Em Fortaleza, algo novo. Tratou-se da Copa do Mundo, mas de uma outra forma. O Ninja Felipe Altenfelder parece ter tentado, sem muito sucesso, dar conta do aquecimento da torcida para a partida da seleção brasileira. Ele evidencia os preparativos nos arredores do estádio Castelão e, inclusive, de dentro do local em que aconteceria o jogo. No pouco que se viu da *live*, que aparentou ter problemas de sinal, o repórter aparecia primeiro em uma avenida que dá acesso ao estádio, em frente a um bar em que torcedores se concentravam – isso por volta das 14h50; a partida iniciar-se-ia às 17h. Ele ainda chega a conversar com uma torcedora rapidamente.

O repórter, apesar de demorar um pouco para falar, faz uma descrição da cena contextual, mas o discurso dele é cortado subitamente, sem antes anunciar qual seria o intento do Mídia Ninja ali. A transmissão é, então, retomada dois minutos depois, com o Ninja em um beco. Novamente, ele tenta voltar a falar, mas é interrompido com apenas 28 segundos de *live*.

O retorno da cobertura demoraria mais quatro horas para acontecer e seria ainda mais surpreendente. O Ninja retoma a transmissão do lado de dentro do estádio, à arquibancada, registrando o final da partida entre Brasil e Colômbia, com a celebração dos jogadores em campo e da torcida nas cadeiras. Com imagens travando muito e áudio chiando na mesma medida, pouco se compreendeu da cena ou do que teria sido dito pelo repórter, a não ser a comemoração dele pela vitória da seleção brasileira e o festejo pela vaga às semifinais.

Em detrimento da ausência de contribuições efetivas para a caracterização do Mídia Ninja, o fato dessa (tentativa de) cobertura ter sido realizada poderia denotar uma certa quebra do contrato de comunicação com os *webespectadores*. Não que um repórter Ninja não pudesse estar dentro do estádio, mas o tipo de tratamento que seria dado certamente seria de expor o contraditório e o da construção da crítica. Não se pode fazer, entretanto, menções mais aprofundadas, positiva ou negativa – dentro dos propósitos midialivristas/midiativistas – à atuação de Altenfelder, já que os vídeos foram tão curtos que não permitiriam um exame mais aprofundado.

Mas nem só de Copa do Mundo viveu o Mídia Ninja e os *webespectadores* dele nesse período. Outros eventos estavam presentes no agendamento do coletivo, dada a emergência e importância social dele e a relação dos midiativistas com as causas relacionadas. Vale fazer a primeira ressalva sobre Brasília, em que o destaque era uma cena enunciativa interna, na Câmara dos Deputados.

Tratava-se da votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil. A Ninja Lóris Canhetti, então, se posicionava a favor do sufrágio que beneficiaria diversos movimentos, muitos deles representados por integrantes nas galerias do Plenário Ulysses Guimarães. Vale observar que a midiativista deveria ocupar o mesmo lugar nas bancadas superiores, mais especificamente no local indicado para os veículos de imprensa.

Ela, no entanto, tinha como área de registro o setor reservado aos políticos; andou livremente entre os deputados, iniciando a transmissão do corredor de acesso para depois ir à passarela central e às cadeiras dos parlamentares. O *webespectador* mais entusiasmado poderia atribuir a Lóris Canhetti adjetivos que a qualificariam como uma arrojadíssima

mediativista. Entretanto, vale registrar que, de fato, a Ninja também presta serviços à Câmara Federal (como vimos na seção de identidades), mais especificamente à Comissão de Cultura, o que lhe daria acesso mais facilitado a casa.

Em todo caso, aquele era um cenário de transmissão completamente atípico e um tanto exclusivo, a partir do qual a Ninja poderia (como o fez) focalizar os bastidores da dinâmica parlamentar, registrar discursos sob um outro ângulo e ainda entrevistar algum representante político se o quisesse diretamente do local de atuação dele, trazendo, em tempo real, os encaminhamentos de uma votação que interessaria a um conjunto de adeptos do Mídia Ninja.

A Ninja atuava na casa do adversário (do outro, representado nas manifestações que o coletivo cobria) e, tendo em vista as credenciais dela, o fazia com um tanto de tranquilidade. Ainda assim, dentro do plano de expectativas do contrato comunicativo do Mídia Ninja, parecia uma intrusão, a usurpação do espaço dos políticos, tendo em vista não a presença no plenário, mas mais especificamente no núcleo decisório, em plena ação parlamentar.

Isso poderia se configurar como algum tipo de pressão e desconforto por parte dos deputados. Talvez por isso a mesa-diretora tenha, inclusive, questionando a presença dela no local, sendo salvaguardada pela deputada Jandira Feghali. O Mídia Ninja que colocava o *webespectador* entre os manifestantes, no meio dos Black Blocs em contra-ataque e fuga, até em abordagens policiais (como personagem das ações), agora o levava ao centro de atuação dos políticos, no momento mesmo desta, em esfera federal.

O mesmo aconteceu (guardadas as proporções) com Alex Demian em São Paulo – cidade que registrou o maior número de pautas diferentes agenciadas durante a Copa do Mundo. O Ninja aparecia em duas das coberturas dele na área destinada à imprensa na Câmara dos Vereadores da capital paulista. Ali, o mote era a votação do Plano Diretor paulistano, que, entre outras particularidades, poderia garantir alguns benefícios para os movimentos de ocupação urbana.

Esses últimos estavam presentes, representados pelo MTST, Movimento pelo Direito a Moradia (MDM), União dos Movimentos de Moradia de São Paulo, Centro de Movimentos Populares de São Paulo, Unificação das Lutas, entre outros. Nesse contexto, a transmissão de Demian, de alguma forma, engrossava o coro de um dos lados da causa. A presença dele ali evidenciava, no tempo mesmo da realização dos discursos, das conversas paralelas entre jornalistas e vereadores, e até mesmo dos repórteres entre si, um olhar “a ver o oculto” a partir de um local que não se dava a ver, nos bastidores da construção das notícias.

No entanto, assim como Lóris, Alex maculava um espaço restrito. Ora, o lugar não era reservado à imprensa? Sim, mas até pelo comportamento de Demian ao longo das coberturas

inferimos que havia um desconforto em estar naquele local. O Ninja agia com ares de espião, registrando conversas em *off*. Em outros momentos, como ele mesmo disse, muitas vezes “pegando carona” nas entrevistas das mídias presentes, arriscando dizer que eram todas corporativas e que carregam o ideário da pseudoimparcialidade (diferente do Mídia Ninja).

Em ambas as situações, vale dizer, têm-se um lugar (plenária) que é territorializado pela rotina de ordens do dia, mas, especificamente no caso dessas duas votações, por um tema de interesse público tão relevante, aos intentos do Mídia Ninja, que foram vistos com valor notícia para serem transmitidos a partir de um viés midiativista parcial.

Interessante nesse sentido perceber como as pautas parlamentares nesses casos ganham um valor especial para um determinado público, na medida em que são agenciadas pelo Mídia Ninja e pelo viés particular do coletivo. Há emissoras de TV (das próprias casas) que transmitem as audiências ao vivo. As mídias de massa também cobrem a dinâmica política. Ao cidadão há várias formas de saber o que acontece no país ou em sua cidade. Mas essas duas votações em particular descolaram-se da rotina pela transmissão do Mídia Ninja, ao passo que também deram contornos diferentes a um tipo de abordagem do coletivo que se pauta em essência (ou ao menos o foi em larga escala durante a Copa do Mundo) pelas manifestações.

Um conjunto de protestos do MTST, e inclusive uma grande marcha nacional do MST, cobertas pelo Mídia Ninja, dariam certo sentido a essa votação. Todas empreendidas na cidade de São Paulo, configuraram-se, durante o período da Copa do Mundo – mas sem se relacionar diretamente com ela –, como o lastro que justificara a participação efetiva dos midiativistas na Câmara municipal paulistana.

As vias da metrópole convertiam-se na transmissão, em nossa opinião, tão-somente em corredores urbanos para a passagem do ato. Assim, pouco importava por quais ruas ou avenidas as passeatas passavam, senão pelo fato de acontecerem na capital produtiva brasileira. Isso é o que dá contornos ao protesto. Paralisa-se parte do trânsito da cidade de tráfego mais conturbado do país, coloca-se em evidência uma manifestação no município em que os principais veículos de comunicação do Brasil têm sede – e por isso, de certa maneira, pautam a nação com movimentos locais (mas de afetação nacional) –, visando, no fim das contas, chamar a atenção dos cidadãos.

Nesse contexto, o Mídia Ninja, em tempo real, promove angulações muito específicas e particulares, seja do alto de um trio elétrico que acompanha o ato (ainda que acessível não apenas para a imprensa alternativa, enquadra-se não só o mesmo foco, mas os bastidores da produção da notícia) seja do chão, ao lado dos manifestantes, seguindo na mesma caminhada

em que eles (e não apenas parando para fazer *takes* ou entrevistas (sonoras) específicas como a mídia de massa tradicionalmente o faz).

O *webespectador* é levado para dentro da marcha, a acompanhar os cantos e os gritos das palavras de ordem, a compartilhar dos passos do Ninja, no momento mesmo do evento em curso. Em relação às manifestações de movimentos de ocupação urbana, o internauta seria levado ainda não só a entrar em uma dessas em São Paulo, mas a participar efetivamente do processo de incursão a um terreno na capital paulista.

Tratava-se do início de uma ocupação de um grande terreno no bairro do Morumbi, empreendida à meia-noite, pelo MTST. O Mídia Ninja estava lá, e o que chama a atenção é a disposição para acompanhar e transmitir, em tempo real, no meio da madrugada, uma ação que, inclusive, poderia ser considerada delituosa. Pessoas saíam das ruas com pressa e adentravam em um lote escuro. Cenas que se assemelhavam à de um filme de terror, mas que logo se transformariam, aproximando-se cada vez mais da realidade, ao serem evidenciadas pessoas comuns e o intento com aquela ação.

A Ninja Letícia Pocaia resume a ação: “Uma emoção muito grande para o movimento que por mais um ano, mais uma vez, consegue ocupar mais um grande terreno na cidade de São Paulo para ser usado como moradia popular para muitas famílias e pessoas em São Paulo.”

Enfim, o que se tem, mais uma vez, é o lugar do olhar diferenciado, um tanto exclusivo. A transmissão representa o registro em tempo real de uma ação que reconfigura um determinado espaço geográfico a partir de então. O terreno, sem construção, mas provavelmente de propriedade de alguém (ainda que houvesse o discurso de que ele seria desapropriado exatamente para a construção de moradias populares), transformava-se no momento mesmo da cobertura em espaço de marcação de resistência e pressão do governo para aceleração da votação do Plano Diretor – com benefícios, evidentemente, à causa das ocupações urbanas (qual o lote havia se transformado aos olhos do *webespectador*).

Houve também manifestações em São Paulo relacionadas à Copa do Mundo. Uma delas, em 19 de junho, tinha em verdade a questão do transporte público como mote principal, mas dialogava com as críticas ao torneio – isso, ao menos desde 2013, uma vez que foi o estopim da emergência das Jornadas de Junho, como se viu no capítulo 2 desta tese.

A nona cobertura do Mídia Ninja de maior audiência consolidada no período da Copa do Mundo dava conta da manifestação articulada Movimento Passe Livre (MPL), em São Paulo, em uma quinta-feira de futebol no estádio dos paulistas. Enquanto uruguaios e ingleses se enfrentavam no Itaquero, com surpreendente vitória sul-americana, diversas pessoas

estavam nas ruas paulistanas pedindo transporte de qualidade e verdadeiramente público, isto é, gratuito. Além disso, havia a reivindicação para a readmissão de metroviários que foram demitidos em razão de uma greve que aconteceu dias antes da abertura da Copa do Mundo³⁰⁹.

A cobertura já começa com o som ambiente, em que se ouvia a atuação da fanfarra do Movimento Autônomo Libertário (MAL), que, com os manifestantes, entoavam palavras de ordem na concentração, que acontecia na Avenida Paulista. Essa importante via de São Paulo é considerada o principal centro financeiro do país, local onde têm escritórios as principais companhias brasileiras e multinacionais, com sede em outros países.

Não sem motivos é também um importante ponto turístico, que abriga ainda o Museu de Arte de São Paulo (Masp), constituindo-se como uma das principais artérias de tráfego na cidade. Assim, não é de hoje que o local abriga diversos protestos. As Jornadas de Junho tiveram a avenida como principal corredor de manifestações populares, retomado como se vê em 2014.

O clima na manifestação em análise era aparentemente calmo e até lúdico, em razão de algumas intervenções que se davam no local. Apesar de ter como mote a questão do transporte público paulistano, o ato era heterogêneo em composição, aglutinando uma série de outras bandeiras ligadas a causas sociais. “Tem bastante outros movimentos participando aqui. Moradia Popular; Educação; Legalização da *cannabis*; participando do ato também aqui[...]”, dizia a Ninja que conduzia a cobertura.

Com pouco mais de uma hora de transmissão, a midiativista faz uma afirmação que valeria para observação. Ela diz: “[...] não temos policiais na manifestação, então está sendo um ato bem pacífico e simbólico pela tarifa zero em São Paulo”. É interessante perceber que a ideia de Letícia Pocaia, (de certo modo até recorrente em outras situações parecidas) evidentemente em um fragmento isolado – mas que é representativo –, é a de que a violência nas manifestações existiria em razão da presença dos militares, e não da dos ativistas adeptos das táticas Black Bloc (que, inclusive, já se faziam presentes na concentração), principais agentes da depredação do patrimônio público e privado, além de linha de frente no embate com os policiais.

A marcha, então, inicia-se. A manifestação deixa a Praça do Ciclista, na Avenida Paulista, com direção à Marginal Pinheiros (local que abriga com frequência uma série de protestos, haja vista que esta é talvez a segunda via expressa mais importante da capital paulista), local em que aconteceriam, no final daquela tarde, diversas ações culturais, além das

³⁰⁹ Esta, inclusive, foi a temática da primeira manifestação em solo paulistano durante a Copa do Mundo, em 12 de junho, para a qual não temos imagens recuperáveis.

intervenções lúdicas, como o já anunciado fogo nas catracas (de papelão) e a queima das rosas.

Vale uma rápida observação sobre a Praça do Ciclista. O local, em verdade um espaço no canteiro central da Avenida Paulista, próximo ao cruzamento com a Rua Bela Cintra, ao menos desde 2010 configura-se como concentração de diversos atos, não só daqueles ligados à questão do transporte público. Nesse sentido, há uma marcação geográfica e simbólica prévia relacionada ao local, frente às manifestações públicas.

A marcha segue passando por diversas vias da capital de São Paulo. Inferimos que a ausência de um acompanhamento maior da polícia deu certa liberdade para que alguns integrantes do protesto empreendessem pichações (avaliadas pela Ninja Letícia Pocaia como intervenções) e depredações. O *webespectador* acompanha todas essas cenas, marchando com a Ninja em meio ao ato. O fluxo resignificava a paisagem urbana, deixando as marcas dele. Nesse sentido, ainda que efêmero, esse não lugar de passagem faz saber sobre os intentos dele. A questão é a forma como vidraças quebradas e mensagens nas paredes poderiam ser interpretadas no dia seguinte. O que importa, na transmissão, no entanto, é o momento mesmo de produção e emergência como ações que ajudam a conformar o evento em curso.

O ato encerra-se com imagens emblemáticas: os manifestantes colocam fogo em catracas feitas de papelão. Queimar as catracas, ainda que ludicamente, significaria acabar com elas dentro dos ônibus coletivos da capital paulista, liberando o acesso das pessoas em um transporte que deveria se tornar verdadeiramente público, gratuito, que não limitasse o acesso de ninguém, haja vista o preço das passagens praticados em todo o país.

O terceiro e último jogo do Brasil na primeira fase da Copa do Mundo de Futebol aconteceria no dia 23 de junho, em Brasília, contra a seleção de Camarões. Simultaneamente, às 17h, acontecia outra partida em Recife. Mais cedo, às 13h, São Paulo e Curitiba também recebiam jogos. Além da partida, a capital paulista também abrigou uma manifestação.

Trata-se da realização de mais um ato “Não vai ter Copa” (a essa altura, segundo os organizadores, o 11º naquele período). A transmissão começa com o som ambiente – o que seria uma tônica ali, com destaque para o canto de palavras de ordem dos manifestantes: “O Geraldo vai cair, vai cair, vai cair!”. Alex, responsável pela cobertura, fala muito baixo e é possível entender pouco do que ele diz. Em alguns momentos, foi possível ouvir mais o manifestante que estava próximo a ele, do que o próprio Ninja. Isso, também muito em razão do ruído dos cantos dos manifestantes, acompanhados do som de tambores.

Tal como no dia 19, a manifestação começou na Praça do Ciclista. Porém, havia duas diferenças. Dessa vez, o ato seguiu pela Avenida Paulista e foi acompanhado de perto pela

Polícia Militar, a partir de um acordo prévio estabelecido entre o coronel da corporação e os organizadores do ato. Talvez, por isso, o ato tenha andado tão pouco e se dispersado não muito depois, em frente ao Masp.

Um jogral marcou o final da manifestação. Aqueles que discursavam, pediam para que todos tivessem cuidado ao ir embora, sobretudo porque haveria ali, nas palavras dos manifestantes, cerca de cinco policiais para cada ativista, além dos chamados P2 – militares disfarçados ou à paisana.

Aos dezenove minutos e trinta segundos do terceiro vídeo da transmissão a aparente tensão do Ninja ao longo de toda a cobertura se faz justificada: começa-se a ouvir tiros de bala de borracha. O repórter, que já andava apressado, agora começa a correr e demanda: “Fiquem ligados, compartilhem esse *link*: Começou a repressão aqui, galera.”

Tem-se uma reconfiguração da cena enunciativa, antes calma, apesar da presença militar, para a efetiva agitação em função das ações policiais. Demian, então, corre para tentar aproximar-se de um local em que acontecia uma detenção, mas a área estava cercada por policiais. Esta era apenas uma das duas prisões que ele tentara registrar. Mais à frente, com certa distância, Alex focaliza uma aparente pequena reunião entre advogados ativistas e policiais civis, cercados também pela tropa de choque, no acesso à estação de metrô Consolação, local em que se dava o encarceramento de mais um ativista.

O Ninja retoma as imagens, tentando dar conta para os *webespectadores* do que estava acontecendo, ainda que não tivesse informações precisas de quem era preso e o porquê. Não demora até que um grupo de militares retorne ao local, agora para cercar o acesso ao metrô e tapar a visão daqueles que tentavam registrar a cena.

Por volta dos seis minutos desta que já era a quarta *live*, o manifestante é posto em uma viatura e levado preso, sob grande presença de policiais, observadores e advogados independentes, além de midiativistas. O Ninja não sabia, mas se tratava de Fábio Hideki, um estudante de jornalismo de 27 anos que ficaria preso por 45 dias, sob a falsa acusação de que, naquela noite, portava explosivos na mochila. Fábio, segundo relata, sofreria agressões verbais e físicas no DEIC, por vários motivos, inclusive por não informar (por não saber) sobre a organização dos Black Blocs³¹⁰.

A detenção do jovem chamou a atenção da grande mídia e passou a ser um dos motes dos atos seguintes. Nesse enredo, o Mídia Ninja, assim como outras mídias independentes,

³¹⁰ De acordo com matéria do *GI*, disponível em: <<http://migre.me/nxn1O>>, e coluna de Mônica Bergamo na *Folha de S.Paulo*, disponível em: <<http://migre.me/nxmTg>>. Acessos em: 16 dez. 2014.

pelo simples registro, contribuiu para alimentar o debate e atuar como álibi, testemunhas e provas do que de fato aconteceu. Isso tanto quanto o próprio *webespectador*.

Essas prisões dariam o tom do restante da transmissão; Alex Demian vai até à estação do metrô, então, para tentar saber o que aconteceu. O Ninja conversa com algumas pessoas, paralelamente, e descobre que de fato não foi uma prisão feita por militares: “[...] segundo relatos, a polícia civil levou algumas pessoas”. A questão é que se questionava à PM por que ela não havia cumprido o acordo em manter uma postura de bom senso ao longo da manifestação. De fato, a responsabilidade, ao menos nesse caso, não foi dela.

Um coronel militar inclusive seria arguido por midiativistas, em conversa registrada por Demian. Próximo dos 28 minutos da quarta *live*, com cerca de duas horas de cobertura, Alex começa a fazer um resumo, encaminhando o encerramento de mais uma transmissão que colocou o *webespectador* no meio de uma manifestação e, ao final, entre os conflitos que marcaram o encerramento de uma manifestação que começara pacífica e articulada com o poder público.

O Mídia Ninja em São Paulo também teve como contexto enunciativos eventos para discussão, problematização e até capacitação. Essa última consistia em um *workshop*. Aparentemente, 6 de julho foi um dia de folga para o futebol e para as manifestações no Brasil. Não obstante, o Mídia Ninja não ficou parado e aproveitou a presença de midialivristas estrangeiros para a realização de uma oficina de fotografia. Houve, para tanto, a transmissão em tempo real do encontro. Foram realizadas seis *lives*, sendo que apenas duas foram gravadas e estão disponíveis para consulta no *Twitcasting*.

O evento trazia o fotógrafo documentarista e artista digital Barbaros Kayan³¹¹ para ministrar o *workshop*. De origem turca, o profissional apresentaria para um grupo de aproximadamente trinta pessoas a experiência dele em protestos, mais especificamente a participação e cobertura dos conflitos (que se iniciaram) no Parque Gezi, em Istambul³¹² (Turquia/2013), e em Kiev³¹³ (Ucrânia/2013/2014).

A palestra de Kayan foi proferida em inglês, mas traduzida para o português, *pari passu*, por Rafael Vilela. O espaço utilizado foi a Casa Fora do Eixo paulistana. A oficina, pelo pouco que pôde ser visto no material disponível, não tratava meramente de uma capacitação para fotógrafos. Para além disso, Kayan evidenciava a lógica e as razões dos conflitos dos quais participou, o comportamento das pessoas e da polícia nos protestos, bem

³¹¹ Mais informações sobre ele em: <<http://goo.gl/eLRMp7>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

³¹² Saiba mais sobre os conflitos na Turquia em: <<http://goo.gl/uxwtUs>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

³¹³ Saiba mais sobre os conflitos na Ucrânia em: <<http://goo.gl/qXU6HF>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

como o posicionamento dele diante das cenas às quais estava exposto, entre outras perspectivas.

Nesse sentido, a transmissão parecia visar não apenas a democratização do acesso ao conhecimento técnico sobre fotografia (assim como potencializá-lo a interessados que não puderam estar na oficina), mas ampliar o raio de discussões acerca dos motes e particularidades das manifestações que se dão pelo mundo, a partir do olhar de uma pessoa que participou ativamente de eventos dessa ordem, oportunizando um novo suporte de informação sobre os acontecimentos (muito mais direta e pessoal) – em contraposição ao discurso da mídia de massa, pautada por agências de notícias (a impessoalidade da mediação na mediação).

Além disso, em São Paulo foram realizadas ainda algumas assembleias públicas que visavam discutir a questão dos presos na manifestação de 23 de junho e o processo de tentativa de criminalização dos movimentos sociais e dos protestos realizados por estes. Isso não só na capital paulista, mas também em terras gaúchas. Aos paulistanos, ao menos duas ações foram destacadas pelo Mídia Ninja.

Em 1º de julho, a Praça Roosevelt era o palco de um debate público que tinha como intento encontrar alternativas para a libertação de Fábio Hideki e de Rafael Lusvarghi, encarcerados, segundo os manifestantes, na condição de presos políticos. Isso, bem como discutir acerca das ações da Polícia Militar nos atos. Apesar de não se tratar de uma manifestação com marcha, o local foi contraditoriamente cercado pela PM e alguns ativistas chegaram a ser presos.

A Praça Franklin Roosevelt, homenagem do prefeito paulistano à época, José Vicente Faria Lima, a um dos mais importantes presidentes americanos, foi inaugurada oficialmente na década de 1960. O local, além de ser o ponto de dispersão da parada o orgulho LGBTT (além de outras marchas populares), serve também muitas vezes de concentração de atos diversos em São Paulo. A ação da Polícia Militar, que viria a acontecer nesse primeiro de julho nessa plenária popular, deu início a um projeto de ocupação semanal do local, o “Roosevelt Livre”, sob organização do Coletivo Arrua, que propunha justamente a realização de debates e palestras com foco nas questões urbanas e sociais.

Nesse dia em especial, diversas pessoas tomaram a palavra e expressaram a indignação e revolta acerca dos temas em destaque. Entre os que estavam presentes no debate público, o padre Júlio Lancelotti; a professora da Unifesp Esther Solano; a cineasta Beatriz Seigner; o professor da USP Pablo Ortellado; o escritor Ricardo Lisias, entre outros. Por lá, o representante do Mídia Ninja era, mais uma vez, Alex Demian. Durante boa parte do tempo, o

Ninja procurou evidenciar mais os discursos proferidos do que se expressar e colocar o ponto de vista próprio. Ele chegou a ficar mais de dez minutos sem falar nada no início da cobertura, tônica do comportamento dele nessa transmissão.

Aos 22 minutos de transmissão, porém, houve mais uma investida policial e a consequente comoção por parte dos manifestantes no local foi maior. Ainda que os mediadores do evento tentassem, por diversas vezes, conter as pessoas, pedindo para que elas permanecessem sentadas e com atenção ao debate (argumentando que essa seria uma estratégia de provocação dos militares), várias se levantaram e se deslocaram até o local em que a PM enquadrava mais um participante do ato. Demian, então, não se conteve e também foi acompanhar e registrar a confusão.

Há uma mudança de cenário, ainda que no mesmo local físico. A Praça Roosevelt abrigava um debate, pacífico, mas tinha como consequência o cerco intimidatório da polícia. A transmissão, ainda que focalizando os discursos, não permitia esquecer o contexto mais amplo e um porvir latente.

Pelo som ambiente, a prisão que Demian tenta enquadrar parecia ser de um jovem “[...] hippie, frequentador da Praça Roosevelt [...]”, dizia o Ninja. O sujeito apenas passava pelo local, o que, nada contraditoriamente, deixa os manifestantes ainda mais revoltados com a situação – já que a ação parecia, justamente, uma afronta – conforme previsto. Gritos e ofensas aos policiais eram entoados pelos ativistas. Não demora até que os militares começaram a lançar bombas de gás e a atirar balas de borracha. Uma correria, inclusive do Ninja, começa no local e pouco se pode ver nas imagens embaçadas de Alex Demian.

A transmissão, antes pautada pelos efeitos de real, passa então a agenciar afetos em uma cena que remetia às películas cinematográficas, tamanha correria e gritaria no local. Parecia ser o clímax, mas não. Alex e parte dos outros manifestantes retornaram para a frente da mesa de discursos. Não era como se nada tivesse acontecido, mas se dá a ver uma espécie de costume com a situação, ao passo que se reivindica a resistência baseada não no contra-ataque, mas na conclusão da atividade prevista: o debate. Os mediadores da plenária pediam novamente para que as pessoas se acalmassem, se assentassem e não caíssem na suscitação da polícia. O Ninja procura fazer o mesmo, continuando a focalizar aqueles que discursavam, retomando a calada.

Próximo do fechamento da *live*, Alex para de registrar os discursos e começa a circular no entorno da Praça – num movimento comumente visto por parte dele em outras coberturas –, emendando a justificativa do encerramento com um resumo do que havia acontecido naquela plenária. “Depois de um jogral, todos os militantes, todas as pessoas, resolveram dispersar

juntas até o metrô. E a gente está acompanhando até a chegada do metrô [...]”, informando ainda que “[...] todo esse momento que a gente tá andando até o metrô Anhangabaú, a tropa do braço tá acompanhando aqui, do outro lado”.

A maioria das pessoas caminha em silêncio, com apenas alguns se arriscando a cantar. A câmera subjetiva acompanha o andar dos manifestantes, colocando o *webespectador* junto, em um contexto de tensão, na imprevisibilidade de uma ofensiva militar, como já ocorrera em outras oportunidades, sem motivos, ou mesmo motivada por alguma exaltação de um manifestante em especial.

É interessante perceber como esses debates são importantes para a disseminação de informações (o *webespectador*, nesse contexto, vira público, tanto quanto o Ninja que transmite), para o desenvolvimento do conhecimento, para uma problematização que coloque em discussão as questões sociais da cidade, sobretudo a algo que, paradoxalmente, viria a atormentar a própria plenária: a polícia.

As ações desproporcionais e arbitrárias, tanto quanto intimidatórias, não permitiam, inclusive, que se buscassem saídas pacíficas para o quadro contextual. Aquela não era uma reunião de adeptos da tática Black Bloc, ainda que estes pudessem participar. Os discursistas, como apresentamos, eram intelectuais e/ou líderes de movimentos de protestos, que mais do que indignados com as arestas públicas ligadas ao transporte público, saúde, educação, corrupção, entre outras temáticas, agora tinham que se preocupar também com as ações militares (ainda que esta já fizesse parte do compêndio dos ativistas).

Em 2 de julho, haveria a continuidade dos debates iniciados na noite anterior, sob a articulação principal do Movimento Passe Livre. Desta feita, não era mais Alex Demian que estava responsável pela cobertura do Mídia Ninja, mas Isadora Machado. Ela abre a transmissão explicando que estavam na Praça da Sé, que o tema seria novamente a criminalização dos movimentos sociais, e que um convidado importante, Fernando Grella – então secretário de Segurança estadual –, “[...] mais uma vez não compareceu”³¹⁴.

Fica claro que o propósito é a discussão, horizontal, colocando em pauta a fala do principal responsável pelas ações da Polícia Militar em (e no estado de) São Paulo, em contraste com a de diversos representantes sociais, em um debate aberto, literalmente público dado que acontecia em uma praça.

³¹⁴ Em nota enviada à *Folha de S.Paulo*, a assessoria do secretário de segurança pública de São Paulo, Fernando Grella, informou que ele “sequer foi convidado”. Disponível em: <<http://goo.gl/17BVYu>>. Acesso em: 13 jan. 2015. Esta informação vem logo abaixo ao registro na reportagem de que um representante do movimento havia afirmado que Grella havia sido convidado, mas não compareceu. Nenhuma outra menção na matéria é feita a ausência dele. Entretanto, o Movimento Passe Livre tem o convite protocolado e disponível em: <<http://goo.gl/Uw8mCe>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

A Praça da Sé também é localizada no centro (velho) da capital paulista, considerada o marco zero da cidade. O local tem importância histórica para a política brasileira; em janeiro de 1984, um grande comício aconteceu no local, em favor das Diretas Já, reunindo mais de 300 mil pessoas (evento considerado o precursor dos movimentos de manifestação pelas eleições diretas). E, em 16 de abril, cerca de 1 milhão e meio de cidadãos marcharam dali até ao Vale do Anhangabaú com o mesmo propósito.

No debate do dia 02 de julho, tiveram fala, além de representantes de movimentos sociais e do próprio Movimento Passe Livre, o padre Júlio Lancelotti (que já havia se pronunciado na noite anterior), funcionários demitidos de companhias de transporte, o presidente do Sindicato dos Funcionários da USP, entre outras pessoas, bem como ativistas que tinham interesse em se expressar, e se inscreveram na hora. Interessante, nesse sentido, perceber a abertura para fala. A Ninja, no entanto, preferiu não discursar.

Essa plenária não teve a presença militar tal qual na noite anterior, sequer ações análogas ou o mesmo clima de desconforto. No entanto, o tom de indignação com os problemas sociais era acentuado frente, precisamente, ao conjunto de ações às quais os ativistas foram submetidos no debate do dia primeiro.

Voltando a Porto Alegre, então, naquela que seria a última transmissão do canal gaúcho do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo, houve a cobertura de uma mesa-redonda que tinha como intento debater as perspectivas ligadas ao processo de criminalização dos protestos e de ativistas no país. Denominado “(Des)Tribunal Popular”, a intenção lúdica do encontro era inverter o olhar, colocando no “banco dos réus” as práticas de contenção e opressão da atuação dos movimentos sociais. O evento foi organizado pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público e contou com representantes de cerca de 30 entidades.

Infelizmente, não se tem registros no *Twitcasting* da atuação dos Ninjas nessa atividade, já que nenhuma das seis *lives* realizadas foi gravada. No entanto, faz-se importante o apontamento da participação do coletivo em análise nesse encontro e em como qualificações a ele se dão pelo envolvimento (não só no de Porto Alegre, mas, como já visto em São Paulo, e em outras cidades também). O Mídia Ninja, bem como outros canais independentes presentes na reunião, por meio das suas particularidades, potencializa a voz, os argumentos e as ideias apresentadas nesse encontro, facilitando a reverberação das discussões que não têm tanto espaço na mídia de massa³¹⁵, oportunizando condições para um trabalho crítico dos *webespectadores*.

³¹⁵ Foi possível verificar o registro da mesa-redonda, bem como a divulgação dela em diversos *sites* de mídias independentes. No entanto, em uma busca pela *Internet*, nenhum veículo de comunicação de massa,

Retornando também a Belo Horizonte, não houve registro de assembleias como em São Paulo e Porto Alegre. Um evento que fugiu um pouco ao que se acostumou a se ver no Mídia Ninja foi um protesto realizado em frente à Prefeitura da capital mineira no dia 2 de julho.³¹⁶ O intuito era chamar a atenção das autoridades de modo que reuniões fossem marcadas para que houvesse uma discussão sobre a regularização dos terrenos ocupados (e, assim, dar fim aos possíveis despejos – ao menos que não fossem forçados), bem como acerca da prestação de serviços para esses locais, incluindo, principalmente, água e luz. Além da portaria da sede do executivo municipal, foram ocupados ainda os prédios da Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel) e da Advocacia-Geral do Estado de Minas Gerais (AGE).

Nesses dois últimos não havia transmissão do Mídia Ninja, mas na porta da Prefeitura quem fazia a cobertura era Dênis Nacif. Contudo, só é possível recuperar o trabalho dele a partir da décima segunda *live*, já que as onze primeiras, que totalizam uma hora e cinco minutos, não foram gravadas.

Então, tem-se uma série de manifestantes acampados em uma das vias da Avenida Afonso Pena, sentido centro-bairro, bem em frente à Prefeitura, fechando o trânsito em duas das três faixas dessa mão. É dali que Nacif faz a cobertura dele. O clima era de apreensão com o que acontecia nos outros prédios públicos, mas, até então, havia certa distensão no local da transmissão. Tanto é que o Ninja registra um diálogo entre um major da Polícia Militar e líderes do movimento. Neste, é possível ver uma negociação em torno da possível desocupação das faixas em troca de uma reunião com o poder público. Mais do que isso, pedia-se, por parte dos ativistas, a liberação da entrada de alimentos nas ocupações, já que, segundo Dênis, ela havia sido “apreendida”³¹⁷.

aparentemente, teve o evento como pauta. Matéria no *site* da *Agência Brasil* – Portal EBC, fez um resumo do mote do encontro. Disponível em: <<http://goo.gl/VSTo6Z>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

³¹⁶ Os Ninjas da capital mineira produziram no dia 2 de julho, nada menos que 22 *lives*, somando pouco mais de cinco horas de transmissão, com três motes diferentes. O primeiro deles, com dois vídeos não disponíveis para consulta, produzidos ainda de madrugada, cerca de 18 minutos somados, parecem se referir a algum teste realizado pela equipe de midialivristas. Pelos *frames* da segunda gravação, visíveis no *chat*, percebemos enquadramentos e focalizações diversas, aparentemente de dentro de uma casa ou apartamento. Ao final dos registros da ocupação na Prefeitura de Belo Horizonte, o midialivrista deslocar-se-ia para cobrir, uma hora depois, um duelo de MCs. As imagens (muito) escuras não permitiam ver (absolutamente) nada, além de alguns borrões. Isto é, essas observações são feitas sobre os 17 minutos gravados e disponíveis no *Twitcasting*. Não obstante, a participação do Mídia Ninja nessa expressão cultural vale como ressalva e endosso de determinadas características do coletivo, tais como o envolvimento com um movimento artístico que é, por essência, de contestação e resistência, sobretudo na cidade de Belo Horizonte – ainda que, de todo modo, essa veiculação possa ser interpretada à luz da vinculação do coletivo ao Fora do Eixo e da relação dele com a cultura.

³¹⁷ A palavra parece ter um peso simbólico muito forte, sobretudo se utilizada como designação de atitude da Polícia Militar. No caso, o mais adequado seria dizer que os alimentos foram impedidos de entrar. Uma matéria no portal *O Tempo*, citando o depoimento de um integrante das Brigadas Populares, dá conta de que “[...] a

Esse acaba parecendo ser o ponto central das discórdias. Os problemas mais graves, segundo informações que chegam aos líderes dos movimentos, parecem ser os que aconteciam nos outros dois prédios públicos. Assim, as ações dos manifestantes na Avenida Afonso Pena serviam de barganha (estratégia) para influenciar outros atos simultâneos.

Tem-se a recorrência de outros dois lugares da capital mineira na fala de Dênis Nacif ao longo da transmissão. Contudo, para quem não conhece a Urbel e a AGE-MG, esses dois espaços configuram-se tão-somente como lugares de resistência dos moradores de ocupações. Assim, nesse caso o não lugar, o empreendimento de um evento (a manifestação/ocupação), é que faz o lugar vir à tona. Importante, contudo, salientar que esses espaços são discursivamente construídos pelo Ninja e pelos tu-participantes.

Em nenhum momento o repórter explica o que é a Urbel e a AGE, nem qual é a importância da ocupação desses lugares para os intentos do movimento. Assim, para o *webespectador* sem um conhecimento prévio (ou que não procure saber, no multiteelas possível – a lançar as palavras no *Google*, por exemplo), ganha valor o protesto em razão da incursão em um prédio do governo para fazer pressão.

A Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte, contudo, como o nome já indica, é a empresa pública responsável pela implementação da Política Municipal de Habitação Popular. Ora, se essas pessoas seriam retiradas provavelmente à força das áreas que ocupam na cidade, esta instituição poderia interceder favoravelmente aos manifestantes de alguma forma? Era o que se imaginava. Já a Advocacia-Geral do Estado, como a visão dela já indica, tem como intento “[...] protagonizar a representação judicial e extrajudicial, privilegiando a ação conjunta com outros entes públicos e a atuação preventiva na formulação e execução das Políticas Públicas”.

Já a Prefeitura municipal é a articuladora principal das ações que os moradores de ocupações poderiam sofrer. Contudo, vale ressaltar que a entrada oficial, por assim dizer, do prédio não fica na Avenida Afonso Pena, mas na rua detrás do edifício. Fazer o protesto na via supracitada, contudo, é interferir no fluxo de automóveis de quase todo o centro da cidade, tendo em vista a posição geográfica da casa do executivo belo-horizontino, ao mesmo tempo que marcar espacialmente para o cidadão que passava por ali que tal protesto tem como alvo exatamente o imóvel ao qual estavam defronte (e a representação dele).

O *webespectador* acompanha a conversa entre os manifestantes, registradas por Dênis Nacif, e teria como seguir, inclusive, o momento em que a Avenida Afonso Pena é totalmente

entrada de comida no prédio [da Urbel] foi proibida”. Disponível em: <<http://migre.me/onkOs>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

fechada, ambas as vias, pelos manifestantes, em retaliação às (prováveis) ações violentas que a polícia teria iniciado nos outros dois prédios já mencionados. O Ninja registra tudo, até o diálogo seguinte, um pouco mais ríspido, entre um outro representante militar e líderes do protesto.

O internauta, então, é uma testemunha ocular das ações do protesto; aliás, fechando, em conjunto com os ativistas, a principal avenida de Belo Horizonte, em uma quarta-feira à tarde, próximo do horário de *rush*. É daquele lugar, reterritorializado, importante artéria de tráfego de veículos, de uma das mais consideráveis capitais brasileiras, que segue a transmissão até que o sinal caia.

Não é possível recuperar a última *live* desse dia, mas se infere que os ativistas retornaram para ocupar apenas as duas primeiras faixas, dado que havia um clima de intimidação por parte da cavalaria da polícia que chegara ao local, tanto quanto do pelotão de choque. A ocupação ainda continuaria por pelo menos mais um dia na Prefeitura e nos outros prédios.

Voltando, para findar então esta parte, no Rio de Janeiro, têm-se ainda quatro cenários distintos aos quais devemos fazer referência. O primeiro deles é uma autorreferência promovida por Filipe Peçanha com a Pós-TV. No dia 17 de junho, depois de uma cobertura do repórter na capital, é dado a ver o deslocamento, de carro, do Ninja até à Casa Fora do Eixo, local em que aconteceria a estreia de um programa a ser exibido pela Pós-TV.

A pequena viagem de automóvel de Filipe, cerca de dois minutos, mostrando o trânsito nas ruas do Rio de Janeiro, age sobre o efeito de real (na medida em que o localiza em um dado espaço/tempo) e de ficcionalidade, uma vez que se assemelha a imagens cinematográficas, de um passeio noturno, *flâneur*. Em seguida, o agenciamento é de efeitos de realidade sobre a produção do novo programa do Mídia Ninja, numa estratégia autorreferencial, tão comum na mídia de massa que remeteria mais a uma extensão da audiência que Peçanha vinha obtendo com a cobertura da manifestação.

O tempo é muito curto e pouco se pode falar, então, do deslocamento de automóvel e da entrada no estúdio improvisado. Cenas curtas que dão a ver um lugar (e um não lugar: a transmissão que se iniciaria) que só poderia ter continuidade se o *webespectador* alternasse o endereço *web* em seu navegador para acompanhar a Pós-TV.

Menos ainda se pode dizer de uma peça teatral registrada pelo Mídia Ninja (já que não temos imagens para recuperar). No dia 18 de junho, a cobertura dos Ninjas se deu apenas no turno da noite, na estreia de uma esquete artística que acontecia no Espaço Cultural Sérgio Porto. Tratava-se do espetáculo *Entrevista com vândalo*, escrita por Luiz Eduardo Soares (um

dos autores do livro *Elite da tropa*) e dirigida por Marcus Vinícius Faustini, numa abordagem das manifestações que aconteceram no Brasil em 2013, por meio de um romance.

Não se trataria aí do interesse do Mídia Ninja pela cultura de fato, ainda que se vincule ao Fora do Eixo, conhecido por realizar diversos festivais de música pelo país. A perspectiva seria maior em relação ao mote da peça e à relação direta dela com o cerne das temáticas evidenciadas pelo coletivo. Entretanto, o norte, infere-se, é o capital problematizador da arte, de modo a fazer enxergar, por meio da fruição, especificamente no caso dessa obra, a complexidade de dois personagens presentes no palco das manifestações: ativistas adeptos das táticas Black Bloc e os policiais. Segundo Faustini, o gesto político da peça seria o de mostrar mais de perto essas pessoas que foram narradas à distância pelo jornalismo em 2013³¹⁸.

O terceiro cenário são os portões da Cidade da Polícia, uma espécie de quartel-general; espaço no Rio de Janeiro, inaugurado em setembro de 2013, que abriga pelo menos treze delegacias diferentes da Polícia Civil e outros setores especializados (como a Coordenadoria de Inteligência Policial e áreas de treinamento). O local foi palco do penúltimo dia de nosso recorte.

Era dia 12 de julho e a Copa do Mundo no Brasil completava um mês de realização. Até então, 62 partidas já haviam sido realizadas. Num sábado que marcava a despedida da seleção anfitriã do torneio, os Ninjas estavam novamente nas ruas – após uma pausa de mais de uma semana. Enquanto o time brasileiro dava mais um vexame em campo, fora dele ativistas eram surpreendidos por uma série de prisões preventivas que visavam impedir que, porventura, realizassem atos violentos no entorno do Maracanã na final dos jogos, marcada para o dia seguinte.

Dezenas de mandados foram expedidos, muitos deles de prisão para ativistas, incluindo um em nome de Eliza Quadros, mais conhecida como Sininho, que estava longe dos possíveis manifestos na capital fluminense, em Porto Alegre. Na porta da Cidade da Polícia, os Ninjas Carlos França (já conhecido de quem seguiu a transmissão do Mídia Ninja no último mês) e Vidigal representavam o coletivo e acompanhavam o movimento de advogados, familiares e amigos de manifestantes encarcerados, além de outros midiativistas, em uma cobertura que teria mais de duas horas e meia de duração. Aqui o quadro de registro era completamente distinto de até então. O que se tinha não era o focalizar de manifestações, ou debates públicos; era um plantão em busca de mais informações (que pouco se deram a ver) e no aguardo da entrada (ou saída) dos ativistas presos.

³¹⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/ih8M4c>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

Enfim, 13 de julho de 2014. Era chegado o dia da partida final da Copa do Mundo de Futebol. No jogo que aconteceria às 16h no estádio do Maracanã, Argentina e Alemanha duelariam pelo título do torneio. A transmissão do Mídia Ninja, com dois repórteres, no entanto, começaria bem antes, por volta das dez e meia da manhã de um domingo que seria marcado por um grande confronto de manifestantes com a Polícia Militar.

Um dos canais que fez a cobertura neste dia, sob o comando de Filipe Peçanha, teve a maior audiência do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo e, embora esta tenha sido também a de maior extensão (seis horas e cinquenta minutos de transmissão) – o que poderia ser uma das justificativas para o alcance na ponta da recepção –, assim como se tratava de um final de semana, infere-se que havia uma expectativa em relação a um porvir que, infelizmente, veio.

Importante dizer que o ato de 13 de julho tinha uma forte relação também com a prisão dos ativistas um dia antes. Aliás, esse seria o mote de manifestações que se dariam em todo o país, mas principalmente no Rio de Janeiro (local em que muitos deles foram encarcerados), ao longo da semana seguinte à Copa do Mundo. O torneio havia causado uma fissura temporal que irremediavelmente conduziria a um comportamento ativista efetivo, talvez não maior em razão da cisão impetrada pela campanha eleitoral para presidente da república em 2014, que separou adeptos de Aécio e PSDB (favoráveis à mudança) dos pró-Dilma, PT e contra os tucanos, tendo recorrência ainda em 2015 (no chamado terceiro turno na *web*) e na dinâmica do afastamento da presidenta em 2016.

A manifestação da final da Copa do Mundo, que pretendia chegar aos portões do Maracanã, provavelmente colocava em questão tudo aquilo que foi feito ao longo do torneio e mais, talvez desde os primeiros protestos de 2013. Para alguns, parecia ser o último suspiro do “Não vai ter Copa”, a chance derradeira de demonstrar a insatisfação com o torneio frente às mazelas do país.

De certa forma, a própria transmissão parecia significar isso. O Mídia Ninja, que ganhou apelo nacional em 2013, tinha na final da Copa do Mundo o ápice dele, tanto quanto os protestos que cobrira. Enfim, o cenário não era Copacabana. A concentração se dava na Praça Afonso Pena e seguiria até a Praça Sáenz Peña – ambas no bairro de Tijuca –, num trajeto de cerca de 2 quilômetros. No ponto de chegada, haveria o agrupamento para um novo protesto, desta feita articulado pela Frente Independente Popular, novamente com a participação de diversas organizações sociais, para marchar enfim até ao estádio da final.

Os dois lugares já haviam abrigado manifestações em 2013. As mais representativas delas, em 30 de junho, data da final da Copa das Confederações entre Brasil e Espanha. Naquele dia uma das marchas conseguiu chegar bem próximo ao Maracanã, local com alguns

focos de conflitos. Assim, numa estratégia análoga, a ideia era caminhar até ao campo esportivo novamente. No entanto, a forte presença militar na Praça Sáenz Peña impediu tal feito.

Mesmo até então sem ações violentas na concentração, Peçanha chega a mostrar a forte presença policial que já havia na Praça Afonso Pena. Ele diz que quase se esqueceu de mostrar os militares, percebendo-se uma quase-obrigação nesse sentido. Ora, para o *webespectador*, se não é mostrada (ainda que possa “estar” no texto verbal do Ninja), ela parece não existir. Na mesma medida, conforme já visto anteriormente, há no discurso dos ativistas a ideia de que a violência na manifestação só existe em razão da participação da PM. Um dos efeitos possíveis, então, da imagem é o do temor frente à previsibilidade de como o ato poderia terminar.

No encontro na Praça Afonso Pena e na primeira marcha, tudo absolutamente tranquilo. Um clima sem qualquer animosidade marcava uma passeata em que se podia estabelecer o canto e gritar as palavras de ordem, tanto quanto conversar, discutir e problematizar acerca de todas as questões que o Mídia Ninja pautava desde então. A chegada da Praça Sáenz Peña é um marco do que havíamos apontado anteriormente. O clima amistoso dos protestos, até então, condicionava Filipe Peçanha a de certa forma comemorar, não só aquele feito, mas a concretização do trabalho ao longo da Copa do Mundo – até ali.

Não obstante, essa segunda praça não era dispersão tão-somente do primeiro ato, era, como já dito, o agrupamento para uma nova marcha, desta feita com destino ao local de encontro entre as seleções da Alemanha e da Argentina. Filipe Peçanha faz uma pausa na condução da transmissão e a passa para o colaborador do Mídia Ninja Vidigal. Esse segundo repórter circula pela praça e aponta a já forte e surpreendente presença militar.

Pilhérico como de costume – talvez até mais ácido do que Peçanha –, o Ninja faz brincadeiras com a polícia. Para falar do número de oficiais no local, afirma que “[...] parece uma árvore de natal, de tanta luz vermelha piscando: é a polícia. Muita viatura aqui.” O Ninja aproveita para fazer uma crítica a partir de uma leitura de contexto e levantamento de dados sobre a região. Vidigal expõe a limitação de policiamento no local fora do período da Copa do Mundo e deixa no ar a importância da presença da corporação naquele momento.

Lembrando que essa região aqui é meia complicada aí no quesito violência. Normalmente não tem muito policiamento aqui nos dias normais. É comum ter

assalto aqui. Furto, roubo, roubo de automóvel, uma região meia complicada aqui. Mas, hoje, tá bem segura né?! Digamos, ou... [risos]...³¹⁹

A presença militar não apenas conteve a marcha como transformou o local em campo de batalha. Aliás, não se observou em momento algum na transmissão de Filipe Peçanha o contra-ataque dos manifestantes. As cenas evidenciadas dão conta de uma ação extremamente desproporcional da polícia, marcada pela arbitrariedade e pelo deboche dos militares. Peçanha e o *webespectador* que o acompanhava viam-se no meio do lançar de bombas e no cruzar de balas de borracha, que atingiam em cheio diversos ativistas. Pessoas presas sem razão e de forma incorreta, midiativistas feridos, pessoas gritando, chorando.

Diante do contexto, cabia ao Ninja esconder-se, proteger-se. Contudo, em consonância com a via ativista do contrato comunicativo, também partia para o questionamento às autoridades, como sempre provocativo e irônico. Via-se, até então, um pouco do que o *webespectador* poderia já ter encontrado – se acompanhou as transmissões ao longo da Copa do Mundo.

No entanto, o Ninja seria covardemente agredido por cerca de nove policiais. Com a câmera em punho, Peçanha tentaria registrar esse momento em particular, não fosse pelas incontrolláveis movimentações de enquadramento, tendo em vista que também buscava se proteger, era de se esperar. Tem-se aqui a consequência (que não deveria ocorrer) de uma provocação de Filipe aos militares. O acontecimento gerado por uma certa previsibilidade que visava colocar em xeque o preparo da polícia diante de situações como esta.

A agressão ao Ninja, no entanto, é tão-somente o resultado de uma situação anterior maior – no sentido de afetação ao conjunto de manifestantes. Aqui, no entanto, no espancamento ao midiativista, tem-se, tal qual a abordagem e prisão dele em 20 de junho (guardadas as proporções), o relato da experiência pessoal, numa espécie de coexperimentação, ainda que mediada.

O *webespectador* passa por uma situação de contenção policial. Com agressividade, a ele são dados empurrões e chutes. Mas o internauta não se magoa fisicamente. Pode, no entanto, inferir o que se sente, o quanto dói, tanto ser espancado pelos militares quanto passar por uma injustiça (na medida mesma em que nenhuma violência se justificaria, a não ser por legítima defesa).

A transmissão da Copa do Mundo realmente encerra-se com o ápice do que fora esse um ano de protestos pelo país: a tentativa de protesto e ratificação de um posicionamento

³¹⁹ Vide matéria do jornal *O Globo* sobre “assaltos no asfalto” da Tijuca. Disponível em: <<http://goo.gl/dPs46e>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

contra a Copa do Mundo, e tudo aquilo que pretere, frente à repressão do Estado, que usa de força física desmedida aos que a ele questionam.

Ao final, tem-se como recorrências, o registro em lugares em que ocorrem ações. Isto é, o Mídia Ninja tem como prerrogativa principal a reprodução midiática de acontecimentos em curso, e não (no caso das transmissões simultâneas) o pós-evento (cobertura/matéria acerca dos desdobramentos acerca de um dado evento). As únicas abordagens que talvez fujam à regra sejam os debates, e, num caso específico, a vigília em frente à Cidade da Polícia, em razão da prisão de ativistas. Vale observar que em dois casos também houve autorreferência do coletivo. Nessas situações, os cenários foram as casas do Mídia Ninja, em registro de eventos articulados pelos próprios midiativistas. Por fim, as microações, tendo os ninjas como protagonistas, deram-se e elevaram a condição de informação para uma participação mais efetiva dos *webespectadores*, em mudanças de curso nas transmissões dada a emergência de eventualidades, provocadas ou imputadas pelos/aos Ninjas.

Outra recorrência é a de que, na maioria das vezes, os registros são empreendidos em lugares públicos e abertos, muito em função da característica principal do coletivo (ao menos durante a Copa do Mundo de Futebol): registrar manifestações. Na maioria das vezes, inclusive, os cenários guardam um histórico de protestos, ou são simbólicos em razão do empreendimento de ações políticas que mudaram o curso de governo no país.

Nesse sentido, vale ressaltar o que prevíamos: em alguns casos o lugar dá muito sentido à ação, ao passo que isso não é via de regra, pois, muitas vezes, os locais físicos desaparecem (não no sentido material, como é óbvio, mas no da relevância dele) face à força dos acontecimentos que se dão neles.

Assim, como recorrência também se tem a realização de eventos (e, por conseguinte, da transmissão) em locais que podem trazer afetação social, seja diante dos impactos locais (como no trânsito), seja da representatividade do espaço para uma determinada comunidade. Tal condição algumas vezes é reforçada pelo empreendimento das ações em lugares que visam gerar o embate, a partir da emergência do contraditório. Assim, prédios públicos de governo (de entidades relacionadas à causa) ou representações físicas da Copa do Mundo (como as *fan fests*, os estádios e outros ambientes) são alvo das ações.

Percebemos também que os microacontecimentos (ou os intraeventos, dados ao longo de uma ação maior) podem ter seiva superior a do macroevento ao qual se referem, a dialogar com mais precisão (e poder de inclinação) com os cenários contextuais, podendo interferir, inclusive, em uma narrativa social mais ampla, influenciando na linha sucessória de

acontecimentos porvindouros; foi o caso, por exemplo, da agressão à ninja Karinny Magalhães e da prisão dos ativistas em São Paulo, sobretudo a de Fábio Hideki.

Em alguns casos, ações locais também podem ser fomentadas por intervenções fora de quadro, empreendidas simultaneamente, sejam elas distantes do lugar, evento de onde o Ninja narra (como foi o caso da ocupação em Belo Horizonte, em 2 de julho), ou imediatamente próxima, que influencie, inclusive, na transmissão (como se deu na cobertura do debate público, com Alex Demian, no dia 1 de julho, em São Paulo).

Inferimos que o cenário direciona possíveis interpretantes dos internautas, sobretudo em transmissões realizadas de lugares em que os *webespectadores* conhecem, ou mesmo têm uma pré-concepção, baseada num imaginário sociodiscursivo da cidade, do bairro, da via, ou mesmo dos governantes e agentes que ali atuam. Isso acaba por direcionar, por exemplo, um plano de expectativas sobre a ação da polícia em um determinado espaço/tempo (tanto por parte da audiência, quanto por parte do Ninja e dos manifestantes).

Nesse sentido, da mesma forma, o conhecimento de contexto (mais amplo) prévio também pode influenciar a ideia que o *webespectador* tem sobre a transmissão e o evento narrado, tanto quanto o comportamento e as ações do Ninja e dos participantes (quais sejam), na busca de manipulação da situação em prol de um fim desejado. Compreendemos, então, que os eventos são estrategicamente articulados, levando em conta informações preliminares, previsões e concepções (algumas baseadas em estereótipos), mas podem ser recondicionados (reterritorializados/ressignificados) em razão de microacontecimentos, tanto quanto os olhares e comportamentos subsequentes, em uma afetação cíclica que leva em consideração múltiplos fatores (e não só os que pudemos compreender nesta seção).

5.3.1.4 Propósito

A seguir, apresentamos os dados obtidos com as análises das transmissões simultâneas do Mídia Ninja, no que se refere especificamente aos temas abordados ao longo da Copa do Mundo. Em confluência com as finalidades, os assuntos tratados dão a ver os reais propósitos desse coletivo, que são explanados a partir das nossas inferências nas páginas seguintes à abordagem das temáticas.

5.3.1.4.1 Temas

Começando pelo Mídia Ninja RS³²⁰, observa-se na TAB. 7 que quatro das cinco coberturas se referem a manifestações que tinham como principal foco o grito contra a realização da Copa do Mundo de 2014 (mais especificamente, o investimento no torneio em detrimento de áreas primárias no país).

Tabela 7 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal RS

RESUMO COBERTURAS - CANAL RS								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
RS1	12/06/14	Porto Alegre	Ato contra a Copa do Mundo	3	4086	442	01:24:05	01:24:05
RS2	15/06/14	Porto Alegre	Ato contra a Copa do Mundo	2	1279	172	01:23:38	01:23:38
RS3	18/06/14	Porto Alegre	Ato contra a Copa do Mundo	4	382	87	00:42:46	00:00:00
RS4	23/06/14	Porto Alegre	Copa sem povo: Estamos na rua de novo	2	1157	167	01:00:38	01:00:38
RS5	03/07/14	Porto Alegre	Debate (des)tribunal popular - criminalização dos Movimentos Sociais	6	237	14	02:01:24	00:00:00

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Uma transmissão, porém, evidenciou o debate público acerca da tentativa de criminalização das manifestações e, por consequência, dos movimentos sociais envolvidos e dos principais atores deles. Na TAB. 7, destacamos ainda o tempo de exibição de cada investida. Observa-se que as duas primeiras têm extensão muito parecida, ao passo que a terceira tem metade da duração das anteriores e a quarta ainda fica no círculo de uma hora. Esses números levam a crer que a permanência da cobertura, ao menos em Porto Alegre, é (foi) proporcional às ações dos manifestantes – na soma temporal da concentração do ato (mais especificamente no momento em que a Ninja iniciou a transmissão) até a dispersão da marcha. Poder-se-ia colocar como hipótese ainda o tempo de duração de bateria do *smartphone* utilizado, ou mesmo, o que não parece ser o caso, o tempo destinado pela repórter

³²⁰ Disponível em: <<http://us.twitcasting.tv/midianinjars>>.

para aquela atividade (já que o rigor laboral tradicional não está em questão aqui, mas sim o envolvimento e interesse dos midiativistas com a causa, infere-se).

O mesmo parece acontecer com o debate que, apesar de não ter nenhuma gravação disponível para consulta, pautou o tempo de exibição do vídeo. Vale observar ainda o número total de visualizações que cada transmissão teve. Nota-se o interesse maior pela cobertura do dia da abertura da Copa do Mundo de Futebol, proporcionalmente menor nos demais acontecimentos, sobretudo no debate, com a mínima audiência do canal.

Pode-se compreender atenção maior com 12 de junho, na expectativa de ações ativistas mais exaltadas frente ao grito de outrora: “Não vai ter Copa”. A possibilidade de vir à tona acontecimentos de impacto, por ser muito menor em um evento de discussão, parece, na mesma medida, ter afastado um pouco a atenção dos *webespectadores*. Não sem motivos, em uma classificação das coberturas de maior audiência do Mídia Ninja na Copa do Mundo de Futebol, a de abertura do canal RS fica em 10º, enquanto a do debate é apenas a 39ª de 47, conforme foi visto anteriormente.

Tabela 8 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal RJ

RESUMO COBERTURAS - CANAL RJ								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
RJ1	13/07/14	Rio de Janeiro	Ato pela liberdade dos presos políticos	41	1443	70	02:36:19	00:28:18

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

No *ranking* completo das transmissões, apresentado na análise descritiva, é possível observar que as transmissões do Rio de Janeiro são as de maior audiência. Não obstante, é importante ressaltar que se trata da cidade como destaque e não do canal, chamando a atenção ainda para o trabalho do Ninja *in-loco*, e não apenas da transmissão em si. Na TAB. 8, observamos que o canal RJ realizou apenas uma transmissão, no dia de encerramento da Copa do Mundo.

Vale citar, então, que no canal geral dos midiativistas outra transmissão foi empreendida paralelamente, o que demonstra a atenção do coletivo com a data em questão. Como dado a acrescentar, o número de vídeos empreendidos talvez possa ser explicado por meio de uma análise do dispositivo técnico, uma vez que a proporção parece grande para o tempo total de exibição: problemas com sinal de *Internet* de Vidigal.

Nesse sentido, como já havia sido mencionado, a capital carioca é a que mais se evidencia no canal geral do Mídia Ninja. Conforme pode-se observar na TAB. 9, os temas são os mais variados (desde oficinas a manifestações de várias frentes, até o registro de uma peça teatral) e atravessaram todo o período da Copa do Mundo, com poucos dias sem cobertura (destacando-se a ausência de 6 a 12 de julho de 2014).

Tabela 9 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal geral

RESUMO COBERTURAS - CANAL GERAL DO MÍDIA NINJA								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
MN1	12/06/2014	São Paulo	Greve metroviários	6	12903	1537	02:00:53	00:00:00
MN2	12/06/2014	Rio de Janeiro	Absurdos da Copa	8	23008	1495	03:17:14	03:13:21
MN3	14/06/2014	Belo Horizonte	Copa sem Povo, Tô na Rua de novo	7	7563	505	03:44:24	02:52:05
MN4	15/06/2014	Rio de Janeiro	Estrangeiros no Brasil	3	954	91	00:54:37	00:00:00
MN5	15/06/2014	Rio de Janeiro	#NãoVaiTerCopa	9	9752	490	05:14:12	00:00:00
MN6	16/06/2014	Rio de Janeiro	Greve de Professores	2	16	7	00:01:02	00:00:00
MN7	17/06/2014	Rio de Janeiro	Copa do Mundo	2	921	99	01:23:35	00:00:00
MN8	17/06/2014	Rio de Janeiro	#NãoVaiTerTarifa	3	6025	515	04:28:29	00:00:00
MN9	17/06/2014	Rio de Janeiro	Bastidores da estreia do Programa Na Geral	2	335	80	00:13:21	00:05:53
MN10	18/06/2014	São Paulo	MTST - Ocupação	6	1135	76	00:47:07	00:34:34
MN11	18/06/2014	Rio de Janeiro	Teatro	3	645	66	01:30:34	00:00:00
MN12	19/06/2014	São Paulo	Passe Livre SP	10	4243	221	03:17:22	01:54:34
MN13	20/06/2014	Rio de Janeiro	1 ano da grande manifestação / Prisões Arbitrárias 2014	7	7559	629	04:06:50	00:58:26
MN14	21/06/2014	São Paulo	MTST - Ocupação	4	1263	128	02:09:01	02:09:01
MN15	22/06/2014	Belo Horizonte	Praça da Estação Ocupada	12	611	270	01:17:49	00:02:10
MN16	23/06/2014	Rio de Janeiro	A Festa dos Estádios não vale as Lágrimas da Favela	5	2233	147	02:52:31	02:42:12
MN17	24/06/2014	São Paulo	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	8	1823	81	03:31:45	01:21:41

RESUMO COBERTURAS - CANAL GERAL DO MÍDIA NINJA								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
MN18	27/06/2014	São Paulo	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	10	1049	155	03:30:19	03:05:15
MN19	28/06/2014	Rio de Janeiro	Copa na Rua por uma cidade de direitos	2	1361	137	02:13:18	00:39:30
MN20	28/06/2014	Rio de Janeiro	Ato Fifa Go Home	3	538	133	00:24:57	00:00:42
MN21	30/06/2014	São Paulo	Votação do Plano Diretor de SP (Câmara Municipal)	5	831	35	02:03:23	02:03:23
MN22	01/07/2014	Brasília	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	2	304	27	01:12:09	00:28:02
MN23	01/07/2014	São Paulo	Ato pela libertação dos presos políticos	4	104	23	00:03:54	00:01:09
MN24	02/07/2014	Brasília	Votação da Lei da Cultura Viva e o do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil	1	195	20	01:37:32	00:00:00
MN25	03/07/2014	São Paulo	Marcha Nacional em Defesa da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar	13	877	44	02:18:45	00:15:16
MN26	04/07/2014	Rio de Janeiro	#CopaNaRua	1	576	87	01:35:22	01:35:22
MN27	04/07/2014	Fortaleza	Copa do Mundo	3	72	15	00:10:03	00:10:03
MN28	06/07/2014	São Paulo	Oficina sobre fotografia	6	314	21	02:00:23	00:28:50
MN29	12/07/2014	Rio de Janeiro	Prisão de arbitrária de manifestantes	8	2284	182	02:38:33	02:38:08
MN30	13/07/2014	Rio de Janeiro	Ato pela liberdade dos presos políticos	8	23919	1785	06:50:47	06:50:47

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

É difícil a partir dos números encontrar um padrão na atuação do canal geral do Mídia Ninja, sequer nas cidades que foram evidenciadas. Isto é, no Rio de Janeiro, as transmissões são, em geral, sempre mais extensas, indicando que os repórteres do local, por motivos diversos que se pretende enxergar, exploram mais as coberturas. Duas cidades fora do eixo dos canais são evidenciadas também.

A primeira delas, Brasília, aparece em razão da votação da Lei da Cultura Viva, que representava “[...] a ampliação do acesso da população brasileira aos seus direitos culturais, mediante o fortalecimento das ações de grupos culturais já atuantes na comunidade [...]”³²¹, representando um acontecimento especial para os midiativistas, frente às causas que apoiam. Já em Fortaleza, a surpresa. Aparentemente limitado por problemas técnicos, o Ninja mostra nos dois primeiros vídeos a movimentação para o jogo entre Brasil e Colômbia. No último, tem-se o espanto com a presença dele dentro do estádio.

São Paulo apresenta números e temas distintos, o que não permite indicar um padrão. Os gêneros de abordagem, contudo, são os mais variados do Mídia Ninja na Copa do Mundo, indo desde o registro de uma ocupação do MTST até a uma votação na Câmara Municipal, passando por manifestações de rua e a já mencionada oficina técnica. Belo Horizonte também é evidenciada em dois vídeos, sendo um deles com uma particularidade. No dia 14 de junho, como mostra a TAB. 10, o canal MG já havia iniciado uma transmissão na capital mineira. Nesse sentido, tratar-se-ia de uma continuidade do trabalho de cobertura. Ainda assim, destacam-se os dois registros, na medida em que são entradas de canais diferentes³²².

Mais uma vez, é difícil encontrar um padrão, senão o aumento no número de vídeos quanto maior é a extensão da transmissão, já que é entrecortada por interrupções que chegam a dezesseis no dia 02 de julho. Entre as temáticas, destacam-se também no segundo dia de julho um vídeo feito de madrugada pelos Ninjas, em uma espécie de teste de transmissão (não apagado dos registros no *Twitcasting*, apesar de não estar disponível para consulta), e o registro de um duelo de MCs que, muito embora alinhado a uma possível defesa cultural desses midiativistas, pouco ou nada se viu em razão de imagens muito escuras. Mais uma vez, também no canal MG, a abertura da Copa do Mundo foi a data de maior destaque de audiência (aqui, vale a ressalva, em razão de conflitos da polícia com ativistas e a prisão de uma Ninja do coletivo).

³²¹ De acordo com informações do site do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

³²² Antes de tratar dos dados do canal MG e SP, é salutar pensar, porém, no canal geral; que, por não ter a marca de nenhuma unidade federativa, acaba por se instituir como o de referência, nacional, quase principal, quebrando as barreiras do município ou estado para se pensar numa cobertura de base para o Brasil. Em outras palavras, importa pensar no tipo de recepção que a cobertura tem independentemente do local de registro, sendo precedida por quem a coloca na rede.

Tabela 10 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal MG

RESUMO COBERTURAS - CANAL MG								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
MG1	12/06/14	Belo Horizonte	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	11	10977	1791	03:37:01	02:26:05
MG2	14/06/14	Belo Horizonte	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	1	67	34	00:05:01	00:00:00
MG3	17/06/14	Belo Horizonte	Ato contra a Copa do Mundo (Copa sem povo, Tô na rua de novo)	11	3987	282	03:23:57	01:56:59
MG4	28/06/14	Belo Horizonte	Ato dos Operários da Construção Civil + Ato Contra a Copa	4	515	64	01:23:12	01:14:57
MG5	02/07/14	Belo Horizonte	Autorreferência (Teste de Vídeo)	2	38	8	00:17:45	00:00:00
MG6	02/07/14	Belo Horizonte	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	16	400	37	03:36:36	01:46:05
MG7	02/07/14	Belo Horizonte	Duelo de MC's	4	219	21	01:07:51	00:17:05
MG8	03/07/14	Belo Horizonte	Ocupação da Prefeitura Municipal (Av. Afonso Pena)	1	3	1	00:01:34	00:00:00

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Tabela 11 – Dados da transmissão do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo no canal SP

RESUMO COBERTURAS - CANAL SP								
Cód.	Dia	Cidade	Tema(s)/Mote(s)	Vídeos	Visual. Totais	Pico de Aud.	Tempo Total	Tempo Gravado
SP1	23/06/14	São Paulo	Se não tiver direito, não vai ter copa	4	1770	209	02:02:27	02:02:27
SP2	01/07/14	São Paulo	Ato pela libertação dos presos políticos	13	2477	233	02:36:02	02:10:25
SP3	02/07/14	São Paulo	Debate sobre a criminalização dos movimentos sociais	2	481	83	01:40:07	01:40:07

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Por fim, o canal SP do Mídia Ninja. Conforme se observa na TAB. 11, o canal apresenta três transmissões distintas em foco, sendo duas manifestações e um debate público sobre a tentativa de criminalização dos protestos. Os eventos são, então, entrecruzados pelas transmissões empreendidas em outro canal do coletivo e têm variações na extensão que ficam entre uma hora e quarenta (para o registro do fórum, aparentemente na mesma temporalidade) e pouco mais de duas horas e meia, também na extensão dos atos pela libertação de ativistas presos.

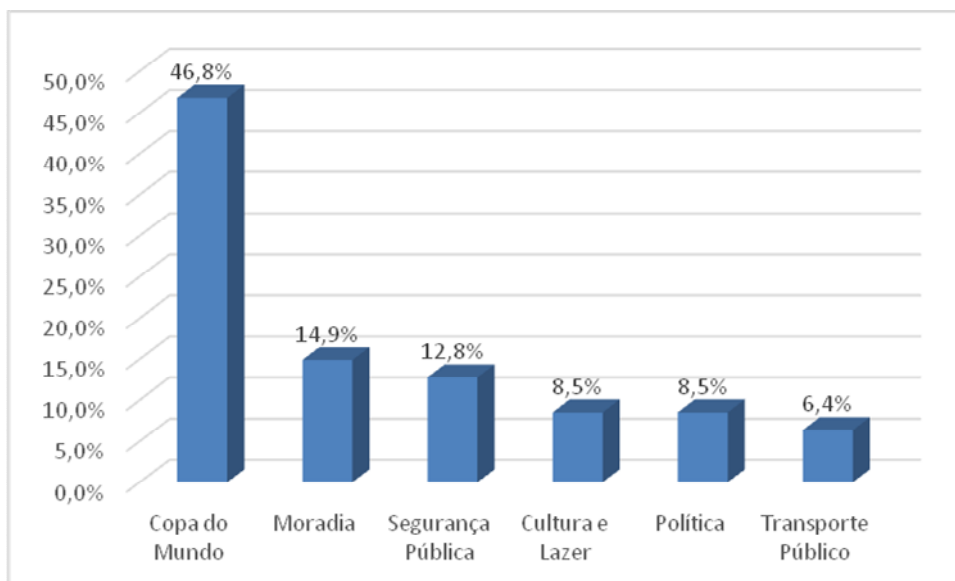
Quando colocamos em evidência a nossa proposta de fechar os motes das coberturas em categorias, chegamos ainda a dados que nos permitem dizer que o Mídia Ninja trabalha com as perspectivas da noticiabilidade jornalística, ainda que haja direcionamentos particulares no tratamento dos fatos. O principal mote, como se vê a seguir, é a Copa do Mundo, demonstrando o caráter de atualidade. Contudo, é a soma com a perspectiva de relevância que dá sentido à produção. Ainda que o coletivo tenha empreendido três transmissões com o intento de evidenciar o comportamento de torcedores e turistas frente ao evento esportivo, é a categoria manifestações que se apresenta como o índice de maior quantidade de coberturas realizadas. Vale observar, contudo, o contraste com as demais empreitadas midiativistas, que expõe ao mesmo tempo um caráter de atenção a outras pautas que acontecem simultaneamente, e até sem qualquer relação direta, à Copa do Mundo.

Tabela 12 – Principais motes das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo

Motes	Amostra	Porcentagem
Copa do Mundo	22	46,8%
Moradia	7	14,9%
Segurança Pública	6	12,8%
Cultura e Lazer	4	8,5%
Política	4	8,5%
Transporte Público	3	6,4%
Autorreferência	2	4,3%
Diversidade	1	2,1%
Educação	1	2,1%
Formação Profissional	1	2,1%
Reforma Agrária	1	2,1%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 8 – Principais motes das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo

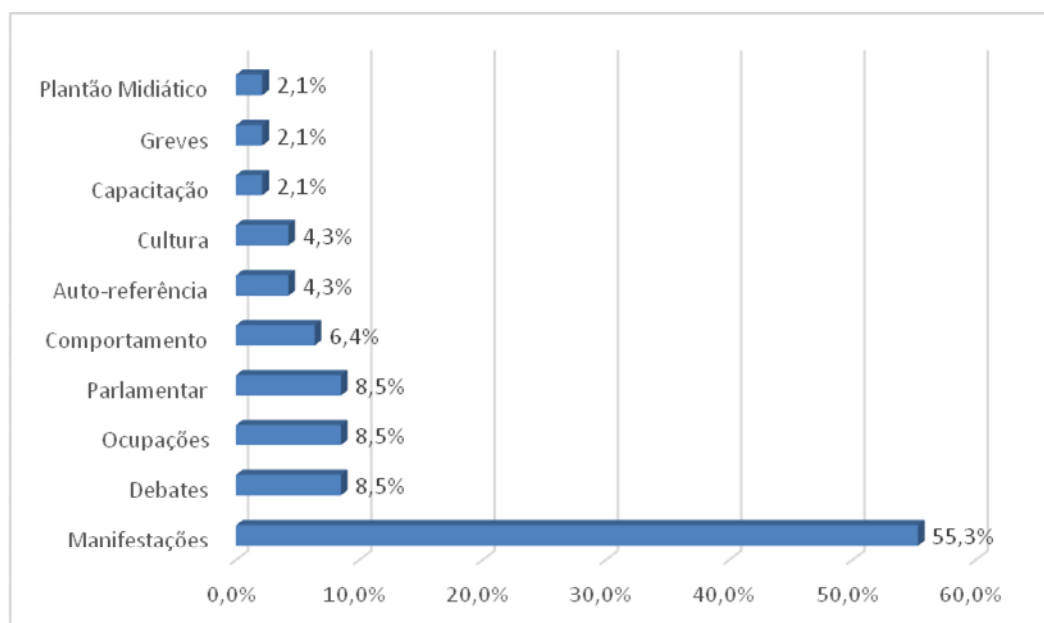


Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Tabela 13 – Principais categorias das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo

Categorias	Amostra	Porcentagem
Manifestações	26	55,3%
Debates	4	8,5%
Ocupações	4	8,5%
Parlamentar	4	8,5%
Comportamento	3	6,4%
Autorreferência	2	4,3%
Cultura	2	4,3%
Capacitação	1	2,1%
Greves	1	2,1%
Plantão Midiático	1	2,1%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 9 – Principais categorias das transmissões do Mídia Ninja durante a Copa do Mundo

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

A votação da Cultura Viva, em nível federal, por exemplo, traz à audiência uma discussão que escapava às mídias de massa, devido a um possível desinteresse, ao considerar, talvez, que a questão não se enquadrava dentro dos critérios de valor-notícia. Ao Mídia Ninja, porém, ela parecia fazer sentido, tanto quanto para uma série de movimentos ligados à arte que poderiam se beneficiar do sufrágio favorável do então projeto de lei.

O mote nesse caso foi Cultura e Lazer (e também a Política – dada a esfera em que era colocada, evidenciados na categoria parlamentar). O tema encerra-se aí, mas o propósito não. Inferimos que o coletivo não apenas evidenciava uma determinada questão, mas se posicionava sobre ela. Ao mesmo tempo, ao trazer o assunto à luz pública, o faz a partir de argumentos que dão a ver a importância do parecer favorável ao projeto de lei que, como dito, beneficiaria um conjunto de sujeitos ligados à cultura no país e, por conseguinte, a própria sociedade.

São Paulo, em outro exemplo, vivia durante a Copa do Mundo um momento extremamente importante, na tomada de decisões que impactariam na dinâmica social da cidade pelos próximos 16 anos. Grosso modo, era isso o que o Plano Diretor representava ao dar diretrizes acerca do crescimento do município, determinando regras e orientações para as construções públicas e privadas, em atenção também às questões ambientais. O Mídia Ninja, então, não se furtou de evidenciar e problematizar a questão. É importante dizer que as transmissões começaram bem antes do registro das votações parlamentares, na cobertura de

ao menos uma ocupação de terreno e outras tantas marchas populares que visavam pressionar o legislativo municipal em favor de um sufrágio que favorecesse os movimentos de moradia popular. O coletivo midiativista estava, durante todo esse tempo, ao lado (físico e ideológico) dessa parte.

Em nossa opinião, os mencionados registros em São Paulo dialogam diretamente com as transmissões realizadas em Belo Horizonte pois, apesar não ter qualquer relação direta com o MTST paulista, ambos se colocam em alinhamento na categoria moradia – não só para efeitos de classificação na nossa tese, mas também por isso ela teve tanto apelo durante o recorte, como o segundo mote mais evidenciado. Há, inferimos, uma extensão, uma continuidade narrativa de relação menos casuística do que causal não relacionada a um efeito/estímulo, mas a um propósito que não é meramente informativo, mas ativista, por uma causa.

Nesse sentido, em nossa opinião há, talvez em função da *Internet* – mas muito em razão do que são as mídias alternativas –, o rompimento do caráter de proximidade nos parâmetros de noticiabilidade. Independentemente de onde ocorra a ação, é um veículo nacional, representado pelo trabalho de um midiativista específico, tratando de uma temática que diz respeito a um problema público brasileiro, sobretudo das grandes cidades nas quais o Mídia Ninja tem casas (Fora do Eixo) e canais oficiais.

Isso nos ajuda a pensar que o mote Copa do Mundo é um tanto questionável. Não queremos discordar do nosso próprio método, mas sim da necessidade, por vezes, conteudística, da importância de um parâmetro. Assim, é imperativo ratificar que dizer que as transmissões têm como divisa o torneio, e mais especificamente o registro das ações correlacionadas, não é desprezar as perspectivas que estão agenciadas no entorno dos eventos e são aglutinadas por uma bandeira guarda-chuva que os amalgama no grito contra o campeonato desportivo.

São diversos temas em torno desse primeiro que não cabem aqui e nem seria possível abrir para a compreensão, devido, sobretudo, à complexidade deles; essa é uma característica dos protestos que eclodiram em junho de 2013. Da mesma forma, como já apontávamos e ratificamos, não se pode dizer que o propósito seja tão-somente o tema, porque aí estaríamos considerando que o Mídia Ninja é mais jornalismo do que ação.

Assim, a intenção, nos parece, não foi só a de mostrar um conjunto de manifestações contra a Copa, mas participar ativamente delas, de influenciar os contornos delas, de dar voz não (só) ao grito uníssono, mas a cada parte (ao menos as que o Ninja consegue alcançar) que compõe o “lado de cá”, que se une, mas também diverge (menos em razão de uma possível

discordância da proposta macro do protesto, mas mais em função das particularidades, da história, da posição e opinião de cada um deles, o que, nada contraditoriamente, ajuda, muito, a entender o todo).

Parece-nos, enfim, que o propósito não é só a mediação do mote, do registro do acontecimento, em uma planificação que almeja encontrar o sentido das coisas, mas o alerta, a busca por adesão ao acontecimento (posicionando-se ao lado ao qual o Ninja se filia), e à problematização³²³ (que não feche o sentido, mesmo que muitas vezes ela vá em uma só direção) sobre as causas e consequências dos eventos narrados (e intentos deles) e a cocriação (influência no próprio empreendimento) que por vezes abarque, inclusive, o próprio *webespectador* no processo.

Esse parece ser um dos intentos do midiativismo Ninja. Mas qual seria a diferença, então, entre Mídia Ninja e outras iniciativas do gênero?³²⁴ Conjectura-se que esteja na interseção da militância com a informação e na materialização do discurso ativista representado no agir com as manifestações, para além do fazer jornalístico. Assim, compõe-se uma banca *webespectadora* formada por indivíduos que fazem valer o pertencimento (indaga-se) às manifestações não apenas em razão de uma transmissão em tempo real e sem cortes, mas em função da identificação com os Ninjas, por não somente narrarem o acontecimento, mas por experimentá-lo e manipulá-lo efetivamente enquanto o transmitem. O acordo estaria funcionando: informação + ativismo, com muita experimentação.

5.3.1.4.2 Como o contrato vai se conformando então?

O midiativismo molda o próprio discurso em alguns alicerces históricos, adaptando-os à realidade contemporânea. Esses baldrames são também de ordem ideológica, na medida em que se filiam a uma análise crítica da mídia tradicional, da organização social e da dinâmica política, fazendo agir uma prática jornalística que diferencia o locutor e cria sentidos para a prática dele (jornalismo ação, e toda a carga subjetiva que está a reboque). É claro que tudo isso tem a ver também com o gênero da emissão, com o *ethos* construído pelo veículo, o *pathos* do público que o acompanha, com efeitos visados diversos, entre outras variáveis.

³²³ Em trabalhos preliminares, que compuseram a reflexão desta tese e foram apresentados em eventos (BRAIGHI, 2015b; 2015c), avaliamos o potencial do Mídia Ninja em relação à geração de trabalho crítico (VIDIGAL, 2014), tomando as perspectivas de Paulo Freire como referência. Avaliamos que o Mídia Ninja é uma fonte interessante para o desenvolvimento crítico-analítico acerca das questões sociais frente aos *mass media*.

³²⁴ Não fazemos, como se sabe, comparações do Mídia Ninja com outros coletivos midialivristas e/ou midiativistas. O que queremos destacar aqui são as particularidades desse veículo dentro do cerne do gênero a partir do que se viu no propósito especificamente dele.

O Mídia Ninja foi criado com uma proposta, diríamos editorial, clara. O público dele é (pode ser) qualquer um interessado na cobertura de acontecimentos diversos, mas se consolidou, principalmente, com pessoas que, para além de um voyeurismo evenemencial, se envolviam, acreditavam e/ou se preocupavam com uma determinada causa³²⁵. É sob a égide desse público (acredita-se ainda cativo) que se estruturou o contrato do coletivo.

Entretanto, houve (e ainda há) uma pré-validação do discurso do Mídia Ninja. O grupo teve que elaborar as investidas dele a partir do reconhecimento de um determinado tipo de público que poderia se interessar pelas coberturas. De modo geral, esse público seria justamente formado, em grande medida – e não em totalidade, por (ciber)ativistas³²⁶. Sujeitos que, reconhecidas as afinidades com o coletivo, conseguiriam fazer funcionar uma Situação Potencialmente Comunicativa. Por compartilharem de uma mesma perspectiva política (no sentido mais amplo do termo), esse conjunto de ativistas da/na *Internet*, teriam ainda competências que seriam facilitadoras da adesão ao contrato e da compreensão do discurso elaborado pelo Mídia Ninja.

Ainda que com linguagem nova e particular, o coletivo teve, no entanto, que respeitar um quadro referencial que lhe imputava certos limites e/ou condicionamentos. Apesar da abordagem particular, o Mídia Ninja segue os parâmetros de um discurso e de um contrato (pacto ou acordo, deixando clara a nossa preferência pelo último termo, apesar de não quisermos contradizer, ao menos aqui, uma literatura de base) primeiro de informação (dentro do qual se desenvolvem as particularidades midiáticas, incluindo as dos veículos que se proliferam na *Internet*), que se amalgama com um outro de ativismo, conforme a FIG. 29.

Essas esferas, no entanto, estão sempre em movimento, chocando-se e repelindo-se, sobretudo com a inserção de novos elementos ao contexto. Não só a inserção de alocutários com competências limitadas na situação comunicativa poderia gerar problemas. No caso específico do Mídia Ninja, a reverberação de uma entrevista concedida ao programa *Roda Viva* e as acusações feitas por ex-integrantes do Fora do Eixo colocaram em dúvida a idoneidade do coletivo. De todo modo, fala-se primeiro em pré-validação do discurso de informação independente. É justamente a nova linguagem de cobertura que interessaria, uma vez atrelada a um grupo voluntário que, abertamente, demonstra um posicionamento ativo frente às coberturas que faz.

³²⁵ E não estamos dizendo com isso que o público seja homogêneo e/ou que se preocupar com um mote em destaque seja necessariamente favorável a ele, quando, o que se viu (e se verá com mais atenção na seção de interação) foi um comportamento (ainda que relativamente menor) também de crítica aos movimentos sociais e às ações deles, quando não até ao próprio repórter Ninja.

³²⁶ Ou, relativizando, fugindo do conceito, pessoas vinculadas à luta por uma (ou mais) causa(s).

Figura 29 – Contratos encadeados



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em resumo, queremos dizer que há, invariavelmente à cobertura, um contrato prévio de comunicação que implica ao Mídia Ninja realizar a transmissão e, mais do que isso, atuar de forma efetiva, para além da função mídia, mas assumindo o caráter ativista dele, em manifestações populares de defesas de causas sociais (de interesse público). Não obstante, ainda que o veículo fuja de algumas regras dos critérios de noticiabilidade, há um previsível comportamento de audiência que sugere uma participação maior (desejo de saber) quanto, proporcionalmente, forem os índices de “atualidade” e “desordem social” do tema em evidência.

Não é sem motivos que, conforme expusemos o contexto, uma audiência heterogênea tende a se interessar por uma manifestação no dia da abertura da Copa do Mundo de Futebol (presentidade). Da mesma forma, quanto mais caos na transmissão (aliás, na situação comunicativa evidenciada pela cobertura), maior será o interesse dos *webespectadores*, conforme demonstraram os crescentes números de visualizações da primeira *live* até à última. Contudo, o ponto central ainda parece ser a proximidade, que corresponde ao que é tratado (e não da distância geoespacial). Como se teve no dia 12 de junho, em Belo Horizonte, uma pauta mista e ampla, em que movimentos de moradia se misturavam aos dos direitos LGBTTs, por exemplo (ainda que a crítica aos gastos com a Copa do Mundo fosse a frente principal), da mesma maneira se espera que a audiência também o seja.

E é aí que entra a questão sobre as classificações temáticas: o Mídia Ninja está falando sobre o que afinal? Há, em nossa opinião, um ponto nuclear, o pau-de-fitas, que entrelaça as tiras, aparentemente distintas. Ele não fala de moradia (apenas) para o sem-teto, de direitos LGBTTs para os *gays*, de transporte público para os trabalhadores, de racismo para os negros,

e/ou de violência para os pobres moradores de favela. Esse público bem que pode compor a audiência Ninja, mas o coletivo aborda todos esses temas para o cidadão, ou ao menos para o sujeito que quer ter um comportamento do gênero. E, nesse sentido, o propósito seria o resgate da cidadania, da promoção verdadeira de uma condição de comunidades estigmatizadas e feridas nos direitos delas de gozar de liberdades.

Mas mais importante do que tratar sobre, é o dizer com. É o estar ao lado. É fortalecer as ações que visam exatamente o que fora evidenciado no parágrafo anterior. E isso se daria por meio do midiativismo, inferimos que com um pouco do que evidenciamos até o momento e do que ainda visamos examinar. É a junção da mediação informativo-midiática que potencializa o conhecimento sobre as atividades dos grupos minoritários (na condição deles de subalternidade aos grupos hegemônicos) somada a uma participação efetiva nos atos articulados por estes.

Enfim, o propósito não é só o de informar, registrar a manifestação, e evidenciar os temas tratados nela; nem só o de uma atuação ativista; tampouco é apenas o de dar voz aos movimentos sociais presentes, cidadãos e ativistas sem vínculos, que não encontram espaço para projeção em outras mídias; assim como não é somente o de estabelecer uma narrativa mais próxima do que de fato ocorre no protesto, em detrimento de uma construção editada, baseada no relato de um repórter e sua equipe; nem é exclusivamente o de problematizar sobre as questões correlacionadas ao ato; ou é o de transmitir, em tempo real, o que acontece no país, poucas horas antes da abertura da Copa do Mundo de Futebol, direto do *front* em que os enfrentamentos acontecem; ou, enfim, constituir um canal em que não só quem está na concentração ou na marcha possa falar, expressar-se, reivindicar, discutir, dialogar, mas também aqueles que estão ausentes, de frente a um equipamento com acesso à *Internet*, em que possam postar o que quiserem em um *chat* paralelo à cobertura. É, em nossa opinião, tudo isso que, de modo complexo, e por vezes paradoxal, conforma o propósito em análise.

Contudo, e já estamos a encerrar, não podemos esquecer que tudo isso se conforma a partir de um jogo de afetos. Ainda que estejamos pensando em grande medida em um *webespectador* idealizado que é ligado à causa social (qualquer seja, desde que preveja a igualdade entre os indivíduos), tem-se uma mediação da informação que imputa, como dispositivo, determinados comportamentos que, em maior ou menor grau, serão guiados por um conjunto de efeitos norteados pela tríade *logos-ethos-pathos*.

Não nos parece assim que seja apenas por uma questão de semântica etimológica que, no binômio, a mídia venha antes do ativismo. A condição de interseção e equilíbrio é fundamental para o contrato funcionar com excelência. Mas há de se ter cuidado com as *mise-*

en-scènes (de ocorrência natural e/ou provocadas) e perceber que o comportamento do público é guiado às vezes com mais atenção em razão dos conflitos (nutrir a tensão para manter atenção), em detrimento do conteúdo.

5.3.2 *Dimensão verbal-enunciva-enunciativa*

Partimos agora para os dados internos do contrato comunicativo, a fim de analisar como os enunciados são apresentados pelos repórteres Ninjas, avaliando a dinâmica dos modos de organização discursiva das transmissões, e, como se vê a seguir, as modalizações nos atos locutivos.

5.3.2.1 *Atos locutivos*

Sobre os atos enunciativos de base, têm-se várias observações. Conforme se propôs na metodologia, apresentam-se aqui considerações acerca da abordagem de cada Ninja. Manteve-se como (sub)recorte principal³²⁷, para tanto, a escolha empreendida para a análise das finalidades – explorada na seção anterior³²⁸. Ainda assim, em momentos específicos são feitos apontamentos que indicam recorrência no trabalho dos repórteres, observadas no conjunto de inferências posto a partir do reconhecimento dos dados de contexto.

Assim, novamente, o que visamos observar são as diferentes posições assumidas discursivamente pelos midiativistas durante uma transmissão, a fim de compreender de que maneira a modalização da/na enunciação ajuda a conformar um modo de agir do Mídia Ninja na sociedade em que está inserido, bem como auxilia na própria (re)construção social da realidade, indicando, afinal, as possíveis intenções dele³²⁹.

³²⁷ Principal, pois utilizar-nos-emos, de modo geral, de todas as transmissões empreendidas pelos (cada um deles) Ninjas, visando encontrar recorrências e observar as particularidades.

³²⁸ Vale advertir, então, que a leitura da seção atual se faz mais zelosa após o conhecimento do que fora escrito no dispositivo contextual, mais especificamente nas finalidades. O dado preciso, aliás, é que para evitar repetições, levamos em conta o caminho processual do leitor na mesma sequência que resumizamos, fazendo aqui menos descrições (sobretudo do que empreendemos nas páginas anteriores) e nos direcionando mais precisamente às análises – o que vem a ser uma tônica também das seções porvindouras.

³²⁹ Não nos atamos a um método conteudista, visando contar cada um dos pronomes, verbos, adjetivos e locuções adverbiais utilizadas pelos Ninjas. Procuramos observar atentamente as transmissões, analisando as construções das frases por parte dos repórteres, destacando o estatuto e a aplicação delas dentro das narrativas. Assim, o que se tem aqui é a essência de nossa avaliação, destacando algumas passagens marcantes quando conveniente.

Assim, começamos alfabeticamente com Alex Demian, e já fazendo pontuações mais gerais, que recaem sobre todos os Ninjas³³⁰. O repórter de São Paulo mantém certo equilíbrio entre um posicionamento elocutivo e o delocutivo; isto é, ainda que assevere a opinião dele em diversos momentos, tenta afiançá-la com um saber prévio localizado num hipotético senso comum do conjunto idealizado de espectadores, ligado a – ou no mínimo consciente da – causa em evidência. Indagamos que esse conhecimento de base estaria na conformação do contrato comunicativo dos Ninjas com a audiência deles, sobretudo no que concerne à perna ativista aí inerente.

Quadro 12 – (sub)Recorte de transmissões para análise dos Atos Locutivos

Ninja(s)	Data	Evento
Alex Demian	30/06/2014	Votação do Plano Diretor (São Paulo)
Cláudia Schulz	12/06/2014	Manifestação contra a Copa (Porto Alegre)
Dênis Nacif	02/07/2014	Ocupação da Prefeitura (Belo Horizonte)
Felipe Altenfelder	04/07/2014	Preparativos do jogo Brasil x Colômbia (Fortaleza)
Filipe Peçanha	13/07/2014	Manifestação contra a Copa (Rio de Janeiro)
França e Vidigal	12/07/2014	Plantão na Cidade da Polícia (Rio de Janeiro)
Fred Porto e Karinny	12/06/2014	Manifestação contra a Copa (Belo Horizonte)
Gian Martins	23/06/2014	Manifestação contra a violência nas favelas (Rio de Janeiro)
Isadora Machado	02/07/2014	Debate sobre a criminalização de protestos
Letícia Pocaia	21/06/2014	Ocupação de terreno pelo MTST (São Paulo)
Lóris Canhetti	01/07/2014	Votação da Lei da Cultura Viva (Brasília)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Aliás, em muitos momentos, esse comportamento será recorrente no trabalho dos Ninjas, pelo que vimos. Há uma remissão constante ao “todo mundo sabe que”, ainda que

³³⁰ Ratificando o que já fora dito, essa é uma métrica pedagógica que adotamos; são empreendidas observações sobre o Mídia Ninja em geral ao longo do texto, ainda que destacando pontualmente o trabalho de cada midiativista. Evidenciam-se fragmentos da dinâmica enunciativa dos repórteres e, quando estas são recorrentes, salientamos a característica no transcorrer da análise, ainda que ao final seja empreendida uma breve análise conjuntural.

essa expressão tantas vezes apareça suprimida. Essa estratégia ajuda os repórteres a modalizarem um determinado posicionamento, suavizando o peso elocutivo e, não sem motivos, auxiliando na atestação de verdade – na medida em que se trataria de uma informação que seria de conhecimento e adesão pública.

Assim, esse tipo de construção discursiva pretende agir sobre a audiência que pode até não fazer parte desse supracitado “todo mundo”, mas é impelida por um efeito visado de que, se não pensa assim, deveria pensar, na medida em que faz parte de um grupo que se posicionaria de um lado da causa. Estamos falando de marcações que, embora sutis, assinalam um maniqueísmo do contra *versus* o a favor, ainda que as questões sejam muito mais complexas.

Não estamos afirmando, com isso, que o espectador se entregue ao discurso sem reflexão. De outra maneira, o próprio (Mídia) Ninja deve ter consciência do posicionamento crítico dos seguidores. Falando especificamente de Alex, a marcação alocutiva vem de forma mais clara quando ele, inclusive, indica aos internautas que procurem saber mais sobre o Plano Diretor de São Paulo, acessando a *sites* diversos.

Contudo, as trocas dele com a audiência são raras e muito poucas entrevistas são empreendidas, para que um comportamento alocutivo seja dado como característica desse Ninja, que tem, vale assinalar, pouco costume em dar a palavra a outras pessoas; isto é, de modo direto, pois como vimos na seção de finalidade, ele, por diversas vezes, “pegou carona” em fala dos vereadores proferidas a outros órgãos de comunicação.

É aí, na maioria dos casos, que Demian encontra espaço e estímulo para arriscar um comportamento elocutivo, correspondente às opiniões e avaliações, fundamentadas ora em juízo de valor, mas muito mais em um conhecimento acerca da dinâmica política-partidária (e até social) da cidade de São Paulo. Contudo, na maior parte do tempo o Ninja tem um comportamento delocutivo que vem nas constantes descrições e narrações sobre o andamento da votação no local, além de outros dados contextuais.

Há, em alguns momentos, uma amálgama interessante entre as três frentes enunciativas. A ironia de Alex faz com que ele agencie, por exemplo, uma espécie de nota pé³³¹ em que diz: “[...] como vocês puderam conferir, o lixo ganha mais um cheiro ruim em São Paulo”. A frase começa reivindicando a presença do interlocutor (*webespectador*),

³³¹ Fazemos referência aqui ao telejornalismo, em uma apropriação muito particular. Naquele campo, a Nota Pé “[...] refere-se a uma informação adicional, prestada pelo apresentador do telejornal, sobre o assunto da matéria que acabara de ser exibida. É um fechamento, que pode compreender não apenas um complemento do que foi veiculado, mas um editorial – a opinião do noticiário, da emissora e/ou do próprio âncora”. (BRAIGHI, 2012, p. 79).

denotando o caráter alocutivo do período. Aliás, em nossa opinião, essa marcação visa especificamente chamar a atenção da audiência para uma avaliação em especial (pois poderia ter sido feita, como tantas outras, sem o reforço ao olhar do internauta para a questão).

No mesmo trecho, logo de início, Alex transfere a responsabilidade para a audiência no que concerne a compreensão do que foi dito em entrevista por um vereador, no “[...] como vocês puderam conferir”. Há assim uma espécie de comportamento delocutivo, acentuado por uma pseudodescrição subsequente na frase “[...] o lixo ganha mais um cheiro ruim em São Paulo”. Ora, o *webespectador* não (ou)viu isso do edil, senão pelo que o Ninja acabava de dizer. Enfim, há aqui a elocução pautada pela metáfora adjetiva, mascarada por uma delocução (transferência do que foi dito a outrem), assinalada de início pela alocação, para tratar de uma questão relacionada ao meio ambiente.

Alex suaviza a posição dele por meio da remissão de um possível conhecimento da audiência, saber reivindicado no discurso dele e pela dinâmica interacional entre Ninja e participantes da cena enunciativa. Aliás, o que foi dito em entrevista é recondicionado de modo a dar peso a um determinado posicionamento (ativista), e lançado de volta ao *webespectador* que, afinal, realmente acompanhou o diálogo, mas provavelmente poderia ter amarrado as informações de modo diferente, ao menos até então, frente a um efeito de nó específico visado pelo repórter.

Parece simples a citação, mas a estratégia de Alex (e, em verdade, de outros Ninjas) de transferência de responsabilidade para o que está possivelmente dado no texto verbal e visual, é recorrente. Em uma outra transmissão, no dia 23 de junho, ele diz que o “[...] governo gastou bilhões de reais aí no aparato repressivo, como vocês podem acompanhar, o equipamento é novinho, mas o salário...”, como forma de atestar a paradoxal atuação dos policiais militares que, em detrimento dos apetrechos profissionais recentemente adquiridos para eles, não teriam conseguido aumentar os próprios salários, conforme, com uma singela marcação discursiva, passa a ser de conhecimento e confirmação (senão de adesão) da audiência³³².

Um comportamento especial de Alex, comum em várias transmissões e repetido no dia 30 de junho em análise, foi o de fechamento da cobertura com um resumo, uma retomada do que acontecera no dia. Essa prática, aliás, é muito comum entre os repórteres Ninjas.

³³² Demian, aliás, ainda lembra “[...] que nessa semana aí que passou, ao mesmo tempo em que os metroviários estavam em luta pelo aumento, a classe trabalhadora dos policiais militares também reivindicaram aumento dos salários”. De acordo com reportagem da *Folha de S.Paulo*, houve protesto de policiais militares no dia 4 de junho, reivindicando 19% de aumento no salário. Disponível em: <<http://goo.gl/t5e4zZ>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Acontece que, em detrimento de uma posição tão-somente delocutiva (haja vista que o que se espera é uma descrição em retomada da narrativa), observa-se a marcante posição elocutiva, com a adjetivação positiva de um lado da causa. O trecho abaixo assinala o que se procura destacar.

Estamos na frente do Palácio Anchieta, onde a gente tava acompanhando a votação do Plano Diretor, que foi aprovado. Mídia Ninja acompanhando essa luta pela aprovação de interesse também dos movimentos por moradia, desde a semana passada. Chegamos aqui junto com os militantes do MTST no Palácio, e acompanhamos todos os passos do que foi essa pressão do poder popular para a votação do Plano Diretor.

O Mídia Ninja, do qual Demian faz parte, ora é colocado em terceira pessoa, ora desaparece na reivindicação da primeira do plural. Quando esse “nós” aparece, como já havíamos dito, há uma espécie de inclusão do *webespectador* no trabalho midiativista e, por conseguinte, a um dos lados da causa. Mas esse é um efeito que, ainda que forte, não consegue mascarar (ao menos quando em análise) que se trata de um comportamento elocutivo do(s) Ninja(s). Há aqui, nos parece, um investimento no lustrar de *ethé* do veículo e do condutor.

Afinal, poder-se-ia dizer tão-somente de *ethos*, tendo em vista que é o Mídia Ninja quem ganharia mais. Contudo, na identidade dos Ninjas já havíamos visto que Alex é um dos poucos que assina a transmissão dando o nome dele a ver aos internautas. Há, por que não, uma busca de reforço de lugar do sujeito aqui, haja vista que, ainda que o contrato não tenha sido assinado por ele, as cláusulas são readitivadas ao longo de cada cobertura e que a elocução ganha contornos que são dados pelo locutor.

Contudo, não demora até que Alex encerre o *link* e se despeça: “[...] eu vou encerrando aqui a transmissão. Os Ninjas seguem em campo. E é nós!”. O repórter fecha a cobertura com aquele que seria um jargão utilizado com frequência por ele, fazendo referência ao trabalho constante dos colegas midiativistas, em devotada atenção ao que acontece no Brasil em relação às causas e bandeiras defendidas pelo veículo do qual faz parte. Ao final, uma típica gíria do jovem paulistano. A expressão faz alusão à presença e parceria do (Mídia) Ninja com o *webespectador*: estamos juntos. Estratégias discursivas singelas, mas com potencial efeito junto à audiência.

Em seguida, tem-se a Ninja Cláudia Schulz. Provavelmente, de todos os Ninjas desse veículo, ela seja a menos elocutiva (a relativizar mais e a evitar os posicionamentos) e a mais alokutiva (em proximidade com Vidigal), na relação com a audiência e não com os

participantes da cena enunciativa. Isto é, não é muito característico por parte de Branca tecer opiniões e avaliações, senão asserções fundamentadas em um conhecimento prévio – ou dentro da transposição narrativa dos fatos que se sucedem ao longo das manifestações cobertas, sempre pautadas por uma eficiente descrição, ainda que muitas vezes motivada pelas questões advindas do *chat*.

Assim, o caráter delocutivo dela é mais evidente, marcado também pelo apagamento com longos momentos de silêncio. Dado o lugar principal como locutora, as provocações no *chat* em geral tendem a gerar respostas pontuais, possivelmente outrora já colocadas nas informações arranjadas nas descrições dentro da sequência narrativa. Nesse sentido, com Branca, a enunciação parece guardar-se mais a uma tentativa de possível naturalidade de emergência dos fatos, transpostos à narrativa com a menor interferência possível, ainda que com o tentame de cobertura o mais amplo possível – daí a chamada da Ninja para que as pessoas acompanhassem o registro colaborativo feito pelo Mídia Ninja e outros veículos no Rio Grande do Sul. Da mesma forma, talvez venha dessa fonte a recorrente crítica ao trabalho dos *media*, presente na palavra de Schulz, momentos esses em que a posição elocutiva dela se dá a ver de forma mais clara.

Contudo, o cuidado da Ninja com a elocução (em até não a utilizar) se dá perceptivelmente mesmo em afirmativas relacionadas à quantidade de pessoas que participavam do ato. No dia 12 de junho, em análise, foi interessante perceber as variações de Schulz em relação a uma possível determinação na contagem de ativistas presentes, o que se repetiu ainda no dia 15 de junho – quando o número de manifestantes não passou de uma centena.

No papel de locutora e participante do ato, caberia a ela fazer o que os *media* transferem aos militares (como fonte (possivelmente) legitimada socialmente – ainda que quase sempre contradita pelos ativistas) nas matérias jornalísticas; manadeiro de questionamentos dada a dificuldade de precisão. Ciente disso é que procura relativizar a opinião dela, indagamos, fugindo à responsabilidade (ou frustrando as expectativas dos *webespectadores*).

Assim, assinalamos que a elocução, ainda que tênue, aparece com Branca quando ela age mais naturalmente e dá a ver a opinião dela em sutis fragmentos. Ainda no dia 15 de junho, a fala de Schulz parece intensificar aquilo que só a Ninja porventura vê, ou sente³³³. Estamos falando da utilização da interjeição típica do dialeto gaúcho “bah!”, aplicada pela

³³³ Já que algumas imagens não parecem mesmo condizer com o que é dito, pois não dá notadamente a percepção da quantidade de militares.

Ninja para exprimir o espanto ao ver a quantidade de militares, ao mesmo tempo agindo como efeito ficcional e, em certa medida, influenciando a patemia: “Aqui na frente a gente tem o choque. *Bah!*³³⁴ Muito brigadiano. Tem brigadiano por todos os lados”.

Apesar da disparidade na quantidade de pessoas dos dois lados, os ativistas não deixaram de encarar e questionar os brigadianos, que não respondiam aos manifestantes acerca daquela atitude. A cena tornava-se ainda mais contraditória, visto o grande número de profissionais da imprensa de massa e de midiativistas para a cobertura do ato naquele momento. No mesmo local e ocasião também começa uma descontraída brincadeira com uma bola de futebol. O contexto atípico desconcertou Cláudia e a elocução veio, acredita-se sem *doblez*, de forma diferente. Após rir, admite, em tom irônico e baixo volume: “[...] isso aqui chega a estar engraçado”.

O que inferimos é que Schulz procura ter uma ação intencionalmente mais imparcial; o que em nossa opinião não chega a contradizer a política do Mídia Ninja. Isso porque ela fisicamente se aloja no grupo manifestante e o acompanha de perto, fazendo frente à Brigada Militar, ainda que pouco adjective os comportamentos (senão pelas marcações de disparidade de quantidade nos efetivos). A neutralidade advém, em nossa percepção, exatamente de um comportamento delocutivo mais bem marcado e acentuado, o que tende a demonstrar uma intenção em responder à via mídia, ainda que a ativista não seja levada firmemente a cabo.

Dênis Nacif, Ninja com atuação em Minas Gerais, como se viu anteriormente, tem por característica apresentar sempre o maior número de dados e informações relacionados à transmissão em curso, preocupando-se em sempre manter ativa a locução dele, ainda que isso lhe custe repetir o que outrora já havia dito.

A dinâmica narrativa e descritiva dele, então, o deslocaria para um comportamento delocutivo mais bem marcado, devido à constância desse tipo de investida. O propósito comunicativo, no que se refere à cobertura de uma manifestação, nesse sentido, se deu a ver de modo planejado, numa ancoragem constante do texto verbal com as imagens. Isso, não fossem as qualificações, ou mesmo o uso de locuções adverbiais que intensificam as características do evento narrado, demonstrando as nuances elocutivas por parte de Dênis.

Não se precisaria repetir a constante adjectivação positiva dele à ação dos movimentos de ocupação urbana em Belo Horizonte, tanto quanto as críticas (algumas delas ajuizadas sem comprovações) ao outro – o governo, materializado pela Polícia Militar –, seja na transmissão

³³⁴ É difícil na transposição para o papel registrar os elementos retóricos. Ao expressar essa interjeição, Branca utiliza de diferenciada entonação, arrastando a pronúncia da vogal, acentuando-a em exclamação.

do dia 2 de julho, seja nas anteriores (quando o mote eram os atos contra a Copa do Mundo de Futebol).

Na cobertura em análise, por exemplo, ele trata não só do que se pode observar *in-loco* (na ocupação em frente à Prefeitura da capital mineira), mas do que porventura estaria a acontecer em outros dois prédios públicos. Para efeito do modo enunciativo, tem-se a delocução, na apresentação de informações sobre acontecimentos que decorrem em outros sítios (quer se consiga comprovar ou não). Contudo, essas informações servem de munição a Dênis para disparar valoração desfavorável do trabalho dos militares e sustentar a opinião dele (aliás, dos Ninjas em geral), que, inclusive, já vinha sendo afiançada ao longo da Copa do Mundo de Futebol.

Dênis pouco se apaga na transmissão, a não ser principalmente quando para o registro dos diálogos (negociações) entre as autoridades e os representantes do movimento. Nessas oportunidades, limita-se a pôr o *smartphone* em riste, o mais próximo da discussão, aproximando o interlocutor ao máximo da cena registrada. São os raros momentos de silêncio dele, haja vista que, após a suspensão do aparelho, retoma quase sempre com um resumo do que acabara de focalizar, em que a delocução dá lugar a opinião para caracterizar o que se viu sob o ponto de vista dele.

O interlocutor na *web* é pouco chamado a responder, tanto quanto são limitadas as reativas de Nacif ao que se discute no *chat*. A audiência, contudo, não é esquecida por Dênis, que procura sempre reivindicar um “nós” nas transmissões (ao passo que suaviza pontos de vista e chama a atenção para o conteúdo apresentado). A alocação, então, nos termos metodológicos que estamos tratando, se dá com Dênis mais nas entrevistas que empreende (pouco no dia 2 de julho e mais nas coberturas dos protestos contra o torneio esportivo).

Ainda assim, na transmissão em análise houve por parte de Nacif a chamada aos internautas para que se deslocassem ao ato, de modo a fortalecer a ação. A modalização, no entanto, enquadra-se no “quem quiser”. Assim, não se tem um ato diretivo, tampouco um estatuto frásico que demande necessariamente uma resposta do interlocutor (verbal ou com ação efetiva). Contudo, há a alocação presente pontualmente. Ela ainda apareceria na relação com os *webespectadores* quando Dênis pede para que a audiência replique o *link* da transmissão (não só nessa cobertura), o que indicaria um alinhamento dela com o viés ativista da relação midiática estabelecida – se o fizesse.

Há aparentemente pouca argumentação por parte de Nacif, o que sugeriria um comportamento menos elocutivo nesses termos. Contudo, ele também tem as investidas dele, com uma sustentação que não chega a ser frágil, mas por vezes um tanto abstrata ou ligada à

camada mais primária dos direitos universais, reivindicando um conhecimento geral que, apesar disso, auxilia na sustentação de uma opinião pessoal de Nacif.

A elocução com Dênis, infere-se, pode aparecer até com a adesão aos cânticos dos manifestantes. Não é o que aconteceu em 2 de julho, mas certamente nas manifestações contra a Copa do Mundo. Aliás, não só da parte dele, mas também de outros Ninjas. Indaga-se que ao fazer parte do coro ativista, não se tem uma suspensão da condição locutora, mas a transposição das palavras de ordem musicadas para a dinâmica enunciativa. De modo lúdico, o posicionamento é modalizado. Reiterar o “[...] não acabou, tem que acabar; eu quero o fim da Polícia Militar” é trazer a mensagem para a linha narrativa do Ninja e colocá-la azeitada no bojo de uma crítica que, ratificamos, está na espinha dorsal das transmissões do coletivo (ao menos durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014).

Girando o plantel Ninja, pouco se pode perceber de Felipe Altenfelder com o recorte que temos, conforme já fora salientado. Todavia, há um apelo dele a um nós que sugere a presença do Mídia Ninja (aliado à audiência) nos arredores do estádio do Castelão, em Fortaleza. Assim, percebe-se um reforço de presença que corresponde à elocução. O Ninja se direciona, não obstante, a um projeto de cobertura que não vem a se concretizar. Nos poucos minutos da primeira *live*, consegue-se extrair um pequeno conjunto de informações pouco relevantes, senão apenas de descrição muito localizadas, demonstrando uma proposta de comportamento mais delocutivo do repórter.

Contudo, se se almeja caracterizar a (tentativa de) cobertura de Altenfelder, ela seria, ao menos em nossa opinião, tão-somente elocutiva, na medida da função dele de registro de capilaridade de atuação do Mídia Ninja pelo Brasil, apresentando a presença de um Ninja em solo nordestino (o que não se deu durante a Copa do Mundo de Futebol, mesmo porque não há um canal oficial naquela região).

Já Filipe Peçanha, o Carioca, é o mais elocutivo de todos os repórteres. Talvez isso se deva ao fato de, nada obstante, ele ser o Ninja com transmissões mais estendidas. Isso acaba conferindo-lhe mais tempo para tudo, entre o que estaria descrever e narrar (em uma postura delocutiva), empreender entrevistas e dialogar com os internautas (em alocação) e também colocar a opinião e a avaliação dele em extensos editoriais, alguns deles dirigidos à audiência e outros tantos à autoridade policial – quando, em verdade, como já colocamos anteriormente, quer atingir mesmo esses dois destinatários.

O comportamento dele é antes de defesa do oprimido/excluído, do que de crítica acrimoniosa ao comportamento da polícia e dos governos estaduais e municipais do Rio de Janeiro. Utiliza-se, em muitos momentos, da ironia, dando leveza a avaliações duras e

contumazes aos políticos e militares cariocas. Tem, para tanto, um aparente amplo conhecimento de base, fazendo recortes histórico-contextuais que, em detrimento da pura delocução (numa recuperação de fatos que auxiliam na compreensão da narrativa), lhe servem de trampolim para mergulhar nas depreciações ao Estado e à força policíesca.

A transmissão em análise tem quase sete horas de duração. Parece evidente, mesmo sem conhecer a fundo o contexto, e o que de fato se deu nesse tempo, que num período tão extenso muitas ocorrências podem se dar e que, por conseguinte, isso pode afetar a dinâmica comunicativa do Ninja que conduz a transmissão. Como já fora exposto, essa cobertura começa com uma manifestação pacífica e termina em um grande caos – em ações desproporcionais dos militares.

Dessa forma, houve na mesma medida variações no comportamento de Peçanha. Se num primeiro momento via-se um Ninja mais alocutivo, na segunda parte (a das ações da polícia), as interações de Filipe seriam localizadas, a saber principalmente as discussões com os guardas. É, inclusive, na ausência da emergência de acontecimentos de grande impacto que o midiativista conseguiu fazer entrevistas e até interagir com a audiência de forma mais ativa.

A variação da elocução, no entanto, dar-se-ia no peso das palavras e nos aspectos oratórios (volume de voz, entonação, fluência, entre outros), pois a crítica que vinha sendo agenciada desde o início da transmissão ganharia relevo mais com as imagens, justificando e fundamentando não só o que havia sido dito, como o que Filipe ainda iria apregoar.

Uma ação interessante por parte de Peçanha e que nos serve de recorte alegórico para pensar em atitudes análogas também de outros Ninjas é como as relações estabelecidas com personagens da cena enunciativa acabam deixando os internautas como terceiros na transmissão. Em ocasiões como essas, quando há conversas paralelas dos repórteres com conhecidos ou enfrentamentos discursivos com militares, o midiativista parece pender menos para o papel locutor dele. Nesse sentido, ao ter a condição personagem/participante de contexto alçada, parece haver um efeito delocutivo na transmissão (exatamente pela vacância do lugar do locutor).

É o que já havíamos apontado anteriormente. O midiativista é um sujeito composto por múltiplos papéis. Não estamos dizendo que ele deixa de ser quem é em uma determinada ação. Contudo, há um efeito visado (intencional ou não – ainda que nos pareça que sim no caso de Filipe), que pode (ou não) efetivamente se fazer produzido, dada uma estratégia discursiva diferenciada.

Mas qual é a questão de interesse, afinal? Ao ter o papel locutor (sujeito repórter) sobreposto (em desequilíbrio momentâneo) pelo de sujeito de relações (ou manifestante), a

elocução dele pode ganhar ares delocutivos. Na medida em que o responsável pela enunciação condutora do *webespectador* pela narrativa se apaga (em detrimento de uma personagem da cena), não se poderia mais falar em ato locutivo, senão aquele que trata da intenção comunicativa dada com o registro de uma determinada situação.

Isso significaria retirar o peso da elocução do locutor (convertido em personagem), ao passo que lhe dá, inferimos, mais força, justamente por esta se alinhar à perspectiva ativista. É o que acontece muito com Filipe Peçanha (e com tantos outros Ninjas), muito mais em razão da postura manifestante a ser assumida em situações em que, ao travar discussões com os militares, agencia depreciações fervorosas aos comportamentos da corporação, quase sempre em tons provocativos que visam a resposta (efetiva) dos praças.

É, assim, muito alocutivo também. E não só por isso. Carioca é um dos que mais articula entrevistas com participantes dos atos. A interação com a audiência existe, a fazer direcionamentos, na reivindicação de um “nós”, ao lançar questões para os *webespectadores* e, claro, a responder perguntas que vêm do *chat*. Por fim, conforme já relatamos acima, é também muito descritivo e narrativo, dando informações sobre o ato e acerca daquilo que o fomenta, apresentando uma frente delocutiva nesse sentido.

Já Carlos França e Vidigal, que dividiram a transmissão em 12 de julho, parecem ter posições discursivas variantes e diferentes, muito fruto de identidades díspares, conformadas por contextos de vida e profissionais distintos. No entanto, conforme havíamos apontado na análise das finalidades, o contexto parece condicionar a um comportamento comunicativo diferenciado dos dois, alinhando-os em uma dinâmica alocutiva – mais comum no segundo repórter – com os *webespectadores*.

Vidigal, como se veria ainda na transmissão de 13 de julho, em parceria com Filipe Peçanha, tem como característica uma troca constante e profícua com a audiência, o que não foi comum nas outras oportunidades em que França se colocou como midiativista a serviço dos Ninjas. Dado que em frente à Cidade da Polícia no Rio de Janeiro havia poucas informações a serem dadas (além das veiculadas), e a transmissão continuara em função da vigília, sobrou como espaço de estratégia a interatividade.

Assim, de modo leve e descontraído, França e Vidigal não só se dirigiam ativamente à recepção quanto eram reativos às investidas dos internautas, que tanto faziam questionamentos acerca da situação dos ativistas presos na capital carioca, quanto também estabeleciam diálogos fáticos com os repórteres.

Apesar de com pesos distintos, ancorados em fundamentações diversas – quase sempre em impressões pessoais –, os dois midiativistas encontram-se, porém, em um comportamento

elocutivo bem marcado. Eles pouco modalizam para colocar verticalmente o que sentem e pensam sobre diversos temas do país, quase sempre tendo como pano de fundo as práticas e características político-partidárias do Brasil. Assim, até quando o assunto é o futebol encontra-se, por parte da dupla, uma forma de se estabelecer crítica aos governos. Especificamente com Vidigal, a elocução ganha um contorno especial e inegável – ele, por vezes, coloca-se em terceira pessoa, numa autorreferência que chega a confundir as barreiras do indivíduo com o trabalho midiativista dele em redes sociais *on-line*.

Assim, sobrou-lhes não muito para a delocução (já que tentaram ser pouco redundantes e repetitivos), senão quando da descrição de contexto – ao que se referia a presença deles no local e as últimas informações sobre a prisão dos ativistas –, quase sempre amarrando o conjunto descritivo e narrativo com críticas asseveradas pelas avaliações e opiniões pessoais. E, nos momentos de silêncio que houve na transmissão, conferimos à delocução. Porém, pouco se tem de função informativa³³⁵, a não ser muito do registro como câmera de vigilância em plano aberto.

Nesse contexto, a alocação, na interatividade com os internautas, pode ser vista como posta em justificativa à cobertura e, mais do que isso, do propósito comunicativo, para evitar o vácuo. Tem-se a espera pelos (possíveis, ou não) momentos evenemenciais de impacto (a chegada/prisão de Sininho e/ou a liberação dos demais ativistas encarcerados), a serem vistos em tempo real, que gera a vigília midiática. Esta última, porém, é afanosa, inferimos, para locutores (que chegam a ter longos períodos de silêncio) e interlocutores (que não têm com quem cambiar, senão com os iguais em *chat*).

Estamos falando, em verdade, mais de uma segunda metade da transmissão. Na primeira, a condição supracitada chegava a equilibrar-se com a alocação empreendida com os interlocutores participantes, em algumas entrevistas³³⁶ arranjadas pelos colaboradores Ninja. Além dela, a argumentação em desfavor da atitude de prender os ativistas compunha a elocução dos repórteres, frente à descrição do cenário enunciativo. É, provavelmente, para evitar as repetições que se veem os silêncios, seguidos das já tratadas interações multimodais.

Voltando a Minas Gerais, vê-se que Fred Porto utiliza-se da reivindicação de um “nós” na maioria das abordagens que faz, sobretudo naquelas que são de ordem descritiva. No texto inicial, por exemplo, identificam-se ao menos oito marcas em que, em detrimento da elocução mais bem marcada (evidenciando o lugar que ele ocupava, física e discursivamente, na

³³⁵ Em um desses momentos, França deixa aparentemente propositalmente o áudio da câmera aberto (vale lembrar que em algumas situações a dupla colocou o equipamento em *mute*) para captar uma conversa entre duas senhoras, familiares de ativistas presos.

³³⁶ França investiu muito nessa proposta na cobertura do dia 12 de julho, defronte à Cidade da Polícia.

concentração da manifestação), o Ninja interpela a presença do *webespectador* com construções, tais como “vamos acompanhar”, “estamos vendo”, “estamos aqui”, “vamos conversando”, entre outras.

Compreende-se, então, que há um esforço na linha alocutiva, constituída não pela injunção, mas por uma interpelação leve, que chega a remeter às cláusulas do contrato comunicativo pré-estabelecido. Assim, haja vista que já há um apagamento físico do Ninja – em razão da ausência de imagem –, e a delocução poderia deixá-lo ainda mais ausente, o repórter opta por uma estratégia que o evidencia, mas o coloca no mesmo lugar de destaque da audiência.

As marcas elocutivas, aliás, são raras (ou mais difíceis de serem identificadas em razão de tênues distingues), percebendo-as com mais facilidade nas falas dos entrevistados, na medida mesma em que os participantes (manifestantes ou não) optam por frases abertamente opinativas. Como já dito antes, foi comum Fred (e tantos outros Ninjas) mencionar(em) ainda a expressão “luta” como elemento não apenas classificador, mas qualificador da ação dos movimentos sociais *in-loco*, exprimindo a condição de esforço/empenho na busca pela resolução de uma causa ou na resistência de uma oposição, demonstrando um juízo de valor do (Mídia) Ninja e, conseqüentemente, uma construção elocutiva.

Essas marcas aparecem, ratifica-se, de forma suave, quase imperceptível, nas construções de Porto em nota pé, empreendida, quando possível, após as falas dos entrevistados. A gíria “é isso aí”, utilizada recorrentemente e imediatamente depois das entrevistas, revela também uma perspectiva, ainda que dúbia, de elocução – na medida em que demonstra aprovação do que foi dito, mesmo que possa se referir, como o é também, de agradecimento à pessoa pelo depoimento (caindo na seara alocutiva novamente).

Não obstante, ainda que pareça contraditório, com Fred quanto maior é essa nota de conclusão da fala do outro, mais distante ela parece da elocução e mais próxima se localiza de uma delocução (pela descrição afastada acerca do tema abordado) e de uma alocução (quando reivindica a presença novamente do *webespectador*, ao dizer que “vamos entrevistar”, “vamos acompanhar”, “vamos saber”, entre outras). Fred não se aprofunda muito nas questões, tampouco evidencia demasiadamente a opinião dele; o faz com parcimônia, conforme pode ser visto no trecho a seguir.

É isso aí. E então estamos ouvindo a rua, a indignação do povo brasileiro e ao mesmo tempo tem muita gente que é a favor da copa, tem muita gente que é contra a copa. Então, se liga aí na eleição porque a conta ela vem de outros quinhentos e não só de agora. E então estamos aí acompanhando e vamos ver aqui as pessoas estão passando, estão transitando.

Em um mesmo trecho, percebe-se a confluência da alocação, com a tragada do *webespectador* à cena enunciativa como coconstrutor, a elocução, com a evidenciação da opinião, e a frágil delocução, com um afastamento de registro e descrição do que vem sendo exibido e evidenciado na transmissão.

Em outra passagem, mesmo sendo elocutivo – ao demonstrar a própria apreciação –, Fred articula uma relativização em relação à participação das pessoas no ato e reivindica uma certa isonomia por meio da alocação (“estamos pegando”), o que pode gerar um efeito de imparcialidade, logo de verdade, a ser atribuído ao Ninja. Na mesma medida, coloca-se, e traz o *webespectador*, para dentro deste julgamento crítico acerca do que acontece no local. Essa estratégia de modalização, com poucas palavras, atua num reforço ao *ethos* discursivo do (Mídia) Ninja e valoriza a posição de todos os internautas (já sabido que, nesse dia³³⁷, provavelmente, a audiência era ainda mais heterogênea).

Estamos pegando pessoas de todos os lados, da galera que fala que vai ter copa, da galera que fala que não vai ter copa. Mas o único entendimento é que todo mundo está aqui num protesto, numa luta para um Brasil melhor, com mais direitos, com mais oportunidades, e é isso que hoje estamos fazendo para a construção de um país melhor para todo mundo.

As pontuações elocutivas ficam mais claras em relação à dinâmica de Fred quando ele estabelece trocas com os entrevistados, colocando a opinião ou relato dele como elemento de cadência e/ou circularidade da fala do interlocutor. Nesses momentos parece haver um distanciamento das partes em relação ao *webespectador*, que se situa como um terceiro que, enfim, assume um lugar não mais de coconstrutor; situação em que Porto parece mais à vontade para declarar, com marcas mais evidentes, a posição dele – o que já tínhamos falado nesta seção sobre Filipe Peçanha e no bloco das finalidades sobre Cláudia Schulz.

Kariny, por sua vez, é muito mais delocutiva; procura, mesmo em meio aos confrontos entre policiais e manifestantes adeptos da tática Black Bloc, descrever a cena com certo distanciamento. Porém, é, em diversos momentos, também elocutiva; por exemplo, ao enunciar os palavrões-interjeições, exprimindo um pouco da sensação que tinha naquela ocasião, ao passo que também poderia caracterizar o contexto – efeito possível. A alocação acontece de modo pontual, seja quando se comunica com os participantes do ato (não na condição de entrevista), ou mesmo na interação direta com a audiência, na utilização de expressões como “galera” e “gente”.

³³⁷ 12 de junho, abertura da Copa do Mundo de Futebol.

A primeira palavra, gíria que designa uma proximidade de quem fala com um determinado grupo ao qual este enunciador se dirige (demonstrando pessoalidade), foi utilizada por Magalhães ao menos cinco vezes no espaço de pouco mais de 45 minutos – a última *live*. A aplicação parece ser para destacar um dado elemento ou situação, convertida em relato. Na primeira e na segunda vez, sobressai-se o fato de a polícia ter atirado balas de borracha contra os manifestantes; em seguida, chama-se a atenção para uma discussão que corria em paralelo no *chat*, acerca do número de pessoas que participaram do ato (Karinny reforça, pela terceira vez, desta feita chamando a atenção dos *webespectadores*, de que eram três mil pessoas a participar do manifesto).

As duas últimas evidenciam as ações dos militares contra ela; a quarta, então, indicando que o batalhão de choque se aproximava, correndo atrás dela e do grupo de manifestantes e, a última, na abordagem efetivamente realizada à Ninja. Essas duas últimas destacam, em detrimento da chamada ao interlocutor-internauta, uma posição da repórter na cena enunciativa. Já nas duas primeiras tem-se a alocação para destaque da delocução (como um alerta para um relato, ainda que distanciado, devido à importância dele), enquanto a do meio é a da própria gênese interlocutiva, em que Karinny reivindica o lugar dela na discussão impetrada no bate-papo, como fonte fidedigna da informação em debate.

A Ninja faz uso de construções como “a gente está aqui” e “estão correndo atrás de nós”. Contudo, diferente de Fred Porto, essas marcações ficam evidentes em relação à posição de Karinny dentro de um grupo (manifestantes adeptos da tática Black Bloc). Nesse momento, as modalizações de Magalhães deixam também de ser delocutivas (pois se inclui na primeira pessoa do plural, lugar este aparentemente não ocupado pelo *webespectador*, ao menos não no texto verbal, e ainda que os efeitos patêmicos possam sim os incluir) para se tornarem elocutivas.

Tanto Karinny quanto Fred, guardadas as proporções dos lugares que ocuparam nessa manifestação, procuraram, conforme veremos na próxima seção, ser mais descritivos. Nessas situações, Porto apela mais para a alocação do que Magalhães, que opta por uma posição delocutiva, a não ser quando quer destacar algum ponto, trazendo o *webespectador* para a cena ou chamando a atenção dele para determinada questão³³⁸. A elocução apresenta-se de modo localizado nas falas do Ninja, sobretudo em veiculações de opinião bem marcadas, enquanto que a repórter, em função da situação evenemencial de destaque, o faz pela

³³⁸ Vale lembrar que Karinny estava em meio a fuga de ativistas frente uma ação militar, num contexto completamente atípico, nada amistoso.

marcação de presença e destaque da sensação, o que direciona para o campo dos efeitos patêmicos.

O Ninja Gian Martins, que atuou no Rio de Janeiro, apresenta uma perspectiva alocutiva interessante. É com ele, conforme já expusemos, que as entrevistas com participantes da cena enunciativa mais se estendem – graças a um comportamento interessado e envolvido por parte do repórter, que alinha diversas questões com a fonte, extraíndo desta muita informação –, tanto quanto o ponto de vista dele acerca do tema em evidência.

Após os diálogos, Gian quase sempre lança mão de uma nota de fechamento, ainda que breve, em resumo do que fora tratado. Nesta, além da delocução (observada na descrição do que fora dito), é comum ver a opinião do midiativista sendo veiculada, endossando a elocução a reboque da palavra do interlocutor. No entanto, os entrevistados de Martins são militantes. Nesse sentido, já haveria (inferimos) um dar a ver de argumentos que, espera-se, estão alinhados a um discurso ativista que precede. É assim, aliás, que o Mídia Ninja em geral atua, na medida em que o “outro” (nomeadamente o Estado e a polícia, qualquer que seja o opressor) quase nunca tem capital sonoro nas transmissões.

Em resumo, ao entrevistarem pessoas ligadas às causas em curso, quaisquer que sejam, e mais alongarem esses diálogos, mais os repórteres se apagam. Nesse sentido, ainda que se trate de uma reativa das fontes às perguntas dos Ninjas (e, nesse caso, está configurada a alocução), têm-se sujeitos comuns ocupando o espaço de fala do locutor, pessoas que têm uma intenção tão-somente ativista, e não midiática, e que, por isso, de alguma forma, quanto mais tempo tivessem de exposição, mais teriam condições de fazer com que o *webespectador* desconsiderasse o filtro do comportamento enunciativo do veículo.

Contundo, intencional ou não, essa dinâmica serve de estratégia elocutiva para o Mídia Ninja. O veículo se coloca como parcial, mas é, ao conseguir demonstrar que os argumentos das ruas se igualam aos dele (e não o contrário, o que não é a mesma coisa), é que ele ganha fundamentação das ações e dos posicionamentos dele e permite que a audiência enxergue uma horizontalidade que semelha ser natural. Logo, a elocução perde em peso, mas ganha em força.

Gian é também muito descritivo e narra a sequência dos acontecimentos. Nesse sentido a delocução é arranjada em meio às diversas entrevistas e também a argumentações localizadas – que têm inseridas avaliações pessoais (numa conduta incitativa, muitas vezes) que também detonam comportamentos elocutivos de Martins, quase sempre a valorar a resistência dos moradores das favelas (e a condição deles de vítima), em contraposição à crítica ferrenha ao comportamento da polícia e do governo do Rio de Janeiro.

Essa mesma postura é observada em Gian na outra transmissão disponível para consulta. Ainda que o público e o mote fossem diferentes (no dia 28 de junho contra a homofobia), tratava-se também de uma manifestação em marcha. Nesta vê-se a continuidade de Martins no investimento às entrevistas (alocução), a descrição e narrativa constante (delocução) e o posicionamento elocutivo em favor de um grupo social também afetado pela violência e pela estigmatização.

Há por parte de Martins alguma interação com a audiência, muito localizada. Em geral, tem-se a alocução com os internautas de forma diretiva, na solicitação para que compartilhem o *link* da transmissão, numa chamada ciberativista dos *webespectadores*, de modo a dar mais visibilidade ao ato em curso, ainda que isso configure certa autorreferência ao Mídia Ninja (o que não é da parte apenas de Gian, mas de quase todos os outros Ninjas).

Isadora Machado, em São Paulo, mostrou mais um viés delocutivo – ao menos nas transmissões em análise. Alocação com a audiência e com os participantes da cena enunciativa são raras e as opiniões e avaliações bem guardadas. Retomando, então, a perspectiva das finalidades, observou-se que o tipo de evento narrado – assembleia pública/popular exige da Ninja que faz a cobertura um comportamento menos ativo (no que concerne às intervenções discursivas textuais dela), com o que se chamou aqui de apagamento maior dos repórteres.

Nesse sentido, questiona-se se a postura da midiativista tem a ver menos com uma escolha pessoal de comportamento como locutora do que às circunstâncias contextuais. Acreditamos que haja a influência, na medida em que a cena enunciativa tem poder dispositivo. No entanto, é interessante perceber como se dá o equilíbrio entre os limites da conjuntura com uma perspectiva de identidade da Ninja e dos colegas dela.

Isso só poderia ser sacado à prova com o contraste, de onde se poderia retirar, com certo cuidado, o sentido. Isadora fez mais uma transmissão pelo Mídia Ninja ao longo da Copa do Mundo. Esta, aliás, um dia depois, em uma marcha conjunta de MST, MTST e outros movimentos de reforma agrária e de ocupações urbanas.

Ela continua, no entanto, muito delocutiva. Contudo, é perceptível que o contexto diferente permite a ela colocar estratégias comunicativas distintas, algumas aglutinando elocução e alocução inclusive. Nesse dia, ela foi muito descritiva, procurando identificar os movimentos e grupos sociais envolvidos na manifestação. No entanto, Machado é um pouco confusa na construção das frases, deixando algumas delas incompletas. Parece haver uma demora no raciocínio para organização dos períodos, o que dificulta a compreensão do *webespectador*.

Mas, indo a um exemplo das investidas características de Isadora, no final da primeira *live* disponível para consulta, a Ninja abusa do coloquialismo e utiliza uma estratégia (ainda que não se possa afirmar a intencionalidade) de aproximação com os internautas. Ela encerra dizendo que “[...] agora a gente vai dar um *pause* de 10 minutos e a gente já volta. Não desliguem. Beijo!”

Aquém da observação sobre o balizamento temporal (de um intervalo que dura, em verdade, menos de cinco minutos) que pode ser utilizado como uma marcação para manutenção de audiência, Isadora envia um beijo aos espectadores. A expressão, utilizada à distância, não representa apenas que, se os interlocutores estivessem frente a frente, um deles receberia o ósculo. O ato tem, aparentemente, menos significado do que o discurso. Isso é, o que se percebe é uma demonstração de afeto, de cumplicidade, de ausência de barreiras, em um cumprimento que está para além do aperto de mãos, ou mesmo do abraço, numa interseção interessante da alocação com a elocução.

Não se tem registros de como a Ninja retoma a narrativa após essa despedida. O próximo vídeo disponível no *Twitcasting* para consulta é o oitavo do dia. Neste, já se percebe um pouco mais de dificuldade de Machado com a transferência de dados, o que limita a nossa análise mais refinada. Mas, como se viu, o comportamento de base dela é delocutivo, e as circunstâncias aparentemente permitem variações. Assim, retornando ao dia anterior, como já foi colocado, há a intercalação da narração com muitos momentos de silêncio, em função do registro dos discursos na assembleia.

Nesse sentido, há pouco espaço para que a Ninja invista em opiniões e avaliações, quaisquer que sejam. No entanto, é aos 38 minutos da segunda *live* que Machado, já a encerrar a transmissão, alinha a seguinte fala:

O importante deste debate é conectar estas pessoas que estão aqui. É alinhar a todos desse momento importante que a gente está vivendo, principalmente o momento de criminalização dos movimentos sociais, os inquéritos investigativos que estão sendo abertos, tanto dos trabalhadores em greve – como a gente viu no Rio de Janeiro com os professores, quanto com o pessoal do MPL aqui, a gente vê que a gente tá vivendo um momento que é essencial a gente alinhar esse discurso e pautar mesmo esse fim da polícia militar, essa desmilitarização

Como se vê, ela começa (primeira frase) com um ajuizamento pessoal acerca do valor do evento narrado, o que denota elocução. No segundo período, ela continuaria com esse direcionamento, mas aposta, de forma tênue, no apontamento ao interlocutor. Não chega a ser uma alocação, pois não se exige resposta direta. Contudo, tem-se um direcionamento e o

registro do internauta no discurso que “vive este momento importante” – tanto quanto a Ninja e os movimentos sociais envolvidos.

O “nós”, reivindicando na fala de Isadora como “a gente” (durante cinco oportunidades), em nossa opinião, ao mesmo tempo em que suaviza a opinião da Ninja – planificando-a ao colocá-la em um senso comum ativista –, é convidativa ao posicionamento do *webespectador*. Isto é, em teoria – ou discursivamente – o interlocutor conviveria com a (e teria consciência da) repressão social, teria visto o que aconteceu com os professores cariocas (mesmo sem ter elementos rememorados pela Ninja sobre o que houve com essa classe – indagando que seja algo ruim, ligado à coação) e saberia da necessidade de (o coletivo, inclusive) pautar um movimento em desfavor da Polícia Militar (o que parece ser, ratifica-se, uma pauta que atravessa quase todas as transmissões do Mídia Ninja, agendada ao longo da Copa do Mundo de Futebol com frequência).

Numa certa medida, tudo isso, então, parece ser a narração de uma situação contextual dada, de conhecimento geral, direcionando em certa medida a narração para a delocução enfim, ao passo que esta é a opinião da repórter. Quer seja ela ideologicamente construída, quer não, suportada por um ferramental enunciativo prévio, não importa; vê-se um comportamento elocutivo que resume toda uma transmissão em que, por convenção, a Ninja manteve-se delocutiva. Assim, permite-se ao internauta exercer a análise crítica dele sobre os discursos apresentados, mas ao final se amarra de forma muito particular a cobertura, dando mais um dado que tem, não se pode negar, forte valor representativo sobre o acontecimento narrado.

Enfim, o contexto parece mesmo exercer influência sobre o comportamento enunciativo dos locutores, mas há pequenos espaços para variações. Para além disso, é preciso avaliar (e isso é muito complexo, parece-nos) de que modo a inserção de avaliações e opiniões pode acarretar em direcionamentos, quaisquer que sejam. No caso em análise, nos parece que o tipo de elocução arranjada, amarrada em um apontamento ao internauta, trata de dar um panorama muito verticalizado de um evento narrado (o que não se pode dizer que é uma particularidade só de Isadora, na medida em que muitos outros Ninjas igualmente o fazem, sendo, no entanto, em geral mais elocutivos ao longo das transmissões, muito em função dos eventos narrados).

Também em São Paulo, Letícia Pocaia fez três transmissões completamente distintas. Como já se abordou, ela acompanhou uma ocupação urbana – ação em análise – e duas outras manifestações, sendo uma do MTST e outra do Movimento do Passe Livre. Na primeira, a delocução andava ao lado da (incisiva) alocação *in-loco*. Isso é, ao passo que a Ninja fazia

uma completa descrição da ação, procurava conversar muito com as pessoas que realizavam a investida.

Assim, há poucas entrevistas e mais conversas rápidas e descontraídas, fáticas, que ajudam a dinamizar a transmissão e apresentar um panorama geral do evento em tela. A Ninja procura falar com o maior número de pessoas possível, questionando se a “[...] montagem está ficando pronta [...]”, se “[...] estão gostando da ocupação e do lugar [...]”, e até “[...] de onde vieram”. A essa última pergunta, alguns respondem que são de outras ocupações. A repórter, então, aproveita o ensejo para justificar que estas são pessoas que vieram para “[...] ajudar os novos integrantes [...]” para “[...] fortalecer o movimento”.

É aí que são agenciadas também algumas frentes elocutivas. A adjetivação positiva do movimento é posta constantemente por Pocaia. Esta, aliás, é uma característica dela que se repete em outras transmissões. A alocação, no entanto, seria resguardada às poucas entrevistas que faria nas demais coberturas, com pouca relação com a audiência.

Essas outras delocuições, articuladas por uma constante descrição e efetiva narração, e elocuições seriam as marcas de Letícia. Na cobertura em análise, o tom da narrativa é leve e descontraído e, como já havia sido registrado anteriormente, em favor do MTST, a partir de uma problematização que evidencia, sobremaneira, a especulação imobiliária na cidade de São Paulo e as limitações de acesso à moradia popular própria.

Muito bacana. A gente deve ter mais de duas mil pessoas aqui, ocupando mais um terreno que seria para especulação imobiliária aqui em São Paulo, sendo ocupado por diversas famílias aqui no Jardim Morumbi [...] é um terreno muito grande, que pode ser ocupado por diversas famílias. A gente vê o pessoal muito feliz, por conseguir mais um terreno aqui em São Paulo que antes só servia para a especulação imobiliária aqui na região do Morumbi em São Paulo.

A Ninja, no entanto, não problematiza acerca das questões que fundamentam críticas ao movimento – e isso, antes, nesse mesmo trabalho, já foi salientado (e não só da parte de Pocaia, mais de tantos outros repórteres). Apenas reforça o apoio à causa, não só com a argumentação, mas ao evidenciar que fazem parte pessoas comuns, simples, caracterizadas (e qualificadas com representatividade), como trabalhadores que “lutam” (mais uma vez numa perspectiva menos substantiva, e que aponta à elocução) por uma moradia própria e popular.

Nesse sentido, e por outros motivos e fragmentos, é que não podemos falar em uma linha constante em apenas um comportamento enunciativo. Até uma aparente descrição pode estar carregada de opinião, e mesmo ter alojada no bojo dela pequenas investidas que direcionariam o registro pontual para a fundamentação de um argumento pró-ativista quase

sempre. Aliás, é difícil identificar, por vezes, qual é o caminho seguido em determinadas passagens, senão por inferências baseadas nas finalidades, outrora influenciadas pelo contrato comunicativo assinado previamente pelo Mídia Ninja com seus seguidores.

Com Pocaia, o contexto também parece ser determinante para um comportamento em especial. É uma situação atípica e que em verdade poderia gerar reações diversas em qualquer Ninja que conduzisse a transmissão. Leticia, no entanto, demonstra uma familiaridade, segurança e aproximação, o que acaba por reforçar o contrato comunicativo – inferimos. Isso se evidencia pela dinâmica enunciativa, que insere a midiativista na situação de forma tão natural que a narrativa ganha ares delocutivos.

Para terminar, Lóris Canhetti, em Brasília, nos parece pouco alocutiva com a audiência. Isso em razão de uma ausência de interação direta, compensada, no entanto, pela reivindicação a um nós da narrativa que inclui a audiência – conforme exposto na seção de finalidade. A alocação aparece no rápido diálogo dela com um funcionário da Câmara dos Deputados e, ao que mais interessaria à transmissão, em entrevistas localizadas com parlamentares de esquerda, favoráveis à Lei da Cultura Viva (os propositores desse projeto de lei, aliás, ligados à Comissão de Cultura).

No entanto, a discussão com um segurança da casa indica alguns elementos interessantes de análise. Em torno dos 7 minutos de cobertura, Canhetti seria abordada por um funcionário da Câmara que indica que ela não poderia ficar onde estava. Lóris afirma para o *webespectador* que “[...] estão tentando reprimir aqui a nossa intervenção. Vamos ver como a gente resolve”. O “nossa” e o “a gente” fazem apontamento alocutivo na remissão ao internauta.

É perceptível, contudo, que não se tratava de repressão ao trabalho midiativista, mas tão-somente da proibição da permanência no local, segundo as regras da casa, aplicadas pelo profissional, aparentemente, de modo respeitoso, inclusive. Ainda assim, o vocábulo parece ser uma constante no discurso ativista, utilizado, muitas vezes, sem critério. Contudo, mesmo que não se possa afirmar esse propósito, gera-se um efeito na audiência; a repulsa e a reprimenda ao comportamento do outro, que limita o pleno exercício do ofício midiativista (e logo um direito do *webespectador* de ver/participar).

Há aqui uma ação elocutiva que, em nossa opinião, convencionou-se, em verdade, por um discurso ativista que precede e é reverberado em uma alocação um tanto contraditória. Contudo, como se trata de uma ação que impede a ação da midiativista, é sumariamente adjetivada como tal, e o *webespectador* mais distraído naquele momento pode se confundir com tal construção, tomando-a como verdade, mesmo porque seria a transmissão dele,

problema para o qual ele teria que resolver – ao menos é o que o discurso de Lóris teria poder de evocar.

Não só por isso Canhetti deixa claro, desde o início, o posicionamento dela a favor do sufrágio do então projeto de lei. O comportamento dela é, assim, majoritariamente elocutivo, sendo observado até por um grito de comemoração ao posicionamento favorável de um deputado à causa.

“Vamos fazer pressão [...]” para a votação, expressão colocada pela Ninja não parece questionável quanto ao comportamento elocutivo dela, senão quase que como um convite à audiência, de modo que ela se fizesse presente, em fusão à repórter e aos movimentos sociais presentes na casa.

Evidentemente, Lóris também é delocutiva, principalmente ao fazer um apanhado acerca do que é e representa o projeto de lei da Cultura Viva, o conseqüente impacto (sem ajuizamentos), e as demandas para que fosse aprovado. Na mesma medida, tal como Alex na casa dos vereadores de São Paulo, mantém-se em silêncio durante alguns períodos, a registrar discursos de deputados, dando voz a dinâmica parlamentar como um todo. Nesses momentos, e essa ressalva vale também para o trabalho de Demian, tem-se a impressão de que o propósito comunicativo é efetivamente a ação dos políticos em tela.

Não obstante, como vimos na seção das finalidades, a presença nas casas parlamentares parece ser majoritariamente para fazer pressão em torno de uma votação favorável aos movimentos sociais, tanto quanto as representações desses *in-loco*. Nesse sentido, a delocução de certo modo significaria um ouvir para tomar posição sobre, em saber (e permitir – ao interlocutor/internauta – saber) acerca das posições para agir, muitas vezes com a contra-argumentação.

Enfim, tem-se como conclusão que os Ninjas se utilizam de uma variação no comportamento enunciativo, a depender de diversos fatores, a saber, principalmente, a identidade de cada um deles, seguido do plano de expectativas com o evento a ser narrado, as variações da situação e do contexto e, talvez, por último, uma intenção particular – senão influenciada pelo *ethos* do coletivo midiático – que se pauta pelo contrato comunicativo outrora assinado com a audiência.

Assim, os Ninjas são delocutivos, respondendo à via mídia de sua alcunha (ou informativos, em remissão ao J(ornalismo) do acrônimo), tanto quanto registram com afastamento, narram e descrevem com mais neutralidade e dão voz aos participantes da cena enunciativa. Nesta última, entretanto, já entrariam na condição alocutiva, já que guiariam os entrevistados com questões, não esquecendo da interação com a audiência.

A elocução vem com a agenciamento de opiniões e avaliações, num endosso à perna ativista do contrato comunicativo, seja com a crítica aos governos e, sobretudo, à polícia, seja com a valorização dos grupos oprimidos e estigmatizados, reforçada essa condição deles, quando não o caráter de resistência e enfrentamento cívico, no âmbito discursivo ou físico, o que corresponderia, nas palavras dos Ninjas, a uma luta legítima.

Não nos parece, porém, que haja um equilíbrio entre as três frentes. Aliás, a delocução corresponde a uma obrigação primária ligada à função de base do processo comunicativo. Isto é, sabe-se que há uma obrigação actualizada em informar; mais do que isso, em tratar sobre um determinado evento em curso. Este, porém, é um lado da moeda Ninja. O outro diz respeito ao ativismo, que se dá de diversas formas, entre elas, discursiva.

Assim, problematizar favoravelmente aos sujeitos que defendem uma causa (e posicionam-se contra forças supostamente opressoras) seria uma das responsabilidades dos midiativistas. Isso se dá constantemente, e muitas vezes o posicionamento ideológico de um conjunto de movimentos sociais, além dos ideais esquerdistas desses, são reconfigurados e reagenciados na fala dos Ninjas, que assumem essas posições e reivindicam muitas vezes o mesmo que os grupos em protesto.

Em diversos momentos, então, há uma linha limítrofe tênue entre a delocução – que evidenciaria os intentos deles (dos sujeitos em ato) –, com os nossos da delocução que, nada paradoxalmente, incluiria os internautas e esbarraria na alocação, sobretudo quando os discursos são convidativos à audiência, convocando-a a uma participação que é meramente retórica, mas que tem efeitos outros (que podem ser efetivamente produzidos).

Retomando, o que queremos apontar é que de certo modo a delocução gradua-se. Há informações de base que são pontualmente descritivas, outras são colocadas dentro da narração, mas o processo discursivo permite coesões (por vezes até incoerentes) que servem de ponto de fuga para o lançar de opiniões e avaliações balizadas por um comportamento ativista.

Estas muitas vezes são arregimentadas por modalizações que, conforme apontamos nas últimas páginas, suavizam o discurso, fazendo com que ele seja recebido como algo dado, natural, ou que não corresponde efetivamente a uma crítica do (Mídia) Ninja, mas sim de um saber social (dos movimentos), o qual o *webspectador* deveria conhecer.

Afinal, o que visamos identificar é que o comportamento delocutivo é uma obrigação de base maleável, a partir do qual se pode (os Ninjas) sacar pílulas elocutivas, num comportamento que visa posicionar a narrativa, senão em prol dos oprimidos, em desfavor dos opressores.

Isso não é regra, mas é recorrente. Por mais que haja comportamentos completamente distintos dos Ninjas, em geral, os representantes do Mídia Ninja agem com modalizações na enunciação que têm como propósito conformar um modo de ver, em justificar as situações em torno de uma situação prévia, já dada, que exige a manutenção da resistência frente às situações às quais grupos minoritários estão submetidos, desconsiderando, porém uma complexa cadeia de fatores influenciadores (que são vistos como desculpas frágeis para sustentação de uma situação de contexto, qual seja, em desfavor da sociedade).

Como se viu anteriormente, as situações de contexto (e as variações delas) parecem influenciar nos comportamentos enunciativos dos Ninjas. A alocação parece ser a que mais é afetada por essa inconstância, evidenciando-se seja com os participantes *in-loco*, seja com os internautas, em momentos em que o ritmo dos acontecimentos é mais lento (no caso das marchas de manifestações), e deixada de lado em sessões plenárias, assembleias públicas e na emergência de acontecimentos de impacto.

Mas até as entrevistas e a interação com a audiência são formas de alocação de elocução. Na segunda não é complexo, dado que as respostas que outrora poderiam ser pontuais podem ser convertidas em editoriais. Os diálogos com os personagens da cena enunciativa, que têm condições de serem condicionados em delocução, sem grandes interferências dos midiativistas, correspondem ao que se espera. Contudo, muitos Ninjas, em detrimento de uma nota-pé descritiva ao final, aproveitam para emendar a opinião deles. Muito embora até alinhada à do entrevistado, seria exatamente isso que suavizaria a elocução e colocaria como alinhamento Ninja-ativistas.

Tal comportamento é muito comum no final das transmissões também. Ainda que em geral não haja assinatura (do repórter) há, quase sempre, do Mídia Ninja, num reforço do *ethos* – na participação de mais um evento de enfrentamento social. Mas não é só isso que deixa uma marca, senão, com breves palavras, um resumo do acontecimento narrado, em que de forma pontual opiniões e avaliações são marcadas, com poder influenciador sobre toda a transmissão empreendida.

Vale o encerramento desta seção com uma hipótese que atravessa a nossa percepção sobre a elocução do Mídia Ninja e poderá ser questionada nos modos discursivos. Há uma forte campanha discursiva, e não estamos dizendo que ela se dissocie dos fatos, contra a Polícia Militar por parte dos midiativistas. Esta acaba por pautar a compreensão e a interpretação do conjunto de ações de um evento narrado, qualquer que seja, não havendo transmissão em que o tema não seja colocado, mesmo que não esteja relacionado.

5.3.2.2 Modos de Organização do Discurso (MODs)

Dando sequência às análises, procurou-se, a fim de manter certa unidade, sustentar os mesmos (sub)recortes outrora observados. Acredita-se que eles têm conteúdo suficiente para apresentar determinadas recorrências e interessantes variações no comportamento dos repórteres do Mídia Ninja, que dão a ver e compreender o modo de funcionamento dessa mídia independente.

Não obstante, o autor deparou-se com um extenso volume de dados que, em superlativos, gerariam uma impossibilidade não só no trato das informações, comprometendo sobremaneira a qualidade do trabalho, mas até em aspectos quantitativos, excedendo o limite da razoabilidade de um trabalho acadêmico. São, a princípio, centenas de páginas de conteúdo transcrito.

Estas foram, de modo pormenorizado, observadas pelo analista que empreende este estudo. A partir dessa revisão, que poderíamos chamar até de uma nova análise *flâneur*, optou-se por mais um afinilamento, tomando por base a articulação do repórter Filipe Peçanha no dia 13 de julho de 2014. A escolha levou em conta a longa duração da transmissão (a maior no período de recorte com quase sete horas de extensão), a grande variação de tipos textuais utilizadas pelo Ninja (transitando entre a descrição, narração e argumentação), a emergência de um dos acontecimentos mais marcantes das coberturas do coletivo durante a Copa do Mundo (com ações desproporcionais da Polícia Militar e as agressões ao midiativista), o cenário das manifestações de rua (principal palco de atuação do veículo), entre outras particularidades.

Pode-se afirmar, porém, por essa leitura primeira, que o comportamento dos Ninjas é muito parecido em relação à descrição, narração e até, quando ocorre, argumentação. O que se faz como observação preliminar é que a base de referência ideológica e a correspondência ao contrato comunicativo impelem aos repórteres uma dinâmica análoga. Mas, antes de tratar disso, apresenta-se a seguir, então, que procedimentos são esses.

5.3.2.2.1 Modo descritivo

Filipe Peçanha, pelo que se pode observar (e inclusive parece ser um comportamento dos outros Ninjas), evidencia muito os actantes da cena enunciativa e pouco os elementos materiais constituintes (a não ser quando eles têm, ou ganham, caráter especial e determinante

para a condução das narrativas). Não obstante, determinados sítios e ações (sejam elas diretamente relacionadas ao evento exibido ou não) são agenciados na locução do repórter.

Não obstante, para entender melhor o conjunto, sugere-se a separação da dinâmica narrativa de Carioca em sete partes distintas, que inclusive fazem com que determinados elementos apareçam ou não, com menor ou maior frequência, e até com ênfase classificativa mais densa ou superficial. Os momentos são:

- a) o da concentração da primeira manifestação (início da transmissão);
- b) a primeira marcha pelas ruas do Rio de Janeiro;
- c) a concentração para o segundo ato;
- d) a tentativa de realização da segunda marcha que fora bloqueada;
- e) o início do estouro de bombas e efetivo isolamento da praça onde ocorria a segunda concentração;
- f) a agressão a midialivristas;
- g) o encerramento da transmissão.

Nesse primeiro recorte, Filipe irá trabalhar muito com o propósito do ato que, segundo ele, tinha como motivação, entre outras frentes, reivindicar a soltura de ativistas que haviam sido presos no dia anterior. O caráter lúdico e festivo da manifestação é ressaltado, tanto quanto outros aspectos, entre os quais se destaca a utilização da palavra “luta” como adjetivação das ações correlacionadas.

Esse último ponto é determinante, ou no mínimo um indicador importante, já que evidencia uma disputa que posiciona sujeitos e instituições que se opõem em razão de determinadas questões. Um dos lados tem uma marcação importante: a de registro de lugar do narrador. Peçanha ora coloca-se na primeira pessoa do singular³³⁹, o que é mais raro, e em outros momentos, com maior frequência, na primeira do plural, reivindicando um “nós” que, apresentado também como “a gente”, está no ato, entre outros aspectos:

- a) “Tentando lutar mais uma vez contra essa violação dos direitos humanos, dos direitos básicos, de livre manifestação”³⁴⁰;
- b) “Lutando pelos nossos direitos”;

³³⁹ Quando se coloca em primeira pessoa, o “eu”, ainda um pouco tímido, apenas fala o nome dele: “Filipe”.

³⁴⁰ O uso das aspas nessa seção registra a aplicação das expressões e palavras de acordo com o que fora pronunciado por Filipe Peçanha.

- c) “Seguindo forte na luta”;
- d) juntos;
- e) e ainda: “Nossa Copa é na rua, por uma cidade de direitos”.

A supracitada ação de “[...] violação dos direitos humanos [...]” é empreendida, segundo Filipe, pela terceira pessoa do plural; sujeito composto, ora apresentado também como Forças do Estado, nas quais se incluíam (sobretudo) as polícias e o governo (principalmente o do Rio de Janeiro), entre outras instituições possivelmente. Esse combinado seria qualificado como um ente maior (mais forte), que realiza prisões sem motivo algum (o que aponta um erro legal e moral) a partir de um comportamento “truculento” e “ofensivo” que visa “intimidar”, “causar medo” e “desmobilizar pelo medo”.

De forma mais específica, se a administração pública do estado fluminense é classificada tão-somente como “arbitrária”, os agentes militares e mesmo os praças da Civil teriam adjetivos e nomeações mais alargadas. Enquanto os últimos, mais diretamente a corporação, seria responsável em “[...] empreender um papel criminalizatório [...]”, indicando a função dela como ajuizadora das prisões ocorridas no dia anterior à manifestação em curso, a primeira teria a função de “oprimir” e “reprimir”.

No entanto, até aquele momento, ainda que “mais de 26 mil policiais” tenham sido destacados para as ações relacionadas à final da Copa do Mundo, os militares não faziam “um cerco completo” na Praça Afonso Pena, local da concentração, classificada como “espaço muito agradável”, local “superfrequentado pelas famílias”, com a presença de “muitas crianças” e “idosos”. Talvez por isso um comportamento mais parcimonioso da polícia.

Carioca qualifica as corporações ainda como instituições que parecem trabalhar junto com a mídia de massa. Os veículos de comunicação “corporativos”, então, na determinação do Ninja, alojar-se-iam em um lado dessa disputa. Para tanto, a qualificação dará conta de um comportamento midiático mentiroso, “superficial ao extremo”, “supergenérico”, “malicioso”, que “tem interesse em criminalizar as manifestações”, “manipulando a informação” a favor de quem lhe paga já que é uma entidade “comprada”, funcionando como “assessoria de imprensa do governo”.

Nesse contexto, duas redes aparecem citadas mais diretamente: *TV Globo* e *CNN*. Enquanto a primeira viveria, nas palavras de Carioca, “falando merda” e teria “privilégios com a polícia”, a segunda “censura certas questões” que não são de interesse dela (muitas

vezes comercial), não dando a ver mundialmente determinados temas, tais como a violência policial.

Porém, Filipe faz menção aos veículos independentes (entre os quais a própria Mídia Ninja) e a uma TV alemã. Essa última, segundo Peçanha, tem apoiado as manifestações no Brasil, pois “[...] consegue fazer um discernimento muito claro do papel social que a mídia tem no Brasil”, marcando a oposição entre os veículos. O coletivo do qual faz parte aparece com “dois *links*”, “na cobertura em tempo real”, trabalhando “com a livre expressão garantida na constituição”.

Peçanha sinaliza a perspectiva do capital como algo que inebria a função dos veículos de comunicação, tanto quanto de entidades como a Fifa, a principal responsável pelo futebol no mundo, que teria interesses econômicos e assim “impõe normas que aumentam a repressão policial” e “prisões arbitrárias” no Brasil, além de gerar “remoção” de famílias das casas delas.

Outras instituições, como a Odebrecht e o Sindicato da Limpeza Urbana, também são citadas. Enquanto a primeira aparece em uma discussão sobre o capital (quando Peçanha aponta que a empresa faz parte do consórcio que irá administrar o estádio Maracanã) a segunda instituição é indicada, contraditoriamente, como quem ajudou a criminalizar os garis (dada a paralisação e protestos que estes articularam no Carnaval de 2014, no Rio de Janeiro), e que a questão econômica também está envolvida.

Quatro pessoas físicas, do lado oposto ao qual Peçanha se posiciona, ainda são citadas. Eduardo Paes, Fernando Veloso, Flávio Itabaiana de Oliveira Nicolau e até Eike Batista. O “prefeito” do Rio de Janeiro é qualificado como aquele que está sempre na mídia (corporativa) para se pronunciar, dando a ver uma característica de parceiro (ou apoiado por) dos meios de comunicação e do sujeito que mais fala do que faz. O delegado Veloso, por sua vez, é apenas mencionado como aquele que cumpriu as ordens do Juiz Nicolau, responsável por assinar o “mandado de prisão dos ativistas no dia anterior”. Já Eike, tanto quanto a Odebrecht, aparece como um dos administradores do Maracanã via consórcio.

É nesse contexto que o estádio aparece mencionado. É ressaltada a relação entre o capital e o futebol, que, por isso, perdeu (ou vem perdendo) a característica de esporte popular (acessível) no Brasil em detrimento da exploração comercial do principal palco desportivo do país, o Maracanã. Isto é, Filipe considera que um “símbolo popular do torcedor”, foi “privatizado” e “agora é só para a elite”.

Já de um lado oposto a esse do Estado e dessas pessoas a ele ligadas, um número muito maior de sujeitos e instituições se dão a ver. Além de diversos entrevistados e da

menção a cada componente específico do ato (tal como os movimentos presentes), ainda são mencionados, com destaque, o grupo de pessoas em protesto. De acordo com Carioca, elas estão nas ruas “se expressando”, “lutando a favor dos seus direitos”, “lutando por princípios fundamentais”, “lutando pelos direitos não só delas, mas de toda a sociedade”. Destacamos as perspectivas de mote aqui, mas é claro que Filipe trata do conjunto de ações dos manifestantes ao longo do ato³⁴¹.

Como se vê, é salientada a característica de luta desse lado da narrativa, em oposição às forças superiores da outra parte. A peleja, entretanto, é por direitos primários garantidos socialmente, o que sinaliza uma aversão entre bem e mal. O bem não parece agir deliberadamente, mas em reação ao ataque. Para além disso, registra-se o papel mais do que de representante da sociedade, mas de mártir por ela, dos manifestantes.

Sociedade essa que, muitas vezes, de acordo com Filipe, nem se dá conta desse papel, “às vezes nem está muito por dentro de tudo que está acontecendo”, “às vezes ficam, de certa forma, por fora dessa série de prisões que aconteceram ontem e de todo este estado de exceção que vem sendo implementado aqui no Rio de Janeiro”. Nesse sentido, o protesto público serve exatamente para essa exposição, para a tentativa de diálogo e conscientização, que nem sempre é eficaz.

As já citadas prisões são um mote que acompanham boa parte das discussões até o quarto momento dessa transmissão. Os ativistas encarcerados são chamados por Peçanha de “presos políticos” e carregam todo o peso dessa qualificação. É importante dizer que há uma linha reflexiva que ajuda a compreender as prisões à luz de uma neoditadura, balizada pelos intentos do capital.

Entre os encarcerados, Peçanha destaca uma “menina”, não nomeada, “menor”. A “adolescente” teria sido mantida cativa em razão de uma arma que fora encontrada na casa dela. Filipe aponta a contradição, uma vez que o revólver (o principal objeto dessa primeira parte, que acaba servindo como elemento sob o qual se agenciam diversas críticas) seria do pai da jovem, mais uma personagem envolvida. O sujeito, vigia noturno, teria o porte em função do ofício que exerce.

A pistola funciona aqui como elo de argumentação para evidenciar o despreparo da polícia, ou mesmo como justificativa frágil para o sustentar da fundamentação militar para enquadrar os ativistas como sujeitos perigosos e que porventura poderiam implantar o caos no dia da final da Copa do Mundo de Futebol com ações, inclusive, criminosas.

³⁴¹ A maioria delas mais pontuais, se citadas no texto, tais como: “estão saindo da Praça Sáenz Peña”, “estão caminhando aqui”, etc.

É nesse contexto que nos chama a atenção as observações sobre eventos, acontecimentos, ações que se qualificam nas palavras de Peçanha. Ele caracteriza as prisões que haviam acontecido no dia anterior, então, como um “ato extremamente arbitrário”, “extremamente truculento”, “de violação dos direitos humanos básicos”, “forma escabrosa” de atuação da polícia, planeada “de uma forma ainda mais sórdida”, ações “esdrúxulas”, “ridículas” e que passam “à população a falsa imagem de que essas pessoas que estão na rua, são bandidas, são terroristas, são marginais”.

Isso seria gerado por um “estado de exceção” (oposto, então, ao estado de direito, em que as garantias fundamentais, individuais e sociais, são (teoricamente) respeitadas), não só no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil, que é, segundo Peçanha, “meio ridículo”, “absurdo” e “arbitrário”. A situação é influenciada ainda pela final da Copa do Mundo de Futebol que aconteceria no dia em análise, que é classificada como “responsável pelo aumento da repressão policial e prisões arbitrárias”. Aliás, Carioca dirá que o torneio “contribui para intensificar a violação dos direitos humanos e a série de arbitrariedades”, dado que a “repressão aumentou muito” no período.

Essa dinâmica de certo modo maniqueísta seria a tônica também do segundo momento da transmissão, já com a marcha em curso. Aliás, ela seria intensificada. Alarga-se, por exemplo, ainda mais a distância entre a *Rede Globo* e a chamada mídia corporativa do próprio Mídia Ninja, numa estratégia, também é importante dizer, aparentemente de reforço de *ethos* discursivo.

Enquanto os veículos de massa criam um “falso imaginário sobre a violência nas manifestações”, instituindo-se como órgãos mentirosos³⁴², a iniciativa independente, mais especificamente o coletivo ao qual Peçanha faz parte, “tem se esforçado ao máximo para dar voz a quem está na rua”, “para tentar ampliar as causas sociais e populares”, mostrando tudo em tempo real e em primeira pessoa. Essas considerações vêm a reboque do final de uma entrevista, quando um ativista paulista diz que no estado dele o movimento do qual faz parte não se liga muito ao Mídia Ninja. Assim, Filipe diz que, apesar de haver diferenças, o Mídia Ninja está do mesmo lado dos manifestantes (qualquer que seja a vinculação).

Então, acerca dos ativistas, são feitas menções a pessoas como Rafael Braga e Fábio Hideki³⁴³. Os dois são enquadrados como injustiçados, e a prisão deles funciona como alegoria para (a crítica ao) o comportamento do Estado e da polícia. Enquanto o primeiro está

³⁴² É feita nova menção à *TV Globo*, classificada como veículo que “nasce na ditadura” (e, por isso, seria muito influenciada pelo período) e que “criminaliza os movimentos sociais” nas produções dela.

³⁴³ Que já havia sido mencionado na primeira parte.

“preso desde Junho de 2013”, aliás, é o “único que permaneceu preso”, o segundo foi encarcerado semanas antes da transmissão em análise, “vítima de um flagrante forjado”.

Há um procedimento mnemônico por parte de Peçanha que é constante e funciona como tônica de alinhamento argumentativo. No entanto, é importante desde já sinalizar as inferências de por que determinados seres são trazidos à cena enunciativa, já que não correspondem diretamente àquele espaço.

Esses dois sujeitos, apesar de ausentes na manifestação, parecem estar no mesmo bojo do “nós” (“a gente”) reivindicado por Peçanha, que nada contraditoriamente, inclusive, parece incluir a audiência. Ele qualifica esse sujeito composto, de cá, como alguém que “segue ao vivo”³⁴⁴; que “reivindica direitos fundamentais”; que está no protesto “de forma festiva, musical, lúdica, de uma forma fantasticamente incrível” (o que demonstra o caráter pacífico e casto da ação e dos integrantes que dela participam); que tem “a clareza de que o que está fazendo é correto” (em detrimento de disposições em contrário); que estão na manifestação pelo direito de festejar politicamente, pela “alegria rebelde”, “com o maior prazer” (demonstrando a característica individual, deliberada e libertatória da ação); e que estão em “luta pela democratização dos meios de comunicação de massa” e na batalha “por uma ressignificação de uma estrutura monopolizada” (e aqui se percebe mais um intento particular do Mídia Ninja que é estendido aos demais);

Do lado oposto a esse, estavam as “Forças de Segurança”, as “Forças do Estado”, ou simplesmente “os caras”. Os opositores eram vistos como aqueles que “tentam intimidar”, “criam” e “amplificam a cultura do medo”. Eles “desenvolvem tecnologias de repressão”, “vigiam permanentemente” e “espionam” e “estão monitorando”, inclusive, o trabalho do Mídia Ninja, no momento mesmo de produção. O que parece pior é o profetizar, efetivo, de que essas ações vão “continuar depois da Copa e talvez fiquem ainda maiores”.

Nesse contexto, separado tem-se menção à “Polícia”, que prevê (erroneamente) crimes, em diferença à “Polícia do Rio de Janeiro”, assinalada como uma das que mais mata no Brasil e no mundo; lembrando que essa é a força da cidade/estado em que ativistas estavam presos desde o dia anterior (fato sempre lembrado). Também é mencionada a “Polícia Militar”, em diferença aos “policiais”. Enquanto estes últimos se referem aos oficiais presentes no ato, a qualificação da corporação vem acerca de um *modus operandi* que

³⁴⁴ E aqui destacamos, pois parece remeter mais ao Mídia Ninja do que ao grupo de pessoas que fazem parte da manifestação. Contudo, é o sinal do tempo real, da emergência evenemencial no tempo mesmo da realização e do acompanhamento do internauta. Todos, afinal, seguem juntos e na mesma toada a sequência dos acontecimentos daquele domingo 13 de julho.

“assassina pessoas nas favelas” e tem a “função de repressão do movimento social” que articula o protesto.

O Estado também recebe menção. Em geral, “cada vez mais criminoso” e, especificamente o “brasileiro”, teria medo das manifestações. Filipe aponta uma contradição qualificativa ao dizer que aquele que deveria cuidar da segurança do país age de forma ilegal, mais do que isso, delituosa. O receio com os protestos vem de modo linear na compreensão de quebra da ordem. No entanto, a soma descritiva indica que esse temor provém do escancaramento das críticas e exposição de campos problemáticos ligados exatamente ao comportamento do governo.

Não obstante, Peçanha aponta para um medo que é instaurado no senso comum também pela mídia, distinguindo supostamente os manifestantes como criminosos. O “coletivo de ativistas”, presente em todo o Brasil e, inclusive, na presente manifestação, é caracterizado como “inspirador”, ao passo que os presos do dia anterior recebem novas menções, tais como “pessoas que ofereciam um risco criado pela mídia corporativa”. Os “presos políticos” foram “injustiçados”, “acusados de crimes que não cometeram”, aliás “presos pelo que eles poderiam fazer”.

Vale menção também aos manifestantes (também chamados por Carioca de movimento social), efetivamente o grupo de pessoas focalizadas pelo Ninja, e às “pessoas”, em outro direcionamento, que indicariam os sujeitos vítimas da ação da polícia e do Estado, que não estão presentes, mas se fazem representadas pelos primeiros.

Dentre os diversos entrevistados, merece citação aqui a conversa de Peçanha com Tarcísio, mais a seguir qualificado como candidato ao governo do Rio pelo PSOL. Aparentemente, não havia a presença no ato de outros aspirantes ao cargo executivo do estado, mas o Ninja distingue a fonte ao entrevistá-la. Mais do que isso, enobrece uma nota emitida por esse parlamentar contra as prisões ocorridas na noite anterior. Aliás, texto conjunto, assinado por representantes de dois partidos (PT e PSOL).

Após a entrevista, Peçanha registra que Tarcísio deu um “depoimento muito esclarecedor” e assinala novamente a nota, que ganha lugar de destaque como um dos objetos que fazem girar a cena narrativa nesse momento específico da transmissão. Para Carioca, o documento “é um marco de avanços que podem ser conquistados no âmbito institucional”.

Acerca dos/das eventos/ações, vale o registro da forma como Carioca qualifica a manifestação em curso, o que, por consequência, derrama adjetivação por todas as outras. O termo “luta” é novamente conclamado para classificação. Filipe diz que protesto “não é crime” (logo colocando em contradição as prisões ocorridas um dia antes e a presença da

polícia na manifestação em curso), mas sim um “direito de todos”. Especificamente ao ato em evidência, diz que ele “revindica a liberdade desses presos políticos”, é “festivo”, é “político”, “envolve as pessoas”, está “muito bonito” e seria a “copa jogada fora dos estádios”.

Já em relação às prisões ocorridas no dia anterior, indica que elas foram feitas para “desmobilizar os atos”, o que é um “absurdo”, representando uma “ditadura branda”, diante de um “estado de exceção”, em que ocorrem “violações” e “arbitrariedades”, resultando em um “caso muito triste para a democracia brasileira”. A polícia nesse contexto agiria como a “mãe Dinah”, ou como a personagem de Tom Cruise no filme *Minority Report* – ficção que apresenta uma unidade especial da polícia que é capaz de prender assassinos antes que eles cometam crimes.

O terceiro momento é o mais curto³⁴⁵, já que se trata da finalização da primeira manifestação e concentração para a seguinte. Assim, as “pessoas” aproveitavam para fazer “uma pausinha para almoço”, juntando forças para empreender novamente, e “simplesmente, a expressão de uma ideologia que reivindica direitos para a sociedade”. Nesse contexto, a crítica mais pesada de Peçanha voltaria à mídia corporativa. A postura, já mencionada pelo Ninja, de que os veículos de comunicação de massa criam um imaginário de que a manifestação é um crime é avaliada como “absurda”, sintetizando um “discurso criminoso” por parte dos *media* que visa em última instância “tirar direitos básicos das pessoas se expressarem”, articulando “um processo inconstitucional” que “tenta criminalizar e deslegitimar os manifestantes”.

Acerca do novo ato que se preparava para sair, Filipe já ponderava que o propósito era “reivindicar por um Estado mais democrático”, apesar da “grande presença da polícia”. Assim, no quarto momento, quando a manifestação tenta sair da Praça Sáenz Peña e tomar as ruas, começa a ser cercada. Um protesto que era “extremamente pacífico e preciso” e que crescia bastante ia “tendo dificuldades de se estabilizar como um ato sólido”.

Os manifestantes, “de 500 a 1000 pessoas”, que começavam “a se aquecer”, foram “impedidos de passar pelo cordão da polícia”, “sendo sufocados pelo cordão da polícia”, “impedidos de andar”, “de saírem do lugar”, “de se manifestar e exprimir a sua opinião”. No entanto, aos poucos eles iam “se reagrupando e se redirecionando” e aos poucos conseguiam “driblar” a primeira contenção militar. Apresentando “cartazes”, “faixas”, “ideias”, “gritando”, passando e brincando – “gritando ‘olé’” –, iam “caminhando pacificamente, de

³⁴⁵ Aqui não evidenciamos o tempo em que o repórter Vidigal substituiu Peçanha.

maneira tranquila”, de forma “muito inteligente” apesar de serem constantemente “provocados pela polícia”.

Do outro lado estavam “eles”, os policiais, que usavam a “tática de se infiltrar”. Filipe aponta, inicialmente, a presença de cerca de 300 a 400 oficiais. Eles estavam extremamente armados e combativos, equipados até “com extintor de incêndio” (considerada nova arma da polícia), e impediam “as pessoas de se manifestar e de expressar a sua opinião, de reivindicar por direitos da sociedade”. Aos poucos, “completam um cerco no entorno da manifestação, dos quatro lados”. Não obstante, estavam confusos segundo Peçanha, e não conseguiam entender a própria estratégia, considerada “estranha”. Aos poucos, os policiais “começaram a agredir”, “gerando tumulto”, e estavam supostamente jogando: “provocado e mexendo com os manifestantes”. Estavam no ato “com ordens superesdrúxulas, sem nenhum cabimento”.

Não muito tempo depois, Peçanha afirma que havia 4.000 policiais envolvidos, em um raio de um quilometro. Assim, cercavam fazendo um “cordão de enfrentamento” composto por “quatro camadas”. De acordo com o Ninja, os militares não tentaram “qualquer diálogo ou negociação”, numa “conduta e postura sem sentido” que se convertia em um “estado de insanidade total”.

Alguns policiais apresentavam-se ainda com objetos que se destacam na narrativa, a saber, principalmente, um “extintor”, conforme já se apontou, uma “arma de água” e, diversas viaturas, indicando e reforçando a desproporcionalidade da corporação frente ao ato e aos manifestantes. Esses elementos talvez sejam o de maior destaque na narrativa de Filipe nesse momento da transmissão. Fica evidente a surpresa do Ninja com tais equipamentos, de modo que ele ressalta as peculiaridades de cada um deles.

Até esse fragmento, tudo se restringia a vários cordões de isolamento, compostos por corredores entre eles. Filipe ainda conseguia andar nesses espaços, fazendo focalizações muito particulares e ressaltando o diferencial desse tipo de ação da Polícia Militar. Porém, havia ainda a preocupação com a tropa de choque que “estava atrás”, mas preparada “com armas de gás” e “bombas”.

Um primeiro “rapaz”, identificado apenas assim, é preso. Peçanha sinaliza a surpresa com a ação da polícia. De acordo com o Ninja, não haveria qualquer motivo para a detenção, já que o jovem “estava andando de bicicleta” (e, segundo ele, ninguém vai ao protesto com uma “bike”), portava uma camisa da Argentina (“provavelmente ia assistir o jogo”) e, “estava com lenço no rosto” (o que não indicaria envolvimento direto com nenhum movimento anarquista).

Seria só o início de uma grande confusão que se efetiva no quinto momento; naquele em que as primeiras bombas explodem. A Rua Conde do Bonfim, bem em frente à Praça Sáenz Peña, se transforma, segundo Filipe Peçanha, em um “pandemônio”.

O sentido figurado, que corresponde ao tumulto, não era sem motivos. São as bombas os principais objetos da narrativa nessa parte e as causadoras de tanta confusão. Aliás, Filipe não deixa de sinalizar que a polícia as soltava aleatoriamente e como estratégia para dispersar a multidão e agir sobre determinados grupos. Segundo o Ninja, é “quando explode que a porrada come”.

O gás que sai delas gera uma “fumaça colorida”, de várias matizes. Segundo Peçanha, o implemento foi “utilizado muito na manifestação dos professores” como forma de dispersão. À época, a novidade intrigava, pois não se sabia o grau de toxicidade dela.

Tanto quanto as bombas, o “gás de pimenta” era muito utilizado e gerava a dispersão das pessoas, quando não afetava as que resistiam, inclusive o próprio Ninja. Tais apetrechos eram aplicados por um “mar de policiais”. Peçanha lembra que esses profissionais também eram seres humanos, mas coloca em xeque a humanidade deles. Além de lançar os dispositivos bélicos nos manifestantes, eles estariam ainda “empurrando”, “batendo”, “dando cacetada”, “mandando pra parede”, “reprimindo com muita força”, mas até “sentindo o gás que eles mesmos utilizaram”.

Porém, o que aparentemente mais incomodava Carioca era o fato deles (alguns) estarem “dando risada”, “gritando”, “se divertindo”, dando gargalhadas, “vibra”; “comemora”, com um aparente “sadismo na postura”. Os policiais comemoravam “quase que se houvesse um recorde a ser batido, um placar a ser marcado” em cada tiro de bala de borracha ou bomba que atingisse um manifestante.

Para Filipe a polícia é “sem inteligência” e “só tem força física”, age com uma única vontade, “a de causar pânico nas pessoas” e são “sem pudor” e “sádicos”. As ações demonstram que os policiais estavam “totalmente ensandecidos”, abusando de insanidade, atacando as pessoas moralmente, constringendo, agindo com uma brutalidade em estado puro. Não obstante, “dão ordens ao léu”, “não conseguem se organizar” e executam “ações totalmente esdrúxulas, imorais e brutais”.

Por trás deles havia um “major”, sem nome, mas que dava as ordens e “se utiliza dessa morosidade do sistema e do processo jurídico para exercer essa arbitrariedade”. Ao falar especificamente da Polícia Militar, Peçanha indica que ela estaria “lançando moda” com os equipamentos utilizados no Rio de Janeiro e nas ações perpetradas (principalmente a ideia de “cárcere coletivo e público” dos ativistas no cerco à Praça Sáenz Peña). Ainda assim, a

corporação estaria em um “estado decadente”. A “extrema brutalidade” dela, “mostra como não tem condições de lidar com manifestações”.

O alvo, aliás, eram as “pessoas”, humanizadas nessa condição direta de nomeação. A qualificação dava-se como “perseguidos”, que agiam pacificamente mas foram “oprimidos” por bombas e balas de borracha. Até então, estavam se “expressando de forma inteiramente legítima” e queriam “simplesmente expressar uma ideia, uma ideologia, exigir direitos”. Com isso, inevitavelmente alguns acabavam “chorando”³⁴⁶ e outros “gritavam de raiva”. Ainda assim, tentavam “bravamente”³⁴⁷ resistir e continuar unidos”, mantendo o “ato em pé”. A condição de inocência delas é registrada quando diz que as pessoas não fizeram “nada para que começasse a disparar bombas” e “fazendo nada de errado”, e de vítimas de uma brutalidade pelas frases: “tomaram bombas a queima roupa” e “receberam rajadas de bala de borracha”.

Ao longo da narrativa, aparecem vários personagens na locução de Filipe. Sem conseguir nominar, ele os trata como rapaz(es) e, no caso das mulheres, menina(s), “sendo revistado”, “apanhando”, “tomando duas cacetadas”; sujeitos diferentes, mas com histórias parecidas ao serem vítimas do outro. Casos localizados, como o de um rapaz (não nomeado) que tentou chegar até à esposa (grávida) e foi impedido pela polícia, também são apresentados ao longo da locução. “Policiais riram da cara dele”, “teve direitos cerceados”, “foi ridicularizado por um policial”, “se exaltou” e “saiu porque provavelmente poderia responder por um desacato”.

Policiais, específicos, também aparecem na narrativa. Enquanto um, chamado de “oficial”, “tenta intimidar” e diz que “não tem o direito de fazer o que a gente está fazendo”, o outro, segundo Carioca, afronta moral e ideologicamente, dizendo que ele não podia falar o que gostaria. São fragmentos tênues, pontuais, mas que ajudam Peçanha a reforçar o caráter de “ditadura branda” das ações dos militares.

O sexto momento é representado pela agressão a um midialivrista, amigo de Peçanha e ao próprio repórter Ninja, além da prisão de uma jovem. Essas três ações dão o tom do desenrolar narrativo do fragmento. Pela sequência, então, é qualificada a “menina” “Gabi”, que foi “presa de forma aleatória”; uma “menor” de “17 anos” que foi “levada por dois homens” (o que configura um erro, já que uma policial mulher deveria estar presente), fora

³⁴⁶ É interessante perceber a dicotomia choro e riso presente aqui e o que ela pode representar tangencialmente. Sujeitos distintos tiveram reações diferentes diante da mesma cena. O riso é intensificado pela gargalhada e adjetivado como sarcástico. O choro é transformado em desespero (nos gritos de raiva).

³⁴⁷ Em remissão possível à coragem.

antes “empurrada” e “agredida”. Isso tudo resulta, segundo Filipe, em mais uma prisão arbitrária.

“Jay O’Hara” também é evidenciado por Carioca na condição de uma vítima de ações desproporcionais da polícia: “canadense”, “documentarista”, “machucado”, “pé direito machucado”, “foi atingido”, “com manchas na calça”, “junto com ele haviam mais pessoas que receberam bombas à queima roupa”, “está sendo atendido”, “ferimentos sérios, graves”, “está sangrando”, “vai ser atendido agora por uma socorrista”, “agredido brutalmente pela Polícia Militar”, “teve sua câmera quebrada”, “arrancaram seu capacete”, “violentado pela PM”.

Não sem motivos, o lugar do “eu” também é muito destacado nesse momento. Filipe coloca-se em evidência discursiva ao travar diálogos acalorados com policiais. Em um deles, diz que está acompanhando o atendimento de um amigo (Jay O’Hara), que está preocupado com o documentarista e que não quer que ele seja agredido novamente. Assim, fazendo-se presente ali, zela pela segurança do canadense.

Ao ser instigado a sair do local por um oficial, diz que só sai se for obrigado. Ele acaba por deixar o local e, apesar de estar “trabalhando”, é num primeiro momento conduzido de forma coercitiva. A sequência, narrada por ele, indica processualmente: só “estou fazendo o meu trabalho”, “estou sendo preso”, “estou tomando chute”, “estou sendo agredido”, “meu braço está sendo torcido”, “estou andando”, “acabei de ser espancado ao vivo”, “fui agredido porque estava ali no espaço”. Ações promovidas por eles, os policiais, que “me espancaram”, “me bateram no chão”, “me deram porrada, cassetete, soco, chute”.

Entretanto, a primeira pessoa do plural também aparece, convocando o envolvimento da audiência. “Nós”, ou “a gente”, “estamos aqui tentando mostrar”, “acuados num canto”, “impedidos de trabalhar pela PM”, mas, “estamos ao vivo” ou, continuamos aqui, resistindo. Estariam incluídos aí também os “ativistas”, personagens que compõem a cena à qual Peçanha faz referência. O “pessoal” difere-se aqui das “pessoas”, mas não muito. Enquanto o primeiro faz referência aos que provavelmente estavam fora do cerco e “foram agredidos” e, por isso, “saem mancando”, os segundos são os que ficaram presos no cerco e “vão saindo”, “extremamente constrangidos”, “revoltados” e “indignados”.

De modo mais direto, nesse trecho, de um lado, destacam-se uma “moradora” da região, que estava, ironicamente, “batendo palmas” para a polícia, as “companheiras” de Gabi, que estavam “sofrendo”, e Gustavo Proença, com um papel aparentemente importante com o narrador, pois o “advogado” teria informações sobre os desdobramentos do cerco policial, da agressão sofrida pelo Ninja e por outros midialivristas, entre outros dados novos.

Do outro lado, estavam os “eles”, “os policiais”, que, sequencialmente estavam fazendo um cárcere público, “agredindo mulheres agora”, empurrando, apontando “a arma na cara” de uma menina, “atirando para tudo quanto é lado”, fazendo prisões de forma “totalmente arbitrária” e “ensandecida”, tentando “expulsar as pessoas daqui da rua” e, “além de bater, de dar porrada, de quebrar o equipamento de um documentarista que nem é desse país, impedem que ele tenha um mínimo de acompanhamento que garanta a sua segurança”, numa “conduta extremamente ridícula”.

Outrora convocando a corporação, Peçanha qualifica a “Polícia Militar” aqui como aquela que agride brutalmente as pessoas e impede que os midialivristas façam o trabalho deles em detrimento da mídia corporativa que teria livre acesso onde quer que fosse. Alguns policiais são centrais nesse fragmento. O primeiro deles, “major André”, foi quem teria dado ordem de prisão a Gabi. Ele chegaria a ser ofendido por Filipe (não diretamente, mas para os *webespectadores* ouvirem) de “filho da puta”, em sequência a um diálogo em que o oficial contesta a primeira informação do Ninja.

Outro³⁴⁸, chamado apenas por gírias (como “cara” e “meu irmão”), entraria em atrito direto com Peçanha. Segundo o Ninja, ele “pegou a algema” e supostamente “queria prender incorretamente” (o Ninja). Não só por isso, então, estaria “insano”, aliás, em “um estado de abuso de insanidade”.

Nesse contexto de emergência evenemencial, detalhes descritivos da cena enunciativa e de elementos de composição pouco aparecem. No entanto, aqui tem figura central: uma algema e uma moto. Expliquemos. Apenas sinalizadas na locução, elas têm função importante na narrativa. A algema é o elemento que faz com que Carioca desista de insistir em ficar próximo a Jay O’Hara e é o elemento não verbal que configura a ordem, aliás, mais uma ameaça por parte do policial.

Já a motocicleta, utilizada por um dos policiais, é lançada na direção do Ninja. Filipe, aparentemente irritado, começaria a problematizar sobre a atitude, quando é abordado por um grupo de policiais e, na sequência, agredido.

A evidente dicotomia entre dois grupos perduraria até ao último momento, quando, depois das violências, Peçanha faria um desabafo final e encerraria a transmissão. Nesse contexto, a figura do “eu” retomaria um lugar destacadíssimo na narração. Filipe, então, coloca-se em primeiro lugar como “cidadão” e, nesse sentido, reivindica todos os direitos que

³⁴⁸ O que manda que Filipe se afaste de Jay O’Hara.

qualquer um tem na sociedade, tal como o de andar por onde quiser e/ou ficar parado se assim desejar.

Ele não se esquece de citar que é um “mediativista” e que estava “trabalhando”; “estou ao vivo com um celular transmitindo”. Mas, ainda assim, foi “espancado” “por oito” policiais. Ele expõe o contraditório e a desproporção, ao afirmar que é um “moleque magrelo” que pesa “50 quilos” e que não fez “nada de errado para estar aqui” ou para nenhum dos agressores. Não muito depois, aumentou o número de atacantes, dizendo que foi “espancado por dez”, mas que quando percebeu “tinha vinte marmanjos em volta”.

Não obstante, reivindica a presença de um “a gente” que está na luta e vai “continuar transmitindo ao vivo (presente) até que todas as pessoas saiam do cerco”, uma vez que este ainda perdurava. No entanto, não muito depois, ao afirmar que ia encerrar a transmissão, Filipe reforça que esse “nós” iria “dar uma descansada”. No entanto, faria isso, quase que em uma conclamação, “sem sair das ruas, sem abaixar a cabeça, sem deixar de fazer isso que é o papel da mídia livre e independente”. Como resposta às ações da polícia naquele dia, disse que esse sujeito composto iria (e não apenas deveria, mas colocando em afirmativa) “recorrer a todos os meios possíveis para que esse tipo de coisa não aconteça mais” e que, afinal, “estamos aí para fazer a diferença”.

Ainda em relação aos policiais, o Ninja diz que as “pessoas que estão vestindo essa farda”, são, na opinião de Peçanha, “totalmente despreparadas”. Mais do que isso, “não têm possibilidade de lidar com qualquer um”, “não sabem lidar com ninguém”, “não sabem lidar com o cidadão”, “só (agem) a base de porrada, de força física, de agressões físicas e morais”, “dá risada na cara da sociedade”, “é uma vergonha” e “está totalmente descontextualizada do momento presente que a gente vive no Brasil”.

Eles, que “em tese estão aqui para servir e proteger”, agem com um “sadismo corporativo”. Assim, a Praça Sáenz Peña transformou-se em um “*playground* da polícia”, lugar lúdico de hedonismo da corporação com ações violentas a partir das quais se divertem. A paradoxalidade é reforçada pela qualificação dos manifestantes por parte de Carioca. Eles não seriam e tampouco foram agressivos naquele dia. Entretanto, saíram de lá com um “monte de feridas” tendo “agressões físicas contra seus corpos”.

A partir do momento quatro, e ao longo de todo o processo descritivo em diante, Peçanha qualificou a situação gerada como resultado das ações da Polícia Militar com o grupo de manifestantes na Praça Sáenz Peña. Ele indica que é uma situação muito delicada, de desrespeito à constituição, logo “de violação dos direitos constitucionais” e que atinge os direitos humanos.

Como discussão final, não há muito mais o que dizer além da sinalização desse processo de apartamento entre os seres (indivíduos e instituições) que se reúnem para protestar daqueles que agem por consequência dessa ação primeira, no intuito de coibi-la. Não obstante, a relação, ao menos no evento analisado, é ainda mais conflituosa, pois os motivos do protesto (ou alguns deles) são justamente os empreendimentos desses últimos, no dia anterior, frente a correligionários em todo o país.

Porém, invariavelmente, pelo que se percebeu nas análises do Mídia Ninja até então, as manifestações, e, por conseguinte as transmissões, sempre fazem menção a um problema público do qual a entidade de controle do Estado é a responsável (direta ou indiretamente), sendo reforçado o lugar dele em oposição ao das “pessoas”, estejam elas nos atos ou não – e aqui se incluíam aqueles que sofrem com as questões sociais, os que protestam e os que mesmo à distância acompanham, os *webespectadores*.

É aí que aparece a figura do “nós”, do “a gente”, que suaviza as marcas autoadjetivas, de qualificação pessoal, conformando o narrador em um lugar que inclui quase sempre os manifestantes na cena enunciativa (sinalizando a posição física e ideológica) e, por conseguinte, a do próprio internauta³⁴⁹.

O leitor da tese pode questionar a ausência aqui de um destaque aos locais e objetos, pouco citados. Conforme havia sido apontado no início da seção, esse é um comportamento muito próprio do(s) Ninja(s). Não há, aparentemente, uma atenção e preocupação, em descrição pormenorizada desses elementos. A inferência que fazemos é a de que o texto visual (imagens captadas) estabeleça uma complementaridade natural e condicional na narrativa – o que será visto mais à frente.

Nesse sentido, o que ganha destaque na fala teria, aparentemente, função primordial para uma lógica narrativa de Filipe, para a condução de uma ideia relacionada não só a sequência evenemencial narrada em tempo real, mas também à sua inter-relação com algo mais amplo: a condição do evento como signo de um (ou vários) problema social, motivado por ele e, na emergência de acontecimentos como as agressões policiais, potencializador da elevação dos campos problemáticos.

Percebe-se, em geral, uma amalgama, ainda que muitas vezes complexa, paradoxal e contraditória, inebriando a compreensão, mas que conduz à interpretação. O que atravessa a

³⁴⁹ Muito embora, visto de modo isolado, esse “nós” conclamado algumas vezes, se refira ao trabalho midialivista empreendido pelo Ninja. A estratégia, contudo, ajuda a diminuir qualquer interpretação negativa da autoapreciação do Ninja. Em última instância, pode ter ainda um efeito de apontamento do trabalho colaborativo de transmissão, do qual o *webespectador* faz parte (o que é presente no discurso do Mídia Ninja e corresponderia a uma remissão ao contrato comunicativo, ou ao *ethos* dele).

relação entre os personagens que foram citados acima não são apenas os problemas sociais, mas a Copa do Mundo de Futebol e o que ela traz como discussão em razão das mudanças que promove no Brasil, e, principalmente, o que deixa de ser feito em detrimento do torneio.

5.3.2.2.2 Modo narrativo

Antes de qualquer coisa, é importante dizer, após a análise da dinâmica dos midiativistas (não só o diagnóstico do dia 13 de julho, mas toda a cobertura realizada durante a Copa do Mundo de Futebol) que o modo narrativo dos Ninjas parece se estruturar, sobremaneira, por meio de um ponto de vista interno e subjetivo. Isto é, aquém do simples relato, a construção dos Ninjas vê-se implicada pela participação efetiva deles na edificação cooperativa dos acontecimentos, na medida em que estão inseridos neles e, ao assumir uma posição, contribuem para os caminhos eventuais e, inclusive, direcionam um determinado tipo de texto verbal (e pictórico).

Mais do que isso, refere-se aqui especificamente também ao plano dos “pontos de vista” (PDVs), parte dos procedimentos de configuração da encenação narrativa. Acredita-se que a relação que se estabelece entre o narrador e as personagens (além de todos os elementos de composição cenográfica) é balizada por um saber primário (ou opinião) que o Ninja possui sobre os seres, transcrito na história e no que comunica aos *webespectadores*, fundamentando-se em uma ideologia³⁵⁰ e em um contrato comunicativo midiativista.

Nesse sentido, o que se avalia previamente, e buscará ser demonstrado a seguir, é que o Ninja tenderá a uma caracterização de manifestantes e policiais, por exemplo, a partir de imaginários sociodiscursivos que guiam a relação dos parceiros do processo comunicativo do Mídia Ninja, e, claro, muito baseados em uma interpretação particular de Filipe Peçanha. Assim, a diegese do coletivo parece corresponder exatamente ao que David-Silva (2005, p. 153), calcada nos trabalhos de Jean-Claude Soulages, chama de narrativa encenada. Ela afirma que esta prática é marcada por um movimento no qual

[...] o narrador e o sujeito *mostrant*³⁵¹ vão apresentar o mundo fatural através da experiência vivida por um de seus protagonistas. O ponto de vista deixa de ser objetivo e torna-se singular, pessoal. Há o “encaixamento” de uma micro-narrativa no desenrolar de um acontecimento maior. Introduzindo uma perspectiva

³⁵⁰ Quando se falar em ideologia nesta seção, está se referindo ao termo de forma genérica e pontual.

³⁵¹ Como já colocamos antes, o “sujeito *mostrant*” seria, no telejornalismo, o cinegrafista. No presente trabalho esse papel, assim como o de narrador, é assumido exclusivamente pelo Ninja. Apenas uma variação aconteceu ao longo do recorte: no dia 12 de julho, quando França e Vidigal dividiram a transmissão. Na maior parte do tempo, o primeiro assumiu a função de frente, ao passo que o segundo comandava a câmera.

particularizante, o narrador confere à temática factual uma identidade narrativa calcada na experiência, por isso, indubitável. Ao mesmo tempo, ela é capaz de captar os telespectadores, uma vez que demanda destes uma resposta emotiva provocada pela exposição de sentimentos e opiniões individualizados.

A citação parece encaixar-se perfeitamente, sobretudo, com a trama vivida pelo Ninja mencionado, “testemunha da história vivida” na transmissão em análise. Falando pontualmente, é importante salientar de início que Filipe parte de um plano de carência. Essa lacuna, conforme já se vem discutindo neste estudo, é de natureza híbrida, conjugando demandas ativistas e informacionais. Nesse sentido, tem-se a inconformidade com a Copa do Mundo de Futebol, ou, mais especificamente, com os investimentos que foram feitos no torneio, em detrimento da destinação de verba e atenção para problemas públicos e sociais primários (CHARAUDEAU, 2008).

Essa é a referência, sobretudo para o recorte em análise nesta tese. Contudo, lança-se o olhar aqui mais diretamente para a narrativa dos acontecimentos de 13 de julho. A manifestação pública que se articula como episódio social a ser narrado que tem como norte, como já dito, a crítica aos gastos com o evento da Fifa, mas entoa, de outro lado, também o grito em desfavor de prisões que aconteceram um dia antes, levando à detenção vários ativistas em todo o Brasil.

A carência midiática, porém, parece ser justamente a ausência de mais manifestantes nas ruas, em protesto. Não obstante, esses sujeitos demandam um acompanhamento, via transmissão *on-line*, suprida exatamente pelo trabalho do Mídia Ninja. A configuração da atualização, utilizando-nos de termos de Charaudeau (2008), dá-se, então, de um lado com as *lives* e de outro com o ato público, conformando a largada da atuação mídia + ativista do coletivo, representado por Filipe Peçanha, naquele dia.

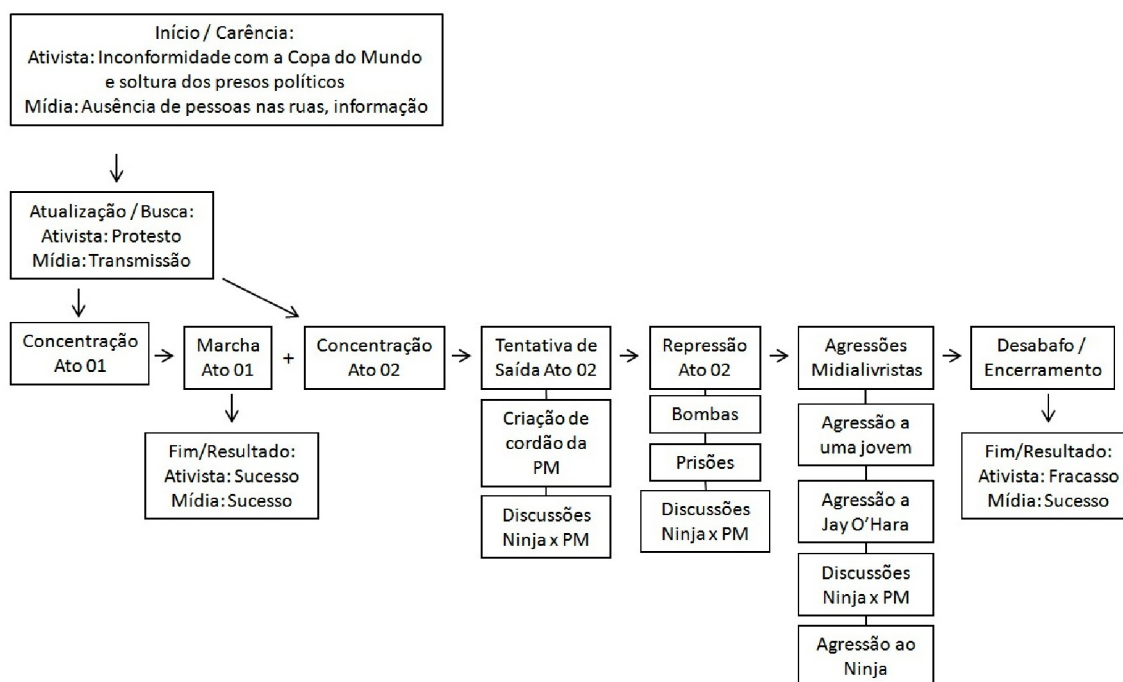
Em geral, essa é a base narrativa a partir da qual os Ninjas podem trabalhar, condicionando um plano de expectativas tal que possa ser cumprido – a depender, muito embora, do comportamento de cada midiativista e em função dos contextos –, respondendo ao contrato comunicativo do coletivo com os *webespectadores* dele. Os processos e as sequências seguintes é que serão fundamentais nesse sentido, não importando mais os pontos de partida, mas os caminhos seguidos em diante.

Vale observar que a transmissão em análise é dividida em dois momentos principais; em verdade, duas manifestações consecutivas. A primeira delas ocorre sem grandes contratempos, tal e igual à cobertura midiática correspondente. Assim sendo, essa sequência alcança sucesso, tanto no intento informacional quanto no ativista. A segunda, porém, seria

impedida de se realizar, frustrando os anseios dos militantes das causas relacionadas. Não obstante o fracasso do protesto, a transmissão alcançaria êxito, já que fora, ainda que com percalços, estendida até à efetiva dispersão dos manifestantes. Essa, porém, é uma maneira distanciada de definição. Disposições em contrário poderiam questionar a simetria fina de informação e ativismo, correspondente ao conceito de midiativismo. Se a análise se encaminhar dessa forma, não se teria uma definição muito precisa, e escolhas teriam que ser feitas em detrimento de uma lógica balizada pelo aparte. Como exemplo, apesar do segundo ato ter sido reprimido (e assim não ter logrado êxito/alcançado o objeto dele, o que aqui é tomado como referência), o Ninja manteve uma atuação efetiva de protesto e enfiamento, levada, inclusive, até às vias de fato.

Esse(s) embate(s), contudo, configura(m)-se como narrativa(s) encaixada(s) dentro da principal, que tem, mais uma vez, os propósitos claros de realização efetiva de um protesto e da transmissão em tempo real. Antes de falar precisamente sobre elas, redividimos as duas manifestações em momentos distintos, tal como fizemos na análise descritiva. Para rememorar, a primeira delas teve duas passagens: a da concentração e a de marcha (momentos um e dois em nosso esquema). Já a seguinte, dada a complexidade, foi recortada em cinco partes: concentração, tentativa de saída, repressão, agressões e desabafo final (momentos três a sete como referência).

Figura 30 – Representação gráfica resumitiva da narrativa de Filipe Peçanha em 13 de julho de 2014



Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale observar, então, que, em geral, a perspectiva mídia é dependente da ativista. O processo de atualização/busca da segunda ocorre independente da primeira, mas a transmissão deve se referir a algum fato, a acontecimentos a partir dos quais se possa discorrer. Estes normalmente são programados e articulados pelo corpo manifestante com propostas claras. Nesse sentido, caso o sujeito-ativista não alcance êxito no objeto, poderia o informativo ter resultado diferente? Acredita-se que sim, desde que se assuma por parte do narrador um caminho diferente, conforme será visto nas próximas páginas.

Falando de forma mais pontual sobre os momentos da narrativa, o de abertura evidencia os manifestantes em preparação para a saída do ato. Eles são localizados na Praça Afonso Pena, cidade do Rio de Janeiro. As primeiras construções de Peçanha evidenciam a intencionalidade da presença dele naquele local: o de registro e participação no protesto que começaria em instantes, em alusão às críticas ao modo como a Copa do Mundo de Futebol foi planejada e realizada no Brasil, bem como contra as prisões, que ele qualifica como arbitrárias, ocorridas no dia anterior. Nesse sentido, o objetivo ativista fica fulgente, bem como o de boa parte dos personagens que aderem a esse propósito. Os processos dessa parte dão-se, então, nesse primeiro momento, em torno de uma preparação para a largada do ato pelas ruas da capital fluminense em direção à Praça Sáenz Peña.

O Ninja, então, evidencia características do protesto, tais como a veia lúdica, ou de “carnavalirização” dos manifestos, que visa afetar a sociedade pelas perspectivas ligadas à arte e todas as demandas que, nessa fase preparatória, se fazem necessárias. Há, no entanto, também um clima de expectativas em um porvir violento, dada a imprevisibilidade de atuação dos militares no ato, uma vez que um dia antes “eles”³⁵² teriam agido, segundo Peçanha, com desproporcionalidade contra os manifestantes. De forma explícita ou implícita, essa prerrogativa é ratificada, ora pelo Ninja (em grande medida), ora pelos entrevistados dele, que se tornam conarradores, parceiros de ratificação de uma série de ideias compartilhadas e comungadas.

Não obstante, esses dois personagens principais, sujeito-ativista e a polícia como opositora de destaque (quase antagonista), nesse primeiro momento, mantêm certo distanciamento. Enquanto os manifestantes preparam-se, os militares articulam um cerco pontual, deixando saídas da praça liberadas, observando e acompanhando a movimentação.

³⁵² E essa impessoalidade, no apontamento da terceira pessoa do plural, é proposital, já que inclui aqui, por Filipe Peçanha, não apenas a Polícia Militar (que começava a fazer o cerco à praça), mas todo o sujeito composto, oponente, formado por quem é diferente de nós (Ninja + Manifestantes) e de vós (*webespectador*).

O clima de incerteza é suavizado pelas características espaçotemporais; trata-se, conforme acentua Filipe, de uma manhã de domingo, em uma praça carioca frequentada por idosos e crianças (e todos os valores que essa descrição carrega), na articulação de uma marcha que guarda um caráter de possibilidade muito pequena de enfrentamento físico e provocativo, numa instância mais pueril.

O momento dois, então, é o de efetiva marcha do protesto em direção à outra praça da capital fluminense, a Sáenz Peña. A presença física, *in-loco*, da PM é pouco sentida na narrativa de Filipe Peçanha. Aliás, aquilo que ela já fez e é, por natureza, capaz de fazer, é o que vai aparecer, com grande recorrência no texto do Ninja. De forma objetiva, o processo que cerca os policiais nessa manifestação, até então, era o do acompanhamento pontual da marcha, ainda que com grande efetivo.

A junção do possível com o dado é o que, porventura, pode gerar um efeito interpretativo de que uma intervenção (violenta) da corporação era cabível e poderia ocorrer, inclusive, a qualquer momento e sem motivos aparentes. Há contornos, na narrativa de Filipe, que justapõem o *ethos* discursivo dos militares sob a égide de um olhar da ideologia ativista. A polícia é vista como aquela que “oprima” e “reprime”, implantando uma “cultura do medo”, que imputaria ao cidadão a dúvida de participar ou não dos protestos e, inclusive, acerca dos valores que os cercam.

Não obstante, esse processo, segundo Filipe, é facilitado por uma parceria que a corporação teria com os meios de comunicação de massa (sobretudo a *TV Globo*) que, por seus artifícios próprios, criminalizaria os movimentos sociais e criaria falsos imaginários³⁵³ sobre a violência nas manifestações. Nesse sentido, há um processo anterior à manifestação em curso, mas que diz respeito diretamente a ela. Nesse contexto, ainda que os *media* estivessem ausentes do ato, sua marca se faz sentida em função de uma adesão menor do que a esperada no protesto. Da mesma forma, a polícia, mesmo apenas observando, já tomara medidas antecedentes para limitar o objeto do sujeito-manifestante.

Aliás, um actante particular aparece na narrativa de Peçanha. O Ninja fala em Forças de Segurança e Forças do Estado. Parece tratar-se de um ente 24 horas atuante, que monitora os ativistas, espiona os manifestantes, vigiando permanentemente. Mais uma vez tem-se uma ação prévia, trans e, inclusive, pós-evento dos opositores que, em detrimento da descrição sequencial e pontual no momento em observação, diz muito a respeito do que pode acontecer.

³⁵³ Na medida em que, segundo Peçanha, existiria uma “estrutura” de comunicação (midiática) “monopolizada” no país que, por conseguinte, dominaria a produção de sentidos no Brasil.

Todavia, os ativistas seguem o caminho deles. O processo de marcha corresponde à atualização em plena realização, na quase consecução de um resultado positivo da intencionalidade previamente estabelecida. É interessante observar então que, nesse momento em especial, Peçanha fala pouco da terceira pessoa do plural para se referir aos manifestantes e, muito mais, na primeira do plural, incluindo-se e convocando, por conseguinte, até a audiência.

Esse “nós” é justificado com recorrência, numa qualificação que acentua, de um lado, a intencionalidade (busca de resposta pelas carências) e, de outro, a dicotomia com os valores e nortes dos opositores. Nesse contexto, a plataforma de atualização é também classificada de diversas formas, endossando a coerência de implementação dela e a contradição da presença e ações correlacionadas dos opositores.

Para Filipe, protesto “não é crime” (logo não justifica a suposta criminalização dos *media* e a presença de um efetivo policial tão grande) mas é, contudo, uma luta (reivindicando aqui, provavelmente, a concepção marxista³⁵⁴ do termo) que reivindica, pela característica dela, dois (ou mais) polos opostos; é um direito (logo uma garantia), exercido de forma “festiva” – mesmo que “política”, que busca o “diálogo” entre os vetores contrapostos. Aliás, para o Ninja, as manifestações em geral são “pacíficas”, o que liga a narrativa em exposição ao passado e ao futuro, de um lado questionando ações da polícia em outros atos e, de outro, indicando que não haveria qualquer justificativa para a ação dos militares em atividades porvindouras, tais como a que ocorreria no período da tarde.

Essa primeira sequência fecha, aparentemente, com sucesso ativista e de mídia, os intentos previamente colocados. Contudo, o encerramento de uma etapa é necessariamente aqui o início da seguinte, dado que não houve pausa na transmissão. A cobertura ocorreu de modo contínuo e, para efeito de análise, acreditamos que seja preciso estabelecer a mesma linha contígua.

Vale observar que há marcações discursivas que acentuam o júbilo do encerramento sem perturbações do ato, que chega a Praça Sáenz Peña “bem” e “sem repressões” e “terminou muito bonito”. A sequência mostra um Ninja muito mais descontraído do que aquele que iniciara a transmissão. A ansiedade aparentemente negativa dá lugar à euforia que exalta os manifestantes (eles), o próprio Mídia Ninja (eu) e até os *webespectadores* (tu),

³⁵⁴ Apesar de não estar em curso propriamente uma disputa de classes, mas na influência da literatura em relação a alguns movimentos e na ideia dos efeitos maléficos do capital na sociedade, o que faz, finalmente, com que essa palavra (luta) provavelmente seja utilizada na narrativa de Peçanha. A discussão, se quiséssemos fazer uma análise do termo, recairia provavelmente mais ao campo da esfera pública ou até em encaminhamentos para a sociologia de Axel Honneth (2003).

fragmentando esse “nós” que junto alcançara êxito não apenas na transmissão/protesto que se finalizava, mas, aparentemente, ao longo do período de recorte (a Copa do Mundo) no conjunto de ações mídia + ativistas realizadas.

Via-se, então, um processo de conclusão, que de certo modo desprezara a missão da tarde (o segundo ato), excluía (ou minimizava) os opositores, dado que eles não obtiveram sucesso em fazer o protesto fracassar, e exaltava, em menor grau, os parceiros (ajudantes), representados pelo conjunto de peças que fortaleciam o(s) ato(s).

O momento três então, justaposto, é o de concentração para a saída do segundo protesto, em direção ao Maracanã, local em que se realizaria a final da Copa do Mundo de Futebol. A linha entre o encerramento de uma manifestação e efetivo início do aquecimento da seguinte é tênue. É o repórter Vidigal³⁵⁵ que, com a substituição a Peçanha, marcaria essa transição de momentos que, efetivamente, também registraria uma alteração no tom da narrativa; da euforia à disforia, do clima ameno à tensão balizada pelo comportamento da polícia que se efetivaria no fragmento seguinte.

Vale observar antes que Peçanha já indicava uma mudança não nos intentos do protesto, mas nas características fundamentais dele. Primeiro, perdia-se um pouco do caráter lúdico da primeira investida e, em segundo lugar, visava-se um deslocamento até ao Maracanã, estádio do final da Copa do Mundo (que aconteceria em algumas horas)³⁵⁶. De acordo com Filipe, a partida representava exatamente o ideal “momento para dar visibilidade ao estado de exceção” implantado no país. Isto é, o Ninja despreza qualquer tipo de perturbação à ordem que o manifesto poderia gerar; aliás, se isso ocorresse, seria justamente consequência da mencionada situação excepcional que limita os direitos públicos, tais como o de ir e vir.

A localização espacial e temporal da ação, então, dá contornos diferentes à narrativa, e ajuda a antever o que poderia ocorrer. O momento quatro marca justamente a repressão à marcha, com o cerco à Praça Sáenz Peña e a articulação de cordões humanos pela polícia. O curso então nem chega a ocorrer. Os manifestantes saem de forma desordenada pela rua, ocupando os espaços entre as barreiras militares (os “corredores”, segundo Peçanha).

³⁵⁵ Visto aqui como ajudante. Tal como se fez na análise descritiva, salta-se o período de transmissão empreendido por Vidigal. Contudo, vale observar que é no momento de narração dele que o efetivo policial iria aumentar substancialmente na Praça Sáenz Peña, indicando uma alteração na postura dos militares.

³⁵⁶ Filipe dá alguns outros indicadores que são cabíveis de uma interpretação que salienta a distinção entre os dois atos. O primeiro teria sido organizado pelo “OcupaCopa”. Já o segundo seria de articulação da Frente Independente Popular, que aglutina vários movimentos, entre eles os anarquistas, o que poderia sinalizar algum tipo de comportamento mais combativo dos manifestantes, seja no enfrentamento com a polícia, seja nas ações de depredação.

O processo de impedimento da polícia em relação aos manifestantes, ocupando efetivamente o lugar de opositor, é respondido em sequência pelo artifício do “drible”, conforme sugere Peçanha, por parte dos ativistas. Diante do primeiro cerceamento linear ao objeto pretendido, há a ocorrência de uma micronarrativa, de um acontecimento pontual, dentro da diegese macro.

Há uma variação localizada de intento ativista que parece naquele momento querer confundir os militares, tanto quanto, na nossa impressão, provocá-los. Filipe sinaliza essa (contra)estratégia e os gritos de “olé” entoados pelos manifestantes, apontando, porém, que isso é uma “brincadeira”³⁵⁷ e que eles caminham entre os oficiais de maneira “pacífica” e “tranquila”.

Ao mesmo tempo, o Ninja reforça o caráter ilegal da ação dos policiais, dado que as pessoas em protesto estavam “andando em vias públicas” (tendo, mais uma vez, cerceado o seu direito de ir e vir). Aliás, o repórter sinaliza que quem estaria sendo provocado eram os ativistas, com ações físicas (empurrões) e verbais (ofensas) por parte dos militares.

Algumas expressões utilizadas por Peçanha nesse contexto são interessantes. Uma delas é a de que os militares estariam sufocando os ativistas. Não se percebe aqui o uso em sentido figurado de sufoco. O contexto narrativo indica, por um lado, o estreitamento ou contingenciamento bem cingido e, por outro, a conotação de asfíxia, numa inter-relação com uma ação, qualificada pelo Ninja, como violenta e arbitrária.

Não obstante, a tática dos manifestantes acaba por confundir os policiais e expõe, ao menos discursivamente, uma fragilidade da corporação em se organizar e de liderança, evidenciando o despreparo – isso tudo está na fala de Peçanha. Não será raro, a partir desse momento, o Ninja qualificar os militares e as ações deles como insanas. A relação denotativa é, no entanto, metafórica, ao considerar que os excessos dos praças se justificariam por qualquer tipo de desequilíbrio mental, loucura.

O entrelace dos manifestantes em meio aos cordões policiais gera o clímax e a expectativa em relação a como aquela situação iria terminar, dado que aos poucos ela chegava ao limite. Nesse entre-dois, é ressaltada a presença de “corpos estranhos”, novidades bélicas dos militares que portavam pistolas d’água e até extintores (aparentemente para incêndio), elementos que indicavam uma iminente ação da corporação. Como se poderia prever, depreendendo sentido conformado por tênues apostas narrativas, no momento cinco, dada a

³⁵⁷ Mais uma vez o caráter pueril e inocente do manifestante é destacado.

ausência de êxito nas medidas de contenção dos manifestantes, bombas são lançadas pela polícia.

Em nenhum momento é esboçada na narrativa de Filipe qualquer reação física ou de direto desacato por parte dos ativistas que justificassem resposta dos militares utilizando os artefatos márcios. Nesse sentido, o processo de aplicação de bombas como medida de desagrupamento ativista só pode ser visto como posto no parágrafo anterior. Tem-se, em verdade, a intensificação da força uma vez que o primeiro processo, aparentemente não surtiu o efeito desejado, lembrando que o intento da primeira investida era, nada menos, que conter o sujeito em busca do objeto.

Não há espaço para uma versão diferente, ou de uma narrativa que posicione a polícia como contenção do objetivo de violência. Isso, na medida mesma em que seria ela quem trouxe essa perspectiva à tona, única e exclusivamente pelo exercício do ofício dela e não do de outros. Aliás, tampouco usado como resposta, visto que, a partir desse momento, segundo Peçanha, os manifestantes ou dispersaram ou foram cercados na praça, invariavelmente sofrendo ainda mais com as ações contínuas dos militares, que “faziam revistas aleatórias” e agrediram as pessoas com essa desculpa, “espirravam *spray* sem motivo nenhum”, e disparavam (balas de borracha, inclusive) “sem dó”.

Nesse contexto, Filipe sinaliza o lugar dos sujeitos como vítimas, reforçado por expressões como “em momento algum fizeram nada errado”. O campo que era de luta (ideológica) se transforma, nas palavras do Ninja, num de guerra, ainda que as forças fossem desproporcionais e que a resistência dos ativistas se desse tão-somente com a manutenção do corpo ereto e firme (“de pé”), mesmo que com o aparente cansaço (Carioca fala em exaustão), e com a conservação dos gritos de protesto.

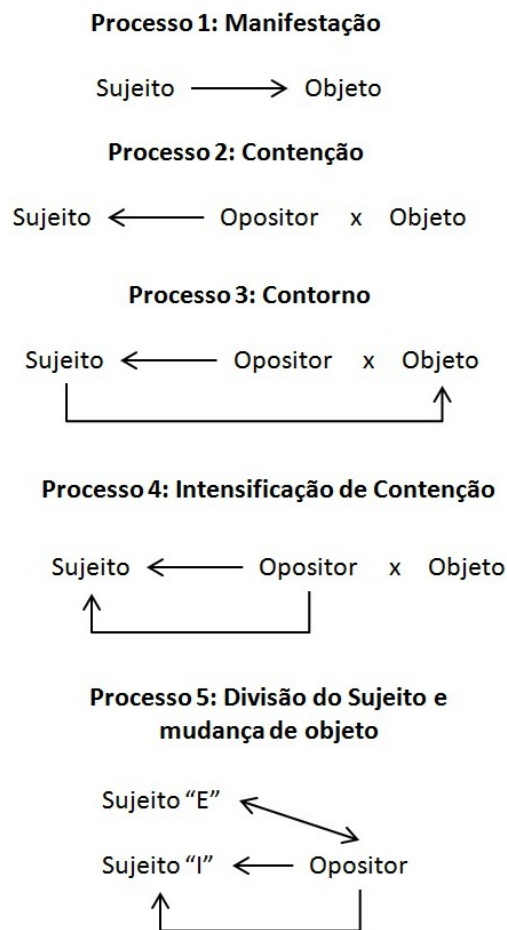
O processo de resposta dos manifestantes, então, nesse sentido, é de uma obstinação, de um aferrar que significava, de acordo com o texto do repórter, vencer até a si mesmo diante da fadiga que vinha das agressões físicas e verbais, que atingia aos sujeitos moral e ideologicamente. Nesse contexto, o Ninja, mesmo assustado com toda a situação e em detrimento do aparente esfalfamento, matinha uma postura firme dentro do propósito midiativista. Aliás, o comportamento parece ir numa crescente na medida dos enfrentamentos que o midiativista teria em seguida com policiais.

É nessa altura que parece haver um descolamento daquele sujeito composto (que busca o protesto) do início, em consequência da abertura em duas narrativas: de um lado, a do Ninja no entorno da praça que, cercada, concentrava a outra, a de dezenas de militantes impedidos

de sair do local, constituindo-se em histórias paralelas, uma vivenciada pelos ativistas vitimados pela ação da polícia, e outra de Peçanha.

Há, então, um processo particular do Ninja como elemento do corpo manifestante, que representava um agir individualizado, alterando o propósito em função do cerceamento de (grande) parte do movimento. Era o paralelismo narrativo tentando tornar-se simétrico, conforme se verá não muito adiante nesta seção da tese. De modo geral, a intenção agora dos sujeitos “externos” (fora do cordão de isolamento) era agir sobre o oponente, visando a liberdade daqueles que estavam internos (cerceados pela polícia).

Figura 31 – Esquema dos processos na narrativa de Filipe Peçanha



Fonte: Elaborada pelo autor.

Reforçando, fica evidente na narrativa de Peçanha que os processos dos ativistas (ou de parte deles) sobre os policiais só começam a se dar, então, depois de pelo menos duas investidas dos opositores, ratificando que as atividades dos militares sobre esses sujeitos já haviam começado antes mesmo da realização da manifestação – que já existia uma

predisposição em exercer a violência característica dessa força contrária. Ainda assim, a resposta vem com um enfrentamento tão-somente verbal³⁵⁸, e não físico.

Entre o processo quatro e o cinco, evidenciados no esquema da FIG. 31, é importante mencionar um comportamento dos opositores que muda um pouco a visão sobre a intencionalidade de desenvolvimento dos processos em relação aos ativistas. Essa comprovação aparecerá em outras seções, como as dos ruídos e das imagens, mas Filipe aponta na narrativa que os policiais riam da situação, davam gargalhadas, aliás. O Ninja indica que os militares estariam, então, sendo sádicos – e a origem do termo aponta o prazer ao infligir sofrimento a outrem.

Nesse contexto, se se pensasse em uma narrativa inversa, a corporação como sujeito teria como objeto não meramente o cerceamento da manifestação, mas a aplicação deliberada de força e dor às pessoas que do protesto fizessem parte. O foco não seria a ação, mas os indivíduos. O Ninja, assim, portador da terna proteção midiática que lhe dá o celular que carrega, conformaria uma frágil oposição, exercida em diante na confrontação da atuação dos oficiais, questionando a postura da polícia com o braço em riste, apontando a lente aos praças e direcionando arguição a eles, visando agir sobre a situação a qual os correligionários dele estavam submetidos.

São, nesse momento cinco, pelo menos sete discussões que o repórter empreenderia com os militares. Em algumas delas, a diegese é carregada de tensão, fazendo emergir efeitos patêmicos dada a emoção altamente perceptível na narrativa. Em um fragmento especial, Carioca é questionando por um oficial sobre o que ele estava informando à audiência. Segundo o policial que interveio, o Ninja estaria falando “besteira”.

A resposta de Peçanha é imediata com o “eu falo o que eu quiser”, justificando que ele estava narrando o que via e que, apesar de todo o cerceamento, ao menos o direito de livre expressão deveria ser preservado. Nesse fragmento, eleva-se o reforço ao *ethos* midiativista de forma muito incisiva, numa exigência não só à consecução de um intento (dentro da proposta narrativa), mas da própria configuração do sujeito como ser. Essa reivindicação ao reconhecimento dele como profissional dar-se-ia nos ulteriores questionamentos a oficiais da PM, indagando por que é que jornalistas de veículos de massa teriam livre acesso (ao cerco

³⁵⁸ Vale observar que o objeto, então, não é a libertação (fim do cerco à praça) com o propósito de retomada do intento inicial (protesto); Peçanha reforçaria diversas vezes que as pessoas queriam ir para casa, dado ratificado pela indicada fadiga que em geral todos sentiam. Percebe-se que essa particularidade muda um pouco a razão do cordão de isolamento, dando outros contornos à atitude da polícia, tanto quanto à condição dos que estavam em “cárcere coletivo e público”.

militar) em detrimento dele – ao menos a resposta de Peçanha para essa pergunta o leitor já conhecia.

Da mesma forma, Carioca evidencia a condição dele como sujeito comum, mais um, assim como o corpo de manifestantes presentes, que é, antes de tudo, cidadão, logo portadores de direitos constitucionais, entre os quais o de ir e vir – cerceado pela polícia. Essa é a base discursiva da ação que o Ninja vai impondo aos militares, além de expor desproporcionalidades, como o uso de armas de fogo (como uma escopeta) em uma manifestação na qual o outro lado não porta qualquer artefato bélico.

Carioca chega a travar um diálogo com um dos policiais que transportava um desses equipamentos. A ironia é a tônica da conversa. Ao ficar evidenciado que o praça reivindica aparentemente o uso do apetrecho como instrumento de intimidação de transgressores da lei (não necessariamente relacionando os manifestantes nessa posição), para a “paz reinar”, Peçanha reforça que acha “uma pena ela ser utilizada” num protesto em que estavam “as pessoas com faixas, com bandeiras, e do outro lado com bomba, gás, bala de borracha [...]”.

O Ninja instiga o contraditório com os questionamentos dele, deixando os policiais com os quais conversa em situações delicadas, respondendo eles ou não. Aliás, caso não houvesse retorno por parte dos oficiais, mais incitativo era o repórter. É o que aconteceu, inclusive, em uma tentativa de diálogo com um major. Filipe faz perguntas com fundamento, querendo saber, essencialmente, qual era o motivo do cerco aos manifestantes e a que horas eles poderiam sair da praça. Dado o silêncio, Carioca começa a indagar de forma mais provocativa se eles ofereciam “risco tentando voltar para casa” (expondo, mais uma vez, a condição de alteração de objeto dos ativistas que, desta feita, tinham um intento baseado em um direito ainda mais primário); se o cerco era lógico ou era coisa da cabeça dos policiais (exibindo uma possível ausência de organização, controle e liderança – afetando diretamente o trabalho do major com quem conversava); se depois a polícia poderia dar mais informações, a partir de uma elaboração feita pela assessoria da *TV Globo* (apontando aparentes relações escusas entre o veículo e a corporação contra os movimentos sociais); entre outras, tais como a qualificação ao comportamento do oficial diante das questões: “muito simpático”.

O repórter evidenciava, da mesma forma, as tentativas de tratativas de outros ativistas, do lado de fora do cordão, com os policiais; uns mais exaltados frente a outros tentando manter certo equilíbrio. Personagens anônimos, composição do sujeito externo que tentava intervir pelo interno, tanto quanto o Ninja. Todo o processo de problematização e ação dialogal parecem, depois de um bom tempo, surtir efeito e, aos poucos, um a um, não sem uma revista prévia, os ativistas começam a ser liberados.

Contudo, a altercação, que ainda se mantinha no plano verbal, ganha outros contornos quando uma jovem é abordada e presa pelos militares. Assim, o momento seis é marcado por uma sequência de microacontecimentos velozes que, se não reconfiguram a narrativa, ao menos encaixam sequências que acrescentam ao processo pelo potencial de afetação delas. A retomada do clímax.

Uma jovem identificada por Peçanha como Gabi é apontada como menor, presa de forma aleatória, injusta e incorreta (no que concerne ao procedimento, já que não havia nenhuma policial mulher participando da ação). Isso fez com que diversos ativistas se deslocassem rapidamente para o local da detenção, alardeados também pelos gritos das amigas da adolescente – conforme Carioca aponta, num processo de ação dos manifestantes em relação aos policiais.

Filipe narra, indicando que a polícia estava a agredir a jovem, assim como participa ativamente da cena, convocando o envolvimento de um advogado para ajudar na situação. Na tentativa de constituição de um processo de resposta, para dispersar os manifestantes, os militares começam a lançar bombas de gás colorido, que inclusive afetam a locução de Carioca que tosse seguidamente. Gabi é levada, primeiro a uma cabine da corporação e, enquanto é aparentemente arguida pelos praças, Peçanha discute com um oficial do lado de fora – aparentemente o mesmo major que provocara minutos antes.

Ele diz que o policial havia dado voz de prisão à jovem, sendo retrucado de que isso não era verdade e sendo repreendido como “mentiroso”. Carioca aparentemente irrita-se, questionando por que é então que a corporação não dizia o que estava acontecendo, contrapondo com ofensa ainda mais pesada, com um volume mais baixo, provavelmente para o oficial não ouvir – numa quase interjeição: “filho da puta”. Tem-se, mais uma vez, uma abordagem paralela com a qual se busca simetria (intervir na prisão da adolescente com uma abordagem correlacionada).

Nesse entre-dois, Gabi já começava a ser levada para uma viatura. Peçanha, as amigas da jovem, ativistas e midiativistas acompanham, cercam o carro, num processo direto de intervenção sobre a tentativa de levá-la do local para uma delegacia. A resposta da polícia, conforme aponta carioca, é imediata, com agressões e empurrões gerais, bombas e tiros aleatórios e constantes, chegando a apontar uma arma “na cara de uma menina”, “só para fazer uma prisão arbitrária”.

Isso faz com que os Ninjas, além de outras pessoas, corram do local e se escondam, num processo de evasão que remonta à presa em fuga. Agora escondido, “acuado num canto”,

ainda estava visivelmente assustado, indicando fortemente para que os correligionários ficassem escondidos: “fica, fica, fica, fica...”, diz ele – sim, quatro vezes.

Aos poucos, percebendo que o processo de fustigação da polícia havia, aparentemente, estacado, Peçanha decide retornar ao local da prisão da jovem, no entorno da Praça Sáenz Peña, para entender o que acontecia e se daria a partir daquele momento. A surpresa do Ninja é ainda maior ao perceber que um colega havia sido gravemente ferido na perna, “agredido brutalmente pela Polícia Militar”. Jay O’Hara, documentarista canadense, é a vítima que àquela altura já começava a ser atendido por uma socorrista.

Parecia que encerraria ali a transmissão, quando um oficial aparece solicitando para que as pessoas saíssem de perto do jovem que estava sendo cuidado pela enfermeira. Carioca então diz, aumentando o tom e o volume de voz, que estava acompanhando o “amigo” que estava em atendimento. O policial questiona se todos (aqueles que estavam no entorno do documentarista) eram acompanhantes. Peçanha amplia ainda mais a margem dos recursos expressivos verbais, num claro instigar verbal, indicando que não queria que o canadense fosse agredido novamente.

Filipe parece querer materializar no oficial, que aparecera naquele momento, toda a insatisfação e contrariedade dele com tudo o que já havia ocorrido naquela tarde e, principalmente, com o amigo estrangeiro. Independente de estar (ou não) envolvido na agressão a O’Hara, o policial, não identificado, representava naquele fragmento de narrativa o todo oponente que, para findar o conjunto de ações arbitrárias, ainda, aparentemente, queria proibir a presença de Peçanha junto ao documentarista.

A partir daí o policial começa a ameaçar o Ninja, indicando que o prenderia se não saísse do local. Aparece nesse momento um novo elemento, apontado na narrativa de Peçanha: uma algema. Ela não é colocada no texto do policial, mas é associada ao “estou determinando que você saia”. Peçanha, então, distancia-se, mas continua a argumentar com o *webespectador* sobre o que havia acontecido, visivelmente ainda insatisfeito com o final da história.

Assim, já que de alguma forma aquele oficial representava o todo corporação, ainda no entorno de O’Hara Peçanha volta à carga com o policial, indicando que estava dando “apoio moral” ao amigo e questionando se o militar sabia o que era isso: “Você já ouviu falar em moral? É o que te falta!”. O praça retruca, dizendo que tem, afirmando que, aliás, tem o “suficiente para prender” o Ninja. Filipe, assim, dá as costas para o oponente e se dirige para um ponto próximo, em que diversos outros membros da corporação se reuniam. Um deles chega a jogar a moto em direção ao repórter (evento indicado na narrativa verbal).

O que segue é a agressão ao midiativista. Segundo narra, teria sido pego por trás e estaria sendo preso, gritando para chamar a atenção dos colegas. No entanto, a partir desse momento, teria começado a levar diversos chutes, inclusive golpes na região escrotal e teve o braço torcido.

Enfim, o momento sete, é o de desabafo de Filipe Peçanha, diante das agressões que havia sofrido e ao conjunto de ações da polícia durante e (pelo menos um dia) antes da manifestação em análise. Ainda atônito, e um tanto perdido, o Ninja indica que teria sido colocado de volta no cerco policial com os demais manifestantes. É o momento de reencontro da narrativa e, ao mesmo tempo, de deságue, posto que uma via de saída para os ativistas já havia sido aberta pelos militares – condição que quebra a distinção aqui proposta de interno/externo, tanto quanto o objeto da segunda trama que representava o fim do cerco às pessoas na Praça Sáenz Peña³⁵⁹.

Segundo se observa na narrativa, não foi o processo de agressão ao Ninja que fez com que a saída dos ativistas fosse liberada (fim do cordão de isolamento). Contudo, esse acontecimento marca a história como a encenação viva do que antes era relatado, o narrador torna-se personagem vítima da ação direta da corporação em resposta ao questionamento que sofre reação física em função das investidas sobre os policiais – ao inquiri-los acerca de uma atividade precedente.

Dado, porém, o fim do cerco, e o conseqüente insucesso das ações ativistas iniciais, ter-se-ia o fim da narrativa. Contudo, Filipe aproveita-se do momento para lançar o apólogo, a interpretação de todo o processo vivido como parábola. Ele emenda, direcionando-se aos militares, fazendo inclusive um breve epílogo do que acontecera a partir do momento quatro:

O estado da Polícia Militar, é de total despreparo, é de total insanidade, as pessoas que estão vestindo essas fardas, não têm preparo para lidar com manifestantes e não é porque manifestante é agressivo ou porque manifestante... não tem possibilidade de lidar com qualquer um [...] Não sabem lidar com ninguém, não sabem lidar com o cidadão, é só a base de porrada, é só a base da força física, é só a base de agressões físicas e morais, porque estavam todo mundo dando risinho, conforme os tiros eram disparados. Todos os policiais aqui estavam rindo de maneira sádica das pessoas sendo agredidas aqui no Rio de Janeiro [...] Tem um monte de gente que foi ferida, que teve agressões físicas contra o seu corpo e a Polícia Militar, dá risada na cara dessas pessoas, dá risada na cara da sociedade. Eu acabei de ser espancado por oito, por dez, marmanjo grande, vestido, armado, eu não fiz nada de errado para estar aqui, eu não fiz nada de errado para nenhum de vocês, eu estou transmitindo ao vivo com um celular, assim como muita gente aqui está expressando o que acredita e isso não é nenhum tipo de violência, isso não é crime, isso é um direito constitucional do cidadão, é uma vergonha a Polícia Militar do Rio de Janeiro [...] Uma atitude, de novo, que infelizmente é uma vergonha para esse estado democrático que a gente

³⁵⁹ Observando, porém, que os acessos ao Maracanã continuavam vedados, impedindo qualquer retomada do intento inicial de marcha até ao estádio da partida final da Copa do Mundo.

tem no Brasil, é uma vergonha para esse modelo de polícia, é um abuso de insanidade que a gente vive, hoje, no Rio Janeiro, com esses modelos de Polícia Militar nos governos. A gente precisa de fato mudar isso, a gente não pode se calar, a gente não pode perder a nossa coragem em lutar, em estar na rua, e fazer aquilo que a gente acredita. Eles não vão nos calar cara, e a gente vai continuar seguindo a luta.

O moral da história, contudo, já vinha sendo dado ao longo da transmissão. Pode-se depreender como sentido principal que não se deve confiar na Polícia Militar, aliás, mais do que isso, e até como consequência dessa interpretação, não há motivos para ela continuar existindo. A prova cabal, dada em tempo real, seria a agressão desproporcional sofrida pelo Ninja sob o olhar dos *webespectadores*, ratificando tudo o que havia sido dito antes. E esse, enfim, é o processo que encerra; mais do que a ação sobre outro (independente disso) é uma amarração da narrativa que, muito embora não tenha alcançado êxito no intento principal, não abre mão de outras cláusulas que conformam o contrato comunicativo ativista (entre elas, debater sobre a violência e os abusos policiais).

Então, de modo complementar, se essa interpretação não resolve o problema dos ativistas presos um dia antes, um dos motes das manifestações transmitidas em 13 de julho, ao menos expõe que os encarcerados muito provavelmente são vítimas de uma postura despreparada e exacerbada das forças policiais que, muita embora, são orientadas por governo tão descoordenado quanto. As narrativas explicam-se e justificam-se.

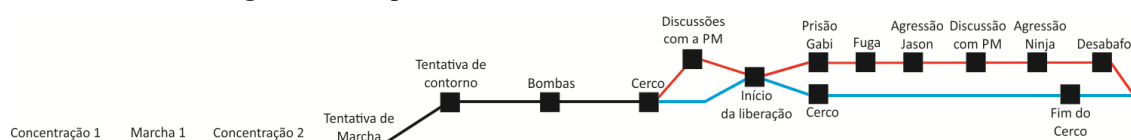
Como análise geral, infere-se que a narrativa ninja (ao menos em 13 de julho) tem uma sucessão linear e consecutiva como base referencial, combinando os princípios de coerência e de encadeamento, estruturados de acordo com as escolhas de enquadramento de Filipe, o posicionamento e o ponto de vista dele dentro do acontecimento, ancorado evidentemente por uma sequência evenemencial a qual, na maior parte do tempo, esteve assujeitado, dada a força das ações coletivas e a sequência temporal.

Mas, essa é uma condição que coexiste na narrativa frente ao que foi provocando diretamente em determinados episódios pelo repórter: ou tentando responder criticamente na narrativa e ativamente nos acontecimentos, conforme foi exposto anteriormente. O Ninja, assim, sobretudo a partir do momento quatro, começa a narrar “histórias paralelas”: a dele, como personagem inserido do lado de fora do cordão de isolamento e a dos ativistas cercados pela tática militar. Não obstante, busca-se entre as duas uma ligação de causa e efeito, mesmo que não tão direta. Conforme se apontava anteriormente, almeja-se por parte de Peçanha a articulação de um processo de degradação da narrativa dos manifestantes cercados e cerceados do direito de ir e vir por meio das ações desenvolvidas, sobretudo, por ele mesmo,

assim como de outras pessoas (ajudantes ou sujeito partido / sujeito dois em esquema anterior), que estavam do lado de fora (CHARAUDEAU, 2008).

Na FIG. 32, tem-se uma tentativa de registro do processo de narrativas paralelas. A linha preta representa a sequência do sujeito composto até a efetividade do cerco policial na Praça Sáenz Peña. A partir daí, correm duas histórias: em azul, a dos ativistas em cárcere e, em vermelho, aquela conduzida em narrativa testemunhal pelo Ninja. No início da liberação dos manifestantes elas se cruzam novamente e se imagina que iriam se recompor em apenas uma. Ter-se-ia aí a consecução de uma simetria nas investidas de Peçanha e dos companheiros do lado de fora do cordão de isolamento. Contudo, a prisão da jovem Gabi faz as linhas se distanciarem novamente, até que só após a agressão ao Ninja o sujeito se desfragmentasse, já dispersando, tendo em vista o objeto inicial inebriado.

Figura 32 – Sequência narrativa da transmissão de 13 de Julho



Fonte: Elaborada pelo autor.

Alguns desses pontos, ratifica-se, podem ser vistos como microssequências encaixadas no interior da narrativa ampla, quando já se referia aos acontecimentos pontuais ao longo dessa busca pelos objetos principais. Estas acabam por dar cadências diferentes, na variação do tempo no texto narrativo. O ritmo ora foi de *expansion*, lento, sobretudo com as concentrações e a primeira marcha, e em outros momentos de extrema *condensation*, no acompanhar da dinâmica surpreendente das ações dos militares e as consequências delas, ou na série: prisão Gabi – fuga – agressão ao documentarista – discussão com PM – agressão ao Ninja, por exemplo.

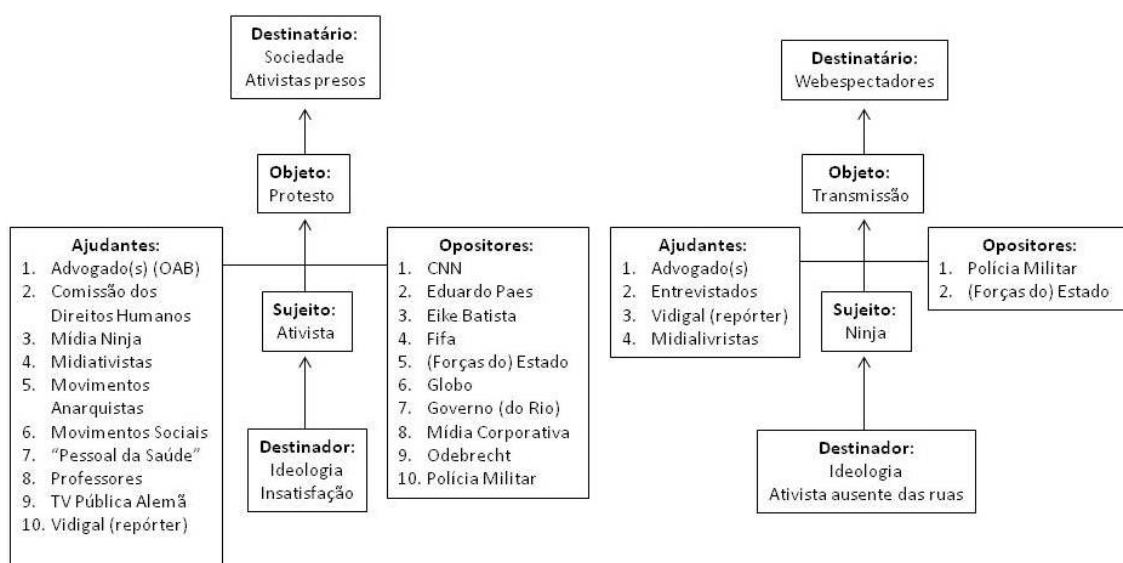
Nesse contexto, de certa forma já se começou a apontar os papéis actanciais da narrativa de Filipe Peçanha. Nos quadros principais, há dois sujeitos. De um lado, o ativista e, do outro, o midiativista, representado exclusivamente pela figura do Ninja. Contudo, o primeiro protagonista é composto, formado também pela participação efetiva do repórter, que comunga da mesma busca pelo objeto protesto.

Empreender manifestação significa responder à carência inicial de insatisfação com a Copa do Mundo e com as prisões de correligionários. Esses últimos, inclusive, parecem compor a instância destinatária, tal como a sociedade em geral, indagando que, caso os atos

alcançassem sucesso, esses se beneficiariam diretamente das ações nas ruas. O que parece mover os ativistas, no entanto, é uma insatisfação com o *status quo*, fundamentada em um parecer ideológico que aparentemente imputa um questionamento discursivo que propulsiona ações de intervenção social.

E se esse sujeito vê-se auxiliado por diversos atores sociais, outros tantos assumem o lugar de oposição. Aliás, a relação de agenciamento das personagens parece se configurar quase sempre como resposta. Se existem veículos corporativos de mídia de massa que, segundo Peçanha, não favorecem os ativistas – chegando até a proferir discursos que os criminalizam –, articulam-se frentes de resistência midiativistas (tais como, o próprio Mídia Ninja) que os auxiliam; se a Polícia Militar utiliza-se de estratégias espúrias de contenção dos atos, advogados da OAB e comissões de direitos humanos implicam tais comportamentos à égide da lei, registrando e tentando coibir a emergência delas; se as forças do Estado e o governo reprimem e oprimem, categorias profissionais e grupos sociais dos mais diversos fortalecem a manifestação, entre outras possibilidades.

Figura 33 – Representação gráfica resumitiva dos papéis actanciais da transmissão de Filipe Peçanha



Fonte: Elaborada pelo autor.

Já o sujeito Ninja, isolado, na busca pelo objeto transmissão, em relação direta com o evento narrado (o protesto), tem também como destinatador a ideologia que, por sua vez, parece fundamentar o contrato de comunicação outrora assinado com o público. Esse último, ausente das ruas, é o destinatário principal do trabalho do repórter. Não se pode esquecer, porém, que ele é receptor e tem um plano de expectativas considerável também em relação ao

comportamento manifestante do Ninja, compreendido mais na condição Mídia + Ativista³⁶⁰ dele.

Nesse sentido é que, mais uma vez, retoma-se a problemática mal resolvida, é importante destacar, sobre o resultado da intencionalidade narrativa. Aqui, como já se observa, preferiu-se, contudo, assumir que parte do contrato se cumpre em função da cobertura midiática. A ressalva neste estudo é que a outra perna, a ativista, parece se alcançar mais em função de um comportamento do Ninja ao logo da transmissão do que do fato da manifestação ter logrado êxito em concluir os propósitos iniciais dela – e exemplo é a postura combativa e incansável de Peçanha, que culmina na agressão da polícia sobre ele e no desabafo final.

É nesse momento que, enfim, conforme já se indicou, as histórias que antes pareciam paralelas aparentemente se (re)unem. Porém, a intercessão não é meramente o fato de Peçanha ter retornado para o lado em que a grande maioria dos manifestantes estava. O retorno não é apenas físico. Se num primeiro momento o Ninja parecia complementar ao sujeito ativista puro, até a serviço dele, mais até numa condição de ajudante (como são as mídias livres), com esse microacontecimento ele retoma ao pareamento com um lugar central, catalisador dos valores e da essência desse articulador da narrativa ativista, e não apenas mídia. Não é mais tão-somente aquele que narra os acontecimentos, e mesmo tenta intervir, assumindo uma posição de personagem, mas quem sofre com um processo no qual o ativista é passivo: a agressão policial como última instância de contenção do objeto manifestante.

Ninjas e Ativistas são, então, personagens principais, ao lado da corporação policial que se destaca como a principal oponente. Essas partes ora sofrem ações e em outros momentos agem umas sobre as outras. São circunstantes e secundários, contudo, uma série de outras figuras, tais como, ausentes da manifestação, o Governo e a Fifa, e os principais articuladores destes. Mesmo presentes, os outros canais de mídia livre, advogados, classes trabalhadoras, ainda que com funções específicas no desenrolar das sequências, ocupam um lugar subsidiário.

Contudo, vale observar que a partir de tênues construções, mas constantes, estão associados aos actantes papéis que se estruturam como signos linguísticos característicos de narrativas. Sem que lhe fosse preciso imputar claramente esse lugar no texto de Peçanha, o ativista é visto como vítima. Logo, a polícia assume a banda de vilã na história. Quem ocuparia o posto de herói no conto? A impressão que se tem é a de que o Ninja assume essa

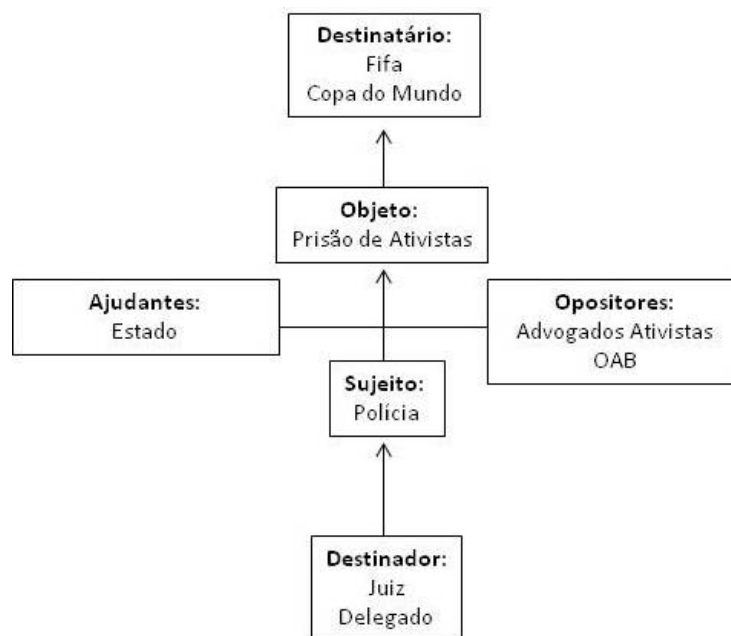
³⁶⁰ A instância destinatária, aliás, é ainda mais ampla e complexa, conforme já foram evidenciadas as nuances do público do Mídia Ninja.

condição, na medida em que passa por diversos obstáculos exatamente com o propósito de socorrer aos manifestantes.

No entanto, a jornada dele culminada com um fim epopeico, trágico, em que é agredido por policiais, mas a partir da qual renasce e parte para um encerramento com um discurso olhos nos olhos com a corporação, o que faz com que ele seja visto como um quase-martír; o indivíduo que se doa por aquele sujeito composto que já fora apontado anteriormente.

A *mise en narration* de Peçanha articula uma sucessão de ações que seguem uma certa ordem lógica dentro do universo narrado, mas está para além da transformação dos fatos, vividos e testemunhados em tempo real, em relato. Há um esforço de reconstituição de episódios que, ao mesmo passo que sobrepõem à tessitura do tempo e do acontecimento vivido, dão sentido a ele. Tem-se desde o início uma narrativa regressa, numa linha espaço-temporal mais curta, que evidencia boa parte do que acontecera com jovens que haviam sido presos injustamente (segundo Filipe) no dia anterior. Esse evento é, inclusive, um dos estimuladores da manifestação a ser transmitida.

Figura 34 – Esquema narrativo da prisão dos ativistas em 12 de Julho



Fonte: Elaborada pelo autor.

A FIG. 34 é um esquema resumitivo da narrativa de Peçanha sobre o que acontecera no dia anterior. Em linhas gerais, como resultado da (re)construção do Ninja, pessoas (que costumeiramente participam de manifestações) em várias partes do Brasil foram presos pela

polícia a partir de mandados expedidos pelo juiz Flávio Itabaiana de Oliveira Nicolau e sob a orientação do delegado Fernando Veloso. Para Filipe, ainda que advogados ativistas e a própria OAB tenham tentado intervir, a força do Estado (governos em todo o país) como auxiliar foi maior. O beneficiário, afinal, de todo esse processo é o torneio esportivo que acontecia em terras brasileiras, mas, mais especificamente, a Federação Internacional de Futebol.

Contudo, a questão é mais complexa. A Fifa aparece aqui como um agente social que, em parceria com os executivos das cidades sedes dos jogos, das unidades federativas e da nação, implantaria um estado de exceção no Brasil, limitando direitos do cidadão (como o de ir e vir, onde, como e quando quiser), em detrimento de uma receita financeira proveniente da ocupação dos espaços públicos nos quais se realizam atividades (co)relacionadas ao evento.

Nesse sentido, para Filipe, o poder público (e todas as instituições a ele vinculadas, incluídas aí as polícias) estaria em uma simbiose com o capital, representado nessa construção pela entidade máxima do futebol no mundo, em prejuízo das funções primárias desse Estado, como resguardar os direitos do povo. Assim, essa amálgama, representada pela justiça e pela Polícia Civil, privilegiando o bom andamento do torneio, resolve prender cidadãos que, se supõe, poderiam estar articulando atos de violência no dia da partida de encerramento.

Importante observar o futuro do pretérito, condicional. Não se sabe se fariam, sequer se participariam; poderiam. Peçanha chamará a atenção para esse ponto, indicando que a polícia age num exercício de futurologia questionável, empreendendo prisões que são, também por isso, arbitrárias. Ainda nesse sentido, segundo sugere o Ninja, esses encarceramentos serviriam exatamente para implantar uma cultura de medo nas manifestações como plano, diminuindo o quórum nas ruas e afetando diretamente o bom andar dos trabalhos no Maracanã como programa final.

Nesse contexto, a polícia, o Estado e as personagens ligadas ao capital e a serviço dele (não só os já mencionados delegado e juiz, mas até figuras públicas, como Eike Batista, empresário que passaria a explorar comercialmente o estádio do Rio de Janeiro) são vistos como um coletivo de vilania. Na outra ponta, são vitimizados os ativistas injustamente presos que, aparentemente, não fizeram nada para sofrerem tal retaliação, senão servirem de cobaia de uma proposta de sentido visado: reforço do receio com os protestos.

Não obstante, e nada paradoxalmente, esse acontecimento serviria como alegoria para expor exatamente a relação conflituosa entre manifestantes e Estado (materializado na força policial) e motivar os protestos em 13 de julho. Contudo, há a rememoração de outros casos,

como as prisões de Fábio Hideki³⁶¹ e Rafael Braga³⁶², que, apesar de distintas, asseveram adjetivações negativas sobre o Estado e a corporação militar.

Peçanha vai mais longe e informa na narrativa dele que havia uma série de imagens que mostram a inocência de Hideki e que fora forjado um flagrante. Essa atitude, mais uma vez, teria sido maquinada pela polícia. Com dados como esses, Filipe vai, então, ao longo do texto, estabelecendo a relação entre os acontecimentos passados e o que estava em curso, trazendo à tona uma interpretação acerca da identidade dessas personagens compostas: Forças de Estado *versus* forças sociais – essa última na qual se inclui e da qual os ativistas evidentemente também fazem parte.

Esse segundo conjunto, não nomeado dessa forma por Filipe, formaria o grupo dos excluídos, dos sem voz, dos estigmatizados, de parte da sociedade civil, enfim, que, organizada, vai às ruas protestar por direitos, quais sejam. Assim, histórias de categorias profissionais, que inclusive são indicadas na narrativa de Peçanha como apoiadoras do ato em transmissão, são conclamadas para dar ainda mais sentido ao que se quer evidenciar. Garis e professores são apontados.

Os profissionais da limpeza urbana, por exemplo, haviam empreendido uma paralisação no Carnaval de 2014. Filipe retoma o caso como alegoria para mostrar que não importa o tamanho de um ato (estabelecendo relação com o protesto em curso, expondo possíveis limitações advindas da suposta cultura de medo criada pelos opositores), mas sim o potencial mobilizador e de afetação, indicando ainda que é possível articular novas formas de manifestação social, sensibilizando a população ausente das ruas e sem conhecimento sobre determinados problemas sociais. Isso, ainda que oponentes como os meios de comunicação de massa (nomeadamente a *TV Globo*), instituições correlacionadas (como o sindicato da classe que “criminalizou o movimento”) e o governo (especificamente, nesse caso, o prefeito Eduardo Paes), imprimam resistência.

Há ainda narrativas, mesmo que curtas, paralelas, sem relação muito direta, que são conclamadas, em geral por depoimentos de apoiadores dos atos, desenroladas pelo Ninja. Aliás, isso é recorrente em outras transmissões, conforme se pôde observar no voo *flâneur*. Na cobertura em análise, por exemplo, citou-se o problema público, enfrentado em várias capitais brasileiras, das ocupações urbanas e, internacionalmente, a guerra na Faixa de Gaza. No primeiro exemplo, logo no início das *lives*, um senhor pede ajuda para os moradores da Favela

³⁶¹ Caso que foi, inclusive, transmitido pelo Ninja Alex Demian no recorte de análise desta tese.

³⁶² Peçanha conta que Rafael foi preso em 2013, durante as Jornadas de Junho e ainda continuava encarcerado até aquela data. O jovem havia sido detido, de acordo com Peçanha, apenas por portar duas garrafas de desinfetante e uma de água sanitária, o que fora considerado material incendiário pela justiça.

da Telerj no Rio de Janeiro – questão problematizada por Filipe e o entrevistado. Outro homem, que estava na concentração do primeiro ato, ainda na Praça Afonso Pena, por sua vez, questiona a postura bélica desproporcional de Israel frente aos palestinos e se utiliza da manifestação que iria começar como plataforma para expor o ponto de vista dele.

Essa condição de vozes trazidas ao texto principal faz coesão também com a questão dos estatutos. Na narração de Filipe Peçanha, os três principais modos de posicionamento de narradores são agenciados. Em primeiro lugar, então, como se vê, há uma história que comporta muitos narradores, conclamados no papel de entrevistados, ora testemunhas de fatos anteriores ou paralelos, ou comentaristas do evento em ocorrência, no instante mesmo do diálogo. Em segundo lugar, Carioca é, como já se colocou, narrador de uma odisseia da qual também é um dos personagens centrais, e, por fim, evidencia a trajetória de outros personagens.

Nesse último caso, parece evidente que, apesar da condição distanciada, o Ninja não é totalmente exterior ou ausente, a presença dele é sentida e marcante, apresentando-se como testemunha ocular do que acontece com outrem. No segundo caso, o de narração participante, o Ninja é, como Charaudeau (2008) chama, porta-voz de si. Essas duas ocorrências giram em torno do comportamento de Filipe Peçanha, tanto quanto o agenciamento de múltiplos narradores.

O repórter é, contudo, conforme preconiza o semiolinguista francês, o narrador primário, responsável pela escritura narrativa, trazendo à tona alguns narradores secundários que encaixam suas históricas contadas a partir de uma disposição manipulável do primeiro. Na subdivisão desse conceito, tem-se o narrador-Ninja relatando os episódios dos quais os secundários foram testemunhas, conclamando-os no texto (CHARAUDEAU, 2008).

Ao todo foram empreendidas mais de vinte entrevistas, número que poderia ser ampliado ao se considerar os rápidos e pontuais diálogos, quando não paralelos, de Peçanha ao longo da transmissão. Contudo, os temas são os mais variados, mas o ponto de vista é quase sempre o mesmo – amparado pelos valores e pelo conjunto de experiências e expectativas que guiam o corpo ativista e seus auxiliares, em detrimento dos oponentes, quando raramente arguidos e em menor proporção respondendo. O que se tem, afinal, é uma variedade de locutores, mas que não mudam o enunciador padrão (DUCROT, 1987), aliás, aparecem em geral reforçando-o.

Porém, há também o comportamento do narrador-ninja que relata a narrativa de outros narradores. Esses últimos normalmente são as personagens principais e, assim, o repórter age efetiva e deliberadamente na narrativa. Foi o caso, já mencionado, do que ocorrera com Jay

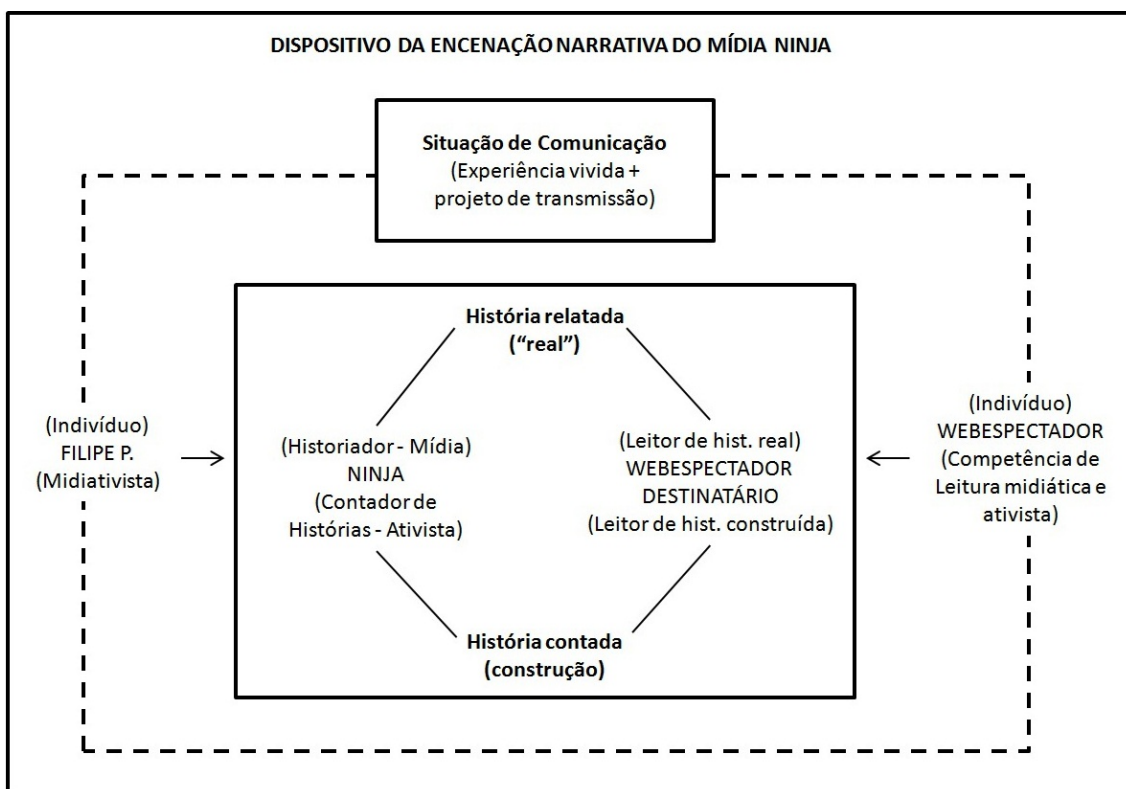
O'Hara, por exemplo. Filipe mal se deparou com o amigo ferido e, a partir dos elementos contextuais, já estabeleceu um constructo narrativo que dava conta da desproporcionalidade militar, balizado por um suposto desequilíbrio mental dos componentes da corporação, frente à vitimização total do colega (e não que não tivesse razão, mas é o Ninja, um tanto alterado e sem embasamento, que, com breves palavras, contaria o que aconteceu com o documentarista).

Dada toda a descrição articulada anteriormente, chega-se inevitavelmente a uma discussão, à guisa de uma conclusão, acerca do dispositivo da encenação narrativa, já que uma parte fundamental do processo narrativo ainda não foi mencionado, mas veio sendo também significado ao longo da produção: o *webespectador*. Têm-se, então, no circuito externo, de um lado, os sujeitos que conformarão a audiência; um conjunto de leitores reais, justapostos por uma identidade social ancorada no mundo sócio-histórico, conforme discutido anteriormente. Ao mesmo tempo, como leitores possíveis, espera-se que eles tenham letramento suficiente para decodificar as mensagens produzidas no âmbito do midiativismo. Do outro lado, na outra ponta, tem-se o sujeito Filipe Peçanha, portador de uma identidade social, implicado pelo *ethos* do veículo ao qual está veiculado e por uma proposta ideológica de base. Assim como os *webespectadores* que têm, nesse dispositivo, duas facetas, ao mesmo tempo esse indivíduo é um Ninja, mais do que isso, um midiativista, o que faz com que ele mobilize uma série de estratégias e técnicas de produção de conteúdo balizadas por esse compêndio. Essa dinâmica vai conformando o quadro que aparece a seguir.

O que está em questão nesse campo externo também é importante que não se esqueça, é o contrato comunicativo que sela a afinidade entre as partes. No entanto, seguindo na trilha de Charaudeau (2008), teríamos ainda um espaço de significação intratextual, o circuito interno, discursivo ou intencional, no qual se institui a figura de um narrador e de um leitor destinatário idealizado que podem convocar novas perspectivas para o relacionamento entre as instâncias.

O *webespectador*, inserido na narrativa como receptor, razão do porquê se narra, verifica, de um lado, a condição de real que sustenta o relato de um fato apresentado a ele, e, do outro, embarca em uma sequência de exposição muito particular dos acontecimentos. Essa dupla via é posta muito em razão das posições assumidas pelo narrador-ninja, ora assentando-se no posto de historiador, elaborando um registro da realidade o mais objetivo e fidedigno possível, comprovável, fundamentando, ora na condição de um reconstrutor social que, em verdade, conforma, por meio de artifícios próprios, uma versão fundamentada no ponto de vista e intenção dele, que consiste no produto narrativo.

Figura 35 – Representação gráfica resumitiva dos papéis actanciais da transmissão de Filipe Peçanha



Fonte: Elaborada pelo autor.

Mas, onde aparece o ativismo? É o que se espera ver (infere-se, pela audiência), por parte do repórter em uma transmissão. Parece claro que o papel mídia, informativo, da transposição do fato em relato, ainda que afetado por uma identidade social do Ninja, se estrutura no lugar do narrador-ninja como historiador. A dinâmica do contador-ninja poderia, então, dar espaço a esse outro comportamento?

Antes de responder a essa questão, indaga-se que a ação ativista em uma narrativa só seria conseguida por meio de uma inserção efetiva do narrador no evento narrado a partir de um comportamento marcante e análogo ao dos demais manifestantes, a expressar valores correlacionados aos defensores de uma determinada causa. Quando esse procedimento se efetiva, aí sim o dispositivo da encenação narrativa midiativista se institui – porque, do contrário, seria apenas mídia/comunicação.

As intervenções podem vir por uma série de ordens, conforme preconiza Charaudeau (2008). Viu-se, por exemplo, a presença do autor-indivíduo Filipe dirigindo-se aos *webespectadores* de maneira explícita, evidenciando a experiência que vivenciava não apenas como testemunha, mas como personagem ativo, que interferia na ordem evenemencial.

Para além disso, Peçanha demonstrou várias vezes ao leitor o que a ação dele representava, fazendo alusão às cláusulas do contrato comunicativo, rememorando a

audiência acerca do compromisso e do cumprimento dele. A cumplicidade com o espectador, muitas vezes reforçada com o reiterado “nós” (ou o “a gente”), indicava, no entanto, mais do que uma chamada de atenção ao processo narrativo, mas a colocação do internauta na cena enunciativa como parte do sujeito-ativista/composto, que buscava o objeto protesto como forma de expressão de insatisfação com a Copa do Mundo e a contrariedade frente às prisões do dia anterior. Era a expressão do autor-escritor/midiativista.

Mas, quando se evidencia a intervenção do narrador-historiador, pouco espaço parece existir para o ativista, a não ser uma atenção maior com os fatos relacionados ao que se julga mais relevante sobre/para os manifestantes. Mas, nesse contexto, a seletividade representaria a efetividade historiadora, ou já direcionaria a narrativa para o conto, uma vez que se tem uma versão parcial e particularizante de um fato?

Inferimos que esse parece ser o espaço da intencionalidade. Lugar onde se busca a persuasão por meio de uma estratégia de quase-ficcionalização. A linha que separa o narrador-historiador do contador parece aqui ficar mais tênue. Isso se dá muito em razão da alteração constante dos papéis dos Ninjas ao longo de uma transmissão. Aliás, dentro da linguagem de Charaudeau (2008), pode-se aqui reforçar a variação nos estatutos de Filipe – conforme se viu nas últimas páginas, ora como narrador distanciado, que observa o que ocorre em uma determinada cena e relata ao leitor, ora como partícipe ativo, reivindicando um lugar de personagem.

Entre outras particularidades, Charaudeau (2008) indica que a presença do narrador-contador é sentida no relato de uma história de alguém diferente do narrador, ainda que ele mesmo seja o personagem dessa história. Há uma espécie de apagamento, distanciamento. Isso parece acontecer exatamente nos momentos em que Filipe assume menos um lugar de locutor do que de participante. Nesta tese, quando se tratou dos atos locutivos, por exemplo, já se apontava isso; evidencia-se mais o sujeito de relações em detrimento do papel de repórter. A questão é em como isso pode afetar a narrativa.

A hipótese, com base na análise em curso, é a de que o comportamento informativo é marcado fortemente pelo ativista, sobretudo em eventos como as manifestações, inebriando o horizonte do relato objetivo e a relação mais horizontal dele com os fatos aos quais faz referência. A declarada parcialidade do Mídia Ninja, de certo modo, coloca em xeque a perspectiva da informação.

Não se quer recorrer aqui a uma discussão filosófica sobre a verdade, mas tão-somente à lógica da correspondência. Também não se conjectura que o Mídia Ninja minta deliberadamente. Contudo, o comportamento ativista na narrativa parece influenciar nas

escolhas que são feitas para designação das personagens, para localização dos actantes e dos movimentos deles na história, no esconder (ainda que seja por ausência de saber) ou valorizar determinados dados, entre outras perspectivas.

A aposta aqui, então, é a de que, como não poderia deixar de ser, há uma história que é construída pelo Ninja em cima dos fatos. Esse constructo é tanto objetivo, quanto relacional, na medida da convocação de outras histórias orbitantes que ajudam a esclarecer e dar sentido mútuo acerca de posições marcadas sobre determinadas questões. E, a partir do que se vê na dinâmica descritiva, na análise dos processos narrativos e nas sequências que se conformam a partir daí, é que independentemente do resultado obtido em uma história, é a vereda que será decisiva, pois ela é definidora e já previamente definida por um conjunto de valores que a governa.

Assim, a narrativa Ninja (ativista em geral) em alguns momentos não parece ser passagem, mas um fim em si mesma; busca provar aquilo que já se sabia antes e, se possível, o objeto dado como motivador. Mas e o leitor? Importante lembrar que não se colocou o *webespectador* como destinador, mas sim o ativista (ausente das ruas). Assim, ele não escaparia à crítica, na medida da demanda por esse tipo de conteúdo. Mas, até que ponto se poderia caracterizar o *webespectador* também como parcial? Isso, na medida em que o destinador nem sempre é o destinatário (muito mais amplo e complexo). Mais do que isso, até que ponto se poderia compreender que os leitores prefiram acreditar em uma história confeccionada por cima dos fatos e do seu arranjo, do que o simples relato deles. Isso reconfigura o veículo, mas muda quem o acompanha?

Buscando uma explicação mais pontual na seara dos serás, sem querer justificar: quem garante que não houve nenhuma ação em que a força física fora exercida por parte dos manifestantes, de modo tal que exigisse a resposta bélica por parte da polícia? Ou, quem pode afirmar que Gabi fora presa aleatoriamente, e não por portar algum artefato e/ou por descumprir outra lei? Filipe, contudo, é categórico ao incitar que nenhuma das partes de um lado havia feito nada de errado para receber as mencionadas reprimendas.

Da mesma forma, e não é uma defesa dessa parte, não se problematiza o fato do policial ganhar mal, estar sob estresse, trabalhando em uma rotina pesada, no que concerne às horas e aos turnos subsequentes em razão da Copa do Mundo de Futebol. Não se vê o lado humano desse ser, mas tão-somente a ausência de humanidade, conforme Peçanha aponta, que configura a personagem apenas como figura de papel, do texto, esquecendo toda a complexidade da realidade social contemporânea na qual o militar, tanto quanto o ativista, estão inseridos.

Contudo, não parece caber ao midiativismo essa discussão. Seria uma quebra de contrato ser imparcial, ou mesmo ver os personagens longe de imaginários discursivos particularizantes. Logo, a caracterização do policial como vilão e do manifestante como vítima, parece fazer sentido na narrativa midiativista. Mas é, aponta-se aqui como diagnóstico, uma ficcionalização dos papéis, uma mitificação dos lugares ocupados por essas instâncias que corresponde muito pouco a um comportamento historiador, senão muito mais a serviço do contador. Esse último parece então fazer uso de dados, vistos de modo isolado, servindo de fundamentação para contornar sujeitos em aliança com pontos de vista previamente definidos (para os quais se buscavam tais referências). A linha não parece tênue mais, mas esfacelada por uma postura de um narrador-ativista.

Apontamos aqui o lugar de Peçanha como um quase-martír. Ele sofre, literalmente, na mão pesada da corporação militar que já vinha empreendendo ações violentas. Mas, ainda que não se justifique, mesmo que de forma alguma se concorde com esse tipo de resposta dos policiais, uma leitura possível na narrativa é a de que o Ninja provocou, incitou, chegando até mesmo a (possivelmente) ofender³⁶³ e poderia, por isso, ter sido enquadrado no artigo 331 do código penal brasileiro: desacato a autoridade.

Essa é uma leitura possível, mas não parece fazer parte da cadência da narrativa ninja vista sempre como discurso que, associado ao evento ao qual se liga, sucede sempre uma condição prévia de opressão a qual se visa agir sobre. A narrativa, então, é incessante e o (sub)recorte visto nessa seção é tão-somente reposta, um encaixe em uma história muito mais ampla – que não começa na Copa do Mundo e tampouco com o Mídia Ninja.

Nesse sentido, não se faz uma crítica ao fato aqui, mas à narrativa. Essa, no entanto, é largamente marcada precisamente pelos contornos da manifestação à qual faz referência, que, por sua vez, é enodada (sem juízos de valor aqui) por valores precedentes que não são necessariamente advindos apenas de uma relação binária e racional, mas de uma complexidade fundada por (e atualizadora dos) imaginários sociodiscursivos.

Por fim, um questionamento: Filipe Peçanha, e os demais Ninjas, conforme reivindicou a um policial em discussão acalorada, fala o que quiser? O que está em questão, e talvez o militar não tenha compreendido, não é um compromisso necessariamente com os fatos dados, crus, a luz da emergência isolada, mas a interpretação deles sob a chancela de valores comungados por pessoas que fazem parte ou defendem determinadas posições. A realidade já parece estar dada dentro de uma narrativa ativista antes da emergência

³⁶³ Ao afirmar que um policial não tinha moral, o que pode ser entendido no senso comum como alguém que não tem valores morais, abrindo diversas interpretações (negativas) sobre o comportamento social do sujeito.

evenemencial. O que está em questão, e talvez Carioca não tenha entendido, é que ele não fala o que quiser, mas narra e age conforme o contrato do qual resolveu fazer parte, independente dos motivos, preceitua.

5.3.2.2.3 Modo argumentativo

Assim como para a análise do modo narrativo, busca-se referência aqui no (sub)recorte da transmissão do dia 13 de julho de 2014. Grande parte da discussão dar-se-á com base na interpretação do esquema apresentado na metodologia, que, como visto, se ancorou em Charaudeau (1998a; 2008). Como se observa, o Ninja interpela o *webespectador*, que tem o próprio cabedal de informações e experiências, com uma proposição de mundo. Esta é composta por vetores amalgamados que conformam a argumentação a partir de um processo em que se problematiza, elucida e prova por meio de frentes diversas.

Mas, antes de continuar, é preciso fazer uma consideração pontual. A dinâmica de Peçanha, tomada como indicador do trabalho dos Ninjas, estabelece-se na grande maioria do tempo sob a forma oratória (argumentação monolocutiva) ainda que, sobretudo com outros Ninjas, o método dialógico (argumentação interlocutiva) dê-se em determinados momentos, na interação com os internautas, considerando intervenções com pelos menos três trocas no caso de iniciativas e réplica dos Ninjas, e duas, no mínimo, quando da resposta direta do midiativista a alguma iniciativa dos *webespectadores*³⁶⁴.

Contudo, a participação do Ninja como personagem ativo da cena sob a qual constitui narrativa muitas vezes torna-se alegoria que serve de composto interpretativo e de prova. Nesse sentido, ainda que não se entre aqui na análise argumentativa das conversas paralelas e enfrentamentos que empreendeu com policiais, estas podem ser vistas como produtos que, reivindicados de uma forma ou de outra na sequência narrativa (muito na construção interpretativa do *webespectador*, que faz a leitura completa do que é exibido, e não apenas da narrativa do Ninja), auxiliam também na dinâmica argumentativa do repórter.

As estratégias argumentativas mais utilizadas dão matizes particulares à dinâmica do midiativista; e podemos falar, de início, do engajamento. Há, como se espera, uma tomada de posição explícita dos Ninjas ao escolher argumentos que claramente marcam as posições de dois grupos antagônicos: de um lado, os manifestantes e, do outro, os mantenedores do *status*

³⁶⁴ O que não ocorreu nessa transmissão. A esse respeito valerá observar, em seção específica, a dinâmica interacional do Mídia Ninja.

quo e as forças de intervenção, além dos beneficiários do sistema capitalista contemporâneo. Há pouquíssima relativização.

Contudo, os traços de neutralidade são vistos em estratégias de apagamento do Eu-Ninja em detrimento do Nós-Ativista, que inclui o repórter no bojo dos manifestantes e das causas destes e, por conseguinte, reivindica a presença dos internautas nesse composto. Há, assim, um certo mascaramento dos traços apreciativos em função da incorporação do discurso do outro (o ativista) e/ou numa menção (in)direta, como dizem os portugueses, ao “toda a gente sabe que”.

É, assim, a tentativa de transformar o argumento em verdade, absoluta, compartilhada, dado que seria de consenso – e ao mesmo parece ser com o *webespectador* idealizado pelo Ninja. Há, em vários momentos, uma espécie de hiperrenunciador que atravessa o discurso do midiativista. Ele parece indicar a posição dos manifestantes como “aqueles que lutam por direitos”, “íntegros”, mas “marginalizados” por uma polícia que é “violenta”, “arbitrária” e segue ordens de um governo “submisso”, que cerceia os direitos da população em detrimento de corporações internacionais – em razão de benesses financeiras –, sendo apoiado por diversos entes, entre os quais a mídia corporativa, que “mente” e estabelece uma visão “parcial” e “tendenciosamente contra” os movimentos sociais³⁶⁵.

É assim o engajamento da participação em grupo, num reforço ao contrato, maquiado por diversas vezes a partir da neutralidade gerada pelo afastamento das ideias próprias, quando, como apontado, são perspectivas compartilhadas. No entanto, a presença de Filipe na manifestação, como testemunha ocular dos fatos, como alguém que experimenta a realidade, diz muito sobre o valor dos argumentos dele.

Assim, em relação à legitimação, o jogo da determinação de autoridade aparece ora com o valor de verdade pelo saber – marcado pelo lugar que o Ninja ocupa fisicamente, ora pelos contornos do *ethos* discursivo (sobredeterminado pela imagem prévia também do veículo) e/ou identidade reconhecida pela audiência. O valor institucional de Peçanha é dado, então, pelo exercício do ofício midiativista. Por um lado, tem-se o reconhecimento da representação do manifestante ausente e, por outro, o crédito à condição especialista, uma vez que há, como já colocado, uma pré-concepção ligada ao Mídia Ninja e à presença do coletivo no local de emergência evenemencial.

No entanto, Filipe fez ao longo dessa transmissão (tanto quanto outros midiativistas em diversas coberturas do recorte) o reforço da própria capacidade para realizar a cobertura,

³⁶⁵ Estariam no complexo do que em Maingueneau (2008) poderia se chamar de participações militantes. Filipe Peçanha seria assim a dita “instância mediadora”.

lembrou os *webespectadores* acerca da localização espaçotemporal dele, registrou os riscos que corria, estabeleceu marcante diferença entre os veículos de comunicação de massa (que teriam intentos outros), entre outros traços distintivos. Empreendeu, incisivamente, a resposta à questão-guia do jogo de legitimação: está no protesto em nome dos ausentes que dependem da transmissão, dos presentes para endossar e engrossar o ato, e dele mesmo como liberalidade da própria ação, autorizado, assim, a argumentar pelo cumprimento de condições do contrato comunicativo.

Não obstante, o que se vê em geral é um exercício de autojustificação, comum na dinâmica midiática exatamente para reforço do valor de verdade. Porém, com o midiativismo essa referência à presença do veículo *in-loco* ganha contornos muito particulares, dado que isso se faz necessário em razão de uma vacância de representação, ou, como Peçanha procurou colocar, na (extensão da) “luta por direitos”, que não é só dos presentes, mas dos ausentes e até daqueles que não fazem ideia de que essa postura se faz necessária (a sociedade em geral).

Nesse contexto, de forma cíclica e retroalimentativa, de certo modo, a transmissão apresenta-se como prova de argumento (tão válido e importante que é necessário divulgar, propagar e apoiar), na medida em que essa tomada de posição a favor, justificada com a manifestação, é relevante a ponto de ser propagada, divulgada e apoiada. É a ação do Ninja em devir que se autojustifica – ainda que reforçada discursivamente constantemente – pela conformação de um contrato comunicativo que, assinado previamente, impulsiona um modo de ser e agir.

Já a captação exerce-se a partir de duas frentes principais, conforme visto no esquema na metodologia: a polêmica e a persuasão. No primeiro caso, fica evidente o engajamento de Peçanha em processos comunicativos tensos, estabelecidos, sobretudo, com as autoridades policiais, intimando-as a responder sobre as atitudes que praticam, expondo-as à contradição dos fatos frente ao verdadeiro valor do ofício policial e, mais do que isso, na apresentação da desventura das ações militares diante dos valores semânticos, principalmente ao da ética.

O intento que defende o manifestante e, por conseguinte, o próprio Ninja, não parece ser meramente a manifestação, mas o que ela representa como signo. Nas palavras de Filipe, o protesto na condição de anseio por direitos é rememorado na mesma casta (seria também um direito, no pleno exercício de demonstração de insatisfação), mas apenas quando é cerceado. Assim, torna-se parábola e materialidade, o ato impedido, a ação da polícia, acontecimento para o qual se busca aclaração e só quem poderia responder seria a corporação.

A polêmica intensifica-se quando os militares se calam (verbalmente). Ora, não há um por quê? Ele parece residir precisamente no silêncio, tanto quanto no cerco à Praça Sáenz Peña – e a resposta é óbvia:

A1. impede-se a marcha para que ela não chegue ao Maracanã e a ordem naquele local seja mantida.

Não há um “logo” na lógica dos policiais. A instância cumpre ordens. Contudo, o “pois” do ativista compreende que:

A2. “logo”... o Estado é submisso à FIFA... “e assim”... usa sua força militar para conter a manifestação.

O Estado não se faz presente, tampouco se materializa, senão na figura dos representantes dele, da mesma forma ausentes da manifestação. A responsabilidade recai, então, totalmente nos policiais, quando não apenas em apenas um deles. Cabe a eles, então, tentar dar conta dos porquês sem resposta (DELEUZE, 2007), que se mantêm no limbo – talvez menos naquele do sentido figurado (o das incertezas) e mais no da teologia cristã, dadas as certezas que os ativistas parecem ter, mas que, ainda assim, não seriam respeitadas, deixando esses sujeitos à margem.

Em relação à persuasão e à dramatização, é inegável que os fatos decorrentes da tentativa de desobstrução do cordão de isolamento da polícia na Praça Sáenz Peña, e os desdobramentos seguintes, atuam fortemente no processo de reforço de argumentos presentes na especulação discursiva de Peçanha. Toda a descrição do Ninja das cenas que incluíam bombas explodindo, balas de borracha sendo lançadas, militares provocando, agredindo e prendendo aleatoriamente, conformam um peso considerável nos argumentos de que a corporação age com arbitrariedade, visa a repressão e atua submissa aos possíveis compromissos do Estado com a Fifa, uma vez que estariam dispostos a fazer qualquer coisa para impedir que os manifestantes saíssem do local em direção ao estádio em que ocorreria a final da Copa do Mundo de Futebol.

A *mise-en-scène* ganha ares de comoção ainda maior quando, em detrimento do anonimato ativista, as ações dos militares passam a afetar mais diretamente ao Ninja, condutor da narrativa, representação *in-loco* dos *webespectadores*. Num primeiro momento, o Ninja é

afetado pela agressão sofrida diretamente a um amigo e, logo na sequência, ele próprio seria alvo da violência policial.

É o ápice da confirmação argumentativa em desfavor da corporação, independente de contra-argumentação que justificasse tal comportamento arbitrário, pois, ainda que discursivamente se possa indicar o procedimento provocativo de Peçanha (e essa não apareceria na narrativa em questão, a não ser por um implícito interpretativo), não há nenhum acontecimento com a mesma pujança de afetação da audiência.

O que está em jogo, afinal, é o “fazer-sentir” certas emoções, ainda que de forma mediada, para, em segunda instância, “fazer-compreender” determinados posicionamentos que geraram argumentos alusivos. Não há como mensurar o resultado na audiência (senão de forma parcial/recortada, com uma análise de comportamento no *chat*, porvindoura em outra seção desta tese³⁶⁶), mas é possível, como se tentou, assegurar a força das cenas e a inter-relação destas com determinados lugares de reflexão.

O jogo de captação é posto em consideração ainda diante a um comportamento enunciativo de Peçanha, que reivindica procedimentos argumentativos – semânticos, sobretudo aqueles ligados ao hedônico e ao estético –, como fórmula voltada às crenças ativistas. A palavra “triste”, por exemplo, é utilizada na forma adjetiva, depreciativa, ao menos nove vezes durante a transmissão para qualificar a situação atual (prisões e ações arbitrárias, Estado submisso à Fifa, entre outras asserções), ao passo que o “bonito” e o “legal” foram algumas das expressões aplicadas para classificar as respostas ativistas.

Métricas do humor, balizadas pela ironia, também são evidenciadas. As ações da polícia são classificadas como “comportamento de vidente”, a fim de rebaixá-las. Nesse sentido, são feitas comparações e analogias zombeteiras da corporação à vidente “Mãe Dinah” e ao filme norte-americano *Minority Report*, conforme já explanado sobre.

Entre os procedimentos argumentativos, como se começou a distinguir e se verá mais a seguir, os valores semânticos são largamente utilizados. Sobre a ética, por exemplo, há vários movimentos. Conforme já se apontava nas últimas páginas, há uma reivindicação ao nós e ao “a gente”, no qual nomeadamente o Ninja se inclui em parceria com os ativistas e convoca quase que automaticamente o *webespectador* para a dinâmica narrativa. No entanto,

³⁶⁶ Quando se coloca no esquema argumentativo (na metodologia) a expressão *feedback* possível, está chamando-se a atenção exatamente para essa possibilidade. Não se desconsidera a validação que pode estar presente no *chat*. Contudo, não se tem como analisar nesta seção tal perspectiva, ainda mais porque, aparentemente, não há na condução locutiva de Filipe qualquer indicador que demonstre uma variação de posicionamento, explicação, justificativa, em razão de fatores externos à dinâmica evenemencial em curso.

não foi raro ouvir na transmissão a solidariedade³⁶⁷ passiva nas seguintes sentenças, como exemplo:

- a) “Ontem, foi um dia muito difícil aqui para *todo mundo* do Rio de Janeiro”;
- b) “Está *todo mundo caminhando pacificamente* de maneira tranquila, não há motivo nenhum para ser cerceada essa manifestação”.

A primeira afirmativa indica que o dia anterior à narração foi abstruso não apenas para os ativistas, mas para toda a sociedade – ao menos para aquela parte que não concordaria com as ações arbitrárias da polícia que, por consequência disso, incorporaria os valores correlatos. Na outra frase, Peçanha inclui todos os manifestantes no bojo da placidez (reivindicação que asseguraria extensivamente essa qualidade aos presos “de ontem”), argumentando, novamente, em desfavor do comportamento abusivo militar. Há, contudo, ainda a solidariedade ativa, como em:

- a) “O movimento de *São Paulo todo* e pelo Brasil, *tem lutado* pelo Hideki, pela sua liberdade”;
- b) “A *nossa* Constituição prega isso, *todo mundo pode se expressar*, pode expor as suas ideologias”.

As ações de um *todo* em favor de manifestantes injustiçados demonstra uma consciência coletiva da qual não poderia se discordar. Já no segundo enunciado, há a reivindicação de posse comum de uma constituição, que rege o comportamento dos sujeitos e instituições (quer sejam manifestantes ou a corporação militar) e garante, assim, o direito à manifestação (cerceado a algumas pessoas com as prisões do dia anterior e com o conseguinte cerco na Praça Sáenz Peña). Há ainda, como é de se esperar, uma espécie de solidariedade também do opositor, que configura a justificativa para o empreendimento dos atos, tais como:

- a) “*todo mundo, assim*³⁶⁸, *a grande imprensa* divulga como sendo atos de violência. Falam que a arma do vigilante que foi encontrada com a menina lá, era parte do plano do protesto, aqui”;

³⁶⁷ Uma estratégia que no texto de Peçanha parece convocar uma unanimidade para dar o sentido de verdade aos argumentos: *todo mundo não pode estar errado*.

b) “Não sabem lidar com ninguém, não sabem lidar com o cidadão, é só a base de porrada, é só a base da força física, é só a base de agressões físicas e morais, porque estava *todo mundo dando risinho*, conforme os tiros eram disparados.”

Acerca da honestidade, destaca-se na narrativa de Peçanha o valor dado por ele à parcialidade midiativista em oposição e resposta à pseudoimparcialidade dos veículos de comunicação de massa, que, segundo ele, mentem³⁶⁹ e constroem um “imaginário” sobre os ativistas, que geram medo em desfavor das manifestações e em prol de uma ordem, que, em última instância, beneficia a Copa do Mundo.

A falta de decoro, expressão que serve de ponte para o domínio da justiça, é a tônica dos parceiros que juntos se opõem ao comportamento ativista no argumento Ninja. A palavra direito(s), na condição substantiva, apresenta prerrogativa, poder legítimo, que é ferido, segundo Peçanha, pelas ações do Estado, da Fifa e da polícia. Não sem motivo, o vocábulo é utilizado nada menos que 110 vezes ao longo de toda a transmissão³⁷⁰.

Bem menos aplicada, mas não tão discreta na cobertura midiativista, a expressão liberdade foi justaposta nos discursos que compõem o texto da atividade Ninja 46 vezes, ora como condição de direito assegurado, mas não efetivamente ofertado, ora como moção do protesto que corresponde exatamente à problematização colocada em referência à constituição em vigor.

O alvo são as ações militares, que representam o exercício das vontades do Estado a serviço do torneio esportivo. Filipe, nesse contexto, deixa inclusive de problematizar acerca dos contra-argumentos, procedendo a uma qualificação repetida 38 vezes. A expressão absurdo é a classificação adjetiva mais aplicada para justificar o comportamento das instituições. A qualidade daquilo que não se enquadra em regras e condições estabelecidas, parece, aliás, perder para o que é destituído de sentido e racionalidade, uma vez que o comportamento dos policiais, sobretudo nas cenas de violência, seria diversas vezes colocado como insano.

A loucura é uma das explicações então; talvez uma das principais. Aliás, quiçá a ausência de um esclarecimento mais racional e factível por parte de Peçanha tenha sido

³⁶⁸ O “assim” parece querer mostrar que há divisões na mídia. Logo, o argumento de Peçanha semelha indicar que toda a grande imprensa (corporativa) se posiciona contra os ativistas e, por conseguinte, a favor da intervenção policial nos protestos.

³⁶⁹ Aqui se vê como o domínio da verdade também está em linha tênue; a questão é o que se tem como resultado da ação que, nesse caso, parece remeter mais a um comportamento condicionado e recorrente dos *media*, segundo Filipe.

³⁷⁰ No texto geral, incluindo as falas de Filipe e dos entrevistados por ele.

substituído por uma resposta comum de se ver no senso comum – em que, ainda hoje, corre a ideia de que comportamentos desviantes de uma determinada regra, para os quais não se tem explicações factíveis, cientificamente comprováveis, ou vistas em sequência causal, podem ser obra de psicopatologia (ou até do campo hiperfísico, do misticismo religioso revelando algum tipo de possessão).

Mesmo diante da irracionalidade da suposição, ela parece ir ganhando certo valor de verdade ao longo da transmissão, chegando aos momentos de maior peso quando colocada para explicar as ações violentas da polícia em curso no momento mesmo da cobertura. Nesse contexto, ganha relevância o clamor de Peçanha à participação da audiência, indicando que todos deveriam continuar acompanhando a *live* e, inclusive, divulgar para um número maior de pessoas. Há um reforço ao domínio da responsabilidade, como resposta ao esforço dedicado por aqueles que resistem no ato em praça pública.

Vale, de modo mais preciso, questionar quais são as teses, as propostas de Peçanha. A verve dele alinha-se aos propósitos da manifestação, indicando, inicialmente, que o ato protestava contra a Copa do Mundo e as prisões de ativistas que haviam ocorrido um dia antes. Nesse contexto, a base argumentativa de Peçanha contemplaria as asserções:

A1: A Copa do Mundo foi empreendida com normas impostas pela Fifa.

A2: A repressão policial aumenta.

Ele evidencia que há uma forma como a Copa do Mundo de Futebol se realizou no Brasil. Nesse sentido, fica claro que o Ninja não é contra o torneio esportivo (indagando, inclusive, em outras passagens que o esporte está ligado à cultura brasileira). O ponto central é precisamente a tomada de posição de Filipe em relação à proposição, evidenciado desacordo sobre ela. Isso se intensificaria, aliás, dado o encadeamento de consequências, tais como:

A2: A repressão policial aumenta (“logo”) criam cada vez mais prisões arbitrárias pelo país.

O trecho ao qual se faz referência aqui aparece imediatamente no segundo vídeo, quando Peçanha afirma que aquele era “[...] um ato contra a maneira como essa Copa do Mundo está sendo feita aqui no Rio e no Brasil. De maneira geral, aí com normas impostas pela Fifa, normas que aumentam a repressão policial, [...] que criam cada vez mais prisões arbitrárias pelo país [...]”

Uma dessas ações, segundo o Ninja, ocorrera um dia antes, qualificando a detenção de ativistas também como arbitrária. Até o momento, já se tem diversos elementos sobre os quais se podem pensar, evidenciando uma ligação primária de concepções que dizem respeito a apontamentos de Peçanha:

- a) a Fifa teria imposto normas ao Estado brasileiro para a realização do torneio no país, indicando que não se tratou de uma negociação entre as partes, mas de uma submissão do governo aos (des)mandos de uma entidade estrangeira e privada. Em razão disso, compreende-se que a função do Estado se vê limitada – um dos pontos a serem recorrentemente discutidos por Peçanha;
- b) se a repressão policial aumenta, logo ela já existe. Nesse sentido, as acusações de que ações relacionadas ao “manter alguém à distância de algo” devem ser, no mínimo, provadas – e é o que o Ninja visa recuperar ao longo de sua narração, demonstrando uma correlação direta ao torneio;
- c) não se tem propriamente prisões, mas detenções classificadas como arbitrárias; qualidade do comportamento sem fundamento, empreendido de forma aleatória à lei (ou até contradizendo-a), configurando abuso do poder, já que é explorado por autoridade legitimada socialmente.

Então, sobre cada uma dessas propostas, tem-se que, a começar pela ideia de que o torneio é empreendido com normas impostas pela Fifa, que o que Peçanha visa demonstrar é uma suposta intervenção social gerada por um ente com interesses econômicos. Não raro, o Ninja irá reforçar que se vive um estado de exceção no Brasil durante a Copa do Mundo. Conceitualmente – e aí seria necessário que o *webespectador* tivesse alguma bagagem para compreensão do termo – trata-se de uma situação em que há uma suspensão temporária de direitos e garantias constitucionalmente estabelecidas, abrindo mão de perspectivas democráticas em detrimento de certo autoritarismo do Estado.

No caso, segundo se vê explicitamente com Filipe, essa postura dar-se-ia em benefício e a pedido da Federação Internacional de Futebol, que coloca a realização do evento condicionada ao cumprimento de regras; como exemplo, a limitação do direito de ir e vir (no cerco perimetral da área de estádios de futebol, por exemplo), e a desocupação (ainda na fase de construção das chamadas arenas) de áreas residenciais no entorno dos campos.

Peçanha inclusive exemplifica esse segundo caso, trazendo à tona, logo no início da transmissão, uma entrevista com um senhor que falava em defesa dos moradores da favela da Telerj³⁷¹:

[...] uma das causas que estão envolvidas aqui, entre as reivindicações, é a causa da moradia, a luta contra as remoções. Uma luta pelo direito básico de ter uma casa. Casas essas que foram destruídas, pessoas que foram removidas dos seus lares, por conta de obras dos mega eventos, que foram criados aí, por conta da Fifa.

No entanto, essas normas parecem ser não apenas de acordos firmados de forma transparente entre o governo e a Fifa. Há, na narrativa de Peçanha, de modo implícito, a suposição de um pacto entre essas partes, balizado por preceitos escusos, fixados pela Federação Internacional de Futebol (afiançados ainda por instâncias que o fazem valer e se beneficiam dele, tais como a mídia corporativa – sobretudo as que lavram mais diretamente, nomeadamente emissoras como *Rede Globo*, que detinha os direitos de exibição dos jogos).

Essas concordatas, supostamente, exigiam uma extensão do conjecturado estado de exceção, que, por conseguinte, numa submissão do Estado à Fifa (o segundo argumento conectado), feria, entre outros, os direitos de livre manifestação do pensamento (o que aponta um cerceamento também ideológico); reunião pacífica, sem armas (indicando o caráter e a índole dos manifestantes); não violação do asilo (casa) do indivíduo, penetrando neste sem consentimento; e de que ninguém seria submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante. Todas essas garantias fundamentais, previstas no artigo 5º da Constituição Federal, são recuperadas por Filipe, com exemplos diversos de como os governos têm agido em contrariedade ao documento base e, principalmente, como (a ação sobre) o protesto em curso e as prisões do dia anterior estavam em dissonância com essas prerrogativas (BRASIL, 1988).

O Ninja indica que “a gente [está] tentando lutar mais uma vez, contra essa violação dos direitos humanos, dos direitos básicos, da livre manifestação”, como justificativa da manifestação que, segundo ele, “não é crime”. Afinal, “[...] as pessoas estão se expressando, estão lutando a favor dos seus direitos, estão lutando por princípios fundamentais, garantidos na Constituição brasileira de 1988, que estão sendo violados por esse estado de exceção que a gente presencia”.

³⁷¹ Ocupação de terreno de 50 mil metros quadrados, situado no bairro de Engenho Novo, na Zona Norte do Rio de Janeiro. O local abriga prédios abandonados, onde funcionava um almoxarifado da empresa de telecomunicações Oi (antiga Telerj). Seis mil famílias ocupavam o espaço antes da remoção que acontecera em abril de 2014.

As considerações de Peçanha, fundamentadas nessa construção, pressupõem um raciocínio lógico articulado em uma explicação por silogismo, ainda que algumas ideias estejam omitidas e deixem aberto espaço para a interpretação, talvez, aliás, à direta complementação do *webespectador*. Isto é, se o protesto não é crime e as pessoas estão nas ruas lutando por direitos, logo não faz sentido prender manifestantes um dia antes e se antecipa a contrariedade a qualquer ação da polícia que vise imputar proibição ao ato em curso. Nesse contexto, faz sentido a ideia de arbitrariedade da polícia e até de estado de exceção, na medida em que direitos são feridos inexplicavelmente, exigindo, inclusive, que se lute mais uma vez por eles.

O Ninja segue indicando que vários atos foram e continuam sendo realizados para mostrar “[...] o quão ridículo são essas posturas do governo do estado, da Fifa, muitas do governo federal, também. Com uma série de ações arbitrárias, truculentas e ofensivas para as pessoas que estão na rua.” A qualificação das ações como ridículas, observando a origem etimológica³⁷², indica que estas não são sérias, corretas, respeitáveis, advertindo uma avaliação nos campos do domínio pragmático (norma de comportamento inadequado) e da ética (justiça).

As atitudes, contudo, como se vê, são partilhadas no discurso de Filipe entre as entidades governamentais – estaduais (responsável pela polícia) e federais (articuladora dos acordos com a Fifa) – e a estrangeira, do segundo setor, indicando a aliança em torno de ações pró-Copa que, em instância final, visam corroborar que a administração pública está submetida a normas que inviabilizam o estado de direito pleno.

Para Peçanha, o intuito das ações empreendidas um dia antes dessa manifestação programada para a final da Copa do Mundo visa causar temor e “tenta desmobilizar pelo medo”. Mais uma vez na cadeia lógica cognitiva (balizada, todavia, por uma série de elementos outros presentes na narrativa do Ninja), podemos depreender que o medo é causado pelas prisões empreendidas um dia antes (asseverado pelos “26 mil homens fazendo o cerco ao Maracanã”³⁷³). As detenções são realizadas por forças policiais a serviço do Estado. A falta de estímulo na manifestação, gerada pelo medo, suscita confiança e tranquilidade a quem vai ao estádio; logo, a Fifa, realizadora do torneio esportivo, beneficia-se de uma atitude do governo que, pelo uso das reticências no discurso do repórter, não parece ser natural e balizada por fundamentos ligados à segurança, mas a interesses esconso.

³⁷² Do latim *ridiculus*, proveniente de *ridere*; rir que se transforma em “o que desperta o riso”.

³⁷³ Estádio que, lembra Peçanha, já havia sido entregue a um consórcio que o administraria; arena histórica do futebol brasileiro, forte elemento cultural, que fora privatizada pelo governo, também ratifica o Ninja.

Em um ponto particular, e até curioso, Peçanha indica que a ação da polícia no sábado – dia 12 de julho – (e não na quinta ou sexta-feira, por exemplo), teria sido meticulosamente planejada, posto que não haveria plantão da Polícia Civil, dificultando a saída dos presos antes do próximo dia útil, a segunda-feira, dia 14 de julho, quando a Copa do Mundo estaria encerrada; “[...] ela é justamente pensada para um dia onde haveria um certo recesso de diversos órgãos que poderiam contribuir para a soltura dessas pessoas, e se faz na véspera da final da Copa”.

O que Filipe leva a crer, mais uma vez, é que há uma espécie de conluio que conspira planejamentos, ao qual a sociedade não tem acesso, em desfavor da livre manifestação. O ponto central e importante é perceber que o Estado, que deveria garantir o respeito à Constituição, faria parte dessa associação em benefício de terceiros (desconsiderando a relação unívoca povo-representantes políticos), o que remete a certo hermetismo e ocultismo. Ratifica-se a explicação: estaria em uma instância superior (hierarquia governamental, política, econômica) a qual as pessoas ordinárias (ativistas, *ninja*, *webespectador*, sociedade) não teriam ingresso e conseqüente compreensão.

Seguindo, questiona-se o terceiro ponto indicado: existe repressão policial? Para provar, Filipe Peçanha lembra-se de casos como o das agressões a professores no Rio de Janeiro e o de Rafael Braga, preso em ato de 2013. A situação dos docentes é definida como “tomou muita porrada”, lembrando que no ano anterior pensava que “[...] foram a categoria que mais apanharam, assim, nas ruas”³⁷⁴.

O Ninja reforça a condição de inocência de um jovem que também um ano antes fora preso em uma manifestação, indicando que, além de à época os protestos já terem sido duramente oprimidos, o caso ficou marcado como símbolo em razão da desproporcionalidade: “Rafael, uma das maiores vítimas das manifestações, da repressão às manifestações. Rafael foi preso portando duas garrafas de Pinho Sol e de água sanitária, verdadeiro absurdo, no Rio de Janeiro, ele permanece preso até hoje, está em Bangu”.

As prisões do dia anterior são comparadas, em sequência(s), às que ocorreram um ano antes, demonstrando que a repressão não seria uma novidade da Copa do Mundo: “É, um caso semelhante ao que a gente vê com... por exemplo, em outubro, as centenas de pessoas que

³⁷⁴ A lógica argumentativa poderia fazer compreender que a corporação não respeita sequer aqueles que são responsáveis pela formação de crianças e jovens no país, que não oferecem risco aparente nas manifestações (dado que são pessoas que cultivam mais o intelecto em detrimento do físico), que, conforme se afiança no senso comum, têm salários baixos e pouco reconhecimento pelo trabalho exercido – o que justifica a manifestação e, ainda assim, são agredidos, reforçando o caráter repressivo e arbitrário da polícia.

foram detidas, e os mais de 30 manifestantes foram mandados para Bangu, também numa perspectiva, acho que parecida também”.

Nesse contexto, segundo o Ninja, “[...] as pessoas [estão] sendo acusadas de crimes que não cometeram”, reivindicando boa parte dos valores semânticos, em vários domínios, ainda que de forma implícita: a mentira, o feio, o injusto, o desonesto, o irresponsável, o inadequado, visando gerar todo o tipo de repulsa com uma construção simples, acompanhada de estratégias de empatia, tais como, referir-se aos presos como companheiros³⁷⁵; não são eles, somos nós.

Outras provas da repressão da polícia seriam dadas com a afirmação de que ela “[...] desenvolve tecnologias especificamente com esse fim”, demonstrando uma desvirtuação da principal função dela. Nesse contexto, o manifestante/ativista seria visto, na possível coerência argumentativa, como alvo da corporação, justificando, assim, a ideia de prisão deliberada dos jovens no dia anterior.

Por fim, a proposição de que a repressão é natural no *modus operandi* policialesco decorre de uma discussão sobre a índole da corporação. Segundo Peçanha, o caráter da esquadra fere não apenas um direito constitucional, mas atenta a uma perspectiva de respeito à vida. Segundo ele, a “[...] polícia do Rio de Janeiro é uma das que mais mata no Brasil, no mundo”. E, os principais alvos seriam “[...] pessoas que são diariamente assassinadas pela Polícia Militar nas favelas”.

Não haveria por que se discutir se a polícia apõe repressão se é dado que ela alanceia princípios, mandamentos³⁷⁶, por que não, e age exatamente como aqueles que ela teria como missão coibir. Infere-se que, se a segunda afirmativa é verdadeira, a primeira, dentro de uma interpretação de cunho, seria automaticamente comprovada. Então, é colocada em cena a PEC 51; proposta de emenda à constituição de 2013.

O documento, que circula no Senado Federal, é reivindicado por Peçanha e serviria como prova. Segundo ele, é “[...] por isso, que a causa, da desmilitarização da polícia, a PEC 51, que já está em processo tem que ser cada vez mais reforçada e contar com o apoio de todo mundo, porque com certeza esse modelo que a gente herdou da ditadura, ele permanece”.

Mais uma vez, para um assentamento de sentido conexo, depender-se-ia de uma leitura prévia dos *webespectadores* acerca do documento. Não obstante, indaga-se que a própria compreensão de que o assunto está em trâmite e em discussão na esfera de governo já serviria

³⁷⁵ De *companio*, derivado de *cum panis*, com quem se divide o mesmo pão, com quem se senta à mesma mesa, revelando laços de cumplicidade e equivalência.

³⁷⁶ Não se sabe por quais norteadores a audiência se posiciona, mas é incontestável a representação do cristianismo no Brasil.

de legitimação. Contudo, o próprio documento indica que “[...] não obstante alguns inegáveis avanços, mantemos ainda nossos pés no pântano das execuções extrajudiciais, da tortura, da traição aos direitos humanos e da aplicação seletiva das leis [...]”, pressupondo a reestrutura do modelo de segurança pública praticado no Brasil (BRASIL, 2013).

Mas, essa repressão aumenta com a Copa? Vale salientar que, por motivos diversos, entre os quais a própria gênese da polícia, as ações “vão continuar depois da Copa” e “talvez fiquem ainda maiores”, motivo que indica que o torneio seria, sim, um momento específico de amplificação de algo que, como já salientado pelo Ninja, ocorre há tempo.

Durante o torneio, que encerrara naquele 13 de julho, as investidas da polícia teriam diluído-se pelas cidades-sede e se amplificado. A prova é trazida por Filipe ao indicar que isso que se dava ali teria ocorrido já na primeira partida: “Uma ação que foi pensada para o final da Copa, para tentar desmobilizar os atos. Mesma coisa que aconteceu na véspera da estreia da Copa. No dia 11, lá. Mesma coisa. O mesmo fato criado”.

Além disso, investe-se em uma alternativa de naturalização dos fatos, numa visão de quase normatização (via de regra, ao longo da Copa, em qualquer lugar, seria assim) ao indicar que em “[...] São Paulo, também, tem uma série de pessoas que estão presas, é o caso do Hideki, que foi preso no metrô e, mesmo com uma série de imagens que mostram que ele não possuía explosivos na sua mochila, foi forjado um flagrante contra o Hideki”. Peçanha traz a prova, demonstra a ação repressiva, e mais uma vez estabelece analogia com o que ocorrera em 12 de julho de 2014.

A efetividade da repressão é salientada no fato de o ativista, inocente nas palavras de Peçanha, estar “preso até agora” e “não tem perspectiva de sair”. Isso, aquém das imagens de câmeras de segurança, que indicam a arbitrariedade, e do posicionamento de um padre (Júlio Lancelotti), que teria deposto a favor do jovem, indicando que a reputação dele era ilibada. A figura do clérigo sendo reivindicada auxilia na conformação de efeitos de verdade. Parece ser, aliás, esse o domínio de avaliação trazido à tona, dado o saber de uma figura que se destaca não apenas por ser uma testemunha, muito por ser uma personagem eclesiástica, mas mais ainda, sobretudo entre aqueles que o conhecem, por ser alguém de forte posicionamento político em favor de causas das minorias sociais.

Filipe, então, fala de outros colegas midiativistas (e até de veículos como o Jornal Nova Democracia) e ativistas que sofreram sanções ao longo do torneio, de modo a amplificar a ideia de que a Copa do Mundo esticou os horizontes repressivos no país. Alguns desses sujeitos, aliás, são notadamente reconhecidos pela atuação lúdica nos protestos e na *web*. Exige-se, no entanto, e mais uma vez, também uma leitura prévia do *webespectador* para

conseguir decodificar tais argumentos. Todavia, a qualificação das reprimendas policiais nesses casos ajuda a compreender a ideia que o Ninja quer passar:

Mas, beira o ridículo, né cara? [...] Tipo assim, a prisão do Batman³⁷⁷, por exemplo. É o Rafucko³⁷⁸ sendo acusado por fazer um ato com um manequim. É essa denúncia de financiamento através de uma prestação de contas, saca, de uma vaquinha que foi feita para pagar comida, para pagar transporte. Enfim, é ridículo isso.

Por diversas vezes, o absolutismo tupiniquim, que vingou entre 1964 e 1985, é reivindicado como valor (negativo – a se evitar) e baliza comparativa com as ações empreendidas pelo Estado e pela polícia. Peçanha dá a entender que a situação repressiva na Copa aumenta para além dos níveis do que foi o período de anos de chumbo no Brasil ao afirmar que “[...] parece que nem na época da ditadura era assim tão esdrúxulo esse tipo de argumentação³⁷⁹”. O domínio de avaliação ética é aqui novamente trágico para uma problematização da moral externa.

Aos poucos, com alguns movimentos tênues e implícitos, e outros mais incisivos, Filipe vai assentando explicações que evidenciam que a repressão foi ampliada com a Copa. Não se precisa reforçar a questão da cultura do medo, da declarada violação dos direitos constitucionais, já problematizadas e os números relativos a oficiais nas ruas (acentuando a característica pragmática, ressaltando o aumento da quantidade de policiais em comparação com o mesmo período do ano anterior – Copa das Confederações), que dão conta das estratégias de persuasão via desproporcionalidade qualitativa (razão) e quantitativa.

Nessa mesma linha, as metáforas são utilizadas em alguns momentos até em um tom sarcástico. Observa-se a comparação do resultado da seleção brasileira de futebol (que havia sido derrotada por 7 a 1 pela Alemanha em Belo Horizonte) com o que os ativistas enfrentavam nas ruas, o que serve como baliza demonstrativa/explicitativa da proporção das ações contra os manifestantes. “O Brasil tomou um sacode dentro de campo. E fora dele, infelizmente, a gente vem vendo, também, esse verdadeiro vexame que vem acontecendo aí, com relação às manifestações e às prisões arbitrárias”.

Por último, por que, ou como, as prisões são realizadas de modo arbitrário? Peçanha explica de forma objetiva, no que concerne especificamente às detenções de um dia antes, da seguinte maneira:

³⁷⁷ Ativista que costumeiramente se fantasia como a personagem da *DC Comics*. Em alguns protestos, chegou a ser preso por justamente usar uma máscara.

³⁷⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/68OnII>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

³⁷⁹ Em referência às possíveis justificativas das prisões ocorridas em 12 de julho.

Porque, assim, de certa forma, é uma prisão, não pelo presente, não pelo passado, mas pelo futuro. As pessoas que foram levadas, que foram presas, foram presas por aquilo que elas poderiam fazer. Não por aquilo que elas fizeram em algum momento, mas sim, o que elas poderiam fazer.

O argumento do Ninja (em cima de uma exposição verticalizada, é importante mencionar, da justificativa dada pela justiça e pela polícia para o encarceramento dos ativistas) é o de que configura um excesso de autoridade prender alguém quando este não cometeu qualquer crime. O raciocínio de Filipe parte do princípio de que deve haver um fato gerador, e não uma presunção, baseada em inferências.

Nesse contexto, aliás, o Ninja parece expor, implicitamente, um desejo de prisão em detrimento da necessidade (fundamento/razão) pela PM. Tal perspectiva estaria alicerçada no projeto de instalação de medo na instância ativista, de modo tal que isso se refletisse nos protestos de 13 de julho. Contudo, em várias passagens percebe-se, sobretudo na qualificação da polícia e das atitudes dela, a menção a adjetivos da ordem do que é ferino, indicando, inclusive, uma ausência de humanidade por parte dos homens da corporação. Essa particularidade apresentar-se-ia como justificativa para a arbitrariedade.

A expressão truculência, por exemplo, foi usada várias vezes como adjetivo qualificador e, por conseguinte, implicitamente, razão que explica os atos militares. Ela foi aplicada, como modelo, quando da exposição sobre as prisões que aconteceram no dia anterior. Nesse contexto, Filipe aproveita para dar um dado interessante: “[...] ao todo foram expedidos mais de 30 mandatos de prisão. Desses 30, foram realizados 17, efetivamente. Outros dois menores, dois adolescentes foram presos, também [...] esses dois menores foram colocados em celas comuns, da delegacia”.

A apreensão dos dois jovens com idade inferior a 18 anos e, mais do que isso, a permanência destes em alcovas ordinárias, suscetíveis ao contato com cativos de toda espécie, em uma delegacia (comum, e não em centros especializados e legalmente destinados ao acolhimento dos menores infratores³⁸⁰), parece fazer agir a semântica da ética, procurando trazer em última instância a ideia de que as ações foram, de fato, incorretas e arbitrarias.

Para além disso, e mais ainda do que a inocência presumida de todos os ativistas presos no dia anterior, é acentuada a injustiça em relação a um desses adolescentes. O domínio avaliativo da verdade vem à tona, acompanhado mais uma vez das nuances éticas no comportamento do Estado e, principalmente, das forças policiais que articularam as ações contra os ativistas presos. Segundo Filipe,

³⁸⁰ Dada a inocência de todos – indicada por Filipe – nem se poderia falar em menores infratores.

[...] outro caso intrigante, também, que foi achado uma arma de fogo, em uma das casas, de um desses ativistas de uma das meninas, uma das adolescentes, uma das menores de idade. Foi encontrada uma arma de fogo, não no porte com ela. Ela não estava portando a arma. Mas, sim, fazia parte do mobiliário da sua casa. O seu pai é um vigia e tinha porte de arma.

O que a lógica argumentativa parece supor é que a polícia procura subterfúgios para justificar a própria ação; empreende atividades descoordenadas e falaciosas; reforça a condição de medo às manifestações, dado que ativistas portariam armas de fogo e poderiam utilizá-las nos protestos; entre outras particularidades. Alguns desses elementos são reforçados por outras conclusões, tais como a de que dos 30 encarcerados inicialmente, “[...] um total de 16 pessoas que foram detidas para averiguação, simplesmente por estarem na casa³⁸¹ desses presos.”

Peçanha traz à tona um questionamento do estado que se aplicaria a todos os “companheiros”, na medida em que existe a hiperenunciação “[...] digas com quem andas e lhe direi quem és”. A suposição, que visa em certa medida afetar a audiência, é a de que as prisões ocorriam também levando em consideração afinidades entre ativistas, às quais os *webespectadores*, e o próprio Ninja, provavelmente guardam com os presos, emendando um “somos todos culpados”.

Entre os acoimados, também injustamente, estariam então os midiativistas. A ideia de que havia arbitrariedade é reforçada com o caso alegórico do jornal *Nova Democracia*, que teria sofrido com a especulação da polícia de que estaria envolvido com atos de terrorismo nas manifestações. Filipe afiança, contudo, que essa hipótese é “absurda”, rechaçando-a, posto que

[...] para além da censura de imprensa, criminalizar os veículos independentes. Um veículo que é originário das lutas de classe, das lutas do povo, de movimentos sociais, de movimentos camponeses, inclusive. A Nova Democracia está espalhado aí, em diversas cidades, com uma atuação no campo, junto com vários movimentos, que estão no campo. E que tenta levar para as pessoas desses movimentos, e para a sociedade em geral, uma visão de dentro dessas manifestações e dessas situações tão arbitrárias que a gente vem vivendo. E aí, esse porte de jornal da Nova Democracia, ser utilizado como algum argumento de qualquer coisa, é realmente um absurdo, como o Julinho falou ali.

Carioca sugere que seja midialivrista ou (mídia)ativista, e independente do que se tem como norte, dada as diferenças ideológicas que podem existir entre os manifestantes, há

³⁸¹ Reiteradas vezes Filipe reforça que as pessoas foram retiradas de surpresa das próprias casas, indicando uma invasão não só do patrimônio, mas de privacidade, de desrespeito à dignidade dos sujeitos (sem falar do já mencionado artigo da Constituição Federal) que, exatamente por estarem nas próprias residências, não ofereciam qualquer risco ao país. São conclamados vários domínios avaliativos aqui, entre eles o da ética, que expõem uma inadequação das atitudes da polícia.

pontos aglutinadores e eles parecem se dar exatamente com a intercessão nos temas principais do evento. Assim, os argumentos justificar-se-iam pela presença. Tantas pessoas nas ruas, com pontos em comum, não poderiam estar ali por uma mentira ou sem fundamento para defender uma causa. Mais do que isso, não são sujeitos anônimos ou que se escondem; vários deles assumiram o papel de narrador e deram depoimentos incisivos na mesma linha do que Peçanha vinha fazendo, atestando os pontos de vista, auxiliando na problematização, no processo elucidante e, finalmente, servindo, eles mesmos, como provas.

E aqui, pô, a gente está no mesmo campo e as diferenças, elas são muito menores do que as nossas semelhanças. Senão, a gente não ia estar aqui, agora, nesse horário, não ia ter participado da plenária ontem. Não ia estar puto para caralho, que essas prisões são extremamente esdrúxulas.

Avança-se a discussão para um ponto em que se deve, nesta seção, explicar a presença de outros atores e, por conseguinte, de novas propostas que são lançadas. Uma delas é o fato de a imprensa corporativa, na visão de Peçanha, mentir e se posicionar contra os manifestantes e o próprio ato em curso. Filipe toma posição, justificando a construção que propõe – o que, nada contraditoriamente, serve de fundamento para a própria existência das mídias livres, na qual se inclui como Ninja. Ele emenda, conclamando o domínio da avaliação ética ao tratar do caso da adolescente presa por portar uma arma (que, de acordo com Carioca, era do pai dela):

Mas, ainda assim, a grande imprensa divulgou denunciando esse fato, de uma maneira supergenérica, superficial ao extremo. Isso, a gente não pode entender como inocência mas, sim, como uma malícia desses veículos corporativos, que tem interesse, sim, em criminalizar as manifestações.

Para Peçanha, assim, a intenção da mídia de massa é reforçar a política do medo, uma vez que estaria “toda comprada”. Ele tenta explicar ainda mais a inter-relação dessa mídia com a Fifa e a polícia, indicando o papel dos *media* quase como interlocutores, pois

[...] parece que funciona como assessoria de imprensa do governo do estado. A Globo aqui no Brasil, assim, de certa forma, parece que ela funciona como assessoria. A Polícia Militar parece que trabalha junto. A Sininho foi presa lá em Porto Alegre. E aí, o vídeo que é a da prisão dela entrando na casa, já foi divulgado pela Globo. Então, tem uma conexão muito forte, assim, entre polícia e mídia corporativa.

A exposição desse esquema, que parece ter como intento maior o lucro, ajuda argumentativamente a denunciar todos os outros elementos já arrolados, tais como, a

repressão policial, as arbitrariedades, a submissão do Estado e a normatização da entidade do futebol no país. Esse processo seria, contudo, orquestrado por uma força simbólica que, utilizando-se do próprio capital informativo, imputaria à sociedade uma visão contrária acerca dos movimentos de resistência à forma como a Copa do Mundo de Futebol se realizara no país.

Carioca lembra que no Brasil muita gente ainda só tem a televisão como meio de informação, não tendo acesso, por exemplo, à *Internet* (local em que a produção midiativista em análise é exibida), ficando nas mãos do gerenciamento dos imaginários discursivos por parte de emissoras como a *Globo*. Para além de todos os problemas já colocados, Filipe tenta provar que essa rede mente, pois é fruto do período de ditadura no país – recuperando toda aquela problematização que já havia sido colocada aqui, quando se falava da Polícia Militar.

Filhas da mesma mãe (a ditadura), polícia (militar) e *Globo* só poderiam ser vistas, então, como irmãs, indicando igualdades, semelhanças, mais do que balizadas pela mesma raiz, mas por um título fraterno mútuo, visto de forma explícita nas construções de Peçanha. Não seriam, então, forças isoladas, mas pareadas, interdependentes, atuando deliberadamente em um projeto contra os ativistas e as suas causas.

Se a polícia é uma força armada sem igual na cidade, a *Globo* faz parte de um complexo mais amplo e que, apesar de ter potencial para a diferença, acaba por agir dentro de uma mesma métrica, também em desfavor das causas sociais. Haveria então uma

[...] estrutura monopolizada; essa estrutura que trata as concessões de comunicação como capitania hereditária passando aí na mão de sete famílias, essas concessões, e dando a elas o poder de criar um imaginário que não representa a pluralidade e a diversidade nacional, as lutas dos movimentos sociais.

Isso ao contrário das mídias livres, lembra Peçanha. O Ninja faz rememorar o caráter atemporal dos *media*, a cobertura afastada do ponto de vista narrativo (que, diferente dos midiativistas, “não é em primeira pessoa”) e físico (distante da marcha, cobrindo do alto, o que metaforicamente é visto como uma verticalização do processo). Isso tudo faria com que a produção dos veículos corporativos se distanciasse mais da “realidade”.

A mídia independente aparece, então, como salvaguarda da voz dos ativistas e, por conseguinte, com o valor de verdade. Nesse sentido, numa lógica interpretativa da argumentação, se o Mídia Ninja se difere da mídia de massa que mente, ele, por consequência, fala a verdade; logo, todos os argumentos dele são verídicos.

Conforme visto na seção de descrição, as qualificações positivas ao trabalho do veículo (e dos congêneres) não são poucas. Mas, acentuando a diferença com a mídia corporativa, vê-se que a mídia independente “[...] tem se esforçado ao máximo para dar voz a quem está na rua, para tentar ampliar as causas sociais, populares”, em detrimento de um projeto fundamentado na busca pelo capital, e “[...] trabalha com a livre expressão garantida na Constituição”, mostrando a legalidade das atividades em contraposição ao não atendimento da função pública prevista nas concessões públicas de radiodifusão das emissoras de TV.

Por fim, como já colocado inúmeras vezes, é sempre tragado o Eu, inserido em um Nós, que coloca o Ninja no mesmo nível do manifestante, sofrendo o mesmo que ele, em tempo real, mais do que evidenciando, experimentando a verdade, no caso específico da transmissão em curso, “[...] com o maior prazer de fazer parte também dessa manifestação”.

Vale observar que Filipe reforça o valor do protesto, ressaltando a importância social dele para alertar a população sobre o que acontece. Nesse contexto, o manifestante é visto como aquele que se doa pela sociedade em geral, para além de vítima das ações desproporcionais da polícia. Por conseguinte, a interpretação argumentativa mais uma vez daria valor de verdade ao que os Ninjas dizem, na medida em que se alinham àqueles que protestam.

Novamente a presença, e a correlacionada insatisfação, serviram como prova:

[...] a gente está no mesmo campo e as diferenças, elas são muito menores do que as nossas semelhanças. Senão, a gente não ia estar aqui, agora, nesse horário, não ia ter participado da plenária ontem. Não ia estar puto para caralho, que essas prisões são extremamente esdrúxulas. Então, e a diferença é o que constrói, também, porque se é tudo igual, homogeneizar.

Peçanha estabelece comparações com outros movimentos, e indica que os protestos não têm uma preocupação apenas egoísta, dado que não atingem apenas e tão diretamente os ativistas, mas a sociedade de modo geral. Nesse contexto, quando recupera, por exemplo, a marcante paralisação dos garis em 2014, demonstra como a ação serviu como reflexão social mais ampla, tanto quanto se intencionou fazer durante a Copa do Mundo. Numa mesma citação, como exemplo, são resgatadas ainda posições antagônicas, que, nada obstante, ajudam a conformar sentido:

Da gente conseguir mostrar, pelo menos, para sociedade... eu não estou falando de estado, de prefeito, de governador, de presidente, que a gente... mas, mostrar para a sociedade. Os garis, de certa forma, fizeram isso, eles mostraram para sociedade que eles estavam organizados, que eles tinham causas muito claras. Que eles estavam exigindo direitos e reconhecimentos. E que meu irmão, mesmo a Globo falando

merda, o Eduardo Paes indo toda hora em um veículo de imprensa se pronunciar, o sindicato criminalizando, eles foram dia após dia, crescendo a maré laranja. Em oito dias no carnaval, com a paralisação que eles fizeram, eles conquistaram grande parte daquilo que eles estavam lutando.

Carioca indica a postura de diálogo, de paz, de beleza, entre outras, que configuraria a posição de algo e alguém (no caso, a manifestação em curso e os seguidores dela e, por extensão, os ativistas presos um dia antes) que só poderia guardar a verdade, demonstrado equilíbrio, tranquilidade e segurança. A luta dá-se por meio das palavras, frente ao poder bélico, o que já demonstra uma oposição marcada pelo físico diante do verbal, da força perante as ideias, do bruto em contraposição ao racional; quem estaria certo? Que argumento seria o mais adequado?

Tudo isso é selado, finalmente, pelas cenas de selvageria, efusivamente narradas e descritas por Peçanha, provocadas pelo destempero e despreparo, frente à insistência em uma ideologia. O ápice do cerceamento, ao vivo, fazendo valer todos os argumentos colocados antes – aliás, superando-os, frente à emergência evenemencial que, por configuração própria e poder de afetação, é provavelmente mais pujante, dado que é um acontecimento do qual o *webespectador* participa, experimenta, ainda que de forma mediada.

A gente tem, também, a clareza de tudo que a gente está fazendo tem mesmo é que ser feito. A gente não está fazendo nada de errado, pelo contrário, hoje, as ruas do Rio de Janeiro dão um exemplo de manifestação, de uma luta por direitos e de uma reivindicação clara desses direitos, que são fundamentais à população [...] deixam claro a potência que pode se ter da união, da coexistência, dessas diferenças que elas estão na verdade se conectando em torno de uma causa comum.

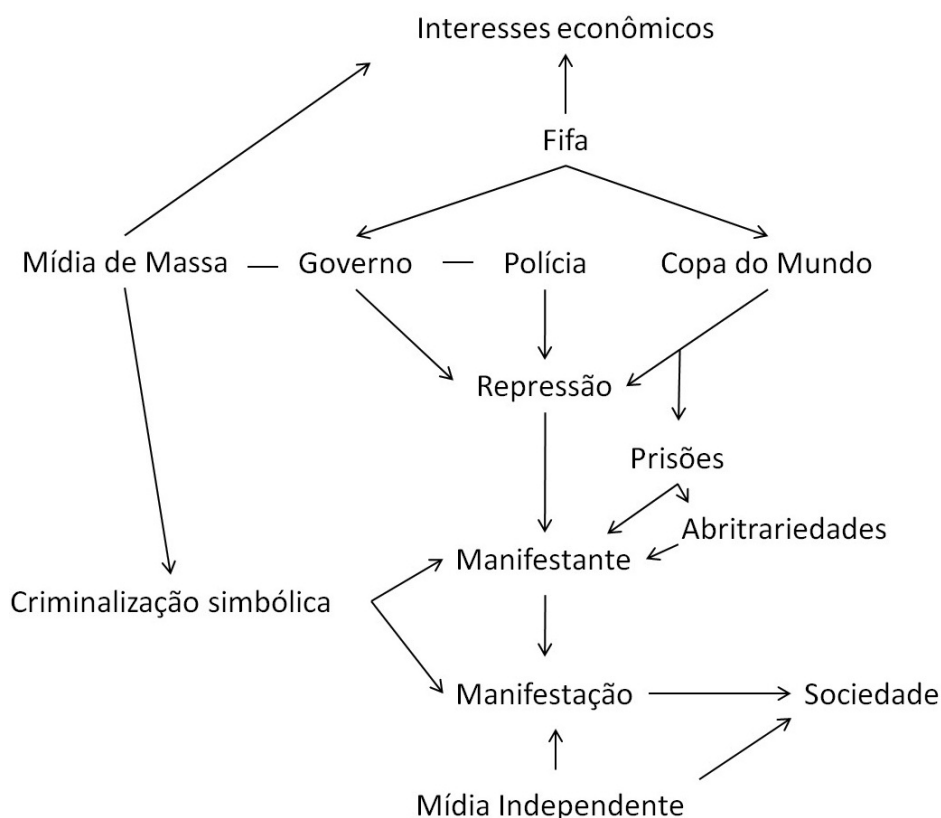
De modo muito genérico, tenta-se representar no esquema da FIG. 36 o procedimento argumentativo de Filipe Peçanha. Conforme tentamos evidenciar, ele parece justapor em uma mesma linha as mídias de massa, o governo e a polícia. Os três exercem algum tipo de ação repressiva sobre os manifestantes, indo a dos *media* numa linha mais simbólica, ainda que efetiva. Enquanto os veículos de comunicação teriam um interesse econômico, a força militar seguiria as ordens do Estado, que, por sua vez, estaria à disposição das regras da Fifa.

A entidade do futebol, que se guia pelo horizonte do capital, empreende a Copa do Mundo, evento que amplifica a repressão e, mais do que isso, estimula prisões. Estas, ainda que algumas pudessem ser justificáveis, em geral são arbitrarias, e recaem sempre sobre manifestantes (dado que não existe na narração de Peçanha nenhum culpado e todos são inocentes).

Ainda assim, o manifestante prossegue e resiste com o intento dele: o protesto. As ações visam, em última instância, atingir e alertar à sociedade. Nesse processo, apesar de todas as barreiras, há o apoio aos ativistas por parte das mídias independentes que, da mesma forma, têm o alerta à população como foco.

O que se pode depreender do modo argumentativo Ninja é a materialização verbal de um pensamento que parece guiar um modo de agir dos militantes de causas sociais contemporâneas – ainda que influenciados por ideias que vêm de outros tempos. Nesse sentido, o modo mídia vê-se fortemente animado pela perspectiva ativista, fazendo valer, incisivamente, a declarada parcialidade do coletivo. Nesse sentido, ao mesmo passo que a lógica combatente atua como filtro, emborrachando a visão dos repórteres diante dos acontecimentos narrados, interpretados e justificados ao sabor ideológico, atua como espelho plano, no sentido de um reflexo simétrico de um saber previamente construído, atuando tão somente como extensão. Os eventos narrados não são vistos como verossímeis, nem as nuances problematizadas que os integram; são só, como já colocado no início desta seção, alegorias exemplificadoras, tanto quanto todas as outras, trazidas à tona com a finalidade principal de dar sentido aos argumentos arranjados.

Figura 36 – Esquema argumentativo de Filipe Peçanha em 13 de Julho



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em outras palavras, tem-se com as investidas argumentativas uma função de articulação de valores previamente fundamentados e não rearticulados a partir dos eventos narrados (se não ainda mais reforçados). Aliás, a narrativa lhes parecem servir como pano de fundo para emersão do evento narrado, logo, lhes cabem como símbolo.

No entanto, quanto mais incisiva for a problematização, mais necessário se faz surgir a amostra. O cuidado que se deve ter (por parte do *webespectador*) é que ela não brote a partir de microacontecimentos que podem ser, no entanto, provocados – nascidos deliberadamente com a intenção de apresentarem-se como prova. É o que semelha ocorrer com Peçanha. A postura discursiva combativa deste Ninja parece atender-se ao contrato comunicativo previamente assinado, mas há de se questionar até que ponto não se tem também uma busca incessante por um sustento argumentativo a partir da polêmica e da dramatização.

Toda a discussão poderia desaguar no valor de verdade. A parcialidade, a problematização lateral, a profundidade apenas em um sentido, corresponderiam à realidade dos fatos. Contudo, o que parece ser e ter, afinal, é um grande constructo que indica servir a determinados fins, em detrimento de outros – estes últimos já atendidos por todo um sistema que visa mais aos lucros, aos interesses pessoais, à manutenção de um *status quo*, do que à coisa social – realidade que os Ninjas, enfim, visam demonstrar.

5.3.3 Dimensão visual

A primeira importante consideração a ser feita acerca da dimensão visual, na análise das transmissões simultâneas do Mídia Ninja, é a de que, em razão de a construção das narrativas filmicas se dar no chamado plano-sequência, os suportes de construção de imagem se veem inebriados por uma câmera, na maioria das vezes, irrequieta e que, exatamente por essa característica, consegue agenciar os efeitos funcionais com muita particularidade.

Isso não será perdido de vista, tampouco a questão plástica das imagens. Não obstante, insiste-se no modelo apresentado na metodologia de pesquisa, compreendendo que ele auxilia como um caminho para recorte e materialização do discurso visual sob alguns aspectos tradicionais de observação. As problematizações aparecem, então, de modo pontual e sequencial, indicando relações mais amplas do que aquelas fechadas na pura descrição.

Tomar-se-á como base aqui um exame da cobertura do Mídia Ninja do dia 12 de junho em Belo Horizonte. Não obstante, serão trazidos elementos de outras transmissões, até para efeito comparativo/contrastivo, a fim de enxergar padrões e dissonâncias, sobretudo na largada analítica que está posta a seguir. Nesse contexto, a dinâmica de Fred Porto e Karinny

Magalhães servirá como espinha dorsal a partir da qual se farão emergir sentidos dos mais diversos, advindos da leitura das imagens.

Largando, novamente e de outra forma, se, conforme Oliveira e outros (2013), “[...] podemos definir movimento de câmera como todo tipo de movimentação da câmera durante um plano, entendendo plano como o espaço de tempo ininterrupto de um trecho de uma cena ou sequência”, tem-se (de acordo com o que se apontou no início desta seção), na transmissão do Mídia Ninja, apenas um longo plano, composto por diversos enquadramentos, chamado de plano-sequência, que é a ininterrupção do registro. Assim, é raro ter-se um quadro fixo por muito tempo (além de poucos segundos), a não ser no momento das entrevistas.

Essa questão fica evidente, por exemplo, na imagem a seguir. Karinny faz primeiro um plano de conjunto, mais aberto, do Batalhão de Choque da Polícia Militar – que realizava o cerco ao relógio da Copa do Mundo na Praça da Liberdade. Segundos depois, resolve aproximar-se e fechar mais o enquadramento, tomando um plano de conjunto em que os policiais são focalizados num corte americano.

Figura 37 – Quadro composto



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Evidencia-se que, por mais que os quadros sejam importantes para destacar particularidades das cenas, a exemplo dessa sequência de registro do Batalhão de Choque da Polícia Militar, os movimentos são tão ou mais reveladores quanto, pois, diferente do telejornalismo, o *webespectador* não vê uma narrativa baseada na edição, mas na sequencialização automática e em tempo real.

É importante registrar, assim, que podem ser vistos na transmissão do Mídia Ninja todos os enquadramentos que usualmente são feitos pelo jornalismo audiovisual de massa, e diríamos até boa parte do que é visto no cinema, guardadas as particularidades técnicas. Esses quadros, no entanto, conservam relações consecutivas dentro de uma sequência fílmica. Parece complexo recortar a transmissão do coletivo em caixas, tomando como referência os

alinhamentos de cena. Não obstante, alguns momentos facilitam tal percepção. É o caso, por exemplo, das entrevistas.

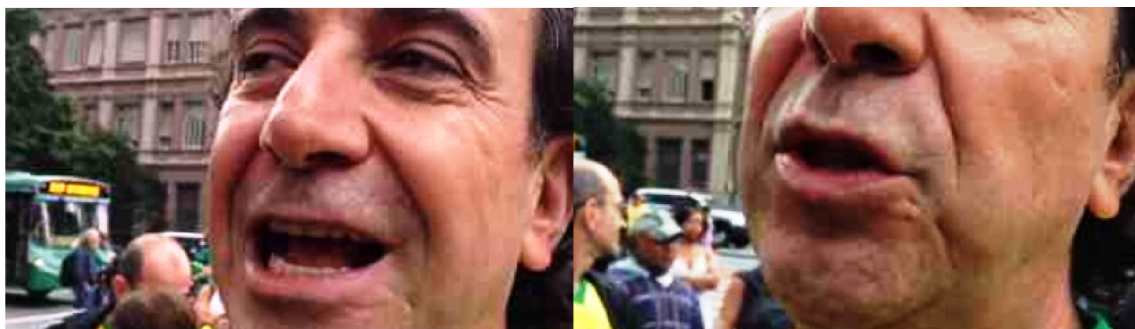
Elas são, na grande maioria das vezes, realizadas em *close-up*. A intenção dos Ninjas aqui não parece ser de remissão à lógica cinematográfica, no que concerne a dramaticidade ou na aproximação (pessoalidade) do *webespectador* com a fonte (ainda que efeitos análogos possam ser, sim, efetivamente produzidos na recepção, pois não haveria como mensurar, mas sim contestar, na medida em que a multimídia construída pelo *webespectador* na plataforma *web*, e no computador, lhe possibilita certo distanciamento).

Na remissão televisiva, o tipo de aproximação que é dado com esse enquadramento poderia ainda corresponder ao isolamento da palavra do entrevistado, ao mesmo tempo em que o personifica, tirando a responsabilidade pelo que ele pensa e diz tanto do Mídia Ninja, quanto da manifestação, ainda que estes tenham pontos em comum. Para além disso, em uma mídia que é também ativista, pareceria esta corroborar todos os discursos proferidos em entrevistas. Apesar de todos esses pontos (efeitos possíveis), a questão parece ser primeiramente da ordem técnica: o enquadramento tende a ser feito de modo aproximativo para facilitar/melhorar a captação de áudio. Não raro, há ainda uma suposta falta de acuidade quanto ao quadro; quando o Ninja chega a fechar o *zoom*/proximidade do celular em demasia, centralizando mais a boca do que o próprio rosto do entrevistado, chegando a cortá-lo, ora pela testa, ora pelos olhos, conforme pode ser visto nas FIG. 38, 39 e 40, muito embora isso também se deva ao movimento que o próprio entrevistado possa fazer, mudando de lugar.

Entretanto, há uma tendência no midiativismo em não identificar as fontes. Em geral os entrevistados são ativistas que, diante de determinado posicionamento, podem sofrer perseguições das mais diversas, ou mesmo ter o depoimento como prova diante das acusações que podem ser feitas em interpretações sobre as falas.

No entanto, muitas vezes vê-se uma contradição em relação a essa perspectiva. Em primeiro lugar, porque em vários casos os entrevistados acabam sendo identificados pelo próprio nome. Em segundo, porque, se realmente há uma preocupação primária em não identificar a fonte, inferimos que o enquadramento tenderia a se manter o mais fixo possível em uma direção que, com muita dificuldade, o rosto do entrevistado pudesse ser visto por inteiro e com qualidade, ainda que por apenas alguns segundos³⁸².

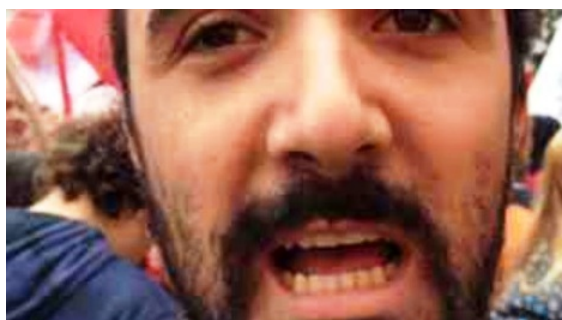
³⁸² Entendendo que, aqueles que deliberadamente acompanham uma transmissão para identificar suspeitos ou empreender perseguições aos ativistas em razão das declarações desses, utilizar-se-iam de recursos de gravação extra com os quais pudessem recuperar as imagens que quisessem.

Figura 38 – Quadro composto

Fonte: Fred Porto (2014).

Assim, observaram-se, então, na cobertura do Mídia Ninja três comportamentos distintos em relação aos enquadramentos nas entrevistas: aqueles que deliberadamente faziam um enquadramento da fonte de modo que ela não fosse reconhecida em nenhum momento da entrevista (focalizando, por exemplo, sempre os respondentes do nariz para baixo); os que tendiam a centralizar, da melhor forma possível, o rosto do entrevistado na área de captação da imagem; e, por último, os que não demonstravam tanta preocupação e/ou que, por motivos diversos, ora enquadravam corretamente, ora perdiam o alinhamento, como foi o caso de Fred Porto, visto na FIG. 38.

Aliás, a seguir estão dispostos alguns outros exemplos³⁸³, iniciando pelas variações com Fred Porto, desaguando em uma sequência vista com outros Ninjas, a partir dos quais se podem tirar conclusões analíticas na comparação.

Figura 39 – Enquadramento

Fonte: Fred Porto (2014).

³⁸³ O leitor sentirá falta de *frames* de Branca Schulz (que não fez entrevistas) e de Altenfelder (que realizou apenas uma entrevista, mas, diante do travamento de vídeo, não foi possível perceber os enquadramentos utilizados).

Figura 40 – Enquadramento

Fonte: Fred Porto (2014).

Porto estaria, então, mais no terceiro grupo. Essa possível classificação advém do fato de o Ninja fechar o enquadramento em demasia, se comparado, por exemplo, com Filipe Peçanha. Ao passo que em Minas Gerais, Fred tenda a cortar o rosto na linha das sobrancelhas e do queixo e, talvez por isso, perca por diversas vezes o alinhamento, no Rio de Janeiro o quadro valorizará mais a testa, alargando um pouco mais a disposição de tela.

Observa-se que o modelo adotado por Peçanha iria se repetir ao longo das transmissões dele. Em 4 de julho, no entanto, há outros elementos interessantes. No quadro composto (FIG. 42), vê-se um *frame* de uma entrevista (inclusive com o repórter França) que é feita com a fonte parada. No entanto, ao longo da caminhada da manifestação que ocorria naquele dia, o Ninja faria outras entrevistas, desta feita com os respondentes andando, o que comprometeu sobremaneira o enquadramento.

Figura 41 – Enquadramento

Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Esse é um dado interessante; o movimento das partes tende a influenciar na disposição melhor articulada do alinhamento de quadro. Ao contrário dos *media* tradicionais e dos padrões de qualidade impostos por eles, o Mídia Ninja demonstra, assim, as características do coletivo em relação à técnica de enquadramento e filmagem. O midiativismo está no evento pela marcha, não só para cobri-la, mas para fazer parte dela. Nesse contexto, não faz sentido

pedir para que um entrevistado pare durante a caminhada para se tornar respondente. A conversa nasce do fluxo e em fluxo. Há, assim, um efeito de real mais latente, que demonstra a ausência de preparação ou ritualística.

Figura 42 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Saltando para 13 de julho, há mais o que falar sobre Peçanha. A FIG. 43, feita contra a luz do sol, não permite ver com qualidade o rosto do entrevistado que abre a transmissão naquele dia. Apesar disso, no enquadramento, Peçanha procura aparentemente evidenciar a concentração de manifestantes ao fundo. A valorização de dois planos no quadro de Filipe corrobora o conhecimento dele sobre esse tipo de alinhamento (dada a formação acadêmica dele, conjecturamos).

Figura 43 – Enquadramento



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Nessa última transmissão, os enquadramentos das entrevistas foram durante boa parte do tempo bem alinhados, demonstrando uma preocupação de Carioca com a justaposição de todo o rosto do entrevistado na tela, com um *close-up* não muito fechado, ainda que se atentasse com a proximidade em razão de uma boa captação de áudio. Essa métrica procurou ser mantida, mesmo quando o Ninja entrevistava as fontes caminhando, o que naturalmente acabava gerando um desarranjo no quadro; pois, a marcha também seguia tranquila.

Figura 44 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

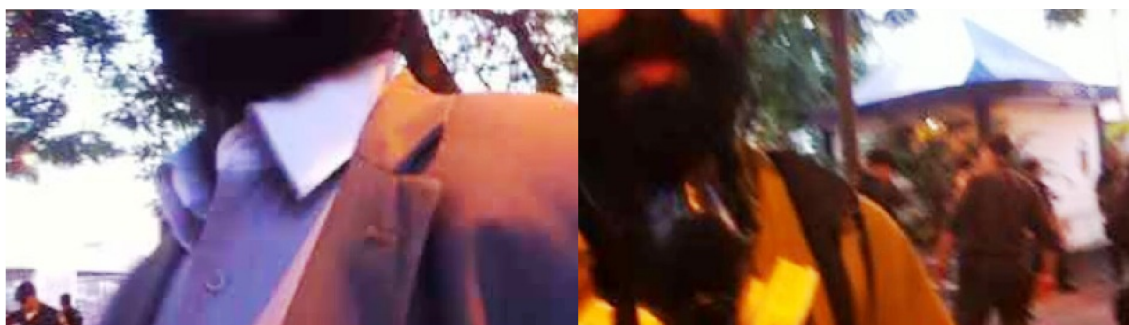
A desatenção com quadro acontece aparentemente, porém, quando o Ninja se cansa e/ou está em conversas que não necessariamente se constituem como entrevistas³⁸⁴, mas tão-somente em diálogos em que o *webespectador* acaba sendo apenas um terceiro, casos que se deram mais ao final da transmissão, conforme se observa na FIG. 46 – o que se chamou nesse trabalho de conversas paralelas.

Figura 45 – Quadro Composto – Enquadramentos



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 46 – Quadro Composto – Enquadramentos



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

³⁸⁴ O que foi uma tônica com Peçanha não apenas em 13 de julho, mas durante todo o recorte em análise.

Voltando a Belo Horizonte, agora para evidenciar Dênis Nacif, observamos um trabalho do Ninja que demonstra certa contradição, ora evitando dar a ver a imagem dos entrevistados, ora abrindo o enquadramento de modo que se possa notar boa parte do rosto desses entrevistados. Aparentemente, podemos inferir que havia uma preocupação com uma espécie de manutenção do sigilo da identidade visual das fontes, mas dentro da mesma entrevista o quadro se alternava. A impressão que temos, afinal, é a de uma desatenção, independente dos motivos, que fazia com que houvesse tal variação³⁸⁵.

A seguir são relacionadas algumas variações em três dias distintos de transmissões de Dênis Nacif na capital mineira. Vê-se desde o super *close-up* no primeiro Quadro Composto (FIG. 47), até aberturas que valorizam um pouco mais o rosto dos entrevistados, como na FIG. 48, à esquerda.

Figura 47 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Dênis Nacif (2014).

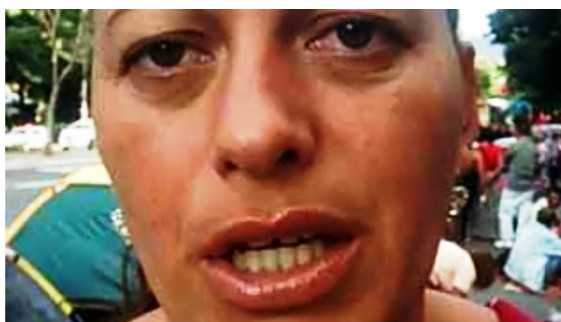
Figura 48 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Dênis Nacif (2014).

³⁸⁵ Não se pode esquecer que há, porém, movimentos corporais/faciais do(a) entrevistado(a), que interferem significativamente no enquadramento, sobretudo quando ele/ela está muito próximo(a) da câmera – quando qualquer leve mexida influencia no alinhamento.

Figura 49 – Enquadramento



Fonte: Dênis Nacif (2014).

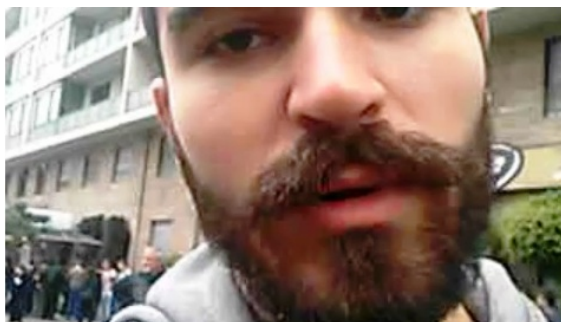
Em São Paulo, os enquadramentos de Leticia Pocaia vão na mesma proposta do que outros Ninjas fazem. Normalmente em *close-up*, com problemas para o correto posicionamento, em razão das próprias oscilações/movimentos corporais ou até, e principalmente, do entrevistado. Na manifestação do MTST, em 18 de junho, porém, a Ninja teve que conversar com muitas pessoas andando, o que comprometeu ainda mais o alinhamento.

Figura 50 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Leticia Pocaia (2014).

As conversas paralelas, assim como acontece com outros Ninjas, também se repetem com Leticia, numa demonstração de que a dinâmica é leve e não se prende à ritualística jornalística padrão. Em um momento específico, já em 19 de junho, em protesto do MPL, Pocaia chega a cumprimentar uma pessoa e depois começa a conversar com ela. A Ninja vira a câmera para algures, visando falar com o sujeito. Contudo, logo depois ele é identificado e o foco retorna, sendo enquadrado conforme o *frame* da FIG. 51. Trata-se do escritor Fábio Chap, que, em seguida, inicia a entrevista, no modelo padrão dos Ninjas.

Figura 51 – Enquadramento

Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Voltando ao Rio de Janeiro, na FIG. 52, composta, é possível ver enquadramentos de Gian Martins em entrevistas. À esquerda, com o entrevistado André, em focalização frontal, já que os dois estavam parados. À direita, uma manifestante, Ana Paula, entrevistada em movimento, e, muito em razão disso, com registro lateral. Percebe-se certa acuidade com a disposição do rosto da fonte na tela, ainda que com uma grande aproximação e mesmo diante do registro em marcha.

Figura 52 – Quadro composto – Enquadramentos

Fonte: Gian Martins (2014).

Apesar dos *frames* selecionados, observamos que, em geral, nas entrevistas o enquadramento de Gian é um pouco mais aberto do que o dos colegas, permitindo ver, com mais clareza, o rosto como um todo e o conjunto das expressões faciais dos entrevistados, ainda que, ratificando, a tendência seja aproximar ao máximo possível da face, visando melhorar a captação de áudio.

Tais concepções vêm da comparação das coberturas empreendidas pelo Ninja. Tanto em 23 de junho – com a manifestação em relação à violência nas comunidades do Rio de Janeiro –, quanto cinco dias após – na marcha em defesa dos direitos LGBTT, Martins mantém a mesma dinâmica. Ele é, contudo, em parte também prejudicado por registrar na

maioria das vezes conversas andando, o que faz com que haja um natural desalinhamento a partir das oscilações corporais.

Figura 53 – Enquadramento



Fonte: Gian Martins (2014).

Em São Paulo, Alex Demian realizou apenas uma entrevista nas ruas. Foi durante o ato do MTST, em marcha que se direcionava à Câmara de Vereadores da cidade, no dia 24 de junho. Observamos que, ao contrário de muitos colegas, o repórter claramente se utilizou de um enquadramento em que visava manter em sigilo ao máximo a identidade da entrevistada. O fragmento da entrevista, na FIG. 54, é o enquadramento padrão durante toda a conversa conduzida pelo Ninja.

Figura 54 – Enquadramento



Fonte: Alex Demian (2014).

Não obstante, alguns dias depois o Ninja estaria empreendendo cobertura no legislativo municipal da capital paulista. Lá, evidentemente, não haveria a conjecturada preocupação, ao entrevistar vereadores, com um enquadramento que não valorizasse o rosto deles. Não há por que esconder a imagem de um edil em uma entrevista. Aliás, quanto mais valorizadas as expressões faciais nesse caso, melhor, até para depreender sentidos outros nos discursos desses vereadores.

Figura 55 – Enquadramento

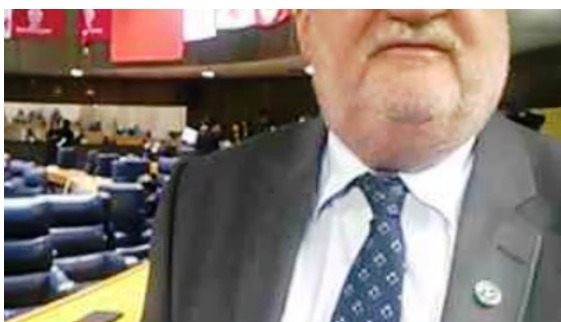
Fonte: Alex Demian (2014).

Assim, no dia 27 de junho, Demian mantém a postura de realizar poucas entrevistas, articulando apenas uma. O vereador Ricardo Young, de quem já havia colhido um depoimento antes (indireto), seria a fonte. Sobre o enquadramento, há reincidência já apresentada e discutida nesta seção tantas vezes, proximidade de *close-up*, que permite ver menos o rosto do entrevistado do que a boca, centralizada.

Inferre-se que, no local em que estava, Alex via-se um tanto limitado, dada as condições espaciais. Entendemos que, para conseguir fazer um bom enquadramento, necessitaria de distanciamento razoável do vereador. Acontece que o edil estava encostado em um balcão, na parte interna do plenário 1º de Maio, ao passo que Demian tinha, supomos, pouco espaço de manobra na área de imprensa, que, pelo que notamos, estava cheia e, pelo que sabemos, não é de extensão muito grande.

Três dias depois, a questão voltaria a ocorrer. Ao gravar uma entrevista com o vereador Natalini (PV), Demian acaba por fazer o teto da imagem na linha do nariz do edil, não permitindo enxergar o rosto do entrevistado em sua totalidade. No entanto, a conversa segue e trata de um tema importante. O Ninja pede para que o parlamentar explique a questão do transbordo na capital paulista. Particularmente, inferimos que a entrevista perde muito com uma ausência de efeito de real. Espera-se que a imagem legitime o conteúdo abordado, mas há um desarranjo na carência de capital visual do parlamentar. Aliás, o quadro parece depor contra o que se expõe, dado que a identidade do sujeito estaria preservada (o que remete ao relato oculto), tanto quanto as expressões faciais dele, que seriam importantes elementos de significação.

Figura 56 – Enquadramento



Fonte: Alex Demian (2014).

Apesar de “pegar carona”– palavras de Demian –, em algumas entrevistas com parlamentares, ou seja, tendo como demanda se preocupar tão-somente com a imagem, o Ninja acaba por cortar parte da cabeça dos entrevistados nos enquadramentos realizados – em alguns momentos, em razão de movimentos do vereador e/ou da própria mão de Alex, cerrando a imagem abaixo dos olhos da fonte. Isso ocorreu em diversas oportunidades. Ainda que haja possíveis limitações do dispositivo cênico, não há como não deixar de mencionar tal particularidade.

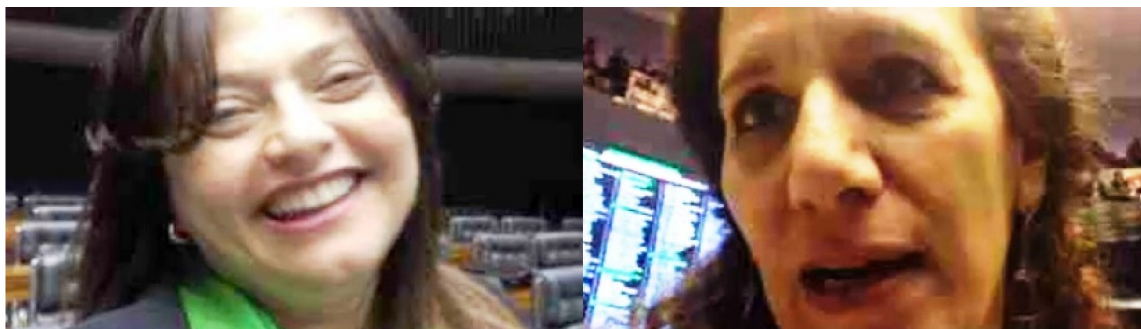
Figura 57 – Quadro composto – Entrevistas



Fonte: Alex Demian (2014).

Deslocando para Brasília, mas mantendo o foco na atuação nas casas políticas (até como efeito comparativo) duas parlamentares seriam entrevistadas ainda *in-loco* por Lóris Canhetti. As deputadas federais Jandira Feghali (PC do B – RJ, autora do projeto Cultura Viva) e Alice Portugal (PC do B – BA, presidente da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados) foram as fontes. As duas falaram sobre a importância da votação do projeto de lei naquele dia, em curtas conversas, com base em uma pergunta da Ninja.

Figura 58 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Lóris Canhetti (2014).

O enquadramento seguiu a linha do que outros colegas Ninjas: fazem plano *close-up*, fechado no rosto. A acuidade de Lóris, no entanto, foi maior, valorizando mais todas as expressões faciais das entrevistadas, como se pode ver na FIG. 58. Quanto ao ângulo de captação da deputada Jandira, a imagem parece levemente em *contra-plongée*. Isso pode ter se dado em razão das desproporções de altura entre a repórter e a entrevistada. Aí estaria, talvez, mais uma particularidade do trabalho de captação de imagem do Mídia Ninja, característica que no jornalismo tradicional, por exemplo, pode ser alterada no uso de tripés.

Por fim, retorna-se ao Rio de Janeiro. É lá que, com Vidigal e França, observamos variedades nos enquadramentos, dadas as funções específicas para aquele que ficara em frente à tela, empreendendo o ofício de repórter, e do que se posiciona atrás da câmera, para manusear o equipamento. As imagens (FIG. 59 e 60) demonstram algumas das possibilidades exploradas pelos parceiros do Ninja, considerando ainda os recursos que a câmera de Vidigal tem em detrimento dos *smartphones* dos colegas.

Figura 59 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: França e Vidigal (2014).

Figura 60 – Enquadramento

Fonte: França e Vidigal (2014).

Em relação aos enquadramentos das cenas, estes quase sempre são de plano de conjunto (FIG. 61). Há pouco distanciamento do Ninja em relação às cenas enunciativas, eles estão quase sempre dentro do cenário aos quais fazem remissão, o que atua no efeito de real (saber por presença e aproximação) e patêmico (participação ativa nos acontecimentos, até nos mais conturbados). Nesse sentido, em geral não se faz possível a captação de imagens com quadro mais amplos, o que, embora não permita dimensionar uma concentração, por exemplo, é suprido com o movimento/circulação constante dos Ninjas – o que será tratado nas próximas páginas.

Figura 61 – Plano de conjunto

Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Não obstante, há estratégias como as de Cláudia Schulz e Filipe Peçanha (este em parceria com Vidigal), que subvertem os possíveis limites. Já que os dispositivos parecem não ofertar muitos recursos, em algumas situações em que é razoável, procuram subir em áreas mais altas, por exemplo, para empreender angulações mais alargadas.

Figura 62 – Quadro composto – plano geral



Fonte: Cláudia Schulz (2014).

No dia 12 de junho, em Porto Alegre, a Ninja logo no início da transmissão posiciona-se em um lugar do qual poderia fazer enquadramentos mais amplos, a fim de mostrar a quantidade de pessoas e a passagem do ato. Além de Cláudia ratificar que subiu em um elevador com tal propósito, também mostra outros jornalistas fazendo o mesmo. Trata-se, vale citar, do arco da Praça da Revolução Farroupilha. A estrutura tem altura aproximada de sete metros no ponto mais alto³⁸⁶.

A fim de fazer uma tomada mais geral para enquadrar a concentração do ato, Vidigal também subiria em um patamar mais alto na Praça Sáenz Peña, demonstrando preocupação com imagens que dessem ao *webespectador* uma dimensão de como o local vinha sendo ocupado por ativistas e cercado pela polícia. Isso aconteceu na transmissão que dividira com Filipe Peçanha no Rio de Janeiro, no dia 13 de julho.

Figura 63 – Quadro composto – plano geral



Fonte: Vidigal (2014).

³⁸⁶ Nenhum dos profissionais utilizava equipamentos de segurança. Na mídia de massa essa informação porventura poderia ser exibida no programa “Profissão Repórter”, da TV Globo, mostrando os bastidores da atuação dos jornalistas. Mas, em que outro veículo seria veiculada? O que o Mídia Ninja expõe, nesse sentido, é também o processo de desenrolar do fato frente à dinâmica de construção do acontecimento. Uma narrativa que evidencia detalhes, inclusive acerca dos outros narradores.

Figura 64 – Dificuldade dos midiativistas em subir em patamar para fazer plano geral



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Não muito depois, Carioca faria o mesmo que Vidigal, a subir no mesmo patamar que o colega tinha ascendido antes, demonstrando tal preocupação em registrar manifestantes e oficiais militares. Não obstante, apresenta, inclusive, assim como Branca Schulz, as dificuldades que ele e outros midiativistas tinham para subir no local, evidenciando a escalada que era necessária. A imagem atua na perspectiva patêmica e, nada contraditoriamente, ajuda a lustrar o *ethos* discursivo do Mídia Ninja e, mais especificamente, daqueles filiados à dinâmica do coletivo.

Avançando, percebemos nas análises que o *modus operandi* do Mídia Ninja é, conforme havíamos inferido na fundamentação teórica, de um hibridismo entre a câmera de mão e a nervosa (referenciando tal afirmação com base em quase todos os vídeos produzidos durante a Copa do Mundo de Futebol). Enquanto a primeira se exerce não apenas literalmente, mas seguindo as perspectivas da constante instabilidade e do subjetivismo, a segunda emerge tanto quanto mais há confrontos com a polícia, quando os Ninjas – acompanhando ou não os manifestantes –, empreendem fuga, e/ou quando se deslocam em velocidade de um ponto a outro para fazer algum registro de microacontecimentos dentro das manifestações/protestos.

É essa intercessão que gera o padrão de atuação do registro imagético do Mídia Ninja, intensificado, como já se colocou, pelas características essenciais do plano-sequência. Não obstante, é preciso fazer algumas ressalvas. O evento registrado acaba por conformar um pouco o tipo de câmera (e não se está falando de técnica, mas de movimento) que se dará a ver na transmissão. Fala-se, por exemplo, do plantão na Cidade da Polícia em 12 de julho. Ali, França e Vidigal utilizaram um tripé. Mas, alguém do elemento técnico, havia muito pouco a fazer no local se não manter quase sempre o foco direcionado em uma direção, sem grandes movimentações necessárias.

É o que ocorre também, nas sessões plenárias (em São Paulo e Brasília com o Mídia Ninja) e até nas audiências populares, em que o trabalho do repórter consiste, basicamente, em manter a câmera focalizando as falas daqueles que discursam. Tem-se a câmera de mão, mas durante longos períodos a focalização é a mesma e, por conseguinte, os efeitos são análogos ao de um registro fixo. Evidentemente o braço parece cansar. Há vacilações no enquadramento. Não semelha ser possível assim manter a mão em riste durante todo o tempo. Mas, em geral, nesses casos, a efetividade do subjetivismo perde um pouco a força dele.

Dadas as exceções, essa prerrogativa acaba por influenciar todo os outros tipos de movimentos, angulações e enquadramentos, decorrendo de uma condição de base na produção de imagem ninja. Em relação aos demais movimentos, o intraquadro é constante. Aliás, esta parece ser a função primária da imagem no gênero da informação midiática: o registro do movimento de sujeitos e objetos em uma dada situação espaçotemporal (não precisando dizer, o que parece óbvio, de que quanto mais técnicas de registro houver, mais o fato é maculado pela narrativa visual do dispositivo técnico).

O intraquadro parece ser menos utilizado (em detrimento de outros movimentos) quando do registro da concentração das manifestações, visto que há poucos elementos evenemenciais nesses momentos (a exemplo dos registros feitos por Fred Porto). É aí, então, que o número de entrevistas parece ser maior, supomos, como solução para a ausência de ação na cena enunciativa.

Proporcionalmente, o número de entrevistas indica ser menor durante as marchas (mais uma vez, faz-se remissão não só à transmissão de 12 de junho), já que a possibilidade de registros de ações variadas dos sujeitos é mais ampla nos caminhos percorridos. No entanto, como se disse antes, o fato de o Mídia Ninja ser precedentemente de câmera de mão – e muitas vezes de câmera nervosa –, faz com que o tempo de um quadro seja muito efêmero, não permitindo ver, muitas vezes, com detalhes, a ação desses sujeitos e objetos.

Já os outros movimentos de câmera, além dos já expostos, são raros, se se considerar a padronagem técnica da literatura de base. Um exemplo é o *travelling*, que é o deslocamento lateral em torno de uma ação de sujeitos e objetos, e se deu na cobertura do dia 12 de junho, em Belo Horizonte, mas sem a utilização de equipamentos especiais. Como já parece evidente (do contrário teria sido mencionado na análise do dispositivo técnico), os Ninjas não utilizam equipamentos como tripé³⁸⁷, carrinhos para realizar o movimento adjacente ou *steadicam*³⁸⁸.

³⁸⁷ A exceção de Vidigal e França em 12/07/2014, em uma cobertura com uma particularidade muito específica.

³⁸⁸ Sistema em que, grosso modo, a câmera é acoplada ao corpo do repórter/cinegrafista (com uma espécie de colete), de modo tal que ela tenha firmeza e diversos movimentos possam ser feitos.

Assim, poderia haver disposições teóricas em contrário ao indicarmos aqui que, dentro do plano-sequência, realizado em uma Câmera de Mão, haveria *travelling*. Ainda assim, apontamos que sim; na medida em que, mesmo não existindo cortes, há uma sequência de movimentos que são pontuais e revelam intenções dos Ninjas.

Ao subir a avenida que dava acesso à Praça da Liberdade, a Ninja Karinny Magalhães posiciona-se lateralmente à marcha e, com velocidade superior à das pessoas que caminhavam, faz o registro do percurso dos ativistas. A intenção é dimensionar o ato que se deslocava. No entanto, o mesmo foi feito por Fred Porto na Praça Sete. Ele circula pelo cruzamento das avenidas que se encontram no local e registra a ação de manifestantes que subiam no obelisco, monumento da cidade. Isso, tanto quanto todos os outros Ninjas que registram manifestações. É uma forma de se empreender um apontamento visual geral da manifestação, é um método pictórico de estabelecer medida.

Há uma exceção em relação ao uso de equipamentos pelo Mídia Ninja para realização do movimento de câmera tratado aqui. O repórter Vidigal havia levado um *skate* para a manifestação do dia 13 de julho, e não o deixou debaixo do braço. O material serviu para que o apoiador Ninja circulasse por todo o entorno da Praça Sáenz Peña, fazendo com que mais parecesse estar em um *travelling*. Além disso, quando a marcha ainda estava em curso, o repórter fez um movimento de entrada/encontro com a manifestação, numa espécie de *dolly*.

Além dos efeitos que pode gerar, sobretudo aqueles relacionados à perspectiva ficcional – já que estava se utilizando de um artifício pouco comum no jornalismo, e muito mais próximo do tipo de imagem que se encontra no cinema e nos vídeos musicais (com novos ângulos e velocidade na captura das imagens) –, há uma remissão qualificadora. Isto é, ao utilizar a prancha com rodinhas, Vidigal mostra-se (e ainda dá ao Mídia Ninja essa perspectiva) um sujeito descolado, transgressor, inventivo, entre outros adjetivos que o associam ao arquétipo do jovem ativista.

Figura 65 – Vidigal mostra o skate em movimento



Fonte: Vidigal (2014).

Parecido com o *travelling*, há a panorâmica. No entanto, a câmera não se desloca de um ponto ao outro, mas gira em torno do seu próprio eixo – entendido como a movimentação do tronco do Ninja ou simplesmente das mãos – da esquerda para a direita (o mais usual no ocidente), ou o inverso. Na FIG. 66, apresenta-se um exemplo. Karinny posiciona-se ao lado da Polícia Militar na manifestação da capital mineira e faz, em ida e volta, o movimento horizontal para mostrar os dois lados de um conflito iminente. Somamos *frames* e apresentamos um esquema composto por quatro quadros distintos com diferença de menos de um segundo entre cada um deles.

Figura 66 – Quadro composto – Sequência de imagens em panorâmica



Fonte: Karinny de Magalhães (2014).

Tanto o *travelling* quanto a panorâmica, nas condições ora expostas, são largamente utilizados pelo Mídia Ninja, demonstrando, porém, certo afastamento do Ninja, que nesse momento passa a tangenciar a articulação das cenas, assumindo um lugar de observador; aqui num ostentar a condição mídia ante a ativista-participativa.

Há ainda o *tilt*, que é a panorâmica vertical. Esse movimento é muito raro nas transmissões do coletivo. Ainda assim, separa-se um exemplo, na mesma cena da panorâmica, conforme pode ser visto na FIG. 67. Da mesma forma, posicionamos lado a lado *frames* numa composição de quatro quadros distintos com diferença de menos de um segundo entre cada um deles.

Figura 67 – Quadro composto –Tilt



Fonte: Karinny de Magalhães (2014).

O *tilt* é utilizado para mostrar projeções verticais ou detalhes pontuais. Como na manifestação do dia 12 de junho, em Belo Horizonte, a maioria das ações deu-se na linha da altura dos olhos (o que é recorrente no recorte da tese), essa panorâmica perpendicular é

pouco explorada. No caso em questão, no entanto, parecia um pouco difícil fazer um plano de conjunto (ou plano geral) que conseguisse evidenciar todo o obelisco do torneio sendo guardado pelos praças. Assim, a Ninja aproxima-se (o que permite ver objetos e seres com mais detalhes) e realiza o movimento. Em tempo, aliás, Karinny, inclusive, não se sabe se propositalmente, faz ainda um plano oblíquo, aqui tentando enquadrar a cena, conforme pode ser visto na FIG. 68.

Figura 68 – Plano oblíquo



Fonte: Karinny Magalhães

O *shake*, que representa um balançar da câmera, normalmente proposital no cinema para gerar algum efeito de instabilidade na câmera, aparentemente deu-se nas *lives* observadas em 12 de junho. Antes, é importante dizer que ele existe, e muito, mas, aparentemente, sem intenção (ou emerge com naturalidade, em verdade). Essa volubilidade é ocasionada em razão da tentativa do Ninja em ajeitar o aparelho nas mãos, em fazer alguma conexão de cabos (para recarregar a bateria do celular, por exemplo), em função de alguma desatenção, entre muitas outras possibilidades, ainda que em tênues ações.

O *shake* no Mídia Ninja parece ser, aliás, o indicador da emergência da câmera nervosa; talvez seja, além disso, a intercessão entre a câmera de mão e a agitação da anterior, o ponto que demonstra a inquestionável concomitância das duas. Tal movimento acontece, por exemplo, com Karinny, ao correr para fugir/se esconder da polícia; tanto quanto com Alex Demian, em São Paulo, nas oportunidades em se deslocou com velocidade para registrar possíveis alterações de manifestantes com a polícia.

A oscilação pode ter sido vista, por exemplo, de modo incisivo, na agressão a Filipe Peçanha em 13 de julho. Sem perceber, Peçanha é abordado por trás quando fazia o registro do que chamou de “desfile da Polícia Militar”. Ele até então estava parado, fazendo um tênue movimento lateral com a câmera. Em seguida, as imagens passam a tremer muito e pouco é perceptível nos cerca de dois minutos seguintes. Pôde-se entender, entretanto, que um número

significativo de policiais o cercaram e o fizeram caminhar coagido, enquanto ele pedia para ser solto.

Em seguida Carioca é, aparentemente, derrubado pelo grupo de policiais que o conduzia. As imagens estremecem. Em seguida, escurecem e recebem clarões de luz em frações de segundos – num cintilar intermitente e complexo que mais remetiam ao abrir e fechar de olhos. Iris que inebria com o sol e não permite ver muito bem quem são os policiais que lhe agridem. A transmissão começa a travar em meio a uma espiral, que não sabe para qual sentido segue – ora ascendente, a mostrar os rostos, fardas e brasões embaçados, ora ao solo, evidenciando os blocos encaixados da calçada das ruas limítrofes à Praça Sáenz Peña.

Por fim, o último movimento é o *dolly*. Mais uma vez, dentro da literatura técnica sobre os movimentos de câmera, esse tipo de ação é descrita como operação que necessita de equipamentos. Trata-se aqui então apenas de quando esse movimento é realizado para aproximação (*in*) ou distanciamento (*back*)³⁸⁹ de objetos e seres. Vale observar que não estamos falando do movimento de objetiva, o *zoom*, operação digital.

Os *dollys* parecem ser os principais movimentos dos Ninjas. Ora, pois, eles quase sempre estão a caminhar nas concentrações e nas marchas das manifestações. Como foi dito anteriormente, a maioria das entrevistas não parecem ser combinadas com antecedência. Nesse sentido, os repórteres andam em direção aos (possíveis) entrevistados (*dolly-in*). No entanto, esse parece (e o é) muito espontâneo e não programado, dada a dinâmica do contexto.

Assim, a aproximação parece se dar em torno de um *dolly-move-on*³⁹⁰ constante, o que fica claro no final das entrevistas; ao encerrarem os diálogos, os Ninjas não realizam propriamente o *dolly-back*, mas, com frequência, para manter-se aqui na linha teórica, um *dolly-out*, que não significa a saída da cena, mas esse se pôr a rodar com o intuito de dimensionar a cena enunciativa em questão e continuar com um plano-sequência que não pode ser interrompido.

Nesse sentido, é preciso retomar a questão do principal exemplo explorado até então – Belo Horizonte, 12 de Junho. Tem-se, ratificamos, um grupo de policiais cercando/protegendo o relógio da Copa do Mundo de Futebol. Ao se ver diante dessa cena, Karinny Magalhães explora um conjunto de movimentos e enquadramentos enorme, no compasso de poucos minutos. Não se pode, porém, querer enxergar as ações técnicas de modo isolado, mas sim dentro de uma narrativa visual pautada pela essência do plano-sequência e da câmera de mão.

³⁸⁹ Há ainda o chamado *dolly-out*, que representa o afastamento total da câmera, abandonando a cena.

³⁹⁰ Para entendermos aqui um neologismo técnico baseado num trocadilho que indica presença e circulação.

O ponto principal então é compreender quais os motivos que levam (um)a Ninja a explorar mais essa cena em detrimento de outras com esse baú de possibilidades.

Um exemplo de *dolly* chamou a atenção na transmissão do Mídia Ninja. Aconteceu em 3 de julho, na Marcha Nacional em Defesa da Reforma Agrária e da Agricultura Familiar. A Ninja Isadora Machado abriu a cobertura do alto de um trio elétrico. Tem-se uma imagem ampla, com quadro geral da manifestação. A midiativista aproveita, então, para fazer panorâmicas, mostrando tanto a profundidade do ato, quanto a passagem dos manifestantes ao lado do veículo. Aliás, o carro de som não apenas acompanha a marcha em um ponto fixo; por vezes acelera e se distancia, gerando um movimento análogo ao discutido aqui.

Esse tipo de ação, ainda que um tanto improvisada, tem potencial para agenciar efeitos ficcionais, e também patêmicos, já que possibilita tomar dimensão da manifestação, o que poderia se ajuizar na reflexão acerca da importância da causa (em razão do grande número de pessoas afetadas e/ou envolvidas, claramente exposto pelo movimento de câmera). Em adendo, de cima do carro de som, a Ninja mostraria ainda um pouco dos bastidores do jornalismo, em tempo real, já que muitos repórteres cinematográficos subiam no veículo para fazer (as mesmas) imagens. As diferenças estariam na (menor) qualidade da resolução e ausência de cortes da midiativista (ainda que houvesse outros colegas midiativistas por lá). Era notória a colaboração entre os que ali estavam, demonstrando certa ausência de competição entre esses profissionais.

Figura 69 – Marcha dos movimentos pela reforma agrária e pela agricultura familiar em São Paulo



Fonte: Isadora Machado (2014).

Vê-se que os ângulos de altura são pouco explorados pelos Ninjas, para além do normal. Conforme pôde ser observado nos enquadramentos, a linha dos olhos é a mais utilizada pelos repórteres. O *contra-plongée* aparece tão-somente nos raros *tilts*, e os *plongées* nos planos de conjunto em que, em meio à concentração ou à marcha da manifestação os midiativistas esticam o braço para cima, de modo tal que consigam, de alguma forma,

dimensionar a cena, ou quando sobem em áreas mais altas para empreender registro (como visto anteriormente). As angulações zenital e contra-zenital, então, nunca aparecem.

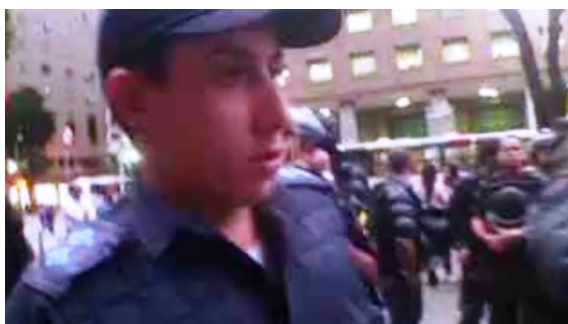
Quanto aos ângulos horizontais, vê-se nas entrevistas a utilização do frontal como referência, mas com frequência é notado o de três quartos. Os entrevistados (e o próprio Ninja) acabam por se movimentar muito nas conversas, variando a angulação do sujeito filmado. Além disso, em pesquisa de campo do autor desta tese, percebemos que os repórteres não se posicionam imediatamente atrás dos *smartphones* utilizados nos diálogos. Por mais que o aparelho estabeleça uma linha de grau zero com o rosto da fonte enquadrada, os midiativistas tendem a se posicionar à esquerda (quando empunham os celulares com a mão direita, e vice-versa), escapando da linearidade (olhando por vezes mais para o entrevistado do que para a tela do equipamento), num movimento repetido quase que instintivamente pelos interlocutores (que passam a olhar mais para o entrevistador do que para a lente da câmera)³⁹¹.

Nas concentrações da manifestação, há angulações horizontais de todo o tipo, a depender da ação dos sujeitos e objetos. Nas marchas, os Ninjas em geral procuram variar na mesma medida, em parte registrando o caminhar das pessoas de frente (frontal) e em outra de costas (traseiro). Assim, enquanto na primeira os repórteres focalizam a partir de um descolamento do ato, numa visão que vai de encontro, a segunda é participativa, de embarque, do ser levado por.

É importante fazer menção ao fato de que Karinny não empreende o *close-up*, ou mesmo um enquadramento mais próximo como o plano médio, com os adeptos da tática Black Bloc. A intenção, inferimos, é justamente para não permitir a identificação desses sujeitos. Isso, ao contrário de Peçanha, que procura, tanto quanto possível, valorizar o rosto dos policiais com os quais trava discussões. Cada caso tem a própria particularidade, evidentemente. Contudo, a transmissão de 20 de junho, no Rio de Janeiro, em evento no qual o Ninja foi preso, chama a atenção e serve aqui como valorosa perspectiva.

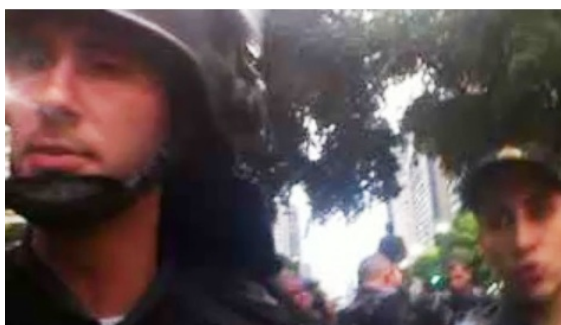
A discussão que levaria ao cárcere do Ninja começa aos catorze minutos de transmissão. Peçanha aproxima-se de um policial que iniciaria uma abordagem, intimando um senhor que passava por ali: “Por favor, poderia abrir a mochila, pra gente fazer uma revista?”. Com a câmera bem próxima ao rosto desse militar, que se identifica aqui como Policial 1, o Ninja diz: “[...] mais uma revista. Qual que é a suspeita? Qual que é a suspeita irmão?”.

³⁹¹ O que pode explicar os problemas de enquadramento nas entrevistas, já que o monitoramento do alinhamento em tela não seria constante.

Figura 70 – Policial 1 iniciando revista

Fonte: Filipe Peçanha (2014).

O Policial 1 não responde. O Ninja chega a mostrar uma conversa do senhor que seria revistado e, logo depois, é solicitado por um outro militar a abrir também a mochila que carregava. Trava-se um longo diálogo, marcado pela ironia de Carioca e pela insistência do oficial com a ordem. Sem se alterar, o militar da primeira abordagem sai de cena e o tom de voz do segundo começa a aumentar – ainda que adequado para uma conversa e mesmo frente a uma situação que parecia tensa, devido à própria dinâmica de tal contexto e à ironia de Peçanha. O Policial 2 chega, inclusive, a se aproximar um pouco mais do Ninja. Durante quase toda a abordagem, o midiativista mantém a câmera focalizando o rosto dos militares.

Figura 71 – Os dois policiais na abordagem a Filipe Peçanha

Fonte: Filipe Peçanha (2014).

A discussão prossegue até que uma mulher começa a intervir na abordagem, falando, ainda em tom mais baixo, com outros praças, intensificando a ironia e a contradição da cena. Carioca insiste em não abrir a mochila, alegando que já havia sido revistado antes. O Policial 2 diz não ter visto tal cena e, por isso, o midiativista estava sendo obrigado a realizar tal ato.

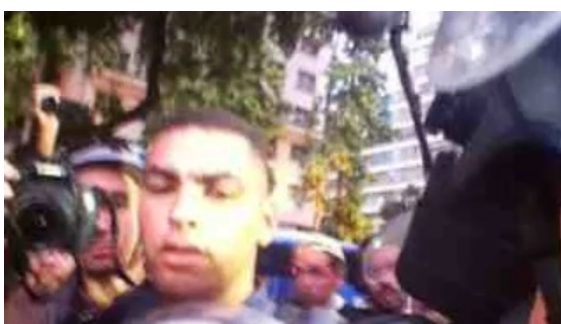
Depois de muito insistir, Peçanha concorda com a revista. O militar começa a inspecionar a mochila, enquanto outros praças, midiativistas e ativistas observam. A mulher que intervira na abordagem, chega a ser orientada a sair do local por algumas dessas pessoas, mas permanece.

Figura 72 – Policial 2 em abordagem a Filipe Peçanha



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

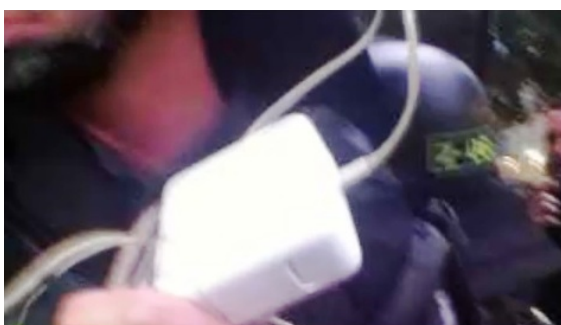
Figura 73 – Policial 3 e midiativistas acompanham a abordagem



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

O policial que fazia a abordagem, então, retira da mochila um objeto branco. A mulher que acompanhava a ação diz, em modo jocoso, que é um explosivo. O Policial 2, então, questiona se o objeto era mesmo um artefato bélico, ao que a senhora confirma que sim. A ordem de prisão, em sequência, selou a discussão.

Figura 74 – Carregador de celular que estava na mochila de Filipe Peçanha



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Vale registrar que Filipe Peçanha foi mesmo revistado pela Polícia Militar, com cerca de três minutos de transmissão; ou seja, aproximadamente onze minutos antes da segunda abordagem. O que mais chama atenção é que o Policial 1 também acompanhou a primeira

investida militar e, na segunda, mesmo sabendo que Carioca havia sido revistado, não se manifestou. A identificação pode ser feita na FIG. 75.

Naquele momento, quem passou a conduzir a narração foi Carlos França, que acompanhava o protesto. Ele assume a locução no momento em que o Ninja é revistado. Filipe pede ao colega para não apenas “segurar” (o celular), mas “falar” e “mostrar”. É nesse momento em que o midiativista perde o lugar e ganha o *status* de personagem, ganha rosto (o que os Ninjas raramente apresentam, conforme já havia sido discutido), e a perspectiva ativista se faz ainda mais presente. Para intensificar essa ideia, Carioca é tido pela polícia como igual aos manifestantes, cabível de ser revistado, logo não seria visto como uma instância midiática, e, se o for, muito pouco legítima.

Figura 75 – Filipe Peçanha, sendo revistado pela primeira vez, observado pelo Policial 1



Fonte: Filipe Peçanha/Carlos França (2014).

Figura 76 – Carioca sendo revistado



Fonte: Filipe Peçanha/Carlos França (2014).

A ação dura menos de um minuto e a locução é devolvida a Filipe. As imagens de Peçanha continuam a mostrar a grande movimentação e concentração de policiais. Carioca procura circular pela praça, mostrando esse agrupamento militar, (re)contextualizado o que se dava até o momento e o mote das ações dos manifestantes e também da PM.

O Ninja, então, descola-se para evidenciar uma reunião com a participação de alguns policiais. Ele é solicitado por um dos militares a não focalizar a conversa, mas desobedece e

continua enquadrando, em *plongée* (provavelmente ao subir em uma parte mais elevada da praça), o diálogo entre os cerca de oito oficiais, conforme pode ser visto na FIG. 77.

Figura 77 – Quadro composto – Reunião de policiais



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Filipe tem uma atitude transgressiva diante da ordem do policial, o que parece incentivá-lo ainda mais a continuar registrando o diálogo, na medida em que poderia justificar que não estava fazendo nada de incorreto; ou, aliás, segundo ele, inadequada seria a reunião, na qual o batalhão estaria “buscando traçar outras táticas de opressão”, o que justificaria a presença do Ninja no local, em função do compromisso midiativista dele.

A transmissão da conversa dos policiais durou cerca de dois minutos e foi acompanhada, aparentemente, pelos Policiais 3 e 4, e, com toda certeza, pelo Policial 1, que auxiliava na coordenação das atividades no local. Menos de um minuto depois, iniciar-se-ia a abordagem de Filipe Peçanha, que seria levado à delegacia.

Essa tendência seria vista novamente em 13 de julho, quando fora agredido fisicamente por oficiais. Desde o início do estourar de bombas na Praça Sáenz Peña e, sobretudo ao ouvir que alguns dos militares estavam rindo da situação, Peçanha começa a focalizar os rostos dos policiais, dando a ver a identidade visual daqueles que, supostamente, estariam além de promovendo o caos, ainda zombando dos ativistas.

O Ninja flagraria uma possível agressão física que um ativista estaria sofrendo ao ser revistado. Não é possível verificar essa informação pela imagem de Carioca. Todavia, ele se aproxima da abordagem ao manifestante, registrando a cena por detrás do vidro de um ponto de ônibus, e continua afirmando que, antes da investida policial, o colega teria tomado alguns “pescotapas”. Isso, ao que um militar se aproxima de Peçanha e emenda: “Não tem ninguém agredindo aqui não. Você está falando besteira”. Mais uma vez, Filipe procura dar capital visual aos oficiais, destacando o rosto deles.

Figura 78 – Filipe Peçanha evidencia rostos de policiais que supostamente estariam rindo



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 79 – Quadro composto – Revista de manifestante seguida de discussão de Carioca com policial



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Carioca, então, volta a (tentar) registrar a abordagem que, a essa altura, já tinha se encerrado. É nesse momento que dois dos policiais, em tom irônico e provocativo, fazem o sinal de positivo com a mão para a câmera – na linha do que o Ninja já vinha descrevendo. O tom de afronta do repórter ao longo da cobertura só ia aumentando. Em torno dos 56 minutos da sexta *live*, ele chega a colocar o celular bem próximo do rosto de um major da Polícia Militar e questiona, sem receber respostas, de modo irônico, o porquê do cerco à Praça Sáenz Peña – FIG. 81.

Figura 80 – Policiais, com ironia, fazem sinal de positivo para Filipe Peçanha



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Percebe-se, então, uma estratégia completamente diferente daquela que visa preservar a imagem de manifestantes, sobretudo daqueles ligados ao movimento Black Bloc. Aliás, a tática talvez seja a mesma, variando em razão do sujeito evidenciado, materializando os componentes da força opressora, de modo a identificá-los e (possivelmente) evitar que eles empreendam (mais) ações contra os ativistas.

Figura 81 – Major sendo questionado por Filipe Peçanha



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

5.3.3.1 Um olhar mais focado em 12 de junho, com Fred e Karinny

Entende-se, quanto às ocularizações, que o exercício de Fred Porto foi majoritariamente da ordem da ocularização externa. Por mais introduzido que estivesse à concentração do ato, a abordagem dele deu-se no sentido de registrar a presença dos partícipes da manifestação. Contudo, o posicionamento do Ninja revela onde ele se situa na dialética entre os policiais (materialização do outro, alvo principal da crítica – registrados a distância) e manifestantes (focalizados³⁹² de modo próximo, não sem motivos constantemente entrevistados – possuidores de capital visual e sonoro).

O comportamento de Fred com os registros pictóricos revelam também a condição emocional do Ninja nos 90 minutos em que esteve à frente da transmissão. As imagens são pouco tremidas, demonstram uma variação de enquadramentos não muito rápida ou agitada, não sinalizando desconforto ou sinais de câmera nervosa. Na mesma medida, por mais que Porto conheça parte das pessoas com as quais conversou (mesmo que ainda não estejamos considerando o áudio), as imagens denotam o distanciamento mínimo esperado de uma mídia no empreendimento de entrevistas. Por fim, e não menos importante, não há um substancial

³⁹² Aqui recorremos novamente a Jost (1983 apud David-Silva, 2005), que diz que a focalização é (também) o saber sobre os personagens, entendendo então que, quanto mais próximo, mais se expõe sobre eles.

desenrolar evenemencial, pois o acontecimento ainda não tinha efetivamente começado (considerando o ato como marcha).

Já com Karinny acontece o inverso. Pouco podemos falar dos primeiros 79 minutos em que ela – ainda que dividindo no início com Dênis Nacif – ficou como articulista da transmissão. Alguns aspectos foram tratados – como o caminhar dela ao lado da marcha, que denota a câmera objetiva/externa –, mas não é possível fazer uma análise refinada, pois as imagens não estão disponíveis na plataforma *Twitcasting*. Porém, nos 46 minutos derradeiros, tem-se, quase que em 100%, a ocularização interna.

Figura 82 – Manifestantes chegam à Praça da Liberdade



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

De início, Karinny chega à Praça da Liberdade com os manifestantes. Uma linha de frente, composta por adeptos da tática Black Bloc, é registrada por meio de uma angulação análoga à chamada *Over (the) Shoulder* (sob os ombros), que dá a ideia da visão do personagem em destaque. Nesse momento, a ocularização seria interna, mas não mais do Ninja, e sim do grupo de ativistas.

Em seguida, Magalhães destaca-se do grupo e, como já apontamos anteriormente, realiza imagens mais objetivas, para mostrar o posicionamento da polícia à frente do relógio, além da distância que havia entre os grupos de militares e de ativistas. Logo depois, a Ninja volta a se posicionar ao lado dos manifestantes que, a essa altura, começavam a queimar uma bandeira do Brasil, momento registrado por Karinny. É nesse instante que se pega a ouvir os primeiros tiros de bala de borracha. Não se sabe precisar com certeza se por isso tenha havido tal atitude da polícia³⁹³. Fato é que aparentemente todos os manifestantes correram e a histeria tomou conta do cenário.

³⁹³ Tampouco se pode concordar com alguns órgãos de imprensa, tal qual a *TV Globo Minas* que, na segunda edição do jornalístico *MG TV* do dia 12 de junho de 2014, deu a entender que a reação da Polícia Militar teria começado em razão da ação de manifestantes (chamados ora de mascarados, baderneiros e/ou vândalos) que provocaram os militares jogando pedras. Não seria necessário recorrer às imagens do Mídia Ninja para verificar

Kariny também tenta se afastar do lugar. Ainda assim, há, mesmo em meio à afobação do momento, uma preocupação com a descrição verbal da cena. Entretanto, não seria tão necessário o texto verbal de Magalhães; as imagens tentam dar conta da situação, a registrar, sobretudo, o corre-corre, os estouros (com o índice imagético da fumaça, sobretudo) e da reativa de alguns manifestantes (ao lançar pedras nos militares).

Figura 83 – Manifestantes correm após as primeiras bombas estourarem



Fonte: Kariny Magalhães (2014).

É nesse momento que a câmera subjetiva parece alcançar um lugar mais alto; as imagens não apenas narram ou descrevem, mas imputam participação de quem as vê. É o simulacro da visão de quem não apenas registra; é um efeito que simula o lugar do personagem da cena, transferindo ao espectador não só esse olhar do ser, mas tanto quanto essa posição no local de registro. Largamente utilizado no cinema, o recurso não é muito aplicado no gênero da informação devido ao caráter da personalidade, o que contrastaria com o valor jornalístico do distanciamento com o fato, gerando a imparcialidade.

Na sequência, conforme se pode ver na FIG. 84, Kariny esconde-se em uma esquina; espreitando e ao mesmo tempo mostrando o que acontece. A remissão aos filmes de ação, sobretudo aos do subgênero policial, não é tão direta, mas o olhar do espectador, influenciado por esse tipo de dramaturgia cinematográfica, pode gerar esses efeitos. Perspectiva que coloca o *webespectador* na cena enunciativa. Aquele que quer participar, ver, mas ao mesmo tempo também pensa em se proteger.

que a atitude dos ativistas em lançar objetos na PM só começou, aparentemente, após os praças terem atirado balas de borracha e bombas de gás, já que havia um jornalista da *Globo* no local. Disponível em: <<https://goo.gl/7IFflq>>. Acesso em 22 nov. 2014.

Figura 84 – Ninja, tentando também se proteger, mostra a atuação de um manifestante



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Como se disse, é com a câmera nervosa que a subjetividade se intensifica, fazendo emergir a tríade de efeitos levantadas por Charaudeau (1992) (ainda que, nesse contexto, os patêmicos pareçam ser os mais agenciados), pois, “[...] esse tipo de registro busca sempre, pela identificação do olhar da câmera pelo espectador, provocar a presença de quem vê a cena dentro dos acontecimentos”, baseado, como se viu, na simulação dos riscos e ameaças que não só o Ninja sofre, mas, por extensão subjetiva, também o *webespectador* (PENKALA, 2009, n. p.).

A marcação da câmera nervosa vai ficando cada vez mais clara na transmissão de Karinny Magalhães. A sequência das imagens apresenta a Ninja deslocando-se por ruas da capital mineira registrando a ação dos manifestantes adeptos da tática Black Bloc. O clima de tensão só se intensificava, haja vista as reprimendas constantes (com bombas e balas de borracha) da polícia e um possível cerco que parecia sobranceiro. A partir dos 37 minutos de transmissão dessa última *live* do dia, a ação dos militares era mais efetiva, o que gera uma correria e dispersão do grupo. A Ninja faz o mesmo, transferindo para o público, por meio das imagens captadas, tal sensação.

Aos 39 minutos e 45 segundos o corre-corre é mais intenso. Imagens tremidas são o sumo da tensão vivida. Apenas o chão, calçada e asfalto são vistos. Belo Horizonte corre e se dá a ver em pequenos fragmentos da paisagem urbana, reterritorializada pela ação e reação das partes que se distinguem, ainda que uma delas pareça se aproximar cada vez mais, até encontrar.

Tratava-se, até então, em remissão à lógica ficcional, de uma narrativa de suspense. A Ninja como vítima, perseguida, oprimida, tentando escapar de quem a procurava³⁹⁴. No entanto, na medida em que se posicionava, ainda que midiaticamente, do ponto de vista dos manifestantes, ativista também era e na mesma condição enquadrada pelo outro: a polícia. O

³⁹⁴ Não se está fazendo aqui juízo de valor, apenas o uso metafórico da correlação cinematográfica a partir de um ponto de vista (de quem o conduz) na construção narrativa verbo-visual.

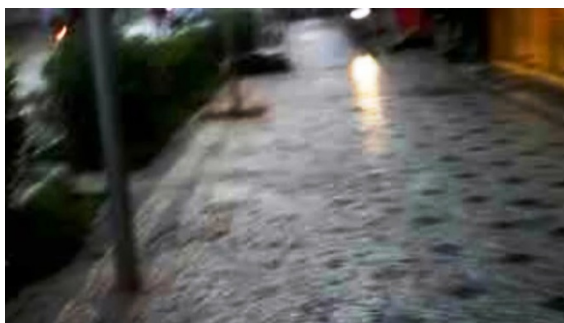
que se viu depois, entretanto, foi a justaposição dos elementos do Drama. As imagens selecionadas aqui tentam demonstrar que a correria da repórter, mesmo não ofertando qualidade de resolução das imagens, geram efeitos e conseguem (inferimos) captar a audiência pela justaposição do acontecimento vivido por outro e pela experimentação mediada.

Figura 85 – Ninja conversa com transeunte, em movimento



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Figura 86 – Enquadramento Ninja ao andar mais depressa



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Ela é enfim capturada. O que se segue é apogeu da ocularização interna, ou a ocularização zero – cenas com alto potencial de serem percebidas como transcrição da realidade em estado bruto. Há uma mimese total, com o apagamento do narrador, na medida em que Karinny se torna personagem. Assim como ela, o transeunte com quem conversara segundos antes também é parado. A Ninja questiona o tipo de abordagem que estaria recebendo, mas há a dificuldade, evidente, em registrar. Ainda assim, com o celular em mãos, o posicionou de lado, procurando fazer imagens da situação.

Figura 87 – Transeunte também é revistado em ação da PM



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Novamente, mesmo encostada de frente para a parede, Karinny tenta capturar imagens dos policiais na calçada, atrás dela. Essa estratégia, contudo, poderia ser tida (pois tem mesmo este valor) como ocularização externa. Isto é, mesmo sendo abordada, não perde a característica de mídia. Contudo, a ação parece ser mais ativista e até aplicada como recurso de segurança – registro do possível agressor, como, de fato, aconteceu³⁹⁵.

Figura 88 – Policial Militar que fez a primeira abordagem a Karinny

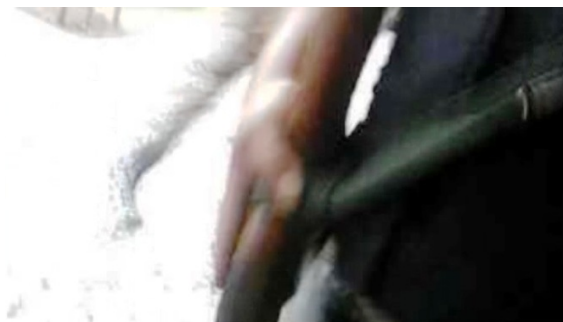


Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Ao receber a efetiva revista policial, Karinny parece proteger o celular, e não se tem imagens por pelo menos um minuto. Uma imagem escura ocupa toda a tela, demonstrando que ela teria escondido o aparelho. Ainda assim, o áudio continua a registrar o que dizem os participantes da cena. Os oficiais em ofensiva, provocando, são a certa altura respondidos pela Ninja, expondo o lado ativista dela. O policial que fora retrucado decide tirar satisfações. A imagem, então, deixa o breu e evidencia o aproximar do homem que portava uma arma de alto calibre. O braço levemente direcionado para frente parece querer ameaçar, ou no mínimo demonstrar que estava pronto para reagir. Dedo próximo ao gatilho. Isso, desprezando todo o diálogo até então, que dava conta de uma agressão física por parte do militar à Ninja.

³⁹⁵ Não (se sabe se) com a policial em destaque, mas com a corporação.

Figura 89 – Proximidade do policial militar que agrediu Karinny, mostrando arma em punho



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Figura 90 – Quadro composto – Imagem de policial que ofendeu Karinny se afastando dela e militar feminina ao lado direito de Karinny, com cassetete em mãos



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Não era só Karinny que estava sendo abordada. A Ninja consegue dimensionar o grande contingente de sujeitos que foram parados pela polícia. Logo atrás dela, à direita, uma policial mantinha-se com o cassetete a postos, evidenciando o clima de tensão que cercava a situação.

Esses suportes de construção da imagem dão-nos elementos materiais para pensarmos no que é mostrado das cenas, nas qualificações e valores oposicionais, e no simbolismo das imagens. Sendo mais didáticos e seguindo a linha do esquema, vamos então ao processo de mostração (e apagamento). Percebemos que os Ninjas procuraram registrar a dinâmica do ato, preferencialmente, sob o ponto de vista dos manifestantes.

O que essa opção revela sobre o comportamento dos Ninjas talvez já tenha ficado claro. No entanto, é importante ressaltar que essa prática acaba por evidenciar mais o que os olhos alcançam a partir da localização espacial³⁹⁶. Assim, o capital visual acaba sendo prioritário dos manifestantes e das respectivas ações deles. Evidentemente que a força policial, no dever de fazer um trabalho ostensivo de prevenção, deveria apenas observar o

³⁹⁶ Ou, lugar narrativo, dado que o manifestante é sujeito e, por conseguinte, a polícia oponente.

conjunto de atividades que decorreriam da manifestação para, em caso de desvios de conduta, agir. Essa poderia ser a explicação para que Fred Porto tenha focado mais nos exercícios dos manifestantes, uma vez que a outra parte estaria apenas parada, o que não justificaria o fato de ter feito apenas um *take* da posição ocupada pelos militares.

Apesar de apagadas da transmissão, as ações de contenção da polícia eram, contudo, ressaltadas pelo Ninja e por parte dos entrevistados. Assim, havia nomeação, mas não se tinha o registro, a condição de prova.

Figura 91 – Único *take* registrando a presença da Polícia Militar



Fonte: Fred Porto (2014).

Esse apagamento pictórico, apesar de poder gerar a dúvida acerca da verdade sobre as ações da polícia, é justamente o que calça, contraditoriamente, a enunciação das ações dos militares; tão efetivas que se tem que manter distância, tão ameaçadoras que é melhor não registrar. O apagamento do “outro” continua na transmissão de Karinny. Não é possível saber, pelas imagens, quem de fato inicia a alteração no lançar balas de borracha e bombas x pedras e pedaços de concreto.

Fato é que a Ninja se posiciona ao lado dos manifestantes adeptos da tática Black Bloc. Desse ponto de vista, por várias vezes, após o início da confusão, indica a forte presença da Polícia Militar tentando cercar o grupo. Contudo, é mostrado, mas não é efetivamente visto. As imagens a seguir são dos momentos em que Magalhães afirma que vinha “uma tropa” atrás dos ativistas. Tanto no *frame*, quanto na transmissão, não é possível enxergar os militares com clareza.

Figura 92 – Segundo Karinny, um batalhão caminhava na rua em destaque na direção dela



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

A polícia vê-se um tanto apagada, mas a presença dela é destacada pela interpretação das imagens. O grupo de manifestantes corre em vários momentos, deslocando-se sem muita direção pelas ruas do centro de Belo Horizonte. Provavelmente porque estavam sendo perseguidos por alguém. Da mesma forma, em outros trechos é possível ver a fumaça das bombas próxima dos ativistas, condição que leva a conclusão de que foram lançados pela polícia, o que, por conseguinte, faz com que os manifestantes tentem montar barreiras de contenção frente ao (possível) avanço das tropas.

Figura 93 – Segundo Karinny, um batalhão caminhava na rua em destaque na direção do grupo



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

Como se viu anteriormente, o grupo dispersou e Karinny acabou sendo abordada de modo isolado. Apesar da acusação de agressão física sofrida pela Ninja, não há registro, o que não permite a prova com imagens. A sequência, porém, da narrativa fílmica indica que, mesmo o grupo de manifestantes adeptos da tática Black Bloc empreendendo fuga do local, os militares insistiram na captura deles, demonstrando, dentro apenas do contexto dessa transmissão, uma intencionalidade de uma parte com a outra. Quanto a Magalhães, viu-se também que ela apenas realizava a cobertura, o que não justificaria a abordagem pela qual passou.

Figura 94 – Diante de bombas de gás, manifestantes viram lixeiras e tentam montar barreiras



Fonte: Karinny Magalhães (2014).

O que o filme não dá conta de mostrar é que parte do grupo de adeptos da tática Black Bloc que não seguiu a turma da qual Karinny fazia parte realizou ações ainda mais efetivas no momento da fuga, depredando prédios públicos e privados, além de virar uma viatura do Polícia Civil³⁹⁷, o que pode ter gerado um comportamento ainda mais incisivo da corporação.

Quem também é apagado das imagens é o próprio Ninja. Como vimos, essa prática intensifica as características da câmera subjetiva e condiciona um transporte do *webespectador* à cena enunciativa. Apenas pelas imagens é possível entender que alguém suporta o dispositivo técnico – já que não se trata de um tripé, ou qualquer outro arrimo material.

Ainda na concentração, voltando ao que é mostrado por Fred Porto, evidenciou-se, de modo pictórico, um clima leve, descontraído, por vezes lúdico, ainda que a crítica popular, baseada em uma animosidade, de várias frentes, quanto às escolhas do governo – no que concerne à necessidade de investimento no país em detrimento da Copa do Mundo, também tenha sido demonstrado.

Isso foi ressaltado por meio do registro da presença de um grande número de pessoas, das bandeiras, faixas e cartazes trazidos por grupos e/ou por cidadãos desvinculados de entidades, da brincadeira com uma bola de futebol (na crítica ao futebol que excluiria a participação popular), entre outras, o que, em nossa opinião, caracteriza os manifestantes de forma positiva (haja vista a ideia de caráter pacífico das atividades até então empreendidas), já nos deslocando para as qualificações (a linha, de fato, é tênue).

³⁹⁷ De acordo com o *site* da *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://goo.gl/ZEZqYg>>. Acesso em: 10 maio 2015.

Figura 95 – Bandeirão sendo aberto na manifestação



Fonte: Fred Porto (2014).

Figura 96 – Pirulito da Praça Sete sendo ocupado por manifestantes



Fonte: Fred Porto (2014).

Figura 97 – Presença de entidades com bandeiras na manifestação



Fonte: Fred Porto (2014).

Figura 98 – Futebol na Praça Sete



Fonte: Fred Porto (2014).

Figura 99 – Participação popular na manifestação

Fonte: Fred Porto (2014).

Figura 100 – Cartazes na manifestação

Fonte: Fred Porto (2014).

Como foi dito, parecem haver valores oposicionais presentes também nas imagens. De um lado os manifestantes, divididos entre os adeptos e os não adeptos à tática Black Bloc. Os dois são vistos como ativistas que protestam em prol de melhorias pelo país. Uns são pacíficos (ou, ao se considerar a lógica de ação direta, não violentos). Nesse sentido, não exigiriam a presença militar, ainda que na condição de prevenção. Precaução que pode gerar limitação ao ato. Os outros, no entanto, ganham *status* de mártires (num efeito de sentido da narrativa ninja), ao partirem para o enfrentamento com a força policial; esta, então, na condição de tangibilidade do opositor (o governo materializado) que se posicionaria, por conseguinte, dentro desse raciocínio, contra as mudanças e a favor da manutenção das opções do Estado. Observamos que o ponto divisor é o local de olhar do Ninja, que carrega consigo o do *webespectador*.

Os manifestantes, nos quais Karinny se incluiria discursiva e até pragmaticamente, empreendem fuga após as primeiras ações da polícia. Quem evade, desvia-se de algo e/ou alguém por algum motivo. A razão parece ser a disparidade força x fraqueza; de um lado, treinamento militar, farda, proteção, balas de borracha (não vistas, mas evidenciadas pelas escopetas empunhadas pelos praças, apresentadas nos registros de Karinny) e bombas de gás, do outro, ausência de quaisquer artefatos, a não ser os que são encontrados pelo caminho. O

realce viria ainda na oposição muitos x poucos; sem destaque de imagem do lado da corporação, mas evidenciado no desagrupamento dos adeptos da tática Black Bloc.

A Polícia Militar, que antes poderia ser vista apenas na condição neutra na concentração – mesmo que, como inferido, podendo limitar as ações dos manifestantes apenas pela presença –, passa a ser vista como negativa. De um lado, em razão da contenção, pela (possível) iniciativa da peleja e pelo uso desmedido da força e, de outro, na abordagem, realizada de modo injusto (com alguém que representa uma mídia, e até com um transeunte) e, na mesma medida, exagerado.

A Ninja, por sua vez, evidencia uma contradição ao se apagar. Na mesma medida em que se posta fisicamente ao lado dos manifestantes, demonstra mais o posicionamento dela. Contudo, essa ausência pictórica poderia revelar também um certo distanciamento – existe na condição de registro e não na dialética contra x a favor. Essa qualidade cai, contudo, quando ela se desvencilha do grupo e, retornando a uma posição, aí sim, aparentemente neutra, é contraditoriamente acometida pela ação da polícia, assinalando, pontualmente, que faz parte de um lado diferente dos militares, conforme os próprios a marcam ao abordá-la.

Por fim, quanto ao valor simbólico das imagens, reconhecemos que há imagens carregadas de um potencial afetivo, capazes de gerar efeitos patêmicos na audiência. Essas estão, na transmissão do dia 12 de junho, quase que totalmente, na parte da cobertura realizada por Karinny Magalhães.

Quanto a Fred Porto, compreende-se que essa ausência se dê em razão dos motivos já expostos: carência de ações mais efetivas dos manifestantes e câmera com teor mais objetivo – externa. No entanto, não há como mensurar o que é, de fato, cabível de afetação e o que não é. A exemplo – aqui se faz uma ressalva muito particular do analista do discurso – do registro do futebol na Avenida Afonso Pena (cruzamento da Praça Sete), indaga-se que em um país como o Brasil, acentuadamente marcado pelo culto ao esporte bretão, pensar que uma Copa do Mundo do gênero pudesse ser tão excludente (em razão dos valores dos ingressos e métodos de comercialização), uma crítica realizada a partir da ocupação de uma das vias de trânsito mais importantes da capital mineira é algo de uma sensibilidade que pode, a depender do olhar fruidor mais atento, afetar grandemente quem vê tal imagem.

Não obstante, é no registro de um confronto entre pessoas comuns com a polícia que os níveis patêmicos se avizinhariam ao cimo. O *webespectador*, tomado pelas emoções compartilhadas pela Ninja, vê-se também correndo dos militares, na expectativa de um final, senão feliz, ao menos mais tranquilizador, é também remetido ao já mencionado clímax de um filme de ação ou suspense; ainda que encerrado em drama, com a captura.

A mimese criada com imagens tremidas, fruto dos passos rápidos de Karinny, acentua não só a característica de fuga mas, acima de tudo, de que há perseguição – que, apesar de parecerem sinônimos, não os são, aumentando o nível de tensão nas cenas. Esses elementos presentes no deslocamento em escapada de Magalhães, desaguando na captura dela, são dignos de afeto, inferimos, em razão da combinação de uma série de elementos pictóricos situacionais que conformam uma narrativa visual composta e complexa.

Há de se considerar, evidentemente também, para esse tipo de produção de efeito, as inclinações afetivas dos *webespectadores*, os saberes de crença dele e o contrato que suporta a situação comunicativa; é sobre esses pontos que tecemos essas considerações. Compreendendo que ao final da análise desse dispositivo retomaremos a questão da tríade real-ficcional-patêmico, seguir-se-á para a próxima dimensão, não sem antes trazer mais curiosidades sobre a lógica visual Ninja.

5.3.3.2 Outras particularidades da lógica visual Ninja

Um primeiro dado é acerca da imagem dos Ninjas. Ela não é colocada intencionalmente ao longo das transmissões, a não ser no caso de França. A particularidade com ele é que, além de não ser propriamente um Ninja (mas um parceiro), atuou na frente de câmera, no papel de repórter, dentro de um estatuto mais consolidado na prática da mídia tradicional. Aquém dele, a exposição dos repórteres é evitada ao máximo. Mas, em alguns momentos ela dá-se a ver diretamente.

Em 15 de junho, em uma transmissão em Porto Alegre, por volta dos 57 minutos de transmissão, Cláudia acaba, aparentemente sem querer, mostrando rapidamente o rosto. Isso parece acontecer em razão de uma pequena manutenção ou configuração nos equipamentos que carrega. Questiona-se: por que os Ninjas não mostram o rosto, e quase nunca se identificam assinando as transmissões? Em detrimento de falar dos motivos, essa particularidade age em torno dos efeitos de ficção e de patemização.

Tem-se, ainda que não intencionalmente, inferimos, a estratégia da câmera subjetiva, tão comum no cinema. As imagens não só são narradoras, mas imputam participação ativa. No entanto, no apagamento da imagem do Ninja, tem-se uma suposta quebra da mediação, transportando o *webespectador* para o lugar do Ninja; efeito, se produzido, quebrado quando a imagem de Branca aparece.

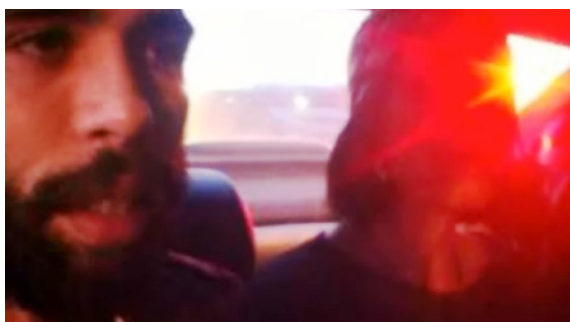
Figura 101 – Cláudia Schulz



Fonte: Cláudia Schulz (2014).

Mais uma vez em um raro momento, Carioca mostra o rosto (na recém-citada transmissão de 20 de junho, quando o Ninja foi preso). No mesmo quadro, aparece a mulher que argumentou contra ele para os policiais. Assim, na junção do texto verbal com o imagético, desta feita, a intenção parece ser para reforçar o argumento final/principal que utilizara como justificativa para a prisão dele e, ao mesmo tempo, elevar a crítica ao preparo da Polícia Militar: “Tô sendo preso então, na verdade gente, é pela professora aqui do meu lado. De acordo com a argumentação do próprio oficial, que segundo ele, ela que disse que eu portava um explosivo, esse explosivo que é um carregador de notebook.” Tem-se aqui, acreditamos, uma função editorial, reforçada sobremaneira ao mostrar o rosto dele, ao evidenciar que, efetivamente, estava transmitindo de dentro de uma viatura policial.

Figura 102 – Filipe Peçanha e professora dentro da viatura



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Em São Paulo, Alex Demian cometeria um descuido e chegaria a mostrar o próprio rosto – ainda que o *webespectador* não tenha o visto com tanta nitidez, ao clicar, certamente sem intenção, no botão de reversão da câmera. Mais tarde, ao afirmar que tentava utilizar outros recursos para poupar bateria, inferimos que ele tenha empreendido esse deslize tentando economizar a carga do aparelho. Mesmo remetido o Ninja, e por mais rápido que tenha sido a falha, há uma quebra na linha dos efeitos em razão do choque, do *take*

inesperado, e que, nada contraditoriamente, dá visibilidade a quem, por tradição, tende a se apagar durante as transmissões.

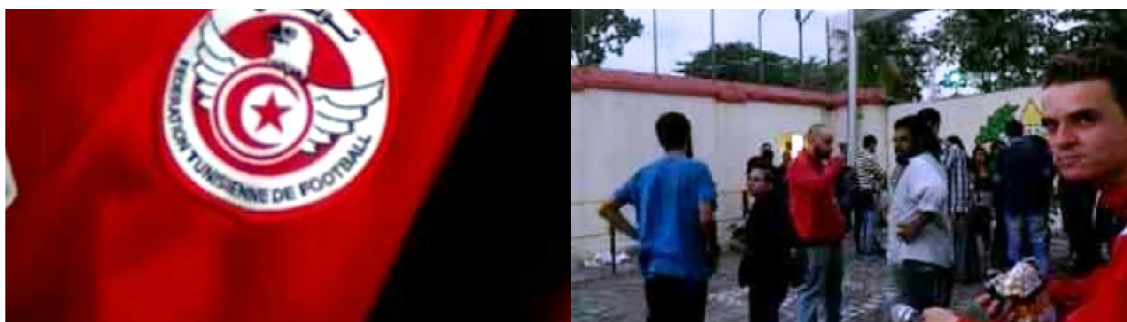
Figura 103 – Alex Demian



Fonte: Alex Demian (2014).

Um caso atípico; aquém de não aparecer, não ter a imagem veiculada na (ou vinculada à) transmissão, numa prática recorrente e reconhecida dos Ninjas, Vidigal tenta mostrar-se ao longo da cobertura em 12 de julho, na porta da Cidade da Polícia. Essas investidas aconteceriam em dois momentos distintos. No primeiro, ele mostra a camisa da seleção da Tunísia que utilizava – que tampouco disputava a Copa do Mundo de Futebol, mas é um país que, ao menos desde 2010, se destaca pelas fortes manifestações nas ruas – e faz uma brincadeira.

Figura 104 – Quadro composto – Autorreferência de Vidigal



Fonte: França e Vidigal (2014).

Num segundo, em que a câmera, fixa em um tripé, apontava para o portão da Cidade da Polícia, Vidigal aparece no enquadramento segurando em uma das mãos um saquinho de salgadinhos e na outra o microfone; é possível, inclusive, ouvi-lo mastigando. À primeira vista, inclusive, parecia se tratar de um erro, uma falha ao se permitir ser gravado nessa situação. Contudo, em seguida, vê-se que foi com propósito. Ele olha para a câmera e diz: “Fala aí galera. Biscoitinho aí?” – e continua comendo.

Tem-se, por parte de Vidigal, uma estratégia de busca de reconhecimento, de não apagamento, de visibilidade, diferente da métrica do veículo em que estava, pela primeira vez, ao longo da Copa do Mundo, atuando. Infere-se que, provavelmente, esse intento se dê justamente por estar à frente dos trabalhos no Mídia Ninja, um dos canais midiativistas de maior apelo no Brasil, e de maior audiência nas transmissões. Nada contraditoriamente, talvez, essa aparição poderia trazer ainda relevo para os projetos do Ninja nas redes sociais *on-line* que articula no projeto *Vidblog Vidigal*³⁹⁸.

Ele seria responsável ainda por dar a ver a imagem de Filipe Peçanha, um dia depois, na transmissão que marcou a final da Copa do Mundo de Futebol. Vidigal, utilizando do canal Mídia Ninja RJ, posicionou-se, aparentemente de propósito, em um ângulo em que seria evidenciado pelo enquadramento de Carioca. Por mais difícil que possa parecer, um *webespectador* que acompanhasse as duas transmissões, simultaneamente, poderia ver todo esse jogo reflexivo entre os midiativistas.

Essa estratégia, ainda que não intencionada com tal rebuscamento, pode agir positivamente sobre os efeitos de real, na medida em que faz uma dupla ancoragem e remete, de certa forma, aos efeitos ficcionais, já que brinca com a noção do espelhamento. Além disso, há não só uma complementação, mas o cruzamento de narrativas que permitem ao *webespectador* fazer uma (re)edição e costurar o acontecimento a partir de várias fontes.

Figura 105 – Quadro composto – Espelhamento de transmissões



Fonte: Peçanha e Vidigal (2014).

Esse não foi um momento isolado, mas um dos vários em que Vidigal evidenciou entrevistas de Peçanha. A proximidade entre os dois dava-se em razão do compartilhamento do mesmo modem. No texto verbal, o líder do *Vidblog*, inclusive, evidencia que o sujeito focalizado era Filipe Peçanha. Todavia, o fato de ter mostrado tanto a dinâmica de Peçanha,

³⁹⁸ Evidentemente essa conjectura não minimiza o reconhecimento pelo trabalho efetivo dos parceiros Ninja em frente à Cidade da Polícia, no que concerne principalmente à preocupação com os ativistas presos – o que parece ser a inquietação primeira –, em detrimento dos anseios de reconhecimento/imagem e/ou das necessidades de alimentação, descanso, entre outras, dos midiativistas envolvidos na atividade.

além de brevemente a de Gian Martins, a cobertura de Vidigal ajuda um pouco a compreender como se dá, por exemplo, a forma de se entrevistar, em movimento, realizada pelos Ninjas. Pela FIG. 106, nota-se que o Ninja se posiciona ao lado do entrevistado, com as pernas retas – seguindo o percurso da marcha, mas o tronco levemente virado para o lado. A cabeça também acompanha, não totalmente virada, permitindo que Carioca olhe para o interlocutor, e também para o caminho.

Contudo, Filipe não observa a tela do celular – já que esta fica voltada para fora –, mas procura manter o aparelho a uma distância que, por inferência, permita enquadrar o rosto do entrevistado – relativamente próximo, para a boa captação de áudio. O braço utilizado para o registro é o oposto a fonte – parte dele alinhado à frente do corpo e o antebraço enviesado. A mão abraça levemente o Iphone, sem que nenhuma parte toque a tela. Parte da base, sem que esta seja bloqueada, é apoiada na palma da mão, enquanto os dedos seguram o dispositivo pela lateral.

Figura 106 – Quadro Composto – Modo de entrevista de Filipe Peçanha em movimento



Fonte: Vidigal (2014).

Figura 107 – Modo de entrevista de Filipe Peçanha parado



Fonte: Vidigal (2014).

Houve também a emergência de algumas outras imagens muito simbólicas ao longo das transmissões, potenciais desencadeadoras de afetos na audiência. Como descrever os *frames* a seguir? São fragmentos do registro do posicionamento frente a frente, olhos nos

olhos, de manifestantes e tropa de choque em Belo Horizonte. De um lado a força do Estado, equipada e mascarada. Do outro, pessoas ordinárias, desarmadas, de caras limpas, em protesto, cerceadas pelo bloqueio que os militares faziam na Praça Sete.

Figura 108 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Dênis Nacif (2014).

Nada contraditoriamente, como já exposto, as imagens têm valor qualificativo, evidenciando naturalmente valores oposicionais. A linha é tênue em situações como essas. Inferimos que, naturalmente, há a transposição de sentidos – na captação de uma situação dada –, que escapa da provocação do Ninja – que tão-somente registra. Em outro exemplo, se em 12 de junho, em Belo Horizonte, os policiais protegem o relógio da Copa, o obelisco que representava para alguns o capitalismo, em Porto Alegre, em 23 de junho, a proteção era à fachada de instituições financeiras e a uma rede de *fast-food*.

Figura 109 – Quadro composto – Policiais protegem restaurante do McDonald's e loja da telefônica Oi



Fonte: Cláudia Schulz (2014).

Talvez diante das imagens coubesse uma problematização mais aprofundada por parte de Cláudia Schulz, Ninja do Rio Grande do Sul, o que não houve. Todavia, poderia estar fazendo um processo interpretativo crítico o *webespectador*, para além da simples indicialidade indicativa. Seria no mínimo questionável que um grupo de brigadianos, ligados então a uma instituição pública, fizesse um cordão de isolamento na fachada de um

estabelecimento privado, ainda que com a justificativa de que este tenha sido apedrejado onze dias antes.

Inferimos que as imagens tenham valor qualificativo nesse sentido e, em certa medida, até simbólico, dado que a força policial que normalmente reprime os manifestantes, além de empreender uma série de atitudes atroz (conforme posicionamento discursivo dos Ninjas), estaria naquela situação a defender a frente de edifícios comerciais. Bom que não se esqueça que ambos os estabelecimentos ali defendidos eram patrocinadores oficiais da Copa do Mundo Fifa 2014 – o principal alvo das críticas dos protestos.

Em São Paulo, durante a votação do Plano Diretor da cidade, Alex Demian flagra e evidencia, em tempo real, uma briga entre os vereadores Dalton Silvano (PV) e Eduardo Tuma (PSDB). É gerada uma comoção no plenário. O Ninja chega a mostrar, inclusive, os populares que acompanhavam a sessão de costas para os parlamentares, numa crítica à conduta deles – imagem não vista em outros veículos de comunicação (não que tenhamos identificado).

Vale o registro que aponta a exclusividade das informações, apresentadas em primeira mão e em direto (sem cortes ou edições), mas, evidentemente, os critérios de qualificação e de simbolismo das imagens. Enquanto (alguns dos) edis esbofeteiam-se, demonstrando o seu caráter irracional, selvagem, bruto, o povo, representado por camponeses e integrantes de ocupações urbanas, evidenciam o seu lado contrário a essa atitude, repreendendo-as por meio de uma ação peculiar, figurativa, que explana contrariedade, oposição e negação.

Figura 110 – Briga na Câmara de Vereadores de São Paulo



Fonte: Alex Demian (2014).

É simbólica pelas características particulares, no que concerne à contradição de comportamento (esperado) dos parlamentares, da emergência da ação – pautada pela luta corporal – e, por fim, pelo protesto silencioso e pouco característico dos sem-teto – acostumados a fazer barulho nas ruas (e no próprio plenário) –, que se calam diante de uma

atitude que desaprovam, sobretudo por supostamente representar, em uma segunda instância, uma performatividade que visa a protelar de uma votação de suma importância.

Figura 111 – Integrantes de movimentos sociais de costas na Câmara dos Vereadores



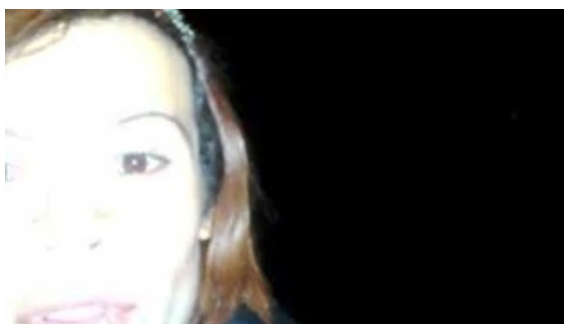
Fonte: Alex Demian (2014).

Não se pode deixar ainda de falar sobre a transmissão de 21 de junho, em São Paulo, quando Letícia Pocaia acompanha todos os passos de mais uma ocupação do MTST. A transmissão começa agenciando os efeitos patêmicos e ficcionais. O que chama a atenção é a disposição para acompanhar e transmitir, em tempo real, no meio da madrugada, uma ação que, inclusive, poderia ser considerada delituosa.

Uma correria se dava. Pessoas saíam das ruas com pressa e adentravam em um lote escuro. Cenas que se assemelhavam a de um filme de terror, mas que logo se transformariam, aproximando-se cada vez mais da realidade, ao serem evidenciadas pessoas comuns e o intento com aquela ação. Sem aparentar qualquer receio, a Ninja une-se ao grupo dos sem-teto e registra todos os passos de ocupação do terreno, a montagem das tendas, mostrando o rosto e dando a ver não só os articuladores da ação, mas as mulheres e os homens ordinários e as crianças deles, que faziam parte do movimento.

Em relação às imagens, pouco pôde ser visto com qualidade. Apesar de o sinal não interferir (já que o *buffer* foi baixo nessa noite, sequer influenciando negativamente no áudio), a escuridão do local não permitia profundidade nas focalizações (Pocaia, inclusive, pede “perdão” ao *webespectador* pela ausência de imagens com mais qualidade). Isso exigia da Ninja aproximar-se mais para mostrar a montagem das barracas, mas ao mesmo tempo deixando os enquadramentos um pouco mais abertos nas conversas com os integrantes do MTST (para não colocar a luz da câmera muito próxima do rosto – o que, contraditoriamente, “estouraria” a imagem e não permitiria ao *webespectador* ver com qualidade, a exemplo da FIG. 112 – tampouco dos olhos dos entrevistados –, pois aí eles é que não enxergariam).

Figura 112 – Exemplo de enquadramento tradicional no Mídia Ninja, com imagem “estourada”



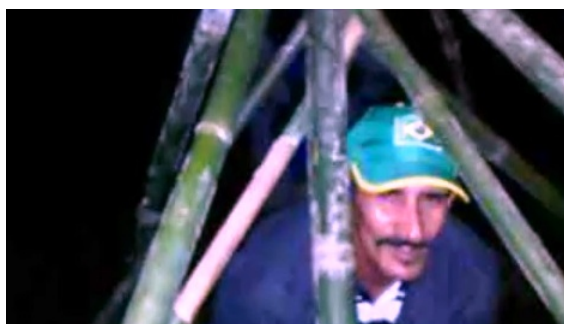
Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Figura 113 – Adolescente é entrevistado, deitado, na ocupação do MTST



Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Figura 114 – Senhor começa a montar uma barraca com estrutura de bambu



Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Se o *webespectador* do Mídia Ninja se acostumou a ver a cobertura de votações e discussões plenárias direto da Câmara dos Vereadores de São Paulo, não se assustaria ao assistir a uma transmissão da Câmara dos Deputados em Brasília. No entanto, diferente de Alex Demian, que ocupou regularmente uma posição com os jornalistas na área reservada à imprensa, a Ninja no Distrito Federal, Lóris Haissa Canhetti, não se satisfaz com o espaço destinado aos profissionais da área. Conforme pode ser visto na FIG. 115, a Ninja, em detrimento de se posicionar na galeria do Plenário Ulysses Guimarães (marcado com o número 1), andou livremente entre os deputados, iniciando a transmissão do corredor de

acesso (assinalado com o número 2) para depois chegar a circular até ao acesso central às cadeiras dos parlamentares.

Figura 115 – Plenário Ulysses Guimarães – Câmara dos Deputados – Congresso Nacional



Fonte: Câmara dos Deputados (2015)³⁹⁹.

Imagens que simbolizavam uma possível rebeldia ninja; a intrusa em meio aos políticos, a representar a audiência, arriscando-se para levar informações em primeira mão, de um ângulo privilegiado para os *webespectadores*. A Ninja circula livremente à frente (abaixo) da mesa-diretora da Câmara dos Deputados, registrando as intervenções do presidente da casa, Henrique Eduardo Alves, e de outros parlamentares.

Figura 116 – Quadro Composto – Deputados no Plenário Ulysses Guimarães



Fonte: Lóris Canhetti (2014).

Simbolismo pictórico que é elevado a uma potência ainda maior em 13 de julho, quando Filipe Peçanha passa por ações incisivas da polícia na contenção da (tentativa de) saída do ato no Rio de Janeiro em direção ao Maracanã. Cenário de guerra imagetivamente marcado pela explosão de bombas – indicializadas pelas fumaças, de diversos matizes –, que inebriam as vistas dos *webespectadores*, pela marcante presença dos militares – a portar

³⁹⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/0iBHIH>> Acesso em: 11 jan. 2015

equipamento bélico das mais variadas espécies e, por conseguinte, a emergência dos feridos no local.

Figura 117 – Sinalizadores de fumaça colorida são lançados em direção aos manifestantes



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 118 – Mais uma bomba de gás é lançada para dispersar os manifestantes



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 119 – Quadro composto – Nova arma de dispersão utilizada pela polícia do Rio de Janeiro



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 120 – Policial com arma letal no ato



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 121 – Jason O’Hara ferido sendo atendido



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Ao ver um amigo caído, recebendo atendimento médico, Carioca não se contém e parte para uma discussão ainda mais acalorada com um oficial. O Ninja, que em outra oportunidade já havia sido preso, fica muito próximo de ser detido novamente, haja vista o detalhe da algema, colocada em cena pelo militar que parece fazer a reprimenda final. Materialização do porvir, clímax criado pela possibilidade evidente de um desfecho ruim para o repórter. O representativo *frame* da grilheta de mãos é simbólico, agencia efeitos dos mais diversos, mas seria apenas o prelúdio de um desenlace ainda pior, conforme já fora citado, na agressão ao midiativista.

Figura 122 – Quadro composto – Filipe Peçanha discute com policiais e um deles tira uma algema



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

São flagrantes com o Mídia Ninja de toda ordem. Os *frames* aqui selecionados são apenas um pequeno fragmento. Há uma extensa narrativa visual que traz um olhar exclusivo, horizontal, aproximativo e que contempla o antes e o depois dos congelamentos expostos aqui. São imagens que humanizam aqueles que, na mídia tradicional, são os responsáveis pelo trânsito caótico no centro de Belo Horizonte. São pessoas ordinárias que tentam fazer valer a voz delas por meio de uma ação de intervenção pública no dia 2 de julho de 2014. Sujeitos que pouco podem contar com as autoridades, senão com Aquela da intervenção celestial.

Nesse sentido, em detrimento de todas as imagens de bombas estourando, do corre-corre incessante da câmera de mão e nervosa do Mídia Ninja, das marchas manifestantes contínuas e bem marcadas, das surpresas nas casas parlamentares, dos discursos enérgicos nas assembleias populares, talvez a mais simbólica tenha sido a de integrantes de ocupações urbanas em oração, braços estendidos aos céus, olhos cerrados em fé, lábios a movimentar em torno do Pai-Nosso.

Figura 123 – Manifestantes em oração em frente à prefeitura de Belo Horizonte



Fonte: Dênis Nacif (2014).

Ação coletiva, uníssona, que extraordinariza o comum; obra cooperativa que indica a certeza, a firmeza, a posição inequívoca em torno de uma causa, que dá valor de verdade, que dá sentido outro, ou ajuda a cristalizar um que já se tinha a respeito dessas personagens e as demandas delas. Atitude que contrasta com as solitárias, de sujeitos e assujeitados. Mas não é por isso que signifique o contrário, que diminua a segunda. Fala-se, por exemplo, do ativista ermo, destacado da pequena multidão em Porto Alegre, a contrastar a cartolina branca, papel liso e fino, com o policarbonato cerceador. Transparente, só o escudo; deixa ver o capacete, a armadura, contra a face nua do manifestante, de *jeans*. Sujeito comum, trivial, urbano, como qualquer outro, a executar, no entanto, uma atitude nada ordinária – não à toa a quantidade de mídias a lhe registrar.

Figura 124 – Manifestante grita palavras de ordem contra a Brigada Militar, acompanhado por cinco profissionais de mídia.



Fonte: Cláudia Schulz (2014).

Figura 125 – Rapaz faz uma *selfie* em frente à marcha



Fonte: Cláudia Schulz (2014).

Capital gaúcha da bipolaridade dos sujeitos. Da emergência do manifestante quase-martír àqueles que buscam autopromoção, no reconhecimento público da (suposta) vinculação a uma ação de intervenção social. Em outras palavras, nas de Cláudia Schulz, “[...] e aí que estão os coxinhas, né? Os coxinha que vem pro ato pra tirar *selfie*.”

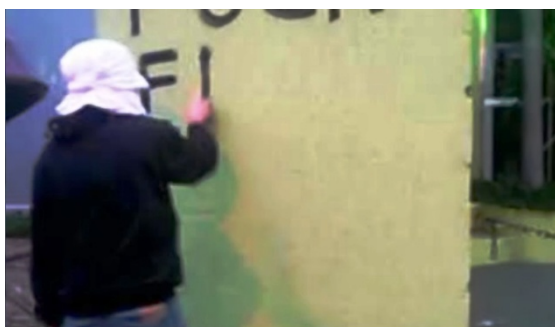
É também um comportamento social ligado à lógica do politicamente correto, ainda que muitas vezes essa filiação seja mais discursiva do que efetiva – no sentido mesmo, vê-se o exemplo, de uma participação ativa em uma manifestação. Branca faz questão, no entanto, de focalizá-lo bem de perto e fazer esse registro verbal, marcando a presença do diferente e de uma atitude não desejada dentro de um ato popular, ratificando essa posição para os *webespectadores* que a acompanham. Atitude mostrada, qualificada e simbolizada.

O mesmo faz Letícia Pocaia, em São Paulo. No entanto, o sentido da mostração parece ser outro. Em uma passagem por um trecho em que um manifestante pichava uma parede, com a expressão “FUCK FIFA”, a Ninja faz a seguinte afirmação: “A gente vê aí, mais intervenções acontecendo na manifestação.”

Entretanto, de acordo com o Artigo 66 da Lei Federal nº 9.605, pichar edificações é considerado crime contra o ordenamento urbano, com detenção que pode chegar a um ano,

além da aplicação de multa. Há vertentes ideológicas, no entanto, que considerariam a pichação como arte (gráfica), na medida em que esse ato seria de expressão política e poderia levar o outro à reflexão (RAMOS, 2001). Nesse entre-dois, a Ninja, infere-se, posiciona-se a favor da segunda perspectiva.

Figura 126 – Pichação durante a manifestação



Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Ato este, na capital paulista, que se encerra com imagens emblemáticas: os adeptos da tática Black Bloc colocam fogo em catracas feitas de papelão: queimar as borboletas dos ônibus, ainda que ludicamente, significaria acabar com elas dentro dos coletivos de São Paulo, liberando o acesso das pessoas em um transporte que deveria se tornar verdadeiramente público, gratuito, que não limitasse o acesso de ninguém, haja vista o preço das passagens praticados em todo o país. É, acima de tudo, a emergência do brilho do fogo na tela dos midiativistas, com toda a carga que o fenômeno, por mais simples que seja, carrega ao ser evidenciado.

Figura 127 – Fogo nas catracas de papelão

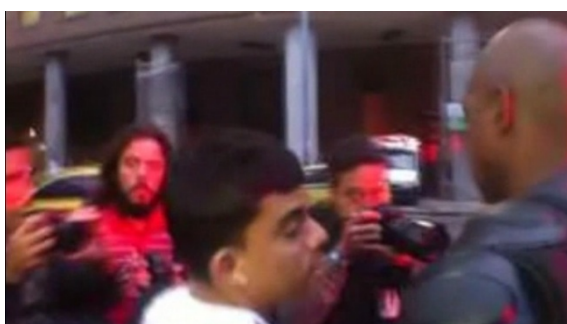


Fonte: Leticia Pocaia (2014).

Voltando a falar das ações dos indivíduos, ou, mais especificamente agora, sobre eles, tem-se as prisões dos ativistas. Procedimentos policiais registrados em tempo real pelos Ninjas. Desde o sujeito que é encarcerado por portar objeto (máscara), na mochila, que

supostamente seria utilizado para o empreendimento de ações de depredação, até aqueles que sequer carregavam algo na bolsa, mas, ainda assim, foram presos. São também tipos comuns, que mostram, pelo que sofrem, os riscos que todo o conjunto de *webespectadores* do Mídia Ninja está exposto. Vale observar a marcação horizontal, que impede que se fale deles-outros, que seria diferente do nós-audiência – comum de se ver na verticalidade dos *media*. A balizagem imagética dos sujeitos no midiativismo parece alinhá-los ao todos nós (personagem, locutor, receptor).

Figura 128 – Terceiro manifestante sendo preso no dia 20/06/2014



Fonte: Filipe Peçanha (2014).

Figura 129 – Suposta reunião entre policiais e advogados de Fábio Hideki, pouco antes de ser preso



Fonte: Alex Demian (2014).

Que se faça a ressalva, são peças ordinárias até que passam por ações da polícia, como as expostas. Ganham aí valor específico. Há o interesse por parte do coletivo por eles. Quem são? O que se pode fazer por eles? Para onde serão encaminhados? Registros que se fazem importantes não só no momento de emergência evenemencial, a prisão, mas nos desdobramentos desta. Não seria necessário citar novamente, por exemplo, o caso de Fábio Hideki. As imagens de Alex Demian (FIG. 129), em São Paulo, talvez tenham sido uma das últimas do rapaz, antes de ter sido preso, injustamente, por mais de 45 dias. Além do Mídia Ninja, transmissões de outros coletivos foram fundamentais para o processo de soltura do ativista.

5.3.3.3 Algumas considerações finais

Percebemos no Mídia Ninja a ausência de um padrão como característica do modo de filmar. Os registros das imagens correm de acordo com as particularidades ligadas à cena enunciativa, aos propósitos da transmissão, da identidade do Ninja (e talvez até do próprio humor e vigor dele(a) em uma dada cobertura), entre outras variáveis. Ainda que, como se viu na seção sobre o coletivo, haja oficinas e cursos dos mais diversos nas Casas Fora do Eixo, não há uma métrica seguida à risca pelos midiativistas. Cada um acaba por empreender uma condução particular e particularizante dos eventos narrados.

No entanto, podemos afirmar que a ocularização de base é a interna. Por mais que, às vezes, haja um afastamento do Ninja da cena enunciativa, correspondendo mais a um comportamento mídia, não se podem analisar esses casos furtivos como regra, dado que a leitura ampla da transmissão indica um posicionamento localizado no interior dos eventos narrados, fixando os Ninjas também como personagens dos acontecimentos.

Diferente da indicação da literatura clássica sobre as angulações e movimentos de câmera, no Mídia Ninja, fruto do plano-sequência, as oscilações são parte de uma dinâmica em que a câmera está quase sempre na mão. Nesse contexto, a lente pode girar, em qualquer direção, sob tênues reações, até aos 359°. O olhar do *webespectador*, então, está sujeito à atenção, ao cansaço, à firmeza, às intenções, às interferências externas, a outras animações corporais, às ações de contexto, enfim, a um conjunto de possibilidades que conformam um amplo dispositivo de afetação da condução narrativa visual do midiativista.

Ações muitas vezes nada planejadas, que vêm ao sabor dos estímulos e reações, intempestivas, automáticas, instintivas. Não há muito planejamento dos planos. Assim, toda a análise anterior parece escapar um tanto da perspectiva da produção, indicando uma leitura mais atenta do produto como determinador do produtor – e não o contrário.

Como já dito, e agora de outra maneira, o grande suporte de construção das imagens (perspectiva destacada na metodologia) parece ser mesmo a reação do Ninja, a depender do momento, das circunstâncias, do evento narrado, de quem ele é, muito embora influenciado por demandas do *chat*, por um contrato prévio que o sobretermina como dispositivo e até por condições tecnológicas e espaciais.

Em geral, mostra-se mais do que se apaga. Há quase sempre uma dimensionalidade espacial totalizante, fruto da dinâmica inquieta dos Ninjas. Nesse contexto, não poderíamos acusar o coletivo de omissão. O resultado é que se vê de tudo, dada a extensão das

transmissões. Porém, a localização do olhar é bem assinalada – ainda que mais do que se quer verdadeiramente mostrar.

Nesse sentido, as qualificações são inevitáveis, dado que o coletivo tem mesmo um lado. Esse curso, direção, lugar, não é só discursivo: Ele está no ponto de vista da imagem, está na posição ocupada na manifestação (e também no conjunto dos outros eventos transmitidos); ele está no meio da marcha, e não à margem; fica no meio da plateia de ativistas, a ouvir os discursos nas plenárias populares; ocupa um lugar na área de imprensa do plenário, ainda que assentando certa distância dos *media*, quando não subverte as ordens e vai para dentro da área dos discursos; está em lugar oposto, sobretudo, à polícia.

O simbolismo dá-se em decorrência da vontade em se mostrar tudo, em se jogar, em participar ativamente, em focalizar como forma de prova, da força da imagem como escudo (proteção) e espada (ainda mais defensiva, limitadora da ação adversária e condição para o revide verbal). O simbolismo dá-se em função da forma e do lugar do qual se mostra também, do não esconder aleatória e seletivamente, de evidenciar os processos, da construção dos acontecimentos a partir de uma narrativa muito mais ampla do que a rede de sentidos de começo, meio e fim dos veículos de massa. Tem-se no Mídia Ninja uma narrativa visual que pode complexificar os tempos, estabelecer variações, incutir particularidades que dão sentido. Isso tudo, lembramos⁴⁰⁰, a partir de “um” ponto de vista e não do pretense “o” ponto de vista, institucionalizado, único, totalizante.

5.3.4 Dimensão sonora

Como observações preliminares, reforça-se que a gravação de áudio do Mídia Ninja é feita em som direto e, quase sempre, ininterruptamente. A ausência de áudio dá-se em duas situações: as naturais, ocasionadas por baixa qualidade de sinal de *internet*, o que compromete a sequência sonora ou, intencionais, estrategicamente aplicadas por meio de um recurso do *Twitcasting* que permite que a transmissão de vídeo continue em detrimento dos sonidos.

Trata-se de uma tecla *mute*, utilizada, ao longo da Copa do Mundo de Futebol, apenas uma vez. No dia 3 de julho, em São Paulo, o recurso fora utilizado por Isadora Machado. Em sua oitava *live* do dia, a Ninja faz uma entrevista. Ela parece ter colocado o celular no modo de corte de captação sonora para combinar com o entrevistado qual seria a pauta da conversa

⁴⁰⁰ E recordamos mais: estamos a indicar o discurso visual. A amalgama com o texto verbal pode dar contornos diferenciados, sobretudo, como frisamos, aos direcionamos balizados por um contrato prévio de comunicação midiativista.

– algo, inclusive, também não comum no trabalho dos Ninjas. Após alguns segundos, ela retoma a locução e apresenta o senhor Altino, do Sindicato dos Metroviários. Diante da proximidade dos dois de um trio elétrico, há grande dificuldade para se compreender as perguntas feitas e as respostas dadas nessa conversa.

Isso acontece, de modo acentuado, pois Isadora não utiliza um microfone externo para captar a fala do entrevistado. Tanto quanto a maioria dos colegas midiativistas, Machado faz uso da estrutura de registro sonoro interna ao aparelho que carrega. O problema é que, sem direcionamento, a captação é de todo o som ambiente, privilegiando, em verdade, os ruídos com mais volume ou produzidos com maior proximidade dos dispositivos técnicos.

Vale observar que apenas um Ninja (apoiador, em verdade) utilizou-se de um microfone externo durante a Copa do Mundo. Trata-se de França (em parceria com Vidigal) em 12 de julho, no Rio de Janeiro. A qualidade na captação de áudio foi notadamente superior. Mas, analisar de forma isolada, seria desconsiderar que os ruídos de ambiente foram menores (posto que se tinha um plantão na porta da Cidade da Polícia) e aspectos técnicos, inclusive, da câmera utilizada no dia (diferente dos *smartphones* dos demais Ninjas, conforme já apresentado).

Há, contudo, aspectos negativos, que seriam, inclusive, da ordem do letramento necessário para uso do equipamento – ou o que esquecimentos poderiam causar. Seguidas vezes, o jornalista França colocou o microfone em *mute*, fazendo uso de um botão no próprio aparelho. Em uma dessas, o Ninja não retornou o equipamento para a posição original, de captação, fazendo uma longa passagem de fala na qual nada se ouviu. Tratou-se aqui de uma desatenção, invariavelmente, mas fácil de ser identificada.

Outros desacertos na linha da captação da voz dos Ninjas, talvez um pouco mais difíceis de serem mensurados, ocorreram com Alex Demian. O Ninja alternou ao longo da Copa do Mundo de Futebol um volume de narração que não permite dizer que há um padrão no modo locutivo dele. Em 23 de junho, por exemplo, durante a cobertura do ato “Não Vai ter Copa”, em São Paulo, ele falou muito baixo e foi possível entender pouco do que dizia. Em alguns momentos, foi condicionável ouvir mais o manifestante que estava próximo (e não está se falando aqui em entrevistado) do que o próprio repórter.

Isso também muito em razão do ruído dos cantos dos manifestantes, acompanhados de tambores. Quanto mais próximo ele estava daqueles que tocavam e cantavam, mais difícil era compreendê-lo. Em algumas passagens, percebíamos que Alex estava falando, mas nada era inteligível. Um dia depois, ocorreu o mesmo: na primeira *live* – da cobertura do MTST nas ruas, com duração de aproximadamente 7 minutos –, Demian quase não fala. Aliás, é

perceptível que ele diz algo. Entretanto, mais uma vez, o volume é tão baixo que fora impossível compreender o que ele quis descrever. Essa particularidade, contudo, fora agravada ainda mais pelo constante ruído das buzinas e cornetas utilizadas pelos trabalhadores sem-teto, além dos gritos e palavras de ordem.

A ausência de monitoramento da qualidade do áudio é notória. Alex age naturalmente, dado que se preocupa em aumentar o volume de voz apenas quando é demandado pela audiência (e percebe tal solicitação no fórum). Isso ocorreria, mais uma vez, em 27 de junho, durante a cobertura da votação do Plano Diretor em São Paulo – evento no qual Demian problematizaria acerca da aprovação do documento, considerando, sobretudo, os aspectos sociais (moradia) e ambientais (reciclagem).

No entanto, a fala do Ninja é baixa em diversos momentos dessa terceira transmissão. Mas, aqui não se está falando do mesmo problema de volume observado no repórter em outras coberturas, que remetiam mais a uma limitação da captação de áudio, devido à distância ao aparelho, a ruídos paralelos, e mesmo a uma certa falta de impostação vocal.

Aqui, infere-se que o Ninja diminuía mesmo a voz para não ser ouvido, talvez pelos parlamentares (quando de críticas ou interpretações após alguma entrevista) ou mesmo por outros jornalistas (dado que ele estava presente na área na qual se dispunham vários profissionais da imprensa) – não é possível precisar o motivo, mas talvez, citando três hipóteses, uma caiba como explicação: por acanhamento, visando não atrapalhar os colegas ou, a menos provável, para não dividir a informação.

Observa-se que o empreendimento de uma transmissão ao vivo se configura como um dispositivo, sobrepujando certas limitações, a partir das quais o Ninja tem que fazer escolhas. As opções determinam modos de comportamento e, conseqüentemente, o produto a ser entregue à audiência. No caso em evidência, a fala de Alex é a materialização do pensamento dele, chancela de um posicionamento que poderia receber *feedback* imediato não apenas da audiência, mas, principalmente, dos interlocutores *in-loco*, imediatos.

As reações poderiam ser incontornáveis e gerar um mal-estar. Dado que a postura é a midiativista e se espera um comportamento crítico frente à mídia de massa/corporativa e aos políticos, se Demian apresentasse o ponto de vista dele em alto e bom som, tenderiam, conjecturamos, a começar discussões com os jornalistas presentes, ombro a ombro, no local; ele poderia ser deixado de lado pelos vereadores que concediam entrevistas na área de imprensa (lembrando que em raras oportunidades Alex conduziu conferências com os parlamentares – quase sempre “pegou carona”, como gostou de dizer, naqueles empreendidas

pelos colegas); em última instância seria cabível até de expulsão do local, visto que não tinha vínculo com conglomerados mediáticos, entre outras prerrogativas.

Quem saiu perdendo, ao final, foram os *webespectadores*. Não por uma ausência de narração (que se fazia necessária por compreensão do contexto e das particularidades), mas por saberem que ela existia – e provavelmente poderia ser importante; em muitos momentos não era possível ouvi-la e compreendê-la⁴⁰¹.

Avançando, mas aproveitando o ensejo para tratar de uma particularidade dessa última transmissão de Alex Demian, na quarta *live* aconteceria algo inusitado. Aos 42 segundos, após pigarrear, Alex chega a arrotar. O som da eructação é facilmente notado, e a inferência de que a mesma foi produzida pelo Ninja se dá pela proximidade com o celular. Certamente tem-se um descuido, já que isso não voltaria a se repetir, com nenhum dos Ninjas. Mas o que se expõe são as características (que não serão chamadas de limitações) do trabalho de transmissão em tempo real, ao vivo, em que o inesperado se dá e, com a ausência da possibilidade de edição, ou de troca de áudio e imagem, não se pode gerenciar de outra forma, senão continuar como se nada tivesse havido. Assim, da mesma forma, vê-se o modo de condução de Alex, que agiu naturalmente e deu sequência aos trabalhos.

Natural também foi Letícia Pocaia. Ao empreender transmissão na ocupação de um terreno em São Paulo pelo MTST, a dinâmica foi muito coloquial e aproximativa, sem uma preocupação ritualística ou com normas de etiqueta. A Ninja, por exemplo, chega a falar de boca cheia, ao aceitar e comer uma fruta dada por uma das integrantes do movimento (e o som de sua voz é emitido de modo diferente, um tanto anasalado, dando a perceber que ela estava comendo)⁴⁰²; cumprimenta uma senhora com um beijo (e o som do estalo se faz presente); faz brincadeiras ao elogiar a montagem das barracas por parte dos sem-teto (alternando o tom e o volume de voz); ri sem qualquer preocupação ao longo das conversas com as pessoas (e as gargalhadas vão compondo o texto); e chega até a bocejar, duas vezes, durante a fala.

O abrir de boca, associado à profunda respiração, mais do que gerar um som específico (o que pode nem ser o caso, dado que o movimento pode ser totalmente silencioso) interfere incisivamente na emissão de uma palavra ou frase, quando o ocorre em meio à fala.

⁴⁰¹ O trabalho de análise exigiu do autor desta tese, inclusive, ter que ouvir as falas de Alex diversas vezes para compreendê-la.

⁴⁰² Parece ser diferente, porém, de Vidigal que, em 12 de julho, abre uma embalagem de biscoito e mastiga o alimento próximo ao microfone (ainda que sabedor da condição de deixar o aparelho em *mute*). Ele olha para a câmera e diz: “Fala aí, galera. Biscoitinho aí?” – e continua comendo. Inferimos que há, por parte do Ninja, uma estratégia de busca de reconhecimento, de não apagamento, de visibilidade, diferente da métrica do veículo em que estava, pela primeira vez, ao longo da Copa do Mundo de Futebol, atuando.

A oscitação, compreensível em quem estaria com sono (e vale frisar que a transmissão de Pocaia ocorre da 0h às 2h da manhã), ocorreria também com Dênis Nacif, em 2 de julho, durante a cobertura da manifestação na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, por grupos de ocupações urbanas. O que se tem em questão, contudo, é um elemento que traz consigo sentidos outros, passível de ser interpretado como desatenção ou desinteresse com o ofício em curso – ainda que o efeito de real dê o contorno de verdade, que é fundamental para o trabalho de informação midiática.

Não se está conjecturando a respeito da postura de Dênis aqui, mas não há como já não ir tratando dos possíveis interpretativos em torno dessas nuances, que muitas vezes demonstram a força da naturalidade frente às condições impostas pelo dispositivo. Ainda sobre Nacif, há uma particularidade, guardadas as proporções, análogas a Isadora Machado. Apesar do Ninja em Minas Gerais não se utilizar dos recursos do *Twitcasting* (colocar no *mute* a transmissão), ele tende a se afastar do celular e abaixar o volume de voz para selecionar e orientar os (possíveis) entrevistados dele. Assim, em caso de declínio do convite, não se gera um constrangimento, ou, há tempo, ainda que curto, para a fonte se preparar – já pautada sobre o que irá falar, se aceitar.

Contudo, não há, como é de se imaginar, um silêncio total. Aliás, a ausência do Ninja nesse caso é indicial. Ouve-se um pequeno rastro da voz que, ao se acompanhar uma transmissão de Nacif, já se começa a perceber o que representa o pontual afastamento dele. O capital sonoro nesses momentos é todo da captação ambiente, no qual emergem suavemente os aparentes sussurros (não que as fala sejam cícios, mas parecem, dada a distância e o volume, frente à captação). O repórter está presente e a compleição dele faz-se notada, nada contraditoriamente, por essa tentativa de supressão que, em última instância, nada mais representaria do que o respeito aos interlocutores (*in-loco* e *web*).

Efeitos sonoros naturais frente a estratégias de condução que imputam um meio silêncio, num entre-dois comportamental que institui ruídos e vácuos. O que dizer nesse contexto, então, das conversas paralelas? Elas podem ser vistas, inclusive, com repórteres como Nacif que tentam suprimir esse preparo para as entrevistas. Ao contrário, em geral os diálogos tangentes à condução locutiva são colocadas em som bem audível, compondo, nada contraditoriamente, a narrativa dos Ninjas.

Não preocupando aqui ainda o conteúdo das trocas comunicativas que tangenciam a transmissão, elas invariavelmente acentuam o lugar do Ninja como um sujeito de relações. Em outras seções de análise já se apontava que esse direcionamento do Ninja não mais diretamente ao *webespectador*, mas sim a uma personagem da cena enunciativa, permite vê-lo

em uma outra performance na qual se utiliza muitas vezes de um tom de voz, volume e até vocabulário diferenciado, trazendo para o composto sonoro uma variação importante. Contudo, vale citar que a maioria das conversas paralelas pode ser bem escutada, indicando uma intencionalidade estratégica dos midiativistas, ainda que esta seja da simples demonstração de naturalidade.

Parece contraditório, um tanto paradoxal, mas isso fez sentido quando se (ou)viu conversas paralelas em que claramente os Ninjas fizeram um esforço para a audiência não escutar que eles conversavam fora da locução padrão (e não tão-somente o tema das conversas). Isso ocorreu com Isadora Machado, por exemplo, que estendeu em bate-papo com um colega, interferindo sobremaneira na compreensão dos discursos que eram proferidos em um debate público-popular. O ruído, como interferência artificial, era provocado pela própria midiativista.

Não estamos falando da artificialidade tecnológica aqui, mas daquilo que se difere de uma aparente naturalidade que, apesar de interferir tanto quanto em uma linha plana e plena da transmissão, faz emergir um erro que poderia ser evitado. Uma tosse, presente em transmissões de Nacif e Peçanha é evitável? Sim, mas decorre de um comportamento comum, corriqueiro, natural, diferente de uma inadequação de postura, como a de Isadora⁴⁰³.

No ensejo das intervenções da tecnologia, ouviu-se, sobretudo nas transmissões de Cláudia Schulz, pelo que parece, a Ninja utilizando-se constantemente do (de um outro) telemóvel para interagir não só com a transmissão, mas via SMS e outros aplicativos, haja vista a quantidade de ruídos provenientes dessas tecnologias que são ouvidos ao longo da cobertura; desde os estalidos estridentes onomatopéicos (“ploc”, “plim”, “tec”) até ao som proveniente do *smartphone* vibrando. Aparentemente, tais intervenções não chegam a atrapalhar muito a atenção do *webespectador*, mas demonstram (efeito interpretativo possível) que Branca estava com a atenção difusa.

Na cobertura dessa Ninja, são ouvidos ainda outros ruídos que fazem a discussão sobre os efeitos sonoros avançar para novos pontos. A certa altura da transmissão, enquanto fazia o registro da marcha da manifestação gaúcha, Schulz registra o som de fortes baques, indicando que algo, de alguma forma, havia sido golpeado. A reação imediata da repórter é a de tentar

⁴⁰³ Já fizemos essa ressalva ao longo da tese, mas gostaríamos de frisar, mais uma vez, que o nosso juízo se dá com o olhar para o contrato. Nesse sentido, na grande maioria das vezes, quando utilizamos expressões que remetem a avaliações da postura do Mídia Ninja como incorreta/inadequada, não apreciamos o caráter técnico. Aliás, soa estranho falar em erro e acerto, adequado e inadequado, em produções do tipo em análise; em que o ativismo, e o mostrar o ativismo, estão em primeiro lugar. O “radicalismo”, a “insubordinação”, o “protesto”, começam com a própria produção. Todavia, isso não significa que o midiativista tenha carta branca para ferir o contrato comunicativo aleatoriamente. É preciso parcimônia no olhar, mas que ele não seja condescendente numa integração a todo tipo de comportamento.

conter aqueles que empreendiam tal ação, apontando em raciocínio imediato que integrantes do protesto eram os responsáveis pela atitude. Não muito depois, direcionando-se à audiência, explica: “[...] passando pelo McDonald’s e foi um pouco apedrejado o McDonald’s aqui de Porto Alegre”.

O que se aponta de forma direta é que ainda que não se veja claramente uma pedra sendo lançada da mão de um sujeito e atingindo uma vidraça/fachada de um prédio, a própria emergência do som relativo a esse movimento sugere que algo foi efetivamente acutilado. Não se precisaria da imagem para tal corroboração, posto que o efeito sonoro ganha lugar de destaque. O áudio, nesse contexto, serve como prova e, associado à narração, ganha sentido.

Nessa linha, na seção que tratará da relação imagem e texto tal perspectiva será discutida, levando em consideração, não obstante, a função dos sons nesse intermédio. Mas a colocação dos ruídos não é apenas pragmática, ou tão-somente subordinada aos textos imagéticos e verbais. Infere-se que eles têm uma força de significação especial.

No caso dos fenômenos acústicos que, por própria característica marcante, remetem indicialmente a uma vidraça estilhaçando ou a um frontispício – qual seja⁴⁰⁴ – sendo alanhado, tem-se a materialização sonora e simbólica de uma atuação efetiva que consegue demonstrar a contrariedade de um grupo social. A concepção de que é necessário o rompimento de um modelo capitalista, por exemplo, se faz vivo, ainda que com certa efemeridade, com a ruidosa fenestra a se quebrar.

É também o signo da rebeldia que não se constituiria em um simples capricho, mas na condição de afetação possível ao outro, aos bancos por exemplo, a demonstrar a aversão que se sente em relação a eles. Não sem motivo, em Porto Alegre, agências da Caixa Econômica Federal e Santander foram apedrejadas. Mas, só se sabe disso ao ler as imagens em tela ou ao ouvir a descrição de Branca. Nesse contexto, o barulho isolado não tem sentido?

Existiam elementos prévios que davam conta da ausência da polícia no local. Nesse contexto, por uma interpretação imediatista da audiência: os estampidos só poderiam vir de ações provocadas por manifestantes. Há, então, nos *chats* reações diversas, quase sempre divididas entre os que apoiam⁴⁰⁵ e os que são contra as atitudes ativistas. Porém, invariavelmente, o tipo de ruído em curso é índice de ação, de movimento para além da chamada manifestação pacífica, alardeada como a via correta de protesto. Mas, em detrimento

⁴⁰⁴ Qual seja, pois a condição interpretante leva a crer que, vindo o golpe de um ativista, quase sempre os prédios a serem atingidos serão de instituições financeiras, órgãos do governo e/ou multinacionais.

⁴⁰⁵ E, no dia 12 de junho, em Belo Horizonte, não foi raro ver no fórum internautas dizendo que adoram o som de vidraças quebrando na manifestação.

do chavão, parece ser esse tipo de combate nos eventos transmitidos que amplia o número de acessos de internautas (e até a participação deles no fórum⁴⁰⁶).

Foi o que se pôde perceber também na transmissão de Peçanha, no final da Copa do Mundo, no Rio de Janeiro. Por lá, contudo, os ruídos vinham de uma ofensiva militar contra os manifestantes. Houve (mais de) uma sequência de estouros que remetiam diretamente ao detonar de bombas e de armas a lançar balas de borracha. Associam-se os gritos de diversas pessoas (insígnia do desespero) e, logo após, o som das gargalhadas estridentes de alguns policiais (o marco do hedonismo frente à situação em curso). Somam-se os sons de sirenes; do derrapar de pneus e do motor da moto que quase atinge, propositalmente, o repórter; de Filipe indo ao chão, do celular dele caindo, das agressões físicas sofridas. Tem-se o registro do real, em tempo real, numa edição de som que rememore a ficção, talvez alguma película de guerra ao nível de *Apocalypse Now*.

A fumaça reproduzida no vídeo é mais um índice de que o som do estouro é mesmo de uma bomba. O efeito, porém, é ainda mais incisivo e afeta até o narrador – ou, mais diretamente, a narração. Percebem-se as tosses decorrentes, o pigarro que impede a emissão da voz com qualidade, rastro de uma garganta que se fechara em razão da inalação do gás que se vê e, pelo som da fala miúda, se consegue também sentir.

Potência vocal que retorna e demonstra o agigantar de Peçanha ao discutir com policiais – elevando o tom de voz, engrossando-a e, por conseguinte, potencializando os argumentos do Ninja. Voz que demonstra afobação, destempero e descontrole ao ver um amigo ferido, no tremular, na variação de volume e notas arranjadas. Voz que, após a elevação em brado no clamor aos iguais para salvá-lo, afina, a indicar suplica por misericórdia, sugerindo o enceto do pranto, ao ser agredido por policiais. Tudo numa mesma transmissão; aliás, alterações em frações de minutos.

Condição que se vê muito com os Ninjas durante transmissões mais delongadas. O cansaço é evidenciado na voz que vai se enfraquecendo ao longo da cobertura. Também o é após a afobação, decorrente de uma caminhada mais veloz e intensa por parte do repórter – por motivos diversos. E, por último, também se vê pelo esforço que é dado pelo falar mais alto que os ruídos que cercam o midiativista; nomeadamente, e muito em geral, os dos cantos e palavras de ordem entoadas nas manifestações – quando não acompanhadas de tambores e vuvuzelas.

⁴⁰⁶ Conforme poderá ser visto em seção porvindoura desta tese.

Contudo, apesar dos sons vindos do coro manifestante por vezes influenciarem na boa emissão e recepção da narração Ninja, eles têm algumas particularidades interessantes. Viu-se ao longo do recorte de análise que alguns Ninjas, principalmente Peçanha e Gian Martins, aproveitando-se de palavras de ordem emitidas pelos ativistas, começaram a problematizar acerca do que era entoado. Assim, as expressões dos manifestantes serviam algumas vezes de agenciadores temáticos da narração.

Outros Ninjas, como Letícia Pocaia e Dênis Nacif, chegaram a cantar com os manifestantes. Em 14 de junho, por exemplo, o Ninja em Minas Gerais acompanha, ainda que de forma mais tímida e contida, no “[...] não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar!”. Ele demonstra assim o posicionamento dele em relação ao fim da instituição. O canto justificar-se-ia ainda pela construção narrativa da cena enunciativa. O midiativista ao longo da cobertura vai afirmando que “[...] a polícia, que deveria estar protegendo, está tacando medo em todo mundo” e “[...] há repressão a todo momento”.

Aliás, aderir ao canto, em certa medida, é se alinhar à condição ativista, não deixando de cumprir o papel mídia que continua em curso. É, assim, de uma forma indireta, fazer rememorar algumas prerrogativas do contrato comunicativo. Por fim, de forma cíclica, quanto mais ruído vindo das ruas, provocado pelo entoar de vozes manifestantes, igualmente se percebe marcação de forte presença no ato e, por conseguinte, novamente se faz importante e justificada a cobertura.

Ora, e se essa voz é dada por poucos manifestantes? Em 15 de junho, não mais do que três dezenas deles foram às ruas de Porto Alegre para protestar. A resistência popular encontrava forte contenção brigadiana, mas não se intimidava. Mantinha acessa a contradição por meio dos cantos e gritos pelas ruas da capital gaúcha. Já em 1º de julho, na cidade de São Paulo, após uma assembleia popular, o silêncio é que marcou a dispersão dos manifestantes. A ausência de voz agencia, também por uma série de outros elementos, a tensão com o porvir, dada tamanha presença policial no local.

Vozes manifestantes que não se calaram em Belo Horizonte em 28 de junho. Por volta dos 18 minutos da quarta *live* da transmissão nesse dia, Dênis registra uma cena que gera efeitos patêmicos, em uma tensão que emana quase que naturalmente. Os manifestantes formam um cordão, de mãos dadas, e começam a se aproximar dos policiais, até encará-los a uma distância de cerca de um metro, olhos nos olhos. Nacif se mantém em silêncio, mas registra tudo.

O internauta torna-se um observador presente, a espera do que pode acontecer. A ausência de fala de Nacif nesse momento faz com que a condição de câmera subjetiva se

intensifique. Todavia, a tensão parece se ampliar quando os manifestantes começam um jogral. As repetições das palavras de ordem reforçam a condição da ação. Uma delas era “eu quero passar”. Dênis explica então que o ato havia sido informado ao executivo do Estado, e que a intenção dos manifestantes era caminhar da Praça Sete até a Praça da Savassi – impedidos pela PM e, conseqüentemente, pelo Governo de Minas Gerais.

Ruído que vem das galerias das plenárias parlamentares. Nas duas oportunidades em que o Mídia Ninja (em São Paulo e em Brasília), durante a Copa, registrou audiências políticas, lá estava a resistência popular, pressionando pelo grito, incentivando pelo aplauso, marcando presença pelos cantos, que agem sobremaneira nas atitudes dos representantes e na própria condução narrativa dos midiativistas.

Registro sonoro, parte fundamental das narrativas Ninjas, das vozes que vem do escuro, em imagens que muitas vezes não permitem ver com quem se fala, mas que demonstram a simplicidade, a felicidade e o entusiasmo de pessoas que empreendem uma ocupação com o MTST na capital paulista. Vozes que compõem um uníssono Pai-Nosso, em oração conjunta dos integrantes de movimentos de ocupação urbana em Belo Horizonte, realizado no meio da avenida mais movimentada da capital de Minas Gerais⁴⁰⁷.

As minorias, para quem se quer dar voz no coletivo, são ouvidas. E o Ninja, que durante a cobertura tanto fala, aqui se cala. Desaparece ainda mais. Conjectura-se acerca da voz dele, e não propriamente do que ele diz. Tem-se uma voz sem matéria que a sustenta, dado que os repórteres não se dão a ver. Eles estão escondidos atrás da tela, tanto quanto os *webspectadores* – nivelados nesse sentido. A fala, então, é o guia, a própria matéria que indica a presença e que, nesse sentido, não seria apenas do midiativista, mas do igual em condição de imagem: o internauta.

A voz, então, é a muleta do extracampo. E ela escora não apenas pelo conteúdo, mas também pela forma. Estrutura que dá sentido, que ajuda na compreensão. Somada aos ruídos, permite uma participação mais efetiva, num embarque na cena enunciativa que se confirma ao constatar que vidraças realmente estão sendo quebradas, pois o ouve, que sabe que bombas estão sendo lançadas, pois se escuta os estouros – mas, mais do que isso, sabe que isso está a acontecer no momento mesmo da transmissão. Proximidade temporal que faz com que o participante, qual seja, fique propenso a uma afetação maior, já que experimenta o evento a partir de múltiplas dimensões, ainda que com a argileira da mediação.

⁴⁰⁷ E, para não perder outro exemplar que pouco dialoga com o contrato comunicativo do Mídia Ninja, vale lembrar do som da torcida brasileira no estádio Castelão, após a vitória da seleção nacional contra a Colômbia. Euforia que se sobreponha a qualquer tentativa de narração do Ninja Altenfelder.

Os silêncios, então, podem ser bem arranjados em uma narrativa como essa. A falta da fala do Ninja poderia ser considerada espaço para maior emergência do *webespectador*? Conjecturamos que, em outros veículos, talvez sim. Acontece que já há um contrato prévio do coletivo em análise que pressupõe a existência dessa materialidade sonora. Ela é amparo, mas também é representação, sobretudo na emergência dela em contraste com o dissonante; nos embates verbais com a polícia, por exemplo.

Há, nesses casos, um descolamento entre as partes, conforme apontado acima. O Ninja torna-se personagem, e o *webespectador* permanece, ao menos virtualmente, lado a lado. Distanciamento que se faz mais sentido após o silêncio sem aparente motivo, sobretudo se seguido do indicado enfrentamento. Foi o que ocorreu, por exemplo, em 12 de junho com Karinny Magalhães. Após ser abordada, a imagem escurece. Os sons passam a ocupar lugar de destaque, mas a Ninja também emudece. Há a preocupação com o que estaria acontecendo com ela. Ruídos seguem marcando o tom da curta, mas intensa, narrativa, que se abre às interpretações, aos possíveis, ao porvir.

Expectativas que parecem ser negativas, dada a sequência da transmissão, que iniciara na última *live* com um tiro militar (de bala de borracha) que não parecia ser apenas de advertência. Antes, apenas o grito dos manifestantes se dava a ouvir: “Olha que idiota, vai defender, o relógio da Copa”. Seguiram-se estouros de bombas. O revide também aos poucos se fez audível: pedras sendo lançadas, materiais de toda a ordem de entulhos sendo arrastados – a formar barricadas, vidros eram despedaçados, entre outros sons de golpes contra madeiras de tapumes, em latarias e concretos.

Gritaria que demonstrava a euforia, aos poucos era contida pelo ruído mais agudo e intermitente das sirenes. A polícia se aproximava. O passo acelerava e se ouvia o bater do solado do calçado nas alamedas de Belo Horizonte. O tom de voz mudava e indicava insegurança, pressa, e um tanto de receio com o futuro próximo. Em dado momento, só se ouvia a respiração, ofegante. Karinny chega, então, à Avenida Paraná. Lá, em torno dos 41 de transmissão, recebe a orientação de um transeunte, a voz do conselho, do ajudante que surge, e diz para ela não correr: “melhor pra senhora”. Isso, após o silvo⁴⁰⁸ já dado pelos militares, que daria sequência à abordagem dela.

Eis uma narrativa possível pelo ruído, extra ou tão narrativo quanto a fala do condutor. Inegavelmente, tendo o exemplo da transmissão de Karinny – entre muitos outros possíveis ao longo do recorte desta tese – os sons, para além do conteúdo expresso nas falas, se estruturam

⁴⁰⁸ Som agudo produzido pelo apito carregado pelos policiais.

como importantes marcas da narrativa Ninja, sejam elas produzidas aleatoriamente, naturalmente ou artificialmente, carregam forte poder de afetação e tendem a dar contornos mais acentuados à apresentação dos fatos em cobertura. Aliás, o potencial desse ruído pode atingir até mesmo a pujança argumentativa, ajudando a corroborá-la, pode se sobrepor à descrição e pode substituir até a narração (seja ela visual ou verbal).

5.3.5 Dimensão imagem-texto

Neste espaço, visamos enxergar a inter-relação texto-imagem, percebendo e analisando quando há ancoragem e complemento, além dos vácuos possíveis, isto é, as limitações que podem ter as produções dos midiativistas. Poder-se-ia, então, começar expondo novamente a transmissão de Karinny Magalhães, em 12 de junho de 2014, em Belo Horizonte. Diante das ações da polícia, a Ninja verbaliza, por exemplo, o que chamamos aqui de palavrões-interjeições, proferidos, diversas vezes, sem qualquer preocupação.

O “puta que o pariu!”, expressão dita pela Ninja por três vezes, e o “caralho!” – outras sete –, reforçam os efeitos de real e agem também de forma ficcional (intensificando a situação) e patêmica (na medida não só da possível identificação dos grupos que acompanham a cena pela *web*, mas dos contornos emotivos advindos de uma frase que, dentro de unidade simbólica macro de organização social brasileira, não se daria sem propósito em uma situação ordinária, que não é dita em qualquer momento, que não caberia dentro dos parâmetros formais de educação/etiqueta).

Tem-se, tangente, os gritos dos manifestantes, os sons de sirene, o ruído de pneus em arrancada, o barulho de bombas estourando, além da imagem dos ativistas andando apressados (montando barreiras, quebrando vidraças, rindo, gritando), a da fumaça que subia em alguns trechos, mas, em nenhum momento, claramente, desde o primeiro tiro de bala de borracha, um *frame* com a polícia, senão o do momento em que Karinny é presa.

Diante ao contexto, o esquema metodológico torna-se complexo, frente à dificuldade de enquadrar esse movimento exposto em alguma das quatro caixas. De modo prático, tem-se um vácuo de imagem – a Ninja diz, os sons identificam, mas imagem não há do opressor. No entanto, é também *relais*, na medida em que os palavrões-interjeições são do plano da interpretação (direcionando-se também para o campo patêmico), e não da indicialidade, mas se associam à profusão de cenas relativas à dispersão dos ativistas e das ações que se dão nesse curso. Nesse lugar, contudo, as imagens mostram, muito, dão detalhes de como os manifestantes agem, mas o texto verbal não consegue dar conta de uma descrição, muito

provavelmente em razão da rápida sucessão de acontecimentos e das sensações que a repórter possivelmente sentia naquele momento.

Se entendermos a dimensão imagem-texto, então, apenas na condição de identificação e qualificação, abrir-se-ia mão dos palavrões-interjeições, enquadrando-os apenas como divagações. Assim sendo, ter-se-ia, em verdade, o vácuo sonoro (da ordem da locução de Karinny, e não dos ruídos) e as imagens dariam conta apenas das ações dos manifestantes, ainda que como reflexo da ação militar (um tanto apagada das cenas, como já fora exposto).

Sobre os ativistas, então, tem-se muitas imagens, o que impede de classificar a sequência de Karinny. A ancoragem, assim, funciona menos do que a complementação. Apesar de Magalhães insistentemente dizer que “[...] os manifestantes estão usando a técnica do Black Bloc”, a expressão é genérica e não dá conta de explicar de modo mais próximo a atitude dos jovens naquele momento, exigindo do *webespectador* uma leitura prévia do que são e como funcionam as estratégias desse tipo de grupo, ou, talvez, uma memória baseada em coberturas anteriores empreendidas pelos Ninjas.

Apenas em dois momentos as ações dos manifestantes são explicadas de modo mais direto: quando lançavam pedras em uma agência da Caixa Econômica Federal e na ocasião em que se deslocaram atrás de uma viatura da Polícia Militar. Contudo, a descrição é tão pontual quanto ao que se destacou na frase anterior. De que maneira e método, quantas pessoas, por que; nenhuma dessas possíveis questões é respondida pelo texto verbal, mas as respostas podem ser obtidas ou inferidas a partir das imagens, o que denota mais o *relais*, tanto quanto nas cenas anteriores. Nesse sentido, apesar de vácuo sonoro não haver, é a imagem que parece ter um lugar de destaque na transmissão do Mídia Ninja, ao menos na transmissão de Karinny. Isso porque as imagens dão conta de uma perspectiva simbólica que se sobrepõe a qualquer tentativa de enquadrá-la em uma construção narrativa verbal que emerja com a mesma pujança dos fatos, em igual tempo e velocidade. Para além disso, Karinny é tomada pela seiva evenemencial, posto que estava inserida no acontecimento. Aliás, nos momentos finais se tornaria personagem efetiva da cena.

Um pouco antes da Ninja, Porto parece ter tido muita dificuldade com o sinal de *Internet*. A diferença de quadros passou, em muitos momentos, de mais de três segundos. Assim, por vezes, teve-se (ao menos a impressão de) um vácuo de imagem. Em poucos momentos percebe-se, porém, o vácuo sonoro. Fala-se das raras falhas no registro sonoro, dado que, conforme se verá à frente, nem sempre Fred se expôs em longas investidas locutivas. Isso não quer dizer que ele não tem repertório, ou não tenha o utilizado. Apesar de ser bem genérico também nas construções dele e de não fazer amarrações textuais muito

coesas (frases incompletas, ideias por vezes desconexas e muita repetição do mesmo texto – há uma constante (re)descrição da cena enunciativa que, para quem acompanha desde o início, pode gerar certa monotonia⁴⁰⁹), procura marcar presença por meio de variações enunciativas diversas e, como já foi exposto, com muitas entrevistas.

O repórter utiliza-se, no início da transmissão, de uma prática recorrente entre os Ninjas. Todos fazem, em quase todas as transmissões, uma introdução de abordagem, que corresponderia ao tradicional *lead* jornalístico. Assim, Porto arranja uma introdução, com o mote do ato e a identificação dos movimentos sociais envolvidos, as reivindicações deles e uma descrição breve do contexto. Ao longo da transmissão, para tanto, ancora o texto com as imagens, apontando as mudanças na cena enunciativa, cronologicamente não só à sucessão dos fatos, mas à própria experiência dele com o que advém.

Esse último ponto é interessante e importante de ser destacado. Tem-se com o Mídia Ninja a particularização do lugar de observação, marcado pelo ponto de vista subjetivo e ideológico – combinação que representa a essência dessa junção imagem-texto.

Todavia, Fred procura falar menos e explorar mais as imagens e o próprio som ambiente (gritos de ordem dos manifestantes) em alguns momentos. Esse elemento pode fazer parte de um estilo de cobertura do Ninja, ou mesmo ter apenas uma relação direta com o contexto. Fato é que o possível vácuo sonoro (de locução), em verdade, se justifica, ao menos se quisesse que a repetição do Ninja fosse ainda maior. Há uma ausência de ação, movimento, acontecimentos dentro da concentração da manifestação, senão os que já se davam e já tinham sido explorados e recontados por Porto.

Nesse contexto, como já tinha sido destacada a linha tênue, tem-se muito mais a função de *relais*, a partir da complementação das imagens ao que já fora dito, do que uma ausência deliberada de som (de fala do Ninja). Isso porque o intraquadro é incessante. Não se coloca em questão, no entanto, a relevância do que é visto. Invariavelmente, considera-se, toda imagem é capaz de afetar um sujeito, independente às formas e valor; logo, elas representam, significam e adicionam sentidos às narrativas.

Porém, ratifica-se, como Fred mantém-se no perímetro da Praça Sete, não houve, na nossa opinião, o que não tenha sido mostrado e identificado (e até qualificado – *vide* o enquadramento afastado da polícia) de forma macro, coletiva, que não passou também por uma nomeação (enunciação verbal). Contudo, elementos pontuais podem ter escapado à vista

⁴⁰⁹ Entretanto, essa prática corresponde à lógica da difusão contínua; considerando que uma pessoa possa ter acesso à cobertura depois de ela já ter sido iniciada, é necessário que o condutor faça essas recapitulações. Vale lembrar que o Ninja tem como verificar o número de pessoas *on-line* no momento mesmo da transmissão e, talvez exatamente por isso, saiba o momento certo de fazer as contextualizações.

do Ninja (até propositalmente), podendo ter sido observados de modo localizado pelo *webespectador*, não interferindo substancialmente na narrativa, mas criando um tipo de organização de sentido muito particular.

As falas dos entrevistados, porém, esquivam dessa lógica. Muito pouco do que eles disseram, senão a própria descrição dos microacontecimentos que se davam no entorno da Praça Sete, podiam ser ancorados. Ter-se-ia, aí, um vácuo de imagem. Não obstante, o enquadramento fechado e a construção verbal em torno do gênero opinião ajuízam uma posição do participante, externa inclusive à dinâmica local – ainda que refletida nos intentos do evento, o que desobrigaria o Ninja de qualquer resposta ou mesmo da busca por imagens que pudessem comprovar tais argumentos⁴¹⁰.

Assim, em geral, os Ninjas veem-se limitados pelo dispositivo técnico e pelas condições de emergência do ao vivo. Eles conseguem ver, mas os suportes não ofertam a mesma qualidade, gerando, nesses casos, vácuos de imagem, tanto quanto também o sinal da *Internet* for ruim e apresentar diferenças entre os quadros exibidos⁴¹¹. O vácuo sonoro também é possível, mas um tanto mais raro, proveniente do silêncio do repórter, do texto vazio (ainda aberto a interpretações), ou até de falhas de ordem técnica (menores em relação às imagens).

A ausência de voz do midiativista, contudo, não representa necessariamente falta de som, dado que os ruídos, conforme já fora apresentado em seção anterior, tem um valor muito forte e particular. Nesse contexto, por exemplo, não foi raro perceber que os Ninjas se calaram, por exemplo, para que fossem ouvidos os gritos de guerra e as canções entoadas por manifestantes em marchas.

A ancoragem é que parece ser a grande aposta do Mídia Ninja. Mostrar e nomear formam a dinâmica mais apropriada inclusive no (tele)jornalismo tradicional. Não obstante, por vezes elementos visualizados podem evadir-se à narrativa, descrição e argumentação dos Ninjas, abrindo espaço para a interpretação dos *webespectadores*. Nesse contexto, o *relais* escapa de qualquer planejamento, é presente e faz-se vivo exatamente pela própria utilização da câmera de mão e, quando ela se converte em nervosa, são inúmeros os efeitos possíveis, dado o potencial de afetação das imagens.

Não obstante, como colocado, os internautas, além de não terem acesso ao extraquadro, no qual os midiativistas estão imersos, estão diante de imagens que, conforme

⁴¹⁰ A não ser aqueles que tratam diretamente da manifestação, como as possíveis atitudes arbitrárias da Polícia Militar, para as quais, até então, não se tinha como ancorar, gerando um efetivo vácuo de imagem.

⁴¹¹ O que não fora uma exceção, dado que em todas as transmissões houve, em algum momento, algum tipo de travamento de imagem; algumas coberturas com mais e outras com menos.

apontado na seção do dispositivo técnico, apresentam, em geral, baixa resolução, o que impede a boa compreensão, distingue e discernimento visual – o que não significa que essas frentes não existam, dado que perspectiva aqui é qualitativa. Isto é, há uma apreensão com base no que é mostrado.

Haveria, então, uma interdependência sim do texto verbal com o imagético, selados pela emergência dos ruídos, para uma correta concepção da situação narrada. No entanto, mais uma vez há um problema. Os direcionamentos para captação de imagens e o que é dito seguem uma linha da intencionalidade. Logo, a fusão desses elementos pode ligar-se não a uma correspondência imediata, da exposição das coisas como elas são, mas como o Ninja as vê e as representa (lembrando aqui da identidade desse midiativista, do contrato comunicativo previamente estabelecido, etc.).

Voltando à carga analítica para expor algumas outras particularidades, as entrevistas realizadas por outros Ninjas em geral seguem as mesmas perspectivas colocadas com Fred Porto. Contudo, há um dado que já fora colocado em outras seções desta tese. Algumas das falas das fontes acabam por reforçar argumentos do Ninja e, por vezes, podem até representar angulações diferentes (ainda que o ponto de vista seja o mesmo) de um mesmo evento focalizado anteriormente na transmissão.

É o que acontece, por exemplo, com Filipe Peçanha que, tanto em 20 de junho (prisões aleatórias de manifestantes), quanto em 13 de julho (bombas e balas de borracha contra ativistas), em protestos no Rio de Janeiro, conversaria com pessoas que dariam mais detalhes acerca de ações da polícia – que já haviam sido focalizadas pela lente do Ninja. Com Gian Martins, também em terras fluminenses, é o reforço das ideias ativistas outrora colocadas pelo Ninja que se ratificam nos depoimentos dos entrevistados.

No primeiro caso, dada a força simbólica das imagens, elas parecem dizer mais do que os depoimentos são capazes de mensurar. Sua seiva evenemencial, sobretudo na manifestação da final da Copa do Mundo, faz com que os porquês deleuzianos fiquem mesmo sem respostas. Ainda assim, outras falas são convocadas para ajudar. O dizer tenta dar conta do que já fora mostrado. Não há vácuo de imagem; ela já se cristalizara dentro da sequência narrativa, funcionando inclusive como destinadora de todas as ações subsequentes.

No segundo caso, porém, há uma ausência pictórica. Gian fala da violência nas comunidades cariocas, das ações desproporcionais dos militares, das práticas de higienização, da dinâmica de gentrificação nas favelas, mas não há como ancorar. O relato do Ninja, no entanto, é reforçado pelo conjunto de entrevistas que traz à tona – principalmente com vítimas

da violência do Estado, e pela emergência dos ruídos do protesto (gritos e canções) que vêm dessas mesmas pessoas.

É tentado, por meio dos discursos, recuperar uma memória social dos *webespectadores*, com o lembrar de casos marcantes. Mesmo assim, a perspectiva ainda estaria na ausência pictórica, de alguma forma suprida pelo registro das fotos de jovens mortos nos morros cariocas, nas imagens de cruces negras de papelão que representam aquelas outras de concreto que compõem as lápides dos negros assassinados nas favelas, e a focalização de faixas que apresentam nomes e reivindicações ligadas ao fim da brutalidade nas comunidades. Concepção semiótica que não fica só no signo imagético, mas na moral da história trazida na fala de Martins. Vácuo pictórico que perde lugar na substituição por outros objetos e interpretação dada pelo Ninja.

Avançando, como dito, tanto quanto Porto, (todos) os outros midiativistas tendem a fazer uma contextualização inicial em (boa parte de) cada transmissão, dando conta de uma descrição que inclui as imagens, num alinhamento padrão. Nesse contexto, as abordagens primeiras tendem a ser da ordem da ancoragem. O que segue é uma variação de comportamento por parte de cada Ninja (em razão de seu estilo narrativo) e muitas vezes em função dos propósitos da cobertura. Isto é, por exemplo, ao passo que Branca Schulz, em Porto Alegre, irá manter-se mais em silêncio, procurando apontar as novas emergências no evento transmitido (ou respondendo às questões dos internautas), Dênis Nacif levará, em Belo Horizonte, a uma potência ainda maior a lógica da difusão contínua, recuperando com grande frequência informações já dadas acerca do que é mostrado. Em ocorrências análogas, de concentração/marcha de manifestações, outros Ninjas, no entanto, tenderão a fazer mais entrevistas, outros procurarão circular o máximo possível, a procura de variações e particularidades do acontecimento narrado (e até do que fora apontado em entrevistas, a fim de dar a prova de imagem ao que foi dito).

Contudo, em plenárias populares, por exemplo, o silêncio do Ninja tende a ser uma condição, posto que a emergência da voz do discursista é o mais importante naquele momento, tanto quanto a imagem por complementação necessária à mídia audiovisual, numa associação que se faz fundamental para selar a compreensão, via atenção, do *webespectador*.

É nesse contexto, então, que parece ser um problema quando, em São Paulo, os enquadramentos não privilegiam o bom alinhamento das personagens em um debate público. Em 1º de julho, a Praça Roosevelt era o palco de uma conferência popular que tinha como intento encontrar alternativas para a libertação de Fábio Hideki e de Rafael Lusvarghi, então presos em outra cobertura de Alex Demian.

No debate, apesar de evidenciar as falas, o quadro que Demian faz, em *contra-plongée* – provavelmente sentado e angulando o celular para cima –, corta a cabeça dos discursistas, o que não permite identificá-los ou perceber as expressões faciais deles. Essa particularidade, no entanto, foi alterada mais adiante, quando Alex passou a evidenciar mais o rosto das pessoas que discursavam no local. O áudio também pareceu um pouco enlatado, o que chega a comprometer levemente a compreensão – mas nada que a impedisse por completo.

Figura 130 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Alex Demian (2014).

Um dia depois, a Ninja Isadora Machado, após um preâmbulo sobre a continuidade dos debates iniciados na noite anterior, começa a registrar os discursos que eram agenciados sob a articulação do Movimento Passe Livre. De início, ela faz um enquadramento lateral, mas pouco depois opta por um registro frontal, conforme pode ser visto na FIG. 131. Essa preocupação parece ter se dado tanto em função de um melhor emolduramento da cena, quanto visando uma captação de áudio mais direta, alinhada à caixa de som utilizada no debate.

Figura 131 – Quadro composto – Enquadramentos



Fonte: Isadora Machado (2014).

A Ninja parece ter uma certa dificuldade em deixar o celular em riste (talvez em razão da ausência de um tripé para sustentação), de modo tal que o enquadramento feito por ela em

boa parte do tempo cortou a imagem das pessoas, que compunham a área de discursos, pela cabeça. O problema agrava-se quando, por volta dos 9 minutos da primeira *live*, Isadora começa uma longa conversa paralela, parecendo atentar-se mais ao diálogo atravessado do que propriamente à demanda que tinha no momento – assim, a Ninja registra mais o chão do que os convidados. O mesmo voltaria a acontecer por volta dos 35 minutos da cobertura.

Os diálogos tangenciados parecem ser uma constante e quase naturais para os Ninjas. Contudo, muitas dessas conversas acabam complementando os temas em destaque, deixando o *webespectador* como um terceiro, mas podendo ainda apreender algo do que é evidenciado. Em outras situações, os Ninjas parecem colher ou dar informações, ou mesmo fazer pequenas pausas para se ajeitarem. No entanto, aqui a confabulação se estruturou como problema; limitou muito a compreensão e sequência do registro dos discursos.

Figura 132 – Problema de enquadramento nos discursos



Fonte: Isadora Machado (2014).

Enfim, há uma primeira situação que expõe uma limitação do Ninja que pode ser colocada como característica da situação, de um amadorismo reconhecido, mas possivelmente remido pela presença, pelo fazer, pelo se envolver. Independentemente disso, tem-se um direcionamento de imagem, pode-se ouvir e, com um pequeno esforço, compreender a discussão posta no debate. A relação imagem-texto está dada e, guardadas as condições situacionais, funciona. Contudo, o segundo caso é mais implexo. O arrolamento audiovisual é atravessado pelo zum-zum. Mas não é um som qualquer; é o da própria Ninja em desatenção ao debate. A relação imagem-texto aqui, então, funciona em pose adversa. O ruído da conversa paralela justifica(ria) o desalinhamento do quadro. Atrapalharia, então, a compreensão não apenas pelo sussurro que acompanha os discursos, mas pelo ferimento ao contrato comunicativo, ao plano de expectativas quanto ao coletivo. Não se espera que as imagens e os enquadramentos sejam perfeitos (se é que existe um horizonte de classificação), mas que se tenha a implicação do midiativista no evento narrado.

Mas, então, por que é que as conversas paralelas de outros Ninjas não são vistas dessa forma? Isso não é uma regra. Contudo, a primeira condição parece ser a do propósito. A transmissão de um evento como o debate popular exigiria um comportamento diferente daquele esperado em uma manifestação. O sujeito de relações naturalmente emerge, dadas as possibilidades de encontrar com diversos conhecidos durante um ato. Observe-se que, se esse amigo está no ato, muito provavelmente é um ativista e, assim, se alinharia com o *webespectador*.

Mas não para aí. Espera-se que os diálogos correspondam essencialmente a questões de ordem política (em um sentido mais amplo) ou às nuances do evento em curso, narrado. Esses temas, ainda que não estabeleçam uma relação de ancoragem direta, relacionam-se com uma perspectiva que atravessa a dinâmica midiativista. Dadas as exceções dos cumprimentos, o que humaniza o repórter, extrapolar a linha dos assuntos a serem comentados com os colegas seria demonstrar um desinteresse por parte do Ninja em relação ao que está empreendendo (a transmissão). Isso afetaria, enfim, na relação texto-imagem e perder-se-ia um sentido buscado com a cobertura.

Não obstante, as conversas paralelas teriam até potencial de complementação argumentativa, auxiliando na compreensão de questões que foram colocadas previamente, ou ainda seriam abordadas. O escape ao que é efetivamente mostrado no momento dos diálogos tangentes ao propósito narrativo faria com que, então, as imagens atuassem em *relais*, ainda que fiquem, de certo modo, em segundo plano.

Seguindo, há alguns exemplos curiosos em uma transmissão de Letícia Pocaia, que aparentemente configuram uma armadilha criada pelo desconhecimento e que, por conseguinte, poderiam afetar, inclusive, a audiência. São criadas imbricações imagem-texto que parecem ser legitimadas, mas podem levar a erros desnecessários da audiência que, se mais desatenta, cairia em uma tocaia da relação exposta nessa seção.

Pocaia parece cometer alguns desacertos, talvez por falta de atenção, como identificar um entrevistado como integrante do Movimento Passe Livre. Durante a conversa, tem-se a confirmação de que o mesmo não faz parte do grupo, muito embora já lhe houvesse atribuído a qualificação ao iniciá-la. Parece um erro sem valor, mas é importante lembrar que se tratava de uma manifestação do MPL, em 19 de junho, em São Paulo. Isto é, até aquele momento a fonte era apresentada como representante, como porta-voz dos articuladores. A imagem e a identidade visual do grupo eram associadas e construídas dessa forma. As sequências pós-entrevista para os internautas poderiam ser as mais diversas, bem como até para os “bisbilhoteiros” do *chat* – nos quais a própria polícia poderia se incluir. Dá-se capital visual a

um sujeito que se utiliza do espaço (não está se dizendo que foi propositalmente, por parte dele ou da Ninja) para falar em seu próprio nome, mas a fala dele tem um valor ainda mais amplo. Esse foi um caso identificado, mas poderiam ter ocorrido outros?

Além disso, ao evidenciar alguns cartazes, Letícia parece não ter reconhecido que eles faziam remissão à canção “Pra não dizer que não falei das flores”. A música de Geraldo Vandré foi proibida durante muitos anos pela censura da ditadura militar e, em contexto, tragava sentidos particularizantes para a manifestação em curso.

As cartolinas, conforme FIG. 133, faziam alusão a uma ação lúdica, que aconteceria ao final do ato: flores seriam jogadas sobre fogueiras acendidas sobre catracas de papelão. A intenção, então, era fazer não apenas uma intervenção de crítica ao transporte público, assim como em relação à atuação da Polícia Militar. A Ninja diz, nesse sentido, que o grupo que articulava a atividade estava com flores e cartazes explicativos, e em nenhum momento fez observações sobre a canção, que, em verdade poderia ser tanto um mote para problematização, ou mesmo para a simples descrição na retomada histórico-político-cultural do país.

Figura 133 – Quadro composto – Cartazes



Fonte: Letícia Pocaia (2014).

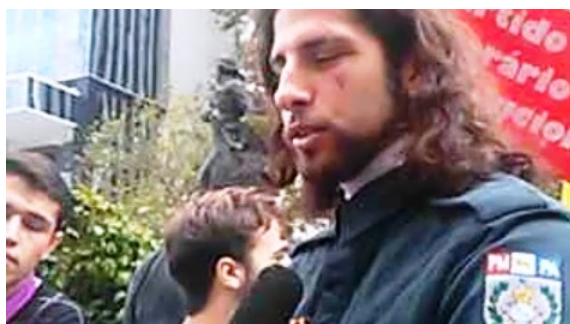
Não se sabe se Pocaia não o fez, então, por desatenção, desconhecimento ou por pura opção em não o fazer. Fato é que o texto fica em aberto e as imagens, por força particular, a evidenciar o que as jovens escreveram nos cartazes, sinalizam um potencial interpretativo não valorizado e que, dado um conhecimento prévio da audiência, poderia gerar o sentido acerca de uma certa ignorância (no sentido do desconhecimento) política e musical da Ninja.

Em outra passagem da cobertura, Pocaia mostra a face lesionada de um manifestante, e afiança que ele teria sido ferido em razão de uma possível repressão policial. No fragmento de fala apresentado a seguir, logo após a FIG. 134 (do enquadramento da Ninja no rosto do rapaz), é possível perceber a emenda de um acontecimento que endossaria a acusação de

responsabilidade da polícia. Os fatos, antes isolados, são amarrados por meio de expressões que ajuízam um comportamento dos militares e se endossariam reciprocamente. Na mesma fala, apesar de não problematizar sobre a questão, acaba por se posicionar, ainda que não tão claramente, acerca das questões relacionadas à Polícia Militar durante a Copa do Mundo.

O problema é que a cicatriz que o rapaz, Rafael Lusvarghi, tem no rosto, em verdade, foi feita por ele mesmo⁴¹², o que desestrutura a edificação argumentativa da Ninja e põe em xeque a ideia que pretendia passar. Isso, se o *webespectador* tem conhecimento prévio do personagem apresentado. Do contrário, se há de convir que a imagem é simbólica e o peso dela, tendo em vista uma memória de agressão sofrida por manifestantes por parte da polícia, ajuíza um comportamento interpretativo que, somado ao texto da Ninja, equaciona-se de forma hermética. Eis o contratempo da fusão audiovisual.

Figura 134 – Ninja evidencia rosto de manifestante com ferimento



Fonte: Letícia Pocaia (2014).

A gente vê o rosto do manifestante machucado [...] ele se machucou durante a repressão policial, em um dos atos aqui em São Paulo. A gente vê como a polícia e o governo estão reagindo sobre as manifestações aqui em São Paulo. Tentando arriar, baquear os movimentos aqui em São Paulo. Esse histórico muito grande da violência policial aqui em São Paulo; terça-feira também, logo após o jogo do Brasil, o empate de Brasil e México, em uma das ruas do bairro Cambuci, a polícia chegou, também a tropa de choque, lançando bombas e bombas de gás lacrimogêneo e atirando as próprias balas de borracha sobre quem estava na rua, alegando que depois das vinte e duas horas a festa não existe mais; ‘vinte e duas horas a rua tem que estar em silêncio’. A gente vê o histórico da repressão que tem acontecido aqui em São Paulo.

Muito além do exemplo alegórico evidenciado, o contrato comunicativo do Mídia Ninja parece propor, no entanto, uma fidúcia na fala e nas imagens. Mas é preciso acreditar no que é dito ainda que as imagens não deem conta de mostrar, quer seja por problemas de ordem do equipamento, do sinal, e até mesmo das circunstâncias (o que dizer, por exemplo,

⁴¹² Vide entrevista de Rafael, disponível em: <<http://goo.gl/g5jcvn>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

do embarque com o MTST, no meio da madrugada, em um terreno em que pouco se via, mas muito se ouvia do evento narrado?).

É necessário também acreditar no que se vê, o que não é difícil, ainda que o áudio emudeça. Complicado mesmo não é aceitar, mas compreender. A questão aí seria da interpretação, que parece vir a reboque de um ponto de vista, construído à luz de um posicionamento sempre pró-minorias. A ancoragem está num comportamento e esforço dos midiativistas que visam mostrar não só tudo o que falam, mas o que pregam. As relações de narração dos eventos estão para além de um texto de correspondência, mas de uma argumentação, que também ocorre aquém do que acontece pontualmente em uma dada transmissão. Essa condição parece dar a algumas imagens uma carga maior do que elas de fato teriam, sobretudo se analisadas de forma isolada.

Entretanto, nem tudo ocorre o tempo todo dessa forma. Se assim o fosse, ter-se-ia qualquer evento secundário ao discurso. O que se tem nas coberturas do Mídia Ninja parece ser um jogo em que se faz a observação planificada do acontecimento como referência, mas são procuradas (e muitas vezes elas se dão a ver naturalmente), e até mesmo provocadas (muitas vezes pelos próprios Ninjas), brechas a partir das quais se possa colocar uma reflexão mais ampla.

Nesse contexto, o *slogan* replicado pelos Ninjas, “baixa resolução, alta fidelidade”, parece reforçar, contudo, de um lado as limitações técnicas e, de outro, a fidedignidade não à verdade, mas aos valores comungados por um sistema de ideias que prega a parcialidade em um trabalho midiativista que ajuda a construir uma proposta de realidade dentro de uma inter-relação imagem-texto possível.

5.3.6 Dimensão dos efeitos

Chegamos à tríade de amarração do segundo dispositivo. Já começando a falar da primeira perna: acerca das nuances do real, faz-se importante lembrar que o Mídia Ninja é totalmente vinculado ao espaço da presentificação. Isto é, por meio do ao vivo, ou tempo real, das transmissões do coletivo, localizam um sujeito dentro do espaço/tempo mesmo do internauta que o acompanha. Assim, a partir dessa mediação, o acontecimento, qual seja, é trazido para a área de trabalho do *webespectador* que, antes ausente da atividade público-política, é de certa forma também transportado para dentro daquele cenário – na medida em que, se o Ninja pode afetar a ordem evenemencial com as ações que pratica, o *webespectador* também o pode, já que teria como influenciar a ação desse repórter com investidas no fórum.

Buscando o dia 12 de junho, em Belo Horizonte, como referência mais uma vez, esse tipo de visada, ainda mais quando é respondida, é tão sintomática da presentificação quanto os elementos aparentemente menos densos do texto verbal dos Ninjas, a exemplo da localização espacial, ou seja, o fato de afirmar “estamos na Avenida Paraná” ou “estamos chegando agora na praça do relógico (Praça da Liberdade)”⁴¹³, são indicadores, ainda que subjetivos, para os internautas, de que aquela ação acontece em um lugar físico-real, muitas vezes simbólico/representativo – por exemplo, para os moradores da capital mineira, que poderia ser de acesso/participação do *webespectador* –, tanto quanto de um ente conexo que participa naquele mesmo tempo da manifestação.

Contudo, essa é uma estratégia discursiva muito singela. A marcação verbal é apenas um grifo na compreensão da lógica temporal do dispositivo técnico *Twitcasting* (da ordem da transmissão em *real time*), da dinâmica do Mídia Ninja com as coberturas de eventos dos mais variados gêneros e, sobretudo, diante ao contexto da Copa do Mundo, a saber, acerca da emergência irregular de manifestações pelo país – com ocorrências a qualquer tempo e espaço.

Ainda sobre a realidade, a dinâmica não parece ser das mais objetivas – exatamente pela longa duração da transmissão. Há um esforço na direção da dramatização, sobretudo quanto se pensa num fazer-sentir, que se desloca para a patemização e conseqüente captação. No entanto, para além disso, ou como condição primária, o registro em tempo real inverte a lógica do porvir para um vir incessante. É como o registro da câmera de segurança predial, que só parece fazer sentido para alguns quando essa captura as imagens do acontecimento ou daqueles que o faz emergir, esquecendo-se de que a gravação do ordinário é também um produto que, mesmo não servindo ao que lhe é tido como função, não deixa de ser informação e de constituir sentidos em razão da presença, localização, posição e elementos técnicos dela.

É o real pleno. Quer se dizer afinal que, diferente da objetividade dos meios de comunicação de massa, que se interessariam pelo “fazer sentido”, dentro de uma narrativa com começo, meio e fim, o intento do coletivo parece ser exatamente o do registro do processo, ainda que este aparentemente não faça muito sentido – já que não há uma sequencialização tão evidente dos fatos. Eis um processo de ficcionalização que parece truncado mas, em verdade, não o é – dadas as particularidades a serem apresentadas a seguir.

⁴¹³ Tentar-se-á aqui explorar a essência da totalidade das transmissões Ninja, ainda que sejam feitos destaques pontuais a algumas transmissões, a saber, principalmente a do dia 12 de junho, em Belo Horizonte (como é o caso do exemplo aqui exposto), e a do dia 13 de julho, no Rio de Janeiro, nomeadamente as que mais foram exploradas analiticamente até aqui.

Enquanto registra em tempo real a manifestação, o Mídia Ninja marca o aqui e agora da sequência de ações, ainda que este seja influenciado/condicionado por outras histórias, das mais diversas, aplicadas em encaixamento ao longo das coberturas. Não é objetivo, mas a recorrência ao efeito de realidade é, exatamente por isso, muito maior.

Esse encaixamento dá-se muito pelas entrevistas, como se viu. Elas, ainda que as fontes não sejam legitimadas (sequer identificadas), atuam na condição de saber, na medida em que a voz do (de um) outro contribui para atestar o que vem sendo dito e colocado pelo Mídia Ninja (como partícipe – também ativista – da manifestação).

Retornando à objetividade, ela, no entanto, também aparece na linguagem. No Mídia Ninja, pode ser considerada direta, sem rodeios e, muitas vezes, sem disfarces; isto é, sem a utilização de elementos que escondam a intencionalidade dos repórteres. Fica, acredita-se, claro o posicionamento dos Ninjas quanto às causas que não só evidenciam, mas também defendem, fazendo jus à interseção mídia/ativismo e a funcionar as cláusulas de um contrato preestabelecido.

Um exemplo é o dia 12 de junho, em Belo Horizonte, em que desde o início da transmissão se percebe que a investida é em uma comunicação baseada na linguagem coloquial e, no caso de Fred Porto, com apelos ainda ao *mineirês*, por meio da utilização de expressões, jargões e reduções, em um sotaque também bem pontuado. A grande quantidade de gírias utilizadas pelo Ninja demonstra uma marcação do maneirismo. Em certa medida, as expressões dele também se associam com determinados grupos que as reconhecem, tais como a “vâmo pra dentro” / “Tâmo aqui, na atividade”, que correspondem, dentro do contexto de utilização, também à própria prática ativista, sobretudo de resistência em um cenário que já se anunciava de forte repressão policial.

Em geral, a utilização exagerada das gírias pode demonstrar também uma espécie de despreocupação com uma possível opinião do público acerca da necessidade de uma postura de correção frente às perspectivas da etiqueta ou da dinâmica jornalística padrão. Ao mesmo tempo, essa dinâmica representa naturalidade – o Ninja chega a tossir próximo ao celular e estabelece diversas conversas paralelas à cobertura, o que fica evidente no áudio da transmissão. Esses elementos podem ser condições para a solidificação do efeito de real. Ideia de que o Ninja é verdadeiro e transparente; um Eu tão real quanto seria fora dos circuitos do processo comunicativo.

É a eructação de Demian, o falar de boca cheia de Pocaia, o bocejo de Nacif. Nada intencionais ou por querer. São limitações do fazer, que se tornam características marcantes e que, nada paradoxalmente, agem incisivamente como efeito de real. É o “galera” no

cumprimento aos *webespectadores*, incluídos em um nós que reconhece a existência e a presença da audiência, quando não respondida de forma direta (é quando a linha se estreita ao máximo: o texto no fórum torna-se réplica do Ninja, e o *webespectador* torna-se (inter)ator – não que antes não o pudesse ser, mas aqui fica evidente o valor do internauta, tragado à cena enunciativa).

É a conversa paralela do midiativista como sujeito de relações – desde que num papo objetivo –, relacionado às perspectivas ativistas e que, por isso mesmo, não esquece a condição dele de midiativista, por conseguinte, o contrato comunicativo ali estabelecido e, por fim, aquele com quem o acordo fora assinado.

Ainda em relação ao texto verbal dos Ninjas, percebeu-se que quanto mais eles acentuam presença com elocução, mais se presentifica e pode se atribuir saber a eles. Isto é, quanto mais as marcas evidenciam esse EU-Ninja, destacando o lugar dele como mobilizador dos sentidos da transmissão, mais se ressalta a condição de um saber que o *webespectador* não tem, por estar ausente. Na mesma medida, porém, durante toda a cobertura, a baliza temporal é naturalmente considerada, por ambas as partes. Contudo, sempre que a marca de presença do midiativista é lembrada é, no igual momento, reforçada a condição de um aqui-agora do qual o *webespectador* só faz parte em razão do trabalho do Ninja.

Quanto mais delocução, mais se aplica a distância, como sabemos. Porém, nada contraditoriamente, isso valida igualmente o discurso do Ninja sempre que é utilizado, a exemplo do grande número de entrevistas. Quer se dizer, então, que, apesar da elocução poder reforçar o saber do repórter, quanto mais ele procura dar voz aos partícipes da manifestação, mais a cobertura ganha em validade, na medida mesma do agenciamento da fala do outro, quem seja, que não o próprio Ninja que, de posse do poder do capital sonoro na cobertura, poderia dizer o que quisesse. No entanto, esse possível efeito de realidade, baseado no saber fragmentado, também pode ser direcionado (como parece ter sido) e tem potencial para formar uma voz composta (como se deu ares nesse sentido).

Assim, parece haver um falso apagamento do Ninja, que, haja o que houver, continua como alfaiate discursivo, podendo, de modo próprio, costurar as vozes que convierem. Nas transmissões do Mídia Ninja, a opção parece ter sido a de ouvir apenas uma parte do(s) problema(s), desconsiderando respostas possíveis daqueles que são o alvo da manifestação ou dos que tentam contê-la. Não obstante, o contrato é assinado já se sabendo da declarada parcialidade e da função ativista do coletivo, o que não parece comprometer, para certo tipo de público, a validade discursiva desses midiativistas, ainda que alguns aspectos fundantes da

dinâmica jornalístico-midiática não sejam cumpridos (o que não parece ser mesmo uma preocupação).

As ressalvas são os registros de conversas entre ativistas e policiais (em geral negociações acerca de protestos e ocupações), o que não se configura exatamente como entrevistas, e a tentativa de abordagem por parte de Peçanha, sobretudo em 13 de julho, em investidas com militares que, conforme já exposto em seções anteriores, tinham como característica o enfrentamento, e não o diálogo. Ainda assim, o breve espaço fora colocado e poderia receber retorno dos oficiais, que mantiveram a posição em não falar.

Nesse contexto, expõe-se em certa medida uma ausência pré-concebida de interesse por parte do outro em se expor no canal midiativista. Ademais, o contrato comunicativo do Mídia Ninja parece existir exatamente para suprir uma ausência de fala do sujeito comum, do ordinário, que não tem lugar nos *media* e em outros suportes institucionalizados. Instâncias estas em que a polícia é vista como *expert*, como autoridade, tanto quanto todo o corpo oponente dos sujeitos em ação transmitida.

Por fim, em relação ao texto verbal, entende-se que quanto mais ele esteja ancorado por e ancorando imagens, mais os efeitos de realidade se emanam. A transmissão é da ordem do audiovisual. O Ninja fala (e a presença atesta o que ele diz), mas as imagens (com)provam para o *webespectador*, tanto quanto há a emenda sonora dos ruídos. Entende-se, como foi evidenciado, que o Mídia Ninja tem essa dinâmica de correspondência, ainda que, muitas vezes, a nitidez e a resolução de imagem (em razão da (baixa) qualidade de sinal) não sejam das melhores.

Nesse aspecto é importante, então, falar do, nada paradoxal, efeito de real que se tem com a câmera de mão. Ao contrário da TV, que busca cada vez mais transparência (no sentido da proximidade do que se realmente vê *in-loco*, da “realidade de imagem”, ainda que haja a constante preocupação com as cores, o brilho, a fotografia, etc.), o midiativismo reivindica a autenticidade (como aparência de verdade), por meio da utilização do dispositivo técnico que o cidadão comum poderia utilizar e em como o usaria – de modo caseiro (como algo ordinário, comum, simples), sem filtros, sem edição, sem grandes atributos, na mão – em qualquer uma das que compõem uma manifestação, por exemplo.

Ao final, quanto mais se mostra, mais se presentifica. Assim, é preciso circular. A imagem, então, torna-se tremida e o sinal pode mudar e influenciar. Mas é exatamente isso que, mais uma vez, mesmo que pareça disparatado, dá o efeito de realidade; tão real que não há perfeição, que a transmissão pode até cair, como pode acontecer com qualquer um que tentar fazer o mesmo procedimento.

Outras observações ainda podem ser feitas. Em outro momento deste trabalho, por exemplo, falava-se da dificuldade que, às vezes, os Ninjas têm de conseguir um entrevistado. Em 12 de junho, a negativa de um primeiro possível entrevistado ficou evidente. Não houve uma preocupação de Fred Porto, como não parece haver por boa parte dos outros Ninjas, em combinar o diálogo antes, na mesma medida tampouco de fazer uma pauta prévia.

Essa dinâmica vai um tanto contra a lógica do jornalismo tradicional, no que concerne à produção de entrevistas ou de matérias, que já preparam o(s) entrevistado(s) antes. No entanto, quando se pensa na prática do “povo fala”, ou das entrevistas nos chamados factuais, o que parece ser o caso, a preparação da conversa não é mesmo uma tônica. Ainda assim, tem-se normalmente uma equipe e tempo para a construção do material. No caso analisado, há o midiativista sozinho, em campo, em uma transmissão ao vivo. A contradição é que esse tipo de prática também contribui efetivamente para o efeito de real. A verdade estaria na espontaneidade, na ausência de esforços para a construção cênica.

Por fim, numa última observação sobre o efeito de real, para já dar entrada nos efeitos ficcionais, há sim uma remissão ao relato da experiência vivida. Essa dá-se a partir exposição de situações vivenciadas pelo Ninja e pelos seus entrevistados (o que gera também o encaixamento e que influencia diretamente nos outros dois efeitos). O “isso aconteceu comigo” faz com que o enunciador reivindique o reconhecimento de saber, ao mesmo tempo em que atesta um determinado posicionamento. Vê-se isso por meio, por exemplo, das constantes remissões ao trabalho da Polícia Militar, que é questionada quanto aos métodos que utiliza, sendo caracterizada a partir da contação de histórias dos participantes da transmissão, em momentos distintos.

A respeito, então, dos efeitos ficcionais, tome-se como exemplo a transmissão do dia 12 de junho. Viu-se que ela poderia ser dividida em três partes. A primeira na concentração da manifestação, a segunda (não se tem registros gravados) com a marcha até a Praça da Liberdade e a terceira com os conflitos entre policiais e manifestantes adeptos da tática Black Bloc. A perspectiva narrativa pôde ser vista com mais profundidade nessa terceira parte, exposta anteriormente.

As cenas que se sucederam ao primeiro tiro de bala de borracha lembraram um *thriller* – suspense, tensão e excitação, cinematográfico. Película de ação sendo construída em tempo real. Por meio da evidenciação dos componentes e procedimentos, a lógica e a encenação narrativa foi apresentada aqui. Mas, de fato, para fazer sentido e produzir efeitos na recepção esse empreendimento discursivo deve ser entendido de forma, se não automática, natural e vista como um todo pelo *webespectador*.

No entanto, essa malha já vinha sendo tecida. Não se podem desconsiderar os elementos prévios como compositores do tecido narrativo posterior. Isto é, todas as críticas à polícia, por exemplo, realizadas anteriormente por Fred Porto e alguns dos entrevistados por ele, atuam na confecção de perfil dos actantes, tanto quanto na constituição de uma intriga que se vê entrando em clímax quando do início dos conflitos. Nesse sentido, ainda que os efeitos de realidade existam, e pareçam estar calçados nos fatos, em verdade estão sob uma fina camada, uma tênue linha, composta pelo relato, que pode ser facilmente atravessada pela ficção (na medida mesma em que tudo o que é visto pelo *webespectador* é, sem ressalvas, uma construção linguístico-discursiva).

É nesse contexto que se pode questionar se tudo no Mídia Ninja segue uma linha da ficcionalização narrativa. Têm-se acontecimentos que parecem guardar de forma evidente a lógica sequencial, dada a realização de uma ação (tal como uma manifestação) em que um sujeito (os ativistas, dilatados pela participação de um Ninja) age efetivamente sobre algo, tendo um mote, visando beneficiar alguém (a própria sociedade), em uma cena em que ajudantes e oponentes também se fazem presentes. Verifica-se um processo de começo, meio e fim bem marcado nesses casos⁴¹⁴.

Contudo, existem outras oportunidades em que essa serialidade é menos notável (no caso de coberturas de plenárias populares e políticas, por exemplo) e, nesse sentido, aparentemente a característica ficcional seria menos intensa. Todavia, até essas dinâmicas parecem ter razão quando se conjectura que elas correspondam a uma espécie de devir ativista incessante. Esse comportamento alojaria cada uma das transmissões, quais fossem (e desde que respondido o contrato comunicativo), em um outro grande composto, prévio, irregular, um amplo mosaico narrativo que depende, por sua vez, de cada uma dessas investidas para depreender significado – ao passo que é ele quem ajuda a dar ainda mais sentido a elas.

É um discurso que precede e coloca todas as transmissões em uma esteira. Nesse contexto, ainda que na maioria das vezes se implemente em cada cobertura uma narrativa totalizante e que se amarra, ela não seria completamente finita, dada a contribuição de sentido à posterior (e vice-versa). Têm-se registros naturalmente rizomáticos, quando não avigorados pela locução dos Ninjas. Direção que deixa os intentos explícitos, que conforma acepções bem marcadas, e visa, por isso mesmo, a unificação do eu espectador com o mundo traduzido na tela de computador (CHARAUDEAU, 1992).

⁴¹⁴ Além disso, não se pode esquecer os diversos encaixamentos de histórias correlatas (ou não) que (re)compõem a macro narrativa em curso na cobertura. Esses agrupamentos de subnarrativas conformam um encadeamento que atua no processo de ficcionalização da transmissão em curso.

Narrativa ficcional que distancia o *webespectador* da realidade, ao passo em que se dá a impressão de que ele se aborda ainda mais dos fatos. A cadência em primeira pessoa, a ausência de cortes num plano sequência do *real time* são, em verdade, apenas um modo de ver, um ponto de vista distinguido por escolhas expressivas (intencionais e/ou naturais) que se fazem valer por um plano de expectativas prévio.

Dos 50 centímetros de distância ao ecrã do monitor ao transporte às cenas efetivamente vivenciadas por uma janela. Quadro limitado, apesar da aparente ausência da vidraça da edição. Não se pode colocar a cabeça pra fora, sequer espreitar ao lado. A imersão não é totalizante, mas o que parece valer é o efeito de sentido. Ao mesmo tempo, a transmissão é espelho. Mas não parece refletir a realidade tal como ela é, senão quem a vê, devolvendo uma narrativa que, conforme se quis evidenciar acima, é justamente o que se espera, por meio de uma representação que muito embora outrora não houvesse, como se aguardava, com os *media*.

É aparentemente uma costura mais próxima não do real, mas de uma realidade. Configura-se uma exposição, característica do Mídia Ninja, que toma o todo por uma parte, mas focaliza a seção que se indaga a mais apropriada e, por isso, vista como a mais adequada, a mais fidedigna.

Na construção verbo-visual do Mídia Ninja, os arquétipos são vistos de forma tangencial; aliás, eles são conformados pelos textos e pelo modo como a sequência de ações se dá. Dos dois lados, sujeitos de ação. Num curso pessoas livres, mas quase sempre cerceadas. Doutro, comandadas, assujeitadas, exercendo o poder opressor. No fluxo de cá (o da posição que o Ninja ocupa), pessoas que querem um país melhor, contra as determinações de um governo que, aparentemente, investe em uma ação que tem uma finalidade questionável, devido à ambiguidade latente, em detrimento das áreas prioritárias do Estado. De lá, a materialização do outro; a força opressora, formada também por cidadãos – em verdade –, mas que foi desvirtuada e quer tolher a luta (também na condição arquetípica).

Narrativas que parecem se localizar na realidade chapada, sem subjetivismos, mas não abre mão da justaposição do assombro exemplar, do insólito, do mistério, do porvir. A conspiração meticulosamente articulada por um ente distante, superior, quase sempre mau que erige ações contra as minorias e parece sempre vencer. Só essa poderia ser a justificativa.

Para tanto, histórias (ou estórias) são arranjadas no bojo da matriz (transmissão). Essas passagens, relatos da experiência vivida, vêm à tona, evidentemente, sem as imagens que as suportam, a não ser aquelas que aparecem no texto verbal de quem as conta. Nesse momento, a mídia do visível torna-se a do estímulo, do imaginário do *webespectador*, que (re)constrói

socialmente (e individualmente) a realidade expressa pelo enunciador com base num cabedal de memórias próprio. Há de se considerar, apesar da heterogeneidade do público do Mídia Ninja, que parte dos internautas é filiado às ideias expressas pelos midiativistas. Assim, esse encaixamento⁴¹⁵ atua como reforço, amplificado, de uma posição política, quando não ideológica.

Ficcionalização que emana dos comportamentos performáticos, sejam eles na relação locutiva com os *webespectadores*, quer seja nos procedimentos de cena. Variações que ficam evidentes na mudança de tom de voz, de volume, nas conversas paralelas com conhecidos dos midiativistas ou nos embates com policiais. Noções que fazem sentido quando os Ninjas deixam de ocupar o lugar primordial de condutores da narrativa e passam ao posto de personagens.

Perspectivas que ganham significado, ainda que claramente se vejam os acontecimentos sendo provocados. Haja vista as investidas behavioristas de Peçanha com alguns policiais, em afrontas que parecem querer expor uma realidade que, em verdade, se conduz à luz de uma série de elementos compósitos (tais como a própria presença do dispositivo técnico). Por isso mesmo, conformam nada mais do que uma *mise-en-scène* midiativista (do que estimula e daquele que responde).

Por fim, vale ressaltar os contributos da imagem para a lógica ficcional, como de alguma forma já fora exposto anteriormente. Entendemos que o apagamento “material” do Ninja (eles raramente aparecem nas imagens) contribui para diminuir a distância do *webespectador* para o acontecimento registrado. Se o que separa o Ninja do fato é o dispositivo técnico, para o internauta é tão-somente a tela do monitor e não o enunciador (já que ele também pode ser um, ainda que no *chat*). Qual seria, então, a diferença entre os dois? O olhar do Ninja, ausente, parece ter se tornado a visão do *webespectador*, que se transporta para a cena tanto quanto maior forem os índices de uma câmera subjetiva.

Essa câmera sem corpo, contudo, tem voz e vida própria. Não é o *webespectador* que conduz, ainda que seja ator importante nesse contexto e que as vontades dele já estejam expressas em uma validação prévia⁴¹⁶ que direciona o comportamento desse olhar. Formas de ver que são conformadas pela busca em alguns momentos dos melhores ângulos. Busca por métodos de compreensão dos fatos que, nada paradoxalmente, acabam por reforçar pontos de vista e arquétipos, além de abrir campos de intriga.

⁴¹⁵ Ratifica-se ainda que esta é uma forma particular de aproximar a narrativa factual, o real cronológico, com a narrativa ficcional, a partir de um encadeamento de fatos narrados que ajudam a dar sentido à transmissão em curso.

⁴¹⁶ E que possa revalidá-las no fórum ao longo da transmissão.

A ficção na abordagem Ninja, enfim, não parece querer enganar o *webespectador*, mas é a constituição da ilusão de uma totalidade, forjada por um ponto de vista ativista bem marcado, que dá a impressão ao leitor de que o (seu) mundo é representado por uma narrativa evenemencial. É preciso fazer, contudo, a ressalva acerca de alguns momentos e passagens em que se estabelece a reflexão sobre um pós-manifestação. Isto é, dadas as resolutivas sobre os intentos que se apresentam nos eventos transmitidos, que caminhos a sociedade deve seguir? Essa é a questão.

Nessas ocasiões, os efeitos parecem então momentaneamente cessar. Não obstante, muitas vezes eles se veem calçados pelos posicionamentos que justificam a estada no acontecimento em curso, o que, nada contraditoriamente, exerce influencia direta sobre a compreensão do que se transmite.

Acerca da patemização, esta também apareceu (e pôde ter sido efetivamente produzida), por exemplo, quando de todo o drama da situação vivenciada, em tempo real, por Karinny Magalhães em 12 de junho⁴¹⁷. Não que o encaixamento de histórias dos outros (como nas entrevistas de Fred Porto) não tenha conseguido afetar a audiência. Mas essas últimas, por maior que seja o potencial, como dissemos no campo ficcional, são da ordem da (re)construção por parte da audiência, ao passo que a intriga vivida pela Ninja é acompanhada no momento mesmo da realização e, na transferência do lugar do internauta para a cena enunciativa, por ele também experimentada e sentida. Ademais, recorreu-se muito à perspectiva patêmica quando se abordou a dimensão visual.

As imagens, quase sempre produzidas na câmera de mão, subjetivam o olhar e, por conseguinte, a própria presença. Mas, para além disso, os Ninjas deram conta de cenas com forte potencial afetivo, que tendem a gerar uma inclinação do espectador a determinados posicionamentos. Na seção específica sobre as imagens, viu-se o registro de movimentos em eventos narrados que são efetivos estímulos à sensibilidade do internauta, sobretudo quando arranjados dentro de uma narrativa sob a qual e na qual são gerados sentidos muito particulares.

Mas é na inter-relação com os sonidos que muitas dessas imagens amplificam o valor e o potencial de afetação. A pujança da emissão clara e próxima de uma vidraça quebrando-se, os gritos em comemoração, as bombas a estourar e os alaridos de dor e desespero, o ruído

⁴¹⁷ Nomeadamente, ou principalmente, em situações de embate de ativistas com policiais, fugas e ações de depredação de patrimônios por parte de adeptos da tática Black Bloc. Ao longo da Copa do Mundo de Futebol, essas ocorrências se deram em Porto Alegre, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Não obstante, houve aquelas em que o porvir caótico era iminente, dadas as condições de contexto, tendo em vista principalmente a ampla marcação militar ou às próprias investidas provocativas dos Ninjas – como foi o caso, sobretudo com Filipe Peçanha. Em uma dessas oportunidades, o desfecho deu-se com o midiativista sendo preso.

dos apitos e cornetas, disputando o capital sonoro com os brados de palavras de ordem no curso das manifestações. Emergência que pode ser só áudio, mas envolve o espectador e contrafaz o real com os significados e as características particulares dele, sobretudo em associação com o visual.

Como exemplo, se falarmos propriamente dos últimos minutos da derradeira *live* da cobertura de Karinny em Belo Horizonte, iremos rememorar uma Ninja que corria da polícia – ainda não se sabia por que –, e depois é abordada, sendo, injustamente, agredida (física e verbalmente) e posteriormente presa. Nesse contexto, há de se considerar que a verossimilhança cinematográfica parece fazer dobrar ainda mais a afetação.

Tem-se a vida que imita a arte que imita a vida. Essa terceira, porém, existia até então apenas no relato, na construção verbal que poderia, de um lado, ganhar o estatuto de verdade em razão da atribuição de saber, ou mesmo ficar apenas no campo ficcional, o do imaginário. Ao final, não é que tudo faça sentido, ou seja, comprovado (ainda que atue como valor de correspondência dupla – de validade para o que foi dito e para o que acontece), mas ajuda a amalgamar uma sensação.

As imagens tremidas – quando não captavam mais o chão do que o que estava à altura dos olhos, os ângulos tomados por detrás de abrigos (postes, paredes, lixeiras), o registro do ponto de vista do manifestante perseguido (ainda que a Ninja o fosse injustamente), são alguns dos elementos pictóricos que ajudam na conformação de um fazer sentir a partir da atribuição de tensão à cena. Esta é amplificada pelo som de coisas quebrando, de gritos, da respiração ofegante de quem foge e leva consigo o *webespectador*.

A dramatização é inerente. O porvir era, desde o primeiro estouro, iminente. Após desvencilhar-se do grupo, Karinny começa a chamar pelos correligionários, por meio da própria transmissão. O desassossego evidenciava-se no texto dela. Ainda que nos baseando em estereótipos, vê-se a chamada de uma mulher, jovem, sozinha (apesar de inserida em um grupo que aos poucos se desmanchava na fuga da polícia), desconhecadora da capital mineira (e das ruas por onde os manifestantes passavam) e parecia claramente perdida. Essa constituição, apesar de dar a ver um perfil de personagem (que guiava a transmissão) frágil, em nenhum momento, porém, vitimizou-se. Ao contrário, demonstrou atitude, em continuar registrando a abordagem que passou nas mãos da polícia, e coragem, ao questionar os militares acerca da conduta tomada naquele momento.

Eis então, novamente, a dupla verossimilhança. Quer seja por uma análise superficial dos papéis de protagonistas no cinema, quer seja pela própria análise de perfil de audiência (ainda que esse levantamento seja intrincado), vê-se mais do que uma identificação do

webespectador com a Ninja, mas uma representação de comportamento idealizado frente à lógica ativista que parece ser a da força menor, mais fraca, mas combatente, relutante. É nesse momento em que a história se torna ilíada, os efeitos de ficção emergem e o *webespectador* é, finalmente, tocado: patemia.

Indaga-se ainda, dentro das perspectivas apontadas, que há uma representação patêmica com o público⁴¹⁸ do Mídia Ninja. Invariavelmente, parece haver em grande medida um alinhamento natural, dados os arquétipos – o posicionamento da repórter como vítima (tanto quanto Filipe Peçanha em 13 de julho, ou a série de ativistas que sofreram com ações militares ao longo das transmissões). Não obstante, há também o engajamento afetivo da audiência, num comportamento reacional, em razão de convenções às quais supostamente estaria ligada. Há, assim, um julgamento de valor que escapa da narrativa em razão de estimas interiorizadas que ligariam o *webespectador* ao Ninja e que vêm à tona quando eventos como esses são disparados.

Vale observar que a construção dos arquétipos normalmente é feita com palavras que grifam a tonalidade patêmica. Nesse contexto, a construção discursiva dos Ninjas tende a levar a audiência à criação de sentimentos frente aos grupos divergentes: compaixão, piedade e até pertencimento aos ativistas, e indignação, desprezo e repulsa ao Estado, materializado nas manifestações quase sempre pela Polícia Militar. Na sequência, a própria adjetivação das ações de cada um desses grupos – ou mesmo a substantivação, sem nenhum tipo de juízo – atuam na condução das sensações possíveis da audiência. O que dizer das inúmeras vezes em que o Mídia Ninja lembrou que diversos jovens foram assassinados pela corporação?

As tópicas patêmicas, a reboque, são sempre marcadas. Do lado de cá, o do coletivo em adesão aos ativistas, a tópica da dor existe em função da ingerência do governo e das ações dos militares. Ainda assim, a alegria prevalece nos manifestos, mesmo que contidos à força pela polícia. Não sem motivos, os Ninjas afinam com os manifestantes e, do contrário, antipatizam-se com os oponentes deles. A tópica da angústia marca a vida daqueles que sofrem, mas se veem serenados pela esperança de que os protestos tenham bons resultados. Isso, entre tantas outras marcações de sentimento, indica uma dicotomia entre os pares que sempre se apresentam nas coberturas.

Inferimos que os Ninjas têm conhecimento, ainda que subconsciente, de tudo isso. Nesse sentido, a dinâmica locutiva e comportamental deles, então, estaria assentada também

⁴¹⁸ Inferimos que boa parte do público do Mídia Ninja esteja em adesão com o contrato comunicativo e seriam tomados por um sentimento de repulsa em razão, por exemplo, das ofensas e agressões pela qual Karinny Magalhães passou em 12 de junho. Não obstante, marca-se a condição heterogênea da audiência do coletivo e, nesse contexto, a presença de pessoas contrárias ao Mídia Ninja e ao que ele representa.

nessa particularidade contratual e, não sem motivos, são feitas apostas emotivas que visam captar atenção e adesão para fins diversos, tais como o endosso argumentativo. A dramaticidade tem uma carga de intencionalidade. Ser preso ou agredido pelos militares não parece ser um objetivo dos repórteres, mas uma consequência natural, logo inferiorizada, perto de algo maior que precede: o comportamento ativista.

A gestão da emoção parece estar, assim, no DNA do Mídia Ninja. A ação pode até ser a última palavra do acrônimo, mas é uma das principais características do coletivo. Cláusula assinalada em contrato que visa, não obstante, o ativismo, a correspondência de comportamento efetivo de participação em protesto e envolvimento com as causas. É, contudo, jornalismo, informação, mediação. É preciso transmitir ao conjunto de *webespectadores* o que se passa em um determinado evento, perspectivas, particularidades, nuances, o que significa estar ali – dado que a presença *web* é extensiva.

Essa prerrogativa parece cunhar uma dinâmica performativa dos Ninjas, num investimento ao fazer-sentir que é a manifestação de uma expressividade e ao mesmo tempo uma calculada estratégia de intervenção nos eventos. Na outra ponta, pode-se servir de captação de audiência para parte do público e, como colocado anteriormente, equivalência ao plano de expectativas dos *webespectadores*.

Enfim, o Mídia Ninja parece fazer valer e elevar uma perspectiva apontada por Charaudeau (2007b, n. p.), ao indicar⁴¹⁹ que o espectador da informação midiática precisa “[...] saber que o sofrimento é realmente vivido por meu outro-eu-mesmo para que eu possa me sentir emocionalmente envolvido”. No caso do midiativismo, essa condição parece fulcral, dado que a relação é selada por diversas investidas, entre as quais um fazer-sentir que alarga os horizontes do evento narrado, ao mesmo tempo em que coloca o *webespectador* em intenso pé de reconhecimento com os sujeitos em destaque na narrativa.

Assim, colocar em questão a performatividade midiática dos Ninjas é evidenciar um comportamento que representa, para além de uma estratégia cênica, uma atitude social – sendo intrincado compreender onde começa o desempenho aparatoso e em que lugar se tem a realidade de ação cotidiana do sujeito, independente de estar com uma câmera na mão. Invariavelmente, o que não parece se perder de vista são as condições de um contrato comunicativo preestabelecido que demanda exatamente essa resultante *mix* – e parece se ver atendida quando se tem informação, a costura narrativa e um fazer-sentir latente que transponha o ausente para a cena narrada.

⁴¹⁹ Observa-se que o autor trata no texto do telespectador diante de reportagens de noticiários televisivos.

É mais ou menos nessa linha que a maioria das transmissões Ninja parecem caminhar. Uma dinâmica da ordem narrativa com pretensos ares de objetividade, mas que é quase sempre dramatizada, quer seja pela locução dos repórteres ou pela imanente expectativa ao porvir ruidoso. Uma localização presentificada, que afastaria qualquer tipo de interpretações outras, mas que é marcada pela emergência arquetípica de conduções que expõem sujeitos e oponentes, posicionando o *webespectador* ao lado do Ninja e sob os ombros⁴²⁰ dos manifestantes.

É a narrativa (encenada) da intriga vista, vivida e experienciada. História encaixada que é compreendida, que traduz o todo e é transportada ao *webespectador* com ares de real. A primeira pessoa do texto é também personagem, que age e sofre ação e, por isso mesmo, está gabaritada a explanar e explicar, ao passo que transfere sensações e emoções, numa sequência pouco organizada, mas muito encadeada por uma série de elementos constituintes. É o *expert* a fazer-saber, a fazer-sentir e a reconstruir socialmente a realidade por meio de uma condução que o coloca como sujeito das narrativas de outrem.

5.4 Dinâmica interacional

A primeira demanda para análise de uma dinâmica interacional, conforme preconiza Marcoccia (2001; 2003; 2004), é a de dispositivo técnico. Acredita-se que na seção específica desta tese tenham sido dados elementos suficientes para a compreensão da função e força discursiva da plataforma em diversos aspectos. Assim, salientamos a recorrência do leitor a esse bloco dissertativo caso haja algum questionamento, de modo que aqui possa ser articulada sequência às aferições do comportamento dos internautas e dos Ninjas.

A partir da metodologia e do exame do dispositivo técnico, chegamos à conclusão de que a plataforma do *Twitcasting* apresenta um gênero híbrido de espaço para discussão de internautas. Todavia, por uma demanda de nomenclatura, chamaremos essa plataforma daqui em diante, tanto quanto possível, de fórum, ainda que ele guarde particularidades com um *chat*.

Escolhemos⁴²¹ como (sub)recorte para exame a transmissão do dia 12 de junho de 2014, no canal Mídia Ninja MG. A opção deu-se por conta das particularidades dessa

⁴²⁰ Em uma alusão (também) ao enquadramento de câmera citado na metodologia desta tese.

⁴²¹ Para manter uma certa unidade na tese, pensamos em empreender a análise da transmissão de 13 de julho, realizada por Filipe Peçanha, dando sequência às observações empreendidas anteriormente. No entanto, ao avaliar-se o número de intervenções no fórum, observa-se mais de 5.300 mensagens neste dia. Acredita-se que a extensão do exame, considerando todas as frentes metodológicas a serem aplicadas, complexificaria por demais

cobertura, considerando o dia de abertura da Copa do Mundo de Futebol, a prisão de Karinnny Magalhães, e um elevado número de mensagens no fórum, em quantidade suficiente para uma apreciação crítica factível e com profundidade.

Dividimos a análise nesta seção em cinco momentos distintos, desconsiderando as mensagens enviadas no fórum do *Twitcasting* no período sem transmissão disponível para consulta (o da marcha até a Praça da Liberdade, mesmo que as missivas dos internautas ainda estejam, elas sim, disponíveis para observação). A saber, então tem-se:

- momento 1: concentração;
- momento 2: chegada à Praça da Liberdade;
- momento 3: conflitos e fuga;
- momento 4: abordagem, agressão e prisão;
- momento 5: final da transmissão.

Vale registrar que o momento 5, ainda que sem transmissão do Mídia Ninja, permitia e registrou uma série de mensagens de internautas no fórum do *Twitcasting*, na conta em que antes era empreendida a transmissão. Por isso, ele é destacado aqui. Para ter-se uma ideia, ele teve 749 mensagens enviadas – quase 30% do total de postagens relacionadas à cobertura.

No total, foram 2.579 mensagens, das quais: 8% veicularam-se no momento 1; 0,4%, em verdade 10 postagens, foram enviadas no momento 2; cerca de 42% na terceira parte; e outros 21% na quarta parte. Ao cruzar com o tempo que cada uma dessas seções teve, percebe-se o grande interesse da audiência no período de conflito e fuga. Foram 1.074 *posts* em pouco mais de trinta e cinco minutos, conforme se observa nas TAB. 14 e 15⁴²² e no GRÁF. 10 a seguir.

a apreciação dos dados, não permitindo resultados mais concretos e assertivos. Inferimos que a decisão fora acertada, uma vez que mesmo com o (sub)recorte escolhido (a transmissão de 12 de junho) houve um grande esforço metodológico para alinhamento das informações, num tratamento prévio dos dados que exigiu muita atenção e paciência, em uma jornada realizada tão-somente pelo autor deste trabalho. Entende-se ainda que não há nenhum prejuízo teórico-metodológico, posto que o que se tem como intento (vide os objetivos da tese) é uma análise da dinâmica e dos processos, o que, com o que segue nessa seção, infere-se ter sido realizado.

⁴²² As tabelas apresentam apenas o tempo gravado e disponível para consulta.

Tabela 14 – Tempo de cada momento da transmissão do dia 12 de junho

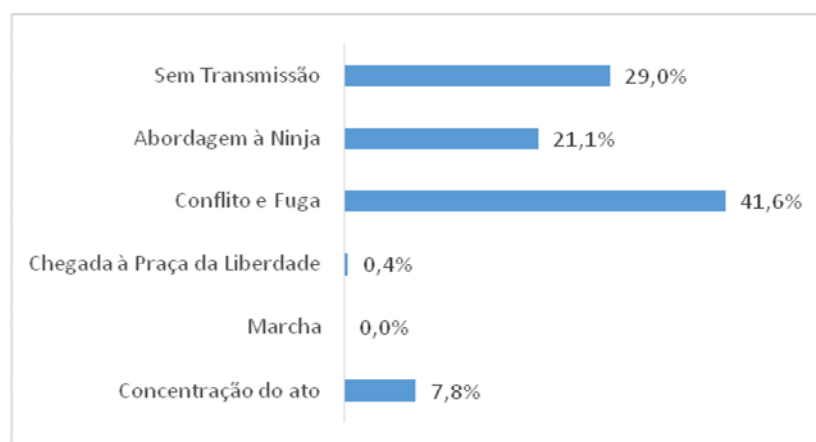
Nº	Momentos	Tempo	%
1	Concentração do ato	01:39:45	68,3%
x	Marcha	00:00:00	0,0%
2	Chegada à Praça da Liberdade	00:05:35	3,8%
3	Conflito e Fuga	00:36:15	24,8%
4	Abordagem à Ninja	00:04:30	3,1%
5	Sem Transmissão	00:00:00	0,0%
Total		02:26:05	0,0%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Tabela 15 – Mensagens de cada momento da transmissão do dia 12 de Junho

Nº	Momentos	Mensagens	%
1	Concentração do ato	201	7,8%
x	Marcha	0	0,0%
2	Chegada à Praça da Liberdade	10	0,4%
3	Conflito e Fuga	1.074	41,6%
4	Abordagem à Ninja	545	21,1%
5	Sem Transmissão	749	29,0%
Total		2579	100,0%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 10 – Mensagens de cada momento da transmissão do dia 12 de Junho

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

O que se tem como destaque é uma participação maior das pessoas no fórum nas situações de grande afetação patêmica. Vale observar que o momento em que Karinny é abordada, totalizando 4 minutos e meio, teve 545 mensagens, o que representa a postagem de (mais de) 2 missivas por segundo, cerca de 121 por minuto. Este dado já ajuda a colocar em xeque a interação dos internautas com os Ninjas, e até, por que não, entre os *webespectadores*, indagando que parece ser complexo dar conta de tantas informações ao mesmo tempo. Assim, esses momentos em especial parecem ser mais comentados aleatoriamente pela audiência do que com qualquer outro intento; diferente, em hipótese inicial, do momento 5 em que, findada a transmissão, os internautas teriam como focar mais na prática interacional. Senão, é importante ver como se deu a troca entre os participantes.

5.4.1 As trocas entre os internautas

A audiência total do Mídia Ninja nessa transmissão foi de 10.977 acessos. Contudo, apenas 1 a cada 26 *webespectadores* enviou mensagens no fórum. Assim, 422 envolveram-se, totalizando menos de 4% de participação. Ao final, tem-se uma média 6,1 mensagens por participante. Porém, como Marcoccia (2004) prevê, há muitos papéis, entre eles os facilitadores (muito ativos na discussão) e os participantes casuais. Entre os primeiros, que compõem o núcleo de envolvimento (e não necessariamente de debates), têm-se um grupo dos dez mais participativos. Ao todo, eles foram responsáveis por 442 postagens, cerca de 17% do total. O índice não parece alto, mas basta observar que eles têm uma média de 44 postagens, contra 6,25 dos outros 412 internautas.

Tabela 16 – Núcleo principal de participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho

Pos.	Internauta	Mensagens
1	André V.	62
2	Raphael R.	53
3	Renan C.	45
4	David T.	45
5	Vitor V.	43
6	Não Vai ter Copa	41
7	Karl Marx	41
8	Wellington C.	39
9	Felipe L.	37
10	Lucas R.	36
Total	10 Pessoas	442

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

O núcleo poderia ser estendido para a participação dos 104 primeiros internautas que compõem este *ranking*, já que eles têm mensagens enviadas acima da média (6,1), contemplando de André V. (com 62) até aqueles com 7 missivas. Assim, poderiam compor três coroas adjacentes: a primeira do 11º ao 25º com mais missivas, 26º ao 50º e 51º ao 104º.

Tabela 17 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 11º ao 25º

Pos.	Internauta	Mensagens
11	Socialista	32
12	IoFIve	32
13	Thays F.	30
14	Edward F.	30
15	Eliana F.	29
16	Lucas L.	26
17	Gleiciano	26
18	Henrique S.	25
19	Fernando C.	25
20	Jean S.	24
21	Rogério B.	23
22	Rayanna F.	22
23	Luiz Le-Fort	22
24	F	21
25	Vlademir S.	20
Total	15 Pessoas	387

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Assim, a TAB. 17 apresenta os 15 internautas seguintes ao núcleo duro de participação. A variação no número de mensagens começa a diminuir e a distância entre cada um estreita-se. Essa primeira coroa é responsável por 387 missivas, o que corresponde a uma média de 25,8 *posts* por internauta desse grupo. Já o segundo perímetro, ampliado para 25 internautas, tem uma variação de apenas seis mensagens entre o 26º internauta e o 50º. Este plantel respondeu por 428 mensagens, totalizando uma média de pouco mais de 17 missivas para cada um. Começa a se perceber um número maior de participantes com uma mesma quantidade de *posts*, na medida em que a abundância de veiculações vai diminuindo.

Tabela 18 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 26º ao 50º

Pos.	Internauta	Mensagens
26	Bruno N.	20
27	Willian R.	19
28	Selevin R.	19
29	Pedro Vaz	19
30	Mateus B.	19
31	Jeffinho S.	19

Pos.	Internauta	Mensagens
32	Janice L.	19
33	Alberto C.	19
34	Adalberto B.	19
35	Acid. Camp.	19
36	Wylliana L.	17
37	Evanderson	17
38	Claudemir C.	17
39	Alex S.	17
40	Zilda D.	16
41	Pedro A.	16
42	Paulo Rod.	16
43	Leprecha	16
44	Kamille D.	16
45	Freddy	16
46	Yusuf	15
47	Natália S.	15
48	An Jdg	15
49	Silas S.	14
50	Rafael T.	14
Total	25 Pessoas	428

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Os 54 participantes que encerram o *ranking*, na periferia mais próxima da área de maior produção de *posts*, produziram 549 mensagens, numa média de pouco mais de 10 mensagens para cada. A variação entre os *webespectadores* diminui consideravelmente e o número de envios em cada faixa se alarga. É aqui que as linhas se cruzam, quando 12 pessoas postaram 7 missivas. A partir daí, tem-se o conjunto de participantes casuais, totalizando 318. Juntos eles enviaram 773 mensagens, numa média de 2,43 para cada. Contudo, a quantidade de *webespectadores* que só enviaram uma missiva foi a maior nesse grupo: 126 pessoas.

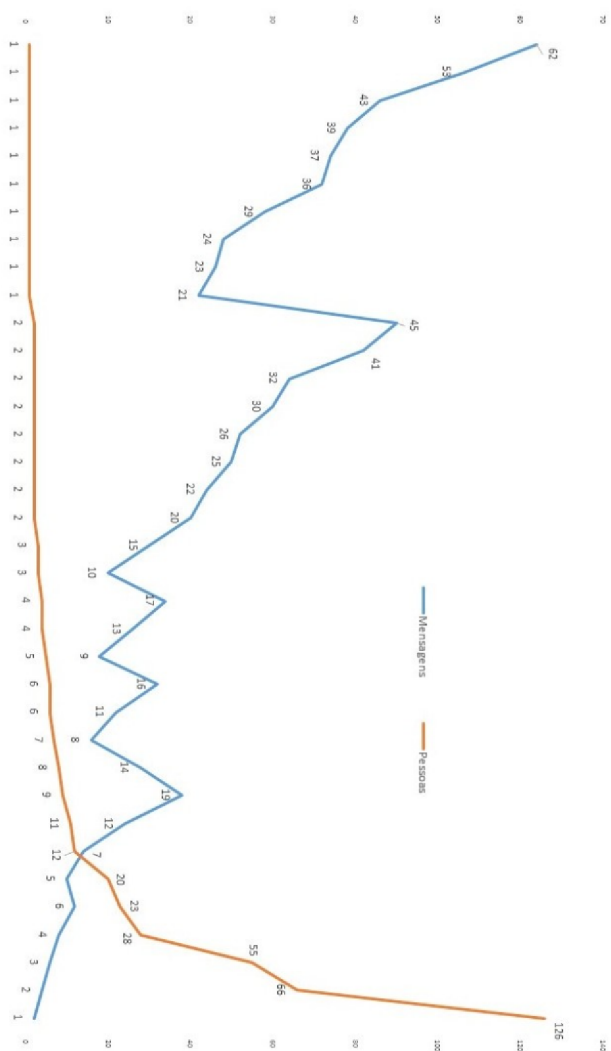
Tabela 19 – Participantes do fórum do Mídia Ninja no dia 12 de junho – 51° ao 104°

Pos.	Internauta	Mensagens
51	Marcelo N.	14
52	Letícia R.	14
53	Júnior M.	14
54	Jorge S.	14
55	Flamer	14
56	Fábio G.	14
57	Rafael M.	13
58	Juliana V.	13
59	Gustavo S.	13
60	Diego A.	13
61	Washes	12
62	Thiago L.	12

Pos.	Internauta	Mensagens
63	Mary C.	12
64	Marcos M.	12
65	Karla O.	12
66	Jeferson F.	12
67	George	12
68	Genário	12
69	Clarissa	12
70	Andy	12
71	Ana Lúcia	12
72	Wellyngton J.	11
73	Victoria R.	11
74	Solimar C.	11
75	Nicolas D.	11
76	Lukas D.	11
77	Gerusa	11
78	Mariana S.	10
79	Kaio Henrique	10
80	Diógenes	10
81	Victor N.	9
82	Rafael L.	9
83	Luiz Fernando	9
84	Carlos S.	9
85	Bule Verde	9
86	Wenderson	8
87	Wallace L.	8
88	Matheus L.	8
89	Maria Ap.	8
90	Luciana S.	8
91	Gabriel Z.	8
92	Andersom	8
93	Vivian M.	7
94	Vitor M.	7
95	Tech Ninja	7
96	Sloth A.	7
97	San	7
98	Russo	7
99	Ronnan	7
100	Maickon	7
101	Luís P.	7
102	Helton S.	7
103	Cassiano	7
104	Ariel	7
Total	54 pessoas	549

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 11 – Variação de internautas participantes e número de mensagens enviadas.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

Tabela 20 – Número de internautas que enviaram até 6 mensagens

Entre 1 e 6 mensagens		
Internautas	Envios	Mensagens
126	1	126
66	2	132
55	3	165
28	4	112
20	5	100
23	6	138
318	Total	773

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Avançando, ao classificar as intervenções do conjunto de internautas como iniciativas ou reativas, percebe-se uma grande desproporção em favor das primeiras. Foram 2.306 mensagens de início, cerca de 90% do total, contra 273 de resposta⁴²³. Tal indicador faz pensar na característica pouco interativa e colaborativa do fórum e na centralização do eu, da performance dos sujeitos na *Internet* a demonstrarem que têm informações a despeito dos outros. Nesse sentido, também poder-se-ia indagar que a grande confluência de missivas (e informação) poderia dispensar, de certo modo, a solicitação. É o que acaba por ser confirmado ao se observar as visadas. Apenas 10% de todas as intervenções⁴²⁴ são para querer saber. Assim, há tão-somente 331 solicitações.

Tabela 21 – Iniciativas x Reativas

Iniciativas x Reativas	Amostra	%
Iniciativas	2306	89,4%
Reativas	273	10,6%
Total	2579	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 12 – Iniciativas x Reativas



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Nesse contexto, é interessante observar que houve 625 visadas informativas, o que poderia levar a crer que todas as demandas foram respondidas. Isso seria incorrer em erro, haja vista que, como já foi apontado, o número de reativas é inferior ao de solicitações. E a questão aguda-se quando se busca a quantidade de visadas informativas nas intervenções reativas: registram-se 127 – ou, 38,4% do total de solicitações.

⁴²³ Incluindo aqui as respostas diretas (claramente identificáveis) às iniciativas (também evidentemente dirigidas) dos Ninjas. Relacionam-se também as reativas do público mesmo quando não houve clara intenção de constituir uma mensagem iniciativa por parte do Ninja – quando o internauta reage a uma informação, qualquer que seja, do midiativista.

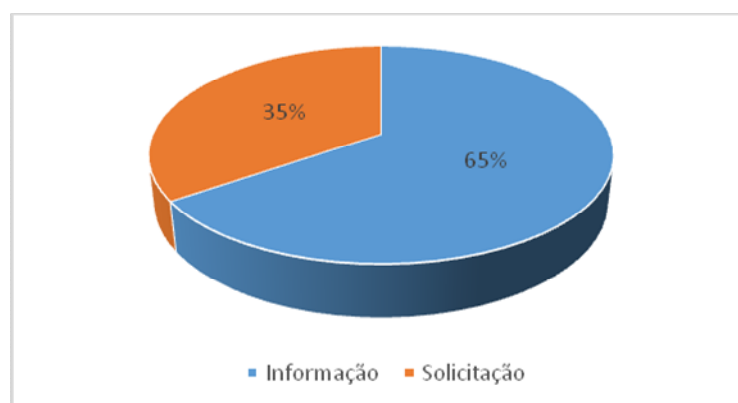
⁴²⁴ Uma mesma intervenção pode corresponder a várias visadas.

Tabela 22 – Informação x Solicitação

Visadas	Amostra
Informação	625
Solicitação	331

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 13 – Informação x Solicitação



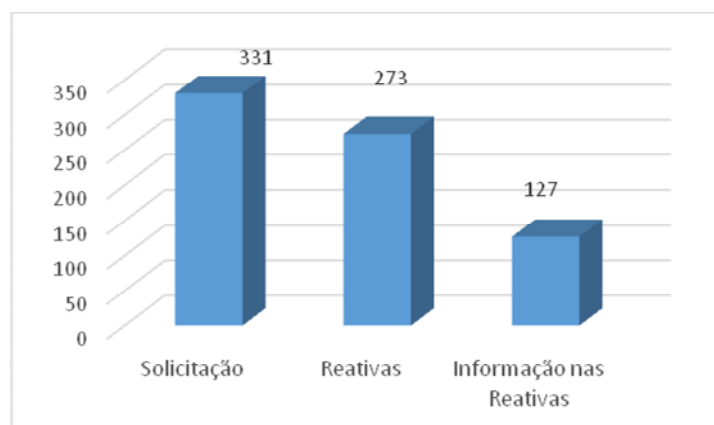
Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Tabela 23 – Solicitação x Reativas

Solicitação x Reativas	Amostra
Solicitação	331
Reativas	273
Informação nas Reativas	127

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

Gráfico 14 – Solicitação x Reativas



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados obtidos no *Twitcasting*.

É por esses dados, ao menos de modo localizado, que se ratifica a ideia de que a interação entre os *webespectadores* não é tão grande como se imaginava e que a colaboração também não se faz tão presente, haja vista que menos da metade das solicitações são efetivamente respondidas. Assim, quando se recorta esse indicador nos cinco momentos destacados anteriormente, percebem-se tênues variações. Na primeira parte da transmissão, por exemplo, em que foi evidenciada a concentração da marcha, o número de reativas (47) foi maior do que o de solicitações (42), indicando que houve mais interação entre os internautas. As respostas, inclusive, compreenderam nesse estágio da cobertura cerca de $\frac{1}{4}$ das missivas.

A parte com o segundo maior número de reativas veio a ser a última (momento 5, com 15% do total em/como *feedbacks*), quando já não havia mais transmissão⁴²⁵. Isso leva a indagar que, apesar das seções da transmissão em que há o registro de um acontecimento de impacto afetar mais a audiência e a participação dela nos fóruns, a interação é menor e, como se indicava anteriormente, a plataforma serve muito mais a outros fins aos *webespectadores*. De outro modo, quanto menos ação na transmissão, mais condições se dá à interação dos *webespectadores* e, a seguir aos afetos evenemenciais, mais propensos os internautas parecem estar para a atuação menos preocupada com os outros – na busca em responder aos porquês do acontecimento de modo particular.

Vale observar que nem sempre as reativas são direcionadas às solicitações. Isto é, muitas vezes os internautas respondem a visadas iniciativas que tinham outros intentos, mas que acabam por agir sobre alguns sujeitos no fórum. Há, nesse sentido, por exemplo, a discordância sobre informações e incitações apresentadas, questionamentos de demonstrações, sequências de ironias, entre outros modos de interação.

Assim, nem só de solicitações e informações se conformaram as mensagens dos *webespectadores*. Bem verdade que essas últimas são, com 19% do total, as que mais foram utilizadas pelos internautas – *vide* TAB. 24. Porém, o conjunto de intenções comunicativas é muito amplo, aparecendo o querer saber apenas em quarto lugar. Há muitos dados interessantes neste indicador e talvez o mais representativo seja a prescrição como o segundo entre os propósitos das missivas.

⁴²⁵ Porém, e invariavelmente, a informação nas reativas é sempre inferior às solicitações.

Tabela 24 – Visadas dos *webespectadores*

Visadas	Aplicação das Visadas	Porcentagem
Informação	625	19,0%
Prescrição	606	18,4%
Incitação	380	11,6%
Solicitação	331	10,1%
Comentário	307	9,3%
Ofensa	257	7,8%
Ironia	163	5,0%
Interjeição	122	3,7%
Palavra de Ordem	107	3,3%
Elogio	93	2,8%
Instrução	61	1,9%
Desejar Votos	51	1,6%
Demonstração	50	1,5%
Concordância	43	1,3%
Marcação de Presença	37	1,1%
Solicitação Retórica	33	1,0%
Agradecimento	12	0,4%
Complementação	5	0,2%
Cumprimento	3	0,1%
Correção	1	0,0%
Total	3287	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

A prescrição é um ato diretivo, em que o EU-*webespectador* manda um TU (que pode ser não apenas outro internauta, ou o Ninja, mas até um participante da cena enunciativa) fazer algo. Parece clara, mais uma vez, a perspectiva egocêntrica do fórum analisado, em que o sujeito infere ter algum direito ou poder sobre os seus iguais na rede, sobre o Ninja e sua transmissão, e até em relação aos militantes, militares e outras personagens que conformam a cena enunciativa. Este não é um dado isolado; ele aconteceu 606 vezes.

Vale lembrar que não se trata de instrução (que é o 11º intento nas visadas). Não se quer orientar sobre o que fazer, mas que se cumpra uma ordem. Ainda sobre a perspectiva do

eu, a incitação é o terceiro propósito mais utilizado – alinhando-se à informação, ora sem muita fundamentação, baseando-se mais na opinião e na tentativa de persuasão.

Há um achado que é curioso: o uso de palavras de ordem. Alguns dos cânticos, comuns de serem ouvidos nas ruas, são repetidos (postados textualmente) pelos internautas no fórum. Encara-se isso como uma visada, com um fim em si mesma. Importante observar que elas ocupam o nono lugar entre as frentes comunicativas. Inferimos que essas teriam como intuito demonstrar (tentativa de) participação do internauta no ato transmitido, no mínimo a adesão dele na recuperação de expressões que são comuns aos grupos de protesto. Por fim, é interessante observar que muitas delas aparecem com a marcação de *hashtag*⁴²⁶:

- a) “DEIXA PASSAR A REVOLTA POPULAR!”;
- b) “Não vai ter Copaaaaaa”;
- c) “#LuteBH #Força #CopaPraQuem”;
- d) “MORTE AOS FASCISTAS”;
- e) “#FifaGoHome”, entre outras.

Complementando, de outra forma, o fórum seria assim certa extensão da transmissão, que, por sua vez, representaria o elo entre o manifestante ausente (*webespectador*) com a manifestação. A ponte, em verdade, dar-se-ia com o Ninja – sujeito acessível ao internauta. De todo modo, a expressão das palavras de ordem pode ter significados especiais para quem as posta, o que é difícil de aferir, mas tanto quanto haja relação com algum momento específico da transmissão mais sentido se faz a aplicação de tais frases. Foi comum ver, por exemplo, a repetição de cânticos pelos *webespectadores* no mesmo momento da cobertura, ou de postagens com relação à resistência dos Black Blocs frente à polícia quando os confrontos foram exibidos.

Outra curiosidade são as marcações de presença no fórum, com mensagens que tem tão-somente essa visada: mostrar que o internauta está acompanhando a transmissão. São missivas sem relevante conteúdo, senão frases que indicam um endosso das ações dos ativistas por meio da manifestação da existência dos internautas não somente como número de audiência, mas como sujeitos que guardam alguma característica. Alguns exemplos:

⁴²⁶ Dada a relação do dispositivo técnico em análise com o *Twitter*. As expressões, acompanhadas do sinal gráfico “#”, tornam-se, então, palavras-chave que se configuram, em outra instância, como um *hiperlink* que aglutina pessoas que visam expressar um mesmo sentido e divulgá-lo em cooperação nesta rede social *on-line*.

- a) “Óia eu aqui”;
- b) “SP com vocês!” ;
- c) “Fora PT, tô com você Ninja”;⁴²⁷
- d) “fala galera”;
- e) “força bh estamos on line em apoio total”.

Essa reflexão parece simples, mas poder-se-ia até estendê-la para o conjunto de postagens no *chat*, a questionar afinal o real valor e intento primário das veiculações de mensagens, senão um dar a ver-se na *web* – mais especificamente em uma plataforma que dialoga com a forma de pensar de um conjunto de sujeitos que querem, enfim, demonstrar essa afinidade (ou, ao contrário, evidenciar que existe resistência reacionária).

Avançando, as solicitações retóricas foram classificadas aqui como visadas e referem-se a comentários que muitas vezes visam estabelecer questionamentos sobre a transmissão (ao evento narrado), ou discussões no fórum, em verdade servindo de expressão modalizada da opinião do internauta. É um recurso relativamente recorrente e, em alguns casos, combinado com outras visadas. A exemplo, ter-se-ia:

- a) “copa pra quem? copa às custas de quem?”;
- b) “PORRA MANO E ESSA DESORGANIZACAO AE PORRA?”;
- c) “Cade os Molotovs? Posers”;
- d) “CADÊ O FIM DA LUZ?”.

Os comentários, que aparecem em quinto lugar, tratam-se de observações pontuais, por vezes até redundantes, sobre a transmissão, evidenciando pontos diversos da cobertura, não configurando intenção além da de relatar algo que já está dado pelas imagens ou pela narração. Expressão do prosaico, que, em certos casos, vem acompanhada de alguma outra visada, parecendo servir de contextualização para a inserção de, por exemplo, uma incitação.

Em seguida vêm as ofensas. Os usuários do fórum muitas vezes se utilizam de palavras de baixo calão para adjetivar personagens da cena enunciativa e até outros nomes que não se relacionam diretamente ao contexto. A polícia, como instituição, já era alvo dos insultos desde o início da transmissão. Contudo, em razão das agressões a Karinny, a corporação conseguiu se consolidar no posto principal dos ultrajes, depois de 151 mensagens

⁴²⁷ Num exemplo de como uma mesma mensagem pode ter mais de uma visada. Nesse caso Palavra de Ordem + Marcação de Presença.

do gênero. Em segundo lugar, mas com grande diferença, aparecem os próprios *webespectadores*; alvejados pelos seus iguais por motivos diversos, que incluem posicionamentos políticos e ideológicos divergentes, até a contradição em relação a mensagens postadas pelos primeiros. Não foi raro a utilização da expressão “burros” para se referir aos internautas. Nomes como Dilma Rousseff, Galvão Bueno e Neymar também são citados, sendo ofendidos aleatoriamente ou em razão de alguma associação com críticas ao governo, à mídia e à seleção brasileira de futebol.

Tabela 25 – Alvos de ofensa no fórum do Mídia Ninja

OFENSAS	AMOSTRA	PORCENTAGEM
Polícia	151	57,2%
<i>Webespectador</i>	40	15,2%
Brasil (País)	10	3,8%
Dilma Rousseff	10	3,8%
Manifestantes	9	3,4%
<i>Rede Globo</i>	6	2,3%
FIFA	5	1,9%
Ninja	5	1,9%
Torcedores	5	1,9%
Galvão Bueno	4	1,5%
Povo	4	1,5%
Black Bloc	3	1,1%
Copa do Mundo	3	1,1%
Manifestantes Partidários	3	1,1%
Capitalismo	1	0,4%
Governo / Políticos	1	0,4%
Neymar	1	0,4%
Outros	3	1,2%
Total	264	100,0%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme Amossy (2011) aponta, a maioria das críticas é mesmo direcionada aos ausentes. Vale fazer um parêntese aqui, então, para tratar da prática do *flame*. Ao contrário do

que particularmente se imaginava, esse comportamento foi menor nesse fórum. E se fala aqui tanto do aprofundamento de polêmicas, quanto na asseveração de ofensas pessoais. Ele existiu sim, mas apenas 142 das 2.579 mensagens, totalizando 5,5% da amostra, tinham esse teor, o que leva a crer novamente em baixa interatividade e pouco aprofundamento nos temas. Vale observar que nem toda ofensa é considerada *flaming*, na medida em que o agravo pode ser direcionado, por exemplo, à polícia, logo em acordo com uma espécie de comportamento previsto por parte dos *webespectadores*.

O *flame* em geral aconteceu com apostas provocativas de alguns internautas que claramente visavam se posicionar em desacordo com o contrato comunicativo do Mídia Ninja e aparentemente intencionavam gerar o desconforto no fórum. Em via comum, porém, eles quase não foram respondidos. Observou-se, entre muitas outras, mensagens como:

- a) “é isso aí, aborda essa piriguete” (em referência a ação da PM frente a Karinny);
- b) “heróis verdadeiros são os militares”;
- c) “a ninja se fudeu. Kkkkkkkkkkkk”;
- d) “Tava tão legal o som da voz dessa donzela qsefodeu”;
- e) “Desce o cacete mesmo”.

Conforme Amossy (2011) preconiza, nem todos os internautas têm afinidades. Aliás, poucos traços de identidade são dados a ver pelos participantes do fórum. Contudo, observamos que há, em geral, uma correspondência ao contrato comunicativo, vista por suaves rastros indiciais. Isto é, a grande maioria dos *webespectadores* (ao menos dos que se envolvem nas discussões) são adeptos da ação ativista (ainda que não sejam efetivamente manifestantes de prática). Contudo, há um considerável grupo que é contra aos protestos e, ainda assim, acompanha a transmissão e palpita. Evidentemente, fala-se aqui daquela amostra que se posiciona no *chat*, desconsiderando todo um universo de internautas que se mantém em silêncio.

Parte daqueles que se posicionam no *chat*, e não correspondem ao filão dos ativistas, incluem-se no grupo principal de incentivadores de polêmicas, sejam elas com teor provocativo/ofensivo ou para fomentar discussões. Destaca-se uma delas a seguir. O internauta Vítor V., o quinto com mais participações no fórum, é um dos incitadores mais ativos, compondo a ala que contraria o contrato comunicativo do Mídia Ninja. Ele chega a ser

chamado, duas vezes (pelo mesmo internauta), de P2, e que estaria ali justamente para “tumultuar as discussões”⁴²⁸.

Em um determinado momento, ele e outro internauta travam uma discussão relacionada ao socialismo – já que este era o *nickname* do segundo. Esta, aliás, foi uma rara passagem em que uma troca atingiu um terceiro movimento de réplica. Contudo, aqui inferimos que haveria espaço para o aprofundamento de um debate sobre a teoria social por parte dos usuários; o que não houve, encerrando em uma recomendação provocativa. De início, ao tratar da possibilidade de queda de energia, foi dito:

Socialista: “VOU APROVEITAR CALOR E LIGAR UM AR BEM POTENTE DAQUI”

Vitor V.: “@osocialista1 É A FAVOR DO SOCIALISMO MAS TEM AR...”

Socialista: “Kkk SOCIALISMO NAO TEM AR????”

Vitor V.: “@osocialista1 NAO ELE DIVIDE COM O OUTRO”

Vitor V.: “@osocialista1 VC TEM AR E EU NÃO”

Socialista: “ISSO NEM NO COMUNISMO É ASSIM. ESTUDE MAIS”

Seguindo, vale observar também que muitas vezes um sujeito/personagem pode ser alvo de ofensa, mas o direcionamento da mensagem não se dá abertamente a ele (como é o caso daqueles que estão totalmente ausentes do plano da transmissão em curso/análise). Assim, é interessante notar a quem os *webespectadores* se dirigem nas mensagens, o que aos poucos ajuda a caminhar a discussão para a análise da interação multimodal.

A partir da TAB. 26, observa-se que a maioria⁴²⁹ das mensagens são enviadas a todos, na composição que une, evidentemente, Ninja e *webespectadores*. Indistintamente, o que parece nesse caso é que o internauta que intervém quer dar a ver a perspectiva (seja ela uma informação, uma solicitação, ou qualquer outra visada) não importando quem a responda – se é que o quer, na medida em que isso não parece uma preocupação.

Estamos inferindo aqui que muitos participantes simplesmente lançam uma mensagem, mesmo em um espaço do qual têm consciência de que é composto – pelo número da audiência (visível não só para o Ninja) e pelas participações no *chat*. Os compartes têm noção da visibilidade que a missiva deles tem naquele contexto. No entanto, talvez por ser uma ágora sem rostos, sem identidades, na qual esses sujeitos também não têm marcas personalísticas que se dão a ver, essa postagem também seja um jogar a opinião numa espécie

⁴²⁸ P2 é uma gíria para policial disfarçado/infiltrado.

⁴²⁹ Uma mensagem pode ter mais de um destinatário.

de vazio. Essa ação, assim, não estaria prevendo⁴³⁰ resposta (a não ser no caso das solicitações), ainda que configure a necessidade de uma pessoa em participar de um espaço de discussão com iguais.

Tabela 26 – Direcionamentos de mensagens na dinâmica interacional

Direcionado à	Amostra	Porcentagem
Todos	1217	45,2%
<i>Webespectadores</i>	769	28,6%
Tu-Participante	339	12,6%
Ninja	265	9,8%
<i>Webespectador</i> Específico	103	3,8%
Total	2693	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Mas, são os destinatários que estão em terceiro lugar que chamam a atenção. Mais de 12% das mensagens são direcionadas a pessoas que não podem respondê-las, ou sequer têm acesso a elas; policiais, manifestantes, ativistas adeptos à tática Black Bloc, entre outros, têm missivas a si enviadas, que dizem respeito, sobretudo, ao que devem fazer durante o evento em curso (prescrição).

Há muito direcionamento a um tu-participante, que evidentemente não escuta, mas é uma ação que revela um envolvimento e a vivência da experiência mediada num quase-estar-lá: “Resistam!”, “Quebrem o ônibus”, “Toca fogo, quebra tudo”, “Formem cordão humano”, “Façam barricadas”. É o que se observa ao verificar a TAB. 27.

Das mensagens direcionadas aos atores da cena enunciativa (excluído o repórter Ninja), cerca de 45%, a grande maioria, têm como intuito prescrever algo a esses. Em segundo lugar, aparecem as ofensas, como já foi visto em maioria aos policiais. E se as injúrias se destacam, talvez seja alento o fato de os *webespectadores* também elogiarem e desejarem votos de sucesso aos participantes da cena enunciativa – em medida inversa, desta feita, os manifestantes em geral estão em destaque nessas.

⁴³⁰ Talvez a expressão mais adequada fosse “se preocupando com”.

Tabela 27 – Visadas no direcionamento ao tu-participante na dinâmica interacional

Direcionado ao Tu-Participante	Amostra	Porcentagem
Prescrição	165	44,2%
Ofensa	81	21,7%
Elogio	47	12,6%
Desejar Votos	34	9,1%
Incitação	16	4,3%
Instrução	13	3,5%
Demonstração	10	2,7%
Informação	7	1,9%
Total	373	100,0%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale registrar que os atos diretivos não são mérito apenas das mensagens enviadas aos participantes da cena enunciativa; aliás, é também de um outro – o Ninja. Mas, isso será visto na seção seguinte. Assim, voltando à TAB. 26, não se pode enganar pelo índice de direcionamento aos *webespectadores* em segundo lugar. Isso porque apenas 70 das 769 mensagens foram enviadas para os demais internautas no período com transmissão⁴³¹. Isso quer dizer que os participantes do fórum mantiveram, após o término da cobertura, um comportamento análogo ao que vinham empreendendo antes, a encaminhar as mensagens sem direção ao certo, condição reforçada pela ausência de formas de direcionar as missivas aos participantes do evento narrado (já que, como dito, não se tinha mais transmissão).

Então, o que se quer afirmar, mais uma vez, agora por estes dados, é que a interação não é tão grande como se imaginava. Há pouca relação direta entre os usuários do fórum e, aparentemente, não há uma preocupação com quem está recebendo a mensagem, dado que ela é lançada a todos aqueles que podem a ler (independente se esses últimos se dão a ver no fórum ou não). Os bisbilhoteiros que podem estar presentes, nesse caso, aparentemente não causam temor aos participantes, talvez em razão da já mencionada identidade preservada.

Sobre os temas tratados pelos internautas no fórum (colocados aqui de forma composta), a maioria das mensagens girou em torno da manifestação em curso, o que demonstra um alinhamento do que é discutido no fórum com o que é exibido na cobertura, já que a vantagem é grande para as outras abordagens. Sobre a transmissão, e aqui se incluem

⁴³¹ Isso é, 699 foram enviadas aos *webespectadores* no Momento 5.

questões sobre a forma dos Ninjas empreenderem o trabalho deles (narração, movimentos de câmera), sinal, resolução de imagem, qualidade do áudio, esta apareceu em segundo lugar.

Tabela 28 – Temas da dinâmica interacional

Temas	Amostra	Porcentagem
Manifestação em Curso	1370	41,3%
Transmissão	511	15,4%
Sociedade	439	13,3%
Copa do Mundo	194	5,8%
<i>Chat</i>	169	5,1%
<i>Links</i> de Transmissão	160	4,8%
Política	121	3,6%
Hackear	79	2,4%
Manifestações	70	2,1%
Manifestação em São Paulo	67	2,0%
Mídia de Massa	56	1,7%
Divulgação	51	1,5%
Economia	10	0,3%
Manifestação no Rio de Janeiro	10	0,3%
Manifestação em Porto Alegre	7	0,2%
Total	3314	100,0%

Fonte: Elaborada pelo autor.

A vantagem é pequena para o terceiro lugar, que se consolidou aqui como sociedade. De forma heterogênea, nesse indicador estão veiculadas temáticas gerais, ligadas muito a comportamentos em comunidade e que não dizem respeito diretamente à manifestação em curso e/ou a categorias com mais repercussão, criadas justamente para demonstrar o alargamento dos motes evidenciados no fórum, tais como a Copa do Mundo de Futebol, política, diferentes protestos pelo país, entre outras.

Outros três macrotemas chamam a atenção: *chat*, *links* de transmissão e hackear. O primeiro poderia ser visto como uma pequena variação do índice transmissão. Mas, em verdade, ele corresponde a mensagens que têm como mote basicamente a interação entre os

internautas, referindo-se como visada, por exemplo⁴³², apenas aos comentários. Assim, por ser um fim em si mesmo, não se considerou que algumas das missivas enquadradas aqui teriam peso para serem veiculadas em outras chancelas, ainda que se fizesse necessário destacar este aspecto.

Links de transmissão correspondem à constante postagem de endereços da *web* de outros midiativistas (e até mesmo de demais canais do Mídia Ninja) que faziam transmissões de manifestações simultaneamente. Aqui é interessante observar que estes, em geral, eram veiculados sem que alguém demandasse; eram, muito em geral, intervenções iniciativas e não reativas. Pode-se considerar o caráter colaborativo, na replicação de informação de interesse dos *webespectadores*, sim. Contudo, tem-se como inferência que esse comportamento também não deixa de demonstrar uma certa *mise en scène de soi*, na ratificação de que o sujeito é detentor de um determinado conhecimento, ganhando certo diferencial/destaque (capital simbólico) no fórum por compartilhar tais dados.

Por fim, hackear foi um mote recorrente, ainda que centralizado em poucos internautas. Havia nesse dia uma espécie de intento ciberativista, de certo ponto romântico, ingênuo. Alguns *webespectadores* acreditavam que seria possível derrubar o *site Globo.com*, em retaliação à rede ao qual está vinculado. Ao mesmo passo, havia a chamada, quase convocatória, para que os participantes do fórum fizessem parte de um novo grupo do *Anonymous*. As mensagens com este caráter foram alojadas na referida chancela.

No entanto, havia ainda no senso comum uma ideia talvez igualmente pueril, mas, estranhamente, mais forte. Dizia-se, em várias partes do Brasil, que poderia haver um grande *black-out* no país no dia e hora da abertura da Copa do Mundo de Futebol. Esse dado talvez nunca entre para a história esportiva e midiática (justamente por não ter se concretizado), mas movimentou consideravelmente o fórum da transmissão.

A ideia era a de que algumas cidades brasileiras (sobretudo as maiores) poderiam ficar sem energia, dada a grande concentração de pessoas em frente aos seus aparelhos televisores, além de outros equipamentos, tais como micro-ondas, que seriam ligados na hora da partida. Não sem motivos, a palavra chuva foi uma das mais utilizadas no fórum neste dia⁴³³. A

⁴³² Vale observar nesse contexto que uma mesma missiva pode ter mais de uma temática.

⁴³³ Em alguns casos foi forçoso enquadrar certas mensagens na categoria de assuntos *hacker*. Entretanto, devido à linha tênue, frases como “Está na hora de tomar o meu banho”, ou “vou ali esquentar a minha comida”, também foram enquadradas no bojo sociedade (já que tratam de comportamentos pessoais dos internautas). É claro que o contexto ajuda na interpretação (e indicam a adesão deles ao projeto ingênuo de *black-out*), mas é mais fácil fazer a definição dessas missivas a partir do aspecto intencional (visada: ironia e informação) do que de fechar verticalmente em uma categoria temática.

esse propósito, a seguir, apresentamos uma nuvem de palavras, sem muito rigor metodológico, com as expressões mais utilizadas pelos internautas no dia 12 de junho.

Figura 135 – Nuvem de palavras do fórum analisado



Fonte: Elaborada pelo autor com base em mensagens no *Twitcasting* com o programa *TagCrowd*

Verificou-se que a palavra que mais se destaca, a mais utilizada entre os usuários do fórum, é: “não”. Este parece ser o símbolo de uma arena discursiva pautada pela discordância, de um posicionamento contra a realização da Copa do Mundo de Futebol (na asseveração do “Não vai ter Copa”), o governo, os partidos políticos, a polícia militar, a determinados comportamentos sociais, entre outros. Além disso, e não só pela nuvem de palavras, tem-se:

- a) muito o uso de palavrões-interjeições (palavras de baixo calão com efeito expressivo, ou mesmo para ofensas);
- b) muitas palavras no imperativo, o que indicaria as principais prescrições – apesar de que, na *Internet*, não se tem um rigor tão grande com a correção gramatical: “filma”, “fala”, “quebra”, “corre”, “ajuda”, “grava”, “liguem”, entre outras.
- c) a demonstração da colaboração no compartilhamento de *links* de transmissão, visível pelas palavras “*link*” e “*tv twitcasting*”;
- d) a tentativa já mencionada de um ciberativismo digital a partir da incitação de que ligar os chuveiros (tomar “banho” “quente” na “hora” do “hino” nacional, ainda que o “estádio” tivesse “gerador”) e outros eletrodomésticos faria a energia cair durante o

- jogo de abertura da Copa do Mundo (fazendo com que as pessoas não pudessem assistir à partida na televisão);
- e) a Copa do Mundo;
 - f) a divulgação de um novo grupo do *Anonymous* por meio da reunião *web* em um *software* chamado *Raidcall*;
 - g) o relacionamento com os repórteres e com o Mídia Ninja;
 - h) terceiros ausentes, ou tu-participantes, sendo citados: como Dilma e a polícia.

Em geral tem-se uma comunicação, como já era de se esperar, que abusa do internetês, na remissão a uma metalinguagem que se põe a serviço do coloquialismo. As mensagens quase sempre têm a marca da pessoalidade, o que denota a característica da centralização do eu e da criação de uma ambiência aproximativa, que parece ser receptiva, mas, nem por isso, amistosa, tampouco calorosa.

Foi comum ver que muitas vezes são dadas informações inverídicas. Assim, parece haver uma quebra de confiabilidade, legitimidade, das mensagens. Paradoxalmente, isso também acaba ocasionando perceber missivas verdadeiras como falsas, ou simples brincadeiras. Nesse contexto, e não só por isso, em certo momento a confluência de mensagens pôde ter sido tão grande que alguns internautas não perceberam que iniciativas (ou até reativas) foram direcionadas a ele.

Há um exemplo, pontual. Em certa altura, um *webespectador* (que não havia aparecido no fórum antes) pergunta apenas: “o que houve?”. Naquele momento o ponto alto das discussões era o fato da energia no estádio Itaquerão ter dado uma pequena falha. No entanto, ainda se conjecturava o que teria acontecido com a repórter Ninja que havia encerrado a transmissão em meio a uma abordagem policial. As respostas ao questionamento então se dividem, em um dos raros momentos em que houve reativas a fatura:

Jonas: “o que houve?”

Helton: “as luzes tão só apagando”

Luiz Le-Fort: “Metade do Itaquerão apagou! Kkkkkkkkkk”

André V.: “prenderam a ninja”

Oswaldo R.: “A ninja foi revistada ao vivo e depois o link caiu”

Há no fórum em questão muita quebra de continuidade na interação. Ratifica-se que se tem um fluxo de comunicação muitas vezes aberto, sem direcionamento das mensagens, o que

de um lado impede ver com clareza o processo das trocas e, ao mesmo tempo, se conclui que a proposta é mesmo a de um intercâmbio sem muita linearidade (qualquer um pode participar e interferir).

Coloca-se aqui como hipótese que os internautas tendem a responder uma iniciativa muitas vezes com um tom de reiniciativa, indireto, e não de reativa. Mais uma vez, a inferência é a da diferenciação, a de destaque do sujeito que posta a mensagem que, mesmo veiculando conteúdo de acordo com alguém que o precede, não quereria demonstrar que a posição de sua missiva é subjacente à desse internauta, mas no mínimo equivalente. É a centralidade do eu mais uma vez em destaque.

Há também um certo *delay*, conforme Marcoccia (2001; 2004) aponta, entre as iniciativas e as reativas. No meio de tantas mensagens, a demora na resposta pode complexificar ainda mais a compreensão. O fluxo comunicativo, às vezes, é mesmo tão intenso que em alguns casos os interlocutores não entendem algumas apostas expressivas, como a ironia, e outros acabam por tomar a postagem como ofensiva, ou até contestável, reagindo a ela. Há um exemplo curioso, que soma parte das observações até aqui. É o que acontece quando um internauta incita jocosamente que a Ninja, com quem boa parte dos internautas estavam preocupados, estaria sentada em um bar, assistindo ao jogo da seleção brasileira, na Avenida Afonso Pena. Contudo, aqui também as abreviações parecem ter confundido um *webespectador*:

Marcelo Augusto: “Ninja ta vendo o jogo aqui na av af pena”

Wellington C.: “PENA É MEUS OVOS”

Inferimos que Wellington compreendeu a mensagem até a abreviação de avenida. Talvez em razão do desconhecimento sobre a principal via da capital mineira, não tenha percebido que Marcelo Augusto havia realizado uma compressão, incorreta, do nome Afonso. O “af”, então, teria sido tomado como a interjeição “aff”⁴³⁴, muito comum no internetês, utilizada largamente pelos jovens também *off-line*, que significa certa insatisfação que, somada a expressão adjetiva “pena” (quando na verdade se trata do sobrenome do ex-governador mineiro⁴³⁵ que batiza o corredor urbano), indicaria o desapontamento com o fato da Ninja não ter sido efetivamente presa, mas sim estar supostamente se divertindo.

⁴³⁴ Numa transformação da interjeição Ave-Maria quase em gíria.

⁴³⁵ Afonso (Augusto Moreira) Pena, sexto presidente da república.

Wellington, que já demonstrava um posicionamento, ao longo da transmissão, com mensagens favoráveis aos midiativistas, responde ao outro *webespectador* com uma postagem provocativa, questionando a ironia de Marcelo (que provavelmente compreendeu) mas demonstrando a confusão dele acerca da construção da missiva que o precedeu. Esta é apenas uma das muitas representações presentes.

Avança-se para outra informação que parece interessante. Fazendo a coesão com a mensagem de Marcelo Augusto, inferimos também que ele se utilizou da abreviação de “avenida” e de “Afonso” em razão do limite de letras para postagem das mensagens, assim como Wellington interpretou a última como internetês em função de nesse espaço do fórum essa prática ser comum. Isso nos leva a pesquisar o uso de *emoticons*, indicado nas leituras de Marcoccia (2001; 2004), como artefato característico do meio e solução para a quantidade reduzida de caracteres.

E, conforme se esperava, eles são utilizados com certa frequência, a auxiliar na expressão de sentimentos e sensações frente às discussões no fórum e diante do que era transmitido. Evidenciam-se aqui alguns deles a seguir:

:D

Sinal gráfico de alegria; um dos mais utilizados, ora logo após a manifestação de gargalhadas (com o kkkkkkkkk, ou uhauhuhua) ou de visadas que desejam votos aos militantes;

O.o

sinal gráfico de espanto; utilizado muito frente às ações da Polícia Militar, principalmente quando da abordagem a Karinny Magalhães. Com a mesma característica que este, aparecem:

:O

:c

'-' (relacionado mais à preocupação);

:/ e :(

sinais gráficos que indicam tristeza, ou insatisfação frente a alguma situação: ausência de “ação” no Rio de Janeiro (conforme demanda um internauta), dispersão dos ativistas em Belo Horizonte, prisão da Ninja, entre outros;

o/

sinal gráfico que representaria alguém com o braço levantado em comemoração. No fórum ele é utilizado em associação a menções sobre os manifestantes nas ruas, numa espécie de adesão do internauta ao movimento;

Além desses sinais são utilizadas expressões americanas, comumente presentes nas postagens dos jovens na *Internet* também no Brasil, tais como o “Lo!” (marcação que significa que quem postou está rindo muito) e “OMG” (abreviação de interjeição que representa *Oh My God*: Ai meu Deus, em tradução literal para o português).

Seguindo para outros dados, alguns internautas repetem a mesma postagem, com citações, duas, três, até quatro vezes ao longo de uma transmissão. É interessante entender o porquê disso. Infere-se que, invariavelmente, o que se tem é uma tentativa de manifestação de presença com uma informação/comentário que se julga intensamente válido para a situação. Contudo, o que estaria em jogo como ponto fulcral não seria o compartilhamento para fins colaborativos e pontualmente reflexivos, mas, mais uma vez, a *mis en scène de soi*.

O internauta Claudemir, por exemplo, repete a expressão: “POLÍTICO = FRALDA: TEM QUE SER TROCADO SEMPRE” ao menos quatro vezes, em momentos distintos ao longo da transmissão. De fato, a frase, atribuída a Eça de Queiroz, que em verdade teria escrito, em “As Farpas”, que: “os políticos e as fraldas devem ser mudados frequentemente e pela mesma razão”, é muito forte e simbólica. Parece, assim, que o internauta quereria ganhar algum capital de imagem com a citação, sem dar crédito ao autor. Entretanto, as postagens do *webespectador* não receberam qualquer reativa.

Tal como Claudemir, outros participantes do fórum tentaram o mesmo com frases ou trechos de canções. Essa estratégia poderia ser vista ainda como a repercussão de um saber mais amplo, comum, de uma espécie de hiperenunciador que precede e ajuda a justificar as discussões em curso e o acontecimento em evidência (MAINGUENEAU, 2008). Há a repetição ainda de frases que aparentemente são pessoais e até de palavras de ordem, desta feita numa constante marcação de presença em um fluxo comunicativo tão grande e rápido que não permitiria que as mensagens fossem vistas com atenção, daí, também, a repetição.

Vale uma última observação, que não se pode comprovar, sobretudo em função da ausência de dados no momento mesmo da transmissão. Ao analisar algumas interações, percebeu-se a ausência de iniciativas a mensagens que foram claramente reativas, o que leva a crer que algumas pessoas parecem apagar os comentários depois de postados. Esse comportamento, infere-se, estaria balizado por uma espécie de espiral do silêncio. De um

lado, alguns participantes do fórum poderiam ter se incomodado com o tipo de resposta que receberam aos seus comentários, avaliando que talvez não tenham se expressado bem. De outro lado, poderiam querer evitar que estes permanecessem *ad æternum*, por motivos quaisquer.

Têm-se, afinal, fios curtos de discussão, com no máximo quatro trocas entre os internautas. Em alguns momentos, pareciam ter intervenções fortes, com potencial para alargadas discussões, mas estas acabam se tornando apenas monologais, em acordo com a previsão metodológica.

Em geral, estes foram os principais achados da interação entre os internautas. Como se viu, fez-se uma análise mais planejada e com recortes de recorrência. Há outros dados particulares, como a associação da realidade concreta (transmitida) com a dos games por parte de alguns *webespectadores*⁴³⁶ e outros comportamentos localizados e bem pessoais (como o participante que reivindica um saber frente ao bacharelado que cursa: Direito), mas não se entrará muito em detalhes, pois o objetivo da tese não é este, mas sim entender como, em geral, a dinâmica do fórum funciona, visando auxiliar em uma caracterização do Mídia Ninja, e não o contrário (o que deve ser fruto de uma pesquisa, pós-doutoral, porvindoura).

5.4.2 As trocas entre o Ninja e os internautas (multimodalidade)

É interessante começar, então, para falar das trocas entre Ninjas e *webespectadores*, por uma das pontas. Em sequência ao que já vinha sendo destacado, observamos um comportamento dos internautas em iniciativas direcionadas aos Ninjas. E o que chama a atenção, logo de início, é que a visada de solicitação aos midiativistas é muito inferior à prescritiva. Assim, os internautas querem mais mandar que Karinny e Fred (sobretudo a primeira) façam algo que lhes convém do que pedir mais informações. Isso não demonstraria necessariamente uma quebra da expectativa do contrato, mas um comportamento muito particular de uma das pontas, que aditiva a relação com exigências extras (ou mesmo lembram daquelas que são de base).

Isso também não quer dizer que as prescrições foram necessariamente cumpridas. Aliás, vale observar que muitos atos diretivos foram enviados no momento do conflito entre policiais e manifestantes, demonstrando o clima de êxtase em que os participantes do *chat* também foram tomados. Muitos internautas diziam para Karinny correr, esconder-se,

⁴³⁶ Nomeadamente *GTA (Grand Theft Auto)* e *BattleField*, marcados pela ação como principal característica.

enfrentar, ficar com os ativistas em fuga, ao passo que um outro contingente de *webespectadores* demandavam dela exatamente o contrário. Havia, em verdade, grande confluência de missivas que, porventura, a Ninja sequer teve a oportunidade de acompanhar devido à emergência de um acontecimento de tamanho impacto e a incerteza do porvir.

Tabela 29 – Iniciativas direcionadas aos Ninjas na dinâmica interacional

Direcionado ao Ninja	Amostra	Porcentagem
Prescrição	196	67,6%
Solicitação	28	9,7%
Ofensa	15	5,2%
Informação	13	4,5%
Instrução	11	3,8%
Demonstração	9	3,1%
Incitação	7	2,4%
Elogio	6	2,1%
Agradecimento	5	1,7%
Total	290	100,0%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vê-se um número relativamente pequeno de solicitações: 28. Vale lembrar, então, que a grande maioria das visadas de querer saber era destinada a quem pudesse ler a mensagem enviada (tanto *webespectadores* quanto o próprio repórter). Percebeu-se, porém, que quando direcionadas apenas aos Ninjas as questões em maioria visavam averiguar quantas pessoas participavam do ato e, no momento mesmo da pergunta, em que local (rua/região/cidade) os midiativistas estavam. Vale um adendo mais abrangente: pode-se afirmar que essas demandas são recorrentes em outras transmissões do Mídia Ninja. Tais dados de contexto são muito requeridos pela audiência em relação aos Ninjas.

Buscando um gancho com o que foi colocado no parágrafo anterior, direcionar ao Ninja não quer dizer que apenas ele possa responder; por vezes, um internauta direciona uma mensagem ao repórter, mas é respondido (criticado, elogiado, ofendido, endossado, etc.) por outro que acompanha não só a transmissão, mas o fluxo comunicativo no arrolamento lateral de inscrições de seus colegas de audiência.

Retomando, as ofensas aparecem em terceiro lugar. Contudo, nenhum insulto foi dirigido diretamente aos Ninjas de forma alocutiva. Assim, normalmente essa visada vem

combinada com outras (quase sempre prescrições), tal como: “Fala o número desses PMs fdp”; “Grava a cara dessa puta”; e, “SAI DAI SAO MARGINAIS OS PM”, entre outros exemplos.

Interessante observar que informação e instrução também são recorrentes na relação *webespectador* x Ninja, o que indica mais uma vez um comportamento de manifestação do eu, na tentativa até de uma inversão dos papéis, situando o repórter como interlocutor – o que significaria uma interdependência inversa: da transmissão ao fórum. Contudo, enquanto as instruções estão em linha muito tênue com a prescrição (“finge que vc mora aew e ta dando um role”; “FILMA ESSA PORRA DIREITO”; “Tenta ficar em um canto mais aberto pq a transmissão ta caindo”, entre outros exemplos) as informações têm uma relação muito orientativa, grandemente em função da situação que Karinny enfrentava (“tem 1600 pessoas com vc!”; “você tem o direito de filmar ele”; “ELE TE OFENDEU! ISSO DÁ PROCESSO”, ou em *feedback* à transmissão: “Ta muito escuro a imagem! :(?”).

E os Ninjas reativam essas intervenções direcionadas? Pouco. Ao menos nessa transmissão. Há algumas particularidades que não podem ser negadas: enquanto Fred Porto teve escassa demanda a ser respondida ao fórum, Karinny estava em uma situação de tensão, em que, ao mesmo tempo em que tentava manter a locução/narração verbal, havia de se preocupar com as imagens e escolher o melhor caminho em meio à fuga dos ativistas frente à ofensiva da polícia.

Além disso, essa parece ser uma característica mais comum de alguns Ninjas frente a outros, conforme já foi relatado em seções anteriores. Certos midiativistas tendem a se relacionar mais com a audiência do que outros. Por fim, não é só com Karinny que a ausência de respostas se dá em meio ao caos. Já havia sido destacado, ainda na seção sobre os atos locutivos, que quanto mais calma é a situação de contexto, mais espaço se tem para o empreendimento alocutivo – seja com entrevistas (o que Fred fez muito nessa cobertura), seja na interação com a audiência.

Foram feitas 14 solicitações a Porto, destas ele respondeu diretamente a três. Duas delas se relacionavam ao número de pessoas presentes na concentração. A terceira, talvez a que mais chame a atenção, vem a reboque de uma possível questão postada por um internauta. No fórum, Rafael T. faz um comentário que revela um “fazer-saber que não se sabe sobre” e não necessariamente uma solicitação. O internauta revela que não está compreendendo o que o entrevistado diz (provavelmente por um problema de fonética do mesmo – já que questiona se o sujeito é mexicano). Nesse contexto, pode referir-se apenas a um “fazer graça” (jocosidade) e não efetivamente um pedido para que se repita o que o entrevistado disse (ou se

explique). Vale observar que é perfeitamente audível o que o entrevistado falou, apesar de pequenos problemas de expressividade, o que demonstra o sarcasmo do internauta com os comentários.

Muito provavelmente Fred tenha entendido tal mensagem como *feedback* da transmissão (problemas de áudio), e tocou a explicar ao *webespectador* o que havia sido colocado pelo entrevistado:

O Hernane é aqui de BH e ele já é mais antigo e ele está aí e ele estava falando que a Feira do Mineirão é uma das feiras mais antigas que tem hoje em Belo Horizonte e que não tiveram condições de estar abrindo um diálogo. A prefeitura não abriu um diálogo para que dessem oportunidade para que eles trabalhassem em outros locais porque nas redondezas do Mineirão os barraqueiros foram retirados e não vão poder trabalhar. E então eles foram mais atingidos aí pela copa em relação a não poder trabalhar de fato, durante este período da copa aqui em Belo Horizonte. Eles estão aqui e eles são da feira dos barraqueiros do Mineirão.

Com Karinny, foram três respostas diretas – arroladas ao número de pessoas que participavam do ato, e outras tantas, incontáveis, relacionadas aos locais por onde estava passando – em que respondia, então, a mais de um internauta/questionamento com tal informação. Em uma situação muito particular, Karinny chega a focalizar uma placa de rua, com o nome das vias por onde estava passando, num dos raros momentos (senão único) em que as imagens serviam de reativa a demandas do fórum⁴³⁷. Já em relação ao primeiro movimento, vale observar as iniciativas e reativas:

Vivian M.: “parem d serem burros tem poucos manifestantes aí” (Fórum)

Karinny: “São cerca de três mil manifestantes na verdade; não tem pouco não”
(Transmissão)

Vivian M.: “Mas aí tem nem 100 direito” (Fórum)

Karinny: “E são sim umas três mil pessoas aqui, a gente já confirmou⁴³⁸” (Transmissão)

Rayanna F.: “Galera tem pouca gente ai, NÃO PODE RECUAR !” (Fórum)

Marcos M.: “Isso tudo é do partido é..Não parece ter 3 mil ai não” (Fórum)

Karinny: “Galera, foram mais de três mil pessoas que foram para as ruas de Belo Horizonte, chegando ali na Praça da Liberdade em frente ao relógio os policiais, a

⁴³⁷ Muito em função, talvez, do desconhecimento de Belo Horizonte por parte de Karinny, que teve dificuldades em pronunciar o nome de ruas da capital mineira, como a Guajajaras.

⁴³⁸ Não informando com quem foi feita essa confirmação e por meio de que método. Invariavelmente, o Mídia Ninja, que já carregaria certa legitimidade, terceiriza essa responsabilidade, provavelmente a alguém (omitido na frase) que teria ainda mais conhecimento do que ele, dando ainda mais valor de verdade a afirmativa.

tropa de choque resolveu fazer uma escolta ao redor do relógio e a polícia reagiu aos manifestantes [...]” (Transmissão)

Em geral, como já fora apontado, esses dois Ninjas – tanto quanto outros –, reivindicam muito um nós, num comportamento que inclui a audiência nas ações empreendidas. Contudo, esse tipo de estratégia de utilização da primeira pessoa do plural é muito comum em outras mídias e contextos, e não configura necessariamente uma atividade interlocutiva. Ao longo da cobertura, viram-se expressões como “para o pessoal que está acompanhando”; há marcas constantes que servem para manter o vínculo ativo entre Ninja e internauta, suscitando o reconhecimento de presença (ainda que indireto) de todos naquele momento. Isso além de suaves estratégias do locutor composto a reger a transmissão: “nós vamos entrevistar”, “nós vamos circular a praça”.

Na interação EU-Ninja x TU-*webespectador* raramente se viu prescrição, ao contrário do que acontece ao inverso. Não obstante, em outras análises da cobertura Ninja, muitas vezes é comum se ver o repórter demandando aos internautas que compartilhem o *link* daquela transmissão (ampliação de audiência), que continuem acompanhando (manutenção de audiência), que curtam e sigam as redes sociais da mídia independente (ampliação de audiência em outros veículos) e de midiativistas parceiros (ampliação de audiência para o segmento midiativista / divulgação maior da cobertura do ato em curso), que procurem saber mais sobre as questões tratadas no ato transmitido (aprofundamento sobre os temas) e que coloquem as mesmas em debate.

Da mesma forma, do Ninja para o *webespectador* nessa transmissão foi incomum a instrução. Contudo, a indicação para que os internautas sigam e acessem o *site* do Mídia Ninja (e de parceiros), comum em outras coberturas, vem na confluência com outras visadas, como a de solicitação e informação, sendo, contudo, indicativa do “para saber é preciso acessar tais plataformas”. A ideia a ser passada é a de que o conhecimento aprofundado sobre determinados temas, para além do que pode ser obtido com a própria transmissão, é adquirido com as ferramentas indicadas.

5.4.2.1 Avanço na multimodalidade e recortes de outras transmissões

Decidiu-se abrir aqui um subtópico⁴³⁹ para evidenciar a multimodalidade em outras transmissões. Não com o rigor metodológico apresentado acima, mas com dados que permitem uma vista mais ampla sobre a dinâmica do Mídia Ninja com os *webespectadores* dele. Aliás, esta subseção evidenciará também algumas outras particularidades dessa relação que nem sempre é harmoniosa entre repórter e audiência.

Ninjas como Branca Schulz, por exemplo, tendem a, como já foi visto, pautar mais a transmissão dela pelas demandas advindas do *chat*. Na cobertura do dia 12 de junho, por exemplo, ela responde seguidamente a intervenções empreendidas no fórum, tanto quanto busca a adesão do *webespectador* a um projeto de cobertura colaborativa. Muitas vezes, a repórter ainda pede à audiência *feedback* acerca da qualidade das *lives*. Assim, a interação com ela se evidencia na narrativa de forma clara, e é muitas vezes proativa no pleito de (re)validação.

Contudo, ela é um pouco mais receptiva do que ativa se comparada, por exemplo, a Vidigal, do Rio de Janeiro. Parte muitas vezes dele o intento de interação direta com a audiência, para além do circuito da narrativa/locução padrão que se espera em uma transmissão como esta(s). Há alguns exemplos dos dois que chamaram a atenção ao longo do recorte desta tese.

Em 13 de julho, Vidigal apoiava Peçanha na cobertura das manifestações no encerramento da Copa do Mundo. Talvez, como já foi apontado, entre os repórteres que fizeram transmissões para o Mídia Ninja no período da Copa, ele seja o que mais responda as questões, problematiza em cima dos pontos levantados pelos internautas e ainda incita posicionamentos dos *webespectadores* com perguntas. Algumas passagens foram interessantes e importantes de serem citadas.

Como exemplo, uma das questões levantadas por Vidigal foi “E aí, pessoal, o que vamos fazer nessa eleição? O que fazer? Em quem votar?”, gerando uma longa discussão no fórum. Isso, sobretudo, em razão da problematização que se seguiu por parte do midiativista, que sugeriu que não votar, como forma de protesto, fosse a solução. As reações foram as mais diversas possíveis, desde aqueles que assumiram uma posição partidária até aos que indicaram uma adesão às ideias do Ninja.

⁴³⁹ Fazemos isso por acreditar que, infelizmente, a transmissão do dia 12 de junho, em Belo Horizonte, nos dá poucos elementos para observar a multimodalidade.

Vidigal problematiza também sobre a Copa: “Fechando com chave de merda”. Segundo ele, em reativa (e não necessariamente resposta; isto é, o Ninja tece um comentário a partir de outro vindo do fórum) a uma missiva dos *webespectadores*, por vários motivos “[...] nós não perdemos a copa dentro de campo. A nossa derrota fora de campo foi muito maior”. O repórter do *Vidblog* evidencia que o placar de 7 a 1 frente à Alemanha é ínfimo perto dos problemas sociais do país e de todas as limitações pelas quais manifestantes passaram ao longo do torneio. O intento parece ser, então, de fazer o trabalho crítico acontecer; em detrimento de dizer “bem feito”, em razão do bate germânico, pensar que essa atitude só reproduz uma unidade simbólica ligada ao esporte no país.

Ainda na linha da interatividade, Vidigal responde à brincadeira de um internauta que teria questionado se ele, em verdade, não seria militar. O repórter responde que não e que, inclusive, estaria à disposição para trabalhos, o que de certa forma demonstra a ausência de vencimentos para a realização do ofício midiativista, e espontaneidade com que esse Ninja responde à audiência, sem embargos: “Polícia não, fi. [risos] Sou barman. Inclusive, barman, garçom, se tiver trabalho tâmo junto aí galera. É só chamar que nos vai. Freelance. Freelance”.

Na linha da prestação de informações, mediante iniciativa (querer saber) vindo do *chat*, Vidigal responde ao internauta Jonatas Leroy que queria saber de Sininho:

Notícias da Sininho, então, ontem eu estava lá na cidade da polícia, no instante em que a Sininho chegou lá na viatura, a gente tinha acabado de encerrar o *link*, mas ela chegou até sorridente, dando tchau, mandando beijos, enfim, até ontem, a notícia que nós tínhamos é que ela estava bem. Ela chegou por volta de 20:00, lá na cidade da polícia e a princípio está lá. A informação que nós temos até o momento é essa.

Enfim, vê-se com o repórter uma variedade de condições por meio das quais se pode (e com ele se pôde) estabelecer a multimodalidade (respostas a um querer saber, solicitações – quase retóricas –, mas que movimentam o fórum – e reativas a outras visadas dos *webespectadores*), e haveria diversos outros exemplos. Vale observar que, enquanto estabelecia discussões que são tangentes ao evento narrado, ele não deixava de transmitir (exibição de imagens) e, quando necessário, narrar e descrever seres e, principalmente, ações no local em que estava (Praça Sáenz Peña). Acontece que, em função da ausência de movimentos novos e/ou de interesse (atitudes da polícia ou dos manifestantes), sobrava-lhe tempo e condições para empreender tais interlocuções.

Com Cláudia Schulz, há em 15 de junho, na cobertura dos manifestos em Porto Alegre, um momento interessante da transmissão: o trabalho da Ninja é questionado no *chat*.

Para além da discussão sobre interatividade aqui, o fragmento valeu ainda tanto para a análise do dispositivo técnico, quanto para a definição de interlocutores, bem como para a análise de validação. Uma pessoa, de *nickname* Alexandre, pergunta no fórum “quem paga por toda essa transmissão”. Cláudia, então, numa tentativa, aparente, de amenizar, responde acerca do suporte e do trabalho colaborativo:

A gente tá transmitindo por um aplicativo que se chama Twitcasting, e qualquer pessoa pode baixar ele. É um aplicativo gratuito. E aí só basta ter uma conta no Twitter. No caso o nosso é Mídia Ninja RS, e também a gente está fazendo uma cobertura colaborativa aqui em Porto Alegre [...]

No entanto, o internauta insiste, e quer saber sobre quem paga pelo Plano de Dados e se “essas pessoas [os Ninjas] não trabalham”. Percebe-se uma investida de *flaming*, e Schulz, então, é mais enfática na segunda resposta:

O plano de dados é pago pelas pessoas que têm acesso ao celular. No caso, eu mesmo pago o meu plano e também sou voluntária pra estar fazendo essa cobertura [...] Lá no quadro da minha internet quem paga sou eu, sou voluntária na cobertura, integrada e colaborativa. Mas isso é um problema? Eu mesma pagar a minha própria internet? Eu não vejo como problema, eu vejo como colaboração.

A possível problematização que o internauta talvez quisesse levantar, ainda que o que se tenha visto fora uma tentativa de provocação à repórter, é suprimida pelas reprimendas, também em tom retórico, que avançam no fórum. Enquanto Gustavo Roesse questiona se o colega de *chat* quer patrocinar a (Mídia) Ninja, Ian de Souza pergunta: “Tu não trabalha não, Alexandre? O que está fazendo aqui?” Porém, a atitude de Branca é abalizada por outros *webspectadores*. Um deles, Dan Miotto, indica a quantidade de pessoas que estão no fórum apenas para desestabilizar as discussões, em geral com provocações. A sugestão dele é que ela não fique nervosa e que, como prognóstico, foque na transmissão em detrimento do *chat*: “Ninja aqui ta cheio de troll... fica sussa, nem le os comentários!”

Invariavelmente, pelo que se pode perceber, o comportamento da Ninja não se altera, ao menos de forma explícita, e não há qualquer indicador na transmissão que permita dizer o contrário. Além disso, e conforme já foi indicado, a repórter é mais passiva; isto é, espera que as questões venham do fórum para respondê-las, e não se envolve tanto nas discussões dos internautas, mantendo, em geral, uma postura reativa tão-somente ao querer saber. Da mesma forma, muito pouco das investidas dela (senão aquelas que visam verificar como está a qualidade da transmissão) visam provocar alguma reação no *chat*, senão pela própria naturalidade do processo narrativo que constrói ao longo das transmissões. Contudo, é

fundamental citar a postura atenta ao que corre no *chat*, num zelo quase singular entre os Ninjas ao que expressam os seguidores.

Poderiam ser citados exemplos ainda de outros Ninjas, como Gian e Peçanha⁴⁴⁰, que também são um tanto interativos. Outros poucos viriam de Alex Demian⁴⁴¹, dado o comportamento menos alocutivo dele com os *webespectadores*. Contudo, não se pode dizer que ele, Fred ou Karinny não ajam com base nas demandas da audiência. Eles têm características pessoais diferentes, tanto quanto cada um dos integrantes do coletivo, que são condicionadas (impulsionadas ou retraídas) por situações de contexto particulares, mas que parecem guiar suas coberturas edificando-se no plano de expectativas, ou em uma pré-validação conformada com o contrato de comunicação do Mídia Ninja, que determinam, afinal, toda a forma de agir.

Faz-se um adendo importante aqui. Na seção em que se tratou de argumentação, inferimos acerca do *feedback* possível da audiência em relação às proposições de mundo colocadas por Filipe Peçanha. É interessante perceber que, na transmissão de 13 de julho, no Rio de Janeiro, assim como na supracitada cobertura de 12 de junho, em Belo Horizonte, o número de participações no *chat* cresce exponencialmente em razão da emergência de um acontecimento de impacto. Ao se observar, por exemplo, o maior vídeo ininterrupto do dia, com mais de três horas de duração, vê-se claramente a diferença na profusão das missivas.

Tabela 30 – Mensagens frente às duas partes da transmissão de 13 de julho

Partes	Tempo	Mensagens ⁴⁴²	Mensagens por minuto
Antes das bombas	02:47:20	1210	7,2
Depois das bombas	00:36:04	837	23,2
Total	03:23:24	2047	10,1

Fonte: Elaborada pelo autor com base em dados do *Twitcasting*.

⁴⁴⁰ Há uma em particular que Filipe Peçanha indica a presença de bisbilhoteiros no Fórum. Foi em 13 de julho, quando ele afirma que: “Então, a gente, hoje vive, realmente, em um estado de vigilância permanente dessas forças de segurança, onde há espionagens em todos os espaços. Com certeza, tem alguém, inclusive, da Polícia Civil, que está acompanhando essa transmissão, da Polícia Militar. Mas, a gente tem, também, a clareza de tudo que a gente está fazendo tem mesmo é que ser feito. A gente não está fazendo nada de errado, pelo contrário”.

⁴⁴¹ Há uma passagem marcante na transmissão de Alex Demian na transmissão da votação do Plano Diretor de São Paulo na Câmara daquele município. O Ninja indica seu posicionamento mais afastado do fórum, ao afirmar que “geralmente eu não comento” e, depois de uma pausa para respirar, segue com uma crítica pesada a um internauta: “mas só pra tirar um dúvida de um espectador que está acompanhando a gente aqui: Cara, ou você tá no canal errado ou é o ano errado por que aqui no plenário não existe direita e esquerda. Existe situação e oposição. E, fim de papo”. O comentário alusivo a essa consideração de Alex, contudo, não estava mais disponível para consulta quando da análise do fórum. Vale, nesse contexto, observar a já mencionada possibilidade de apagamento de comentários por parte de quem o envia, por motivos diversos.

⁴⁴² Interessante observar que no perfil do *Twitcasting*, registram-se 2.225 mensagens postadas no fórum. Contudo, só é possível recuperar 2.047. Isso leva a inferir que mais de 100 missivas foram apagadas entre o dia da transmissão e o da mais recente consulta, em 23 de março de 2016 (o que pode ser também até um problema técnico da plataforma).

O estouro da primeira bomba pela polícia é um marcador evenemencial importante que, por conseguinte, amplia a participação dos *webespectadores* que passam a um dar a ver-se⁴⁴³. Os posicionamentos e as visadas, contudo, são as mais variadas possíveis, tanto quanto se observou na cobertura de Kariny Magalhães. Um dado importante a salientar, contudo, são as considerações da audiência em relação à corporação militar. Antes das detonações, os termos “PM” e “Polícia” faziam parte direta de 7,2% das mensagens. Depois dos estouros, as mesmas palavras foram utilizadas em 18,5% das missivas.

Se for considerado ainda o tempo de transmissão até o efetivo cerco à Praça Sáenz Peña, quando começam, então, as ações da polícia contra os ativistas, as expressões mencionadas no parágrafo anterior são utilizadas então em 5% das missivas, ou em 33 mensagens, ao longo de duas horas e dezesseis minutos de cobertura.

Isso quer dizer que um dos pontos centrais da argumentação de Peçanha em 13 de julho (dado que se trata principalmente das arbitrariedades cometidas pela força policial) é sim colocado em discussão pelos internautas, independente da ação direta da corporação na manifestação, apesar da baixa frequência. Não obstante, esse interesse em falar sobre o tema amplifica-se frente a uma situação em curso. Vê-se a pujança de um acontecimento, aumentando a audiência e gerando o desejo em manifestar-se sobre o que se vê.

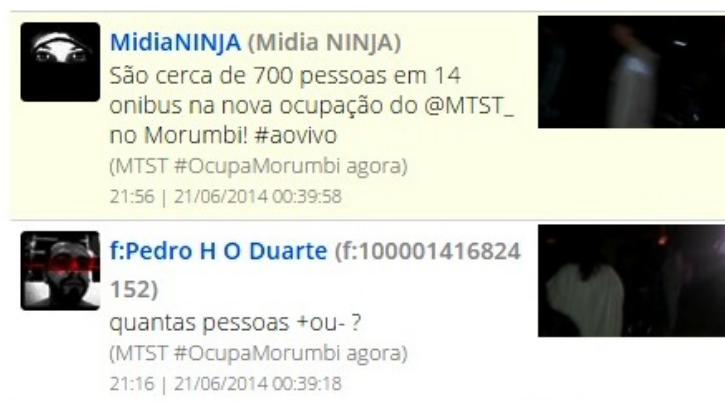
Nesse contexto, como já dito, as expressões são das mais variadas possíveis. Contudo, mais fortemente, há a demonstração de posicionamentos em desfavor da Polícia Militar, muitas vezes com ofensas de todo o tipo, intensificando em outros momentos palavras de ordem ou chavões presentes desde outrora na narrativa de Peçanha. Aqueles que apoiam as atitudes da corporação são vistos como propulsores dos *flames*, quase sempre abusando da ironia. Seguem algumas das veiculações dos *webespectadores*.

- a) “o pobre é massacrado nos morros cariocas pela PM”;
- b) “continuem cantando na cara desses bostas da pm!” (Prescrição aos manifestantes);
- c) “a PM é o ladrão do governo! existe pra defende los.”;
- d) “pm e morto de fome”;
- e) “Manifestantes pacíficos x polícia assassina”;
- f) “Não acabo tem que acabar queremos o fim da PM já!”.

⁴⁴³ Não se pode esquecer do vídeo seguinte, que, com uma hora e meia de duração, teve 2.301 participações no fórum, angariando não só a audiência da *live* anterior, mas impulsionando a participação da audiência sobretudo pelos microacontecimentos que aglutinava nesse tempo: a prisão de uma adolescente, a agressão a um midialivista canadense, as discussões de um policial com Peçanha e a consequente agressão ao Ninja.

Avançando, vale observar que há também participação dos Ninjas no *chat*, com a produção escrita. O que muito embora não se deu na transmissão de 12 de junho, com Fred e Karinny, foi visto em outras coberturas. Está se falando aqui, aliás, especificamente da inserção de mensagens no fórum utilizando-se do perfil que empreende a transmissão. Nesse sentido, cada Ninja pode ter um usuário na plataforma do *Twitcasting* e, inclusive, tecer comentários às *lives* de colegas – como aconteceu, por exemplo, com Porto em outras oportunidades, mostrando-se nas discussões em linha com o usuário Ninja Vermelho.

Figura 136 – Fragmento 1 de postagem do Mídia Ninja no chat



Fonte: Print do fórum da transmissão do Mídia Ninja de 21 de junho de 2014.

Para ficar mais claro, veja-se o exemplo da transmissão de Letícia Pocaia em 21 de junho, no acompanhamento da ocupação de um terreno pelo MTST, em São Paulo (FIG. 136). Durante a transmissão, houve uma série de intervenções no *chat* por parte dos Ninjas⁴⁴⁴. Além das respostas que a midiativista provia na locução dela, alguns retornos se davam também no fórum. Pelas FIG. 137 e 138 é possível observar ainda alguns aspectos técnicos distintivos e estratégias comunicativas do coletivo.

Vê-se que o *post* do Mídia Ninja aparece destacado na linha vertical de comentários na cor amarela, de modo que o mesmo chame a atenção da audiência. Do ponto de vista do conteúdo, é interessante observar que o veículo, aquém da resposta objetiva, compreende dois *links*: um ligado ao MTST, fazendo direcionamento para o perfil do movimento no *Twitter*, e o uso da *hashtag* ao vivo. A lógica do hipertexto funciona como método de circulação da

⁴⁴⁴ Como já foi colocado anteriormente, a inserção no *chat* pode ter sido empreendida tanto pela Ninja (o que não se infere ter sido, dada a movimentação dela na cena enunciativa ao longo da transmissão), quanto por outro colega de coletivo que, com a senha de acesso ao perfil, poderia, por meio de um computador pessoal, fazer as vezes de responsável pelas missivas no fórum.

informação e autorreferência em uma reativa que poderia ser simples e pontual – como na FIG. 137.

Figura 137 – Fragmento 2 de postagem do Mídia Ninja no chat



Fonte: Print do fórum da transmissão do Mídia Ninja de 21 de junho de 2014

Um outro fragmento interessante, aparece na FIG. 138. Na primeira intervenção, o coletivo repete uma informação que já havia dado antes, indicando, inclusive, a quem a reativa era direcionada: *webespectador* Eduardo Souza. O internauta agradece. Um segundo usuário, Jorge Caio, cerca de um minuto a seguir envia uma mensagem expressando graça. Não muito depois há uma nova missiva do Mídia Ninja, desta feita repreendendo alguém que, supostamente, teria feito algum comentário de ordem homofóbica.

A mensagem é direcionada a Breno, que, segundo os registros, não havia postado nada – isto é, provavelmente ele havia apagado o *post* que denunciava uma conduta inadequada. A recriminação por parte do veículo provavelmente causou constrangimento ao internauta, o que ajuda, de forma clara, a perceber que outros *webespectadores* podem fazer o mesmo quando não se sentirem à vontade com a permanência da sua mensagem no fórum, qual seja, do *Twitcasting*/Mídia Ninja.

Figura 138 – Fragmento 3 de postagem do Mídia Ninja no chat



Fonte: Print do fórum da transmissão do Mídia Ninja de 21 de junho de 2014

Partindo para um outro exemplo, no dia 12 de julho, durante a cobertura da prisão de ativistas na cidade do Rio de Janeiro, Vidigal e França dividiam os trabalhos de transmissão. Entretanto, o primeiro cuidava muito mais do operacional em detrimento do segundo, que, na maioria das vezes fazia a frente de câmera, portando, inclusive, um microfone. Já no início da transmissão, o Ninja mais jovem faz uma inserção no *chat*, conforme se vê na FIG. 139.

Como (extenso) parêntese, vale observar que esta, inclusive, foi uma das transmissões com maior interação multimodal durante toda a Copa do Mundo de Futebol, dado que França e Vidigal, em razão do plantão que realizavam em frente à Cidade da Polícia e ausência de novidades, começaram a empreender uma discussão com os *webespectadores* no *chat*. Os temas das trocas não se relacionavam apenas ao evento em curso e os impactos, mas também a questões prosaicas e de interesse pessoal (como o fato do jornalista não ter trazido os óculos dele⁴⁴⁵).

⁴⁴⁵ Carlos várias vezes pediu desculpas e informou aos internautas que esqueceu as lentes em casa, dependendo de outras pessoas para ler para ele – na maioria delas, o próprio Vidigal. Em detrimento da crítica dos *webespectadores* a uma possível falta de preparo do jornalista, há o gracejo. Isso é, no *chat*, muitas pessoas fizeram piada de França. Na mesma medida, o midialivrista leva a situação com descontração. Esse comportamento, em vez de quebrar o contrato, parece o reforçar, no alcance da replicação dos efeitos patêmicos.

Figura 139 – Fragmento 4 de postagem do Mídia Ninja no chat



Fonte: Print do fórum da transmissão do Mídia Ninja de 12 de julho de 2014

Ao longo da transmissão, inclusive, houve a interação dos dois com os internautas para saber como estava a qualidade de imagem e áudio. Os Ninjas pediam, sempre que uma *live* era reiniciada, para que a audiência desse retorno sobre a impressão que tinham da cobertura, nesse sentido. Mais ao final da cobertura (a partir da metade da última *live*), vê-se um França ainda mais interativo com a audiência, muito a reboque de um comportamento análogo de Vidigal – o principal articulador dessa troca mútua, ativa e efetiva, com os *webespectadores* –, respondendo perguntas sobre quem foi preso, quais ativistas foram liberados, os motivos das prisões, entre outros dados, mas, principalmente, com brincadeiras e ironias acerca da Copa do Mundo de Futebol, e na crítica à atuação do Estado e da Polícia Militar na condução das ações contra os manifestantes.

França chega a mandar um beijo à parte das mulheres que acompanham a transmissão, e um abraço aos homens: “Beijo no coração da Ragmar e de todos que estão aí nos acompanhando. Todos são guerreiros. Todos compartilham de um mesmo sentimento. Por isso que eu amo vocês todos.”

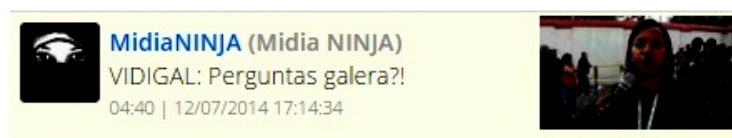
A interação chega ao ápice quando os Ninjas informam que, simultaneamente, acontecia um ato no bairro da Lapa; em verdade, uma plenária unificada, com a presença de diversos movimentos sociais e ativistas, que tinham como intuito discutir a situação dos encarcerados nesse dia, considerados presos políticos. Em detrimento de, imediatamente,

tomar uma atitude, França questiona aos *webespectadores* o que eles achavam melhor: ficar onde estavam (à espera da saída de outros ativistas, ou da chegada de Sininho) ou ir até ao bairro que fica a 10 quilômetros do local (podendo, inclusive, retornar à Cidade da Polícia depois).

Percebe-se aqui, por meio do discurso de França e da resposta dos *webespectadores*, que não se trata apenas da manutenção dos Ninjas no local, mas de uma espécie de materialização da audiência que não apenas diz onde quer ficar/estar, ou para aonde quer ir, mas que passa a existir na medida em que se mostra, a influenciar mais direta e claramente nas decisões que são tomadas. No entanto, como as opiniões se dividem, os repórteres decidem ficar na porta da Cidade da Polícia por mais 10 minutos, ao que, encerrado esse tempo, informam que iriam até à plenária e de lá retomariam a transmissão.

Fechando o já anunciado dilatado parêntese, retoma-se a análise da manifestação textual dos Ninjas no *chat*. Observa-se, no caso em análise, claramente que quem estava responsável pelas postagens no fórum era um (parceiro) Ninja em campo, que, aliás, tem uma característica muito particular na inter-relação com a audiência, conforme já se apontou. Vale advertir o uso do fórum como mais uma estratégia de visibilidade⁴⁴⁶ de relacionamento com a audiência. Trata-se, como se vê, não apenas da função reativa como suporte aos questionamentos, ou de inserção a partir de alguma provocação específica, mas iniciativa com efeitos (intenção) de marcação de presença e movimentação interlocutiva. Num segundo momento, por exemplo, o midiativista iria questionar aos *webespectadores* se eles tinham perguntas a fazer: querer saber se há querer saber.

Figura 140 – Fragmento 5 de postagem do Mídia Ninja no chat



Fonte: Print do fórum da transmissão do Mídia Ninja de 12 de julho de 2014

⁴⁴⁶ Um dia depois, durante a cobertura dos atos alusivos ao encerramento da Copa do Mundo de Futebol, ao assumir o lugar de Peçanha na transmissão, ele faria dois *posts* no fórum. No primeiro deles, indica: “Vidigal ao vivo na Mídia Ninja”. No segundo, registra que em instantes estaria em outro canal, o Mídia Ninja RJ, visando registrar a produção de modo a captar parte da audiência cativa ao perfil principal do coletivo para um outro (aquele que era e continuaria sendo conduzido por ele).

5.4.3 Algumas considerações finais

Ratificamos que toda essa dinâmica, na transmissão, se vê fundamentada no discurso verbal. As imagens são utilizadas para os fins de resposta aos internautas ancoradas nos textos dos Ninjas, mas quase sempre em uma amalgama em que se destaca o direcionamento oral. Nesse sentido, ao contrário do que poderia se esperar, o pictórico tem valor importante, mas é somado aos indicativos da fala que se compreende a sua função nesse caso específico.

Vale novamente observar que a dinâmica dos acontecimentos narrados influencia muito também o comportamento da audiência. Por vezes parece difícil até para o *webespectador* fazer comentário no momento mesmo da cena transmitida, devido à velocidade das ações em dadas circunstâncias.

Assim, a fragmentação temática que Marcoccia (2001; 2004) salienta, e se vê também no fórum em análise, é fruto, inferimos, em primeiro lugar, da sequência narrativa da transmissão que justifica a existência da criação da rede social efêmera⁴⁴⁷. Nesse sentido, seja ela intencionalmente (deliberadamente) conduzida de uma determinada forma pelo Ninja, ou mais pelos comportamentos decorrentes da (de uma) emergência evenemencial, o Ninja acaba por se tornar uma espécie de moderador indireto das discussões na plataforma.

Está se falando aqui não propriamente de ajuizamentos (na avaliação do que é permitido ou não), mas de gestão de coerência. Isso é, percebe-se que há sempre uma discussão que atravessa o fórum (e é prévia à transmissão) e outra, paulatina, linear, reativa aos movimentos da cobertura, no enviar de mensagens, com visadas diversas, alusivas ao que é exibido naquele momento mesmo. Assim, não se pode negar que há um processo autogerido pelos internautas, mas que ele é fortemente influenciado pela transmissão, já que só parece existir em função dela, e perde um pouco de sentido quando essa termina – ainda que o fórum permita que o leitor desta tese faça qualquer comentário, agora mesmo, em uma discussão em linha do Mídia Ninja do dia 12 de junho de 2014. Mas, qual seria a razão?

E por que participar do fórum no momento mesmo de uma difusão *real time* midiativista? Vale ratificar, então, que é a cobertura do Mídia Ninja que motiva o acesso ao *site* em que está sendo exibida a *live*, e não o contrário. Neste, há disponível um fórum, do qual o *webespectador* pode participar ou não. O envolvimento dele depende do intento (convertido em visada) e da forma como se sente estimulado.

⁴⁴⁷ Aquela que se edifica em torno da transmissão.

Por fim, então, lança-se uma proposição: as missivas, veiculadas no fórum, que tratam do que é exibido e narrado pelo Ninja, são obrigatoriamente, ou indistintamente, reativas, já que se veem implicadas por algo que as precede, ainda que em quase simultaneidade. Não se fala aqui do fórum como um todo, já que ali são evidenciados motes que escapam da cobertura, ainda que em maioria mantenha um forte alinhamento macrotemático. Contudo, invariavelmente se demonstra uma dependência do primeiro com o segundo, na medida em que o tempo de existência da transmissão é o que daria razão a existência das discussões – ainda que essas se prolonguem, por um tempo não muito amplo, pós-encerramento.

Quando da transmissão + fórum de discussões, poder-se-ia compreender que o efeito de real é reforçado nessa adição, na medida em que há conversas em tempo real frente ao *real time* da transmissão – dupla camada sobreposta ao ritmo da narrativa evenemencial. A terceira camada de agenciamento de realidade dar-se-ia quando o Ninja estabelece diálogo com os internautas que acompanham a transmissão, numa perspectiva não apenas monologal, mas de troca (com a possibilidade de quem acompanha questionar, criticar, elogiar ou arguir o repórter com uma mensagem no bate-papo, tendo ainda a condição de resposta da outra parte).

A dinâmica das trocas dos internautas, então, pode até interferir no tipo de construção empreendida pelo midiativista, assim como na compreensão dos fatos por parte de quem acompanha a cobertura – e essa é uma questão especial. Contudo, percebe-se que em certa medida o fórum empreende um jogo de forças com a transmissão. Estabelecem-se, assim, formas paralelas de narrar que podem dialogar ou estabelecer uma tensão com o produto audiovisual Ninja.

A complexificação da narrativa dá-se, reconhece-se, por diversos motivos, tais como a utópica proposta de um começo-meio-fim. A teia amalgamaria ainda a lógica do hipertexto, a sobreposição e convivência de contratos estabelecidos, as variadas formas de condução do repórter, a orientação ideológica dos internautas, a multiplicidade de sentidos dos fatos (o agenciamento de diversas vozes e intentos nas manifestações) e a própria sequencialização dos fatos frente ao ideal perdido supracitado.

O significado dado ao mundo por um sujeito é consequência da relação social que ele estabelece (BLUMER, 1969); ao dizer isso, não se indica que tal asserção porventura signifique tão-somente a efetiva troca interacional, direta, entre dois sujeitos. Percebe-se que mesmo não efetivamente participando do *chat*, os internautas têm acesso a um tipo de narrativa específica dos acontecimentos sociais, sobretudo as manifestações que, em

detrimento do olhar verticalizado dos *media*, propõe certa horizontalidade em uma cobertura posicionada ao lado dos ativistas.

No entanto, o dispositivo técnico do *Twitcasting*, reterritorializado pelas transmissões do Mídia Ninja, oferta ainda um espaço em que o ponto de vista do sujeito comum é levado a cabo. Ainda que ele não seja repercutido pelo Ninja na transmissão, o comentário compõe invariavelmente a leitura híbrida da cobertura, porque ela só pode ser feita (lida), em tempo real⁴⁴⁸, na plataforma em análise. Logo, ainda que uma mensagem não interfira diretamente em nada na condução do midiativista e não gere nenhum efeito em qualquer *webespectador*, ela não pode ser desprezada. Ela é um dado de composição da matéria que não se tem como mensurar o efetivo potencial – e, invariavelmente, é um componente.

Ratifica-se que poucos elementos de revalidação na transmissão⁴⁴⁹ dos Ninjas são dados a ver claramente. Há reativas, explicações, ações interativas, mas não se percebem mudanças efetivas de comportamento nos repórteres em função de demandas ou críticas do fórum. Isso porque, seja constatando no recorte de análise, seja no voo *flâneur* empreendido, vemos que o fórum é composto majoritariamente por aqueles que compõem o grupo de pessoas que assinaram o contrato previamente com o Mídia Ninja. Acredita-se que, em geral, os Ninjas, assim, partem do princípio de que há uma pré-validação forte e que os comportamentos deles estão finamente alinhados a uma proposta midiativista. Nesse sentido, só deveriam se atentar às críticas do bate-papo que os fizessem rememorar as cláusulas.

O problema é quando o repórter não dá a devida atenção à ferramenta, talvez não de propósito, mas por puro desligamento – inferindo que este ocorra pela confiança mencionada no parágrafo anterior. Isso aconteceu, por exemplo, em Belo Horizonte com Dênis Nacif, quando o Ninja, mesmo alertado pela audiência de que não deveria registrar uma assembleia de manifestantes, sobretudo focalizando as faces deles, continuou com esse procedimento, gerando grande insatisfação nos *webespectadores*.

Contudo, não há como verificar com precisão até que ponto um midiativista (ou o conjunto deles) tenha (ou não) pautado variações de comportamento em função do fórum. Isso cabe, evidentemente, a uma análise mais ampla e refinada, focada especificamente neste fim, avaliando a inter-relação *pari passu* postagens-transmissões, observando as pequenas alternâncias de locução, narração, argumentação, enquadramentos, entre outras – o que não é intento desta tese, senão na caracterização de um processo.

⁴⁴⁸ Na medida em que ela poderia ser gravada e postada em alguma outra ferramenta, como o *Youtube*.

⁴⁴⁹ Em outras palavras, o que chamamos na metodologia de respostas de contexto.

Ainda assim, reforça-se que cada comentário do fórum, inter-relacionado com outro ou não⁴⁵⁰, tem um valor específico e pode afetar um conjunto de *webespectadores*, e até o próprio Ninja, de formas regidas ou indiretas, conformando o modo de ver o mundo. Vale a ressalva, assim, de que não existiria nenhum comentário trivial, todo ponto de vista é extraordinário, sobretudo para si (logo que seu), pois é único – aliás, o vulgar/ordinário aqui se refere à ausência de credenciais de uma determinada pessoa que promoveriam ela a um lugar de fonte nos veículos de massa. O que o fórum faz, então, é ampliar a perspectiva de horizontalidade que se tem como ideário na transmissão. Não é que qualquer um possa participar, todos podem participar (democracia).

Também por isso não se pode deixar de destacar o que Marcoccia salientava sobre a oportunização de participação no debate político do país. Seja na França ou no Brasil, ainda que constituam opiniões, muitas delas, sem fundamentação (demonstrando o valor do saber de experiência) e outras tantas balizadas pelo comportamento jocoso, o fórum representa um mecanismo de expressão de opinião atrelado a algo de característica glocal. Isto é, há temas agenciados pela transmissão em curso, mas não se esquece de que ela se relaciona com questões mais amplas e que afetam, senão parte do globo, o Brasil em geral.

O dado preciso, por fim, é o de que o fórum representa uma forma de dar a ver-se que tem duas frentes. A primeira, ligada propriamente a gênese dessa ideia, que representa o grito de “eu existo”, de não ser apenas um ponto da audiência, mas uma peça que se destaca, por algum motivo específico. A segunda representa o fazer parte, de forma efetiva, de contribuição com a narrativa que se amplia, não só metaforicamente, como uma extensão do ato narrado, já que encontra como materialização desta voz ausente um ser que atua como elo: o Ninja.

“Logo essa gavinha deve me representar”; é o que parece pensar o *webespectador* que, ao menos na transmissão em curso, interpela os Ninjas (muito) mais para direcioná-los do que para arguí-los. Na mesma medida, “já que tenho espaço para me expressar, vou dar a ver o que eu penso e o que eu sei”: eu, o *webespectador*, que sou a razão da existência desse espaço (fórum) em que sou eu o locutor, em uma ágora sem inscrições prévias, em que se não há competição, há pelo menos outros que querem o mesmo que eu.

Eu; parece esta ser uma das palavras-chave do fórum em análise, em detrimento da interação aguardada. Isso não configura uma crítica comajuizamento de valores, mas um

⁴⁵⁰ Não há como avaliar de que forma tudo não é uma constante reativa ao discurso que sempre precede (para fazer valer as palavras de Maingueneau), inseridos no eterno *continuum* que já apontávamos na metodologia (para lembrar de Mead). Assim, as interações sempre respondem e se influenciam, ainda que não encontremos marcas muito claras. Todas elas dizem respeito também a um evento em curso.

achado que pode ser visto de várias formas. Preferimos ficar com aquela de que este é um dado localizado e pode não representar efetivamente a totalidade de *chats* do Mídia Ninja – o que se coloca como possibilidade de estudo posterior. De todo modo, assumimos a hipótese de que esse comportamento é fruto de uma evidente falta de espaços para discussão e de um comportamento púbere da sociedade brasileira que antes de conseguir estabelecer diálogo tende a mostrar que existe, correndo o risco de se lambuzar com a democracia em detrimento de fazê-la valer de modo pleno e dando oportunidade de capacitação crítica.

No entanto, pode-se observar, desde já, que, por meio da construção de uma narrativa paralela à da mídia corporativa de massa, os midiativistas vêm realizando um papel de posicionamento ao lado de setores da sociedade que tem menos espaço para projeção argumentativa, oportunizando condições para que os pontos de vista destes possam repercutir. Não obstante, o choque das ideias propagadas pelo canal do Mídia Ninja só surtirá o efeito positivo (de geração de conhecimento e questionamento), quando utilizado de forma responsiva e responsável pelo *webespectador* – isto é, de modo ativo e consciente. E, observe-se que já falávamos disso quando da construção do conceito de midiativismo. Se é interessante reforçar, ratificamos que esse processo parece ser possível, então, por meio do tensionamento respeitoso, em certa medida colaborativo, que leve em conta a importância do embate, mas que este não se converta em combate (como visto em algumas seções do fórum). Para que haja aprendizagem – crescimento, desenvolvimento –, é necessário também a abertura para a negociação.

Assim, tanto quanto possível, os sujeitos deveriam procurar o caminho do contraditório, da abertura para ouvir posicionamentos diferentes dos deles, mas ao mesmo tempo testar os próprios argumentos nas ágoras disponíveis na sociedade. Entre tantos caminhos possíveis, compreende-se que o Mídia Ninja (e outros canais midialivristas), nas transmissões dele, seja uma plataforma nada aristocrática para esse empreendimento.

Se se pensar, então, em como a existência de um fórum, paralelo à transmissão dos midiativistas, ajuda a determinar que lugar o coletivo assume no regime midiático brasileiro, poder-se-ia dizer que ele tem características dispositivo – influenciando diretamente no modo de fazer dos Ninjas e na leitura dos *webespectadores*, num construir a várias mãos, colaborativo e não necessariamente cooperativo (uma vez que as instâncias podem se contradizer, entrar em choque), multiplicando em muito o campo dos efeitos possíveis, das leituras presumíveis e dos sentidos extraíveis.

Mais uma vez, a apreciação escapa ao juízo de valor, mas é impossível não apreciar tal plataforma (a do *Twitcasting* reterritorializada pelo Mídia Ninja) como um empreendimento

relevante, que aglutina pessoas como nenhuma outra mídia independente na *web* no Brasil no período em análise, e permite a cada uma delas inserir nessa narrativa híbrida não apenas a própria opinião, mas a si mesmo – ou a parte do sujeito que o qual quer dar a ver (sem que isso represente efetivamente colocar a própria identidade em jogo).

O fórum alarga a transmissão ainda para fora da janela do navegador, ao menos para a abertura de novas abas: principalmente no acesso a *links* que são postados e evidenciam outras transmissões em curso, ou até no ingresso a motores de busca a pesquisar sobre temas e (in)verdades que muitas vezes são veiculados durante as discussões, gerando (ou amplificando) um comportamento multitelas por parte dos internautas.

Nesse contexto, ainda que possa haver por parte do Mídia Ninja uma atenção aos números de audiência, isso não se converte em uma preocupação paranoica, comum de ser ver nas emissoras de televisão – para quem (os setores comerciais) números de espectadores são convertidos em cifras financeiras⁴⁵¹. Aqui, número de audiência, significa propagação de vozes e causas – ainda que não se despreze o capital simbólico.

⁴⁵¹ Para terminar, um adendo sobre a metodologia desta tese: quando se fez a representação da interação multimodal havia sido colocado um ponto que não se conseguiu recuperar. Os efeitos gráficos só se dão a ver durante a transmissão, não sendo gravados. Eles, contudo, têm potencial para afetar de algum modo a leitura das transmissões. Esse é, então, um elemento efêmero que, sem o registro, dificulta-se uma leitura englobante das coberturas.

6 ...E COMO NÃO VAI TERMINAR

*Eu caio na rede
 Não tem ninguém que não caia [...] [Mas] nenhuma rede é maior do que o mar
 Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
 Nem quando ela acerta, nem quando ela erra
 Nem quando ela envolve todo o planeta
 (Lenine; Luiz Queiroga)*

Um repto semiótico, e um tanto poético, (a)final – permitam: no tempo presente, quem não está na *web*? A resposta é simples, mas seu resultado intrincado: milhões de pessoas. Satisfação dos apocalípticos. Talvez a pergunta mais apropriada, e que também não agrade aos integrados, seja: quem não está enredado? Diga-me aquele que não sabe que está. Nesse contexto, o atual, quem, enfim, não sofre com os efeitos do advento da *Internet*? Todos nós, diriam alguns dos autores mencionados na fundamentação. Todavia, não se trata de expiação, mas é, no mínimo, prova. Quem sabe navegar e quem está à deriva nesse mar?

A impressão que se tem hoje é que quem lança o trançado é mesmo quem o produz no tear. Isso porque a grande rede não está posta como se pensa, dado que permite (talvez exija) que novos nós sejam dados, fios cruzados, zonas pelágicas alcançadas. Mas, por fim, e ele está longe, ainda que todas as bandas sejam cobertas e que cada vida – seja marinha ou não – esteja circundada, o sentido não terá limites. Não há como prever como o peixe será enlaçado, se será içado, se é caçado ou caçador. Não se sabe se é de fito ou sem propósito. O que parece certo, mesmo enredado, são os caminhos do meu (quem quer que eu seja) navegar – e não há como prever ou negar.

Lançou-se à rede, ou aos enredados, em 2013 (ainda que lá estive há pelo menos dois anos), o Mídia Ninja; um coletivo, em verdade, posto às ruas. Nas tramas da *web* e no asfalto, um grupo de jovens continuou, um ano depois, a experimentar (em constante), quebrar padrões (cristalizados), registrar, agir, envolver, remixar, dar voz, falar e representar (no sentido cênico e da procuração). Acreditamos, com essa tese, ter mostrado isso, como funciona tal dinâmica e, tão importante quanto, o porquê disso. No entanto, como se viu nas últimas páginas, em uma transmissão, perguntou o conservador: Eles não trabalham? O que eles ganham com isso?

“*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, respondeu o romano Pompeu. Não foi Fernando Pessoa. Este outro, de quem sou da claque, transmutou⁴⁵² a réplica como valor. Viver não é mesmo preciso; disse que necessário, de fato, era criar, tornar a vida grande,

⁴⁵² No poema “Navegar é preciso”.

colocar tal pensamento a toda humanidade para vê-la evoluir, num propósito impessoal de engrandecer a pátria. Do que adianta viver sem valor? Eis o intento do midiativista, “ainda que para isso tenha de ser o seu corpo (e a sua alma) a lenha desse fogo” da mudança, do novo, de novo. Seja homem ou mulher; Karinny em Belo Horizonte, Peçanha no Rio de Janeiro, e uma série de outros audazes, não apenas vinculados ao Mídia Ninja, Brasil afora.

Afinal, que valor tem o gozo do gol nas arenas futebolísticas frente às mortes nas favelas, à ausência de teto dos trabalhadores – que despendem valores incoerentes ao que recebem de transporte coletivo –, às agressões físicas e psicológicas das minorias, à estigmatização, à ausência de voz, à marginalização que o centro imputa? Como eu sei que essa realidade existe? Em verdade por uma série de fontes. Mas uma delas martela, insiste, persiste, entra em luta simbólica, na guerrilha de sentidos, arrostando com as suas armas, nada frágeis, mas localizadas, pontuais.

O midiativista não conta em gozar a vida, nem pensa – ao menos nos termos da adesão ao torneio da Fifa. Um ano depois das manifestações que sacudiram o Brasil, o Mídia Ninja estava lá. Mas não jazia toda a gente. Havia, pois, certa multidão – mesmo aquela da fundamentação teórica –, que não é de quantidade, mas de personalidade. Resiliente, envolvida, engajada, marinheiros ao mar, a preservar e apoiar a subjetivação. Esse renque pôs-se a obrar e viu-se potencializado na tela do coletivo; isso é, no ecrã dos monitores de quem não estava lá – ou estava?

Outra vez o Mídia Ninja serviu de ponte, de intercessão, de mecanismo de mostraçõ dos acontecimentos em curso, no fluxo, evidenciando o que aparece, o mais próximo do que parece – semelha. Um coletivo que deu voz, que problematizou, que pôde ter servido até de ferramenta para trabalho crítico. Mas, como se viu aqui, toou muito a captação pela afetação de alguns eventos narrados – que o digam a abertura e o encerramento da Copa.

Quem não foi às ruas, não se sabe se optou por conferir os registros. Quem foi, pudera, registrou; qualquer um o pode e pôde. Tem-se o reflexo de uma mídia então, como se viu, que se aproxima do jeito de fazer da audiência, da forma como qualquer sujeito o faz, hoje, se quiser. Não há segredos. Há disposição. O que as imagens revelam não é um estar ali para, mas estar por. Contando, claro, com uma transfiguração do olhar do espectador. Da pintura na tela à tela da televisão, o monitor, o computador, o celular. Mídia multidão, bancada menos por um veículo (talvez pelo efeito de sentido de sua marca) e mais pelo sujeito que porta a mídia. Ninja é uma chancela que apenas rotula um coletivo, que atesta aquilo que um grupo faz e pode ser feito, afinal, por qualquer um.

Não sem motivos a nossa dificuldade de encontrar um padrão. Cada Ninja acaba por agir de um jeito. É bem verdade que o coletivo é seu dispositivo, seu balcão (o que alça) e limitador, e não se pode esquecer que é a rubrica do veículo que, de forma primária, traz a audiência. Ainda assim, vimos variações que correspondem a uma ausência de explicação, senão as contextuais, do dia, de momento, de sensação mais do que intento.

Tem-se uma liberdade condicionada pela situação a ser enquadrada, pelo estado de espírito do midiativista, pela filosofia e até direcionamentos do Fora do Eixo. Ainda que Rafael Vilela, um dos mais proeminentes integrantes do Mídia Ninja, tenha nos dito que os integrantes do coletivo ajam com alvedrio, é perceptível nas transmissões que as orientações (ainda que não se fale em normas de conduta, mas em modo reflexivo) influenciem numa maneira de agir dos Ninjas. Isso fica ainda mais claro quando se comparam as formas de atuação dos vinculados às casas coletivas com figuras como França e Vidigal. As concepções ideológicas, ainda que caminhando na mesma direção, parecem distintas e com mais radicalismo no último caso.

Ainda sobre o Fora do Eixo, não foi nossa intenção nesse trabalho avaliar se e como a rede agrega a si capital (simbólico e/ou, por consequência, financeiro) em função do trabalho e representatividade do Mídia Ninja. Todavia, de certo modo, parece perder tais recursos (quaisquer que sejam). Aliás, a vinculação do coletivo midiático com tal sistema indica ter influenciado negativamente no próprio *ethos* dele. É uma inferência que fazemos com base na leitura das missivas nos fóruns e até em uma interpretação de sentido no discurso de colaboradores como Vidigal (em transmissão e em entrevista ao autor desta tese).

Tem-se a impressão de um ser social (EUc) que se desqualifica em função de uma vinculação com uma rede que, para manutenção de suas atividades, se relaciona com instâncias de governo (sobretudo federal). Não há nenhum problema aparente nisso, posto que se trata da busca de financiamento público para os projetos que empreende. Todavia, os contratos – os comunicativos – parecem entrar em choque. Senão eles, no mínimo o acordo. O que se espera de um ativista que porta uma mídia? Como esse plano de expectativas fica fora dos eixos ao se compreender quem é o Mídia Ninja?

A impressão que temos, afinal, é que o acordo subscrito pelo Mídia Ninja com a audiência dele (e mesmo com quem não estava na rede, mas na rua ao longo de uma manifestação) é maior do que o contrato comunicativo, ainda que influenciando-o. Talvez tenha sido até pacto, não assinado – mas cativado – em certa altura, influenciado por uma intensa carga subjetiva que dispensava no coletivo todo um conjunto de desejos, de orexia por representação, da carência por heróis, mártires, de sujeitos sem vínculos com a política

partidária praticada no país – extremamente maculada por comportamentos lobistas. O Mídia Ninja não poderia cumprir tal ideia, posto que quem conseguiria? A relação do coletivo com o Fora do Eixo não o conspurcava, tão-somente o caracterizava. E, ainda assim, seguia com o valor dele.

Numa aposta muito particular desta tese, dissemos que é o midiativismo (conceito) que decorre da ação (de um) midiativista, e não o contrário; tampouco o sujeito ativista com mídia faz-se pelo direcionamento de qualquer instituição, grupo ou coletivo. O comportamento é (deve ser) de deliberação própria. A vontade solidária que o indivíduo porta deve corresponder (muito) menos a ele, ou à marca que o sustenta (no sentido de suporte), e muito mais ao outro, ao bem comum.

É nesse sentido que podemos dizer que a possibilidade midiativista é resignificada a cada nova transmissão. A chamada cobertura do Mídia Ninja converte-se em registro de Filipe, Leticia, Alex, e tantos outros, tão logo o *streaming* acenda. Um novo contrato, ou um acordo pautado sob as cláusulas já dadas pelo coletivo, é assinado naquele conjunto de *lives*.

Nesse contexto, diz-se de possibilidade midiativista, pois nem todas as transmissões (diria até Ninjas) o são. Mais uma particularidade da sobreposição de contratos. Muitas vezes a ação direta, clara, parece correr fora do comportamento de alguns integrantes do coletivo. Não falamos de Altenfelder, que surgiu no jogo do Brasil no Castelão, em Fortaleza, tampouco temos muitos elementos para julgar, além das considerações que já fizemos. O que há de transgressivo em compreender a marcha e ir tocando, junto, em frente? É aí que nasce a problemática da linha tênue entre o midialivrismo e o midiativismo.

Senão em comportamentos extremos, como o de Peçanha a encarar e questionar a polícia no Rio de Janeiro – a sofrer, na pele, as consequências –, o que mais há de ativista no comportamento ninja? Compreendemos que, em primeiro lugar, o estabelecimento de uma narrativa específica, em primeira pessoa, sem edições, em e no fluxo dos acontecimentos, gerando um registro diferente daquele que se tem nos *media*, a partir de um movimento de experimentação evenemencial e que se posiciona claramente ao lado (físico e moral/ideal) de uma das partes em disputa dos desdobramentos dos fatos em evidência, configuraria mais o midialivrismo.

Porém, observemos a expressão “movimento de experimentação evenemencial”; o que é importante assinalar no fragmento é que o midiativismo não se trata de uma vivência passiva, mas na intervenção que gera (ou pretende gerar) mudança, trazer o novo, a partir de cinco marcas que são facilitadas pelo uso de dispositivos técnicos – e sua manipulação com

intentos claros, a saber, conforme já colocado antes: amplificar conhecimento, espriar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa.

Senão de forma totalizante (as cinco frentes simultaneamente), conjecturamos que o Mídia Ninja, por meio do trabalho dos midiativistas que se vinculam ao coletivo, alcançou tal intento. Tais vetorizações foram perceptíveis em quase todas as abordagens durante a Copa do Mundo⁴⁵³, conformando um modo específico de ação direta midiática, que, por suas características, estabelecem relação muito próxima com o exercício de manifesto dos sujeitos aos quais deram voz durante as transmissões. Leticia Pocaia não ocupa um terreno em São Paulo, mas, ao registrar o ato, ao acompanhar passo a passo o processo, ao humanizar os sujeitos que fazem parte da atividade, ao colocar uma narrativa diferente dos fatos, colabora, em nossa opinião, para o estabelecimento de uma ação direta, transgressiva, ilegal, mas que em verdade, conforme a midiativista frisa, visa contrafazer o poder público para o problema das moradias populares na cidade de São Paulo, alertá-lo acerca da importância da votação do Plano Diretor do município, chamar a atenção da população, e não simplesmente invadir, conforme outrora poderia ser assim classificada a iniciativa pelos *media*.

Esse é só um exemplo de tantos outros de como configura-se a atuação Ninja. Todavia, o fragmento já nos ajuda a começar a alcançar nosso objetivo geral com este trabalho, que esperamos ter ficado manifesto e claro ao longo de nossa abordagem. Para tanto, tivemos que decompor minuciosamente o conjunto de investidas do coletivo em observação. Inferimos ter conseguido descrever e analisar bem as condições de produção do discurso do Mídia Ninja.

Acreditamos, assim, com todo o conjunto de dados desta tese, que o lugar que o grupo ocupa no regime discursivo midiático atual é o da contrainformação, o da problematização, do posicionamento à margem e o da ausência de moldes e modelos estanques de atuação – a subverter os conhecimentos que, inclusive, detêm de um modo produtivo e estético tradicional das mídias (TV, cinema, artes).

O lugar do Mídia Ninja não parece ser um ponto fixo, tampouco está em porto seguro. Aliás, indica ser isso mesmo, nada contraditoriamente, que procura. O coletivo nasce com fúrias, mas cresce com apenas uma certeza: sua efemeridade. Na condição de midialivista, quer quebrar a ideia do sistema de comunicação que se tem hoje, com a dominação dos espectros de radiofrequência, que instala uma ditadura midiática estruturada em oligarquias de poder. O que se visa é a democratização, um sistema sem regulamentos, mais colaborativo, ao

⁴⁵³ Com exceção da já citada intervenção em um estádio de futebol.

mesmo passo participativo e que permita, inclusive, que o ativismo midiático se faça cada vez menos presente na medida em que se dê a existência de um regime linear, em que as vozes sejam ouvidas, que as ideias sejam respeitadas, as causas debatidas e, quiçá, resolvidas.

Nesse contexto, o espaço do Mídia Ninja e dos coletivos midiativistas (e midialivristas) no chamado regime midiático é intrusivo (não devia estar ali), visando ser disruptivo. Vivemos tempos incertos em relação à hegemonia de um sistema de significação, muito em razão das possibilidades e potencialidades da *web*. Não precisamos nem lembrar que o conjunto de regras e o padrão cartesiano, que se encontrava na produção da informação midiática, se vê ainda em xeque diante das arestas encontradas no modelo industrial dos *media*, revelando problemas para a sustentação dos grandes grupos jornalísticos.

Mas a questão aqui não é essa última, nem visamos trazer dados novos. Queremos destacar que o Mídia Ninja de 2014, certamente não é o mesmo de hoje, 2016 – e poderíamos esboçar o planejamento para outra tese, no sentido de compreender esse Mídia Ninja atual; porém, seria inválido, senão para demonstrar como o cenário político (social, cultural, econômico) brasileiro interferiu em um modo de articulação desse coletivo. Diante dos contextos e da liquidez da sociedade contemporânea, ele e as outras iniciativas midiativistas devem reconformar-se, reconstruir-se, reinventar-se, continuando o exercício cíclico da experimentação que vêm articulando. Nossa pesquisa, todavia, não perde o valor, pois acentua o registro temporal e o comportamento midiativista, importante, que se encontrou em um lugar marcante de nossa história.

O regime midiático contemporâneo, como conjunto de normas fixas, então, cada vez mais tem se tornado a ausência delas, conformando um sistema de redes no qual qualquer um pode hoje intervir com uma produção própria. O Mídia Ninja e os seus colaboradores souberam mobilizar sentidos nesse contexto, conseguiram manipular traçados e estabelecer novas linhas de significação, colocando na *web* (na rede e aos enredados) quem lá não estava – ainda que, desde muito tempo, afetado por ela.

Outro problema que se coloca, outrora, é a direção do cardume da recepção. Aliás, não se fala propriamente da ideia de coletividade de espécie, mas do comportamento, o fluxo num sentido, em grupo, na hiperrenúncia do “é assim por que tem que ser assim”. Muitos sujeitos na *Internet* ainda não se deram conta do potencial da grande rede e repetem, em geral, o mesmo procedimento que têm na leitura das mídias *off-line*.

Não estamos colocando o Mídia Ninja e o midiativismo em um pedestal. Apenas destacamos que a leitura da produção de coletivos do gênero tem condição de ampliar o cabedal de informações dos sujeitos, potencializando a produção de conhecimento a partir de

um comportamento crítico acerca dos acontecimentos e da sociedade em que estamos inseridos. Para tanto, é preciso que o peixe seja fígado, mas não fique preso a apenas uma rede. Vale lembrar, em uma relativização do que falamos antes, que o Mídia Ninja não evidencia o que aparece; antes, na transmissão do coletivo aparece o que se evidencia, o que se quer mostrar, dentro de uma parcialidade localizada. Ficamos, no regime Ninja, com parte da história, com uma versão da verdade, construída em torno de maneiras de organização do discurso bem marcadas.

Aproveitando o ensejo da menção, os modos narrativo, argumentativo e descritivo, além do enunciativo – visto de certa maneira nos atos locutivos –, foram descritos e analisados ao longo desta tese. Eles compuseram o complexo de diagnóstico do que chamamos de dispositivo comunicacional e enunciativo regular do Mídia Ninja, condição tida como objetivo específico nesta tese.

Dividida em dimensões, nesta longa seção de apreciação crítica, verificamos na primeira perna a profusão de identidades que orbitam em uma transmissão, a heterogeneidade do público – e seu interesse evenemencial –, os comportamentos variantes do midiativista em razão dos papéis que assume e que as características pessoais (EUc) parecem influenciar muito no modo de condução dos enunciadores (EUe) – em detrimento até da possível orientação do coletivo; as finalidades do ato comunicativo, percebendo que a questão não se fecha apenas no fazer-saber, mas envolve uma série de outras visadas, em profusão, em movimento, chocando-se, repelindo-se e/ou imbricando-se; que as ruas são os cenários preferenciais de atuação dos Ninjas e por quê; que, no propósito, os motes de maior repercussão têm certo direcionamento de noticiabilidade – em temas que são em verdade norteados por um intento de alerta e problematização.

Na segunda perna, a da dimensão verbal-enunciativa-enunciativa, aí sim apareceram os modos de organização do discurso e os atos locutivos. Nesses últimos, percebemos estratégias tênues de modalização dos textos verbais por parte dos Ninjas, captando a atenção (e amalgamando suavemente efeitos) do *webespectador*, ora com uma postura alocutiva, outra elocutiva e ora até delocutiva. A variação é a regra. Isso tanto quanto na dinâmica narrativa e argumentativa, revezando-se, a depender, como já colocamos, do Ninja, das situações de contexto e das finalidades em cada evento narrado.

Vale o adendo de que, por motivos espaciais (extensão da tese), fizemos a análise pormenorizada de apenas uma transmissão quando dos modos de organização discursiva. Essa limitação pode ser vista como uma dificuldade do autor e, logo, problema desta tese. Todavia, como já reconhecemos, é complexo tomar o Mídia Ninja pela soma das particularidades de

cada um dos Ninjas. No entanto, nessa mencionada seção, em especial, não houve elementos comparativos, o que sinaliza, inclusive, a possibilidade de articulação de trabalho porvindouro que coloque as considerações à prova. Ainda assim, e por isso mesmo, procuramos nos aprofundar no modelo de articulação por parte de Filipe Peçanha, expondo ao máximo as características narrativas, argumentativas e descritivas utilizadas por ele, como se viu.

A análise do dispositivo comunicacional e enunciativo regular seguiu com uma apreciação crítica da dimensão visual do Mídia Ninja, em que procuramos evidenciar vários aspectos de um amplo esquema. Fica como proposta para trabalhos futuros, porém, o desenvolvimento de um diagrama mais apropriado para exame do nível pictórico da produção midiativista. Reconhecemos que o modelo, traçado dentro de uma tradição acadêmica (estudos midiáticos, semióticos e discursivos) sobre a imagem, está aquém de uma dinâmica que se pauta pelo plano contínuo. Ainda assim, trouxemos à baila diversos aspectos, que demonstram a plástica do coletivo, à luz da dinâmica evenemencial e, muitas vezes, de um comportamento pouco cartesiano – quando não estratégico –, numa particularidade técnica que lhe dá distinção.

Em seguida, embrenhamo-nos em outra frente de apreciação crítica, nova, sem fundamentação que pudesse nos auxiliar: análise sonora. Todavia, por acreditar na importância, mantemos tal perspectiva. Os dados, ainda que seguindo uma estrutura ensaística e numa interpretação muito particular do analista, não negam a importância de tal frente. Os ruídos, por exemplo, são determinantes no modo de produção e de recepção das transmissões do Mídia Ninja, por (e)feitos diversos, conforme apresentado na seção específica do capítulo 5. Fica também como sugestão de trabalhos futuros um aprofundamento nesse campo, a gerar um modelo de análise específico e, inclusive, observações mais bem recortadas e colocadas em comparação.

Reivindicamos as considerações de Barthes para a análise de intercessão imagem + texto. Aliás, somou-se às duas perspectivas colocadas pelo semiólogo francês os vácuos, numa condição de (limitação) técnica do Mídia Ninja. Ali, viram-se uma série de efeitos de sentidos carregados pela potencialidade audiovisual e em como as características desse composto afetam o ato de linguagem do coletivo/midiativista com o público. Não sem motivos, essa intercessão encaminhou a discussão para a perna final deste objetivo: o exame dos efeitos como dimensão discursiva.

Diante de tudo o que foi exposto anteriormente, vê-se na citada seção do capítulo 5 que os Ninjas se utilizam (não que se afirme intencionalidade) de uma série de estratégias discursivas que fazem emergir as perspectivas dos efeitos de realidade, ficção e patemização,

com capacidade, por isso, de afetar os *webespectadores* (não afiançando que as decorrências sejam efetivamente produzidas) de diversas formas.

Percebe-se, afinal, uma nada tênue inter-relação entre os efeitos na condução Ninja, fruto, muito provavelmente, da própria lógica de hibridização mídia + ativismo. Ao passo que o coletivo é fundamentalmente da ordem da informação e que, por isso mesmo, faça recorrência às perspectivas de realidade de forma recursiva, é outrora eminentemente compassivo e passional, posto que as transmissões referem-se a eventos que tem como norte mudanças no tecido social que, se efetivamente alcançadas, dirão respeito à vida de integrantes de diversos grupos sociais, senão, inclusive, desses sujeitos-repórteres.

O terceiro objetivo foi o da análise da dinâmica interacional do Mídia Ninja com os receptores/interlocutores na plataforma *Twitcasting*, a partir do exame das trocas realizadas a partir dos *chats*. Acreditamos ter cumprido em parte tal intento. O que faltou, em nossa opinião, fora a comparação de transmissões e a busca por uma cobertura em que a interação multimodal tenha ocorrido com maior frequência – de modo a extrair mais dados ilustrativos.

Tivemos que optar por apenas uma cobertura. Em trabalho porvindouro, e almejamos fazer isso em um estágio pós-doutoral, pretendemos aprofundar nessa análise. Vale ressaltar o que já havíamos colocado em nota de rodapé na metodologia: muitas páginas de estudo teórico sobre a dinâmica interacional foram suprimidas deste trabalho, em razão da extensão que ele já alcançara. Pretendemos, tão logo possível, publicar tal material – fazendo alusão, evidentemente, a esta tese como primeiro arcabouço analítico.

Em todo caso, acreditamos que a nossa análise de interação alcança o pretendido, levantando problemas e peculiaridades diversas de uma relação que, por vezes, é de força e em outros momentos de colaboração com o midiativista em campo: Na possibilidade de (re)validação dos contratos entre audiência e coletivo; oportunizando voz a outros excluídos – às pessoas comuns na rede; e, acima de tudo, conformando uma narrativa paralela, que influencia naquela articulada pelo Ninja e, por meio de mecanismos diversos, afetando no modo de edificação dos sentidos sobre o que se evidencia na transmissão.

Mais do que isso, a interação na plataforma, a reboque da transmissão em tempo real, condiciona a criação de uma rede social efêmera, ágora passageira, na qual não há como avaliar os resultados, senão assinalar a contribuição para a circulação de saberes dos mais distintos. O espaço, em relação direta com os eventos em curso, no tomar de vozes diversificadas, na disputa, nas trocas nem sempre gentis, vão colocando em discussão temas que são contemporâneos e fundamentais de serem discutidos. Experimenta-se uma prática dialógica nova, multimodal muitas vezes, que auxilia na conformação de pontos de vista, na

subjetivação cooperativa e simultânea, numa conversa infinita⁴⁵⁴ que se estende pelas redes e pelas ruas.

O objetivo específico que nos faltou falar aqui na conclusão foi o técnico. Percebemos que os equipamentos, a plataforma e outros aparatos que fazem parte do sistema de produção e recepção das transmissões têm faculdade de influenciar (projetando ou limitando) nos processos de significação. Para tanto, evidenciamos todas as características ligadas ao modo fabril Ninja/midiativista, como se percebeu.

Acreditamos que este trabalho traz certa luz sobre o midiativismo. Se não explica por completo, ao menos auxilia em certa sedimentação dos caminhos para se pensar com mais fundamentação, menos achismos, de modo mais crítico e, de certa forma, até com mais respeito acerca de tal fenômeno. Este estudo, outrora, sugere questionamentos mais direcionados e focados, em detrimento de primeiras impressões de senso comum. Para tanto, como se viu, nos alvitramos, inclusive, a propor uma definição muito particular para o midiativismo⁴⁵⁵, dado que tal conceito era ausente ou se confundia muito, por motivos diversos (principalmente a linha tênue entre os dois), com o midialivismo.

Além disso, a (semio)linguística – como desejávamos e imaginávamos –, despontou-se como ferramenta enérgica para as análises que aqui empreendemos. Aliás, acreditamos ter feito poucas adaptações em esquemas clássicos articulados pelo professor Patrick Charaudeau, o que foi muito proveitoso para nossa dinâmica de estudo. Entretanto, em trabalhos porvindouros, indicaremos, inclusive, o implemento de determinados (e pequenos) ajustes a uma apreciação mais aprofundada acerca de ações específicas do midiativismo. De toda forma, acreditamos que esta tese traz uma contribuição para se pensar nos estudos linguísticos à luz de novas frentes midiáticas e de intervenção social, dado que sua aplicação ao cenário de exame aqui cultivado nos pareceu muito positivo.

Almejamos ter contribuído socialmente, então, já que houve um comprometimento acadêmico que visou decompor de forma incisiva e criteriosa a produção de um coletivo que, para um significativo número de pessoas, foi eleito como baluarte da mediação, o representante de informação evenemencial (e até de atuação nas ruas). Assim, entendê-lo, de certo modo foi compreender um pouco (ou uma parte) de nossa sociedade, seus interesses, seus medos, suas necessidades e desejos. Um fragmento de coletividade que se cansou de versões sobre os fatos (calçadas em interesses diversos, distantes do comum) colocadas com o

⁴⁵⁴ Conforme preconiza Bentes (2015).

⁴⁵⁵ Também fizemos o mesmo para o Jornalismo de Guerrilha (ainda que não enquadrando o Mídia Ninja totalmente como tal), vendo nessa possibilidade mais uma contribuição desta tese, posto que, na literatura brasileira, não há uma clara definição sobre o termo.

discurso de imparcialidade, se enfastiou de ver e ouvir os mesmos sustentáculos de arquétipos, se aborreceu com estereótipos e de saber que tantas vozes, causas e pontos de vista são aplacados tão-somente por serem ordinários, comuns.

Sociedade, entretanto, que, como dissemos, deve se atentar para não cair em uma (re)alienação com ares de libertação. E, nesse contexto, nosso trabalho coopera ao enxergar o Mídia Ninja como uma fonte importante de conhecimento, sim, mas que guarda muitas particularidades que são determinantes ao tipo de produção que articula.

Diferente e interessante trabalho que pode surgir daqui é a análise de outros coletivos midiativistas, colocando em xeque, inclusive, nossa metodologia de estudo, quem sabe até na comparação com veículos midiáticos. Ainda que algumas adequações possam ser feitas no modelo de análise (conforme indicamos nesta seção), seria instigante o exame contrastivo, até para manutenção do registro e divulgação acadêmica de importantes iniciativas que são empreendidas à margem das produções dos *media* e sem tanta repercussão como o nome do Mídia Ninja teve, representando o exercício de resistência da contrainformação e representação de minorias no país.

Não nos estenderemos muito mais nas considerações finais, dada a extensão deste trabalho até aqui e acreditando ter tocado nos pontos essenciais nesta seção, num resumo intrincado (veramente difícil) de tudo o que foi dito antes. Todavia, saímos com a sensação de incompletude. Não que esta não seja uma impressão comum ao término de um trabalho monográfico como tal. A percepção é a de que o fenômeno não se permite encaixar no que fizemos – tampouco em muito do que lemos de outros pesquisadores até aqui –, e não parece terminar nisto.

Isso porque, em nossa opinião, o Mídia Ninja não é só um coletivo que dá conta da prática evenemencial. Ele parece ser o próprio acontecimento. Um evento que se transforma em cada lance registrado. Uma fissura que luta pela manutenção da atenção aos campos problemáticos, num pejejo utópico para que eles não existam mais em detrimento de serem cobertos pelo manto da naturalização, do esquecimento, em função do que está mais quente. Tenta não deixar esfriar, mas é refém da ação direta – da existência e manutenção dela –, que não controla, dado que apenas colabora, fortalece, faz parte. Condição complicada pelo regime midiático atual, expedito, heterogêneo, numa camada que nem chega ao talude, formado por memes, que parece privilegiar a discussão, mas ainda está longe da construção efetiva de conhecimento, da troca aprofundada, que gere efetiva mudança não apenas no mundo, mas nas pessoas.

A *web* mostra-se como ferramenta fundamental de mobilização social, e não é de hoje, como vimos. Mais do que isso, pode converter-se em um poderoso instrumento de trabalho crítico, de crescimento, de desenvolvimento dos sujeitos. Ainda será. Hoje, ainda é experimento, laboratório de criação, produção de significados aleatórios, numa rede complexa que depende ainda muito do ânimo e direcionamento de cada internauta; a semântica ainda é cada um de nós que arranjamos. Fazemos nós, mas ainda não nos fazemos por completo. *Autopoiesis* em conformação. Adendo: isso não é justificativa para ausência de sucesso dos midiativistas em detrimento da mídia de massa. Estamos falando do processo de subjetivação deles também, principalmente, em detrimento do alcance que têm.

Futuro incerto, inebriado, que se vê complexificado por cenários políticos problemáticos no Brasil e, eles também, influenciam no redirecionamento do comportamento ninja e midiativista em geral (e não que estejam indo num mesmo sentido). Estrutura e investimento de atenção e tempo que correspondem exatamente à mudança social que se aguarda no país. Como e onde ela será feita são questões por demais complexas. Quando, parece ser mais fácil: no momento mesmo dessa leitura.

*
* * *

Permitam, por fim, outra vez Pessoa⁴⁵⁶ conclamar. O curso desta tese, pesado, denso, pôs-me tantas vezes a pensar. (Re)lutei diante da complexidade da pesquisa, da sobrecarga do *corpus*, de sua profundidade e implexidade, ainda que para muitos apenas de mais uma mídia pareça se tratar. Expiei, mas cresci, me desenvolvi – no curso da demanda acadêmica –, tal qual qualquer colega, mas muito na lida com o objeto de estudo. Valeu a pena? Sim, tanto quanto o esforço e a dedicação que, num juízo qualificativo muito pessoal, percebi no comportamento valoroso dos jovens que se alcunham por Ninjas (falar do conjunto midiativista seria melhor). A essência anímica de tais pessoas é, certamente, muito mais profunda do que a minha; nada pequenas almas. Eu só me pus a analisar.

Entretanto, o sentido não se encerra aqui. São poucas páginas para o que representa, ao menos para o que representou, a diligência midiativista em 2014 (aliás, no curso desde 2013) desta Ninja que analisei. O que dizer de tantas outras iniciativas? Ânimo inspirador que ajuda a passar além da dor, força que faz ultrapassar os bojadores e tudo o mais que possivelmente há na metáfora desse Cabo. Continuemos nas lutas, mesmo com os desafios, os perigos, os

⁴⁵⁶ Em alusão ao poema “Mar Portuguez”.

abismos. O mar é grande, se não for infinito. No mínimo é o espelho do céu do qual nenhuma rede conta dará.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, C. M. C. **Tecnologias de streaming em contextos de aprendizagem**. 2006. 181f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação) – Escola de Engenharia, Universidade do Minho, Guimarães (Portugal), 2006.
- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo. **Outra travessia**, Revista da Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, ago./dez. 2005.
- AGRIKOLIANSKY, E.; FILLIEULE, O.; MAYER, N. (Orgs.). **L’altermondialisme en France**. La longue histoire d’une nouvelle cause. Paris (França): Flammarion, 2005.
- ALBERT, M. What makes alternative media alternative? **Z Magazine – on-line**, 1 out. 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/O1dmVc>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- AMOSSY, R. O intercâmbio polêmico em fóruns de discussão online: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. **Comunicação e Sociedade**, Braga (Portugal), v. 16, p. 67-83, 2009.
- ANDREOTTI, B. Os dias de ação global e os fóruns sociais mundiais: resistências e governamentalidades. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, 1., 2009, Curitiba. **Anais...**, UFPR, Curitiba, 2009.
- ANGRISANO, R. **As narrativas dos acontecimentos nos telejornais mineiros**: uma análise do discurso das reportagens no MG TV e Jornal da Alterosa. 2014 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- ANTOUN, H. Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 16, p. 135-148, dez. 2001.
- ARMSTRONG, D. **A trumpet to arms: alternative media in america**. Boston: South End Press, 1981.
- ASSIS, E. G. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. 2006. 284f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2006.
- ATTON, C. A reassessment of the alternative press. **Media, Culture & Society**, London: Sage Publications, v. 21, p. 51-76, 1999.
- ATTON, C. **Approaching alternative media**: theory and methodology. Scotland: Napier University, 2001.
- ATTON, C. **Alternative media**. London: Sage Publications, 2002.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

- BABO, I. As manifestações na Tunísia e no Egito em 2010-2011. A semântica dos acontecimentos nos media e o papel das redes digitais. **Análise Social**, Lisboa (Portugal), v. 48, n. 209, p. 798-809, 2013.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. In: Citelli, A.; Costa, M. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-41.
- BAKIR, V. **Sousveillance, media and strategic political communication: Iraq, USA, UK**. New York (EUA): Continuum, 2010.
- BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2016: dividendos digitais**. Overview booklet. Washington: Banco Mundial, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BARTHES, R. Rhetorique de l'image. **Communications**, Paris (França): Seuil, n. 4, p. 40-51, 1964.
- BELSON, D. State of internet report: Q2 Report. **Akamai**, Massachusetts (EUA), v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/MzOGIA>>. Acesso em: 8 ago. 2015.
- BENTES, I. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- BENVENISTE, E. **Aparelho formal da enunciação: Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Editora Vozes: Petrópolis, 2006.
- BITTENCOURT, M. C. A. Activism mediatization in news reports G1 and Mídia Ninja. **Revista Comunicação Mídia e Consumo – CMC/ESPM**, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 87-109, 2014.
- BITTENCOURT, M. C. A. Narrativas coletivas? Mídia Ninja e Midiatização do ativismo no Mídia Ninja e no RioNaRua. **Interin**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 86-102, jan./jul. 2015^a.
- BITTENCOURT, M. C. A. Las narraciones colaborativas en las protestas de 2013 en Brasil: mediatización del activismo, difusión y convergencia. **Chasqui**, Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito (Ecuador), n. 129, p. 325-343, ago./nov. 2015b.
- BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. California (EUA): University of Carolina Press, 1969.
- BORDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BORGES, A. A guerrilha das mídias alternativas. **Blog do Miro**. 22 ago. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/jPa3WO>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

BRAGA, J. L. Sobre mediatização como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru (SP). **Anais...** Bauru (SP), 2006.

BRAGA, R. As jornadas de junho no Brasil: crônicas de um mês inesquecível. **OSAL** – Observatorio Social de América Latina. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires (Argentina), ano 14, n. 34, p. 51-61, nov. 2013.

BRAIGHI, A. A. Por um modelo de análise de telejornais: Análise de Conteúdo e Análise do Discurso em sintonia. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO – ALED, 9., 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, v. 9, 2011.

BRAIGHI, A. A. **Que telejornal o mineiro vê?** Uma análise discursiva da estrutura e apresentação de noticiários em Minas Gerais. 2012. 241f. – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BRAIGHI, A. A. **Análise de telejornais.** Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

BRAIGHI, A. A. Quem assinou o contrato com o Mídia Ninja?. **Rumores** (USP), São Paulo, v. 9, n. 18, p. 289-309, 2015a.

BRAIGHI, A. A. Um ensaio sobre a (in)consistência do discurso ciberativista do mídia ninja e outras questões que os atravessam. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO – SEDIAR, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2015b.

BRAIGHI, A. A. Ninjas na Copa: da mídia livre ao trabalho crítico. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO, 14., 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ECA-USP, 2015c.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 51.** Altera os arts. 21, 24 e 144 da Constituição; acrescenta os arts. 143-A, 144-A e 144-B, reestrutura o modelo de segurança pública a partir da desmilitarização do modelo policial. Proposta de Emenda à Constituição de 2013.

BRASIL, A. **Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

BRASIL, A. Investigating the impact of Internet TV on multimídia journalism and journalism education: a Brazilian study case. In: JOURNALISM BRAZIL CONFERENCE, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2006.

BRASIL, A. Drones no ar e ninjas nas ruas os desafios do jornalismo imersivo nas mídias radicais. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 18., n. 30, p. 127-136, 2013.

- BRINGEL, B.; MUÑOZ, E. E. Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo (RS), v. 46, n. 1, p. 28-36, jan./abr. 2010.
- BRITO, D.; MACEDO, R. G. Mídia Ninja e tradicional: quem está fora do eixo? Um estudo sobre a participação da Mídia Ninja nas manifestações ocorridas no Brasil em Junho de 2013. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ATOPOS, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2013.
- BRUCK, M. S. Palavra: Dispositivo. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 39-44, maio/out. 2012.
- BUECHLER, S. M. New social movement theories. **The Sociological Quarterly**, Fort Collins (EUA), v. 36, n. 3, p. 441-464, 1995.
- BUETTNER, R.; BUETTNER, K. A systematic literature review of twitter research from a sócio-political revolution perspective. In: HAWAII INTERNATIONAL CONFERENCE ON SYSTEM SCIENCES, 49., 2016, Kauai (EUA). **Anais...** Kauai (EUA), 2016.
- CARDON, D.; GRANJON, F. **Médiactivistes**. Paris (França): Presses de Sciences Po: 2013.
- CARDOSO, G. Sociedades em transição para a Sociedade em Rede. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Lisboa (Portugal): Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. p. 31-61.
- CARNEIRO, H. S. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, D. et. al. (Orgs.). **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012. p. 7-14.
- CARVALHO, D. **Jornalismo de multidão**: a resistência da rede Indymedia. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2011.
- CARTA de princípios do Fórum Social Mundial. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 1., 2001, Porto Alegre. Disponível em: <<http://goo.gl/iva3OG>>. Acesso em: 8 maio 2015.
- CARTA Mundial da Mídia Livre. In: FÓRUM MUNDIAL DAS MÍDIAS LIVRES, 5., mar. 2015, Túnis (Tunísia). Disponível em: <<http://goo.gl/RC5stK>>. Acesso em: 16 nov. 2015.
- CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Vol. 3. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Lisboa (Portugal): Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 15. Impr. (atual. para a 6ª Edição). São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALLI, P. W.; DOWNING, J. D. H. **Entrevista com John Downing**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 38, p. 5-9, abr. 2009.

CEFAÏ, D. Os novos movimentos de protesto em França. A articulação de novas arenas públicas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra (Portugal), v. 72, p. 129-160, out. 2005.

CHADWICK, A. **Internet politics: states, citizens, and new communication technologies**. Nova York (EUA): Oxford University Press, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette Livre, 1992

CHARAUDEAU, P. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. **Revue Le français aujourd'hui**, Association Française des Enseignants de français, Paris (França), n. 123, p. 6-15, 1998a.

CHARAUDEAU, P. La télévision peut-elle s'expliquer ? In: BOURDON, J.; JOST, F. **Penser la télévision**. Actes du colloque de cerisy, Paris (França): Nathan-INA, 1998b. p. 249-274.

CHARAUDEAU, P. **O discurso entre a ação e a comunicação**. Tradução de Wander Emediato. 2002. Disponível em: <<http://goo.gl/NvJPdz>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Orgs.). **Gêneros: reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-42.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.) **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L'Harmattan, 2007a. Disponível em: <<http://goo.gl/koCZSm>>. Acesso em 29 fev. 2016.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Mercado Letras: Campinas (SP), 2007b. n. p.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. Modos de organização. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

CHARAUDEAU, P. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. **Revista Signos**, Valparaíso (Chile), v. 43, p. 77-90, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHINEM, R. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet**. São Paulo: Disal, 2004.

COLLEMAN, S.; ROSS, K. **The media and the public: them and us in media discourse.** Chichester (Inglaterra): Wiley-Blackwell, 2010.

CORREA, F. Balanço crítico acerca da Ação Global dos Povos no Brasil. **Passa Palavra.** Ideias & Debates. 28 jul. 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/V2IUfM>>. Acesso em 10 out. 2015.

COSTA, R. **A cultura digital.** São Paulo: Publifolha, 2002.

DAVID-SILVA, G. **A informação televisiva: uma encenação da realidade** (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses). 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: BALBIER, Etienne, et al. (Org.). **Michel Foucault, filósofo.** Barcelona (Espanha): Gedisa, 1990. p. 155-161.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

EMEDIATO, W. Contrato de leitura, parâmetros e figuras de leitor. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth (Org.). **Ensaio sobre Leitura 2.** Belo Horizonte: Ed. PUCMINAS, 2007. p. 83-98.

EMEDIATO, W. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In: EMEDIATO, W. (Org.). **A construção da opinião na mídia.** Belo Horizonte: FALE/UFMG/NAD, 2013. p. 69-103.

ELLIOTT, A.; TURNER, B. S. **On society.** Cambridge: Polity Press, 2012.

ELMOR, C.; ABDALLA, L. Mídia independente/imprensa brasileira: até que ponto a cobertura sobre as manifestações populares feitas pela Folha de S. Paulo e pela Mídia Ninja se contrastaram? In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 11., 2013, Juiz de Fora (MG). **Anais....** Juiz de Fora (MG), 2013.

FAHLE, O. Estética da televisão: passos rumo a uma teoria da imagem da televisão. In: GUIMARÃES, C.; LEAL, B.; MENDONÇA, C. (Orgs.). **Comunicação e experiência estética.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 190-208.

FAORO, R. **Os donos do poder.** Formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2000.

- FAUSTO-NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.
- FELDBRUGE, F. **Samizdat and political dissent in the Soviet Union**. Leiden (Holanda): A.W Sijthoff Int. Publishing, 1975.
- FONSÊCA, D. **Não dá pra não ver**: as mídias nas manifestações de junho 2013. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2013.
- FORA DO EIXO. Universidade. **Cartilha Pós-TV**. Petrobras. Lei de Incentivo à Cultura – Ministério da Cultura / Governo Federal, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/MBWO1Q>>. Acesso em: 5 ago. 2015.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRASER, N. Rethinking the Public Sphere: A contribution to the Critique Of Actually Existing Democracy. In: CALHOUN, C. (Org.). **Habermas and the public sphere**. Cambridge and London (Inglaterra): MIT Press, 1993. p. 109-142.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAGE, L.; MEYER, C. **O filme publicitário**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GHIGLIONE, R. **Système de communication-contrats de communication**. Paris (França): Champs Educatuifs, 1983.
- GHIGLIONE, R. Situations potentiellement communicatives et contrats de communications effectifs. **Revue Verbum**, Nancy (Paris), v. 2, n. 3, Tome VII, p. 185-208, 1984.
- GHIGLIONE, R. (Ed.). **L'Homme Communiquant**. Paris (França): A. Colin, 1986.
- GHIGLIONE, R. La comunicazione è un contratto. Bari: Liguori, 1988, In: **Forum Qualitative Sozialforschung**, Berlin (Alemanha), v. 5, n. 2, Art. 26, n. p., 2004.
- GIERING, M. E.; CHARAUDEAU, P. Entrevista com Patrick Charaudeau. **Revista Calidoscópio**, São Leopoldo (RS), v. 10, n. 3, p. 328-331, set./dez. 2012.
- GLADWELL, M. Small change: why the revolution will not be tweeted. **The New Yorker**, Nova York (EUA), 4 out. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/kqpLKz>>. Acesso em: 5 set. 2015.
- GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays in face to face behavior. Nova York (EUA): Aldine Publishing Company, 1967.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. Nova York (EUA): Harper & Row, 1974.

GOMES, P. G. **Filosofia e ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2006.

GRANJON, F. **L'internet militant**: mouvement social et usages des réseaux télématiques. Paris (França): Éditions Apogée, 2001.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HANOT, M. **Télévision-réalité ou réalisme?** Bruxelles (Bélgica): De Boeck Université, 2002.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Empire**. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 2000.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multitude**: War and democracy in the age of empire. Nova York (EUA): Penguin Books, 2005.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Commonwealth**. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 2009.

HARTLEY, J. **Television truths**: forms of knowledge in popular culture. Malden (EUA): Blackwell, 2007.

HARVEY, D. A Liberdade da cidade. In: MARICATO, E. et al. (Org.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

HERRING, S. (Ed.). **Computer-Mediated communication**: linguistic, social and cross-cultural perspectives. Amsterdam (Holanda): Benjamins, 1996.

HERRING, S. Interactional coherence in CMC. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Pennsylvania (EUA), v. 4, n. 4, n. p., 1999.

HERRING, S. New frontiers in interactive multimodal communication. In: GEORGOPOULOU, A.; Spilloti, T. (Eds.). **The routledge handbook of language and digital communication**. London (Inglaterra): Routledge, 2015. p. 1-5.

HESSEL, S. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya Brasil, 2011.

HOLLOWAY, J. **Mudar o mundo sem tomar o poder**: o significado da revolução hoje. São Paulo: Viramundo, 2003.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Edições 34, 2003.

IASI, M. L. A rebelião, a cidade e a consciência. In: MARICATO, E. et al. (Org.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo/Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 41-46.

JEANNERET, Y.; PATRIN-LECLÈRE, V. La métaphore du contrat. **Hermès** – Revue de l'Institut des sciences de la communication du CNRS (ISCC), Paris (França), n. 38, p. 133-140, 2004.

JENKINS, H. **Cultura de convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDAN, T. **Activism!** Direct action, hacktivism and th future of society. London (Inglaterra): Reaktion Books, 2002.

JOST, F. Narration(s): en déçà et au delà. **Communications**, Paris (França): Seuil, n. 38, p. 192-212, 1983.

JOST, F. **Introduction à l'analyse de la television**. Paris (França): Elypses Editions Marketing, 1999.

JUNGHERR, A.; JRGENS, P. Through a Glass, Darkly: Tactical Support and Symbolic Association in Twitter Messages Commenting on Stuttgart 21. In: **Soc Sci Comput Rev**, 2013.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation**. De la subjectivité dans le langage. Paris (França): Armand Colin, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les actes de langage dans le discours**: théorie et fonctionnement. Paris (França): Nathan, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KERMISH, J. On the underground press in the Warsaw Ghetto. **International Communication Gazette**, Amsterdam (Holanda), v. 8, p. 1-21, fev. 1962 .

KLEIN, O. J. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos em Comunicação**, Curitiba (PR), n. 1, p. 215-231, abr. 2007.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London (Inglaterra): Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**. London (Inglaterra): Bloomsbury Academic, 2001

KWON, H. et al. Dynamic characteristics of tweeting and tweet topics. **Journal of the Korean Physical Society**, Seul (Coreia do Sul), v. 60, n. 4, p. 590-594, 2012.

LE VEN, M. M.; NEVES, M. A. Belo Horizonte: trabalho e sindicato, cidade e cidadania (1897-1990). In: DULCI, O.; NEVES, M. A. (Orgs.). **Belo Horizonte**: poder, política e

movimentos sociais. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. Coleção Belo Horizonte. p. 75-106.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Sulina: Porto Alegre, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

LEWES, J. The underground press in america (1964-1968): outlining an alternative, the envisioning of an underground. **Journal of Communication Inquiry**, v. 24, n. 4, p. 379-400, 2000.

LIMA, V. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, E. et al. (Org.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 89-94.

LORENZOTTI, E. **Jornalismo século XXI: O modelo #MídiaNINJA**. São Paulo: E-galáxia, 2014.

LÖWY, M. Negatividade e utopia do movimento altermundialista. **Lutas Sociais**, Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), São Paulo, n. 19/20, p. 32-38, jan./jun. 2008.

MAGALHÃES, F. A cidade e as manifestações coletivas: A constituição da Praça Sete como espaço da expressão política. **Revista Olhares Sociais**, Cruz das Almas (BA), v. 2, n. 2, p. 25-60, 2013.

MAIA, R. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. **Revista Aurora**, São Paulo, n. 2, p. 43-62, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. A Análise do Discurso e suas fronteiras. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-137, jan./jun. 2007.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIREDER, A.; SCHWARZENEGGER, C. A movement of connected individuals: Social media in the Austrian student protests 2009. In: **Information, Communication and Society**, London (Inglaterra), v. 15, n. 2, p. 171-195, 2012.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCOCCIA, M. L'animation d'un espace numérique de discussion: l'exemple des forums usenet. **Document Numérique**, Paris (França), v. 5, n. 3-4, p. 11-26, 2001.

MARCOCCIA, M. Parler politique dans un forum de discussion. **Langage et société**, Paris (França), n. 104, p. 139-154, 2003.

MARCOCCIA, M. L'analyse conversationnelle des forums de discussion: questionnements méthodologiques. **Les Carnets du Cediscor**, Publication du Centre de recherches sur la didacticité des discours ordinaires, v. 8, p. 23-37, 2004.

MARICATO, E. et al. (Org.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

MARQUES, A. Aspectos teórico-metodológicos do processo comunicativo de deliberação online. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 19-40, jul./dez. 2011.

MARTINHO, C. Algumas palavras sobre rede. In: SILVEIRA, C.; REIS, L. (Org.). **Desenvolvimento local**: dinâmicas e estratégias. Rio de Janeiro: Rede DLIS, 2001. p. 24-30.

NEGRI, A. Para uma definição ontológica de multidão. **Lugar Comum**, Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, n. 19-20, p. 15-26, jan./jun. 2004.

MASSIAH, G. **Une stratégie altermondialiste**. Paris (França): La Découverte, 2011.

MININNI, G. Les contrats de la communication virtuelle. In: BROMBERG, M.; TROGNON, A. (Orgs.). **Psychologie sociale et communication**. Paris (França): Dunod, 2004. p. 121-131.

MORALES, A. J.; LOSADA, J. C.; BENITO, R. M. Users structure and behavior on an online social network during a political protest. **Physica A**: statistical mechanics and its applications, Amsterdam (Holanda), v. 391, n. 21, p. 5244–5253, 2012.

MORALES, O.; SOUZA, C. A.; ROCHA, P. M. Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso “Mídia Ninja”. **Ação Midiática**, Estudos em comunicação, sociedade e cultura, Curitiba, n. 6, p. 1-15, 2013.

MUSSE, C; REIS, S; PEREZ, L. A cobertura midiática da Mídia Ninja pela Grande Imprensa. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 11., 2013, Juiz de Fora (MG). **Anais...** Juiz de For a (MG), 2013.

NEUMANN, W. R. et al. (Orgs.). **The affect effect**: dynamics of emotions in political thinking and behavior. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

NORRIS, P. **Democratic phoenix**: reinventing political activism. Cambridge (Inglaterra): Cambridge University Press, 2002.

NORRIS, S. Multimodal discourse analysis: a conceptual framework. In: LEVINE, P.; SCOLLON, R. (Eds.). **Discourse and technology**: multimodal discourse analysis. Washington (DC): Georgetown University Press, 2004. p. 101-115.

OJEBODE, A. **Yesterday's guerrilla pressmen in today's democratic nigeria**: dissatisfaction and disillusionment. In: SEMINAR AFRICAN STUDY CENTRE LEIDEN, 2010, Amsterdam (Holanda), mar., 2010. (Paper).

OLIVEIRA, F. G.; CARDOSO, I.; BERARDO, R. M. A Câmera Animada. In: MONTEIRO, R.H.; ROCHA, C. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 6., 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2013.

OLUKOTUN, A. **Repressive state and resurgent media under Nigeria's Military Dictatorship, 1988-98**. Uppsala (Suécia): Nordiska Afrikainstitute, 2004.

PARENTE, R. E. Do midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Pará. **Anais...** Pará, 2014.

PAIVA, C. C.. Daniel na cova dos leões: Mídia Ninja no programa Roda Viva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ATOPOS, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2013.

PALMERSTON, V. et al. Educomunicação: mídia, escola... e as organizações? **E-com**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1-15, 2014.

PASSA PALAVRA. **Acabou a magia**: uma intervenção sobre o Fora do Eixo e a mídia NINJA. 16 ago. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/occmiW>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 13-18.

PASQUINELLI, M. **Mediactivismo**: activismo en los medios – estrategias y prácticas de la comunicación independiente. Roma (Itália): Derive Approdi, 2002.

PENKALA, A. P. Uma câmera na mão e uma imagem na cabeça: pensando a estética do olhar sobre o real no cinema brasileiro contemporâneo. **Rua – Revista Universitária do Audiovisual**, v. 1, Ano 2, n. p., 2009.

PERAYA, D. Le cyberspace: un dispositif de communication et de formation médiatisées, In: ALAVA S. (Ed.). **Cyberspace et autoformation**, Bruxelles (Bélgica): De Boeck, 1999.

PERAYA, D. Vers les campus virtuels. Principes et fondements techno-sémio-pragmatiques des dispositifs de formation virtuels. In: JACQUINOT G. (Ed.). Dispositifs: ancrage(s) d'un concept. **Hermès**, Paris (França), v. 10, pp. 153-168. 1999.

PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: ENCONTRO DA COMPOLÍTICA, 4., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

PERUZZO, C. M. K. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal, 2008.

PESCHANSKI, J. A. Os ocupas e a desigualdade econômica. In: HARVEY, D. et al. (Org.) **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012. p. 27-30.

PETIT, E. **Tratado elementar de derecho romano**. II Sistema Romano dei Contrati, Roma (Itália): G. Gresso, 1974.

PEYCAM, P. **The birth of vietnamese political journalism**: Saigon, 1916-1930. New York: Columbia University Press, 2012.

PLATON, S.; DEUZE, M. Indymedia journalism: A radical way of making, selecting and sharing News? **Journalism: theory, practice and criticism**, London (Inglaterra), v. 4, n. 3, p. 336-355, ago. 2003.

PLOTZ, J. **The crowd**: british literature and public politics. Berkeley: University of California Press, 2000.

POELL, T. Social media and the transformation of activist communication: exploring the social media ecology of the 2010 Toronto G20 protests. **Information, Communication & Society**, London (Inglaterra), v. 17, n. 6, p. 716-731, 2014.

QUÉRÉ, L. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, I. (Org.). Prendre place. Espace public et culture dramatique. **Colloque de Cerisy**. Cerisy: Association des Amis de PontignyCérisy/Éditions Recherches, 1995. p. 93-110.

QUÉRÉ, L. Entre fato e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**: Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa (Portugal), n. 6, p. 59-75, 2005.

RAABE, A. L. A.; CANAN, R. Um Ambiente para Transmissão de Vídeos Instrucionais sob Demanda. **RENOTE**, Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2004.

RABOY, M. **Movements and messages**: media and radical politics in Québec. Toronto (Canadá): Between the lines, 1984.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo**: Das mídias de massa à massa de mídias. Publisher Brasil: São Paulo, 2012.

RAMONET, I. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. (Orgs.). **Mídia, poder e contrapoder** - da concentração monopólica à democratização da comunicação. Boi Tempo Editorial : São Paulo, 2013. p. 73-86.

RAMOS, C. M. A. **Grafite, pichação e cia**. São Paulo: Annablume, 2001.

RECHDAN, M. L. A. Dialogismo ou polifonia? **Revista Ciências Humanas**, Taubaté (SP), v. 9, n. 1, p. 45-54, jan./jun. 2003.

RECUERO, R. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. **Verso e Reverso**, São Leopoldo (RS), v. 22, n. 51, n. p. 2008.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso**, São Leopoldo (RS), v. 28, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014.

REGO, A. V. B. Transformações nas práticas narrativas audiovisuais na era pós-mídia. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul (SP), v. 17, n. 33, p. 66-78, jan./abr. 2006.

REIS, B. M. S.; FURINI, L. G.; HENRIQUES, S. M. G. Manifestações no Brasil: Os dispositivos e redes móveis como ferramentas de protesto. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN, 12., 2014, Lima (Peru). **Anais...**, 2014, Lima (Peru).

RENDEIRO, M. F. **Defining alternativess**: the meaning alternative journalists give to their work. Amsterdam (Holanda): Universiteit van Amsterdam, 2003.

RENÓ, D.; DANCOSKY, A. Entre a convergência e a divergência: o “jornalismo cidadão” do Mídia Ninja. Mídia Ninja no programa roda viva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ATOPOS, 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2013.

RICCI, R.; ARLEY, P. (fotos). **Nas ruas**. A outra política que emergiu em Junho de 2013. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2014.

RIO, J. **A alma encantadora das ruas**: Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e cultura**, a experiência cultural na era da informação. Lisboa (Portugal): Editora Presença, 1994.

RODRIGUES, A. D. A gênese do campo dos media. In: SANTANA, R. N. (Org.) **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan, 2000. p. 201-210.

ROLNIK, R. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 7-12.

ROSAS, J. de A. Mídia Ninja, mídia tradicional e accountability. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 121-131, jun. 2014.

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 95-100.

SAVAZONI, R.; COHN, S. (Orgs.). **Cultura Digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SAVAZONI, R. **Os novos bárbaros**: a aventura política do fora do eixo. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SEARLE, J. R. **Les actes de langage**. Paris (França): Herman, 1972.

SECCO, L. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 71-78.

SILVA, E. S. **O problema da verdade na filosofia de L. Wittgenstein: percurso da semântica à pragmática**. 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Metodologia da Ciência) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia da Ciência, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2008.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOLANO, E.; MANSO, B. P.; NOVAES, W. **Mascarados**. A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

SOULAGES, J. C. **Les Mises en scène visuelles de l'Information**. Paris (França): Nathan-INA, 1999.

SOULAGES, J. C. A formatação do olhar. In: MACHADO, I. L.; MARI, H.; MELLO, R. (Orgs.). **Ensaio em análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2002. p. 267-282.

TARKOVSKY, A. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TORET, J. **Tecnopolítica**: La potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida. **Informe de Investigación**, Barcelona, v. 1, n. p., 2013.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 35-40.

VAN AELST, P. ; WALGRAVE, S. New media, new movements? The role of the internet in shaping the anti-globalization movement. **Information, Communication & Society**, London (Inglaterra), v. 5, n. 4, p. 465-493, 2002.

VAN DER KAA, H. The rise of guerrilla journalism: and the implications for the education of journalists. In: WORLD JOURNALISM EDUCATION CONFERENCE, 3., 2013, Mechelen (Belgium). **Anais...** Mechelen (Belgium), 2013.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M.; AYERS, M.D. (Eds.). **Cyberactivism: online activism in theory and practice**. London (Inglaterra): Routledge, 2003. p. 71-95.

VEIGA, M. I. S.; GALLEGO, E. S. A influência das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe: uma análise das manifestações da Tunísia (Jan 2011 – Jan 2013). In: **SIMPÓSIO DE CIBERJORNALISMO**, 4., 2013, Campo Grande. **Anais...**, Campo Grande, 2013.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VIANA, S. Será que formulamos mal a pergunta? In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 53-58.

VIDIGAL, A. R. Trabalho Crítico. In: FAZENDA, I.; GODOY, H. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo: Cortez Editora, 2014. p. 246-250.

VINICIUS, L. **A guerra da tarifa 2005: uma visão de dentro do Movimento Passe Livre em Floripa**. São Paulo: Editora Faisca, 2005.

VIVEIROS DE CASTO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WARNER, M. **Publics and counterpublics**. Cambridge (Inglaterra): MIT Press, 2002.

WELLMAN, B. **Social structures: a network approach**. Cambridge (Inglaterra): Cambridge University Press, 1988.

WELLMAN, B. et al. Computer networks as social networks: Collaborative work, telework and virtual community. **Annual Reviews of Sociology**, v. 22, p. 213-238, 1996.

WELLMAN, B. (org.) **Networks in the global village**. Boulder (EUA): Westview Press, 1999.

WIEVIORKA, M. (Org.). **Un autre monde...** Contestations, dérives et surprises dans l'antimondialisation. Paris (França): Balland, 2003.

ZEITZOFF, T. Using social media to measure conflict dynamics: An application to the 2008-2009 Gaza Conflict. **Journal of Conflict Resolution**, s. l., v. 55, n. 6, p. 938-969, 2011.

ŽIŽEK, S. Problemas no paraíso. In: MARICATO, E. et al. (Orgs.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 101-108.

ZUNINO, P. E. A. Método e verdade em William James: O empirismo radical. **Revista Eletrônica de Filosofia**, São Paulo, v. 9, n. 1., p. 85-93, jan./jun 2012.